UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS DA RELIGIÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Blanches de Paula

Corpos Enlutados:
Por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto

São Bernardo do Campo

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Blanches de Paula

Corpos Enlutados:
Por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de doutora.
Área de Concentração: Práxis Religiosa e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. James Reaves Farris

São Bernardo do Campo

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

P281c Paula, Blanches de
Corpos Enlutados: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto / Blanches de Paula.-- São Bernardo do Campo, 2009.
370fl.

Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação de: James Reaves Farris

1. Luto – Aspectos psicológicos 2. Psicologia pastoral 3. Fenomenologia I.Título

CDD

253.52

Blanches de Paula

Corpos Enlutados:
Por um cuidado espiritual terapêutico
em situações de luto

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, para obtenção do grau de doutora.
Área de Concentração: Práxis Religiosa e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. James Reaves Farris

Área de Concentração: Práxis Religiosa e Sociedade

Data da Defesa: 27 de março de 2009.

Resultado:_____.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. James Reaves Farris – Universidade Metodista de São Paulo

---

Profa. Dra. Anete Roese – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

---

Profa. Dra. Dagmar Silva Pinto de Castro – Universidade Metodista de São Paulo

---

Profa. Dra. Maria Júlia Kovács – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg – Universidade Metodista de São Paulo

Dedico esse trabalho à minha mãe Gilda Teixeira Machado, a quem admiro e respeito pelos lutos enfrentados e pela educação da vida.

AGRADECIMENTOS

Certamente os agradecimentos listados abaixo não incluirão todas as pessoas que caminharam comigo para a construção dessa tese. Desde já minha profunda gratidão aqueles e aquelas que minha memória não alcançou...

A Deus pela sua confiança em mim, Sua presença que me ajudou a elaborar meus lutos;
À minha família pelos incentivos com especial atenção à Keny de Paula Galieta, minha querida sobrinha que me ajudou com recursos bibliográficos da tese;
Ao meu pai, José de Paula Machado (*in memorian*), que me ensinou a responsabilidade pela vida
A Faculdade de Teologia que confiou na minha capacidade e me concedeu a bolsa de estudos e abraçou minha carreira;
Ao Programa de Pós Graduação de Ciências da Religião pela oportunidade de estudar num espaço tão respeitável no mundo acadêmico;
Ao prof. Dr. James Reaves Farris, meu orientador que me desafiou a galgar novos horizontes do saber;
À profa. Dra. Dagmar Silva Pinto de Castro, minha amiga que me deu suporte metodológico dessa tese;
Ao prof. Dr. Lothar Carlos Hoch que dialogou e concedeu seu texto sobre o luto;
Ao prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg pelo ensino da fenomenologia, meu mestre;
À profa. Dra. Anete Roese que no último momento se mostrou presente indicando novos caminhos para a tese;
Aos professores e professoras da pós-graduação em Ciências da Religião pelo ensino sério e dedicado;
Aos colegas da Faculdade de Teologia Paulo Garcia, Douglas, Margarida, Magali, Claudio, Helmut, que sempre dialogaram comigo sobre minha caminhada acadêmica e especialmente nessa tese, obrigada pela amizade e a oportunidade de compartilhar;
Ao Otoniel pela orientação administrativa constante;
Ao Ademir Médici que compartilhou seus textos sobre a história do Grande ABC;
A Selma, minha cuidadora em todo o tempo;
A Vanilda Botteon que me ajudou em digitações, diálogos e amizade;

À Kary Janaína, que trocou conversas que trouxeram luzes no caminho; me socorreu com bibliografias e sempre esteve presente comigo;
À Lídia Maria de Lima que me auxiliou nos momentos derradeiros da tese;
A Nara, Rute, Ilka, Michelly, Eliane que sempre compreenderam meus tempos de alegria e choro e me ajudaram quando eu precisei delas;
À família Marchiori pelo conforto e apoio em momentos de cansaço;
À família Marques na pessoa da minha irmã-amiga Patrícia, pelo acolhimento diversas vezes em sua casa, pelas correções dos textos pela Júlia, onde produzi parte dessa tese e pelo constante suporte e palavras de incentivo;
Ao Fenpec [Grupo de Pesquisa em Fenomenologia e Ciência] que me ajudou a compreender os caminhos da fenomenologia;
Ao prof. Dr. Geraldo José de Paiva que oportunizou aprofundamentos na psicologia da religião;
À Igreja Metodista em Leopoldina, cujos amigos e amigas estiveram comigo em oração;
À Igreja Metodista em Santa Isabel, que compreendeu minhas ausências e me pastoreou;
À Heloisa Ortiz, amiga, sempre incentivando com suas palavras e presença;
Ao Grupo de Pesquisa Psicologia e Religião, pela escuta e sugestões no processo de confecção da tese;
À Ivani Blum, que caminhou comigo na correção, com desprendimento, seriedade, atenção contínua e foi minha lupa quando eu não enxergava mais;
À Noeme Timbó que sempre me ajudou com algumas pesquisas;
À Flavia Helbing da Rosa que ouviu as gravações e ajudou nas transcrições;
Ao Clovis Pinto de Castro que sempre me incentivou na minha carreira;
À Vânia Daibert que facilitou o processo de Xerox e encadernação com atenção e afeto
Aos pastores e pastoras do distrito que oportunizaram o acesso às pessoas enlutadas de suas igrejas;
Às Igrejas Metodistas na região do Grande ABC pela acolhida e recepção tão afetuosa;
Ao Superintendente Distrital William de Melo pela permissão por fazer a pesquisa no Distrito do ABC da 3ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista;
Ao Bispo Adriel de Souza Maia pelo constante incentivo à pesquisa e uma práxis pastoral;
Ao Bispo Nelson Luiz Campos Leite, minha inspiração de pastoreio;
À Quarta Região Eclesiástica pelo apoio constante em minha formação;
A Daniele Alexandroni Prado, Maria Thereza Leme Martin, Eduardo Panik que colaboraram na tradução dos textos em inglês, francês e espanhol;

À Eliana de Mello Vieira Vincenti que me assessorou com muito carinho nas referencias
À Loide Barbosa Farris que me ajudou na tradução do abstract com muita atenção e afeto;
Aos meus alunos e alunas que trocaram idéias sobre essa pesquisa
De forma especial, às pessoas que pude ouvir nessa pesquisa, suas vivências de luto que enriqueceram tanto minha existência.

JARDIM

Em alguns momentos do curso existencial há resquícios voluntariosos do aconchego. Parece que o sonho de continuar sendo criança toma seu rumo nas desventuras e faltas do jardim. Lá construí meus sonhos e fantasias repletas de cores e brilhos, com tons sutis de uma vida que não se define pelo anterior, nem o posterior sentido de ser, mas pela presença incompreendida da consciência, de respirar para dentro.

No jardim imaginei o mundo de um jeito que poderia ser desenhado no papel pela sua simplicidade, mas que não poderia ficar contido nos gestos, palavras e amores desejados. Foi em cada barulho das folhas secas que contactuaram com a epiderme de seres vivos como eu, que entendi a vida humana da árvore, que mesmo após morrer deixa a marca viva de sua performance e prepara a terra para um novo nascimento.

No jardim aprofundei o sentido da mistura do céu com as aves que em seus vôos alcançavam o azul, o cinza, o branco, a simbiose das estações.

Demonstraram a coragem de olhar para cima e enxergar que lá nem sempre existe o que é dito como próprio para despertar o coração alegre. É o símbolo da vida humana que não se desfaz pela instabilidade mas se constrói pela estabilidade da busca.

No jardim ouvi o silêncio e escutei o seu som que me abordou, me assustou, me vivenciou de forma tal que dinamiza o interior do ser de vida e ser de fim. Vida e fim, a sêde do jardim para o próximo silêncio.

Jardim de meus sonhos, minhas loucuras, minhas cenas e dramas. Romance envolvente e cálido. Noturno momento do ficar só. Fim de tarde com cheiro de mar e sol dando adeus. Amanhecer das minhas vontades. Onde poderei encontrá-lo?

Blanches de Paula

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS DA RELIGIÃO

PAULA, Blanches. **Corpos Enlutados**: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. São Bernardo do Campo. Universidade Metodista de São Paulo. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Religião -- Práxis Religiosa e Sociedade).

RESUMO

Esta tese tem como objetivo compreender o fenômeno do luto por morte a partir da fenomenologia, por meio das experiências de membros da Igreja Metodista no Grande ABC. Para alcançar o objetivo geral, tem como objetivos específicos: dialogar com teóricos do luto nas áreas da teologia e da psicologia; conhecer a fenomenologia do corpo existencial de Maurice Merleau-Ponty como parâmetro para a compreensão do estudo do luto por morte; contribuir para as pesquisas de Cuidado Espiritual em situações de luto por morte. A trajetória teórico-metodológica tem como lócus da pesquisa o relato oral de dez pessoas, que trazem sua vivência do luto a partir da pergunta norteadora: como você viveu a sua experiência do luto? Depois de transcritos e literalizados, esses relatos permitiram levantar as unidades de significado e estabelecer as categorias analíticas: dor, tipo de perda, desorganização do ser, corpo existencial, cuidado, fé, luto por morte como ordem natural, processo relacional, racionalização, saudade, luto antecipatório, dimensão material do viver, culpa, memória e serenidade. A partir dessas categorias, fenomenologicamente interpretadas, a construção de uma tabela nomotética tornou possível a identificação das convergências e divergências entre os relatos, bem como das idiossincrasias. No percurso em direção à compreensão da experiência do luto, os relatos foram submetidos à análise ideográfica, que é a tentativa de alcançar a psicologia individual dos sujeitos da pesquisa. A síntese de um pensar, como a expressão da fenomenologia do luto, desvela nuanças da práxis pastoral. Resultantes da construção desse novo saber em torno da vivência do luto por morte, foram significativas algumas percepções: o processo do luto no contexto religioso institucionalizado é similar ao de um contexto não-religioso; a teologia cristã tem espaço para a ressignificação da morte, por meio da criação de uma espiritualidade para o processo do morrer e, para que isso seja possível, destaca-se a necessidade, no interior das comunidades religiosas, de uma teologia da perda, que possibilite uma educação cristã voltada para o enfrentamento do luto, ou seja, de uma teologia de valorização da vida em meio às perdas; o corpo foi a linguagem mais presente na vivência do luto e, no entanto, o corpo enlutado é um paradoxo na igreja cristã, na medida em que esta se tem debruçado sobre o tema da corpo de forma tímida, no que se refere à educação da fé. Ficou patente a percepção da necessidade de fomentar um cuidado espiritual terapêutico abrangente e continuado em situações de luto, de forma a alcançar não apenas o indivíduo em situação de enlutamento, mas também de alcance comunitário, como parte do conjunto de ações públicas que acolham essa questão.

Palavras-chave**: Religião. Luto. Cuidado. Morte. Corpo. Fenomenologia.**
Área de Concentração: **Práxis Religiosa e Sociedade.**
Linha da Pesquisa**: Interfaces da Práxis Religiosa com a Filosofia e as Ciências Humanas.**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS DA RELIGIÃO

PAULA, Blanches. **Bodies in Grief**: therapeutic spiritual care in situations of grief. São Bernardo do Campo. The Methodist University of São Paulo. 2009. Thesis (Doctorate in Religious Sciences – Religious Práxis and Society).

ABSTRACT

This thesis has as its objective to understand the phenomenon of grief by death based on phenomenology, and the experiences of members of the Methodist Church in Greater ABC. In order to reach this general objective, the specific objectives chosen were: dialogue with theoreticians in the areas of theology and psychology; understand the phenomenology of the existential body of Maurice Merleau-Ponty as the parameter for understanding the study of grief by death; contribute to research in the area of Spiritual Care in situations of grief by death. The theoretical-methodological approach has as its base the oral reports of ten persons that bring their present of grief via the guiding question: how did you experience your grief? After the literal transcriptions, these oral reports permitted the presentation of units of meaning and the establishment of analytical categories: pain, grief because of death, type of loss, disorganization of being, existential body, rationalization, health, anticipatory grief, the material dimension of living, guilt, memory, and serenity. Based on the categories, interpreted phenomenologicaly, via the construction of a nomoetic table it was possible to identify points of convergence and differences between the oral reports. In search for an understanding of the experience of grief, the reports were submitted to an ideographic analysis that is the attempt to recognize the individual psychology of the subjects of the research. The synthesis of thinking, as the expression of the phenomenology of grief, revealed nuances for pastoral praxis. The result of the construction of this new knowledge in terms of the experience of grief by death were significant in terms of certain perceptions: the process of grief in the context of institutional religion is similar to that of non-religious contexts; Christian theology has space for the resignification of death, by means of the creation of a spirituality for the process of dying and, for this to be possible, it is necessary, within religious communities, to develop a theology of loss that makes possible Christian Education directed to confronting grief, or, in other words, a theology the values life in the midst of loss; the body was the language most present in the experience of grief and, still, the grieving body is a paradox in the Christian Church, because of the tendency to not address the theme of body, in terms of faith education. The perception of the necessity of developing spiritual therapeutic care in the face of grief was clear in order to reach not only the individual in situations of loss, but also the community, as an integral part of public actions that address this question.

Key-words: **Religion; Grief; Care; Death; Body; Phenomenology.**
Area of Concentration: **Religious Praxis and Society.**
Research Area: **Interfaces of Religious Praxis with Philosophy and Human Sciences.**

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIENCIAS DA RELIGIÃO

PAULA, Blanches. **Corps en deuil**: pour un soin spirituel thérapeutique des situations de deuil. Sao Bernardo do Campo. Université méthodiste de Sao Paulo. 2009. Thèse (Doctorat en Sciences de la réligion -- Praxis réligieuse et société).

SOMMAIRE

Cette thèse a comme but comprendre le phénomène du deuil de la mort à partir de la phénoménologie, à partir des expériences des membres de l'Église méthodiste de la région du Grand ABC à Sao Paulo. Pour réussir dans ce but principal, la thèse a comme objectifs spécifiques: de dialoguer avec des studieux de la théorie du deuil dans les domains de la théologie et de la psychologie; de connaître la phénoménologie du corps existentiel de Maurice Merleau-Ponty ayant comme paramètre la comprehénsion de l'étude du deuil de la mort; de contribuer pour les recherches de Soin spirituel dans des situations de deuil de la mort. Le chemin théorique-méthodologique a comme locus de recherche le rapport oral de dix personnes, qui racontent leurs expériences du deuil à partir de la question-guide: "Comment avez-vous passé par l'expérience de deuil? Après la transcription et le procès de littéralité, ces rapports ont permis d'identifier les unités de signification et d'établir les catégories analytiques: douleur, type de perte, désorganisation de l'être, corps existentiel, soins, foi, deuil de la mort comme partie de l'ordre naturelle, procès de relation, rationalisation, sentiment de manque, deuil d'anticipation, dimension matérielle du vivre, sentiments de culpabilité, souvenir et sérénité. À partir de ces catégories, intérpretées du point de vue phénoménologique, un tableau nomothètique a été construit, lequel a rendu possible d'identifier les convergences et divergences entre les rapports, et aussi les idiosyncrasies. En cheminant vers la compréhension de l'expérience de deuil les rapports ont été soumis à l'analyse idéographique, qui est l'attempte d'identifier la psychologie individuelle des individus qui ont participé de la recherche. La synthèse d'une pensée comme l'expréssion de la phénoménologie du deuil révéle les nuances de la praxis pastorale. Résultat de la construction de ce nouveau savoir autour de l'expérience de deuil de la mort, quelques perceptions ont été significatives: le procédé de deuil dans le contexte réligieux institutionnalisé est similaire à celui d'un contexte non-réligieux; la théologie chrétienne a un space pour la re-signification de la mort par la création d'une spiritualité pour le procédé du mourrir, et pour que ça soit possible il est relevé le besoin, dans les communautés réligieuses, d'une théologie de la perte pour rendre possible une éducation chrétienne pour faire face au deuil, c'est à dire, une théologie de valorisation de la vie au milieu des pertes; le corps a été la language la plus présente pendant l'expérience de deuil, et pourtant le corps en deuil est un paradoxe pour l'église chrétienne, car cette église mentionne ce thème d'une façon timide en ce qui concerne à l'éducation de la foi. Il a été claire la perception du besoin de stimuler un soin spirituel thérapeutique plus complet et continu des situations de deuil, pour non seulement toucher l'individu dans une situation de deuil, mais aussi toucher la communauté, comme partie d'un ensemble d'actions publiques pour accueillir ce thème.

Mots-clés**: Réligion. Deuil. Soin. Mort. Corps. Phénoménologie.**
Domain de recherche: **Práxis réligieuse et société.**
Branche de recherche**: Interfaces de la praxis réligieuse avec la Philosophie et les Sciences humaines.**

SUMÁRIO

SUMÁRIO **13**
APRESENTAÇÃO **15**
INTRODUÇÃO **21**
CAPÍTULO 1 - MORTE E LUTO NA EXISTÊNCIA HUMANA **25**
Introdução 25
1. A morte sob a óptica do cristianismo 26
1.1 Luto: enfoques teológicos 33
1.1.1 Luto e coragem de ser 34
1.1.2 Luto e esperança 39
1.1.3 Luto e sofrimento 44
1.2 O processo do luto: enfoques psicológicos 48
1.2.1 Luto: a contribuição do pensamento de Sigmund Freud 48
1.2.2 Luto: uma crise de despedida 51
1.2.3 O luto e os vínculos afetivos 56
1.3. Cuidado Pastoral: aspectos gerais 61
1.4 Concepção da morte na história: aspectos gerais 67
CAPÍTULO 2 – FACETAS DA FENOMENOLOGIA EM TRÊS MOVIMENTOS **78**
Introdução 78
2.1 Edmund Husserl 79
2.2 Martin Heidegger 85
2.3 Maurice Merleau-Ponty 93
2.3.1 Estrutura do Comportamento 96
2.3.2 Fenomenologia e Percepção 98
2.3.3 Corpo, Percepção e Linguagem 99
2.3.4 Corpo e Mundo Vivido 100
2.3.5 Corpo e Historicidade 106
2.3.6 Corpo enlutado 107
2.3.6.1 Algumas pontuações sobre a relação entre religião e corpo 108
CAPÍTULO 3 – PESQUISA: VIVER A EXPERIÊNCIA DO LUTO **112**
Introdução 112
3.1 Trajetória da Pesquisa 112
3.2 Método Fenomenológico 114
3.3 Pergunta Norteadora 115
3.4 Cenário da Pesquisa 118
3.4.1 Procedimentos 120
3.5 Análise das entrevistas 123
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE COMPREENSIVA **247**
Introdução 247
4.1 Interpretação fenomenológica das vivências do luto: Quadro Nomotético 248
4.2 Categorias emergentes dos relatos 267
4.2.1 A vivência do luto como dor 267
4.2.2 Luto mediado pelo tipo de perda 269
4.2.3 Luto como desorganizador do ser 270
4.2.4 Luto a partir do corpo existencial 271
4.2.5 O outro como “Presença cuidadora na vivência do luto” 273
4.2.6 A fé como suporte para a vivência do luto 275
4.2.7 Luto por morte na ordem natural 276

4.2.8 Luto como cuidado do outro....277
4.2.9 Luto mediado pelo processo relacional....278
4.2.10 Racionalização do luto....279
4.2.11 Saudade no processo do luto....280
4.2.12 Luto Antecipatório....281
4.2.13 O luto mediado pela dimensão material do viver....282
4.2.14 Luto mediado pela culpa....283
4.2.15 Luto como memória....284
4.2.16 Luto mediado pela serenidade....286
CAPÍTULO 5 – SÍNTESE DE UM PENSAR – CORPOS ENLUTADOS: POR UM CUIDADO PASTORAL COMUNITÁRIO EM SITUAÇÕES DE LUTO.... 288
REFERENCIAS 302
OBRAS CONSULTADAS 311
ANEXO A – RELATOS INGÊNUOS 320
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.... 368
ANEXO C – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP-UMESP) 369
ANEXO D – PARECER CONSUBISTANCIADO DO CEP-UMESP.... 370

APRESENTAÇÃO

A memória reinventa a nossa identidade a todo tempo. Nesse sentido, destaco algumas vivências que tive em minha infância, adolescência e fase adulta que me aproximaram do tema do luto. Essas vivências ofereceram uma cartografia de como o tema desta tese vincula-se ao meu *Lebenswelt* [mundo da vida].

Minha aproximação do tema começa com ou a mais antiga lembrança que minha memória alcança. Nunca me esqueci de uma cena de minha infância, a perda do Toninho, meu amigo. Eu tinha por volta de sete anos e com minha família, assistíamos o seriado SWAT, famoso na época. De repente ouvimos tiros, mas como o programa envolvia policiais caçando bandidos, não nos importamos. Mas de repente ouvimos gritos vindos da casa de baixo, onde moravam alguns policiais. Toninho era um menino que, em troca de uns trocados, lhes prestava pequenos serviços. E, segundo os relatos, o tiro que eu e minha família ouvimos naquela noite havia sido acidentalmente disparado por um policial que limpava sua arma no momento em que Toninho lhe entregava o maço de cigarros pedido. Lembro-me de que o primeiro a ir na direção do ocorrido foi meu pai, depois meu irmão, minha mãe e por último eu. A cena que vi está impressa em minha memória até hoje: o policial carregava nos braços o Toninho, todo ensanguentado, num desespero atroz. Minha mãe dizia para mim: "volta para dentro, você não deve ver essas coisas." Voltei, mas a lembrança do Toninho que deixou seu sangue nas paredes do corredor ao lado de minha casa me acompanha até hoje: Toninho morreu e nunca compreendi o que senti, nem naquele dia, e nem nos dias que se seguiram.

O episódio da perda do Toninho me recorda uma história estranha que sempre ouvia da minha tia Penha sobre a época em que minha mãe ficou grávida de mim. Por isso, permito-me um pequeno atalho em minha história de vida. Tia Penha me dizia que era para eu ter tido um irmão gêmeo, porque minha mãe teve um aborto no início da gravidez mas a gestação continuou. Verdade ou não, levo isso comigo até hoje. Lembro-me de que, quando cheguei à Faculdade de Psicologia, ao indagar sobre a possibilidade científica dessa ocorrência, obtive resposta positiva, com a ressalva de que se trata de casos raros. Enfim, acredito que minha experiência com perdas e lutos começou antes de nascer.

Após essa primeira marca em minha infância, recordo-me da perda, de minha avó paterna, quando eu era adolescente. Lembro-me de que ia visitá-la e ela me contava suas histórias de vida. Para mim, ouvir as histórias de minha avó era um momento único. Aprendia muito. Quanto ela morreu, meu pai não comentou nada comigo, ficou no seu

sofrimento silencioso. Embora eu tenha sofrido, me recordo até hoje dos momentos em que eu e minha avó conversávamos

Ainda na adolescência decidi fazer teologia. Minha busca do conhecimento em Teologia começou aos 19 anos. Desde que comecei a fazer o curso de Teologia fui atraída pelas disciplinas que dialogam de forma mais estreita com a psicologia. No final do 2º ano de Teologia estava decidida a fazer uma outra graduação em Ciências Humanas, especificamente Psicologia. No terceiro ano de Teologia (1992) ingressei no Curso de Psicologia da Universidade Metodista, na época, Instituto Metodista de Ensino Superior. Concluí o curso de Teologia no ano de 1994 e o curso de Psicologia no ano de 1996. O tema de meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Teologia na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista de São Bernardo do Campo foi *Estágios da fé - fé e desenvolvimento humano: um desafio para o ministério pastoral.*

Em 1995, ingressei, na mesma Faculdade, no mestrado na área de Pastoral que foi concluído em 1997, com a dissertação: *Fé e desenvolvimento humano: um estudo sobre a contribuição da teoria de James Fowler para a vida de pastores/as.* Meu objetivo foi compreender o modo como um pastor ou pastora relacionam sua fé a situações de crise. Com a dissertação, tive oportunidade de adentrar ainda mais nos bastidores da vida pastoral e seus grandes desafios. Além disso, pude perceber uma carência na área de cuidado de pastores/as principalmente na área emocional.

Como clériga, na mesma instituição, descobri um amplo campo de pesquisa na área de aconselhamento pastoral. Pastoreando uma comunidade em São Paulo, enfrentei várias situações ligadas de perdas em suas mais diversas facetas: mortes, desemprego, divórcio, crises familiares, discriminações.

A última perda que me marcou, já adulta e no exercício das atividades clericais, foi a de meu pai. Ocorreu em uma noite de domingo, mais precisamente no dia 29 de dezembro de 1996. Em nossa família, consideramos que o sofrimento dele acabou, mas nunca conversamos a respeito e havia muitas perguntas que eu queria fazer, mas não fiz.

Esta pesquisa está vinculada com o caminho vocacional que palmilhamos. Em nosso horizonte, lidar com o humano sempre esteve presente. Nesse sentido, a concretização desta caminhada deu-se mediante as duas formações acadêmicas - teológica e psicológica. Em ambas as formações, o cuidado com as pessoas sempre me trouxe fascínio, desafio e busca do conhecimento, mais especificamente o pastoral. No exercício do cuidado pastoral, o aconselhamento implica o diálogo com os desafios do cotidiano de cada pessoa. Nesse

cotidiano, o tema do luto permeia os relatos das pessoas, que procuram por uma "explicação" para sua dor. No trabalho que desenvolvemos lidamos com inquietações dos aconselhandos sobre suas perdas e lutos. O acompanhamento, no processo de luto, tornou-se uma oportunidade de refletir sobre seu sentido, seja na existência da pesquisadora, seja na vida das pessoas aconselhadas, membros da Igreja Metodista. Nesse processo de reflexão, a relação entre luto e vivência da fé tornou-se uma dimensão muito presente no aconselhamento.

Minha primeira experiência em docência foi no ano de 1996, como professora substituta, na disciplina Comunicação e Ação Pastoral. Minha carreira, porém, foi sedimentada nos seus inícios ao ingressar, em 1997, como funcionária da Faculdade de Teologia, no cargo de assistente da Secretaria Executiva do Instituto de Pastoral da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (IPFT) quando entrei em contato com vários campos do saber e de ações em busca do aprimoramento tanto de leigos como de clérigos da Igreja Metodista. Nessa função, fui desafiada a organizar vários eventos de capacitação de leigos e clérigos em âmbito local, regional e nacional. No ano de 1999 voltei à docência, depois de algumas experiências de substituição de professores ou como assistente de outros colegas. Comecei a atividade docente lecionando *Pedagogia e Ação Pastoral* e, a partir de 2001, *Introdução à Psicologia, Ministério do/a pastor/a e Aconselhamento Pastoral*, ano em que fui admitida na Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) em regime de tempo integral.

Além da docência, também atuei em atendimento psicológico e pastoral aos discentes do Curso de Teologia. Exerço atualmente funções de aconselhamento pastoral aos discentes; sou integrante da Área de Apoio ao Corpo Discente do Curso de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. Nessa atuação de aconselhamento e acompanhamento discente, frequentemente emergem conteúdos ligados ao luto, o que colaborou com meu interesse pelo assunto.

Esta pesquisa resulta de minhas próprias perguntas existenciais e da busca de amparo no trato com as pessoas. No convívio com a instituição acadêmica e também na prática pastoral percebi que o tema do luto era pouco tratado no campo teológico. Essa percepção foi ampliada quando, ao participar de um Curso em Aconselhamento Pastoral sobre Tristeza e Depressão, promovido pelo IPFT, ouvi pela primeira vez a Dra. Maria Júlia Kovács, que deu uma palestra sobre Dor e Luto. Isso desencadeou em mim a busca pela compreensão do fenômeno do luto. Ao me identificar com o tema, solicitei à professora Kovács a permissão para assistir, como ouvinte, às suas aulas na disciplina *A morte encarada*

por profissionais de Saúde e Educação, ministrada na Universidade de São Paulo (USP). Com esse curso, pude conhecer o contexto teórico e algumas experiências de pesquisas sobre o tema. Fiz uma pesquisa de campo no curso de teologia da UMESP sobre a concepção de morte de formandos e docentes. Na Universidade de São Paulo, cursei duas disciplinas que nutriram meu interesse pelo tema do luto: *Psicologia da Religião I* e *Psicologia da Religião II* com o Prof. Dr. Geraldo José de Paiva. Participei de congressos e cursos de aprimoramento no *Instituto 4 Estações*, em São Paulo. Esse Instituto tem como objetivo primordial oferecer cursos de capacitação e serviços na área de perda e luto e tem uma equipe que oferece suporte aos profissionais de saúde e educação. Sua idealizadora é a Dra. Maria Helena Pereira Franco.

Todas essas experiências, aliadas a meu interesse de pesquisar o tema do luto e à percepção de que a relação entre luto e religião tem sido pouco explorada na instituição acadêmica, me estimularam a ingressar no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião no ano de 2004. No mesmo ano tive a oportunidade de participar de um intercâmbio docente em Reutligen, na Alemanha, onde participei de uma Semana Teológica cujo tema envolvia Teodicéia e Luto. Essa semana de estudos e minha estada no Seminário Teológico da Igreja Metodista na Alemanha, durante quarenta e cinco dias, solidificaram ainda mais meu interesse pelo tema do luto.

Redescobrimos muitos valores da vida, escondidos sob o engessamento e a frieza que a busca do conhecimento pode desencadear. Também aprendemos que não há como separar nossa existência de nossa atuação como cuidadores de pessoas na área pastoral e psicológica. Fizemos pesquisas sobre o luto pelo enfoque psicológico, mas sempre buscando envolver a dimensão religiosa. O primeiro resultado das pesquisas realizadas foi publicado em forma de artigo: *A Contribuição do Consolo religioso na elaboração do luto*[1] Essa pesquisa abriu leques teóricos interdisciplinares para aprofundar o processo de reflexão que havíamos iniciado. Ao entrar no programa de doutorado pudemos sistematizar de forma mais profunda a inquietação que envolveria o processo de pesquisa sobre o fenômeno do luto. Nesse sentido, é indispensável reafirmar que, na busca de caminhos metodológicos para a produção do conhecimento do luto no programa das ciências da religião, tomamos contato com a fenomenologia e, mais especificamente, com o método fenomenológico.

No início do doutorado não intencionava adentrar na fenomenologia como método. Mas, já no 3º semestre, ao refletir juntamente com meu orientador sobre que método

[1] .Paula, Blanches. A Contribuição do Consolo religioso na elaboração do luto. **Revista Caminhando**. São Bernardo do Campo, v.10, n.16, p. 163-173, jul/dezembro, 2005.

utilizaria, fui desafiada a conhecer a fenomenologia. Aí comecei uma nova caminhada. O diálogo com docentes de referência na UMESP sobre o método fenomenológico, como o Prof. Dr. Rui de Souza Josgrilberg e a Profa. Dra. Dagmar Silva Pinto de Castro foi extremamente produtivo e enriquecedor. Além disso, fiz trabalhos nas disciplinas da pós-graduação envolvendo a fenomenologia. Participei de um Simpósio sobre Pesquisa Qualitativa com a exposição de meu primeiro trabalho que refletiu sobre Luto e Existência com a âncora da fenomenologia. Fui convidada a participar do Grupo de Pesquisa em Fenomenologia e Ciência (FENPEC), onde fiquei como membro-pesquisadora. Essa participação foi crucial para a compreensão da fenomenologia. Dentro dessa vivência e no processo de apreensão do método, publiquei o artigo *Luto e Existência*.[2]

Além do FENPEC, participei durante todo o doutorado, do grupo de pesquisa da pós-graduação em Ciências da Religião, *Religião e Psicologia* e do grupo de pesquisa *Teologia Prática e Aconselhamento,* coliderado por mim e o Prof. Dr. James Reaves Farris.

No método fenomenológico, geralmente encontramos diferenças de concepção sobre a maneira como se deve realizar uma pesquisa. No entanto, algumas coisas são básicas: a pesquisa no método fenomenológico começa com uma inquietação do pesquisador que advém de sua vivência sobre determinado tema. A trajetória da pesquisa tem, portanto, seu nascedouro nessa pergunta existencial que começa com a vivência do pesquisador que quer checar a vivência do outro e nela encontrar o significado da experiência vivida pelo outro.

Assim percebi que minhas inquietações sobre o luto vieram a partir da minha própria vivência de cuidadora. Comecei a refletir sobre o que significa o luto para mim. Descobri na minha reflexão que o luto começa com uma perda, uma ausência, um vazio relacionado a alguém ou mesmo a algum objeto que traz algum significado para a pessoa. Mas é ao luto que advém da perda de alguém e ao significado da relação perda-luto que nos vinculamos e é sobre isso que vamos nos deter neste trabalho.

Respostas a perguntas existenciais e busca de amparo para o trato com as pessoas desencadearam em mim a intenção de compreender o fenômeno do luto a partir das pessoas (leigas) que convivem em comunidades religiosas, especificamente da Igreja Metodista, a que também pertenço como clériga.

Dessa forma, a escolha do método fenomenológico deu-se pela soma entre os objetivos da pesquisa e a interrogação sobre o modo de ser das pessoas que vivenciaram o

---

[2] PAULA, Blanches. Luto e Existência**. Revista Caminhando.** São Bernardo do Campo, v. 11, n. 17, p.105-114, jan/junho, 2006.

luto na história de suas vidas. A apreensão do método fenomenológico tornou-se um desafio na trajetória da pesquisa.

Diante da possibilidade de compreender o luto pelo método fenomenológico, surgiram indagações relativas ao modo como promover o entrelaçamento dos conhecimentos dos campos da filosofia, da teologia e da psicologia, e ao modo de utilização do caminho metodológico oferecido pela fenomenologia no campo religioso. Com as respostas encontradas para essas inquietações ficou reafirmado tanto o caráter interdisciplinar da pesquisa, como a possibilidade investigativa fenomenológica na religião.

O que é vital nesse contexto é reafirmar que a fenomenologia constrói o conhecimento por meio da experiência do sujeito. É no mundo da vida do sujeito que se dará a edificação do saber. Nesse processo de conhecimento, o sujeito traz suas intencionalidades que perfazem a consciência e o corpo ao mesmo tempo. O desvelamento do processo do luto para pessoas que vivenciam experiências de fé na Igreja Metodista foi vital para uma reflexão sobre a relação entre cuidado pastoral e cotidiano.

Veio o desafio de construir a pergunta norteadora que oferecesse sentido às inquietações da pesquisadora. A pergunta norteadora indica um caminho e um sentido para o processo de investigação. A pergunta norteadora desta tese é: Como você viveu a sua experiência do luto? Entrevistamos dez pessoas, membros da Igreja Metodista na região do Grande ABC que sofreram perda recente (nos últimos dois anos) por morte.

Este processo investigativo tem como objetivo iluminar o modo como o sujeito se vê e interpreta o fenômeno vivenciado. Ele perpassa a travessia da autocompreensão que desvela o enunciado do vivido e lhe atribui significado. Depois de estudos e reflexões e de todos os procedimentos metodológicos, o tema da tese ficou assim delineado**: Corpos enlutados: por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto.**

INTRODUÇÃO

A busca pelo desvendamento de nossas próprias histórias está ligada a uma fonte, quando nascemos, e a um desaguar, quando morremos. Entre o nascer e o morrer, vivenciamos perdas de diversos tipos, que poderíamos chamar de "pequenas mortes", e essas desencadeiam lutos. Os lutos nos acompanham e podem resultar em ampliação do significado da nossa existência. Nossos corpos, que se constroem durante esse existir, e experimentam o mundo da vida presente, com suas perdas e ganhos, em várias estações existenciais, desde o nascimento, até a morte: o prazer, a dor, a alegria, o choro, o encontro, o desencontro, o amor, o toque, a despedida, o luto.

Somos herdeiros de histórias de vidas que trazem em si marcas que se transportam também para nossa existência, e cuja linha do tempo ultrapassa o meramente cronológico. Nessas heranças, encontramos convivências que podem de uma ou mais formas influenciar as histórias de outras pessoas.

Introduzir o leitor em uma tese que reflita uma pesquisa é convidá-lo a se aventurar nos meandros de um caminho com o objetivo de compartilhar o conhecimento vivenciado pelo pesquisador ao percorrer atalhos, alguns conhecidos, outros não.

Escrever sobre o luto representa o desafio de alcançar uma parte de nós mesmos, que muitas vezes está escondida em nosso ser. No caso específico desta tese, a pesquisa norteou voltou o olhar para o diálogo do entre o luto com e o corpo, e para e a espiritualidade das pessoas enlutadas.

A presente pesquisa teve como objetivo compreender o fenômeno do luto por morte, valendo-se das experiências de membros da Igreja Metodista no Grande ABC. Para isso, a tese buscou como objetivos específicos: dialogar com teóricos do luto na área teológica e psicológica; conhecer a teoria fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty e as implicações dela decorrentes para o estudo do luto por morte; compreender o processo de luto por morte vivenciado por membros da Igreja Metodista na região do Grande ABC, na perspectiva do método fenomenológico; contribuir para as pesquisas de Cuidado Espiritual em situações de luto por morte. Ao nos debruçarmos sobre o tema do luto, convidamos a percorreremos um percurso pelas três partes que compuseram a trajetória da pesquisa.

As etapas percorridas durante a pesquisa sobre o luto foram apresentadas em cinco capítulos, que compõem as três partes deste estudo.

A primeira parte desta tese incluiu dois capítulos. O Capítulo 1 abordou a presença da morte e do luto na vida humana. Trouxemos à tona a compreensão da morte encontrada no texto bíblico dos Antigo e Novo Testamentos. Não se tratou de uma abordagem do tema da morte em de todos os livros da Bíblia. Procuramos pinçar as definições de morte que se evidenciam no contexto bíblico. Por isso, não privilegiamos um livro ou outro, mas a sua concepção dentro do paradigma da fé judaico-cristã a partir do referencial bíblico. Também nos situamos a respeito do entendimento teológico com que nos aproximamos do tema do luto. Os teólogos sistemáticos de que nos servimos como referências foram Paul Tillich, Jürgen Moltmann e Dorothee Soelle. Teólogos pastoralistas também foram inseridos nesta tese: James Reaves Farris, Ronaldo Sathler Rosa, Lothar Carlos Hoch, em uma tentativa de apreensão dos caminhos do cuidado pastoral e da importância do aconselhamento na elaboração do luto.

A escolha desses teólogos se deu pelo envolvimento de seus estudos sobre vinculações da fé com a existência humana, como é o caso da Ontologia (em Tillich), da Esperança (em Moltmann) e do Sofrimento (em Soelle). Em relação aos teólogos pastoralistas, a escolha se direcionou pelo vínculo de suas pesquisas com um o cuidado pastoral, que inclui discussões como Psicologia e Religião (Farris), diversidade cultural (Sathler-Rosa) e cuidado pastoral no processo do luto (Hoch).

Ademais, apresentamos o que consideramos como sendo referências em estudos do luto no campo da Psicologia, tais como Sigmund Freud, Collin Murray Parkes, Elisabeth Kübler-Ross, Maria Júlia Kovács e Maria Helena Pereira Franco. Tocamos rapidamente numa dimensão histórica, com Phillipe Ariès e Jean Delumeau e, por fim, dialogamos com alguns pensadores – psicólogos e sociólogos brasileiros que se têm empenhado na reflexão sobre a morte e contribuído com pesquisas relacionadas ao tema do luto.

Em relação aos referenciais no campo da Psicologia, nossa opção foi sustentada pelas primeiras tentativas de esboçar uma teoria do luto (Freud); pela sistematização de fases do luto inspirada em John Bowlby e Colin Murray Parkes; pelos estudos do processo de morrer e as etapas vivenciadas pelo moribundo, seus familiares e profissionais de saúde (Kübler-Ross); pelos estudos pioneiros sobre a morte no campo da Psicologia no Brasil, com sua ampla contribuição para a bioética, cuidados paliativos, educação para a morte, orientação a profissionais de saúde num enfoque multidisciplinar (Kovács) e pelos estudos do luto e família e lutos traumáticos (Franco).

O Capítulo 2 tratou do movimento fenomenológico e, com o objetivo de conhecermos seu nascedouro, discorremos sobre Edmund Husserl e dois de seus discípulos:

Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Com esses autores buscamos compreender os fundamentos que estiveram na origem do método fenomenológico. É importante destacar que o termo *Lebenswelt* – ou mundo da vida – norteia a construção do pensamento fenomenológico. Ainda mais, nesses autores encontramos profundas reflexões sobre o mundo da vida e sobre a existência, que desencadearam uma compreensão ampla do olhar fenomenológico sobre vários temas da vida. Nesses pensadores encontramos algumas expressões-chave indispensáveis para a compreensão da fenomenologia: intencionalidade, Ser, Tempo, ser-aí, percepção, corpo.

Husserl, considerado o pai da fenomenologia, foi introduzido em nosso estudo pela crítica das ciências positivistas, que evitavam considerar em suas discussões o *Lebenswelt* [mundo da vida]. Heidegger, por seu profundo pensamento ontológico, que tratou das várias dimensões do ser-aí – o *Dasein* –: a angústia, o medo, o cuidado, enfim: a consideração do Ser-para-a-Morte. Merleau-Ponty, por sua fenomenologia da percepção e da linguagem e, principalmente, pela inserção do corpo como mediador do conhecimento.

Merleau-Ponty tocou no tema do corpo e sua relação estreita com o mundo da vida. Herdeiro das ideias de Husserl, principalmente quanto ao *Lebenswelt*, Merleau-Ponty coloca o corpo como lugar da interação com o mundo. É por meio do corpo que construímos nossas concepções sobre a vida e lhe atribuímos sentido. Essas vinculações, corpo-conhecimento, corpo-vida, corpo–mundo, estiveram presentes em nosso interesse pelo pensamento de Merleau-Ponty, visto que, nesta tese, nosso olhar se manteve voltado para as possíveis relações entre corpo e vivência do luto.

Na segunda parte, correspondente ao Capítulo 3, apresentamos a pesquisa realizada com dez enlutados sobre a vivência do luto. As pessoas que fizeram parte da pesquisa são membros da Igreja Metodista na região do Grande ABC paulista. O capítulo apresentou a trajetória da pesquisa, procedimentos, pergunta norteadora e resultados. Também demonstrou o percurso do método fenomenológico por meio da *épochè*, ou redução fenomenológica. Apresentou as unidades de sentido, retiradas das entrevistas, e a interpretação fenomenológica desses extratos dos relatos que se coadunavam com a pergunta norteadora da pesquisa. A partir da interpretação fenomenológica propusemos categorias que explicitassem a vivência do luto em cada relato. Seguimos, para cada uma das entrevistas, com uma análise ideográfica, aqui entendida como aquela que traz à tona a psicologia da pessoa.

Na terceira parte da pesquisa, composta pelos Capítulos 4 e 5, fizemos a análise compreensiva das categorias e a síntese de um pensar. No Capítulo 4 discorremos sobre as convergências e divergências encontradas em cada uma das categorias, bem como as

idiossincrasias, ou seja, a categoria que apareceu em apenas um relato. Nossa análise compreensiva buscou, sempre que possível, a interação com autores que pudessem trazer contribuições para a intencionalidade da pesquisa e a percepção da pesquisadora.

No Capítulo 5, abordamos uma fenomenologia do luto a partir de nossa percepção como pesquisadora que falava a partir da intencionalidade e do mundo percebido com suas nuances, com uma perspectiva voltada para novos horizontes de pesquisas na área do luto. Essa Síntese contém uma identidade teológico-pastoral, na medida em que considerou a fé judaico-cristã, especificamente dentro da vivência do luto, explicitada por membros da Igreja Metodista.

Assim, na busca de chegar até a essência do fenômeno do luto, nutrimos a esperança de juntarmo-nos a outras pesquisas já realizadas e ampliar certos ângulos do conhecimento de modo a contribuir para a saúde das pessoas, uma vivência do mundo da vida com desprendimento, e uma contínua coragem de Ser tramitando nos espaços entre a vida e morte.

CAPÍTULO 1 - MORTE E LUTO NA EXISTÊNCIA HUMANA

Introdução

Antes que o leitor chegue ao final desta frase, milhares de novas mortes terão ocorrido em todo o mundo. Neste exato momento, há pessoas morrendo em leitos de hospitais, em casa, na rua, na estrada, na guerra, como vítimas de acidente, doença, violência ou por "causas desconhecidas". O presente capítulo convida-nos a conhecer um pouco do vasto caminho que integra o processo do luto e suas características próprias, tanto para quem morre como para quem continua lutando pela vida. Vamos percorrer as sendas da morte no cristianismo, seus principais aspectos e formas de pensá-la e sua influência na pastoral do luto. Adentraremos nos estudos do luto na interface com as ciências da saúde, especialmente a psicologia. Também abordaremos a influência da modernidade no conceito sobre a morte e no enlutar-se.

Em linhas gerais, os dicionários da língua portuguesa e do latim, língua da qual se origina a palavra luto, são unânimes em apresentar expressões correlatas ao tema.

> Luto. S.m. 1. Sentimento de tristeza profunda por motivo da morte de alguém. 2. Luto originado por outras causas (separação, partida, rompimento, etc.); amargura, desgosto. 3. Tempo durante o qual devem manifestar-se certos sinais do luto. 4. o fato de perder um parente ou pessoa querida; perda por morte. [...][3]

> Luctus, ūs. Ap.m. (de lugere). Dor, mágoa, lástima, lucto, dó, nojo, afflicção. Luctum alicui importare. PH/ED. Magoar profundamente alguém. – minuere. Ov. Alliviar a dor. & SALL. Virg. Ov. Lamentos, gemidos, ais, soluços, choros lágrimas.Luctu manare. V. FL. Estar banhado em lágrimas.& Perda, morte. *Furere luctu filii*. CIC. Estar em desespero pela morte do filho (...)[4]

Nossa caminhada para a compreensão do saber acumulado sobre o luto começa com expressões que o envolvem direta ou indiretamente. Esse envolvimento parte da interpretação de que ao tratar o luto incluímos outros eventos na vida humana, **como morte, sofrimento,**

[3]Instituto Antonio Houaiss. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 1794.
[4]FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1962. p. 691.

perda, crise. É importante destacar que o luto que buscamos pesquisar está localizado na vivência de pessoas que professam uma fé cristã.

O capítulo iniciará com uma abordagem sobre os sentidos atribuídos à morte nos Antigo e Novo Testamentos e os principais conceitos serão delineados com o objetivo de compreender a percepção da morte pelo cristianismo. No segundo momento dialogaremos com dois teólogos (Paul Tillich e Jürgen Moltmann) e uma teóloga (Dorothee Soelle), que consideramos importantes para a pesquisa sobre o luto. Na etapa seguinte, adentraremos no diálogo com a psicologia, por meio de concepções gerais de alguns teóricos: Sigmund Freud, John Bowlby, Colin Parkes e Elizabeth Kübler-Ross. As psicólogas Maria Júlia Kóvacs e Maria Helena Pereira Franco serão referenciais igualmente importantes para uma compreensão dos caminhos pelos quais o tema do luto tem sido apreendido em terras brasileiras. Finalmente, destacaremos algumas dimensões do luto no cotidiano, com observações gerais que podem complementar o entendimento sobre o fenômeno do luto.

1. A morte sob a óptica do cristianismo

Antes de mergulharmos especificamente no(s) conceito(s) de morte do cristianismo, visitemos de forma geral alguns meandros do Antigo Testamento, ou seja, culturas religiosas que precederam e influenciaram a concepção cristã sobre a morte. Na visão veterotestamentária, o morrer está ligado a uma interrupção da maior dádiva de Deus ao ser humano: a vida. Por isso, tal interrupção prematura do viver é considerada um castigo divino (Sl 102.24). No Antigo Testamento, a aliança entre o povo e Javé é o eixo hermenêutico fundamental para diversos temas. A aliança inclui a vida e a morte. De outro lado, não há uma visão dicotômica da morte e da vida. Uma está ligada à outra. Morrer é humano.

É vital afirmar que a memória, como parte da história do povo, é a mais viva presença da morte que constitui um aspecto indispensável da continuidade da vida. O enlutamento no Antigo Testamento está vinculado à preservação da memória.[5]

Também é importante frisar que, no Antigo Testamento, não há a visão do ser humano como imortal até o século IV a.C.; a morte é considerada um fenômeno natural do cotidiano das pessoas. Além disso, não há separação entre pessoas boas e más. O *sheol* é o

[5]Hans Walter Wolff, em sua rica obra, *Antropologia del Antiguo Testamento,* afirma que: "Sin embargo, la voz de los moribundos es importante para los vivos. Los narradores bíblicos cuentan siempre con más interés en las despedidas que el acontecimiento de la morte." WOLFF, Hans Walter. **Antropologia del Antiguo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975, p. 137.

lugar dos mortos, da sombra (Sl 88.6,11-13; Jó 26.6; Pv 15.11). O *sheol*, considerado como mansão dos mortos, representa um lugar de espera da intervenção divina, a espera pela ressurreição. Segundo João Batista Libâneo e Maria Clara Bingemer, a ressurreição de Cristo inviabiliza a noção de *sheol* como um local de espera para um evento escatológico final[6]. Isso porque em Cristo a ressurreição não é um evento exclusivo dos últimos dias. A morte e a ressurreição na vida dos/as cristãos/ãs vêm pela participação nos sacramentos. A morte seria a última "etapa" para estar plenamente com Cristo. Foi o que Libâneo e Bingemer denominaram "ressurreição na hora da morte"[7]. Portanto, há uma releitura da visão judaica do *sheol*.

Outra faceta importante relativa ao tema da morte é sua ligação com a ausência. Ausência e distância são vocábulos muito próximos do sentido da morte no Antigo Testamento. As concepções que percorrem o pensamento do Antigo Testamento, segundo Robert Martin-Achard[8], podem ser visualizadas em três aspectos: a relação com a soberania de Javé sobre a morte; o retorno dos mortos à vida, ligado ao tempo de miséria e desgraças ocorrido no meio do povo; e a companhia de Deus que supera a morte. No que se refere à ressurreição dos mortos, é importante ressaltar que houve uma influência significativa dos persas sobre os judeus (ou seja, em época mais tardia) com relação ao tema da ressurreição do corpo – e não da imortalidade da alma. Para os persas, a ressurreição vinculava-se diretamente à recriação da natureza, do universo. Eles acreditavam que se o líder de uma comunidade ressuscitasse, o evento se repetiria com o restante da mesma comunidade.

> Um fato é certo: a ressurreição dos mortos – sob a forma não de uma intervenção limitada e excepcional de Yahweh em favor de alguns de seus fiéis mas de um acontecimento que abrange, senão a totalidade dos homens, pelo menos um grande número deles – só apareceu em época tardia, depois que Israel esteve em contato com os persas. Nos textos mais antigos do Antigo Testamento, podemos encontrar indícios favoráveis para um ulterior desenvolvimento da crença no retorno dos mortos à vida, mas fica ampla margem entre esses poucos indícios e o anúncio de uma ressurreição geral,

[6]LIBÂNEO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara. **Escatologia Cristã**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 205.
[7]Sobre a expressão "ressurreição na hora da morte", os autores argumentam a favor de duas nuances do termo ressurreição. A primeira se dá na hora da morte, quando o Reino de Deus acontece em plenitude na vida de uma pessoa. Essa faceta da ressurreição tem, como paradigma, a ressurreição de Cristo. Para esses autores, há um equívoco do entendimento do que seja "último dia", que não deve ser interpretado com a linearidade do tempo. É o que eles denominam de "encontro da pessoa com a totalidade acabada da história glorificada" (p. 212). A segunda dimensão é a ressurreição no final dos tempos. Segundo esses autores, o dogma da ressurreição no final dos tempos não contradiz a fé na ressurreição de Cristo, que acontece em cada morte.
[8]MARTIN-ACHARD, Robert. **Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2006, p. 202-203.

> senão universal, tal como o encontramos em Is 26 e Dn 12, dois textos escritos precisamente depois do exílio.[9]

No Antigo Testamento, há um vínculo entre a morte e o não relacionamento. Ebehard Jüngel afirmou que o pecado leva ao não relacionamento; ou seja, a quebra da aliança com Deus gera a morte nas relações e sem relacionamento não há vida. O caminho que a concepção veterotestamentária percorre até chegar à concepção neotestamentária faz alusão à significativa influência cultural persa nos sentidos da morte que podemos encontrar no texto bíblico.

> No entanto, existe um longo caminho a ser percorrido desde as ideias sobre a morte que temos visto no Antigo Testamento, até chegar nesta concepção neotestamentária. Em primeiro lugar aparece um grande problema no Antigo Testamento. Por um lado, a morte é descrita como um lugar de enorme distância em relação a Deus, no qual Yahvé não pode mais atuar. Rejeita-se radicalmente toda tentativa de estabelecer a mais mínima comunicação entre o mundo dos mortos e Yahvé. Mas por outro lado, nega-se também à morte qualquer característica independente e própria perante Yahvé. É inconcebível que um soberano vigore no reino dos mortos.[10]

Após uma breve visita à concepção veterotestamentária sobre a morte, adentremos no cenário cristão. Os estudos sobre a morte no cristianismo estão permeados pelas buscas de respostas capazes de acalentar os moribundos, salvaguardando a "certeza" da continuidade da vida. Parece que na religião cristã há unanimidade no que diz respeito ao enfoque existencial da morte. Ela nos deixa extasiados e desvinculados e, ao mesmo tempo, surpreendidos e apegados ao divino. Nossos anos de vida são nossos anos de morte. Conforme Heitor Sapattini, "é importante viver aproveitando-se das pequenas mortes que a vida humana apresenta a todo momento."[11]

Porém, o conceito de morte apresentado por esse autor reflete o pensamento do que poderíamos denominar de duas grandes escolas da teologia sobre a morte: a morte natural, biológica, e a morte espiritual (segunda morte). Aliás, o título do seu livro, *A morte não existe mais*, expressa uma estranheza à existência da morte como um fato concreto no ser humano.

---

[9]Ibidem, p. 207.

[10]WOLFF, Hans Walter**.** **Antropologia Del Antiguo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1975, p. 147. "Sin embargo, hay um largo camino hasta llegar desde las ideas de la muerte que hemos visto en el antiguo testamento hasta esta concepción neotestamentária. En primer lugar aparece un gran problema en el antiguo testamento. Por una parte, la muerte se describe como un lugar de espantosa lejanía de Dios, en el que Yahvé ya no puede actuar. Se corta radicalmente todo intento de estabelecer la más mínima comunicación entre el mundo de los muertos y Yahvé. Pero por otra parte, se niega asimismo a la muerte cualquier clase de poder? independiente y proprio frente a Yahvé. Es inconcebible que un soberano autónomo rija en el reino de los muertos."

[11]SAPATTINI, Heitor. **A morte não existe mais**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 14.

Na concepção cristã, a segunda morte é mais "grave" do que a primeira porque é "uma morte eterna", que significa o Inferno; é fruto do pecado e da falta de arrependimento, em vida, dos "males" cometidos pela pessoa. Nesse viés existencial, não se pode negar que o desvelamento da onipotência divina é prefigurado no evento "Cristo da fé", que passou pela experiência da morte.

A cristologia, que envolve os estudos relativos ao luto, nos remete à dimensão litúrgica do cenário pascal. A paixão de Cristo, ou seja, o caminho para a morte, é interpretado como inevitável para a salvação das pessoas. O paradoxo da fé cristã está na necessidade de uma morte para sedimentar o desejo da vida contínua. John Bowker nos ajuda a aprofundar essa premissa:

> Assim, a compreensão cristã da morte começa no contexto judeu, com um mestre que assumia posições muito independentes sobre muitas das principais questões religiosas e políticas de seus dias; que anunciou sua própria morte de maneira determinada; e afirmava, no entanto, que é na morte e pela morte que aquela "verdade de Deus", tão fundamental para o judaísmo, haveria de se manifestar inequivocamente.[12]

Não há a pretensão de aprofundarmos o tema da cristologia na óptica do luto, mas correlacioná-la com o tema da morte. O cristianismo divulgou sua importância nas teologias, catequeses e práxis religiosas. Entende-se, assim, que o estudo das principais ideias sobre a morte iluminará as pesquisas a respeito do luto, sob a óptica da religião na interface com a psicologia.

É importante destacar que a morte, na herança cristã, é um evento passageiro, pois ela foi "derrotada" com a pregação da ressurreição. O cristão não morre, o cristão dorme! O anúncio da ressurreição de Cristo está vinculado à porção moral que se instalou no decorrer dos tempos do cristianismo: "Para o crente de uma das muitas religiões que confiam num além (além da morte, precisamente), a morte é passagem para melhor, na esperança do crente bem comportado."[13]

Para pontuarmos sobre a morte no Novo Testamento, é indispensável nos remetermos à teologia paulina, que tem uma conotação antropológica muito presente. Essa dimensão antropológica nos conduz ao tema do corpo (*soma*). O termo *soma* está ligado à pessoa em sua totalidade. Rudolf Bultmann explicitou de forma bastante abrangente o significado dele:

---

[12]BOWKER, J. **Os sentidos da morte**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 93.
[13]LEPARGNEUR, H. **Lugar atual da morte**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 30.

> Pode, portanto, ser chamado de *soma* na medida em que ele não tem uma relação consigo mesmo, enquanto, de certa forma, pode se distanciar de si mesmo; mais exatamente: como aquele diante do qual ele pode se distanciar em ser **sujeito,** com quem ele se vê confrontado como objeto de seu próprio agir e a quem ele pode experimentar como a um estranho, como não submetido ao acontecimento que foge a sua própria vontade; enquanto tal é chamado *soma*.[14]

Essa noção de corpo exprime um processo de autoidentificação e identificação com o outro, com o autoconhecimento e o conhecimento do outro. Nesse sentido, o corpo é uma porta para o contato com o ato criador e sustentador da vida. Essa é uma faceta da experiência de fé. Ademais, o corpo elucida uma função, uma "utilidade" para o sujeito do próprio corpo. Remete-nos, portanto, ao controle, por exemplo, de colocar o corpo para destruição ou para a construção, ou seja, sentir o corpo com saúde ou percebê-lo doente. Na visão paulina, a importância da ressurreição do corpo é indispensável para o cristianismo nascente. A teologia paulina reafirmou que quando homem e mulher deixam de ser corpo, sua identidade como ser humano está comprometida.

Em relação ao Antigo Testamento, a noção de corpo envolve duas dimensões básicas[15]: *Basar*, que significa a dimensão frágil do ser humano; e *Adam*, que é o corpo, o ser animado pelo espírito, o sentido integral de ser humano. A visão integral do ser humano no Antigo Testamento ajuda a entender que a realização humana se dá na vida presente, por isso a velhice é tão valorizada e reconhecida como dádiva divina (Gn 25.8; 35.29; Jó 42.16). Para José Comblin, a noção de corpo na Bíblia envolve também a dimensão da saúde que para ele é o começo da ressurreição (Lc 4.18).

> A centralidade do corpo manifesta-se no anúncio da ressurreição dos corpos. A mensagem de Jesus não se contenta com afirmar a sobrevivência do ser humano depois da morte. As religiões falam de uma imortalidade de um princípio não corporal próprio do ser humano. Mas a Bíblia afirma com toda claridade a ressurreição dos corpos. Pois o ser humano é corpo e um prolongamento da vida de um simples princípio imaterial não é vida verdadeira. A vida verdadeira é vida corporal.[16]

---

[14]BULTMANN, Rudolf. **Teologia Del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001, p. 250. "Puede, por tanto, llamársele soma en la medida en que él tiene una relación consigo mismo, en cuanto, en cierta manera, puede distanciarse de si mismo; más exactamente: como aquél frente al cual él puede distanciarse en su ser sujeto, con quien él se ve confrontado como objeto de su propio actuar y a quien él puede experimentar como a un extraño, como no sometido al acontecimiento que escapa a su propio querer; en cuanto tal, es llamado soma."

[15]Esses conceitos são trabalhados por João Luiz Correia Júnior, no seu artigo A dimensão do corpo na Bíblia, que oferece subsídios relevantes para a relação entre corpo e morte na Bíblia. In: **Corporeidade e Bíblia**. Estudos Bíblicos. Petrópolis: Vozes, v. 87, n. 3, 2005, p.10-23.

[16]COMBLIN, José. Corporeidade e Bíblia. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, 87, 3, 2005, p. 60.

O corpo também exprime uma linguagem que muitas vezes diz mais do que a palavra. A Bíblia expõe essa dimensão tanto no Antigo como no Novo Testamento de forma clara. Um exemplo dessa linguagem corporal pode ser visualizado no Livro de Salmos e nas parábolas. A maneira como o ser humano lida com o corpo nortearia a concepção da própria existência? É um questionamento que também nos conduz para a relação entre corpo e carne, ou seja, *soma* e *sarx*. A relação entre *soma* e *sarx* é notada em alguns textos ligados à conduta moral do corpo físico no que se refere às concupiscências da carne. A *sarx* tem várias conotações que dependem do contexto em que a palavra está inserida: por vezes, é considerada como sinônimo de corpo; por outras, símbolo da debilidade e limitação humanas. Há uma concepção bíblica que afirma que a dimensão pecaminosa do ser humano deriva dos caminhos por onde ele escolhe andar (Rm 8.5). O que é vital ressaltar, na formação do pensamento neotestamentário sobre a morte, é que a antropologia que inclui *soma* e *pneuma* (espírito) não objetivava, em sua origem, uma tricotomização do ser humano (corpo, alma e espírito).

No Novo Testamento, a morte pode ser considerada como consequência do pecado. A morte de Cristo também projeta esperança e força diante do sofrimento. Entretanto, nem sempre o amor e a graça divina, por meio de Cristo, são percebidos no cotidiano das pessoas. Nesse modelo, a imagem de Deus pode ser identificada como Alguém que exige atitudes estabelecidas numa moralidade que exclui a liberdade. Deus torna-se o interlocutor de uma teologia que O coloca com uma imagem persecutória dos comportamentos humanos em vida. Desapareceria a teologia da graça? Será que para a teologia cristã a vida nunca se acaba? A crença na ressurreição não seria confundida com a imortalidade? A hermenêutica de alguns discursos teológicos sobre ressurreição não nutriria a tendência à negação da morte pelos cristãos?

> Mesmo valorizando o ser humano como corpo e alma indissociável, o cristianismo achara por muito tempo seu equilíbrio diante do mistério da morte pela força de sua fé na sobrevivência e ressurreição; com a secularização, estimulante do secularismo, enfraqueceu-se este lenitivo da angústia fundamental diante da morte. Ficamos com o drama da morte exacerbado e sem seu contrabalanço tradicional. A morte lembra ao desertor das religiões o lugar do religioso, vale dizer a perspectiva da origem e do fim dos seres.[17]

---

[17] Ibidem, p.145.

Em linhas gerais, a discussão sobre o tema da morte vincula-se à dicotomização da vida do ser humano e menosprezo à dimensão do corpo. A morte de Jesus torna-se, em vários círculos de interpretação bíblica, um espaço de intensas discussões sobre motivos, expectativas e identidade da fé cristã. A fé cristã parece ter seu sustentáculo no sofrimento e na morte do Filho de Deus. Essa fé é nutrida pela ressurreição como superação da morte. Percebe-se, portanto, que a relação entre morte, ressurreição e fé é íntima. A fé possibilita um novo olhar para os ditos acontecimentos da história cristã que imprimem sobre o tema da morte a esperança da ressurreição. Uma das questões que surgem é: até que ponto essa vinculação entre morte e ressurreição não camuflaria a dor do processo de luto por morte que o ser humano atravessa no seu contexto vivencial?

Ainda sobre as considerações relativas ao cristianismo, um dos sinônimos para morte é o termo "entrega" a Deus. A "entrega" a Deus permite suavizar, de certa forma, a dor e o sofrimento que podem acompanhar o processo de luto de alguém. Outro aspecto importante é a vinculação da morte com o sacrifício. A cosmovisão sacrificial faz parte do contexto veterotestamentário, principalmente na contínua necessidade de expiação da culpa por meio da morte de um animal. A morte de Jesus finaliza um longo processo sacrificial e inaugura uma nova etapa da história, agora cristã, de aliança com Deus. Porém, a herança sacrificial – não mais de animais, mas de pessoas – acompanhou de forma significativa a história da Igreja por longo tempo, com uma máxima: quanto mais há sofrimento mais se agrada a Deus. Nesse sentido há uma aproximação com a vertente expiatória de Jesus: sua morte torna-se, dessa forma, indispensável para a salvação das pessoas.

Outra vertente interpretativa da morte de Jesus vincula-se à dimensão do resgate da escravidão que permeava a vida humana. A metáfora da escravidão revela o contexto da época, em que compra e resgate de escravos eram frequentes. Esse sentido da morte aproxima-se do seu entendimento como revelação do amor de Deus; portanto, o conhecimento de Deus é indispensável para a salvação. A ressurreição de Jesus significa também a viabilização da vitória sobre o senhorio da morte; a morte é encarada também como inimiga.

Dentro da teologia cristã, os estudos escatológicos têm discutido a influência da hermenêutica bíblica na concepção sobre a morte e, evidentemente, sobre o luto. Como já mencionado, a morte pode ser encarada de várias formas, até mesmo como ato da natureza[18]. Por outro lado, não podemos negar a forte influência grega sobre o cristianismo no que se

[18]Essa tese é defendida por João Batista Libâneo e Maria Clara Bingemer no livro **Escatologia Cristã.** Petrópolis: Vozes, 1985.

refere à imortalidade da alma. Como princípio cristão, a ressurreição pressupõe a morte de tudo.

É quase unânime a constatação de que as pessoas não gostam de falar sobre o luto. Nesse sentido, é indispensável que a reflexão sobre a morte inclua a vertente antropológico-existencial da discussão sobre a vida cristã. Pelo fato de ser cristã, uma pessoa estaria isenta da angústia da morte? Seria lícito afirmar que os cristãos enfrentam com menos sofrimento, medo e ansiedade o processo de morrer? Ademais, após a perda de uma pessoa querida, encontrariam espaço para externar seus sentimentos ligados ao luto que estão atravessando?

> Uma vida que continua depois da morte me confronta, indispensavelmente e sem a mínima possibilidade de poder fugir, com tudo o que fiz na minha vida e da minha vida. É justamente uma teologia bem-intencionada que até hoje, talvez, não chegou a considerar suficientemente o fato de que a crença na vida após a morte pode aumentar o temor perante a morte.[19]

A morte de Jesus é de suma importância para a construção dos pressupostos básicos da doutrina cristã. Sem a morte o cristianismo não existiria. Paradoxalmente, a vida também não. Porém, a ressurreição tem-se tornado espaço de negação da morte, especialmente do processo de luto. Outro dado importante é que, no cristianismo, a morte parece estar identificada com o binômio esperança/negação: esperança, no que se refere à crença de que ela é um passo indispensável para a ressurreição; e negação, na medida em que a morte é vista apenas como um "rito de passagem".

Pudemos até aqui determinar alguns pressupostos bíblicos sobre a morte que acreditamos ser fundamentais para averiguarmos de que maneira a teologia tem dialogado com o tema da morte e, mais especificamente, com o tema do luto.

1.1 Luto: enfoques teológicos

Alguns teólogos debruçaram-se sobre temas existenciais que contribuíram de forma marcante para a teologia cristã da atualidade. Nesta tese, nos deteremos nas reflexões de três teólogos indispensáveis para o esclarecimento da percepção do luto pela teologia. São eles: Paulo Johannes Tillich, Jürgen Moltmann e Dorothee Sölle.

---

[19]BLANK, Renold. J. **Escatologia da Pessoa**. São Paulo: Paulus, 2000, p. 59.

1.1.1 Luto e coragem de ser

Paul Johannes Tillich[20], filósofo e teólogo alemão, nasceu em 1886 na cidade de Starzeddel, perto de Berlim, e morreu em 1965, em Chicago, nos Estados Unidos. Filho de pastor luterano, sua infância foi pautada por rígidos princípios educacionais paternos. Seu pensamento influenciou de forma significativa o mundo teológico europeu e americano. Doutorou-se em Filosofia na Universidade de Breslau em 1911 e, no ano seguinte, na Universidade de Halle, alcançou o mais alto grau de estudos em Teologia na época. Em 1914 foi ordenado pastor luterano, ano em que se alistou como capelão do exército por ocasião da Primeira Guerra Mundial. A experiência de capelania durante a guerra marcou a vida e o pensamento de Paul Tillich.

Atento aos movimentos sociais da época, participou ativamente do Instituto de Pesquisas Sociais em Frankfurt. Nomes como Max Horkheimer, Karl Mannheim e Theodor Adorno tornaram-se referências de amizade e de suas pesquisas. Em sua breve estada na Universidade de Marburg, conheceu Martin Heidegger, cujo pensamento existencialista exerceu forte influência no desenvolvimento de seu método teológico.

Destacam-se ainda Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, Sören Kierkgaard e Edmund Husserl como referenciais filosóficos que influenciaram seu pensamento. Na dimensão teológica, Tillich, de raiz luterana, fez jus à sua herança protestante com contornos agostinianos, além de manter diálogo com o pensamento de Duns Escoto, Guilherme de Occam e Escoto Eriúgena.

Após docência em Dresden, tornou-se professor na Universidade de Frankfurt. Com a influência de Reinhold Niebuhr, em meio à tensão do regime nazista, Tillich foi convidado a morar nos Estados Unidos e a lecionar no Union Theological Seminary. Foi influenciado também pela psicologia, na pessoa de Erich Fromm. Nessa ocasião, sistematizou suas críticas ao nazismo, escrevendo dez teses sobre a Igreja e o Terceiro Reich. Só retornou à Alemanha após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1948. De volta aos Estados Unidos, passou a lecionar na Universidade de Harvard, a partir de 1955.

Sua forma de fazer teologia fazia correlação com a temática da cultura. A aproximação com a ontologia e a fenomenologia deu-se justamente por meio da procura pelo

[20]Os aspectos biográficos inspiram-se na revista Estudos de Religião que retrata estudos de Paul Tillich, trinta anos após sua morte. CALVANI, Carlos Eduardo. In: **Paul Tillich**: aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 10, p.11-35, jul. 1995.

fundamento do ser. Deus é o fundamento do ser. Sua aproximação com a fenomenologia foi de natureza metodológica com estreitamentos ontológicos, principalmente com Heidegger.

> Foi com os estudos de filosofia da religião que Tillich se apropriou da fenomenologia filosófica de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Essa afirmação se confirma nos seus escritos filosóficos, que, nos comentários e notas de citações, levam em consideração obras dos filósofos da fenomenologia. Nesse sentido, é importante dizer que ao fazer esses comentários sobre fenomenologia, sejam eles usados ou rejeitados, Tillich necessitou de algum conhecimento da fenomenologia, com isso confirmando nossa tese que usou a fenomenologia em seus escritos.[21]

Sua aproximação com a fenomenologia levou-o a afirmar que a teologia deveria usar tal método na formulação de todos os seus conceitos básicos, o que possibilitaria um material crítico, refinado nas dimensões intuitivo-descritiva e existencial-crítica:

> A teologia deve aplicar a abordagem fenomenológica a todos os seus conceitos básicos, forçando assim seus críticos a ver sobretudo o que significam os conceitos criticados e obrigando a si própria a fazer descrições cuidadosas de seus conceitos e a usá-los com consistência lógica, evitando assim o perigo de tentar preencher as lacunas lógicas com material devocional.[22]

Tillich abriu novos espaços para o fazer teológico de sua época com o tom existencialista de sua hermenêutica. Com a famosa expressão "preocupação última", regou um solo existencial no mundo da teologia, considerando a natureza do ser e do não-ser. Percebe-se, portanto, que há um estreitamento vital com a filosofia no pensamento teológico de Tillich, para quem o fazer teológico está rendido à existência. Vejamos:

> "Deus" é a resposta à pergunta implícita na finitude do ser humano; ele é o nome para aquilo que preocupa o ser humano de forma última. Isto não significa que primeiro exista um ser chamado Deus e então a exigência de que o ser humano esteja ultimamente preocupado com este ser. Significa que tudo aquilo que preocupa o ser humano de forma última se torna deus para ele e , inversamente, que um ser humano só pode estar preocupado de forma última por aquilo que, para ele, é deus. A expressão "estar preocupado de forma última" aponta para uma tensão na experiência humana.[23]

---

[21]GOTO, Tommy Akira. A fenomenologia em Paul Tillich. **A forma da religião**: leituras de Paul Tillich no Brasil. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006, p. 45-54.
[22]TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, 5ª ed, p. 119.
[23]Ibidem, p. 219.

Um dos caminhos de aproximação entre os estudos sobre o luto e o campo religioso está no tema desenvolvido por Tillich em seu livro *Coragem de Ser*, no qual expôs a busca do ser humano pelo sentido da vida. A coragem de ser acolhe o ser humano numa relação dialética em que não há posições extremas, longínquas, afastadas, mas que procura objetivos e sentidos. A coragem de ser faz transparecer as coerências e incoerências humanas, dentro do processo de procura existencial de seu próprio significado.

Essa dimensão da vida não se fixa somente no aspecto transcendente. Há necessidade de uma inclusão do ser humano na realidade da vivência e da convivência que indicam caminhos para viver o hoje e o amanhã. A vida torna-se, no hoje, alvo de "investimentos" e "investigações" que não se prendem à fuga de si mesma, mas vêm a ser o estímulo da coragem de ser. A razão e a fé começam a criar laços de respeito e interdependência num mundo e ambiente de competição que atropelam o humano. A coragem de ser, portanto, evidencia a relação com o mundo e a interação humana com suas estruturas: é a relação razão-fé que pressupõe nossa visão geral de mundo. Tillich afirmou que a coragem de ser está relacionada a uma exigência de risco pela vida.

> A coragem de ser relaciona-se com a abertura humana a uma vida não reducionista, mas em constante busca de satisfação enquanto significado de vida. Ela acolhe o ser humano numa relação. Coragem é a afirmação da natureza essencial de uma pessoa, o alvo íntimo de alguém que tem em si próprio o caráter de "apesar de". Inclui o sacrifício possível e, em certos casos, inevitável, de elementos que também pertencem a nosso ser, mas que, se não sacrificados, impedir-nos-iam de atingir nossa realização. Este sacrifício pode incluir prazer, felicidade e mesmo a própria existência. É louvável em qualquer caso, porque no ato de coragem a parte mais essencial de nosso ser prevalece sobre o menos essencial. O fato de o bom e o belo se realizarem nela constitui a beleza e a bondade da coragem.[24]

Percebe-se um misto de desafios que podem desencadear perdas e motivos para a continuidade da vida que a coragem exige. Apesar das perdas, estas podem estar enquadradas em um universo e momento de escolha que o ser humano está apto a fazer.

A coragem de ser abrange todo o campo da limitação humana, ao mesmo tempo em que inclui a capacidade humana de criatividade e de reação, a virtude de preservar o próprio ser. Nesses dois aspectos – limitação e capacitação, aparentemente dicotômicos – encontra-se a relação dialética da limitação e da necessidade de superá-la. A autoafirmação é indispensável para esse Cuidar do Ser. Ela potencializa a busca, em um dinamismo que perpassa a participação na vontade divina de acolher o ser.

---

[24]TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 4.

Na busca pelo ser, encontramos também o vínculo entre tempo, coragem e angústia. Assim, há uma vivência que absorve a dimensão cronológica e apreende a existência que une os tempos. A angústia volta-se para o ter que experimentar a morte como uma condição humana, como um caráter ontológico do tempo.

> Tal como é experimentado na autoconsciência imediata, o tempo une a angústia da transitoriedade e a coragem de um presente que se afirma em si mesmo. A consciência melancólica do movimento do ser em direção ao não-ser, tema que ocupa a literatura de todos os povos, alcança sua concretude máxima na antecipação da própria morte. O que é significativo aqui não é o temor da morte, isto é, o momento de morrer. É a angústia de *ter que* morrer que revela o caráter ontológico do tempo. Na angústia de ter que morrer, o não-ser é experimentado "de dentro". Esta angústia está potencialmente presente em todos os momentos. Ela impregna a totalidade do ser humano; modela a alma e o corpo e determina a vida espiritual; pertence ao caráter criado do ser, sem ser consequência da alienação do pecado.[25]

A figura de Jesus, como o Cristo que experimentou a angústia da morte, torna-se uma bússola existencial para todas as pessoas, pois, ao vivenciar sua finitude, ele não se entregou ao desespero. O cristianismo apresenta Jesus também como aquele que vivenciou a ameaça do não-ser. Para Tillich, ele demonstrava uma situação de constante embate com o não-ser: viveu a dicotomia das relações humanas que incluem e excluem em segundos o acolhimento e o desprezo, a aceitação e a rejeição. Jesus superou a alienação do não-ser, por isso é o protótipo de alguém que experimentou intensos fluxos do não-ser; nas ambiguidades da vida é o portador do novo ser.

Nesse sentido, tocamos em outras esferas da vida religiosa que nutrem o sentido de vida e morte por meio da fé. A fé aproxima-se da coragem de ser na participação com o divino. Sim, toma rumos concretos no sentido de dinamizar, movimentar a vida humana como um todo. Ela não pode atingir aspectos separados da vida humana, pois assim será reduzida a momentos que não explicitarão toda a situação existencial, a amplitude do significado do viver. Ao atingir o humano, a fé relaciona-se também com a negatividade da vida. Não poderia existir a afirmação da vida, da existência, se de outro lado não houvesse também o que nega a própria vida.

O tema da coragem de ser, abordado por Tillich, é um caminho promissor para vincular a fé com o cotidiano das pessoas, atribuindo sentido à vida. A coragem de ser pode visualizar-se como um espaço que lida com situações e sentimentos a que o moralismo cristão, por vezes, atribui a marca de pecado. A fé é coragem de expor-se ao não-ser, no

[25]TILLICH , Paul. Op. cit., p. 202.

sentido de desenvolver as potencialidades humanas. Pode-se afirmar que, nos momentos da negação da vida, a afirmação dela é uma confrontação valorativa, essencialista e optativa. Opta-se pelo que dá continuidade à definição de vida que se tem e que na hora crucial pode ampliar-se ou fechar-se.

> Se se pergunta como o não-ser se relaciona com o ser-em-si, só pode responder por metáforas: ser "abarca" ele próprio o não-ser. O ser tem o não-ser "dentro" de si mesmo, de modo que é eternamente presente e eternamente superado no processo de vida divina. A base de tudo o que é não é uma identidade morta sem movimento e vir a ser: é uma criatividade vivente. Ele se afirma criadoramente, conquistando eternamente seu próprio não-ser. Como tal é o modelo da auto-afirmação de cada ser finito e a fonte da coragem do ser.[26]

O nascedouro de uma criatividade para o viver pode-se vincular estreitamente com situações de perdas pessoais e comunitárias. Nesse momento, a presença do transcendente traz uma esperança, e é desencadeado todo um processo de relação com a divindade. Cultiva-se a espiritualidade no instante da preservação do ser dentro de um ambiente de não-ser. A fé caminha na luta pela vida que continua a ter um significado, um rumo, um objetivo existencial. O desespero do não-ser faz com que a coragem seja a resistência do ser em meio ao quase não-ser.

Nesse sentido, as igrejas poderiam ser porta-vozes de suporte ao ser humano na medida em que ele assume sua situação-limite[27]. É a palavra que confere convicção em meio à insegurança, integridade em meio à desintegração social e à fissura da alma humana, afirmação em meio à relatividade de verdades, e significado da vida em meio ao desespero e à desesperança. Essa é a essência da mensagem baseada no princípio protestante. As consequências pastorais dessa indicação teológica são forjadas, necessariamente, a partir de uma vivência comunitária da fé que possibilita a descoberta de novos padrões de vida.

Finalmente, é relevante destacar a relação que Tillich fez entre culpa, ansiedade e medo da morte. A correlação entre esses três termos elucidou os meandros das vivências das pessoas diante de sua finitude. Tillich explicitou uma reação teológico-existencial:

> Ao mesmo tempo, a ansiedade da morte no sentido de uma exclusão não natural da eternidade é superada. Dessa forma, as implicações mais profundas da doença cósmica na qual o homem se encontra são curadas:

---

[26]Op.cit., p. 27.

[27]Há um comentário muito pertinente do teólogo Claudio de Oliveira Ribeiro, estudioso da teologia de Tillich, sobre a vivência das situações-limite no seio das igrejas. RUBIO, Alfonso Garcia. **O humano integrado:** abordagens de antropologia teológica. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 57.

> culpa, ansiedade e medo da morte. Essa é a função da reconciliação, tornar completo o homem que luta contra si mesmo. Ela alcança o centro da personalidade e une o homem não somente com ele mesmo e seu deus, mas também com outros homens e a natureza. A reconciliação no centro da personalidade resulta em uma reconciliação em todas as direções, e aquele que se reconcilia é capaz de amar. A salvação é a cura da doença cósmica que impede o amor.[28]

Reconciliação é uma das expressões vitais no pensamento de Tillich; por ela fazemos conexão com o sentido da salvação numa concepção existencial. Atrelados a salvação, estão os vocábulos culpa, ansiedade e medo da morte. Essa tríade reivindica a discussão sobre o que significa a coragem de ser, tão apregoada por Paul Tillich. A coragem de ser inclui os limites e potencialidades da culpa, ansiedade e medo da morte.

Não há como falar de significado da vida e valorização do humano, inserido em seu *habitat*, das preocupações que perpassam seu mundo, da miséria, da falta do pão, do vazio de sentido, sem mencionar a experiência da morte. É preciso levantar suportes existenciais que subsidiem as pessoas na elaboração do luto como parte da coragem de ser. Da coragem de ser emanam a ansiedade existencial e também a esperança.

1.1.2 Luto e esperança

Jürgen Moltmann, teólogo alemão, nasceu em Hamburgo em 1926. Ainda jovem, teve uma experiência que marcou consideravelmente seu interesse pela teologia: ao ser convocado pelo exército alemão, tornou-se prisioneiro do exército inglês. Na prisão, conheceu alguns teólogos dos quais recebeu os primeiros ensinos na área da teologia. Além de pastor, Moltmann seguiu carreira docente na área da teologia sistemática. Foi professor nas Universidades de Bonn e Tübingen. É considerado um dos teólogos mais influentes no pensamento protestante na atualidade.

Moltmann examina o tema da morte de forma natural, ou seja, como parte da vida. Para ele, uma consciência reprimida em relação à morte é sinônimo de rejeição da vida. O resgate da relação não dicotomizada entre morte e vida é um dos alvos de sua teologia.

---

[28]"At the same time, the anxiety of death in the sense of unnatural exclusion from eternity is overcome. In this way the deepest implications of the cosmic disease in which man participates are healed: guilt, anxiety, fear of death. This is the function of reconciliation, to make whole the man who struggles against himself. It reaches the center of personality, and unites man not only with his god with himself, but also with other men and with nature. Reconciliation in the center of personality results in a reconciliation in all directions, and he who is reconcilied is able to love. Salvation is the healing of the cosmic disease which prevents love"**.** PALMER, Michael. (ed) Tillich, Paul. **Writings in the Philosophy of culture**. Berlin / New York. De Gruyter: Evangelisches Verlagswerk GmbH. 1990, p. 214. Vol. 2.

> Reprimir qualquer pensamento na morte e viver como se tivéssemos uma quantidade infinita de tempo, torna-nos superficiais e indiferentes. Sabendo, no fundo, que a morte pode nos atingir a qualquer momento, vivemos então com a consciência reprimida da morte e isto nos rouba o contato com a realidade. A concepção de viver sem morte e a teoria de que a morte não seria "um acontecimento da vida" igualmente têm o efeito de um estímulo à rejeição da vida e são uma fraude irreligiosa. Elas contradizem a experiência concreta da vida e nada são além de idolatria da vida. Todo ser humano sabe que sua vida tem um prazo. Viver como se não houvesse morte é uma ilusão da vida. Todo ser humano que vive com consciência também sabe que a morte não é só um, mas o "acontecimento da vida" e que todas as suas posturas em relação à vida contêm posturas em relação à morte desta sua vida.[29]

Moltmann explicita sentimentos, pensamentos, teorias e práxis que permeiam as elucubrações sobre a morte no ambiente cristão. Segundo ele, no corpo fragilizado pela doença, a possibilidade da morte é a habitação do Espírito Santo[30]; ou seja, em sua pneumatologia, prescreve os sinais de vida e de esperança em meio às vivências-limite. Ele apresenta também uma dimensão política sobre o tema da morte. Dessa forma, critica os responsáveis pela morte indiscriminada de milhões de pessoas. Assim, a morte é encarada não somente como um fenômeno biológico, mas social e econômico.

> A morte desses milhões não é consequência do seu pecado. Uma "morte natural" é rara entre eles e cara demais para a maioria. Lá, a morte causada pela violência indireta que parte dos países ricos é tão cotidiana como fome e doença. Pelo fato de, nos países e estratos ricos, a propriedade privada tem mais valor do que a vida comum, a morte violenta exigirá cada vez mais vítimas na África, na América Latina e na Índia. O que, para o antigo Israel, eram "os tiranos da terra" são hoje, para o povo pobre, os países ricos com suas estruturas violentas. A morte violenta que eles espalham é o "sacrilégio do pecado", que atinge não só economicamente os povos dependentes e subjugados, mas também ecologicamente tudo o que vive na terra.[31]

Ainda no pensamento moltmanniano, percebe-se um estímulo ao debate no que se refere à naturalidade ou à pecaminosidade da morte: ela é fato natural da vida ou consequência do pecado? Se o primeiro argumento consegue incluir a totalidade do fenômeno "morte", então falta aos compêndios de religião uma orientação mais clara sobre a relação entre um processo vital e o sentido da vida. De outro lado, se a morte é fruto exclusivo do pecado, adentramos numa concepção terrificante do transcendente de Deus. Além disso, a morte de Cristo torna-se injustificável, já que ele, na tradição cristã, não tinha pecado.

---

[29]MOLTMANN, Jürgen. **A vinda de Deus: Escatologia Cristã**. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 66.

[30]Podemos encontrar uma profunda reflexão sobre a relação do Corpo e do Espírito Santo em suas obras: **Pneumatologia Integral** e **A fonte da vida** .

[31]Ibidem, p. 113.

A consciência cristã em relação à imagem de Deus influenciará consideravelmente a concepção sobre a morte. O medo da dor, do sofrimento, parece se misturar ao medo da morte[32]. Evidentemente, também há um toque de certa crise de onipotência, por não termos o "poder" de controlar a morte e o que vem depois dela. O conceito moltmanniano de "Messias paradoxo" (numa mesma pessoa, a expressão de força e fragilidade, no caso de Cristo evidenciado no drama da cruz) é extremamente relevante dentro da discussão sobre as várias interpretações sobre a morte de Cristo.

A contradição entre sua confissão messiânica e a morte na cruz aponta o desfecho transcendente de sua ressurreição dentre os mortos por Deus e sua presença no Espírito. Tendo em vista a expectativa messiânica judaica, Jesus é um Messias paradoxo, isto é, um Messias contra a aparência, contra o assim chamado juízo da História, apesar da sentença de morte do déspota romano Pilatos. À vista do temor romano diante do Messias e à vista da história de sua atuação, Jesus é o único Messias realmente revolucionário, pois foi por meio do cristianismo que o Império Romano foi transformado fundamentalmente.[33]

Segundo a teologia da esperança de Moltmann, a escatologia pode ser considerada quase sinônimo de cristianismo. No contexto cristão, não podemos deixar de mencionar a vertente escatológica dos estudos sobre o luto. Ainda que não diretamente, a escatologia tem como panos de fundo a esperança (como foi enfatizado por Moltmann) e o futuro. A ideia do futuro parece remeter o ser humano a um repensar a existência que traz à tona o presente e o passado; sua história de vida e de sua fé. É importante ressaltar também que o tema da escatologia na teologia cristã desbanca a tendência à privatização da fé, enfatizando sua dimensão pública.[34]

Moltmann lança uma pergunta significativa à luz do contexto que influenciou sua teologia: "O que posso esperar"? Em sua obra *Teologia da Esperança*, trata do tema da escatologia percorrendo uma perspectiva bíblica e de teólogos de renome, como Karl Barth e

---

[32]Há uma significativa pesquisa sobre a cristologia e sua relação com a dor e o sofrimento no livro *Do viver apático ao viver simpático* – Sofrimento e morte, de Edson Fernando de Almeida. Sua pesquisa é calcada no pensamento de Jürgen Moltmann, baseando-se no dogma cristológico e pascal. Além disso, Almeida dedica-se a tratar sobre o tema da morte, dor e sofrimento na atualidade e como os estudos da cristologia a partir de Moltmann podem iluminar o diálogo,a vivência e a esperança diante das situações-limites. ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**: sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006. 188 p. (Theologica ; 17).

[33]MOLTMANN, Jürgen. **O caminho de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1994. Edson Fernando de Almeida, no livro *Do viver apático ao viver simpático* – Sofrimento e morte (op.cit.), tem uma interpretação relevante sobre o Messias paradoxo na óptica do sofrimento humano-divino.

[34]O tema da privatização da fé é abordado rapidamente por João Batista Libâneo e Maria Clara Bingemer em *Escatologia Cristã*, a partir da teologia política de J. B. Metz. LIBÂNIO, João Batista; BINGEMER, Maria Clara Luccheti. **Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 302 p.

Rudolf Bultmann, mergulhando na discussão sobre revelação nos Antigo e Novo Testamentos e inserindo ainda temas como a história da salvação – esta envolvida na esperança.

> Portanto, a esperança só tem chance de alcançar uma existência com sentido quando a realidade mesma do mundo está em andamento e a história indica o campo aberto do possível. A esperança cristã só tem sentido se o mundo é mutável em direção àquilo que a esperança espera, aberto para aquilo a que ela tende; se está cheio de tudo o que é possível (a Deus) e aberto à Ressurreição dos mortos.[35]

O componente da fé acompanha essa releitura bíblico-teológica feita por Moltmann. No cerne de sua teologia, está o fato de que uma das dimensões missionárias relevantes diante da morte é o movimento de vida, consolo e restauração. Esse é o movimento da esperança, é o movimento da vida. Evoca os rituais que envolviam a transição para um novo momento da vida no futuro. Por isso, o tom da promessa envolve um estilo existencial de encarar o tema da escatologia e apresentar a discussão sobre o futuro da humanidade na correlação entre história divino-humana, humano-divina.

> As esperanças, os anelos e os desejos do homem, uma vez suscitados por promessas bem determinadas, chegam muito mais longe do que quaisquer cumprimentos imagináveis e experimentáveis. Aquele que foi uma vez atingido pelo sopro do futuro, por mais limitadas que tenham sido as promessas, será para sempre um inquieto, alguém que agita, pergunta, busca, para além de todas as experiências de cumprimento, pois elas têm, na sua boca, o ressaibo da amargura. O "ainda não" da esperança supera qualquer "já" de cumprimento. Por isso, qualquer realidade de cumprimento já verificada se torna explicação, confirmação e liberação de uma esperança ainda maior.[36]

Outra dimensão da esperança está na consciência de que vida e morte caminham juntas na concepção cristã. Evidentemente a vida é ressignificada pela esperança cristã, no seu aporte histórico, salvífico e na crença da ressurreição. A vida entregue à morte é possível mediante a capacidade de amar e externar a dor. A dor e o amor tipificam a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo.

> A esperança cristã no Deus que ressuscita os mortos e do nada cria o ser admite radicalmente a morte, com tudo o que ela tem de mortífero, isto é, em sua raiz, que afunda no *nihil* [nada]. Não é um fenômeno entre os outros, dos quais nenhuma atinge o eu. A vida não possui nenhum ponto de identidade

[35]MOLTMANN, Jürgen. **Teologia da Esperança:** Estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã**.** São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 111.
[36]Ibidem, p. 127.

> que a torne exterritorial ou imune à morte. Antes, a vida pode ser concebida como vida para a morte pela fé na ressurreição e a esperança naquele que cria a vida da morte. Existe uma identidade que se mantém por meio da contradição infinitamente qualitativa de morte e vida: é a identidade prometida na ressurreição. Mas ela não se encontra no ser humano, como se, em seu mais íntimo, a morte não o atingisse, mas para lá de morte e vida, no evento da promessa de Deus. Essa identidade é prometida e pode ser esperada no ponto de inflexão dialético que é a ressurreição do Cristo crucificado. Aí percebida e admitida, a vida pode entregar-se à morte, à dor da exteriorização e do amor, pode perder-se para assim precisamente se ganhar.[37]

Moltmann valoriza a experiência histórica de uma pessoa, de um povo. A escatologia ocorre na história e não fora dela. Essa experiência une-se à ênfase profética dada por Moltmann, que se move de lembranças da presença de Deus na história do povo e o novo que está por despontar adiante; é a salvação messiânica. A dimensão salvífica de Deus situa-se na fronteira entre a morte e o julgamento. Nesse sentido, Moltmann reafirma que Deus é dos vivos.

> Uma fronteira, entretanto, é mantida na mensagem profética: a morte. Enquanto a morte é sentida como termo natural da vida, Deus continua sendo o Deus dos vivos. Mas desde que a morte – pelo menos a morte prematura – é sentida como exclusão da vida plena e consumada pela promessa e, portanto, como efeito do julgamento, então se faz necessário que, a respeito dessa fronteira, se torne também explícita a esperança na superação do julgamento de Deus através de sua glória, criadora de vida. Por isso, à margem da mensagem profética, emerge a morte como aplicação do julgamento divino; e a salvação messiânica, em que o julgamento será superado, é apresentada como vitória sobre a morte. Javé continua sendo um Deus dos vivos.[38]

O Novo Testamento apreende o conceito de futuro à luz do evento Cristo e de seu enfrentamento da morte à luz da sua ressurreição. O que podemos afirmar é que o ápice da discussão sobre a morte e a esperança ocorre na retomada cristológica da promessa salvífica. Além disso, a pneumatologia moltmanniana afirma que "para o luto não encontramos um conceito, é o lamento que lhe dá uma expressão, de tal modo que as pessoas podem viver nele e com ele".[39] Outra temática que deve ser lembrada na escatologia moltmanniana é a do Reino de Deus, no qual há um convite à vida, à justiça, à inclusão. A missão daqueles que optam pela mensagem do Evangelho é viver a esperança entre as pessoas e, assim, lidar com o sofrimento de forma libertadora.

---

[37]Ibidem, p. 445.
[38]Ibidem, p. 158.
[39]MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida:** uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 33.

1.1.3 Luto e sofrimento

Dorothee Soelle nasceu na Alemanha no ano de 1929. Com um currículo vasto de conhecimento, dedicou-se a filologia clássica, filosofia, teologia e germanística. Seu campo de atuação foi reconhecido de forma significativa nas áreas teológica e literária. Era uma pessoa engajada nas questões sociais e políticas. O clássico livro que é o elo de seu pensamento com esta tese é *Sofrimento*. Soelle convida-nos a nos embrenhar no diálogo sobre o sofrimento na esfera teológica imbuídos de uma atitude de solidariedade. Questionamentos como "o que gera o sofrimento?" não são inquietações que buscam um bode expiatório na sociedade. Soelle critica o sofrimento dos inocentes. O sofrimento pode ser encarado como um processo de aprendizado na história de uma pessoa e também como consequência de injustiças na de outra pessoa. O que Soelle questiona é a "aceitação" passiva do sofrimento. Dessa maneira, inclui em sua teologia do sofrimento o tema da justiça.[40]

> Para muitos teólogos, o problema do sofrimento leva diretamente e de forma mais natural à questão da Teodicéia. Como um Deus bom poderia permitir tal dor? Soelle, em consonância com a política e os teólogos da libertação com os quais se identifica, direciona sua atenção teológica a questões a respeito da condição humana e da justiça. O que acontece com as pessoas em situações que são opressivas e que ameaçam o bem da existência, senão a própria vida? Soelle tem certamente tentado se afastar de uma preocupação excessiva em justificar o poder e a bondade de Deus com aqueles que são diretamente afetados pelos efeitos do sofrimento. O seu interesse teológico parece estar menos em perguntar "Por quê?" do que "Como?". Como os humanos lidam com o sofrimento, especialmente quando ele ameaça a vida humana e quando é causado por forças sociais e políticas?

O sofrimento não pode sobrepujar a vida. O sadismo, encontrado em algumas hermenêuticas cristãs, acolheu o sofrimento como instrumento divino para a educação na fé. Aí adentramos na concepção que temos de Deus, bem como na que consideramos que Deus

---

[40]"For many theologians, the problem of suffering leads directly and most naturally to the question of theodicy. How could a good God allow such pain? Soelle in concert with the political and liberation theologians with whom she identifies, directs her theological attention to questions about the human condition and about justice. What happens to people in situations that are oppressive and that threaten the goodness of existence, if not life itself? Soelle has rightly tried to move away from excessive concern with justifying God's power and goodness and toward the effects ad dynamics of suffering on those who are directly affected by it. Her theological interest seems to be less ins asking 'Why?' than 'How?'. How are humans to deal with suffering, especially when it threatens human life and meaning and when it is caused by social and political forces?". KESHGEGIAN. Flora. A. Witnessing Trauma: **Dorothee Soelle's Theology of Sufferring in a World of Victmization**. Harrisburg: Trinity Press International, 2003, p. 93. Esta obra é um compêndio da teologia de Dorothee Soelle: apresenta os últimos textos de Soelle, dentre os quais destacamos sua preocupação com a situação do mundo e sua ênfase na justiça como uma dimensão indispensável para um mundo diferente. As outras partes do livro evocam algumas facetas da teologia de Soelle como: novas formas de linguagem teológica, sofrimento e redenção, misticismo e teologia da libertação.

tem de nós. Deus seria um carrasco? Desse modo, Soelle tece uma crítica à conceituação do sofrimento masoquista. Outro braço da discussão trazida por Soelle é a apatia social diante do sofrimento. A negação do sofrimento é um sofrimento velado. Soelle afirmou: "Desejar para si mesmo uma vida sem dor significa desejar morrer."[41] Nesse sentido, encontramos um dos paradoxos do tema do sofrimento: a fuga da expressão dos sentimentos e a banalização da dor. Somos capazes, protegidos em nossa casa, de assistir ao sofrimento de milhares de pessoas, sem que isso nos comova.

> Pessoas há em nossa sociedade que consideram a dor uma fatalidade (de *fatum*). No entanto, o significado de toda a concepção cristã do sofrimento é precisamente a recusa de qualquer representação fatalista, pela qual o homem é reduzido a joguete de um destino inarredável. (...) Talvez em nenhuma época tenha sido tão comum como na sociedade altamente industrializada de hoje refugiar-se na apatia para escapar da dor. Nela se coisifica o sofrimento como fatalidade, dele só se logra fugir isoladamente. "Fatum" (fatalidade), destino, sorte, sina e variante conjugam-se.[42]

O culto à insensibilidade diante da dor está presente na apatia social descrita anteriormente. Assim, cria-se uma sociedade que "mata" a dor e fere a percepção da realidade. Procura-se não ver o que existe, na imaginação imatura que foge da realidade e que não cria condições de enfrentar a dor e o sofrimento. Soelle estabelece também o que denominou de fases do sofrimento: a fase do sofrimento mudo, a fase da queixa e a fase da mudança. São chamadas também de isolamento, expressão e solidariedade.[43] Nessa sistematização, Soelle incluiu duas dimensões da imagem de Deus: o Deus que silencia e o Deus que fala. A linguagem do sofrimento transcende a verbalização, envolve gestos que expressam a dor e questiona os fundamentos do sentido da vida. Evidentemente o sofrimento pode ser encarado nas esferas do físico, do psíquico e do social.

Há também a dimensão da aceitação do sofrimento advogada pela teologia mística na Idade Média. Soelle interpreta essa atitude não apenas como a postura de amor incondicional a uma causa – no caso cristão, a Deus – mas também como uma postura masoquista. Para aprofundar o debate entre sofrimento e aceitação, Soelle utilizou a narrativa bíblica sobre Jó.

---

[41]SOELLE, Dorothee. **Sofrimento**. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, Vozes, 1996, p. 47.

[42]Ibidem, p.53.

[43]PINNOCK, Sarah K. **A Postmodern Response to Suffering after Auschwitz**. Harrisburg: Trinity Press International, 2003, p. 132. Pinnock faz uma interpretação das fases do sofrimento aventadas por Soelle no contexto de um dos maiores ícones do sofrimento humano mundial: Auschwitz.

> Caberia perguntar se o cristianismo postula efetivamente essa "aprendizagem a partir do sofrimento". Não tem sido sua resposta invariavelmente direcionada à pura submissão, a exemplo do que é ainda hoje exigido pelos amigos de Jó? A submissão ao sofrimento pessoalmente experimentado tem por sequela a insensibilidade no contexto da apatia social face ao sofrimento alheio. O cristianismo atual configura em grande parte uma religião livre de sofrimento, num mundo concebido como isento das agruras da dor. Veio a ser a religião dos ricos e dos sábios das nações industrializadas, sendo que seu Deus é um ente brando e apático. O sofrimento nessa religião ficou reduzido à instância particular, sem interesse coletivo, porquanto os grandes sofrimentos, sobre os quais as referidas nações erigem o seu bem-estar, situam-se a grande distância de nossa percepção imediata. Ao mesmo tempo, tais sofrimentos, situados longe de nosso alcance visual, são facilmente enquadráveis em grandes referências que nada tenham a ver conosco, como a explosão populacional, a industrialização e o subdesenvolvimento.[44]

Soelle destaca o fato de que, nas lutas populares, o sofrimento advém de uma luta contra o próprio sofrimento do povo e, portanto, está imbuído da busca de um bem-estar da comunidade. Faz uma correlação com os sofrimentos vivenciados por Cristo, que demonstra uma nova maneira de considerar as pessoas fracas e oprimidas em nossa sociedade. A prioridade do Reino de Deus é o fraco. Poderíamos resumir afirmando que o sofrimento é uma condição humana que pode ser encarada passivamente ou não, como espaço de aprendizado ou de paralisação no viver, com infinitas perguntas teológicas ou com o silêncio que pergunta sem som. A força advinda do sofrimento é fruto de gestos solidários que espalham sementes de esperança em meio à dor.

É importante salientar que a teologia de Soelle ultrapassou as fronteiras das discussões políticas e sociais sobre o sofrimento humano. Sua interlocução com a teologia latino-americana esteve presente em seus escritos, principalmente pela teologia da libertação na óptica feminista. Além disso, encontramos alguns espaços em sua teologia dedicados ao tema da morte. A obra *O mistério da morte* foi um dos seus últimos escritos, na qual refletiu sobre o próprio processo de morrer. A concepção de Soelle sobre a morte envolve os medos, o questionamento da morte como o último inimigo, as mulheres e a morte, a mística da morte, o amor e Deus, a casa e o cosmos.

Uma das concepções teológicas de Soelle sobre a morte é seu vínculo com os ritmos da vida. Lembra o Capítulo 3 do Livro de Eclesiastes. Porém, a interlocução de Soelle é com a teologia da criação e concepção de que Deus criou o mundo com um ritmo – dia e noite, verão e inverno, juventude e velhice.

---

[44]Idem, p. 134.

> Dentre as consequências mais importantes que um relacionamento pode acarretar, está a aceitação da finitude da vida e de seu ritmo natural No centro de uma relação diferente, não-antropocêntrica com a vida, deve haver uma reflexão multifacetada a respeito da morte, como fizeram as mulheres latino-americanas. A espiritualidade que é buscada nesse relacionamento é uma das mudanças fundamentais de que precisamos. Aceitar a finitude da vida e a transitoriedade do eu nos relaciona com todos os outros seres vivos como irmãos e irmãs. É assim que nós podemos aprender a ter uma razão para cantar: "Cada parte dessa terra é sagrada para o meu povo". Até o cemitério.[45]

Soelle deixa evidente que a morte é uma dimensão natural da vida. Com a reflexão sobre os direitos em vida, inclui também todas as dimensões ligadas a ela. Soelle afirma que a morte é uma educadora do amor e da vida. Na reflexão sobre a morte, compreende-se de forma mais profunda a presença de Deus em nossa finitude.

Uma das reflexões teológicas mais provocantes de Soelle situa-se no diálogo entre vazio existencial e morte. É importante lembrar que seu contexto é europeu e ela teologiza a partir de seu cenário vivencial. Com um olhar crítico para as políticas desumanizadoras, Soelle expõe uma das marcas mais profundas do continente europeu como fruto de guerras e falta de sentido nas ações humanas.

> Os seres humanos não vivem só de pão. Na verdade, somente do pão, nós morremos, uma onipresente e terrível morte: a morte pela mutilação, a morte pela sufocação, a morte de todos os relacionamentos. Ter apenas do pão nos garante o tipo de morte em que podemos continuar a vegetar por um tempo porque a máquina ainda está funcionando, a morte terrível pela falta de conexão: continuamos a respirar, continuamos a consumir, a eliminar, fazemos as coisas acontecerem, produzimos, até balbuciamos palavras, e, no entanto, não estamos vivos.[46]

Diante do vazio existencial que perseguiu muitas pessoas no contexto europeu da época e, principalmente, diante das atrocidades cometidas por humanos contra humanos, a autora questiona sobre o que fazer diante da realidade da morte. Soelle colocou em pauta o

---

[45] "Among the most important forms that relationship takes is to accept the finitude of life and to consent to its natural rhythm. At the heart of a different, nonanthropocentric relation to life must be multifaceted reflection on death such as that contributed by Latin American women. The spirituality that is sought in this relationship is one of the fundamental changes we need. Accepting the finitude of life and the transitoriness of the I relate us to all other living and users into brothers and sisters. That is how we can learn to have of a reason to sing, 'Every part of this earth is holy for my people'. Even the cemetery." SOELLE, Dorothee. **The Mystery of Death.** Minneapolis: Fortress Press, 2007, p. 50.

[46] "Human beings do not live by bread alone. In fact, we die from bread alone, an omnipresent, terrible death. Death by bread alone is the death by mutilation, death by suffocation, the death of all relationships. Bread alone guarantees the kind of death where we can continue to vegetate for a while because the machine is still running, the terrible death by lack of connection: we continue to breathe, keep on consuming, we eliminate, we get things done, we produce, we still mutter words, and yet we are not alive." Ibidem, p.118.

cuidado pastoral em ocasiões em que ocorre a transição da vida para a morte e as palavras podem calar. Esse cuidado toca na dimensão histórica da vida humana, ou seja, em seu cotidiano e o desafio do cuidado pastoral está em considerar todos os lados de um momento de transição. São mudanças de estação nas quais ter uma companhia pode nos ajudar a atravessar as fronteiras em direção a mais uma etapa da vida.

> Toda transição de vida tem uma dupla perspectiva: a de olhar para trás e a de olhar para frente. Será tarefa da terapia e do aconselhamento pastoral guiar a visão voltada ao passado para uma visão voltada para o futuro? Eu não sei como responder a essa pergunta; o que é importante para mim é preservar ambas as direções. Há uma polaridade entre o comprometimento e a liberdade, entre dizer adeus e partir, entre o processo de rompimento e toda a sua dor, e que Rilke evoca no Décimo Segundo Soneto com a frase: "Desejem a transformação. Sejam inspirados pela flama ardente".[47]

Nas perspectivas teológicas que traçamos sobre a realidade da morte, da finitude, do sofrimento, da esperança, encontramos avenidas importantes pelas quais podemos trafegar para lidar com o fenômeno do luto. Sabemos que tais avenidas nos remetem a outros caminhos que podem oferecer amparo e ampliar nossos horizontes de percepção no processo do conhecimento. Um desses fulcros pode ser a perspectiva do luto pela psicologia.

1.2 O processo do luto: enfoques psicológicos

O enfoque psicológico do luto será tratado pela interlocução com alguns referenciais que consideramos relevantes nesta pesquisa. O objetivo não é aprofundar exaustivamente cada um deles, mas apresentar de forma geral a interpretação do pensamento desses autores sobre o luto.

1.2.1 Luto: a contribuição do pensamento de Sigmund Freud

Freud tratou do luto em várias de suas obras. Não podemos dizer, entretanto, que ele tenha mergulhado a fundo no assunto. É auspicioso afirmar que o luto é uma espécie de tema

[47] "Every life transition has a double perspective: looking back and looking forward. Is it the task of therapy and pastoral care to guide one's view toward the past into a view toward the future? I do not know how to answer this question; what is important to me is to me is to preserve both directions. There exists a polarity between commitment and freedom, between saying good-bye and departing, between the process of breaking off, with all its pain, and what Rilke conjures up in the Twekfth Sonnet with the line: 'Will the transformation. Be inspired by burning flame'". Ibidem, p. 69

transversal na obra de Freud. Seu vínculo com temas como ansiedade, religião, infância e melancolia são correlações importantes para compreender o pensamento dele sobre o luto.

Percebe-se em Freud uma relação muito estreita entre o luto e a ansiedade, já que ela corresponde a uma das primeiras reações ao luto, melhor dizendo, à perda do objeto. Freud tentou esmiuçar essa relação indagando sobre o vínculo entre ansiedade, luto e dor por ocasião da separação do objeto. Para ele, a felicidade e o amor estão ligados à tensão entre vínculo e perda do objeto amado. Portanto, há uma aproximação também com o tema do sofrimento, que tem sua dimensão pública e privada:

> O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez seja mais penoso do que qualquer outro.[48]

Esse sofrimento está relacionado de certa forma ao desamparo vivenciado pelo ser humano, aliado a um suporte religioso que impõe regras morais, às vezes duríssimas. A busca do amparo na religião vem acompanhada pela hermenêutica bíblica do amor ao próximo. Freud demonstrou certa raiva na alusão ao primeiro mandamento: "Na verdade, se aquele imponente mandamento dissesse 'Ama a teu próximo como este te ama', eu não lhe faria objeções."[49] Assim, Freud teceu um pano de fundo para os estudos do luto aliado ao sofrimento.

Um dos textos mais conhecidos de Freud que tratou especificamente sobre o luto é *Luto e Melancolia*[50], no qual fez distinções e aproximações entre as duas expressões. Porém, parece que sua preocupação essencial estava mais centrada na melancolia do que no luto em si. As conceituações permearam dois aspectos: o luto e a melancolia. De acordo com Freud, o luto é "a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante"[51]. Em si mesmo não era considerado uma patologia por Freud. A melancolia, por sua vez, é um

---

[48]FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**: O mal-estar da civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1974, Vol. XXI, p. 95.
[49]Ibidem, p. 132.
[50]O texto Luto e Melancolia, encontra-se em: FREUD, Sigmund**. A história do movimento psicanalítico**; artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996, Vol. XIV, p. 249.
[51]FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico:** artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996, Vol. XIV, p. 249.

> [...] desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em autorrecriminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição.[52]

No caso do luto, a perda do "objeto amado" faz com que haja um movimento compensatório em relação a esse objeto. Para isso, o ego despende muita energia até ficar "livre" da sensação de desprazer causada pelo luto.

> O luto profundo, a reação à perda de alguém, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo – na medida em que esse não evoca esse alguém –, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele. É fácil constatar que essa inibição e circunscrição do ego é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses. E, realmente, só porque sabemos explicá-la tão bem é que essa atitude não nos parece patológica. [53]

Em relação à melancolia, a perda torna-se dolorosa não pelo fato de saber quem a pessoa perdeu, mas o que perdeu através dessa pessoa. Portanto, há um empobrecimento do ego e uma redução da autoestima. Na melancolia, as recriminações feitas ao "objeto amado" voltam-se para o ego da própria pessoa; amor e ódio se digladiam.

> É inconcebível que a vida seja apenas uma preparação para a morte. As pulsões sexuais provam que realmente não pode ser assim: elas são as servas da vida. No mínimo, prolongam o caminho até a morte; no máximo, lutam por uma espécie de imortalidade. A mente, portanto, é um campo de batalha. Estabelecido esse enunciado, para sua satisfação, Freud se embrenhou no emaranhado da biologia especulativa moderna, e mesmo na filosofia, à procura de evidências comprobatórias.[54]

O sentimento de culpa, tema amplo e complexo estudado por Freud, também está relacionado ao luto. Como sabemos, a culpa está estritamente atrelada ao contexto religioso. Freud interpretou tal sentimento como associado à busca da felicidade. Evidentemente não é nossa intenção esmiuçá-lo, mas pontuar sua importância nos estudos do luto no contexto religioso.

Outro aspecto associado ao luto, nos estudos de Freud, é o Tabu. Em sua obra *Totem e Tabu*, o estudioso teceu uma "antropologia psíquica" ligada principalmente aos princípios

---

[52]Ibidem, p. 250.
[53]Idem. [grifo do Autor]
[54]GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 368.

morais, familiares e de convivência humana no contexto dos povos primitivos. Os tabus foram construídos para uma organização social e psíquica dos relacionamentos; eles evocam ambivalências emocionais que fazem com que, por exemplo, diante de uma ultrapassagem dos limites estabelecidos por um grupo, nasça um ato obsessivo. Ora, essa atitude está diretamente vinculada aos rituais religiosos que, de certa forma, aliviam a culpa da "quebra" do tabu. As proibições de tocar os mortos e falar sobre eles são tabus que expressam o medo de burlar um limite.

> O luto tem uma missão psíquica muito específica a efetuar; sua função é desligar dos mortos as lembranças e as esperanças dos sobreviventes. Quando isto é conseguido, o sofrimento diminui e, com ele, o remorso e as autocensuras e, consequentemente, também o medo dos demônios. E os mesmos espíritos que inicialmente foram temidos como demônios podem agora esperar encontrar um tratamento mais amistoso; são reverenciados como ancestrais e lhes são dirigidos apelos em busca de ajuda.[55]

Os estudos de Freud que permearam o tema do luto tocaram também no que denominamos hoje de busca do sentido da vida. Tal tema está ligado diretamente ao amparo recebido desde a infância e que deve deixar uma matriz que ofereça suporte às pessoas no decorrer de suas vidas. O processo do luto precisa, portanto, de um "treino" infantil e que amadurece com a vida e com o saber lidar com frustrações e perdas ao longo do ciclo vital. A *Weltanschanuung* (visão de mundo, expressão muito utilizada por Freud) inclui a busca pelo sentido da vida.

1.2.2 Luto: uma crise de despedida

Os estudos de Elizabeth Kübler-Ross nos oferecem um convite: conhecer os meandros do processo de morrer. Kübler-Ross nasceu na Suíça em 1926. Formada em medicina, mudou-se para os Estados Unidos acompanhando o marido. Desde a infância interessou-se pela arte do cuidado em meio às perdas. Com ampla experiência em hospitais, começou, em 1960, sua pesquisa sobre a morte e o morrer. Atendia aos pedidos de quatro estudantes do Seminário Teológico de Chicago, que solicitaram sua ajuda para compreender as crises da vida humana, dentre as quais a maior seria a morte.

---

[55] FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda. 1974, Vol. XIII p. 87.

A partir desses seminários e das pesquisas sobre o processo do morrer, Kübler-Ross sistematizou esse momento por meio dos estágios do luto, tanto para quem está na fase terminal da vida como para aqueles que estão sofrendo a perda de alguém para a morte. São eles:

Primeiro estágio: negação e isolamento

O primeiro estágio é a experiência da recusa daquilo que está acontecendo consigo mesmo. A negação pode seguir-se ao choque inicial. Evidentemente é um mecanismo de defesa da pessoa diante do limite da vida. "Em suma, a primeira reação do paciente pode ser um estado temporário de choque do qual se recupera gradualmente. Quando termina a sensação inicial de torpor e ele se recompõe, é comum no homem esta reação: 'Não, não pode ser comigo'."[56] As atitudes diante da negação absorvem a pessoa e podem incluir momentos de quase completa fuga da realidade.

Segundo estágio: raiva

O estágio da raiva expressa a impotência e a falta de controle para lidar com a situação. "Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento. Surge a pergunta: 'Por que eu?'."[57]

A exposição sob a forma de raiva pode ser dirigida contra a equipe de saúde, a família, o clérigo, contra Deus, contra si mesmo e até mesmo contra a pessoa que morreu; por isso, nesse estágio é essencial a compreensão dessa expressão de raiva que vem do paciente: "Temos de aprender a ouvir os nossos pacientes e até, às vezes, a suportar alguma raiva irracional, sabendo que o alívio proveniente do fato de tê-la externado contribuirá para melhor aceitar as horas finais."[58] A raiva é uma etapa do contato íntimo com a dor da perda.

Terceiro estágio: barganha

O terceiro estágio é uma espécie de acordo do paciente com pessoas que significam segurança ou proteção. Geralmente as barganhas são feitas com Deus ou com quem representa uma âncora existencial. Elas estão ligadas a um sentimento de culpa. A culpa é a companhia da barganha. É uma dívida afetiva com alguém ou um comportamento realizado

[56]KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Martins Fontes: 2000, p. 47.
[57]Ibidem, p. 55.
[58]Ibidem, p. 59.

pelo paciente no passado e "não aceitável" socialmente e que, no seu inconsciente, pode ter desencadeado a enfermidade. Segundo Kübler-Ross, a barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento; inclui um prêmio oferecido "por bom comportamento", estabelece também uma "meta" autoimposta e uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido.

No estágio da barganha, lembramos nossa capacidade de lidar com a perda por meio da crença de que se pode restaurar a ordem do caos existencial que foi instalado. Na barganha temos a oportunidade de olhar para o futuro!

Quarto estágio: depressão

Essa fase é marcada por grande sensação de perda. A percepção da perda de si mesmo é mais presente do que em estágios anteriores. Kübler-Ross apresenta dois tipos de depressão: "Se eu tentasse diferenciar estes dois tipos de depressões, classificaria a primeira como uma depressão reativa e a segunda como uma depressão preparatória."[59] A família precisa de acompanhamento no sentido de orientá-la a deixar o paciente expressar os sentimentos de perda.

Quinto estágio: aceitação

O estágio da aceitação advém quando cessam as possibilidades de tratamento e a morte se torna mais próxima. Kübler-Ross afirma que "é como se a dor tivesse esvaecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do repouso derradeiro antes da longa viagem."[60] É também o período em que a família geralmente carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente. Esse estágio não significa que está tudo bem e resolvido na vida do enlutado, porém há um reconhecimento de que a realidade da perda é irreversível. Geralmente a pessoa enlutada começa a se mover, a rever e a se abrir a novos relacionamentos (não necessariamente amorosos, mesmo que seja o caso de perda do cônjuge).

É relevante destacar que Klüber-Ross fez distinções dos estágios do luto, dependendo da situação em que o doente se encontra. Por exemplo, se esse está em estágio terminal de

[59]Ibidem, p. 92.
[60]Ibidem, p. 118.

vida, a negação (primeiro estágio) pode ser vivenciada de forma muito diferente, dependendo dos laços afetivos que unem o moribundo ao enlutado. [61]

Kübler-Ross deixou-nos como legado a compreensão de que o processo de morrer vai além de estágios, visto que se relaciona também à maneira como podemos ou não ser acompanhados no processo de despedida da vida.

> No entanto, se a pessoa tem outro ser humano que se importa com ela, pode atingir um estágio de aceitação. Mas esse processo não é apenas típico daqueles que estão morrendo; na verdade, não tem nada a ver com a morte. Nós só o chamamos de "estágios da morte" por falta de uma expressão melhor. Se uma pessoa perde um namorado ou uma namorada, ou se perde o emprego, ou se for transferido da casa onde morou durante cinquenta anos para a casa de repouso, e mesmo que apenas perca um periquito ou suas lentes de contato, pode passar pelos mesmos estágios da morte.[62]

Conflitos morais podem transformar-se em vitrines de angústias mais profundas do ser humano, desencadeadas pelo medo de morrer sem "completar" o ciclo da vida. Como exemplo, Kübler-Ross apresentou casos de "resistência" a determinado tipo de tratamento motivados por valores religiosos. Destaca-se também o seu intenso acompanhamento a crianças que se defrontam com a morte. Por meio dos desenhos das crianças, Kübler-Ross estabeleceu com elas um diálogo a respeito do processo que estavam atravessando. Algumas contribuições podem ser destacadas de seu trabalho:

- Compreensão do modo como as crianças enfrentam a morte;
- Orientações para o diálogo com pacientes terminais;
- Observação dos pacientes gravemente enfermos (reações, necessidades, comportamentos dos cuidadores);
- Convite a um paciente para participar de entrevista, gravada com a autorização do médico e, principalmente, do próprio paciente, esclarecendo a finalidade e o objetivo dela;
- Discussão sobre a entrevista com os participantes do seminário;
- Sigilo dos nomes e da identidade dos pacientes na elaboração dos trabalhos no final do seminário;
- Presença do conforto verbal e não verbal, por palavras e gestos;

---

[61]O livro On Grief and Grieving, de Elisabeth Kübler-Ross, apresenta concepções mais amplas sobre os estágios do luto relacionados a situações diferenciadas de perdas. KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **On Grief and Grieving**: finding the meaning of grief through the five stages of loss. New York: Scribner, 2005. 235p.

[62]KUBLER-ROSS, Elisabeth. **O Túnel e a Luz**: reflexões essenciais sobre a vida e a morte. Campinas: Verus, 2003, p. 52.

- Trabalho de equipe interdisciplinar;
- Orientação sobre o diálogo entre os membros da família a respeito do processo de morrer;
- Estímulo às pessoas para falar sobre o processo de morrer;
- Presença de familiares, religiosos e amigos com a pessoa que está enfrentando o processo de morrer;
- Comunicação no processo de morrer (o uso da linguagem simbólica, como por exemplo, desenhos).

Para lidar com tantas situações adversas, Kübler-Ross enfatizou a necessidade da expressão de emoções tais como raiva, tristeza, medo, visto que sua experiência indicava que a não externalização da raiva causava um sofrimento ainda maior às pessoas. É importante destacar também que acompanhar as pessoas no processo de morrer levou Kübler-Ross a refletir sobre as crises existenciais, os conflitos com a medicina e a possibilidade da criação de equipes multidisciplinares para o cuidado com pacientes em processo de morrer. Como ressaltou, "havia muito o que aprender sobre a vida escutando os pacientes terminais."[63]

Kübler-Ross contribuiu de forma significativa para a emergência de uma nova maneira de encarar a morte a partir do universo da medicina. É importante perceber essa dimensão porque, como cientista, sua forma de estudar o fenômeno da morte produziu muitos desdobramentos em outras áreas do cuidado humano, como a psicologia e a teologia.

> Morrer é parte integral da vida, tão natural e previsível quanto nascer. Mas enquanto o nascimento é motivo de celebrações, a morte tornou-se um assunto aterrorizante, do qual não se pode falar, evitado de toda forma possível em nossa sociedade moderna. Talvez porque a morte nos faça lembrar que podemos atrasá-la, mas não escapar dela. Nós, tanto quanto os seres irracionais, estamos destinados a morrer no final de nossas vidas. E a morte nos afeta indiscriminadamente – não se preocupa com *status* ou com a posição ocupada por aqueles que são escolhidos; todos irão morrer, sejam ricos ou pobres, famosos ou comuns. Até mesmo as boas ações não irão salvar quem as faz da sentença de morte; os bons morrem tanto quanto os maus. Talvez seja essa qualidade de ser inevitável e imprevisível que torne a morte tão temida para muitas pessoas. Especialmente aqueles que agregam um valor alto ao fato de estarem no comando de suas vidas devem se sentir mais ofendidos em pensar que também estão sujeitos às forças da morte.[64]

---

[63] KÜBLER-ROSS, Elisabeth**. A Roda da Vida**: Memória do Viver e do Morrer. São Paulo: Sextante, 1998, p. 145.

[64] "Dying is an integral part of life, as natural and predictable as being Born. But whereas birth is cause for celebration, death has become a dreaded and unspeakable issue to be avoided by every means possible in our modern society. Perhaps it is that death reminds us of our many be able to delay it, but we cannot escape it. We, no less than other, nonrational animals, are destined to die at the end of our lives. And death strikes indiscriminately – it cares no at all for the status or position of the ones it chooses; everyone must die, whether rich or poor, famous or unknown. Even good deeds will not excuse their doers from sentence of death; the good die as often as the bad. It is perhaps this inevitable and unpredictable quality that makes death

Kübler-Ross deixou-nos um legado importante para a reflexão sobre a existência humana. A morte horizontaliza nossa visão do ser humano. A perspectiva socioeconômica não é mais a definição única de quem é o ser humano, mas sim, como procurou desfrutar da vida. As últimas pesquisas de Kübler-Ross permearam as experiências da quase-morte e da vida após a morte e trouxeram grande inquietação no mundo científico, que recebeu com imenso ceticismo suas afirmações. A estudiosa transmitia muita coragem e paixão pelo que fazia, além de apresentar desprendimento em prol do que mais acreditava, a vida. Por isso, sua dedicação à medicina e ao cuidado com as pessoas expressavam claramente que viveu intensamente.

1.2.3 O luto e os vínculos afetivos

Quando falamos de luto, falamos também dos laços afetivos que construímos desde o início da vida. Essa afirmação parte do trabalho de John Bowlby, psicólogo inglês. Suas pesquisas vincularam-se prioritariamente ao mundo da criança e ao apego a seus cuidadores. A Teoria do Apego, assim denominada por Bowlby, possibilita um conhecimento sobre como as pessoas vivenciam seus relacionamentos afetivos desde a infância. Psicanalista, ele dedicou os estudos ao luto infantil e sua relação com o desenvolvimento humano. Sua trilogia – Apego, Separação e Perda – evidencia esse lastro de sua pesquisa de forma ampla. Para Bowlby, há uma relação muito próxima entre a perda dos cuidados na infância e o desenvolvimento da personalidade.[65] Afirma que há uma correlação da perda na infãncia com doenças psiquiátricas na fase adulta. Em linhas gerais, as fases explicitadas por Bowlby envolvem protesto, desespero e negação. Apesar de ter sistematizado essas etapas a partir de seus estudos com crianças, faz uma aproximação com todas as formas de luto. A discussão sobre essas etapas adentra no que ele denominou de luto patológico:

> O exame dos elementos de demonstração sugere que uma das principais características do luto patológico é a incapacidade para expressar abertamente esses impulsos para reaver e recriminar a pessoa perdida, com toda a saudade do desertor e toda a raiva contra ele que esses impulsos implicam. Em vez de sua expressão aberta que, apesar de ser tempestuosa e estéril, leva a um resultado saudável, os impulsos de recuperação e

---

so frightening to many people. Especially those who put a high value on being in control of their own existence are offended by the thought that they, too are subject to the forces of death". KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Death:** the final stage of growth. New York, Touchstone, 1986, p. 5.[A tradução para o português foi feita por Daniele Alexandroni Prado.]

[65]Dentre as consequências na personalidade, destacam-se o caráter delinquente, estados de ansiedade e tendência à depressão.

> recriminação, com toda a sua ambivalência de sentimentos, cindem-se e são reprimidos. Daí em diante, continuam como sistemas ativos na personalidade mas, incapazes de encontrar uma expressão direta e manifesta, passam a influenciar os sentimentos e o comportamento de um modo estranho e distorcido. Daí as numerosas formas de perturbação de caráter e doença neurótica.[66]

A teoria dos vínculos afetivos aproxima-se da busca de segurança e alegria, próprias do ser humano. O vínculo dialoga também com a capacidade de lidar com as frustrações e separações ocorridas desde a infância. Vínculos desfeitos na infância são os fundamentos das reações a lutos futuros. Bowlby[67] organizou as fases do luto na vida adulta da seguinte forma:

> 1. Fase de torpor ou aturdimento, que usualmente dura algumas horas a uma semana e pode ser interrompida por acessos de consternação e (ou) raiva extremamente intensas.
> 2. Fase da saudade e busca da figura perdida, que dura alguns meses e, com frequência, vários anos.
> 3. Fase da desorganização e desespero.
> 4. Fase de maior ou menor grau de reorganização.

A primeira fase – de torpor – caracteriza-se por um choque físico e emocional diante da notícia da perda. Algumas pessoas têm inicialmente reações de calma, sem expressão dos sentimentos, para depois se encontrarem em outro extremo, com agitação e pranto. A fase da saudade é aquela na qual o enlutado busca a figura perdida e é capaz de confundir sons e, sinais, que interpreta como o retorno da pessoa que morreu. Essa etapa da vivência do luto também é demarcada pela exposição do choro e da raiva associados aos impulsos de busca da pessoa morta.

Nas fases da desorganização e desespero e da reorganização, a oscilação explicita a característica fundamental. É uma busca de novos parâmetros de vida para se reorganizar. Há uma espécie de redefinição do eu. A identidade busca uma remodelação e a pessoa descobre novos hábitos para o novo momento que está atravessando. Essa fase lembra que o luto promove o lidar com o que é desconhecido. Geralmente o desconhecido envolve medo e expectativa. A solidão torna-se um dos grandes "vilões" para a vivência do luto nesse momento. A reintegração social torna-se um alvo muito presente**.**

Essas etapas do processo do luto oferecem uma explanação geral sobre o fenômeno. Outros estudos realizados por Bowlby envolveram correlações entre o luto e as perdas de filhos, de pais, bem como a relação entre o luto e certos tipos de morte como suicídio, morte

---

[66]BOWLBY, John. **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes, 2006, p. 78.
[67]BOWLBY, John. **Perda, Tristeza e Depressão**. São Paulo, Martins Fontes, 1985, p. 87

por doença repentina, morte violenta, morte por acidente. Fatores como idade, identidade, gênero, personalidade do enlutado, situação socioeconômica e crenças incluem-se nos estudos do autor sobre o luto.

Colin Murray Parkes[68], psiquiatra inglês que trabalhou com Bowlby, deu continuidade a seu pensamento e pesquisa sobre o luto. Focou o tema na vida adulta e tem contribuído consideravelmente com os *hospices*[69]. Sua atenção está voltada com maior ênfase ao desenvolvimento psíquico e sua relação com o trauma, além de ter ampliado a relação da diversidade cultural com perdas humanas. Em sua pesquisa sobre o luto, Parkes defende a ideia de que há equívocos na compreensão do fenômeno. Sobre as fases do luto, afirma: "aqui se inclui o conceito de 'fases do luto', que tem sido amplamente mal-interpretado e tratado como se fosse uma sequência fixa pela qual toda pessoa enlutada precisa passar para se recuperar da perda."[70]

O psiquiatra apresenta um horizonte mais amplo para as pesquisas sobre o luto. É importante ressaltar que ele não vê o luto como uma doença mental, mas como uma reação – com níveis diferentes – diante de uma perda. Ao interpretar o luto como um processo, Parkes insere na pesquisa relações entre o luto, o estigma social e a privação (ausência). A desconsideração do luto pela sociedade é uma constatação que tem impelido o pesquisador à busca de alternativas sociais e à valorização das instituições no oferecimento de suporte às pessoas enlutadas. Em suas pesquisas, Parkes estabelece correlações entre luto e índice de mortalidade de enlutados. Valoriza toda intervenção que abra novos caminhos de reintegração social ao enlutado, ao mesmo tempo em que critica algumas atitudes institucionais que desconhecem o processo do luto. As fases do luto definidas por ele são: do coração partido, do alarme, da procura, do alívio. A dor do luto perpassa essas fases e pode tornar-se pública atingindo instâncias não somente físicas e emocionais, mas também existenciais. Esse cenário do enlutamento pode ser visualizado por meio dos seguintes comportamentos[71]:

1. Alarme, tensão e estado de vigília;
2. Movimentação inquieta;
3. Preocupação com pensamentos sobre a pessoa perdida;
4. Desenvolvimento de um conjunto perceptivo para aquela pessoa;
5. Perda de interesse na aparência pessoal e em outros assuntos que normalmente ocupariam sua atenção;

[68]Parkes tem um de seus livros – **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta –, traduzido para o português.
[69]É uma casa que acolhe pessoas cujo diagnóstico de morte iminente é irreversível. Nesse lugar recebem cuidados paliativos e todo apoio psíquico e de convivência para um bem-estar no processo do morrer.
[70]PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998, p. 15.
[71]Ibidem, p. 69.

6. Direção da atenção para aquelas partes do ambiente nas quais a pessoa perdida poderia estar; e
7. Chamar pela pessoa perdida.

Percebe-se que a pessoa trava uma luta interna para lidar com a ausência. A despedida e o recomeçar ou retomar a vida no seu curso são uma tarefa que para algumas pessoas tem um custo altíssimo. A continuidade da vida pessoal, familiar, profissional e social envolve o estímulo e, ao mesmo tempo, a desmotivação para viver. Como muitos estudiosos do luto, Parkes reafirma a importância de espaços de expressão do luto que sejam vistos com naturalidade pela sociedade.

> Crenças e rituais que oferecem uma explicação para a morte e apoio social para a expressão do pesar deveriam reduzir a confusão sentida pelos recém-enlutados e, até mesmo, ter valor psicológico em ajudá-los a expressar sua dor. Como já foi observado, Gorer lamentou o declínio na prática de rituais de luto, hoje, e credita a isso a responsabilidade por muitos problemas de saúde mental de pessoas enlutadas. Em meu próprio trabalho, obtenho a ideia de que aqueles que não conseguem expressar sofrimento nas duas primeiras semanas após a perda tenderão a apresentar mais perturbações do que os que fizeram o contrário.[72]

Parkes vem somando esforços para colocar o luto no patamar das prioridades no mundo da saúde. Além disso, tem estimulado trocas entre culturas diferentes sobre o enfretamento do luto visando ao aprimoramento de intervenções no processo do luto.

Maria Helena Pereira Franco, pesquisadora brasileira, tem dado continuidade aos estudos de Parkes no Brasil. Um dos temas trabalhados por ela destaca a morte na família. O luto é visualizado como uma crise que atinge todo o grupo familiar direta e indiretamente.

> O luto é definido como uma crise porque ocorre um desequilíbrio entre a quantidade de ajustamento necessário de uma única vez e os recursos imediatamente disponíveis para lidar com eles. Ou seja: o impacto da morte provoca uma demanda sistêmica sobre a família, de ordem emocional e relacional, além daquilo que a família pode dar conta, sem que seja preciso recorrer à ajuda externa. A crise vem, portanto, da necessidade de continuar desempenhando os diversos papéis, com a sobrecarga do luto dos demais elementos da família, agravada pelas reações próprias do luto individual. A reorganização só poderá se dar, portanto, após a superação dessa crise que sozinha obstaculiza qualquer mudança. Para encarar a morte na família é necessário um rearranjo do sistema familiar e, como consequência, a construção de uma nova identidade, um novo nível de equilíbrio.[73]

---

[72]Idem, p.202.
[73]BROMBERG, et al. **Vida e Morte**: Laços da Existência. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996, 2ª edição, p. 104.

Maria Júlia Kovács[74], também pesquisadora brasileira, tem feito um levantamento significativo sobre a morte em vários matizes. Ela nos lembra de que a morte está presente no processo do desenvolvimento humano.

> A morte faz parte desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que esta não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada. Efetivamente, não é capaz de sobreviver sem a mãe. São, no entanto, breves momentos ou, às vezes, períodos mais longos, porém logo alguém aparece. Mas esta primeira impressão fica carimbada e marca uma das representações mais fortes de todos os tempos que é a morte como ausência, perda, separação, e a consequente vivência de aniquilação e desamparo.[75]

Nessa dimensão psicológica do luto, há uma percepção dele vinculada à existência humana. Há uma "historização" da concepção de morte no ser humano que paradoxalmente é uma pedagogia da vida. Ou seja, a morte nos ensina a viver, a perder e, talvez indiretamente, a lidar com a frustração e a desesperança; ela evoca também os sentidos que damos ao que nos propomos ser e fazer no decorrer de nossa história. Não é à toa que Kovács defende uma educação para a morte que, diga-se de passagem, é uma educação para a vida. Como Franco, Kovács tem aberto novas portas para o estudo do luto no Brasil.

A morte no século XXI é vista como tabu, interdita, vergonhosa; por outro lado, o grande desenvolvimento da medicina permitiu a cura de várias doenças e um prolongamento da vida. Entretanto, tal desenvolvimento pode levar a um impasse quando se trata de buscar a cura e salvar uma vida, com todo o empenho possível, num contexto de missão impossível: manter uma vida na qual a morte já está presente. Essa atitude de tentar preservar a vida a todo custo é responsável por um dos maiores temores do ser humano na atualidade, que é o de ter a sua vida mantida à custa de muito sofrimento solitário na UTI ou no quarto de hospital, tendo por companhia apenas tubos e máquinas.[76]

Kovács oferece também alguns caminhos para lidar com o tema da morte e do luto, por meio da educação para a morte, a qual envolve desde leigos até profissionais de saúde.

---

[74]Maria Júlia Kovács é um dos nomes mais respeitados nos estudos psicológicos sobre a morte no Brasil. Além da contribuição no amplo levantamento bibliográfico estampado em livros e artigos, ela tem aprofundado suas pesquisas em temas como Cuidados Paliativos e Bioética.

[75]KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 3.

[76]KOVÁCS, Maria Júlia. *Bioética nas questões de vida e da Morte*. São Paulo. **Psicologia/USP**. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. USP-IP, 2003. Vol. 1, n.1, p. 115-167.

> Negar a morte pode dar a ideia de força e controle, entretanto, uma perda seguida de precária ou "má" elaboração do luto – não se permitindo a expressão da tristeza e da dor – tem trazido graves consequências como a maior possibilidade de adoecimento. É por isso que a depressão é, atualmente, a doença que mais ocupa os profissionais da área de saúde mental. O luto mal elaborado está se tornando um problema de saúde pública, dado o grande número de pessoas que adoecem em função de uma excessiva carga de sofrimento sem possibilidade de elaboração. Esse mal também está afetando os profissionais de saúde que cuidam do sofrimento alheio e que, muitas vezes, não têm espaço para cuidar de sua própria dor, levando a seu adoecimento [...][77]

Como evidenciado por Kovács, é importante para a saúde pública que a elaboração do luto inclua um diálogo com a teologia e com a espiritualidade das pessoas. A pesquisadora destaca a tensão existente entre a consciência da finitude e a fé em Deus.

> É preciso que se perceba como o paciente entende, interpreta e vive a sua experiência de estar doente, como é tocado pela finitude e como relaciona isso com sua fé em Deus ou em outra figura de crença. Neste contexto aparecem muitas visões em relação à doença, tais como: castigo ou punição, teste, destino, fatalidade, expressão de fim, possibilidade de transformação da vida, entre outras expressões. Também podem surgir desapontamentos, sentimentos de abandono ou revolta em relação a Deus para aqueles que são religiosos. Outros podem aprofundar a sua fé. É necessária a tolerância, paciência, sensibilidade do cuidador espiritual. É preciso poder acolher sentimentos controversos, sem ter a necessidade de modificá-los imediatamente e, principalmente, não repreender ou censurar. Neste lugar o atendente espiritual não deve oferecer sermões ou penitências.[78]

O desafio em relação às vocações que lidam com o cuidado das pessoas é um tópico promissor para a compreensão do fenômeno do luto. São os cuidadores que vivenciam, juntamente com as pessoas que passam por perdas, os significados que são dados a um dos momentos mais ambíguos da vida: o luto.

1.3. Cuidado Pastoral: aspectos gerais

Quando nos remetemos à expressão "cuidado pastoral" observamos dois termos que se justapõem e que de fato são quase sinônimos. Quem cuida pastoreia e quem pastoreia cuida. Leonardo Boff tratou especificamente do primeiro vocábulo – cuidado – de forma

---

[77]KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte:** desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003, p. 24.
[78]PESSINI LÉO, Barchifontaine Christian de P. (org). **Buscar sentido e plenitude de vida**: Bioética, saúde e espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 157.

ampla, com detalhes etimológicos que evocam a riqueza de uma expressão que foi adotada por várias instâncias que envolvem o humano, entre eles o contexto eclesial. O teólogo fala de um cuidado que integra várias dimensões de nós mesmos, como a ecológica, a saúde pessoal e a do planeta. Com tons junguianos, admite a necessidade de recuperarmos uma dimensão perdida de nós mesmos, o lado da ternura, da cordialidade, da compaixão. Boff foi buscar subsídios para a compreensão da palavra cuidado em mitos, símbolos antigos e reflexões de pensadores que resguardaram a categoria do cuidado como parte essencial do ser humano.

> Mitos antigos e pensadores contemporâneos dos mais profundos nos ensinam que a essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado. O cuidado é, na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência. No cuidado se encontra o ethos fundamental do humano. Quer dizer, no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir. [79]

Boff traz também nuanças das filosofias da existência em sua busca pelo resgate da importância do cuidado[80]. Ele toca no cuidado da terra e dos relacionamentos e procura resgatar exemplos de atitudes concretas que fizeram diferença na sociedade em que vivemos. Reconhece que esses cuidadores são semeadores, na tarefa de todos nós – o cuidado mútuo:

> Cuidado significa então desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato. Como dizíamos, de um modo de ser mediante o qual a pessoa sai de si e centra-se no outro com desvelo e solicitude. Conhecemos nas línguas latinas a expressão "cura d'almas" para designar o sacerdote ou o pastor cuja missão reside em cuidar do bem espiritual das pessoas e acompanhá-las em sua trajetória religiosa. Tal diligência se faz com cuidado e *espirit de finesse*, como convém às coisas espirituais. [81]

Um destaque importante nas várias categorias de cuidado aventadas por Boff está no que ele denominou "Cuidado de nossa grande travessia, é internalizar uma compreensão esperançosa da morte"[82].

A expressão "cuidado pastoral" tem sido utilizada como uma espécie de atualização de ação pastoral integral. Cuidado pastoral também é interpretado como a vocação do cura

---

[79]BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 2003, p. 11.
[80]Boff apreende o pensamento do filósofo Martin Heidegger. Segundo Boff, esse filósofo defendia a ideia de que o cuidado é uma dimensão essencial do ser humano. Boff afirmou: "nas palavras de Martin Heidegger: 'cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico'. Traduzindo: um fenômeno que é base possibilitadora da existência humana enquanto humana.". Ibidem, p. 34.
[81]Ibidem, p.91.
[82]Ibidem, p.153.

d'almas.[83] O termo "cuidado" evoca uma dimensão afetiva em todas as relações que pode estabelecer. Sobre o aconselhamento pastoral, uma das facetas indispensáveis do cuidado pastoral, pode-se afirmar que as heranças recebidas, principalmente estadunidenses, focaram uma dimensão clínica e individual. Um dos caminhos para ampliarmos as intervenções no cuidado pastoral é a inclusão de rituais de despedida como espaço de consolo. Esses podem viabilizar novas atitudes pastorais no aconselhamento, que extrapolariam o modelo clínico.

O cuidado pastoral é definido como a prática da fé cristã por uma comunidade-igreja que atinge os relacionamentos interpessoais, promovendo a nutrição da fé entre seus membros. Portanto, trata-se de algo comunitário e que se dá por meio de interligações de várias áreas da igreja: educação, diaconia, aconselhamento, pregação, espiritualidade. Conforme Casiano Floristan: "por ação pastoral entendemos a totalidade da ação da Igreja e dos cristãos, a partir da práxis de Jesus, para a implantação do Reino de Deus na sociedade."[84]

Portanto, o cuidado pastoral não diz respeito somente ao pastor e pastora, mas à comunidade-pastora que busca uma prática do cuidado em todas as situações enfrentadas por seus membros. O que caracteriza o cuidado pastoral é uma prática conjunta das comunidades que procuram, mediante atitudes, cumprir os valores disseminados pelo grupo. É importante afirmar que o termo práxis se aplica nessa definição, já que abarca a reflexão e a prática. Nesse sentido, não há como falar de cuidado pastoral sem incluir os dois polos da mesma expressão. Segundo James Farris, que inclui o tema do cuidado pastoral na discussão sobre Teologia Prática, "Nesta compreensão de Teologia Prática, o cuidado pastoral e o aconselhamento têm sido identificados com o diálogo entre teologia e psicologia dentro do contexto da experiência humana."[85]

O aconselhamento focaliza indivíduos e grupos, promovendo o contato com sentimentos e pensamentos advindos de situações-limite. É um relacionamento construído no contexto da finitude e da impotência humana, de situações-limite gestadas por crises existenciais que alcançam o cotidiano das pessoas.

John Patton abordou a terminologia "aconselhamento pastoral comunitário", cuja proposta envolve a poimênica (conceito desenvolvido por Howard Clinebell como ação

---

[83]Roger F. Hurding oferece uma abordagem geral sobre os modelos de psicoterapia e aconselhamento. O termo "cuidado pastoral" não é cunhado diretamente em sua obra. Hurding aborda as influências das várias escolas de psicoterapia nos modelos de aconselhamento. É uma pesquisa que pode subsidiar os estudos de aconselhamento que consideramos um "galho" da árvore denominada cuidado pastoral, fazendo uma analogia com o título do livro de HURDING, Roger F. **A Árvore da Cura**: modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

[84]FLORISTAN, C. **Teologia Prática**. Salamanca: Sígueme, 2002, p. 140-141.

[85]FARRIS, JAMES. **Teologia Prática**: cuidado e aconselhamento pastoral. Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, nº 12, dezembro de 1996, p. 19.

pastoral da comunidade) e comunidade terapêutica (conceito apreendido por Lothar Carlos Hoch, como ação da comunidade em prol da sua própria saúde).[86]

> O aconselhamento pastoral comunitário contextual proposto por John Patton é realizado tanto por leigos como por clérigos e implica a ideia de uma comunidade que cuida porque ela é cuidada por Deus. Patton fundamenta esta perspectiva no paradigma do contexto bíblico, onde a lembrança do cuidado de Deus para com o seu povo aconteceu durante toda a história da tradição judaico-cristã.[87]

É indispensável afirmar também que a concepção de um aconselhamento pastoral comunitário pode contribuir de forma significativa com o cuidado pastoral, com a cidadania, bem como com uma sociedade marcada pela falta de atendimento e serviço em situações de luto.

Ronaldo Sathler Rosa, teólogo metodista brasileiro, afirma que o aconselhamento pastoral tem amplas possibilidades de fomentar a dignidade humana e nutrir a auto-estima de forma comunitária. Pode-se dizer que a importância do aconselhamento pastoral para a vida da comunidade de fé é vital para o cuidado das pessoas entre si.

> Portanto, cuidar do indivíduo é essencial, mas não é suficiente! É preciso cuidar da "casa", dos sistemas que estruturam a vida das pessoas em sociedade, das múltiplas interações do ser humano. É ação pastoral direcionada a sistemas. Em sua fase de conhecimento da situação, a ação pastoral identifica distorções, desequilíbrios, injustiças que sejam obstáculos para a vida plena, para a cura e para a paz. É a dimensão da "denúncia profética". Então, proclama as Boas-Novas por meio da Palavra e da participação na busca de alternativas. É a dimensão do anúncio. É voz profética nos domínios públicos, estatais, institucionais. O cuidado pastoral enraíza-se na esperança e na confiança de que é possível a mudança e fazer "novas todas as coisas" (Apocalipse 21.5) mediante ações das comunidades de fé e seus "cuidadores pastorais."[88]

As expressões latino-americanas de cuidado pastoral têm-nos lembrado dos pontos axiais do cuidado pastoral em nosso continente. Nesse sentido, é vital que, ao trabalharmos o tema, não nos esqueçamos de olhar para o que está ao nosso redor, para o que constitui o ser

---

[86]Esses dois autores influenciaram consideravelmente os estudos de aconselhamento pastoral no Brasil. O primeiro é estadunidense, falecido em 2005. O segundo é brasileiro, reitor da Escola Superior de Teologia (São Leopoldo) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

[87]Apud. STRECK, V. S. **Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo, Sinodal, 1999, p. 115-116.

[88]SATHLER-ROSA. Ronaldo. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança**: uma hermenêutica teológico-pastoral. São Paulo: Aste, 2004, p. 50.

humano, para o que o dignifica como pessoa. O cuidado pastoral evoca também as perguntas existenciais que nos envolvem cotidianamente.

Nas agruras da vida, há que desenhar o cuidado pastoral de forma curativa e preventiva, bem como incluir o envolvimento das igrejas que se abrem à interlocução com outros grupos cujo objetivo primordial é o cuidado com o humano. Não há como definir cuidado pastoral, considerando somente sua faceta intraeclesiástica. Aliás, essa dimensão ainda está em processo de reinvenção em muitas comunidades que perderam os fios da rede de apoio ao ser humano. Cuidado pastoral está envolvido com educação para a vida. Pat Contreras Ulloa[89] evoca uma "psicologia pastoral" profética.

> Por isso, para promover saúde, a Psicologia Pastoral deverá entrar em contato com o sofrimento humano, não apenas para fazer companhia ou promover consolo, mas também para descobrir suas causas e desenhar formas de intervenção e harmonia profundas, para hoje e para as próximas gerações. Este é o nosso inegável trabalho profético, característico da teologia latino-americana.[90]

É vital afirmar que a influência da psicologia no cuidado pastoral é significativo e indispensável para a saúde integral das pessoas, grupos, famílias, sociedade. Porém, o cuidado pastoral, como já mencionado, vai além do psicológico. Sathler-Rosa enfatiza a importância da dimensão antropológica para a compreensão dos meandros do cuidado pastoral. É indispensável tocarmos em temas que dizem respeito ao vazio existencial que assola tantas pessoas e famílias atualmente.

Howard Clinebell influenciou muitos teólogos pastoralistas latino-americanos com seu conceito de poimênica. Talvez seja possível considerá-lo como uma das aproximações conceituais mais estreitas com o cuidado pastoral.

---

[89] Pat Contreras Ulloa é docente, pastora e psicoterapeuta; coordena os programas de Psicologia Pastoral da Comunidade Teológica do México.

[90] "Por eso, para generar salud, la Psicologia Pastoral ha de entrar en contacto con el sufrimiento humano, no sólo para acompañar o consolar sino también para descubrir sus causas y diseñar formas de intervención y armonía profundas para hoy y para las próximas generaciones. Ésta es nuestra innegable labor profética, propria de la teologia latinoamericana". ULLOA, Pat Contreras. Por una Psicologia Pastoral que acompañe y desafíe. **Dimesiones Del cuidado y Asesoramiento Pastoral**: aportes desde América Latina y el Caribe. Buenos Aires: Kairós, 2006, p. 26. Estamos considerando que terminologias como psicologia pastoral, aconselhamento pastoral, são ações de solidariedade dentro do cuidado pastoral que pode ser encarado por alguns autores (como Floristan como ação pastoral) e por outros (como Sara Baltodano – professora da Universidade Bíblica Latino-americana, psicóloga e presbítera da Igreja Presbiteriana). Christoph Schneider-Harpprecht, no livro *Teologia Prática no contexto da América Latina*, faz uma excelente reflexão, não especificamente sobre o cuidado, mas sobre o aconselhamento pastoral, que é de grande significado para a compreensão de terminologias diferenciadas que algumas vezes podem ser sinônimos; dependerá do contexto em que elas serão usadas.

> Poimênica é o ministério amplo e inclusivo de cura e crescimento mútuos, dentro de uma congregação e de sua comunidade, durante todo o ciclo da vida. Aconselhamento Pastoral, que constitui uma dimensão da poimênica, é a utilização de uma variedade de métodos de cura (terapêuticos) para ajudar as pessoas a lidar com seus problemas e crises de uma forma mais conducente ao crescimento e, assim, a experimentar a cura do seu quebrantamento.[91]

Clinebell abriu o cenário para a interpretação de um cuidado pastoral não apenas na dimensão individual. Sara Baltodano ampliou a dimensão social do cuidado pastoral (a que ela denomina acompanhamento pastoral), principalmente em sua obra *Psicologia Pastoral e Pobreza*, na qual oferece aos cuidadores orientações importantes para reflexão sobre o que assola muitos países da América Latina.

> O acompanhamento pastoral popular, ao contrário da perspectiva individualista ou pessoal, parece ter uma visão estrutural. Esta considera que as pessoas empobrecidas são os agentes de sua própria libertação, a qual não se realiza a partir de fora, mas de dentro. Quando os empobrecidos, como corpo coletivo, lutam por sua própria libertação, não há dúvida que haverá conflito e mudança estrutural.[92]

O estímulo a um cuidado pastoral que inclua a atenção a esses fatores é indispensável. Aspectos relevantes para a pesquisa sobre cuidado pastoral no contexto brasileiro devem permear a diversidade cultural, o imaginário religioso, as discussões sobre gênero, a sociologia da emoção[93], o diálogo entre diversos campos do saber. Dentro do cuidado pastoral, o aconselhamento é relevante e indispensável na atenção ao luto. Lothar Carlos Hoch adverte-nos para a necessária atenção ao tema do luto nas igrejas protestantes históricas.

> Nas igrejas históricas fazem-se necessárias tanto a discussão teológica quanto a elaboração, em forma escrita, de subsídios práticos que sirvam de orientação àqueles e àquelas que pretendem fazer uso de recursos terapêutico-pastorais junto a pessoas enfermas e moribundas. Nossas igrejas não podem continuar ignorando essa temática nem permitir que obreiros/as

---

[91] CLINEBELL, H.J. **Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Paulinas. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987, p. 25.

[92] "El acompañamiento pastoral popular, al contrario de la perspectiva individualista o personal, parece tener una visión estructural. Esta considera que las personas empobrecidas son los agentes de su propia liberación la cual no realiza desde afuera sino desde adentro. Cuando los empobrecidos, como cuerpo colectivo, luchan por su propia liberación no hay duda que habrá conflicto y cambio estructural". BALTODANO, Sara. **Psicologia Pastoral y Pobreza**. San José: Universidade Bíblica Latinoamericana, 2003, p. 97. A tradução para o português foi feita por Eduardo Panik.

[93] Expressão cunhada das nas pesquisas de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, antropólogo paraibano.

> tenham que improvisar por conta própria novas formas litúrgicas para tais ocasiões.[94]

Numa linha semelhante de pensamento, Johann Baptist Metz alerta para a necessária inclusão, nos estudos sobre a morte, da teologia da recordação, da memória para a expressão da solidariedade com as perdas que acontecem com as pessoas no decorrer de suas vidas.

> A solidariedade memorativa cristã com os mortos não é determinada por um interesse abstrato e também não, primordialmente, pelo cuidado: o que acontece "comigo" na morte?, portanto, com os outros, especialmente com aqueles que sofrem (e só em conexão com isto pela preocupação com a própria identidade na morte). Na sua estrutura dupla: místico-política, a solidariedade surge, por isso, como categoria da salvação do sujeito onde este está ameaçado: pelo esquecimento, pela opressão, pela morte; como categoria do empenhamento em favor do homem, para ele se tornar sujeito e permanecer sujeito.[95]

O que Metz denominou de solidariedade memorativa é um caminho promissor para aprofundamentos na reflexão teológica dos sentidos da morte no mundo cristão. Além disso, nos lembra a importância do cuidado no momento da morte. Isso nos faz recordar marcas históricas que acompanharam a atenção do cristianismo para o tema da morte. Nesse sentido, é vital que incluamos algumas concepções da história da morte como contemplada por alguns de seus mais importantes expoentes: Philippe Áries e Jean Delumeau.

1.4 Concepção da morte na história: aspectos gerais

Os estudos sobre o luto na interface com a diversidade cultural não são recentes. Podemos destacar os trabalhos de alguns pesquisadores, entre os quais Philippe Áries, historiador francês que é referência praticamente unânime nos estudos sobre o luto. Voltemo-nos a esse autor, cuja contribuição é significativa para nossa reflexão. Ariès afirmou que lidar com a morte é saber lidar com parâmetros conscientes e inconscientes da vida em sociedade. Ele optou por fazer uso de seu faro de historiador na observação das

---

[94] HOCH, Lothar Carlos. A função terapêutica dos ritos crepusculares: aconselhamento pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte. **Estudos Teológicos**. Vol. 38, nº 1. São Leopoldo, Sinodal, 1998, p. 67. Lothar Carlos Hoch é pastor luterano, doutor em Teologia e vem-se dedicando ao estudo do cuidado pastoral. Há um belíssimo texto (não publicado), gentilmente cedido durante a confecção desta tese, o qual oferece alguns caminhos para o acompanhamento pastoral de enlutados. O título é "As minhas lágrimas têm sido o meu alimento: Desafios pastorais com enlutados". Palestra proferida na XIV Semana Teológica em Caxias do Sul em 5.jul.2007.

[95] METZ, Johann Baptist**. A fé em história e sociedade**: estudos para uma teologia fundamental. São Paulo: Edições Paulinas, 1980, p. 271.

atitudes de pessoas, povos e culturas diante da morte. Assim, retratou uma história que burla o tempo, uma "história das mentalidades sobre a morte".

No que Ariès denominou como "morte domada" (em torno do século XII), havia um ritual de prenúncio: as pessoas eram advertidas de que iam morrer. Dessa forma, os moribundos tomavam providências diante da morte iminente. Era o tempo de voltar-se para Deus, pedir perdão, expiar a culpa. Além disso, eles comandavam o processo de morrer. Geralmente havia muitas pessoas ao redor do seu leito, esperando a vinda definitiva da morte. É importante relembrar que a morte era uma cerimônia pública, organizada, e com a presença de crianças. Ariès entendia a morte domada como a morte familiar. Apesar dessa "proximidade" com a morte, os cultos funerários eram realizados com o objetivo de impedir que os mortos voltassem para perturbar os vivos.

A ideia do Juízo Final também faz parte do cenário da morte na Idade Média. Vale a pena fazer uma pequena digressão com os textos de Jean Delumeau, outro historiador das mentalidades, que é apresentado a seguir..

Nesta digressão, perceberemos que as formas religiosas de lidar com a morte envolveram não só a sistematização de muitas teologias, mas a arquitetura, a música, a arte. Na Idade Média, a *Ars Moriendi* era uma expressão político-artística da interpretação teológica e popular da morte; ela mesclava atitudes coletivas diante da morte que expressavam ou consolo ou as inquietações das pessoas**.**

Cenário do medo na Idade Média:

Medos escatológicos e nascimento do mundo moderno:[96]
Os acontecimentos que permearam a Idade Média influenciaram diretamente a concepção que o cristianismo da época tinha a respeito do medo. As muitas guerras, pestes e epidemias mortais transmitiam uma atmosfera apocalíptica. Muitos escritores e teólogos embrenharam-se na tentativa de explicar os fenômenos daquela época com o uso de uma leitura bíblica por analogias. A expressão "salve-se quem puder", utilizada já em 1508, é um exemplo clássico do sentimento geral daquela época.

Duas leituras diferentes das profecias apocalípticas:
As profecias apocalípticas apresentaram-se de duas formas: a promessa de mil anos de felicidade antes do Juízo Final . O drama derradeiro da história humana tem o cenário de cataclismos terrificantes para a terra. A primeira profecia é considerada otimista e a outra pessimista. Algumas conquistas, como a conquista da América, foram regadas com a pregação escatológica do "medo" do fim do mundo. O reformador Lutero considerava a espera do Juízo Final como uma libertação. Porém, segundo Jean Delumeau, "as duas esperas escatológicas podiam ser fontes de esperança. Mas é certo que foram mais frequentemente causas de medo e que a imaginação se voltou, sobretudo, para as desgraças que deviam preceder tanto o *millenium* como o Juízo Final – ele próprio particularmente temível."[97].

Os meios de difusão dos medos escatológicos:
O primeiro meio que difundiu de forma significativa os medos escatológicos foram as pregações populares, seguidas de teatro religioso, imprensa, gravura e literatura. Com destaque para os reformadores, Lutero contribuiu para a proliferação das angústias escatológicas por meio de seus escritos.

Um primeiro tempo forte dos medos escatológicos: o fim do século XIV e o começo do século XV:
Nessa época, papas como João XXII eram considerados anticristos dentro das próprias Ordens da Igreja Católica. Era uma forma de proteção e de denúncia em relação à Igreja Católica. Proteção porque justificava os discursos escatológicos presentes em vários "meios" de comunicação. Denúncia, porque apresentava os bastidores de uma Igreja que praticava muitas injustiças.

Um segundo tempo forte: a época da reforma:
O cenário da Reforma Protestante teve como pano de fundo a crença no fim do mundo. As pregações sobre a "Espera de Deus" eram tão fortes entre os reformados (principalmente na Alemanha) que criaram, além de uma intensa ansiedade, um pânico coletivo.

Um Deus vingador e um mundo envelhecido:
As desgraças ocorridas no Ocidente reforçaram a ideia da culpa do ser humano e a consequente punição divina. A vingança de Deus era "exaltada" por Lutero, pois assim era confirmada Sua identidade como Todo-Poderoso. Segundo Delumeau, "profecia e pânico estão, portanto, ligados ao medo de outrem e à esperança de vingança de um grupo oprimido"[98] Aliado a isso, estava o envelhecimento das pessoas, que as fazia apegarem-se mais aos "bens temporais", perdendo de vista o céu. Com esses argumentos acreditava-se cada vez mais no fim do mundo. Era, portanto, mais um aspecto que reforçou a teologia do medo.

[96] Este quadro inspira-se na obra de DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989, p. 205 em diante. Os títulos em negrito foram mantidos tais quais aparecem no livro.
[97]DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989, p. 215.
[98]Ibidem, p.230.

Uma outra faceta da morte é destacada por Ariès mediante a morte do outro. Nessa correlação, que levanta o tema do luto, encontra-se também a sexualidade.

> Do século XVI ao XVIII cenas ou motivos inumeráveis, na arte e na literatura, associam a morte ao amor, Tanatos a Eros – temas erótico-macabros ou temas simplesmente mórbidos, que testemunham uma extrema complacência para os espetáculos da morte, do sofrimento, dos suplícios [...] Como o ato sexual, a morte é, a partir de então, cada vez mais acentuadamente considerada como uma transgressão que arrebata o homem de sua vida quotidiana, de sua sociedade racional, de seu trabalho monótono, para submetê-lo a um paroxismo e lançá-lo, então, em um mundo irracional, violento e cruel.[99]

A morte do outro com quem se mantinha um vínculo afetivo próximo tornou-se tema no fim da Idade Média. Apesar de a morte ainda ser considerada familiar, a aceitação da morte do outro ficou mais difícil. Ressalte-se novamente aqui a relação íntima entre Eros e Tânatos, que, segundo Ariès, marcou as atitudes diante da morte, do século XVI ao XVIII. É importante salientar que na Idade Média os chamados "profissionais do luto eram padres, monges e os pobres que acompanhavam o cortejo"[100] e incentivavam a expressão do lamento. Parece que a dor pela morte do outro era mais aguda do que a morte de si mesmo.

Assim, no fim da Idade Média, o luto possuía dupla finalidade. Por um lado, induzia a família do defunto a manifestar, pelo menos durante certo tempo, uma dor que nem sempre experimentava; por outro, tinha também o efeito de defender o sobrevivente, sinceramente submetido à provação, contra os excessos da dor, pois lhe impunha certo tipo de vida social – as visitas de parentes, vizinhos e amigos que lhe eram feitas e no decorrer das quais a dor podia ser liberada sem que sua expressão ultrapassasse, entretanto, um limite fixado pelas conveniências.

O tema do luto adentrou no cenário da convivência social e da etiqueta familiar e religiosa. Essa esfera histórica do luto permeou as mudanças que ocorreram lentamente até meados do século XIX. A partir daí, uma nova maneira de encarar a morte começou a surgir. Ariès a denominou morte "interdita" ou "vergonhosa".

Uma das primeiras características da morte interdita estava no *status* do espaço de acompanhamento do moribundo. O que antes era feito nas casas, passou a ser feito no hospital. O luto começou a ser vivenciado mais na solidão dos hospitais e muitas vezes com a ausência da família. A interdição, ou seja, a proibição de se falar sobre a morte, também

---

[99]ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 65.
[100]Ibidem, p. 129.

evocou mudança social e na forma de encarar a vida. Falar sobre a morte passou a ser praticamente um tabu. Ariès chama a atenção para a interdição da morte à vida feliz atrelada ao lucro desenfreado em tempo recorde. Assim, a morte tornou-se um obstáculo a essa felicidade. A morte devia ser "camuflada"! Essa postura resultou em reações de vergonha para expor os sentimentos ligados ao processo de luto. A exposição pública do luto deixou de ter aceitação "natural", como anteriormente ocorria.

Uma terceira atitude diante da morte foi denominada por Ariès como "invertida". Um exemplo típico que pode ancorar essa atitude era a antiga orientação dada aos cuidadores para que evitassem falar a verdade aos pacientes terminais. Essa postura diante da morte originou-se na sociedade ocidental no século XX. O que Ariès destaca é que a modernidade é marcada por uma recusa ao luto. No momento em que a pessoa e a família enlutada mais precisam de um apoio da sociedade, na atitude da morte invertida isso lhe é tirado. Há uma tendência à medicalização da morte, compreender a morte só pela técnica e a cura pelos medicamentos e aparelhos. Ariès também salienta que a "decadência" da ideia de eternidade em algumas esferas da sociedade moderna reflete e é reflexo de sérias dificuldades de lidar com a morte como parte da vida.

Nos dias atuais a discussão sobre a morte, envolve temas como o ser, lida com a finitude, o prazo e o limite. Essas palavras introjetaram uma espécie de distanciamento paradoxal entre as pautas existenciais que envolvem a morte e a religião. Existe um emaranhado de idéias e de teorias que vêm discutindo a impotência do contexto hodierno perante as angústias decorrentes da repressão da consciência da morte. A vida torna-se, dessa forma, uma corrida pelo bem-estar automático, em que a paz alcança padrões da vida presente e o futuro é anulado.

O tema da morte está presente diariamente nos meios de comunicação, porém banalizado no cotidiano - religioso, social, político, econômico, existencial - dos meandros mais profundos de nós mesmos. A superficialização das estacas que sustentam a vida relega o ser humano a um processo de individualismo muito brusco. O isolamento dos medos, dos questionamentos relativos à vida e à morte é um dos resultados de uma cultura "antimorte". A quase "inexistência" de espaços que discutam o tema do luto cria um novo ser humano, o imortal. A imortalidade confunde-se com a ressurreição e amplia o cenário de resistência ao tema da morte. A pregação da imortalidade contribui também com a desvalorização da memória e da configuração histórica que permeia a humanidade: passado, presente e futuro. Parece que o passado e o futuro foram engolidos pelo presente. Eduardo Giannetti espelha de forma relevante a relação tempo, modernidade e morte.

> O fato espantoso é que, apesar de toda a pretensa valorização da razão fria e de uma postura de completa objetividade diante das coisas, o ideal moderno é viver sob o mais metódico e fantasioso escapismo. É viver como se a morte não nos dissesse respeito. No ambiente moderno, secularizado e tecnicamente aparelhado, a experiência do "morrer antes de morrer" – a elaboração subjetiva e madura da inevitabilidade da própria morte – foi estigmatizada como uma espécie de anomalia ou morbidez a ser banida do campo da atenção consciente [...] O homem moderno cruza velozmente os ares, mas não mira o cosmos. Ele acumula anos adicionais de vida, mas evita pensar na eternidade – terror soberano – que o apavora. Sendo a morte e sua sombra os principais "defeitos da vida" – todo o resto, supostamente, a técnica e a razão remedeiam – tudo se passa como se bastasse ignorá-las para que elas também nos ignorassem.[101]

É importante destacar também a triste realidade da exclusão social que assola nossas cidades e o *habitat* das pessoas, principalmente as pobres. Embora convindo que, na conjuntura em que vivemos, a morte por violência não tem "escolhido" a classe social a ser atingida, seriam os pobres alvo de um "adiantamento" do processo de morrer?

O luto nos aproxima do centro de nossa identidade e nos convida à possibilidade do diálogo entre razão e emoção; ou seja, o processo de luto instaura a possibilidade de lidar com a tendência à dicotomização antropológica que habita o ser humano ocidental. O cenário do luto não é alvo de um olhar único sobre o fenômeno da morte. De fato, a plausibilidade da compreensão sobre a morte envolve os contextos culturais e as maneiras de pensar a vida. Parece não existir um fio condutor que nos leve a encontrar, lá na frente, uma sistematização clara sobre o processo de morrer e de vivenciar a perda de alguém.

Um ramo da sociologia que tem sido pesquisado no Brasil pelo antropólogo brasileiro Mauro Guilherme Koury é o da Sociologia da Emoção, que vem possibilitando pesquisas em áreas de interesse da religião, como luto, vergonha e culpa, dentre outras. Para Koury, as intervenções na realidade do sofrimento social devem incluir, em suas ações, o conhecimento das grandes restrições que o brasileiro tem para expressar socialmente seu sofrimento existencial.

> A individualização crescente das relações sociais no Brasil atual vem tendendo a um refreamento do processo de individuação do sujeito que sofre a perda, através do mascaramento da dor, do sofrimento e da morte. Essa tendência social de escamoteamento da expressão pública dos sentimentos e a valorização da interiorização, enquanto espaço da intimidade, do privado, ou da subjetividade, cria uma predisposição permanente no indivíduo à

[101]GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 127.

> desconfiança no outro, e por extensão, no social. Parece tender a ser administrado socialmente através do princípio do desempenho.[102]

A exacerbação da interiorização do sofrimento pode apresentar sérios riscos para a saúde pública em nosso continente. Compartilhar o sofrimento é indispensável para a saúde das pessoas. Os estudos da Sociologia da Emoção nos ajudam a ampliar nossas visões sobre o ser humano e sua relação com o social. Defrontamos com a necessidade de checar a realidade dos serviços de saúde em nossa sociedade. No caso do Brasil, pesquisas têm apontado o desafio de expressar do sofrimento em situações de luto. Novamente trazemos a contribuição das pesquisas de Koury sobre o tema do luto no contexto brasileiro:

> O estranhamento da demonstração do sofrimento em público parece vir se consolidando como tendência de universalização de uma nova sensibilidade no trato das emoções, particularmente do luto, no Brasil atual. Os segmentos médios mais intelectualizados são os que mais vivenciam tal tendência que, de certa forma, permeia a totalidade do social, causando indignação, temor e ambivalência no comportamento do brasileiro. Embora práticas relacionais desindividualizantes continuem a existir e sejam fortes ainda em diversos segmentos e instituições sociais brasileiras.[103]

Obviamente, a sociedade contemporânea precisa rever as bases da própria existência, especialmente no que respeita à expressão pública do sofrimento. Este trabalho tem como fio condutor a explicitação dos fundamentos teológicos que possam participar da reconstrução da própria existência em novas bases, o que inclui a não individualização do sofrimento. Podemos falar também dos rituais de passagem. Parece que eles "morreram" ou estão à espreita aguardando para ser incluídos na vida de nossa sociedade. É fato que as sociedades pré-modernas ainda vivenciam o luto de forma diferenciada. A presença dos rituais ainda marca preponderantemente o processo de viver e morrer. Diferentemente, na modernidade, os rituais são considerados como uma perda de tempo.

Em pesquisa realizada sobre o compartilhar do luto pelos frequentadores do Cemitério Morada da Paz (Natal – Rio Grande do Norte), Milena Carvalho Bezerra Freire observou que a privatização do luto é ainda marcante. Ao mesmo tempo em que esse cemitério se tornou um lugar em que a exposição pública do sofrimento é natural, é um espaço de isolamento do luto.

---

[102] KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção***:* O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 198.

[103] Ibidem, p. 21.

> Como foi visto, a sociabilidade desenvolvida no Morada da Paz, em alguns aspectos, pode ser considerada como fator relevante por possibilitar a discussão sobre as consequências causadas pelo estado de luto. Por outro lado, pode indicar um reforço do isolamento e do sofrimento, por configurar o único espaço onde estes sentimentos podem ser expostos – visto que no âmbito social, para cada um destes atores, o luto continua a ser encarado como circunstância a ser sentida privativamente.[104]

Outro estrato do tema do luto por morte que tem sido pesquisado em alguns campos, como na sociologia e na psicologia, é o linchamento. Segundo dados de pesquisa de José de Souza Martins, a punição sobre o corpo é um aspecto presente em nosso país. Segundo ele, essa atitude está atrelada a uma duplicidade de punição, aqui e no além. Nessa concepção, a mutilação é sinônimo de condenação, na vida e na morte; o morto chegaria diante de Deus (no Reino da Perfeição) imperfeito, incompleto.

> Ainda relacionada com o tema do corpo há a questão do corpo fragmentado. Há muitos anos, venho me dedicando a uma pesquisa sobre linchamentos no Brasil. O Brasil é provavelmente o país que mais lincha no mundo. O interesse pelo linchamento numa reflexão sobre a morte vem da peculiaridade da forma da imposição da morte por esse meio, como modalidade extrema de punição. Diferente de outras formas de violência, tão frequentes entre nós, o linchamento é forma de punição com funções predominantemente reparatórias, modalidade de vingança coletiva compensatória. É mais do que reação instintiva.[105]

Os estudos antropológicos mostram que há uma tipologia de morte criada por várias culturas. Esse sistema de classificação é organizado por meio do binômio morte-acontecimento. Segundo José Carlos Rodrigues, a cultura brasileira também organizou tipos de mortes atreladas à história de vida das pessoas. Geralmente, quando alguém que tem um testemunho de vida idôneo morre de forma violenta, por exemplo, há um lamento, porque tal pessoa não "merecia" tal tipo de morte.

> No Brasil, por exemplo, uma pessoa pode morrer de "morte morrida", morrer "de velhice", de "morte matada", de "morte violenta"... cada uma delas provocando nos sobreviventes uma particular reação emocional. Morrer de "morte morrida" significa que não é necessário procurar um culpado e que o indivíduo chegou ao termo da existência biológica por razões ligadas ao próprio funcionamento do organismo, sem que uma doença particular possa ser responsabilizada. Nesse caso, se a causa existe, é sempre apontada: "morrer de enfarte", de "nó-nas-tripas", de "fraqueza", de

[104]FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O Som do Silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006, p. 188.
[105]MARTINS, José de Souza. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p. 89.

> "desgosto". Morrer de "velhice" talvez seja a mais típica ocorrência da "morte morrida". É a morte do ancião, que lentamente se aproxima do fim – porque toda existência terrestre é finita – sem envolver acidentes, agressões ou outros alteradores do processo normal da vida.[106]

A espiritualidade é outro patamar nos estudos do luto que também tem envolvido pesquisadores como Maria Júlia Kovács e Maria Helena Pereira Franco. Aliás, esse tema está presente nos estudos do luto nas Ciências Humanas e tem sido palco de pesquisas em esferas da Medicina, Enfermagem e Psicologia.

> Portanto, modelos do luto refletem nossas representações sociais correntes sobre vida e morte e podem, por esse motivo, ser efêmeros. Ou sensíveis à cultura. Pensando assim, fica clara a forte tendência observada nos últimos anos do século 20, acerca da ênfase colocada na espiritualidade como possibilidade de entender as relações que o ser humano faz com os âmbitos que transcendem sua experiência mundana, abrindo, assim, um amplo campo para a entrada e permanência da espiritualidade nas questões relativas à morte e ao luto.[107]

O tema da espiritualidade também expressa uma íntima relação entre vida e morte. Mas, parece que as pessoas tendem a pensar em suas vidas de forma mais ampla, quando se deparam com um luto. Esse é um dos grandes paradoxos do tema proposto nesta tese. Quando se desconecta a vida da morte, a existência pode tomar um rumo de confusão de sentido. A futilidade das atitudes humanas envolve escaladas de poder que matam esperanças e criam desesperos. Esse pano de fundo alcança os referenciais de sentido na sociedade, como a religião e as ciências. Às vezes é um encontro babélico que subverte seus próprios fundamentos. As diferentes formas de ver a vida, em vez de enriquecer o ser humano, podem colocá-lo em um ringue de confusão de sentidos.

No caso do Brasil, a pesquisadora Edith Long Schisler apresentou alguns apontamentos relevantes para a compreensão da maneira como os brasileiros lidam com a relação entre a morte e Deus.

> Em relação à doença, tratamento e a possibilidade de morte, esse tipo de pensamento também contribui para a transferência de responsabilidade de cura, da pessoa doente, de sua família e dos profissionais da saúde, para a vontade soberana de Deus. Dessa visão de Deus originou-se outra expressão favorita dos brasileiros: "Chegou a hora... foi a vontade de Deus", querendo dizer que Deus escolheu uma hora específica para cada pessoa morrer. A

[106]RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 26.
[107]FRANCO, Maria Helena Pereira (Org.). Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. **Estudos Avançados sobre o lut***o*. São Paulo: Livro Pleno, 2002, p. 23.

> morte, então, se torna intimamente atrelada ao destino. Esse fatalismo penetrou no Catolicismo Romano, a religião predominante no Brasil, e infiltrou-se no Protestantismo. Com essa mentalidade, torna-se fácil adiar ou desistir de procurar ajuda médica e de tomar os medicamentos e seguir o tratamento prescrito. Médicos e cirurgiões encontram dificuldades em trabalhar nesse contexto.[108]

As explicações e argumentos doutrinários também podem oferecer uma limitada sensação de segurança. Dependendo do tipo de comportamento que ele adota, há maior ou menor aceitação no ambiente religioso. Dessa maneira, lidar com emoções e reações advindas do luto é um desafio teológico-existencial no ambiente religioso. É fato que temas da existência humana, como a morte e o luto, desestabilizam posições religiosas que não amplificam a dimensão consoladora da fé cristã.

Marisa Moura Verdade, cuja pesquisa explicitou muito bem o processo de morrer de um paciente de câncer, evoca duas dimensões vitais para a compreensão do fenômeno da morte: a ciência e a religião.

> Falar claramente do fim é um ato de rebeldia contra os valores da negação coletiva da morte. Não aceitar uma morte inevitável e declarar a recusa é transgressão mais grave ainda. As duas falas incomodam profundamente os vivos e saudáveis: a primeira desafia a medicina, que prefere o paciente calado e esperançoso, submisso ao seu ideal de longevidade; a segunda desafia a pessoa religiosa, ansiosa por uma rápida passagem da consciência da morte para sua aceitação, almejando desprendimento fácil da vida terrestre e a antecipação gloriosa da vida após a vida. Falar abertamente da própria finitude e rejeitar declaradamente o extinguir-se iminente e reconhecido, são atitudes que desafiam a opinião pública, porque a maioria parece preferir o morrer tranquilo e silencioso, sustentado por atitudes heroicas.[109]

Desafiar a opinião pública, como disse Verdade, evidencia a necessária busca de âncoras para lidar com situações-limite. Nos dias atuais, ainda fica a pergunta: como as pessoas vivenciam o luto? A sensação é que precisamos olhar o horizonte do luto com

---

[108]"In relation to illness, treatment, and the possibility of death, this thought pattern also contributes to the transfer of responsibility for cure from the ill person, his/her family, hospitals, and health professionals to the sovereign will of God. From this view of God came another favorite Brazilian expression: 'Chegou a hora… foi a vontade de Deus', meaning that God has willed a specific time for each person to die. Death thus becomes intimately bound to destiny. This fatalism penetrated Roman Catholicism, the predominant Christian religion of Brazil, and seeped into Protestantism. With this mentality, it is easy to procrastinate or give up seeking medical services and taking prescribed medications and treatment. Physicians and surgeons face difficulties working within this context." SCHISLER, Edith Long. Besieged by Death. Immersed in Grief: death and bereavement in Brazil. **Death and Bereavement in the Americas**. New York, Baywood Publishing Company. Vol. 2, 2003, p. 123.

[109] VERDADE, Marisa Moura. **Ecologia mental da morte**: a troca simbólica da alma com a morte. São Paulo: Casa do Psicólogo/ Fapesp, 2006. p. 333.

enfoques diferenciados de construção do saber. Sendo assim, é vital ouvir as vozes de pessoas que vivenciaram o luto e que possibilitaram outros olhares sobre ele. Esse patamar, galgaremos no próximo capítulo, buscando os alicerces da fenomenologia e de seu método.

CAPÍTULO 2 – FACETAS DA FENOMENOLOGIA EM TRÊS MOVIMENTOS

Introdução

No capítulo anterior, oferecemos algumas diretrizes para a compreensão do luto propostas por teóricos que têm se debruçado sobre o tema. Percorremos a dimensão bíblico-teológica e psicológica e trouxemos alguns elementos para a compreensão do tema em terras brasileiras, na atualidade, tocando em facetas socioculturais e antropológicas. Constatamos que a percepção da teologia está situada mais no campo da morte do que especificamente no campo do luto. Visto que nosso trabalho trata do luto por morte, inclui tanto os estudos na área das ciências humanas como na área das ciências da religião.

O movimento fenomenológico é uma reação à visão positivista do ser humano e da forma de construir o conhecimento; por isso, é comum encontrarmos nesse movimento a expressão "voltar às coisas mesmas", ou seja, buscar a essência do conhecimento. Nessa interação, os conhecimentos anteriores são colocados em suspensão, entre parênteses (a *épochè*), na busca de encontrar as camadas mais profundas do conhecimento. A *epoché* implica o reconhecimento da consciência e de seus atos em relação ao objeto intencional, o que possibilita colocar outros conhecimentos fora do jogo. Porém, não se anula o saber acumulado sobre determinado assunto, mas, ao colocá-lo em suspensão, intenta-se alcançar a essência do fenômeno.

A fenomenologia inclui também a descrição do fenômeno como ponto de partida para a apreensão do saber. A palavra "fenomenologia" vem de um referencial filosófico, explicitando a relação que se estabelece com o mundo, com o que aparece e fenômeno é o mundo que aparece à consciência e sob a luz da intencionalidade.

> Voltando à palavra grega *phaenomenon, pha* diz respeito à luz (é a mesma raiz da palavra fósforo: fos-luz). *Phaenomenon é aquilo que aparece a nós e a primeira forma de aparecer a nós é pelos sentidos*. Toda nossa relação com o mundo não teria nenhuma progressão se não começasse das formas mais simples de percepção e essas formas mais simples começam com o sentido.[110]

[110]JOSGRILBERG, Rui de Souza. A fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. **A fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo: Vetor, 2004, p. 40.

Neste capítulo, ofereceremos algumas concepções sobre a fenomenologia, cujo método é um dos pilares principais desta tese. Os teóricos que apresentaremos procuraram apontar caminhos para a compreensão da vida humana e a busca do conhecimento como possibilidade de ampliar os horizontes da própria vivência humana e seu sentido. Cada um deles identificará portas de entrada na discussão sobre o conhecimento e sua vinculação com seu sujeito: o ser humano. A escolha desses teóricos deu-se pela proximidade de metodologias e de concepções que subsidiaram nossa compreensão da fenomenologia sobre a morte. Evidentemente há muitos outros autores que poderiam ser escolhidos, mas optamos pelos que contribuíram, de forma mais estreita, para a compreensão do método fenomenológico em acordo com os objetivos desta pesquisa. São eles: Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Nosso olhar será voltado de forma mais profunda para Merleau-Ponty que, com seus estudos sobre o corpo-próprio, percepção, linguagem, nos possibilitará uma aproximação relevante para o estudo do luto no contexto religioso.

2.1 Edmund Husserl

Para começarmos a percorrer os ricos caminhos oferecidos pela fenomenologia, é necessário adentrarmos o universo de conceitos que perpassam essa forma de olhar o mundo. Edmund Husserl[111] (1839-1938) começou a se interessar pela filosofia com Franz Brentano[112] (1838-1917) e procurou integrar a objetividade e a subjetividade, a razão e a emoção, como se procurasse as estruturas da realidade, não só numa análise racional ou romantizada da realidade, mas a realidade como é dada aos nossos olhos.

> Segundo Husserl, a crise da razão denunciada desde cedo por ele tem suas razões na dificuldade de reconhecer o entrelaçamento com a subjetividade e a existência do sujeito que se revela na analítica dos atos. Conhecimento implica sujeito. A correlação fenomenológica dos dados e do modo de se dar, do mostrar e do ser visto, demonstra que ciência é um trabalho do sujeito que só tem sentido para um sujeito que conhece. Não há como desfazer o entrelaçamento. O sujeito está ligado intencionalmente ao mundo e qualquer ciência formal, empírica ou interpretativa não pode se organizar à parte desse vínculo.[113]

[111]Nascido na Moravia, atual República Tcheca, Edmund Husserl, matemático de origem, foi filósofo e professor nas Universidades em Halle, Gotinga e Universidade de Friburgo.
[112]Nascido na Alemanha, foi sacerdote católico e filósofo.
[113]JOSGRILBERG. Rui de Souza O método fenomenológico e as ciências humanas. In: **Fenomenologia e análise do existir**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000. 368 p p. 75-93

Trata-se, portanto da busca de uma descrição do mundo da vida, do alcance, portanto, do fenômeno. Husserl apostou nas vivências das pessoas e no retorno às coisas mesmas como primeiros passos para o conhecimento. Com esses ingredientes básicos, Husserl procurou escavar camadas do conhecimento até chegar ao subsolo, ou seja, à essência. O filósofo falava a partir de um contexto europeu que passava pela crise das ciências e de seus valores relativos ao ser humano. O cenário da conversão husserliana da ciência objetiva para a ciência subjetiva advém de uma crítica contundente aos métodos utilizados pelas ciências no processo do conhecimento.

> Aquele que é formado nas ciências naturais julga evidente que todos os fatores puramente subjetivos devem ser excluídos e que o método científico-natural determina, em termos objetivos, o que tem sua figuração nos modos subjetivos da representação. Por isso busca o objetivamente verdadeiro também no plano psíquico. Ao mesmo tempo admite-se, com isso, que os fatores subjetivos excluídos pelo físico serão investigados pela psicologia precisamente como algo psíquico e naturalmente por uma psicologia psico-física. Mas o investigador da natureza não se dá conta de que o fundamento permanente de seu trabalho mental, subjetivo, é o mundo circundante (Lebenswelt) vital, que constantemente é pressuposto como base, como o terreno da atividade, sobre o qual suas perguntas e seus métodos de pensar adquirem um sentido.[114]

Husserl avançou em sua percepção do mundo com a preocupação de ver as essências das coisas através dos fenômenos da vida cotidiana. A fenomenologia é um mundo amplo de perspectivas, porém com um ponto de convergência: é o ser humano que atribui significado à sua existência. Para tanto, é imprescindível perceber, avistar o que está "aquém" do discurso. Esse era o alicerce de suas ideias.

> O que, com efeito, torna tão extraordinariamente difícil a assimilação da essência da fenomenologia, a compreensão do sentido peculiar de sua problemática e de sua relação com todas as outras ciências (e em especial com a psicologia) é que, além de tudo isso, é necessária uma nova maneira de se orientar, inteiramente diferente da orientação natural na experiência e no pensar. Aprender a se mover livremente nela, sem nenhuma recaída nas velhas maneiras de se orientar, aprender a ver, diferenciar, descrever o que está diante dos olhos, exige, ademais, estudos próprios e laboriosos.[115]

Como disse Husserl, a fenomenologia está aberta a interagir com as diversas facetas das ciências. Portanto, é vital afirmar que o filósofo não pretende livrar-se das ciências, mas

---

[114]HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia** [Introdução e tradução de Urbano Zilles]. Porto Alegre: Edipicurs, 2002, p. 90.
[115]HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2006, p. 27.

implementar uma nova maneira de construir o conhecimento. Ele elabora um método descritivo que busca chegar às vigas do conhecimento.

> As verdades fenomenológicas não são "opiniões" sobre o mundo existente, a redução fenomenológica será por definição a proibição de se fazer qualquer afirmação sobre o mundo "puro e simples". Correlativamente, ninguém pedirá ao cientista que exerça a redução, as duas orientações sempre serão paralelas e conservarão a sua validade em seu campo específico, nenhuma delas detém a verdade sobre a outra ou a absorve em si mesma.[116]

A busca pelas essências é marca fundamental do pensamento husserliano. Nessa busca, há a liberdade de lidar com os conceitos já estabelecidos, colocando-os em suspensão, para a descoberta de novos saberes sem determinismos científicos. Essa atitude é chamada *épochè*.

> *Colocamos fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural*, colocamos entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural, que está constantemente "para nós aí", "a nosso dispor", e que continuará sempre aí como "efetividade" para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses. Se assim procedo, como é de minha plena liberdade, então não *nego* este "mundo", como se eu fosse sofista, *não duvido de sua existência*, como se fosse cético, mas efetuo a επογη "fenomenológica", que me impede totalmente de fazer *qualquer juízo sobre a existência espaço-temporal.*[117]

Para chegar ao conhecimento, é necessária a redução, a chamada *épochè*, que coloca em suspensão os conhecimentos preestabelecidos pela ciência. A *épochè* é um dos primeiros passos para alcançar a essência do fenômeno; também chamada de redução fenomenológica, busca compreender as relações entre a pessoa e o mundo. Essa redução fenomenológica, essa *suspensão* é uma atitude fundamental para o saber que está nas camadas mais profundas do *Lebenswelt*, ou seja, o mundo da vida.

> Ora, para Husserl, a redução fenomenológica é a única que poderá nos dar um saber rigoroso, pois ela é a única que nos fornece os meios para que os fenômenos falem de si mesmo. Graças a ela descobre o princípio de todo saber verdadeiro, real ou possível, isto é, ela é o meio para que possamos voltar "às coisas nelas mesmas". Este é o elemento intuitivo da

[116]Ibidem, p. 17 [grifos no original]. É importante reafirmar que a intenção de Edmund Husserl era valorizar as essências e a participação do pesquisador na edificação do conhecimento, não como objeto do seu próprio saber, mas como sujeito. Nessa mesma obra, Husserl afirmou que a "essência designou, antes de mais nada, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é." (p. 35).
[117]Ibidem, p. 81. [grifos no original]

> fenomenologia de Husserl: "a coisa me é dada em pessoa", a coisa me é dada como presença imediata da coisa nela mesma. Colocando a experiência da atitude natural entre parênteses, colocando-a em suspensão (épochè) alcança-se a atitude fenomenológica transcendental. A experiência vivida deve ser "purificada" pela redução ou suspensão do juízo, para que se possa realizar o pensamento reflexivo da experiência do vivido.[118]

O processo do conhecimento, defende Husserl, envolve a consciência e os significados dos objetos que estão aí no mundo para serem observados, percebidos. Assim, a consciência intencional é outro fundamento do pensamento husserliano: *toda consciência é consciência de alguma coisa*. Imaginação, percepção e significação correspondem a um tripé indispensável para o entendimento da fenomenologia.

Para Husserl, esclarecer o ato de conhecer em sua simplicidade natural é esclarecer a relação da consciência com o mundo. O dado fundamental da consciência é estar correlacionada com as coisas no mundo, é ser intencional, e além disso, é a qualidade de intervir nos aspectos essenciais e atribuir-lhe significação.

Em outras palavras, a consciência reflexiva pode reiterar, com nova roupagem, a atribuição de significado, o conteúdo essencial, os componentes ideais e apriorísticos da significação. O papel central da consciência na constituição do significado essencial amplia, para Husserl, o trabalho com as vivências intencionais (atos) que elucidam o objeto intencional: voltar às coisas mesmas é voltar a si mesmo enquanto consciência intencional voltada para as coisas mesmas onde elas são fenômenos.

Um conceito muito significativo para a compreensão da fenomenologia em Husserl é o *Lebenswelt*, o mundo da vida. Nesse mundo da vida encontramos as estruturas analíticas da vida humana. A aproximação da fenomenologia com as ciências humanas é possível devido a um mundo de interesses estreitos. As investigações positivistas não deram conta do mundo da vida e a proposta da fenomenologia é fazer ciência a partir desse referencial.

> A fenomenologia, então, é vista como introdução fundamental das ciências. Nesse caso, a fenomenologia é uma ciência do mundo da vida (Lebenswelt) em seus aspectos que também são tratados pelas ciências humanas que utilizam métodos empíricos. O método que permite ir aos fundamentos é consistente e fundamentalmente fenomenológico. A ciência começa com a fenomenologia e prossegue em seu primeiro desenvolvimento com uma orientação fenomenológica.[119]

---

[118] CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Ciência. In: **Existência e saúde**. Organização de Dagmar Silva Pinto de Castro et al. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. 253 p. p.16

[119]REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia***:*Do Romantismo até nossos dias. Vol. 3. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 80.

Assim, a experiência, tão presente tanto nos métodos científicos como no mundo da vida, ganha *status* de articuladora do repensar metodologicamente a vida, sem retirar dela a ciência e a existência. A fenomenologia em Husserl também trabalha a noção de consciência que temos em relação à pesquisa e à vida. A relação sujeito-objeto agora é visualizada como sujeito-objeto-mundo.

> Tudo aquilo que vale para mim mesmo, vale também, como sei, para todos os outros seres humanos que encontro no mundo que me circunda. Ao ter experiência deles como seres humanos, eu os entendo e aceito como eus-sujeito, assim como eu mesmo sou um, e como referidos ao mundo natural que os circunda. Isso, porém, de tal modo que apreenda o mundo circundante deles e o meu como um só e mesmo mundo, que vem à consciência, embora de maneira diversa, para todos nós. Cada um tem seu lugar, a partir do qual vê as coisas disponíveis, e respectivamente ao qual elas se manifestam diferentemente para cada um deles. Os atuais campos de percepção, de recordação, etc. também são diferentes para cada um, sem contar que também aquilo de que estão intersubjetivamente conscientes vem à consciência de modos diferentes, em diferentes modos de apreensão, em diferentes graus de clareza, etc. A despeito disso tudo, nós nos entendemos com nossos próximos e estabelecemos em conjunto uma realidade espaço-temporal objetiva como mundo que nos circunda, que está para todos aí, e do qual, no entanto, nós mesmos fazemos parte.[120]

Husserl ousou criticar os "ismos" das ciências positivistas de sua época, oferecendo novos olhares sobre o que é Ciência e quais suas contribuições para uma sociedade em crise. O cenário vivencial de Husserl era o de uma busca de sentido para aquilo a que as ciências não conseguiam "responder". O pensamento husserliano explicitou a crise da ciência e a crise do humano. O filósofo, portanto, começa suas elucubrações fenomenológicas destacando a vivência das experiências humanas e seus significados.

> O "Eu", - em minha vida diária, em minha consciência contínua do mundo, em minha atividade incessante, é, para quem está maduro para tanto, uma práxis do mundo e num mundo sempre permanente, e que prossegue válida apesar das constantes mudanças dos dados. Minha vida, aquela que considero válida, possui validades dotadas de sentido, adquiridas por meio de atos que as fazem voltar sempre com sentidos renovados, e também pela análise-reativação de atos circunscritos pelos limites desses atos etc.: o que existe de mundo em minha vida, na vida que tenho em relação com os demais humanos e comigo mesmo enquanto homem, como parte do mundo. Cada entidade real (o real?)* tem para mim estatuto de validade do mundo, que para mim possui um horizonte-limite que se atualiza a cada instante. Minha ação, qualquer atividade minha relacionada com o fato de estar sendo,

[120]Op. cit., p. 77.

> só se dá, porém, na atividade que tenha intenção e efeito dentro do encadeamento puramente subjetivo.[121]

No horizonte, abre-se um caminho de significados. Husserl apregoou a existência de horizontes, um externo, por meio do qual nos relacionamos com o mundo da vida, e outro interno, intermediado pela intencionalidade. Portanto, Husserl empreendeu uma volta à gênese do conhecimento, à busca da essência, uma fenomenologia genética. Ele compreendeu o nascimento e a morte dentro de uma visão antropológica juntamente com um horizonte de mundo. Em seu pensamento, nascimento e morte são fenômenos-limite.

> Morrer, no sentido estrito, não deixa nenhum vestígio retentivo, logo, não pertence ao meu futuro. Eu morro sempre no tempo de um outro, a título póstumo, se quisermos, da mesma forma que nasço, não pelo outro mas para o outro e, num certo sentido, aquém do horizonte de sua morte, já que lhe dou o sentido de ser um sobrevivente. A morte não se antecipa pois não se pode apoiar sobre nenhum passado. O nascimento não é passível de ser novamente experienciado: é "imemorável". Mais fundamentalmente: o nascimento nunca ocupou um lugar e nem a morte jamais ocupará um lugar: [OU] Mais fundamentalmente: nem o nascimento nem a morte podem jamais ocupar um lugar: a primeira e a última vez de *uma* vida não são nem a origem nem o fim da minha vida. Ver nascer, ver morrer: podemos negar radicalmente que sejam ver-se nascendo, ver-se morrendo.[Ver nascer, ver morrer são radicalmente diferentes de ver-se nascendo, ver-se morrendo] Nesse último caso existe a tentação, é verdade, de pensar ter acesso a uma experiência de morte. Mas isso não passará, sempre, de uma modalidade da vida: como testemunha, como sofrimento, sonho, delírio etc.[122]

---

[121]"Moi dans ma vie fluante, dans ma conscience fluante de monde, dans mon activité continuelle, dans ma práxis qui est práxis mondaine pour celui qui est mûr – práxis dans le monde qui est pour lui à chaque fois permanent, mais qui vaut dans le changement des modes de donnés. Ma vie, ma vie de validité, des validités dotées de sens, l´acquis par l'activité, parvenant toujours à nouveau avec le sens, analyse – réactivation des actes dotés d'um horizon d'acte, etc. Ce qu'il y a de mondain dans ma vie, dans ma vie les autres hommes et moi comme homme appartenant au monde. Chaque entité réelle (*rea*l) <a> pour moi dans ma vie validité du monde qui est pour moi um horizon chaque fois actuel. Mon action, toute mon activité rapportée à l'etant, mais elle se déroule dans l'activité d'intentionner et d'avoir un effet purement dans l'enchaînement subjectif ." HUSSERL, Edmund. [Traduzido do alemão por Nataie Depraz]. L'enfant. La première Einfühlung (juillet 1935). Fontenay-aux-Roses cedex. L'ENS Fontenay-Saint-Cloud. Alter Revue de Phénoménologie. Naître et mourir. p. 268. nº 1/1993. Éditions Alter. *Em Português, a palavra alemã real tem em Português o significado de real; a palavra reell tem o significado de genuíno. (in LOPARIC, Z. OS PENSADORES.São Paulo: vol. 61, Ed.Abril,SP. 1975, vol. 61, p.189.

122"Mourir au sens strict ne laisse aucun sillage rétentionnel et n'appartient donc pas à mon avenir. Je meurs toujours dans le temps d'un autre, à titre posthume si l'on veut, comme, je nais moins par autrui que pour lui, et en un certain sens dans l'horizon de sa mort puisque je lui donne le sens d'um survivant (10). La mort est inanticipable: elle ne peut s'appuyer sur aucun passe. La naissance est 'immémorable': elle ne peut faire l'objet d'aucune nouvelle expérience. Plus fundamentalement, la naissance n'a jamais eu lieu et la mort n'aura jamais lieu: la première et la dernière fois d'une vie ne sont ni la source ni la fin de ma vie. Voir naître, voir mourir, n'est radicalement pas se voir naissant, se voir mourant. II est vrai que dans ce dernier cas la tentation existe de penser avoir accès à une expérience de la mort. Mais ce ne sera toujours qu'une modalité de la vie (témoignage, souffrance, sommeil, délire (11), etc). " MOUILLIE, Jean-Marc. Naissance, Mort et Phénoménologie. Fontenay-aux-Roses cedex. L'ENS Fontenay-Saint-Cloud. Alter Revue de Phénoménologie. Naître et mourir. p. 158. nº 1/1993. Éditions Alter.

Esses fenômenos vinculam-se ao mundo da vida e às experiências sobre o morrer; portanto, relacionam-se também com minha vivência sobre a morte na experiência com o outro. Husserl contribuiu de forma significativa para o modo de construção do saber que abriu novos caminhos para a compreensão do mundo da vida. Como parte do mundo da vida, o fenômeno-limite do luto é uma dimensão da vivência das pessoas que possibilita conhecer camadas do subsolo dos vários sentidos que podem ser apresentados sobre a vida, em suas perdas e ganhos.

Entre os expoentes da fenomenologia, além de Husserl, estão Martin Heidegger, Jean Paul Sartre, Jean Jacques Maurice Merleau-Ponty. Um contingente significativo de seguidores da fenomenologia procurou expressá-la de diferentes maneiras no estudo científico da vida humana. Desse contingente, daremos destaque a dois discípulos de Husserl: Heidegger e Merleau-Ponty.

2.2 Martin Heidegger

Martin Heidegger[123] nasceu na Alemanha, numa cidade chamada Messkirch, em 1889. De tradição católica, estudou teologia e filosofia. É importante salientar que o eixo central de seu pensamento é o ser. Sua ontologia procurava esmiuçar os meandros de uma época de perdas nas sociedades dos Estados europeus.

Heidegger convida-nos a adentrar no mundo do ser, que considera como o centro da busca de conhecimento de todos nós. Ele coloca-nos o espelho do ser em nossas vivências cotidianas. A pergunta pelo ser é uma alusão a nós mesmos, nossos dilemas, angústias, sentidos, identidades, prazeres, inacessibilidades, morte, vida. Heidegger começa sua obra *Ser e Tempo*[124] aludindo à importância do estudo sobre o ser e, no decorrer dos capítulos, vai

[123]Doutorou-se em filosofia em 1914. Heidegger foi assistente de Husserl na Universidade de Friburgo, a quem sucedeu no ano de 1929. Nessa mesma universidade, sucedeu a Husserl no ano de 1929. Uma de suas mais célebres obras, **Ser e Tempo**, foi dedicada ao mestre. Com a ascensão do nazismo, Heidegger assumiu a Reitoria da Universidade de Friburgo, no ano de 1933; ele "aderira" ao nazismo, demitiu-se após breve período. Faleceu em 1976.

[124]Ernildo Stein publicou uma obra relevante para os estudos do pensamento heideggeriano denominada **Seis Estudos sobre o "Ser e Tempo"** (Petrópolis: Vozes, 2005), p. 13. Para Stein, são seis as teses centrais da obra: "1) No início da obra Heidegger situa a questão da ontologia fundamental, do sentido do ser; 2) A clarificação desta questão somente pode resultar do recurso ao único ente que compreende ser – o homem (Dasein), o estar-aí; 3) O estar-aí é ser-no-mundo; 4) Ser-no-mundo é cuidado, cura (Sorge); 5) Cuidado é temporal (zeitlich) 6) A temporalidade do cuidado é temporalidade ecstática que se distingue do tempo linear, objetivado." Procuramos compreender a obra de Heidegger a partir do fenômeno do luto, apreendendo os pilares indispensáveis de seu pensamento; por isso registramos o que consideramos vital para a compreensão do tema proposto nesta tese. A obra *Ser e Tempo* em espanhol é uma das traduções que melhor se aproxima do nosso idioma. Além disso, vale salientar que optamos por nos fixar somente nessa obra por entendermos que

esmiuçando esse ser como numa procura contínua por sua integralidade. É como se cavasse, remexesse a terra, em busca do outro, de seu início e de seu fim. Portanto, o conhecimento do ser implica uma constante busca de meios para adentrar um espaço-tempo e aquilo que o transcende, um ato contínuo em direção ao vislumbre de novos horizontes da vida.

A busca de caminhos para o encontro do ser é viabilizada pela analítica existencial. Nesse processo de procura do sentido do ser, Heidegger apontou como fulcral o conceito de *Dasein*, termo que significa ser-aí. O filósofo e teólogo marcou seu tempo ao introduzir a noção do ser-aí nas filosofias da existência. Em um contexto de conflagração, em que as pessoas tinham perdido suas referências de sentido, o pensamento heideggeriano traz, para a vivência humana, uma nova referência: a possibilidade de transcendência; aí está o ato de liberdade. Essa gota de esperança, o ato de liberdade em um universo de guerra põe a existência como espaço de "ser-no-mundo". Esse "estado" de existência envolve o cuidado do mundo, das relações e, evidentemente, de si mesmo. A interrelação de cuidados viabiliza o sentido de ser-no-mundo.

A existência do ser é dada pela relação estreita entre angústia e coragem. A angústia é a manifestação do ser-para-a-morte, pois é fruto do estar-no-mundo.

> A angústia diante da morte não deve ser confundida com o medo de deixar de viver. Ela não é um estado de ânimo qualquer, nem uma "fraqueza" acidental do indivíduo, senão a abertura, como disposição afetiva fundamental do *Dasein*, ao fato de que o *Dasein* existe como um audacioso estar voltado para seu fim. Com isso se esclarece o conceito existencial do morrer, como um audacioso estar voltado para o mais próprio, não recíproco e insuperável poder-ser. A diferença ante um puro desaparecimento, como também diante de um puro fenecer e, finalmente, perante uma "vivência" de deixar de viver, torna-se mais drástica.[125]

A morte está relacionada ao estar-no-mundo. A angústia não se confunde com o medo, mas é seu envolvimento com a finitude, com a possibilidade da morte, que elucida uma coragem de viver. Assim, a angústia não é oposta à coragem. A coragem é o encontro com o ser-para-a-morte. A autenticidadade da existência e do sentido do ser está na "aceitação" da

---

ela traduz a essência do pensamento heideggeriano. Não é nossa intenção incluir outros trabalhos, já que nossa proposta é adentrar o fenômeno do luto com aportes para sua compreensão.

[125]"La angustia ante la muerte no debe confundirse con el miedo a dejar a vivir. Ella no es un estado de ánimo cualquiera, ni una accidental 'flaqueza' del individuo, sino, como disposición afectiva fundamental del Dasein, la apertura al hecho de que el Dasein existe como un arrojado estar vuelto hacia su fin. Con esto se aclara el concepto existencial del morir, como un arrojado estar *vuelto hacia* el más propio, irrespectivo e insuperable poder-ser. La diferencia frente a un puro desaparecer, como también frente a un puro fenecer y, finalmente, frente a una 'vivencia' del dejar de vivir, se hace más tajante." RIVERA, Jorge Eduardo (trad). Heidegger, Martin.**Ser y Tiempo**, p. 248 .Chile [Universidad Católica de Valparaíso]. Edición digital de <http://www.philosophia.cl>. Acesso em: 29.jul.2008.

finitude. Há, portanto, uma correlação muito próxima com a noção de tempo que é reconhecido como histórico, no estar-aí que tem a consciência de seus limites. Nessa consciência, encontra o sentido do passado, do presente e do futuro.

Heidegger denominou *Dasein*[126] ao ser humano que se abre a si mesmo e aos outros; o *Dasein* vincula-se à existência, mas não deve ser confundido com ela.

> O *Dasein* tem, em razão de uma maneira de ser que lhe é própria, a tendência a compreender o seu ser a partir daquele ente com o qual, de modo imediato, constante e essencial, se relaciona em seu comportamento, isto é, com o "mundo". No próprio *Dasein* e, consequentemente, na sua compreensão do ser, já existe um componente que mais adiante se revelará como sendo o reflexo ontológico da compreensão do mundo sobre a interpretação do *Dasein*.[127]

Heidegger, ao aludir à fenomenologia, traz à tona a origem da palavra, que pode iluminar o caminho para a compreensão de seu pensamento. A fenomenologia possibilita uma compreensão do fenômeno como manifestação do ser. Nessa manifestação, há um movimento de mostrar-se e deixar-se ser visto que ilumina a vida.

> A palavra grega Φαινομενον, da qual se origina a palavra "fenômeno", deriva do verbo Φαινεσται que significa mostrar-se; assim, Φαινομένον pode ser compreendido como: o que se mostra, o autodemonstrativo, o patente. Por sua vez, Φαινεσται é a forma média de Φαινω: trazer à luz do dia, colocar na claridade. Φαινω contém a raiz Φα – a mesma que se encontra na palavra *fósforo* – o que carrega] que é o mesmo que a luz , a claridade, ou seja, o que se pode fazer patente, visível por si mesmo. Devemos lembrar, então, o seguinte, ao depararmos a palavra fenômeno: aquilo-que-se-mostra-em-si-mesmo, que é patente. Os Φαινομενα, "fenômenos", são assim a totalidade do que se encontra à luz do dia, o que pode ser trazido à luz,

---

[126]Jose Carlos Michelazzo apresenta uma definição didática de Dasein. "Como será chamada essa essência-existencial deste ente que tem como elemento distintivo um modo especial de compreender o Ser? Heidegger irá chamá-la de Dasein. Todavia, para termos um correto entendimento desta palavra, não basta conhecer o alemão corrente e dizer que ela quer dizer simplesmente 'existência'. É preciso dar-se conta que Heidegger 're-cunhou' esta palavra de seu próprio idioma, dotando-a de uma significação ontológica, ou seja, Dasein quer dizer que o homem é um ente que habita aí, na abertura (Da), onde ele compreende o ser das coisas (sein)." MICHELAZZO, José Carlos. Fenomenologia existencial e os modos cotidianos de coexistência. **Existência e saúde**. Organização de Dagmar Silva Pinto de Castro et al. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 187-196. 253 p.190.

[127]"El Dasein tiene, más bien, en virtud de un modo de ser que le es propio, la tendencia a comprender su ser desde aquel ente con el que esencial, constante e inmediatamente se relaciona en su comportamiento, vale decir, desde el 'mundo'. En el Dasein mismo y, por conseguiente, en su própria comprensión de ser hay algo que más adelante se mostrará como el reflejarse ontológico de la comprensión del mundo sobre la interpretación del Dasein." RIVERA, Jorge Eduardo (trad). Heidegger, Martin. *Ser y Tiempo*.Chile [Universidad Católica de Valparaíso]. Edición digital de <http://www.philosophia.cl>. Acesso em: 05. fev.2008, p. 26 .

> aquilo que alguma vez os gregos identificaram pura e simplesmente com τα οντα (os seres).[128]

Heidegger coloca a precedência da existência sobre a essência. Suas reflexões sobre o *Dasein* indicarão os cenários da existência. O estar-no-mundo é condição fundamental para aprofundar os sentidos e as correlações do ser humano e sua existência. Para o filósofo, o *Dasein* liga-se intimamente ao cuidado pelo fato de estar envolvido no cotidiano do mundo. Vai, portanto, para além de um conhecimento teórico, para um conhecimento do mundo que implica envolvimento [estar-em]. Esse vínculo com o mundo traduz, de certa maneira, a condição existencial do *Dasein*. O estar-no-mundo implica também o "deixar-ser" que traz na pauta do *Dasein* temas como a liberdade.

Para Heidegger existência é já abertura para o ser, *Dasein* é ser no mundo transcendendo-o e habitando o sentido. Voltar às coisas mesmas para Heidegger não é voltar-se para si e para os atos como consciência intencional. A analítica do *Dasein* não é a analítica intencional da consciência de Husserl, mas o desvelamento da estrutura existenciária do Dasein, essencial para a interpretação do ser humano.

O tema do cuidado é muito caro a Heidegger: é o sentido de o ser humano estar-no-mundo, é a tendência natural do ser humano na sua relação com o outro. O cuidado tem um caráter de temporalidade que convida o ser humano a uma vivência de si na busca da compreensão do outro. O *Dasein* vivencia os dilemas que atingem a vida humana e essa experiência desemboca no cuidado. Este surge a partir do envolvimento do *Dasein* no mundo. Em sua abertura ao mundo, o fenômeno do cuidado desvela sua face na convivência com o outro. Contudo, não se trata de uma questão de dilemas humanos, mas trata-se, principalmente, da pergunta pelo sentido do ser no mundo. O fenômeno do cuidado é a manifestação de uma busca do sentido do *Dasein* no mundo.

> Pelo fato de o "estar-no-mundo" implicar essencialmente o cuidado, foi possível, nas análises precedentes, conceber como "ocupação" [*Besorgen*] o estar disponível para o ente em seu meio, e como "solicitude" [*Fürsorge*] o estar com os outros, como coexistência que se dá no mundo. O "estar disponível para o ente em seu meio" é ocupação porque o modo de "estar-

[128]"La expresión griega φαινομενον, a la que remonta el término 'fenómeno', deriva del verbo φαινεσθαι, que significa mostrarse; φαινομενον quiere decir, por consiguiente: lo que se muestra, lo automostrante, lo patente φαινεσθαι es por su parte, la forma media de φαινω: sacar a la luz del día, poner en la claridad. φαινω pertenece a la raíz φα-, lo mismo que la luz, la claridad, es decir, aquello en que algo puede hacerse patente, visible en si mismo. Como significación de la expresión 'fenómeno' debe retenerse, pues, la siguiente: lo-que-se-muestra-en-si-mismo, lo patente. Los φαινομενα, 'fenómenos', son entonces la totalidad de lo que yace a la luz del día o que puede ser sacado a luz, lo que alguna vez los griegos identificaron pura y simplemente, con τα οντα (los entes)." Ibidem, p. 38.

> em-seu-meio" fica determinado pela estrutura fundamental deste último, quer dizer, pelo cuidado. Por exemplo: o cuidado não caracteriza apenas a existencialidade, separada da facticidade e do estar presente no mesmo meio, mas compreende também a reunião de todas estas determinações do ser. Por isso "cuidado" tampouco quer dizer primária e exclusivamente o comportamento do eu naquilo que lhe diz respeito tomado de forma isolada. [...] Cuidado não pode ser referido a um determinado comportamento em relação a si mesmo, uma vez que este comportamento já se encontra ontologicamente determinado no antecipar-se-a-si; ora, essa determinação inclui também os dois outros momentos estruturais do cuidado: o "já-estar-para" e o "estar-em-meio-de". [129]

O *Dasein* também se relaciona ao que Heidegger denominou como co-estar, ou seja, o estar-no-mundo envolve espaço e convivência. O co-estar também nutre a existencialidade do *Dasein*. No estar-no-mundo algumas dimensões do ser vão se mostrando na vivência e na convivência. Falamos aqui, por exemplo, da afetividade e do medo. Ambos estão imbuídos existencialmente pelo *Dasein*. Segundo o filósofo, medo e afetividade estão estreitamente vinculados pela própria existência do *Dasein* no mundo.

> Aquilo de que o medo tem medo [*das worum die Furcht fürchtet*] é o medo que o próprio ente tem, o *Dasein*. Só um ente que tem em si o seu próprio ser pode sentir medo. O medo revela sempre ao *Dasein* o ser-de-si. Embora aí, em diferentes graus de explicitação. E ainda que o medo se refira ao temor de perder a casa e os bens, isto não contradiz a definição há pouco formulada a respeito do porquê do medo. Porque o *Dasein*, enquanto estar-no-mundo, é sempre um estar-aí,que ocupa um lugar. Porque o *Dasein*, enquanto estar-no-mundo, ocupa sempre um lugar no meio de... O *Dasein* está, imediata e regularmente, em função daquilo com que se ocupa. Para o *Dasein* o perigo é a ameaça de seu estar-no-meio-de. O medo invade o *Dasein* de uma maneira predominantemente privativa. Confunde-o e o faz "perder a cabeça". Mas o medo faz ver e ao mesmo tempo fecha o estar-em que se encontra em perigo, de tal forma que quando o medo passa o *Dasein* precisa reencontrar-se.[130]

---

[129]"Por ser el estar-en-el-mundo esencialmente cuidado, en los precedentes análisis ha sido posible concebir como ocupación [Besorgen] el estar en medio del ente a la mano, y como solicitud [Fürsorge] el estar con los otros, en cuanto coexistencia que comparece en el mundo. El estar-en medio-de... es ocupación porque, como modo del estar-en queda determinado por la estructura fundamental de este último, es decir, por el cuidado. El cuidado no caracteriza, por ejemplo, tan sólo a la existencialidad, separada de la facticidad y de la caída, sino que abarca la unidad de todas estas determinaciones de ser. Por consiguiente cuidado tampoco quiere decir primaria y exclusivamente el comportamiento del yo respecto de si mismo, tomado en forma aislada. [...] Cuidado no puede referirse a un particular comportamiento respecto de sí mismo, puesto que este comportamiento ya está ontológicamente designado en el anticiparse-a-sí; ahora bien, en esta determinación quedan también incluidos los dos otros dos momentos estructurales del cuidado: el ya-estar-en y el estar-en-medio-de." Ibidem, p. 193. [grifos no original].

[130]"Aquello por lo que el miedo teme [das Worum die Furcht fürchtet] es el ente mismo que tiene miedo, el Dasein. Sólo un ente a quién en su ser le va este mismo ser, puede tener miedo. El miedo abre a este ente en su estar en peligro, en su estar entregado a sí mismo. El miedo revela siempre al Dasein en ser de su. Ahí, aunque en distintos grados de explicitud. Y sí tememos por la casa y los bienes, esto no contradice la definición recién dada del por que del miedo. Porque el Dasein, en cuanto estar-en-el-mundo, es siempre un ocupado estar en medio de... Inmediata y regularmente el Dasein es en función de aquello de que se ocupa. El

Outra dimensão das elucubrações heideggerianas vinculadas ao *Dasein,* corresponde ao tema da compreensão da existência e sua abertura ao mundo. Essa compreensão vincula-se também ao discurso e à escuta do mundo. Heidegger faz uma ligação estreita entre *Dasein*, escuta e compreensão: "O *Dasein* escuta porque compreende".[131]

Uma faceta da presença do *Dasein* no mundo torna-se visível no fenômeno da culpa. A culpa na concepção heideggeriana remete ao ser responsável por, ou seja, vincula-se a algo, a alguém que oferece sentido. Dessa forma, incluímos aqui o tema do cuidado que está associado às relações que se estabelecem no mundo.

> Ser-culpado [*Schuldigsein*] tem, também, o significado de "ser responsável por", quer dizer, ser autor de alguma coisa, ou também "ser o que provoca" alguma coisa. Neste sentido de "ter a culpa" de algo, pode-se "ser culpado" sem nada dever ao outro, e ainda assim sentir-se seu devedor. E ao contrário, pode-se dever algo a um outro, sem ser responsável por isso. Um terceiro, ainda, pode "contrair dívidas" "por mim" perante os outros. (...) O esclarecimento do fenômeno da culpa, fenômeno que não necessariamente esteja vinculado ao fato de "ter dívidas" ou à violação do direito, somente pode ser conseguido se se questionar previamente e de uma maneira radical o ser-culpado do *Dasein*, ou seja, no caso de se compreender a ideia de "culpado" a partir do modo de ser do *Dasein*. Para isso, é necessário formalizar a ideia de "culpado", a tal ponto que fiquem excluídos dela os fenômenos comuns de culpa [ou dívida] que estejam relacionados com o coexistir com os outros no dia-a-dia. É preciso excluir a ideia de culpa não somente do campo do ocupar-se calculista, como também desvinculá-la da referência a um dever e a uma lei, cuja violação resultaria em culpa..[132]

A presença do *Dasein* no mundo já inclui o ter culpa, dúvidas, pois ela é inerente ao vínculo com os outros. Ou seja, em Heidegger há uma desvinculação da visão jurídica da culpa como violação de uma lei. O estar-no-mundo envolve dimensões da existência humana

---

peligro para él es la amenaza de su estar-en-medio-de. El miedo abre al Dasein de un modo predominantemente privativo. Lo confunde y lo hace 'perder la cabeza'. Pero el miedo, junto con hacer ver, cierra el estar-en puesto en peligro de tal manera que cuando el miedo ya ha pasado el Dasein necesita reencontrarse." Ibidem, p. 145.

[131]Ibidem, p. 166.

[132]"Ser-culpable [Schuldigsein] tiene, también, la significación de 'ser responsable de', es decir, ser causa o ser autor de algo, o también 'ser el que provoca' algo. En este sentido de 'tener la culpa' de algo, se puede 'ser culpable' sin 'deberle' algo a otro o hacerse deudor suyo. Y al revés, se le puede deber algo a otro sin ser responsable de ello. Un tercero puede 'contraer deudas' 'por mi' ante otros. (...) La aclaración del fenómeno de culpa, fenômeno que no necesariamente se halla vinculado al de 'tener deudas' o a la violación del derecho, sólo puede lograrse si se pregunta previamente de una manera radical por el ser-culpable del Dasein, es decir, si se comprende la idea de 'culpable' a partir del modo de ser del Dasein. A este fin se debe formalizar a tal punto la idea de 'culpable', que queden excluidos de ella los fenómenos corrientes de culpa [o deuda] que tienen que ver con el coestar con los otros en la ocupación. La idea de culpa no sólo debe ser elevada por encima del campo del ocuparse calculante, sino que debe ser desvinculada también de la referencia a un deber y a una ley, por cuya violación se incurriría en culpa." Ibidem, p. 276- 277. [grifos no original].

tais como medo e angústia. Esta vincula-se à experiência do isolamento no mundo e mais profundamente à presença do vazio e à carência que o *Dasein* mostra ao se relacionar com o mundo. Medo e angústia são expressões da dimensão pública do *Dasein*.

A tão conhecida expressão de Heidegger, "ser-para-a-morte" abre leques de possibilidades interpretativas no que se refere ao tema da finitude, da existência e da presença do *Dasein* no mundo. O filósofo vai tratar existencialmente o conceito da morte. Para ele, a morte é algo único, próprio de cada *Dasein*. De outro lado, porém, existe uma não integridade do *Dasein*, quando ele encontra a morte (não há uma integridade completa do *Dasein*?). O *Dasein*, é envolvido pela morte, deixa de viver.

O ser-no-mundo é um ser-para-a-morte. Essa possibilidade tem o poder de anular e potencializar todo o projeto humano. Na concepção heideggeriana, o ser-para-a-morte não se resume ao limite humano, mas nutre a busca do sentido do ser. No clássico livro de Heidegger, *Ser e Tempo*, há várias alusões ao ser-para-a-morte[133]. Ele considera a morte como um fenômeno da vida, ou seja, viver também é um estar-no-mundo. A morte é a possibilidade da impossibilidade de existir, está portanto relacionada com o estar-no-mundo. A angústia está imbuída da abertura do *Dasein* ao mundo; não se confunde com o medo da morte, nem com fragilidade, mas implica o envolvimento com o fim, pois estar-no-mundo abarca a *faticidade* da morte, a existência abraça o fim.

> A morte é uma possibilidade de ser pela qual o próprio *Dasein* tem que se responsabilizar todas as vezes em que ela se lhe apresenta. Na morte, o próprio *Dasein* , em seu poder-ser mais específico, é iminente para si. Sua morte é a possibilidade de não-poder-mais existir. Quando o *Dasein* é iminente para si como possibilidade de si mesmo, se torna inteiramente presa de seu poder-ser mais próprio. Quando essa possibilidade se apresenta iminente para si dele se desatam todas as reciprocidades com outro *Dasein*. Essa possibilidade mais própria e impermutável é, ao mesmo tempo, a possibilidade extrema. Como poder-ser, o *Dasein* é incapaz de superar a possibilidade da morte. A morte é a possibilidade da radical impossibilidade de existência do *Dasein* [*Daseinsunmöglichkeit*]. A morte é a possibilidade da mais privativa possibilidade do *Dasein*: mais privativa, impermutável e insuperável.[134]

[133]HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Vol. 2. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 30.

[134]"La muerte es una posibilidad de ser de la que el Dasein mismo tiene que hacerse cargo cada vez. En la muerte, el Dasein mismo, en su poder-ser *más própio*, es inminente para sí. En esta posibilidade al Dasein le va radicalmente su estar-en-el-mundo. Su muerte es la posibilidad de no-poder-existir-más. Cuando el Dasein es inminente para sí como esta posibilidad de sí mismo, queda *enteramente* remitido a su poder-se-más proprio. Siendo de esta manera inminente para sí, quedan desatados en él todos los respectos a otro Dasein. Esta posibilidad más propia e irrespectiva es, al mismo tiempo, la posibilidad extrema. En cuanto poder-ser, el Dasein es incapaz de superar la posibilidad de la muerte. La muerte es la posibilidad de la radical imposibilidad de existir [*Daseinsunmöglichkeit*]. *La muerte es la posibilidad de la posibilidad más propia, irrespectiva e insuperable*." Ibidem, p. 247. [grifos no original]

A tentativa de evitar o confronto com a morte é uma forma de esquivar-se do que é considerado, por vezes, como covardia. Conjeturar sobre a morte é considerado como uma atitude de fraqueza, insegurança e de não tolerância diante da angústia. Esquivar-se da morte é demonstração mais evidente da certeza de sua vinda.

> As características do projeto existencial do modo próprio de estar voltado para a morte podem ser resumidas da seguinte maneira: o avanço se manifesta ao *Dasein* como perda no "si mesmo" e o conduz para a possibilidade de ser em si sem o apoio primário do cuidado [pre] ocupado, a possibilidade de ser em uma liberdade apaixonada, livre das ilusões do um [eu], liberdade de fato, segura de si e perseguida pela angústia: a liberdade para a morte.[135]

Outro tema indispensável no pensamento de Heidegger é o tempo. Este abarca uma transversalidade existencial no *Dasein* e no seu relacionamento com o mundo. Não é sinônimo de contagem das horas, envolve sentido e cuidado. O cuidado, que é expressão do *Dasein* e seu estar-no-mundo, explicita a finitude que desvela o tempo no seu modo existencial de se mostrar. O olhar para o tempo deve ser contemplado pela lente existencial.

A temporalidade também se expressa na atitude de espera que se liga com o poder-ser. A espera pode causar medo. O medo encontra-se com o tempo na existência cotidiana. A relação tempo e medo pode retratar também o esquecimento, principalmente de si mesmo. Todas essas conexões temporais igualmente desembocam na angústia no estar-no-mundo diante do poder-ser e da morte. É um desassossego existencial que permeia o *Dasein* no seu estar-no-mundo.

> O horizonte da temporalidade total determina aquilo para o qual o ente que existe efetivamente está essencialmente aberto. Com o existir [*Dasein*] real projeta-se sempre no horizonte/limite do futuro um poder-ser; e no horizonte do haver-sido fica em aberto o "ser-agora"; e no horizonte do presente desvela-se o objeto de ocupação. A unidade horizontal dos esquemas dos êxtases torna possível o contexto originário dos respeitos-para com, do que é feito por-mor-de [por amor de, com a finalidade de]. Decorre daí, devido à constituição horizontal da unidade extática da temporalidade, que alguma coisa parecida com um mundo aberto sempre estará disponível para o Aí [*Da*] do ser [*sein*]. [grifos nossos].[136]

---

[136]"El horizonte de la temporeidad total determina aquello *respecto de lo cual* el ente que existe fácticamente está esencialmente *abierto*. Con el existir [Da-sein] fáctico queda siempre proyectado en el horizonte del futuro un poder-ser; y en el horizonte del haber-sido queda abierto el 'ser ya'; y en el horizonte del presente queda descubierto el objeto de ocupación. La unidad horizontal de los esquemas de los éxtasis hace posible el contexto originario de los respectos-para con el por-mor-de. De ahí se sigue que, en virtud de la constitución horizontal de la unidad extática de la temporiedad, al ente que es en cada caso su Ahí le pertenezca siempre algo así como un mundo abierto." Ibidem, p. 353. [grifos no original]

Pode-se metaforizar a temporalidade como um horizonte que vê e se percebe nas classificações cronológicas do tempo (passado, presente, futuro); porém esse horizonte deve ser contemplado em sua identidade existencial: nela o tempo vai além das dimensões das horas, dos minutos, dos segundos, dos instantes. Adentramos a historicidade própria que se encontra com a finitude, com a morte. Adentramos o tema da história do Ser que burla a dimensão cronológica da marcação de nosso tempo.

> História significa, além disso, a totalidade do ente que muda "no tempo", entendendo por tal a diferença da natureza, que também se move "no tempo", as transformações e vicissitudes dos homens, dos agrupamentos humanos e da "cultura". Aqui história não significa tanto o modo de ser, o acontecer, quanto aquela região do ente que, em virtude da essencial determinação da existência do homem pelo "espírito" e pela "cultura", é distinguida da natureza que, não obstante, também pertence de alguma maneira à história assim compreendida.[137]

O *Dasein* está no mundo em constante movimento que inclui nascimento, vida, morte. A importância do pensamento heideggeriano para os estudos sobre o luto vincula-se diretamente às suas indagações sobre o Ser e o *Dasein*. Ademais, a presença do ser-no-mundo desemboca em várias vivências que se aproximam do fenômeno do luto, como a angústia, o medo, a culpa, o cuidado e a morte.

2.3 Maurice Merleau-Ponty

Maurice Merleau-Ponty[138], filósofo francês, abriu caminhos para a compreensão do mundo e da vida por meio da fenomenologia. Herdeiro das reflexões fenomenológicas husserlianas (principalmente do último Husserl[139]), focou sua fenomenologia na percepção e

---

[137]"Historia significa, además, la totalidad del ente que cambia 'en el tiempo', entendiendo por tal a diferencia de la naturaleza, que también se mueve 'en el tiempo', las transformaciones y vicisitudes de los hombres, de las agrupaciones humanas y de la 'cultura'. Aquí historia no significa tanto el modo de ser, el acontecer, cuanto aquella región del ente que, en virtud de la esencial determinación de la existencia del hombre por el 'espíritu' y la 'cultura', es distinguida de la naturaleza que, sin embargo también pertenece en alguna forma a la historia así comprendida." Ibidem, p. 366.

[138]Nascido na França no dia 12 de maio de 1908, faleceu no dia 3 de maio de 1961. Doutorou-se em filosofia e de Psicologia da Criança e Pedagogia na Sorbonne (1949-1952). Trabalhou junto com Jean Paul Sartre no jornal *Les Temps Modernes*. Ademais, contribuiu de forma significativa nas áreas da linguagem, artes e política.

[139]A expressão "último Husserl" significa que Maurice Merleau-Ponty deu continuidade ao pensamento de Husserl, especialmente a partir da expressão *Lebenswelt*. J. Adolfo Arias Muñoz afirma que "Pero, al mismo tiempo, si existe una definición ya clásica y casi tópica de la fenomenologia como una pretensión de su constituición como una ciencia estricta, como saber absoluto frente a las ciencias de hechos, esta definición no

na experiência do conhecimento vivenciado por todas as pessoas. Apesar de curta vida Merleau-Ponty nos deixou, como legado, reflexões acerca de corpo, linguagem, historicidade. Dialogou com vários estratos das ciências e das expressões de vida por meio das artes. Além da filosofia seus interesses incluíram matemática, antropologia, psicologia e pintura.

> Talvez por esse motivo o silêncio sobre Merleau-Ponty não seja surpreendente. Foi a homenagem involuntária que lhe prestaram. Para que a ruptura ruidosa pudesse ser proclamada, era preciso esquecer um pensamento que pusera em questão o estatuto do sujeito e do objeto, da consciência e da representação, do fato e do conceito; que modificara a maneira tradicional de acercar-se da linguagem e da arte; desvendara a dimensão ontológica do sensível e criticara o humanismo. Era preciso abandonar uma filosofia que arruinara as certezas e evidências trazidas pelas ideias de razão, natureza e história, cuja positividade permitia o surgimento de duplos imaginários e igualmente positivos: a irrazão, a vida e a dispersão dos acontecimentos. Era preciso deixar no olvido um pensamento que buscava o descentramento sem alarde, um trabalho corajoso e paciente, que desmanchava o tecido da tradição puxando os fios da não-coincidência, movendo-se na tensão resvalosa dos incompossíveis sem procurar sínteses apaziguantes, abrindo-se ao movimento de uma diferenciação primordial de onde nascia a possibilidade de outra ontologia.[140]

Merleau-Ponty evocou as linguagens que desabrocham no universo da busca pela essência do mundo. Nessa linha de investigação, postulou um dos mais importantes conceitos dentro de sua fenomenologia: "O mundo é o que percebemos". Assim, pode-se aventar que o mundo é o que se vivencia, o que se vive. Rico em detalhes, o clássico livro de Merleau-Ponty, *Fenomenologia da Percepção*, descortina em detalhes os meandros da vivência da percepção em amostras das várias áreas do conhecimento tais como nas ciências humanas e nas ciências exatas, além das artes e da música. Seus pensamentos encontram eco também na teoria da *Gestalt*[141], que valoriza a percepção como um convite ao conhecimento e ao autoconhecimento. Outra grande contribuição diz respeito ao olhar para o corpo: o corpo vivido, percebido, tocado, visto, sentido, criado.

---

comporta una supresión del mundo de la vida, que en sus últimas obras, Husserl vuelve a reseñar y Merleau-Ponty senãla como el punto de partida de su filosofia, al mismo tiempo que anota esta vuelta al mundo de la vida como la aportación fundamental de la filosofia husserliana." MUÑOZ, J. Adolfo Arias. **La Antropologia Fenomenologica de M. Merleau-Ponty.** Madrid: Editorial Fragua, 1975, p. 30.

[140]Chauí. Marilena. **A experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 4.

[141]Segundo o Dicionário de Gestalt-terapia: **"Gestaltês".** Gladys D'Acri, Patrícia Lima, Sheila Orgler. São Paulo: Summus, 2007., 127. Apud Fritz Perls (1977, p.19). Gestalt é uma palavra alemã para a qual não há tradução equivalente em outra língua. Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em uma composição. A premissa básica da psicologia da Gestalt é que a natureza humana é organizada em partes ou todos, que é vivenciada pelo indivíduo nestes termos, e que só pode ser entendida como uma função das partes ou todos dos quais é feita.

> Para Merleau-Ponty o que importa é entender que o mundo existencial é, em primeira instância, dependente da experiência da estrutura de nosso corpo próprio, experiência de uma corporalidade que pressupõe a consciência encarnada em seu meio ambiente que lhe é específico. O meu corpo próprio, como corpo carnal, é aquele que é vivenciado por mim enquanto meu. Ele apreende o seu corpo como diferente do corpo dos outros seus semelhantes.[142]

É no corpo que esbarram as percepções existenciais que percorrem a biografia de cada pessoa. A percepção leva à produção de juízos, mas não produz julgamentos. Nesse sentido, em Merleau-Ponty a percepção encontra no corpo a linguagem do mundo vivido. O corpo apreende e aprende, numa sinfonia que constrói a história das pessoas na existência de seus corpos. Ou seja, o corpo desvenda o espaço e o tempo, as vidas e as mortes que passam e ultrapassam a existência. A epistemologia merleau-pontyana toca nas elucubrações hodiernas sobre o corpo, porém não em seu caráter hedonista, mercadológico e descartável. Para o filósofo, o corpo é memória de sentido, portanto não se identifica com tendências a estabelecer separações arbitrárias, tais como corpo-alma, corpo-alma-espírito. O corpo expressa o fato de que para ser pessoa interagimos com a vida intersubjetiva. Meu corpo próprio não existe sem a vivência intersubjetiva:

> Mas a simples percepção do outro em seu corpo próprio; é necessário que o seu comportamento expressivo seja de certo modo compreendido. A vida intersubjetiva pressupõe a compreensão, a linguagem que nos permite viver o mundo enquanto uma comunidade de pessoas. Essa vivência intersubjetiva é expressão do eu enquanto pólo de afeições e de ações, de modos autênticos e inautênticos de se constituir a vida pessoal em comunidade.[143]

O corpo também traz o mistério do conhecimento sobre o nascimento e a morte. Há uma interligação entre fenômeno, consciência e corpo naquilo que compõe o nosso "existir no mundo". As entradas que nos convidam a ler nosso mundo que é vida, corpo, são abertas mediante a percepção encarnada, ou seja, aquela que, entrando em nosso corpo pelos órgãos dos sentidos, nos percorre diariamente.

> O corpo é apenas um elemento no sistema do sujeito e de seu mundo, e a tarefa obtém dele os movimentos necessários por um tipo de atração a distância, assim como as forças fenomenais que operam em meu campo visual obtêm de mim, sem cálculo, as reações motoras que estabelecerão o

---

[142]CAPALHO, Creusa. A fenomenologia existencial e a experiência do outro. In: **A fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. Danuta Dawidowicz Pokladek (org). São Paulo, Vetor Editora, 2004. p.59.

[143]Ibidem, p. 56.

> melhor equilíbrio entre elas, ou assim como os usos de nosso círculo, a constelação de nossos ouvintes, imediatamente obtêm de nós as falas, as atitudes, o tom que lhes convêm, não porque procuremos agradar ou disfarçar nossos pensamentos, mas porque literalmente somos aquilo que os outros pensam de nós e aquilo que nosso mundo é.[144]

Consideramos que o pensamento merleau-pontyano sobre o mundo da percepção é vital para mergulharmos no fenômeno do luto. Há uma percepção interior e exterior, a que se vê e a que se pensa que vê; são elas, porém, inseparáveis, mesmo que complementares ou dissonantes.

2.3.1 Estrutura do Comportamento

Estrutura do Comportamento foi a primeira obra publicada de Merleau-Ponty. Apresenta, detalhadamente, o histórico dos estudos sobre o comportamento, desde as primeiras experiências em fisiologia com animais até alcançar uma reflexão sobre o comportamento humano. O autor abre para um cenário do comportamento reflexo, no qual dá visibilidade para a relação causa e efeito na compreensão da estrutura do comportamento. Merleau-Ponty vai cuidadosamente investigando, desde o início, a relação do comportamento tanto animal como humano com a ocupação de um espaço e com seu próprio corpo. Neste livro, Merleau Ponty estuda a natureza pré-reflexiva da existência, especialmente o corpo humano e seu "comportamento natural". Para Merleau-.Ponty. Os métodos da Psicologia, até então, se mostraram insuficientes para o estudo do "humano" da natureza. Nessa obra, concluiu que a estrutura do comportamento humano é mais abrangente das estruturas.

Os estudos sobre a estrutura do comportamento humano, abriram campo para a percepção que, segundo o filósofo, vai além dos processos fisiológicos.

> A função "ponto sobre um fundo homogêneo" ou mais geralmente a função "figura e fundo" só tem sentido no mundo percebido: é nele que aprendemos o que é uma figura e o que é um fundo. O percebido seria explicável apenas pelo próprio percebido e não por processos fisiológicos.[145]

A noção de forma e unidade insere-se como ponto de diálogo entre a *Gestalt* e o comportamento. Merleau-Ponty admite que se houvesse mais aprofundamento na análise da relação entre fenômenos fisiológicos e sistema nervoso, o conhecimento da estrutura do

---

[144]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 154.
[145]MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Estrutura do Comportamento**. São Paulo, Martins Fontes, p. 145.

comportamento seria facilitado. Merleau-Ponty retoma os estudos de Gestalt, como o esforço mais importante para compreender a percepção e o comportamento, mas avalia suas contribuições tanto como suas falhas essenciais (como o causalismo, mecanicismo, naturalismo). Seu objetivo maior é mostrar o corpo humano como uma dinâmica de se refazer e se recompor mesmo onde acontecem lesões graves. Rejeita o excesso de antropomorfismo de Gestalt. Reconhece uma hierarquia de estruturas que se movimenta entre diferentes polos que ocupam a função de reconstituição. Por isso mesmo, há uma ambiguidade fundamental na composição e recomposição dinâmica do corpo em relação ao mundo. Percepção é sempre um ato novo de reconstituição, recriação contínua. Comportamento essencialmente significativo e de superação das circunstâncias. O corpo é vivido como ser-no-mundo. Portanto Merleau-Ponty oferece uma superação da Gestalt e não simplesmente uma afirmação dela.

Merleau-Ponty encara a forma não como uma realidade física, mas como um objeto da percepção. Com a discussão sobre a estrutura do comportamento, inicia os estudos sobre a percepção, os quais serão ampliados em *Fenomenologia da Percepção*. Para ele, existe uma estrutura de comportamento para cada pessoa; afirma que o próprio do ser humano é sua capacidade de superação: "O que define o homem não é a capacidade de criar uma segunda natureza – econômica, social, cultural – para além da natureza biológica; é, sobretudo, a capacidade de superar as estruturas criadas para criar outras."[146]

Outro dado relevante no desenvolvimento do pensamento de Merleau-Ponty sobre a estrutura do comportamento é o conhecimento. Tal conhecimento está relacionado com corpo e percepção e o significado que se revela para as pessoas. Um exemplo da vinculação entre a percepção e o conhecimento pode ser observada em temas como dor e luto:

> A percepção que tenho dele nunca é, no caso de uma dor ou de um luto, o equivalente da percepção que ele tem de si mesmo, exceto se sou suficientemente ligado a ele para que nossos sentimentos constituam juntos uma só "forma" e que nossas vidas deixem de correr separadamente. É através desse consentimento raro e difícil que posso de fato unir-me a ele, assim como só posso apreender meus movimentos naturais e me conhecer sinceramente pela decisão de ser para mim mesmo. Assim, não me conheço por posição, mas não tenho tampouco o poder inato de conhecer de fato o outro.[147]

Os primeiros estudos sobre o comportamento foram um prelúdio para o posterior aprofundamento da reflexão sobre a relação entre fenomenologia e percepção. Seus estudos

[146]Ibidem, p. 272.
[147]Ibidem, p. 342.

têm em si uma crítica à psicologia de sua época[148] que focava o comportamento na associação estímulo-resposta.

2.3.2 Fenomenologia e Percepção

O pensamento de Merleau-Ponty é um mosaico de reflexões que buscam explicitar o processo do conhecimento por meio do vivido. Como discípulo de Husserl, ele seguiu o caminho do mestre mas escolheu outras sendas para a edificação do conhecimento do si-mesmo, do outro e do mundo. Destacaremos duas expressões significativas dos caminhos por ele percorridos em sua filosofia da existência: a percepção e o corpo.

A obra clássica que trata de forma detalhada este par de conceitos é *Fenomenologia da Percepção*. Merleau-Ponty apresenta várias entradas para o mundo da fenomenologia por meio da percepção. Seu propósito é chegar à essência das coisas e auscultá-la, visualizá-la com nossa experiência do mundo – o meu mundo, o de outrem, o nosso mundo.

> Trata-se de descrever, não de explicar nem de analisar. Essa primeira ordem que Husserl dava à fenomenologia iniciante de ser uma "psicologia descritiva" ou de retornar "às coisas mesmas" é antes de tudo a desaprovação da ciência. Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam meu corpo ou meu "psiquismo", eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como o simples objeto da biologia, da psicologia e da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência. Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir da visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é a experiência segunda.[149]

A construção do conhecimento tem várias facetas, porém não se dá na solidão; portanto, a volta às suas essências é o meio e não o alvo do conhecimento. Merleau-Ponty, na continuidade do pensamento husserliano, coloca o corpo como espaço do conhecimento experienciado e vivido. Além disso, desenvolve grandes temáticas husserlianas, como o *Lebenswelt,* corpo próprio, intencionalidade pré-reflexiva, significação e constituição do mundo, entre outras, sem deixar de incluir, no entanto, uma colaboração pessoal nessas abordagens.

---

[148]Merleau-Ponty foi contemporâneo de uma psicologia que prosperava nas Escolas Behavioristas (John B. Watson - Estados Unidos); Psicanalítica (Sigmund Freud) e da *Gestalt* (Max Wertheimer) na Europa.
[149]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 3.

De modo amplo, Merleau-Ponty coloca na percepção o fundamento dos mundos: "portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: o mundo é aquilo que nós percebemos".[150] O mundo transcende o pensamento e torna-se vivência, transcende a "explicação dos fatos" para a compreensão do vivido. A compreensão se dá a partir do mundo da pessoa em conexão com outros mundos e é essa riqueza de percepções que torna possível a compreensão de um fenômeno.

O mundo fenomenológico não é o ser puro, é o sentido que transparece na interseção de minhas próprias experiências e dessas com as de um outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é, portanto, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha experiência.[151]

Tendo como suporte as proposições de Merleau-Ponty acerca do mundo fenomenológico, concluímos que há um vínculo íntimo entre a experiência, o tempo e o conceito de sujeito. O corpo como caminho de vinculação com o mundo está também envolto de presente, passado e futuro. O tempo circunda o corpo e sua biografia na vivência do mundo. Além disso, a percepção, envolvida com a memória, evoca temporalidades que trazem história, experiência, mundo da vida. A relação entre percepção e corpo resulta na crença, já que "nosso corpo não tem o poder de fazer-nos ver aquilo que não existe; ele pode apenas fazer-nos crer que nós o vemos."[152]

2.3.3 Corpo, Percepção e Linguagem

A percepção voltada para interpretação e o significado transcende a visão física, ou seja, tomada como um dos sentidos do corpo e os processos biológicos que a envolvem. Inclui a experiência subjetiva em direção ao mundo objetivo. É o mundo vivido pela pessoa na compreensão do outro e na relação com o outro e com o próprio mundo. O olhar sobre o mundo é uma das faces do mundo e do meu próprio mundo. A relação entre corpo e percepção está nos fenômenos que se mostram e são imbuídos de significado pelo corpo.

> Tenho consciência do meu corpo como de uma potência indivisa e sistemática de organizar certos desenvolvimentos de aparência perceptiva. O meu corpo é aquele que é capaz de passar de tal aparência, como organizador de uma "síntese de transição". Eu organizo com o meu corpo

[150]Ibidem, p. 14.
[151]Ibidem, p. 18.
[152]Ibidem, p. 55.

> uma compreensão do mundo, e a relação com o meu corpo não é a de um corpo e a coisa, mas habito o meu corpo e por ele habito a unidade carnal de meu corpo, como encravada em seu funcionamento. O corpo aparece não só como o acompanhante exterior das coisas, mas como o campo onde se localizam minhas sensações.[153]

Podemos afirmar que o corpo também se dirige ao mundo. Isso indica que o corpo vivo em movimento para a vida é a consciência do estar vivo. O mundo percebido é uma expressão merleau-pontyana, e está na base de sua busca pelo fundamento do conhecimento. Nesse sentido, é importante alertar que Merleau-Ponty contribuiu de forma significativa para uma percepção sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre a formação da sociedade e as relações humanas. Uma percepção que olha o *si* se encontra narcisicamente presa a uma esfera acanhada de vida; uma percepção que olha o *si* em interação com o outro é uma janela que se abre para caminhos nunca percorridos, quer em nós mesmos, quer nos outros.

> Meu ato de percepção, considerado na sua ingenuidade, não efetua ele mesmo essa síntese, ele se beneficia de um trabalho já feito, de uma síntese geral constituída de uma vez por todas, é isso que exprimo ao dizer que percebo com meu corpo ou com meus sentidos, meu corpo, meus sentidos, sendo justamente este saber habitual do mundo, essa ciência implícita ou sedimentada.[154]

A percepção do corpo envolve uma relação estreita com o Lebenswelt. É a partir desta relação que Merleau-Ponty relacionará corpo e conhecimento e compreensão do mundo.

2.3.4 Corpo e Mundo Vivido

Uma das dimensões mais presentes no pensamento de Merleau-Ponty é a da mediação do corpo para a consciência do mundo. A consciência do corpo está vinculada com a compreensão de mundo. Essa consciência, esse corpo que compreende o mundo é próprio do *status* da natureza do ser humano.[155]

> [...] pois se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a

[153]MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 122.
[154]Ibidem, p. 319.
[155]Podemos encontrar no livro A Natureza, obra de Maurice Merleau-Ponty, um estudo apurado das várias naturezas que encontramos no mundo e evidentemente a natureza do ser humano.

> volta em torno deles e neste sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo.[156]

Para Merleau-Ponty, nosso corpo vive uma ambigüidade; por exemplo, ele é ao mesmo tempo liberdade e servidão. No corpo, as percepções do mundo vivido podem apresentar recortes que são desdobramentos do meu olhar para o que está diante de mim. O corpo é o meio de comunicação com o mundo e lugar do afeto e do desafeto. O afeto pode ser compreendido como a díade corpo-sujeito. Dessa maneira, podemos aventar que o corpo é uma expressão de sua própria ambiguidade; podemos ver e nos lamentar diante do que percebemos. A ambiguidade é um conceito central em Merleau-Ponty; ela traz à tona a capacidade que nosso pensamento tem de distinguir diferentes relações entre as coisas. Ou seja, trata-se de uma tomada de consciência de que a vida humana se manifesta e se mescla entre lados aparentemente contrários (por exemplo, corpo e espírito). A ambiguidade se manifesta com nossa interação com o mundo e nas vivências desencadeadas nesse mesmo mundo. São as interrogações que emergem da vivência no mundo que permitem a presença da ambiguidade como parte da existência humana. Essa existência inclui o que Merleau-Ponty denominou subjetividade encarnada que é a relação que o ser humano estabelece dentro e fora de si, consigo mesmo e com o outro.

Na fenomenologia da percepção, Merleau Ponty trata de mostrar a partir da base perceptiva a presença do ser humano transcendental (não apenas a consciência), trata também de superar todo resquício de dualismo cartesiano, e sobretudo a visão de que a percepção é uma reconstituição humana do mundo e que requer interpretação ante a ambiguidade do corpo, da significação, da existência.

Outro cenário que nos é apresentado da relação entre o corpo e o mundo vivido é a experiência de comunicação entre meu próprio corpo e outros corpos, o que nos leva a tocar no tema da espacialidade; a do meu corpo próprio[157] e a do espaço exterior a ele. Há uma relação muito próxima entre a espacialidade e o movimento do corpo, estando a percepção intimamente ligada ao movimento. Além disso, a consciência do ser é dada no movimento do corpo.

> A consciência é o ser para a coisa por intermédio do corpo. Um movimento é apreendido quando o compreendeu, quer dizer, quando ele o incorporou ao seu "mundo", e mover seu corpo é visar as coisas através dele, é deixá-lo

[156]Ibidem, p. 122.
[157]"Corpo próprio" é uma expressão que, em Merleau-Ponty significa a capacidade que o corpo tem de interpretar a si mesmo.

> corresponder à sua solicitação, que o ser exerce sobre ele sem nenhuma representação.[158]

Merleau-Ponty afirmava que o corpo habita espaço e tempo com uma interligação presente na ligação com o mundo. O corpo não é somente um espaço expressivo, mas uma presença entre a essência e a existência que é vivenciada na percepção. Uma das metáforas mais presentes na obra de Merleau-Ponty sobre o corpo é nomeá-lo uma obra de arte.

Há uma ligação intensa entre o corpo e a comunicação, como já mencionado anteriormente. Tocamos em outro tema que levanta questões decisivas do pensamento de Merleau-Ponty: a linguagem. Ao falar dela estamo-nos referindo a pontos fulcrais de sentido que se espalham em várias dimensões e novamente nos remetem ao corpo.

> A linguagem é pois, este aparato singular que, como nosso corpo, nos dá mais do que pusemos nela, seja porque apreendemos nossos próprios pensamentos quando falamos, seja porque os apreendemos quando escutamos os outros. Quando escuto ou leio, as palavras não vêm sempre tocar significações pré-existentes em mim. Têm o poder de lançar-me fora de meus pensamentos, criam no meu universo privado cesuras por onde outros pensamentos podem irromper.[159]

Linguagem e corpo se encontram como parceiros inseparáveis na relação com o mundo: encontram-se na memória, no tempo, no espaço, nos gestos, na fala, no silêncio, nas artes, na palavra escrita. Tudo expressa um mundo vivido, uma história. Na comunicação, o corpo transcende o visível; na experiência perceptiva compreende e dá sentido à linguagem e assim ao mundo. Não podemos, portanto, desconsiderar o valor intersubjetivo do vínculo entre corpo e linguagem.

> Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total.[160]

O corpo é a linguagem da existência. Por estar vinculado à existência, o corpo explicita nossa biografia desde o nascimento até a morte, como já o mencionamos, em sua

---

[158]MERLEAU-PONTY, Maurice. Op. cit., p. 193.
[159]MERLEAU PONTY, M, **Signes, (**In) Coleção Os Pensadores. São Paulo: Victor Civita Ed.vol.61. 1ª Ed. fev.1975, fascículo n.62, p. 822.
[160]Ibidem, p. 269.

relação com a história. Nesse sentido, falamos da relação do corpo com a sensação, mas também de sua capacidade de ir além dos sentidos. A sensação é uma dimensão do corpo.

> Portanto, nós não reduzimos a significação da palavra e nem mesmo a significação do percebido a uma soma de "sensações corporais", mas dizemos que o corpo, enquanto tem "condutas", é este estranho objeto que utiliza suas próprias partes como símbolo geral do mundo, e através do qual, por conseguinte, podemos "frequentar" este mundo, "compreendê-lo e encontrar uma significação para ele.[161]

Merleau-Ponty considera a sensação como percepção por meio dos órgãos dos sentidos como a mais simples das percepções. É importante destacar que a relação do corpo com o espaço e o tempo é vital para compreendermos sua relação com o mundo. A percepção conecta meu corpo ao espaço e ao tempo, portanto o corpo é no espaço e no tempo.

A percepção se dá no corpo não por meio de uma sensação, mas pela atribuição do significado ao fenômeno que está diante de mim. Encontramos então limites e possibilidades da percepção do mundo. É uma abertura para novos mundos e o fechamento para o meu mundo e vice-versa.

> O que é preciso compreender é que a mesma razão me torna presente aqui e agora e presente alhures e sempre, ausente daqui e de agora e ausente de qualquer lugar e de qualquer tempo. Essa ambiguidade não é uma imperfeição da consciência ou da existência, é sua definição. O tempo no sentido amplo, quer dizer, a ordem das coexistências assim como a ordem das sucessões, é um ambiente ao qual só se pode ter acesso e que só se pode compreender ocupando nele uma situação e apreendendo-o inteiro através dos horizontes dessa situação.[162]

A ambiguidade também se relaciona com o mundo inacabado, ou seja, com o mundo que está sempre se modificando a partir dos significados que atribuímos às nossas vivências. A percepção do mundo tem a capacidade criadora, pois ao interagir com o fenômeno que está diante de si é capaz de atribuir-lhe novos significados. Quando tratamos da percepção do outro, a ambiguidade está presente: posso vê-lo como objeto e como sujeito ou como sujeito-objeto, objeto-sujeito; a recíproca é verdadeira. A percepção do outro é uma faceta relevante do pensamento de Merleau-Ponty para o processo de conhecimento e de compreensão da existência. O que o filósofo denominou intermundo manifesta-se nas percepções minhas e do outro e vice-versa. É o que chamou também de intersubjetividade. Quando o olhar cruza com

[161]Ibidem, p. 317.
[162]Ibidem, p. 445.

o outro, se inicia o processo de percepção sobre cujos desdobramentos não temos o controle. Novamente tocamos no tema da linguagem, que aproxima ou rechaça as pessoas, mas é a potencialidade do diálogo que está presente nos mundos que se encontram quando nos relacionamos com outrem.

> Sinto meu corpo como potência de certas condutas e de um certo mundo, sou dado a mim mesmo como um certo poder sobre o mundo; ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro que habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo.[163]

É importante lembrar que o corpo também fala de uma intencionalidade em relação ao mundo. Neste ponto, para que possamos compreender melhor o pensamento de Merleau-Ponty, é necessário que voltemos a Husserl. Vimos anteriormente que Husserl advoga a intencionalidade da consciência, cuja peculiaridade é justamente a capacidade de outorgar significado às coisas exteriores, de dar sentido às coisas: a consciência é sempre a consciência de alguma coisa.

> Porém, é na 5ª Investigação que [Husserl] mais diretamente desenvolve a noção de Intencionalidade. Nesse ponto, ele parte de uma tripla consideração da consciência: a) A consciência como consistência fenomenológica real do eu empírico, como o entrecruzamento das vivências psíquicas na unidade de seu trajeto. b) A consciência como percepção interna das vivências psíquicas próprias. c) A consciência como nome coletivo para todo tipo de atos psíquicos ou vivências intencionais. Se tivéssemos que estabelecer uma ordem hierárquica de prioridade entre esses três conceitos de consciência, o segundo passaria a ocupar o primeiro lugar, pois, como aponta Husserl, o conceito de consciência como percepção interna das vivências psíquicas próprias é o "primitivo, o anterior em si". Isso implica uma redução ao fenomenológico do eu empírico que tem como resultado uma "unidade da corrente de vivências", unidade fechada em si realmente e que se desdobra no tempo. Porém, é a terceira noção a mais importante neste ponto e, para esclarecê-la, Husserl precisa abandonar os limites colocados por Brentano ao ato psíquico, para dar lugar à vivência intencional. [164]

---

[163]Ibidem, p. 474.

[164]"Pero es en la 5ª Investigación donde más directamente desarrolla la noción de Intencionalidad. Aquí se parte de una triple consideración de la consciencia: a) La consciencia como consistencia fenomenológica real del yo empírico, como el entrecruzamento de las vivencias psíquicas en la unidad de su curso. b) La consciencia como percepción interna de las vivencias psíquicas propias. c) La consciencia como nombre colectivo para toda clase de actos psíquicos o vivencias intencionales. De estos tres conceptos de consciencia, si tuviéramos que establecer un orden jerárquico de prioridad, el segundo pasaría a ocupar el primer puesto, ya que, como senãla Husserl, el concepto de consciencia como percepción interna de las vivencias psíquicas propias, es el 'primitivo, ela anterior

Merleau-Ponty apreende o conceito de intencionalidade husserliana, acrescentando-lhe a noção de interação do corpo com o mundo. Ao interpretar Husserl, o filósofo destacou, dentre as noções de intencionalidade, o que denominou *intencionalidade mais profunda,* que é a existência. A percepção reveste de historicidade o meu pensamento, retomando acontecimentos e ampliando meu mundo reflexivo.

> [...] eu compreendo o mundo porque para mim existe o próximo e o distante, primeiros planos e horizontes, e porque assim o mundo se expõe e adquire um sentido diante de mim, quer dizer, finalmente porque eu estou situado nele e porque ele me compreende. Nós não dizemos que a noção do mundo é inseparável da noção de sujeito, que o sujeito pensa inseparável da ideia de corpo e da ideia do mundo, pois, se só tratasse de uma relação pensada, por isso mesmo ela deixaria subsistir a independência absoluta do sujeito enquanto pensador e o sujeito não estaria situado.[165]

Outra dimensão indispensável do mundo vivido pelo meu corpo é a relação com a temporalidade. O tempo nasce quando me relaciono com o mundo e assim destaco presente, passado e futuro que estão fundidos em minha biografia. O corpo vivido desdobra o tempo, pois ele está continuamente presente e não pode ser convertido em um absoluto. O tempo é o filme da "minha" história. Damos sentido ao tempo, na relação profunda com os acontecimentos, experiências, percepções, intencionalidades, corpo vivido. Portanto, o tempo está vinculado à minha subjetividade e à minha intersubjetividade, e conectado com minha relação com o mundo, comigo mesmo, com as coisas, com os outros. No encontro com o tempo abre-se a possibilidade de criar, recriar, retomar e refletir. Assim, o tempo está vinculado à espontaneidade.

> Assim como meu presente vivo dá acesso a um passado que todavia eu não vivo mais e a um porvir que eu não vivo ainda, que talvez eu não viverei jamais, ele também pode dar acesso a temporalidades que eu não vivo e pode ter um horizonte social, de forma que meu mundo se acha ampliado na proporção da história coletiva que minha existência privada retoma e assume.[166]

---

en si'. Lo cual, comporta una reducción a lo fenomenológico del yo empírico que tiene como resultado una 'unidad de la corriente de vivencias', unidad cerrada en si realmente y que se despliega en el tiempo. Pero es la tercera noción la más importante en este punto y, para clarificarla, Husserl necesita abandonar los límites puestos por Brentano al acto psíquico, para dar lugar a la vivencia intencional." MUÑOZ, J. Adolfo Arias. Op. cit., p. 43.

[165]Ibidem, p. 547.

[166]Ibidem, p. 580.

Damos um sentido ao tempo que desvela um cenário existencial. O horizonte da minha percepção é ampliado pela historicidade que socializa meu olhar nos olhares dos outros.

2.3.5 Corpo e Historicidade

Outra faceta dos estudos de Merleau-Ponty que engendra o fundamento do conhecimento no corpo é a História. Podemos uni-la com o nosso processo de formação de uma identidade e com o existencial, que percorre os tempos e nos faz ser em relação ao mundo.

> Nessa situação ambígua a que somos arrojados porque temos um corpo e uma história pessoal e colectiva, não podemos encontrar repouso absoluto; é-nos necessário, sem cessar, o esforço para reduzir nossas divergências, para explicar as nossas palavras mal compreendidas, para manifestar o que nos está oculto, para perceber outrem.[167]

O resgate dessa história pessoal e coletiva é uma das riquezas do pensamento merleau-pontyano. Com essa faceta de seu pensamento, adentramos também na teleologia, que busca fins nos domínios das possibilidades e de uma intercorrelação entre os tempos. Há um vínculo significativo entre memória, recordação e reconhecimento das experiências que já foram vivenciadas e que interagem com o presente e com a possibilidade do futuro. A percepção é um evento mais amplo do que a recordação. Faz-se alusão novamente ao tempo.

> É em meu campo de presença no sentido amplo – neste momento em que passo a trabalhar tendo, atrás dele, o horizonte da jornada transcorrida e, diante dele, o horizonte da tarde e da noite – que tomo contato com o tempo, que aprendo a conhecer o curso do tempo. O passado mais distante tem, ele também, sua ordem temporal e uma posição temporal em relação ao meu presente, mas enquanto ele mesmo foi presente, enquanto "em seu tempo" ele foi atravessado por minha vida, e enquanto ela prosseguiu até agora.[168]

A história está ligada ao tempo vivido o qual também tem uma conexão muito presente com o corpo. O fazer história dialoga com o corpo e os acontecimentos que o percorrem diariamente.

---

[167]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Palestras**. Lisboa: Edições 70, p. 52.
[168]Op. cit., p. 557.

> Este tempo – em que ser e passar são sinônimos, e que, como o corpo humano ou o corpo próprio, não temos outra maneira de conhecer a não ser vivendo-o, assumindo-o, ou confundindo-nos. com ele – este tempo vivido é possível, para Merleau-Ponty, graças à consciência encarnada em um sujeito-corpo, finito e situado. Só uma subjetividade-corpo pode viver o tempo e é susceptível de sentir a experiência do tempo. Corpo e tempo são, para Merleau-Ponty, termos correlatos [...][169]

Os acontecimentos compõem a história e viabilizam a relação com o tempo e a ambiguidade dele e do corpo. Ora a percepção que temos dos eventos que nos envolvem são visíveis, ora invisíveis à nossa percepção. Aqui também é dada a ambiguidade que acompanha nossa biografia.

> Assim, a historicidade é o conceito ontológico fundamental que permite explicar a estrutura existencial do ser do homem. E este movimento é dialético pois ele é o fazer de si próprio no ultrapassamento de si, do outro e do mundo, isto é, ele é movimento de transcendência a partir de sua situação de ser que já está aí. Mas a historicidade do ser humano é ainda o signo de sua finitude – ele é o aí – que deve tomar por encargo seu ser no mundo, seu ser em situação, seu passado, seu presente, seu corpo e o mundo.[170]

A historicidade apresenta ciclos existenciais em que o corpo se relaciona com o outro. Na instituição do meu próprio ser, encontro-me no outro. É a história pessoal e a história do mundo. É a historicização do corpo que se faz na história e espelha o ser; é a busca contínua de si mesmo na intercorporeidade e no mundo.

2.3.6 Corpo enlutado

Merleau-Ponty, pesquisador incansável das percepções sobre a vida, deixou-nos o legado do olhar existencial que transcende a ortodoxia da verbalização. O corpo exprime em uma linguagem tácita o que não cabe em palavras. Existe uma linguagem do enlutamento, cujas fases, preconizadas por estudiosos, principalmente na área psíquica, não conseguem captar, englobar. As perscrutações que envolvem o luto vão além das concepções limitadas aos estágios sobre o luto.

A fenomenologia envolve o universo de crenças e valores de cada pessoa e se ocupa com o estudo das essências, da percepção da vida, da consciência em relação a essa mesma

---

[169]SOMBRA, José de Carvalho. **O Tempo**: em toda parte e em parte alguma. (A fenomenologia do tempo segundo M.Merleau-Ponty) – Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 1998, p. 118.
[170]CAPALHO, Creusa. **A filosofia de Maurice Merleau-Ponty**: Historicidade e Ontologia. Londrina: Edições Humanidades, 2004, p. 93.

vida. Evidentemente há um mundo hermenêutico que envolve a fenomenologia, pois no seu método o sujeito exporá sua percepção e sentido de mundo, a partir de sua própria experiência. Nesse sentido, tanto o pesquisador como seu foco de investigação passam pelo processo de reaprender a ver o mundo. Salientemos que os estudos da fenomenologia se interrelacionam com facetas da vida humana no que tange às esferas sociais, políticas, econômicas, mas é na esfera do corpo que ressaltam os estudos de Merleau-Ponty.

> Percebo outrem enquanto comportamento, por exemplo, percebo o luto ou a cólera de outrem em sua conduta, em seu rosto e em suas mãos, sem nenhum empréstimo a uma experiência "interna" do sofrimento ou da cólera e porque luto e cólera são variações do ser no mundo, indivisas entre o corpo e a consciência, e que se põem tanto na conduta de outrem, visível em seu corpo fenomenal, quanto em minha própria conduta tal como ela se oferece a mim. Mas enfim o comportamento de outrem e mesmo as falas de outrem não são de outrem. O luto de outrem e sua cólera nunca têm exatamente o mesmo sentido para ele e para mim.[171]

Merleau-Ponty oferece o horizonte advindo de significados por meio do corpo, como possibilidade de expressão do significado dado a determinado tema da vida. As afirmações do filósofo nos apontam algumas nuanças vitais para a compreensão do processo do luto e a práxis religiosa. A dor humana desencadeada no processo do luto é sentida na sua exteriorização no corpo. A dor da perda publica sua presença no corpo de diversas formas. É no corpo que o luto demonstra seu toque, sua presença, mas também a possibilidade de rever a maneira como se vive. Aqui vale uma pequena digressão.

2.3.6.1 Algumas pontuações sobre a relação entre religião e corpo

O contexto religioso é um espaço promissor para se pensar o luto também na óptica do corpo. Para José Comblin[172] o corpo, na óptica da religião, designa símbolos:

> Na religião, o corpo está subordinado ao simbolismo e serve para criar símbolos religiosos. O corpo está instrumentalizado. Tal instrumentalização varia de acordo com as várias religiões. Há religiões mais expressivas ou exigentes com relação ao corpo e outras mais moderadas ou discretas. Em geral o cristianismo oriental foi mais expressivo e o ocidental, mais moderado.

---

[171]Ibidem, p. 496.
[172]COMBLIN, José. Cristianismo e Corporeidade. **Corporiedade e teologia**. São Paulo: Paulinas, 2005. 300 p p. 9.

Com interpretações que consideram o corpo como espaço do pecado, a religião cristã é devedora de estudos que discutam a existência e o sentido delas em meio aos desafios de temas como sofrimento e sexualidade, por exemplo. Os estudos sobre corpo vêm ganhando vulto em espaços de estudos da religião, principalmente nas pesquisas de gênero. Luiza Etsuko Tomita[173] fez um estudo relevante sobre a relação entre corpo e cotidiano dentro do enfoque de gênero. Ao pesquisar sobre alguns movimentos populares de mulheres, trouxe de volta à memória a história do Cristianismo, que deixou marcas indeléveis sobre o controle do corpo, principalmente o da mulher.

É importante ressaltar que o corpo é apenas uma das facetas dos estudos da fenomenologia, porém de intensa importância para seu método. O corpo é uma das expressões mais significativas do conceito do ser humano. Em Merleau-Ponty, ele se torna fundamento do conhecimento por intermédio da percepção. Na "síntese perceptiva", encontramos um processo de conhecimento. A categoria "corpo-sujeito" procurou ser um contraponto à dicotomia "sujeito-objeto" inaugurada pela metafísica idealista de Descartes. O corpo torna-se, para Merleau-Ponty, uma "instituição mediadora" do conhecimento, que é possível quando encaramos sua relação constante com o mundo. Encontramos assim uma fonte do conhecimento e do autoconhecimento.

O corpo também explicita as incoerências entre importantes descobertas na área de saúde e da tecnologia e a convivência humana na proliferação das guerras e doenças. De certa forma, ao falarmos do método fenomenológico, que inclui a dimensão do corpo, nos aproximamos também do sentido dado à vida a partir das situações-limite e possibilidades de ampliar horizontes por meio da elaboração da finitude humana. É aqui que encontramos o tema do luto. Percebemos não só o sentido dado pelas pessoas que estão vivenciando situações-limite, mas também pelos cuidadores dessas pessoas. As relações humanas estabelecidas nesse cuidado também são palco dos estudos da fenomenologia. Por exemplo, o conforto oferecido às pessoas por ocasião de uma perda inclui uma percepção do mundo do outro, uma necessidade humana vital em momentos de enlutamento. Essa percepção vai além do olhar o corpo, percebe o corpo-existência. Portanto, envolve também os gestos, a fala, o toque que exprime respeito, dignidade e confiança no humano.

---

[173]Luiza Etsuko Tomita defendeu sua tese de doutorado com o tema Corpo e cotidiano: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertação na América Latina . É um estudo valioso sobre as conceituações sobre corpo na tradição cristã, principalmente na dimensão de gênero. TOMITA, Luiza Etsuko. **Corpo e cotidiano**: a experiência de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertacão na América Latina. 296 p. Doutorado em POS-CIENCIAS DA RELIGIAO, São Bernardo do Campo, 2004.

> Enfim, a morte não é desprovida de sentido, já que a contingência do vivido é uma perpétua ameaça para os significados eternos nos quais ele acredita exprimir-se por inteiro. Será preciso garantir que a experiência da eternidade não é inconsciência da morte, que ela não está aquém, mas além como aliás será preciso distinguir o amor à vida, ao apego à existência biológica. O sacrifício da vida será filosoficamente impossível, tratar-se-á apenas de "arriscar" sua vida, o que é uma maneira mais profunda de viver.[174]

Os estudos da percepção são outro destaque que podemos dar à contribuição de Merleau-Ponty para a pesquisa sobre o luto, pontuados anteriormente. A percepção é mais do que uma noção de mundo e de primeiro "instante" do conhecimento; é uma categoria dos sentidos, que envolve uma relação de interação com o ambiente. Isso não é desconhecido de nosso universo de conhecimento. Porém, em relação ao luto, esbarra num campo ainda pouco explorado nas ciências da religião que envolve a fenomenologia do luto, que pode ser categorizado, no luto de si mesmo, o luto do outro, por exemplo. Merleau-Ponty afirmou que "só sentimos que existimos depois de já ter entrado em contato com os outros"[175]. Correlacionando com o tema do luto, podemos arriscar afirmar ser possível, para alguns, que o sentimento de entrar em contato com o outro só ocorra quando se vivencia o luto de alguém que se foi. Ainda dentro dos estudos merleau-pontyanos sobre percepção, há uma correlação com os estudos teológicos do corpo, a partir da corporeidade[176]. Marcio Fabri dos Anjos, sacerdote católico que vem trabalhando há anos com bioética, nos chama atenção para esse vínculo:

> Na corporeidade, a teologia recebe uma expressão exuberante. Na corporeidade, a teologia encontra-se com a emoção, com o afeto, com as necessidades básicas do cotidiano, com o prazer, e também com a dor, as opressões e contraposições da vida. As variações culturais nesses espaços afetam, assim, a teologia, a menos que esta as ignore. Por isso talvez se deva dizer que, de uma forma ou de outra, "olhar o corpo" seja um passo metodológico necessário para a teologia. E que, nos tempos de hoje, pelas marcas que vão aparecendo nos corpos, a teologia poderá deparar-se mais

[174]Ibidem, p. 344.
[175]Ibidem, p. 48.
[176]A conceituação apregoada por Maria Inês de Castro Millen e Maria Clara Lucchetti Bingemer é extremamente útil para a compreensão dessa relação entre percepção em Merleau-Ponty e o desafio apontado por Fabris. "A palavra corporeidade é mais abrangente, refere-se ao 'eu espiritual-corpóreo' que vive uma experiência única e irrepetível e indica a inteira subjetividade humana sob o aspecto de sua identidade pessoal. Corporeidade é, portanto, a expressão, o reflexo visível e a realização do ser humano uno e indiviso. É uma noção mais ampla de corpo e, na verdade, refere-se à totalidade da pessoa. Assim, é função de sua condição corpórea que o ser humano assume sua vida segundo as peculiaridades que lhe são próprias: a historicidade, a individualidade e a pertença a uma comunidade humana, sua imanência no mundo e sua vocação à autotranscendência, sua capacidade de revelar-se e de ocultar-se, sua propensão à relacionalidade e ao encontro." MILLEN, Maria Inês de Castro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Corporeidade e violência: o templo profanado. **Corporeidade e Teologia**. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org.). São Paulo: Paulinas, 2005, p. 180.

> realisticamente com as interrogações da subjetividade, dos avanços tecnológicos e das relações globais[177].

Outra reflexão de Merleau-Ponty e que converge para o tema do luto é a reflexão sobre a morte de si como inspiração para a convivência com o outro.

> [...] se não penso minha morte, vivo em uma atmosfera de morte em geral, há como que uma essência da morte que está sempre no horizonte de meus pensamentos. Enfim, como para mim o instante da minha morte é um porvir inacessível, estou certo de nunca viver a presença de outrem a si mesmo. E todavia cada um dos outros existe para mim a título de estilo ou de meio de coexistência irrecusável, e minha vida tem uma atmosfera social assim como tem um sabor mortal.[178]

Nossa caminhada neste capítulo procurou compreender o surgimento do movimento fenomenológico e sua relevância na busca do conhecimento. Para isso, escolhemos três dos principais teóricos da fenomenologia, com cujo pensamento esta pesquisa está diretamente envolvida. Elegemos Maurice Merleau-Ponty como aquele com quem nossa interação será mais ampla, por nos identificarmos com sua maneira de compreender o ser humano, com suas categorias de análise – como percepção, linguagem, temporalidade, historicidade, corpo – e por sua aproximação mais estreita com as ciências humanas, especialmente a psicologia, com quem também interagimos nesta pesquisa. O exame dos temas merleau-pontyanos trouxe à luz várias nuances que podem ser vinculadas ao tema do luto e que ampliam sua compreensão.

No próximo capítulo adentraremos a pesquisa de campo realizada com enlutados por morte. Descreveremos nossa trajetória de pesquisa, os sujeitos envolvidos e os resultados das entrevistas realizadas. A pesquisa de campo propôs-se e aceitou o desafio adicional de ir até o sujeito que vivenciou a experiência do luto a fim de buscar compreender o fenômeno a partir de quem o experimenta.

---

[177]ANJOS, Marcio Fabri dos . O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade. **Corporeidade e Teologia**. SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org). São Paulo: Paulinas, 2005, p.91.

[178] Merleau-Ponty, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 489.

CAPÍTULO 3 – PESQUISA: VIVER A EXPERIÊNCIA DO LUTO

Introdução

Como vimos na primeira parte desta tese, o fenômeno do luto envolve o mundo da vida – *Lebenswelt* - de todos nós. A diferença está em como cada um de nós o experencia em diferentes momentos e modos do existir humano. O modo como iremos atribuir-lhe sentido e significado se circunscreve às histórias de vida particulares e ao tipo de luto vivido. A percepção toca nossos sentidos e visões de mundo, nossa linguagem e nosso tempo. Na pesquisa de campo descrita a seguir, buscamos ouvir os relatos de pessoas que passaram pela experiência do luto e que são membros de uma comunidade religiosa. Com isso, procuramos conhecer o fenômeno do luto por meio de quem o vivenciou. A voz dos enlutados permitiu desvelar camadas do solo existencial para chegar-se ao fenômeno do luto entrelaçado à existência de cada sujeito, o que resultou em um discurso esclarecedor a partir da vivência do luto do outro.

3.1 Trajetória da Pesquisa

A trajetória da pesquisa começou com inquietações vividas no pré-reflexivo (que será conceituado posteriormente) sobre o luto a partir da vivência da pesquisadora. Essa vivência relaciona-se com o cuidado pastoral evidenciado no Aconselhamento Pastoral. Nas situações cotidianas das pessoas que experenciam a fé religiosa e que são membros de uma igreja cristã e a frequentam, o tema do luto não está isento de nossa atenção como pesquisadora. Ou seja, o fenômeno do luto não é exclusivo a determinadas pessoas, inclui todos os seres humanos.

No processo do Aconselhamento Pastoral, está muito presente o compartilhamento das situações que podem desestabilizar as pessoas envolvidas. A intencionalidade da pesquisadora deu-se pela relação de cuidado que é estabelecida quando somos chamados a ouvir pessoas que passam, de maneiras diferenciadas, pela experiência do luto. Desse modo, o Aconselhamento Pastoral diante da situação de luto trouxe questionamentos que a teoria existente não abarcou. A teoria que subsidia a atuação em aconselhamento pastoral com enlutados tem como fonte principal a psicologia, a teologia da esperança e a interpretação

cristã sobre a morte, temas abordados no primeiro capítulo desta tese. Como atitude fundante do Aconselhamento Pastoral, ouvir os relatos do cotidiano das pessoas é o nascedouro para uma relação de cuidado. Nesse sentido, ouvimos a voz daqueles e daquelas que relataram sua vivência de luto com diferentes tonalidades e com discursos que elucidaram aproximação de significados.

Como afirmou Ozeneide Venâncio de Mello Machado, o pré-reflexivo é indispensável para a compreensão da trajetória escolhida pelo pesquisador. Nesta pesquisa, especificamente, o pré-reflexivo vem imbuído do saber acumulado e explicitado em várias literaturas sobre o luto e também na percepção pessoal sobre o fenômeno do luto.

> Ao analisar uma descrição, é necessário despojar-se de seu referencial teórico paradigmático. Isso não significa que o pesquisador exclua o seu pensar, que não tenha uma postura prévia, pois, ao interrogar sistematicamente um fenômeno, ele já está sendo dirigido por um compreender pré-reflexivo do que ali vai encontrar. Ao recusar os pré-conceitos, as teorias explicativas, ele não parte de um marco zero ou vazio conceitual; ele parte de um nível pré-reflexivo que se torna reflexivo à medida que toma consciência e vai chegando a uma inteligibilidade do fenômeno.[179]

Assim, a pesquisa no método fenomenológico começa com uma inquietação do pesquisador. A inquietação advém de uma vivência do pesquisador sobre o tema do luto. A trajetória da pesquisa tem seu nascedouro nessa pergunta existencial que começa com a vivência do pesquisador que quer checar a vivência do outro. Dessa forma, busca o significado da experiência vivida pelo outro, ou seja, por meio da experiência vivida pelo outro no seu *Lebenswelt* (mundo da vida).

A pesquisa que envolve o fenômeno do luto vem de perguntas existenciais trazidas pelos membros da igreja, que aconselham e da busca de amparos no trato com as pessoas. A indagação diante desse tema é: qual ou quais caminhos poderiam nos ajudar a aprofundar a reflexão e realizar a pesquisa sobre o luto. Diante dessa inquietação, encontramos o método fenomenológico. Como vimos na primeira parte desta tese, o método fenomenológico advém de uma busca da essência das coisas. Ao empreender a fenomenologia como método, Husserl ofereceu um outro caminho para a busca do conhecimento em que o mundo da vida está estreitamente ligado à construção do conhecimento.

---

[179]MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. **Pesquisa Qualitativa**: Modalidade Fenômeno Situado. Pesquisa Qualitativa em Educação. Piracicaba. Editora Unimep, 1994, 233 p., p. 38

3.2 Método Fenomenológico

O método fenomenológico nasce de um processo de ressignificação da conceituação de conhecimento não do modo explicativo, mas do modo compreensivo. Ou seja, o método fenomenológico surge de uma crítica às ciências positivas que buscam "comprovar" suas hipóteses por meio de suas pesquisas. Evidentemente, não estamos desconsiderando outros caminhos de fazer pesquisas, os quais consideramos tão relevantes quanto o método fenomenológico. Mas nossa intencionalidade não tinha seu nascedouro na busca de comprovação de teorias já existentes sobre o luto e que nos tem ajudado consideravelmente na compreensão do fenômeno. Nossa intenção era compreender o fenômeno do luto a partir de quem o vivenciou e perceber os meandros dessa experiência com essas pessoas.

O interesse pela pesquisa fenomenológica ocorreu no início dos estudos do doutorado, quando buscávamos caminhos para adentrar o fenômeno do luto e procurar escavar as camadas que o envolvem. Percebemos que o método fenomenológico é um espaço de conhecimento que pode dialogar com outras áreas do saber, já que ele tem, como um de seus pilares, a busca da essência do fenômeno.

A escolha do método fenomenológico resultou da soma dos objetivos da pesquisa com a interrogação sobre como as pessoas que professam uma fé cristã vivenciaram o luto na história de suas vidas. A afirmação de Dagmar Silva Pinto de Castro oferece aspectos relevantes sobre o método.

> Como método, a fenomenologia surge a partir de investigações filosóficas, passando a ser utilizada por outras ciências, inclusive a Psicologia. Uma das ciências revistas por Husserl na reflexão sobre a crise das ciências que se tornou ciência dos fatos. Esquecendo-se do solo originário do seu conhecimento que deve partir da vida e daqueles/as que experenciam concretamente do seu viver atribuindo significados e sentidos. A psicologia que se propõe fenomenológica deve se aproximar mais das situações da vida cotidiana e privilegiar o mundo da vida – Lebenswelt como solo seguro à produção do conhecimento.[180]

Ao deparar com a possibilidade de compreender o luto pelo método fenomenológico, outras indagações surgiram: a interface metodológica envolve somente o campo da filosofia e da psicologia? Como considerar possível o caminho metodológico oferecido pela fenomenologia no campo religioso? Com essas inquietações ficou reafirmado o caráter

[180] CASTRO, Dagmar Silva Pinto de et al. "A dimensão pública da corporiedade: adolescência e cidadania". **Corpo e Existência**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2003, p.199.

interdisciplinar da pesquisa, bem como a possibilidade investigativa no campo da religião. Antônio Gouvêa de Mendonça ressaltou que a inserção da fenomenologia e sua trajetória metodológica nas Ciências da Religião oferecem a seus pesquisadores maior possibilidade de buscar, em primeira instância, o sentido, do que a explicação unilateral de um fenômeno. Mendonça ainda afirma:

> Parece que a dinâmica religiosa na pós-modernidade favorece mais do que nunca uma abordagem fenomenológica capaz de preservar a essência de determinada religião e, ao mesmo tempo, apanhar suas formas mutantes através das descrições que permitam construir conceitos que, mesmo provisórios, ajudem a compreender e explicar os fenômenos particulares sem perder de vista os conceitos essenciais.[181]

O que é vital nesse contexto é reafirmar que a fenomenologia constrói o conhecimento por meio da vivência do sujeito. É no mundo da vida do sujeito que se dará a edificação do saber. Nesse processo de conhecimento, o sujeito traz suas intencionalidades que perfazem a consciência e o corpo ao mesmo tempo.

O método fenomenológico oferece uma descrição do fenômeno e o sentido que lhe é dado pelos sujeitos envolvidos. Ademais, torna possível a busca pela essência do fenômeno em um movimento constante.

3.3 Pergunta Norteadora

O tema do luto está presente no cotidiano das pessoas. Estejam ou não ligadas a um grupo religioso, todas as pessoas vivenciam lutos os mais diversos: perda do emprego, catástrofes, divórcios, migrações, dentre outros. A vida cotidiana é um espaço potencial para averiguar os entrelaçamentos das redes sociais possíveis quando se está diante da morte. Um dos fios desse entrelaçamento alcança também a dimensão religiosa da vida humana nas grandes metrópoles como São Paulo e região do grande ABC[182]. Esta região ainda é um espaço importante como corredor de exportação, importação e ligação com outras partes do mundo, o que influenciou em seu acesso ao desenvolvimento industrial e à riqueza, e também lhe possibilitou interação constante com outros hábitos e costumes.

---

[181]MENDONÇA, Antonio Gouveia. "A persistência do método fenomenológico na sociologia da religião: uma aproximação sob o prisma da essência e da forma". DREHER, Luís H. (org). **A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião.** Juiz de Fora: Editora da UFJF. 2003, p. 81.

[182]Entende-se por Região do Grande ABC os municípios de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

Nossa indagação nesta pesquisa permeia o processo de luto vivenciado por membros da Igreja Metodista na região do Grande ABC. Nesse sentido, alguns questionamentos penetraram nosso tema: A Igreja Metodista tem algum documento de orientação da sua liderança sobre como oferecer suporte em situações de luto? Como pastores e leigos têm abordado o tema do luto na Igreja Metodista? Qual o tipo de suporte oferecido pelos/as pastores/as e por leigos/as às pessoas e famílias enlutadas? Esse suporte está afinado com o contexto vivido pelos atores sociais? Como pensar o cuidado pastoral numa região como o Grande ABC[183], marcada pelas contradições da globalização? Como a experiência do luto se vincula à fé? Como leigos metodistas vivenciam o luto?

Podemos encontrar várias ações que auxiliam na elaboração do luto de pessoas que sofreram uma perda por morte. Assim, outras questões surgem: como o cuidado pastoral, prefaciado no processo do morrer, no ritual fúnebre, alcança pessoas e famílias enlutadas? Como a ação das pessoas da igreja e do pastor contribui na elaboração do luto? Quais os discursos das reações das pessoas diante de um/a enlutado/a? Uma ação pastoral desenvolvida pelas pessoas da comunidade seria uma intervenção que atinge as necessidades das pessoas num processo de elaboração do luto? Pode-se falar de uma elaboração religiosa do luto? Quais as práticas e estruturas da igreja que enfocam os enlutados?

O nível pré-reflexivo envolve a construção da pergunta norteadora. Esse pré-reflexivo possibilita a intersubjetividade entre a intencionalidade da pesquisadora e os sujeitos de sua pesquisa.

> A pesquisa na abordagem fenomenológica inicia-se com uma *interrogação*. Inicialmente, esta interrogação não está muito bem delineada para o pesquisador. Ela corresponde a uma insatisfação do pesquisador em relação à aquilo que ele pensa saber sobre algo. Sente-se pouco à vontade em relação a isto. Algo o incomoda. Cria-se uma "tensão" que acompanha e "alimenta" o pesquisador na busca da intuição da essência do fenômeno interrogado.[184]

A partir desse leque de indagações, procuramos delinear o campo de pesquisa capaz de iluminar, com a pergunta norteadora, a experiência do luto. Acredita-se que, por meio da

---

[183]Esse cenário vincula-se às características históricas da região do Grande ABC, tais como: presença indígena (os donos da terra), presença européia, a exemplo, João Ramalho (português) e negros. Formação de quilombos, lutas de anarquistas, sindicalistas expressam uma veia política muito significativa ao redor da região do Grande ABC. A "nascente" da região, ou seja, onde tudo começou , ainda é uma discussão entre especialistas, segundo Ademir Médici. Parece que essa fonte histórica fica entre Santo André e São Bernardo do Campo. De certa forma, pode-se afirmar que o Grande ABC pode ser considerado uma região que simboliza os principais desafios que envolvem o Brasil.

[184]FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: **Pesquisa qualitativa em educacao**: um enfoque fenomenologico. Organização de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Vitoria Helena Cunha Esposito. 2. ed. PIRACICABA, SP: UNIMEP, 1997. 231 p. 26.

escuta da vivência das pessoas que frequentam comunidades religiosas – especificamente nesta tese, a Igreja Metodista – se pode adentrar no fenômeno do luto por morte. Apontamos também a possibilidade de um novo saber sobre o cuidado pastoral oferecido nas comunidades metodistas à luz das demandas de um processo de luto em nossa sociedade brasileira.

A pergunta norteadora indica um caminho e um sentido para o processo de investigação. Esse processo investigativo tem como objetivo clarear o modo como o sujeito se vê e interpreta o fenômeno vivenciado. Ele perpassa a travessia da autocompreensão que desvela o enunciado da situação da vida com atribuição de sentido.

> Quando há fatos, haverá ideias de causalidades, repetitividade, controle. O pesquisador em fenomenologia segue outro caminho pois não vai ter princípios explicativos, teorias ou qualquer definição do fenômeno "a priori". Ele inicia interrogando o fenômeno. Isto não exclui que ele tenha um pensar. Ao recusar os conceitos prévios, as teorias e as explicações a priori já existentes, o pesquisador não parte de um marco zero ou de um vazio. Ele tem um pré-reflexivo. O que precisa evitar é que a teoria influencie o seu interrogar pois, se isso ocorrer, já terá obtido respostas. O interrogar envolve necessariamente um pensar sobre aquilo que estou interrogando[185].

A pergunta norteadora advém da interrogação da pesquisadora sobre o fenômeno do luto. Assim, a proposta basilar das entrevistas norteou algumas indagações: o que é estar enlutado? Quais os questionamentos que perpassam a vida de pessoas que professam uma fé cristã nesse processo de luto? Que tipo de suporte é mais adequado em situações de luto por morte? Como é para uma pessoa lidar com o luto considerando suas vivências numa Igreja Metodista? Esses questionamentos permearam o processo da construção da pergunta norteadora, entendendo que ela deveria refletir a intencionalidade da pesquisadora. Assim, desenha-se a questão: **Como você viveu a sua experiência de luto?**

Com essa pergunta, procuramos chegar ao sentido da vivência do luto das pessoas que foram entrevistadas, ou seja, no seu mundo da vida. Além disso, intencionamos ouvir a compreensão do luto de quem o vivenciou. Para tanto, buscamos contextualizar o lugar vivencial dos sujeitos. A pergunta norteadora envolve também o contexto dos sujeitos que vivem na região do Grande ABC, da vivência que parte do lugar em que o mundo da vida se

---

[185] Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Vol, No 1 (1990) – São Paulo, 1990. A Fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa – algumas considerações (Joel Martins, Magali R. Boemer e Clarice A. Ferraz), p. 40.

faz presente. O mundo da vida é o cotidiano das pessoas, suas histórias, suas prioridades, suas necessidades, desejos, intenções, angústias, ou seja, o que envolve sua existência.

3.4 Cenário da Pesquisa

A escolha da Igreja Metodista como o espaço desta pesquisa ocorreu pela escassez ou quase inexistência de estudos sobre a experiência de luto de seus membros. Nesse sentido, a relevância da pesquisa alcançará o cenário específico de uma instituição religiosa, localizada na região do Grande ABC, embora pretenda contribuir para as intervenções e cuidados oferecidos em situações de luto em setores mais amplos da sociedade.

Palco de vários sonhos construídos no espaço de esperança, o Grande ABC representa um Brasil de contradições: de um lugar com oportunidades de trabalho, transformou-se em um espaço de competitividade acirrada e sucesso a qualquer preço. Diante desse cenário, o tema da sobrevivência no Grande ABC faz parte da história recente da região, como afirmou Aleksandar Jovanovici:

> Para sobreviver com qualidade e dignidade, torna-se fundamental forjar uma identidade de contornos claros. Caso contrário, a região corre risco de tornar-se o antônimo exato da imagem da prosperidade e modernização que vendia havia três décadas e fundir-se, em definitivo, no cenário fantasmagórico de luxuosos shoppings e grandes indústrias ilhados por favelas e problemas sociais. Simples miniaturização das enormes contradições do próprio País.[186]

Hoje vemos um Grande ABC desprovido dos parques industriais que lhe trouxeram fortuna e com uma séria crise ambiental. Quem sabe, um "crescimento" demarcado por uma visão de mercado que exclui o bem-estar na cidade e que gera, além do desemprego, da violência, uma profunda reavaliação de identidade, nos dias de hoje.

Aliada às características de um espaço para a vida, está também a reflexão em torno da cultura de uma região. No caso do Grande ABC, as culturas migratórias e a presença estrangeira demandaram um encontro com os nativos da região. Um cenário de múltiplas culturas, o Grande ABC tem aprimorado ainda mais o resgate de sua história e a valorização do seu povo pelo debate cultural. A criação do Consórcio Intermunicipal de Prefeitos, da Câmara Regional do ABC, do Fórum da Cidadania e do Raio X das Câmaras permitiu o

---

[186] JOVANOVICI, Aleksandar. Só ousadia pode forjar novo modelo. **Nosso século XXI**: especialistas de diferentes atividades analisam Grande ABC de ontem, de hoje e de amanhã. Santo André. Editora Livre Mercado, 2001, p.25

resgate de uma consciência sociopolítica e cultural intensa na região. Meio ambiente, cidadania, poder local, intermunicipalidade, construção coletiva, orçamento participativo são algumas expressões que casam com a contribuição cultural para a identidade regional.

Sobre a presença da Igreja Metodista na região do Grande ABC, somos convidados a voltar aos anos 40 do século passado. Nessa ocasião a Igreja Metodista inicia seus trabalhos nas casas de pessoas que moravam na região. Com dificuldades iniciais, devido à busca de espaço para funcionamento, a Igreja instala-se primeiro em Santo André e depois nas demais cidades que hoje compõem o Grande ABC. Há três referências indispensáveis para o aprofundamento dos estudos sobre o Grande ABC. A primeira é a do Livre-Docente Luiz Roberto Alves, responsável pela Cátedra Celso Daniel da Universidade Metodista de São Paulo. Em sua mais recente pesquisa[187], faz uma correlação entre trabalho, cultura e bem-comum em algumas cidades e regiões do mundo, como na Europa e no Brasil. Uma dessas regiões é o Grande ABC. O trabalho é visto como elo perdido dentro das discussões da globalização. Alves destaca que o Grande ABC é como um laboratório cívico. A segunda referência é Jefferson José Conceição que, em livro[188] fruto de sua tese de doutorado, evidencia a importância dos estudos sobre o ABC em relação aos novos métodos de organização de trabalho que surgiram na região como forma de superar a crise desencadeada pela saída de várias empresas e fábricas da região. A terceira pesquisa é de Regina Célia Reis[189], coordenadora de Planejamento e Gestão de Projetos do Consórcio Intermunicipal do ABC.

A Igreja Metodista surge de um movimento de reforma dentro da Igreja Anglicana, tendo como seu precursor principal John Wesley, sacerdote anglicano nascido em 1703, em Epwoth**.** Wesley buscou novas formas de evangelização, numa época marcada por necessidades urgentes diante da pobreza e do desemprego e por uma igreja distante da realidade das pessoas. Junto com o irmão, Charles Wesley, começou o que foi denominado movimento metodista. Metodista foi um apelido dado ao grupo liderado pelos irmãos Wesley, por sua disciplina pessoal e comunitária em relação aos compromissos apregoados na vivência cristã. Conforme Richard P. Heitzenrater, o nome metodista teve várias conceituações na Inglaterra do século XVIII, mas a origem está ligada ao Clube Santo que mais tarde foi apelidado de "metodista": "Levaria dois anos para que o termo 'metodista'

[187]Alves, Luiz Roberto. **Trabalho, cultura e bem-comum**. São Paulo. Fapesp;Annablume, 2008.
[188]Conceição, Jefferson José. **Quando o apito da fábrica silencia**: sindicatos, empresas e poder público diante do fechamento de indústrias e da eliminação de empregos na região do ABC. São Bernardo do Campo, MP Editora, 2008.
[189]Reis, Regina Celia dos. **Alternativa Política No Contexto Federativa**: Integração Regional no Grande ABC Paulista . São Paulo. Edgard Blucher, 2008.

fosse aplicado a eles, mas o pequeno grupo de estudantes estava começando a mostrar muitas das características que iriam identificar o movimento durante o resto do século."[190]. O movimento deu origem à Igreja Metodista, após a morte de John Wesley. Passando pelos Estados Unidos, o metodismo chega ao Brasil em 1867. Em seus atuais documentos, dentre as competências de um pastor ou pastora metodista estão "dar assistência aos membros da igreja, visitando-os, fortalecendo-os na fé e animando-os na prática das virtudes cristãs, exortando-os e admoestando-os em casos de necessidades; dar especial atenção aos enfermos, ministrando-lhes conforto espiritual."[191] No contexto da Igreja Metodista, essas competências pastorais se aproximam daquilo que denominamos aconselhamento. Há também um livro de rituais que contém liturgias fúnebres[192]**.** É importante destacar que um dos maiores centros de formação teológica de pastores metodistas se localiza na região do Grande ABC, a Faculdade de Teologia[193], presente no bairro de Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, desde 1942. Com sua visão educacional, a Igreja Metodista ampliou o oferecimento de cursos em Rudge Ramos, dando origem ao IMS (Instituto Metodista de Ensino Superior) em 1970. Os desdobramentos foram tão amplos que, em 1997, nasce a Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) que tem recebido significativo reconhecimento na região do Grande ABC e Brasil.

3.4.1 Procedimentos

Os sujeitos da pesquisa são membros das igrejas metodistas no Grande ABC. Foi a partir de nossa intencionalidade que interrogamos as experiências de quem viveu a experiência do luto. Ou seja, os sujeitos não são objetos sobre os quais vamos depositar nosso desejo de busca de causalidades e explicações de um fenômeno. É com os sujeitos que construímos um novo saber, por meio da compreensão do fenômeno.

> Quando estamos tratando da "compreensão" dentro do esquema de referência da pesquisa, nas modalidades fenomenológica e hermenêutica, consideramos que o homem é capaz de pensar e frente ao mundo fazer uma projeção de possibilidades. Compreender constitui-se, pois, num estado

[190]HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o Povo Chamado Metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006, 2ª ed., p. 42.

[191]COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Cânones da Igreja Metodista 2007. São Paulo: Cedro, 2007, p. 294.

[192]RITUAL da Igreja Metodista **.** 2. ed. São Paulo: Cedro, 2005. 156 p. Nesse ritual encontramos liturgias para adultos, pessoas falecidas súbita e tragicamente, incluindo crianças.

[193]A história completa pode ser visualizada no *site* da Faculdade de Teologia, em < http://www.metodista.br/fateo/conheca-a-fateo/historia:> Acesso em: 10 de maio de 2007.

> constante de projeção em direção às diversas possibilidades que vão sendo despertadas, à medida que o homem se encontra com o mundo e o interroga, compreende, re-interpreta e expressa esta perspectiva.[194]

Dessa maneira, compreendemos que o adentrar na pesquisa fenomenológica do luto é um convite a auscultar a experiência dos sujeitos. A partir dessas experiências poderemos desvelar horizontes ainda não percebidos sobre o fenômeno do luto.

> Deve-se atentar que essa situação está no mundo da experiência, o "mundo vivido" que só se constituirá a partir de um sujeito que o vivencie. Ele, o sujeito que experencia é nosso alvo pois só se pode olhar as "coisas mesmas" a partir do momento em que elas se manifestam para o sujeito que as interroga. Nesse movimento da consciência, que é intencional, ou seja, a consciência movendo-se para o fenômeno, esse é interrogado pelo sujeito através dos sentidos e se mostra para esse sujeito, com uma aparência que é uma primeira abordagem para a compreensão da essência.[195]

Para darmos sequência a nossa pesquisa, buscamos o aparato ético para procedermos às entrevistas com os sujeitos. Encaminhamos nosso projeto para o Comitê de Ética da Universidade Metodista de São Paulo em abril de 2006. Após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade (05 de maio de 2006) e registro no SISNEP[196], fizemos contato com o Superintendente Distrital da região do grande ABC. O Superintendente Distrital[197] é um supervisor eclesiástico das igrejas e pastores/as que atuam

---

[194]ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenomenológico-Hermenêutica. Relato de uma pesquisa. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba. Editora Unimep, 1994, 233p., p. 89.

[195]FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba. Editora Unimep, 1994, 233 p, p. 25

[196]Esses documentos estão anexados no final desta tese (ANEXO C e D). Sisnep (Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos).

[197]Nos Cânones da Igreja Metodista (normativas para a organização e vida da igreja) encontramos as funções do Superintendente Distrital. COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Cânones da Igreja Metodista 2007. São Paulo: Cedro, 2007. 448 p. 277-279.

Art. 117. O/a Superintendente Distrital - SD é um/a presbítero/a ativo/a nomeado/a pelo bispo/bispa-presidente da Região Eclesiástica para superintender um Distrito.

Parágrafo Único - O/a Superintendente Distrital é responsável pela unidade, orientação doutrinária, supervisão das atividades pastorais, fidelidade dos/as pastores/as e leigos/as às decisões conciliares, em especial à doutrina e à missão.

Art. 118. Compete ao Superintendente Distrital:

I - assessorar o bispo/bispa-presidente em assuntos pastorais e outros previstos na legislação;

II - promover e fortalecer iniciativas missionárias das igrejas locais e do Distrito;

III - oferecer assistência pastoral aos/às pastores/as do Distrito e respectivas famílias;

IV - zelar pela conexidade das igrejas do Distrito;

V - zelar pelo cumprimento do Código de Ética do Ministério Pastoral;

VI - incentivar a promoção de encontros de capacitação missionária no Distrito;

VII - supervisionar os interesses da Igreja no Distrito;

VIII - representar o Bispo/Bispa-presidente, no Distrito;

IX - orientar os/as pastores/as do Distrito nos seus trabalhos, conforme Plano Regional de Ação Missionária;

X - relatar ao bispo/bispa-presidente sobre a situação da Igreja Metodista no Distrito;

em determinada região.[198] Após a anuência do Superintendente Distrital para a implementação da pesquisa, entramos em contato com os/as pastores/as do distrito. Apresentamos a pesquisa e solicitamos que indicassem pessoas de suas comunidades que poderiam ser sujeitos das entrevistas. O critério era que tivessem perdido uma pessoa próxima por morte nos últimos dois anos.[199] Após esse procedimento, entramos em contato telefônico com as pessoas indicadas. Ao telefonarmos nos apresentávamos como pesquisadora e estudante da pós-graduação na Universidade Metodista de São Paulo. As pessoas foram receptivas nesse contato e aceitaram participar da pesquisa. Depois de esclarecidos os objetivos da pesquisa, marcamos dia, horário e local das entrevistas. Foram entrevistadas dez pessoas. A faixa etária das pessoas entrevistadas situou-se entre 22 e 76 anos, entre homens e mulheres. São sete mulheres e três homens.

> É certo, entretanto, que nesta abordagem trabalha-se com um número menor de sujeitos do que em outras abordagens. Primeiro, e principalmente, porque a partir de um certo número de sujeitos as descrições tendem a evocar significados percebidos como equivalentes pelo pesquisador e só ele – o pesquisador – ao olhar atentamente as descrições obtidas é que se declara satisfeito, considera que é suficiente, pelo menos por enquanto, os conhecimentos obtidos, pois estes permitem que o fenômeno se mostre para ele, numa ou mais perspectivas mas não em todas.[200]

O local das entrevistas ficou a critério dos entrevistados, porém solicitamos que fosse um ambiente tranquilo para que pudéssemos conversar. Os locais das entrevistas foram ora nas igrejas locais, ora nas casas das pessoas. Antes das entrevistas, vários sentimentos envolveram a entrevistadora, como ansiedade, medo em relação ao modo como enfrentaria situações inesperadas que porventura surgissem quando as pessoas começassem a expor sua

---

XI - encaminhar ao Concílio Regional, com seu parecer, pedidos de organização de novas igrejas no Distrito;
XII - encaminhar ao bispo/bispa-presidente a avaliação dos/as pastores/as e igrejas do Distrito;
XIII - supervisionar o envio de quotas orçamentárias e de ofertas levantadas pelas igrejas locais, por determinação superior, à Tesouraria Regional;
XIV - examinar os livros e registros das igrejas do Distrito e informar aos respectivos/as pastores/as as irregularidades porventura encontradas.
Parágrafo único. O processo de nomeação episcopal tem a presença efetiva do superintendente distrital na fase de avaliação e de entendimentos.

[198] A Igreja Metodista é dividida geograficamente em oito regiões: 1ª região: Rio de Janeiro, 2ª região: Rio Grande do Sul; 3ª região: Cidade de São Paulo, parte do interior e litoral paulista, 4ª região: Minas Gerais e Espírito Santo; 5ª região: Interior de São Paulo, Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Triângulo Mineiro e Brasília; 6ª região: Paraná e Santa Catarina. Região Missionária do Nordeste e Região Missionária da Amazônia. Cada região tem bispos e uma episcopisa. Além disso, cada região tem distritos, áreas geográficas menores que são supervisionadas pelos Superintendentes Distritais que acumulam esta função e a de pastorear uma igreja dentro do seu distrito.

[199] Colocamos esse critério, por consideramos um luto ainda presente e possibilitar um leque maior de sujeitos para entrevista.

[200] FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba. Editora Unimep, 1994, 233 p., p. 29.

experiência de luto. Lidamos com os sentimentos por meio de acompanhamento psicoterapêutico.

No momento da entrevista, apresentamos a pergunta norteadora e o termo de consentimento livre e esclarecido[201] (que incluiu a permissão de uma gravação em áudio) para que o sujeito tivesse clareza dos objetivos da pesquisa de campo desta tese. Ao ler o termo e assinar, solicitamos ao sujeito que estivesse à vontade para responder à pergunta que norteou a entrevista: *Como você viveu a sua experiência de luto?* Usamos um gravador para a realização das entrevistas a fim de salvaguardar os conteúdos das entrevistas após o consentimento dos sujeitos.

Virginia Moreira afirma: "A descrição do fenômeno vivido deve ser exaustiva, o entrevistador sempre estará voltando à pergunta norteadora de maneira a possibilitar distintas formas de expressão por parte do sujeito-colaborador que, desta forma, enriquecerá sua descrição do fenômeno vivido propiciando uma melhor compreensão do fenômeno estudado."[202]

William B. Gomes traduziu de forma sintética os passos da entrevista com inspiração fenomenológica: a entrevista é composta de três momentos: "descrição fenomenológica, redução fenomenológica e interpretação fenomenológica. Utiliza-se a entrevista para captar a experiência consciente dos entrevistados e os passos reflexivos indicados para estudar a consciência do pesquisador do material recolhido em suas entrevistas."[203]

Os devidos cuidados foram tomados no processo de entrevista, pois se entendeu que ela poderia desencadear emoções advindas do relato das experiências. Os cuidados permearam a possibilidade de interrupção da entrevista, caso o entrevistado solicitasse, e o agendamento de outro momento de entrevista. Quanto aos critérios de inclusão na pesquisa ou de exclusão dela, procedeu-se da seguinte forma: a inclusão se deu com a condição de que o sujeito fosse membro da Igreja Metodista na região do Grande ABC; a exclusão ocorreu quando, no momento da entrevista, o sujeito desistiu de oferecer seu depoimento.

3.5 Análise das entrevistas

A transcrição das entrevistas foi realizada *ipsis verbis.* Essa primeira parte das entrevistas é o relato ingênuo. Com o relato ingênuo nas mãos, fizemos a literalização, que é

[201](ANEXO B)

[202]Idem, p. 5.

[203]GOMES, William. B. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente**. Psicologia USP**, v.8, n.2 . São Paulo. 1997, p.1

o tratamento do texto, excluindo vícios de linguagem, mantendo, porém a fidedignidade e a originalidade dos relatos. Fizemos várias leituras do relato ingênuo até chegar ao relato literalizado. Em primeiro lugar fizemos a leitura de todos os relatos. Depois dessa leitura, voltamo-nos aos relatos individuais por diversas vezes, procurando perceber a experiência do luto de cada pessoa entrevistada. A partir dessas leituras, destacamos unidades de significado que se coadunavam com a intencionalidade da pesquisadora, ou seja, ouvir a experiência do luto das pessoas. Das unidades de significado, elencamos as categorias e por fim fizemos a interpretação fenomenológica.

> A obtenção de dados da experiência se dá através das descrições dos sujeitos que a vivenciam. Na pesquisa fenomenológica, os dados não são descobertos ou não existem a priori, mas se constituem na experiência do sujeito que os vivencia. Buscam-se os significados dos eventos vividos pelos sujeitos da pesquisa, obtidos através das expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo investigado e que são expressões descritas para o pesquisador, pelo próprio sujeito que as percebe.[204]

A análise das entrevistas não tem como objetivo uma explicação causal, própria das ciências positivistas, mas a compreensão do fenômeno, sua interpretação e comunicação. A busca da raiz do fenômeno inclui a *epoché,* que coloca em suspensão explicações anteriores para que o foco do pesquisador seja o fenômeno. A redução ocorre quando há o processo de seleção das partes essenciais do fenômeno. Os dados resultaram das experiências de vida dos sujeitos.

Nessa fase foram destacadas as chamadas unidades de significado, que surgiram a partir das várias leituras dos relatos dos sujeitos. As unidades estão intimamente relacionadas com a pergunta norteadora desta pesquisa e que aparecerá em todas as entrevistas. Após este movimento de ir e vir, denominado variação imaginativa[205], fizemos a análise ideográfica de cada sujeito, buscando apreender os sentidos da experiência do luto para compreensão do fenômeno. A análise ideográfica intenta alcançar a psicologia individual, ou seja como cada um lida com o fenômeno. A respeito da análise ideográfica, Castro ressalta:

---

[204]FINI, Maria Inês. Op.cit., p. 28.

[205]Segundo Joel Martins a variação imaginativa é uma fase da trajetória metodológica que "consiste em refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência. Através da comparação no contexto e eliminações, o pesquisador está capacitado a reduzir a descrição daquelas partes que são essenciais para a existência da consciência da experiência." MARTINS, Joel**. Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poíesis. São Paulo, Cortez Editora, 1992, p. 60. [Texto organizado por Vitória Helena Cunha Espósito].

> Há, neste momento, a imersão empática no mundo da descrição; é a intersubjetividade, é o entrar, penetrar no mundo do sujeito para compreensão do fenômeno. Para isso o pesquisador deve deixar de lado suas crenças e preocupar-se não com a verdade ou não do discurso mas com a compreensão de suas relações e estrutura.[206]

A seguir apresentamos as dez entrevistas realizadas. Em primeiro lugar vêm os relatos literalizados, que emergiram dos relatos ingênuos (ANEXO A). Em cada relato, temos as iniciais do nome do entrevistado juntamente com sua idade e sexo. Além disso, há trechos grifados que são as unidades de significado destacadas segundo a interpretação da pesquisadora a partir da pergunta norteadora: como você viveu sua experiência do luto? Os números, no corpo do texto das entrevistas, correspondem às categorias que emergiram das unidades de significado. Logo em seguida, apresentamos as unidades de significado e a interpretação fenomenológica delas**.** Oferecemos as categorias que emergiram das unidades de significado. Nas tabelas que se seguem serão encontradas as unidades de significado, as interpretações fenomenológicas e as categorias. Nas unidades de significado e nas interpretações fenomenológicas o leitor encontrará um número que possibilita sua localização nos textos das entrevistas. Apresentamos a análise ideográfica ao fim de cada relato.

[206] CASTRO, Dagmar Silva Pinto de et al. "A dimensão pública da corporiedade: adolescência e cidadania". **Corpo e Existência**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2003, p. 203.

Relato 1

T. M. R.

Sexo: Feminino

Idade: 79 anos

Como a senhora viveu a experiência do luto?

Agradeço a gentileza de ter lembrado de mim nesta pesquisa. Ao mesmo tempo, sinto que é uma pesquisa na qual [1] **eu tenho que falar do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe. Nada se compara à dor da perda de um filho para mim.** Perdi meus pais, tinha loucura pelo meu pai a ponto de mocinha já pedir a Deus que não o tirasse enquanto eu não me casasse e tivesse filhos, porque tinha impressão que não aguentaria a dor da separação do meu pai. Depois eu perdi a minha adorada mãe também, mas aí os meus filhos já eram maiores e eu não sabia que era tão doloroso. Há anos toda a família luta como ele lutou pedindo saúde a Deus desde os tempos que eu trabalhava, logo após a V. M. que ele piorou um pouco mais e havia já centenas e centenas de pessoas que eu tinha confiança em que fossem fazer uma prece a Deus para que pudesse curá-lo. Porque como cristãos, a gente joga tudo nas mãos de Deus – tudo em certo sentido, porque ele teve toda a assistência nos últimos anos: foi para o Albert Einstein para ser atendido por um dos diretores especializados somente nessa doença; então, ele teve toda a assistência médica possível, teve todo o carinho da família. A minha família é pequena porque os familiares mais distantes moram no Espírito Santo; ela se resume nas irmãs que moram em Petrópolis e a minha família aqui. Minha família se resume na minha e na do pai dele – pois somos divorciados –, além da minha filha e deste meu filho M., M. R. M. **[1] A dor é imensa, é indescritível, é algo que por mais que você fale só se tiver uma experiência igual, pelo menos no meu modo de ser, no meu modo de sentir; desculpe, eu fico emocionada.** Mas uma coisa neste luto é que minha filha sofreu praticamente como eu. Uma psicóloga inclusive explicou que irmãos muito unidos, como eram os dois só, e os pais trabalhando fora o dia inteiro, e os irmãos, quando são unidos, e perdem um, a psicóloga inclusive falou assim: "Você deve estar sofrendo tanto quanto a sua mãe". Para meu espanto, porque eu já estava admirada porque o sofrimento da minha filha era tão grande, que eu ficava assustada, achava que o meu era normal, certo, mas as meninas, também as filhas dele, são duas moças: uma já é formada em Direito e a outra, formada em Biologia Marítima, está fazendo agora o mestrado na USP. São moças, filhas maravilhosas,

muito carinhosas com o pai, e na separação, houve uma separação entre meu filho e a minha ex-nora, E. Então a filha mais nova ficou com a mãe e a filha mais velha ficou com o pai, no que eu dei graças a Deus para que ele não ficasse sozinho, mas ele tinha verdadeira loucura pelas filhas e você também me desculpe porque eu estou fazendo uma verdadeira colcha de retalhos, eu vou pra lá e vou pra cá e vou pra lá. Ele sempre teve loucura pelas filhas e as filhas por ele. Os pais no início não podiam se encontrar porque acabavam discutindo. E elas chamaram a atenção dos dois, elas os amavam muito e queriam que eles vivessem como amigos; e por amor a elas eles fizeram essa maravilha e nesse último ano essa minha ex-nora foi digna de todo o nosso... Como é que eu diria, qualquer coisa que tivemos contra ela, porque ela foi a autora, a protagonista que provocou a separação, não foi incompatibilidade de gênios, mas ela foi de uma dignidade maravilhosa e deu toda a assistência a ele também. A filha não dirige, e eu sempre também acompanhando; quando não era a minha filha, era o pai, então ele foi uma pessoa totalmente cercada de carinho de toda a família, toda a família; isto é, a gente fica contente porque nós demos todo amor que tínhamos pra ele. O pai, pelo gênio teimoso de ser, de personalidade, foi sempre uma pessoa assim mais... é um tipo mais arredio, embora sempre deu assistência à família; mas nesses últimos, no último mês então, o pai estava todos os dias também lá no hospital, como todos nós, sem faltar nenhum, inclusive as filhas da V. também. Todo mundo lá junto com ele, e ele, o pai fazendo massagem, a V. passava o creme nos pés dele, nas pernas, e o L., o pai, fazendo massagem... tudo aquilo que ele talvez pudesse fazer no início da vida, ele fez no fim; então meu filho, que gostava muito dele, graças a Deus, porque eu nunca joguei meus filhos contra o pai, e ele é uma pessoa muito digna, deu todo o carinho e assistência pra ele, inclusive espiritual e isso conforta. **[1] Conforta mas dói, porque a gente tinha esperança muito grande de que pudesse reverter esse quadro.** Nós acreditamos hoje que o médico não procurou evitar o sofrimento da família meses antes e não falou nada, a gente sabia que era um estado grave, mas não tanto, quinze dias depois foi que falou e eu vim saber assim. **[1] E dói porque ele tinha toda a ânsia de vida, ele queria viver, queria viver sempre.** Três dias antes o médico dele, diretor do Einstein, teve lá e ainda falou com ele, animando-o [choro]. Mas todo mundo já estava sabendo porque o L. nos disse: “Vamos tratá-lo da mesma forma como sempre para que ele não sinta a realidade”. Então o médico esteve lá, muito satisfeito, dando muita atenção a ele, carinho. E ele, que nunca quis fazer o transplante de fígado, que também era difícil porque não podia fazer metade, tinha que ser o fígado inteiro, que era todo tomado, e acreditamos que tenha sido por uma transfusão de sangue quando ele era rapazinho e fez uma transfusão de sangue quando teve uma pequena hemorragia de operação das amídalas, e essa doença é

terrível porque ela aparece 15, 20, 25 anos depois e quando ela aparece, já aparece destruindo mesmo, então é um problema sério. **[3] Então o que eu tenho a dizer para você é que é um sofrimento terrível que às vezes eu tinha a sensação que eu não ia aguentar de tanta dor. Houve várias vezes que eu entrei num desespero total, chorando desesperada porque eu o tinha perdido pra sempre; ao mesmo tempo, pedia a Deus perdão, porque eu sabia que se Deus o tinha levado era para ser melhor. Mas a revolta era tão grande de não tê-lo comigo e ao mesmo tempo revoltada, desesperada, chorando e ao mesmo tempo pedindo a Deus perdão porque eu sabia que Deus só faria o melhor pra ele.** E minha irmã em Petrópolis, eu tenho uma das irmãs, ela é muito religiosa assim até em exagero, um exagero normal que pode se pensar, e ela veio na antevéspera; ela disse: T., estou saindo de Petrópolis agora", era de noite, "e vou pra aí porque eu sinto que tenho que estar com o M. novamente. Ela já tinha estado com o M. na casa dele, orado, falado muita coisa. Ele dizia pra mim: "Mãe, eu não acredito em nenhuma religião, eles tiveram aquele problema que você já sabe, antigo". Realmente aquilo calou profundo neles, embora ele e a minha filha fossem muito religiosos, não querer saber de Igreja Metodista, evangélica, deixa que isso não tem nada a ver. Mas ele disse: "Mãe, eu não creio em religião nenhuma, religião nenhuma salva". Eu falei: "Você tem toda a razão, nenhuma religião salva, o único que salva é Jesus Cristo; Jesus Cristo, sim, este salva, filho, mas não é religião realmente". Eu sei que por umas três vezes ele falou isso pra mim e eu repeti a mesma coisa. "É só você crer em Jesus Cristo salvador, é este o único que salva, não é título nenhum de religião nenhuma". Então ele ficou quieto. E quando a minha irmã chegou, foi no dia 15 de novembro, feriado, ele de repente amanheceu muito bem. Minha mãe sempre dizia quando a pessoa está em estado muito grave e um dia passa muito bem é sinal que no outro dia ele se vai; ela chegou à tarde, já veio direto com o filho dela, meu sobrinho, C. – graças a Deus, pertence a igreja da Lapa com a família. Eles chegaram e eu estava totalmente desesperada naquela tarde, e o L. estava com a mulher que ele mora, porque ele é casado e tem um filho mais velho que não é dele, e estava lá com ele, não sabendo que seria, a gente já sabia que não tinha salvação, mas não sabia que era já no outro dia não... É aquela esperança, uma miragem... E eu cheguei mais à tarde e ela já estava e eu fiquei tão... eu fiquei... eu tive um... como se diz, eu nem sabia que eu tinha tido aquilo... Depois a T. falou, eu tive como que um... esqueci o nome agora, como a gente entra em desespero total, tem um nome certo, e o L. não saía de lá e eu já estava ficando revoltada porque ele não saía e eu fiquei andando por uma sala imensa, uma sala muito grande, e eu olhava as janelas grandes e uma tarde bonita... De manhã, tinha passeado com as filhas, elas o tinham levado para tomar um pouco de sol, as filhas foram também, maravilhosas... E tem

uma rede pra pousar nela ali e apesar de ser... é para pessoas que ficam ali esperando. **[3] Naquela hora, naquela tarde que eu cheguei, eu queria ficar com ele e ao mesmo tempo entrei num desespero tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, que se a janela não tivesse aquela grade era capaz de eu ter me atirado, eu estava fora de mim, eu não estava consciente, eu estava fora de mim, quer dizer, o meu subconsciente estava sabendo que ele iria embora, mas eu não sabia, e eu não sabia e ao mesmo tempo revoltada porque o L. nunca que saía de lá, ele sabia de tudo, ainda bem, ele já sabia também que ele não teria mais salvação mais; e eu olhava pra baixo e tinha uma vontade de atirar e tinha rede, e fui pra outra e tinha rede eu estava num estado...** Alguém me disse o nome, como é cata...Cataplético, cata, tem não é catase não, cataplé... é um estado que a gente não... está fora de si, está fora de si. Totalmente. E eu estava num estado tão assim que o L. começou a passar mal e saiu e depois foi embora, e aí então eu cheguei, cumprimentei, beijei o meu filho, mas eu estava neste estado e saí um pouco e as meninas voltaram pra lá. Filhas do meu filho **[3]e eu não estava aguentando mais: eu tinha vontade de me atirar na frente de um carro, de uma coisa, não sei, eu estou fora de mim, tem o nome certo, puxa vida, *cata* não sei o quê, e imagine eu falar isso. Não tem cabimento, eu amo tanto a Deus... [A entrevistada chora] Entrei em parafuso, o subconsciente falava comigo que eu iria perdê-lo, mas eu não sabia.** Aí ele falou: "Mãe, eu já estou num estado que não tem...". Ele estava vendo Lutero, na televisão, aí chegou a minha irmã do Rio, direto pra lá, com o meu sobrinho que foi esperá-la, aí nos abraçamos, me recompus, fiquei lá e ela também ficou com ele abraçando, gritando e falando palavras muito lindas de salvação e de tudo, e aí depois eu fiquei ao lado dele, e ele até chamou a atenção porque a V. também estava lá com a filha também, estava toda a família, e fazendo uma palavra cruzada e ninguém descobria lá o que tinha, o que o texto queria , e aí a N. perguntou: "O que será isso? não sei o quê". E eu falei, falei e ele falou: "Que vergonha, a minha mãe que precisa falar pra vocês, vocês não sabem o que quer dizer isso". Eu nem sei mais o que era. É isso mesmo, ele falou. E minha irmã ficou perto dele e nós conversando, e é tanta coisa que eu não me lembro de tudo, viu? Eu sei que estive o tempo todo lá com ele, dando a mão pra ele, depois a minha irmã também esteve dando a mão, beijando, beijei ele, abracei, e minha irmã – como foi, meu Deus? – falou assim pra ele, foi ele que perguntou: "Oh! tia, é esse negócio de fazer oração, faz isso, faz aquilo, faz não sei o quê, tem todo esse poder, tia que tem?". Ela disse: "Claro, filho, que tem esse poder". E ele falou assim: "Mas mesmo?..." (eu fico emocionada e acabo esquecendo). Ele perguntou pra ela: "Mas, tia, e se uma pessoa crer em Jesus só no final da obra, pinta e borda, depois só no final ele encontra a salvação?".

Ela falou: “Sim, querido, que se crer em Jesus Cristo está salvo, se crer em Jesus Cristo está salvo”. Ele falou assim: “Oh! que é muito palavreado, é muita coisa que falam por aí, mas eu não creio nessas coisas assim não”. Ela falou a mesma coisa que eu falei dias antes: “O que interessa, M., é você crer em Jesus Cristo, quem crer em Jesus Cristo está salvo”. E ele estava meio virado assim e falou: “Então, está bom, tia, eu estou salvo porque eu creio em Jesus Cristo”. Ela falou: “Então está salvo, querido”. E isso foi na véspera que ele estava bem, vendo o jogo depois, parava, a gente conversava, e às 10 horas nós saímos, minha irmã ficou mais uns quinze minutos ainda com ele, eu sei que eu o abracei, beijei, passei a mão na cabeça dele, beijei a cabeça dele, beijei, e falei: “Filho, dá um beijo na mãe, mas um beijo bem bom!”. Aí ele deu um beijo tão forte aqui em mim sabe, e foi o último. Então às 11 horas nós devíamos ir embora, porque nós não podíamos todo mundo ficar lá, ficou a minha neta, a C.. Às onze e pouco foi tomar uma sopinha, e foi aí que ele começou a passar mal de novo, de novo, de novo, as veias rompiam, aí ela telefonou pra mãe, a mãe mal tinha chegado aqui, a mãe voltou depressa pra lá de novo, por isso que eu a tenho como uma grande amiga, foi muito amiga do meu filho, está morando junto com a C. agora porque ela pediu e perguntou se eu deixava: “Claro, minha filha, vai, fica com a C., fica com a tua outra filha”. Então se juntaram todos, estão na mesma casa. Mas aí ele não voltou mais a si. E no outro dia ele veio a falecer oito e pouco da noite. Quando eu cheguei à tarde, a V. falou: “Mãe, você não vai lá não, pois você pode ficar muito impressionada”. Mas não falei nada, fui lá e fiquei com ele, orando muito por ele alto, eu pus a mão na cabeça dele beijando, eu sei que ele sentiu, quando eu cheguei sete, sete e meia, mais ou menos, sete e pouco. “V. não vem agora, bem agora você está exausta e ele está fazendo assim com aparelhos”. O pai esteve um tempo lá, depois começou a passar mal e foi embora. Quando eu cheguei, ele estava com a boca aberta respirando com aquela dificuldade e eu, óbvio, beijei a testa, acariciei, falei: “Filho querido!”. Sei lá, tanta coisa de carinho que eu falei pra ele, porque eu sabia que ele precisaria, falei tudo que eu podia falar de bom para o meu filho, tudo de bom falei com ele e quando eu vi, ele fechou a boca. Aí eu fiquei contente, porque é uma coisa terrível o dia inteiro e a noite inteira de boca aberta respirando, assim aquela aflição, aquela secura, mas ele fechou a boca. Dava impressão, isso eu que falo, que me esperava. Aí ele fechou a boca, eu coloquei a mão aqui assim [a entrevistada faz o gesto] pra ver se ele estava respirando, e ele estava, mas pelo menos não estava naquela agonia [A entrevistada chora]. Depois de ter ficado bastante tempo com ele orando sem parar e falando só coisas muito lindas pra ele, muito lindas, tudo que era lindo que eu podia falar, falei com ele, eu dei uma saidinha pra tomar uma pouquinho de água, e a C., filha mais velha dele, correndo e já entrou ali. Mal ela entrou, voltou correndo e

chorando. Ele tinha acabado de falecer. Acho que estava me esperando chegar [A entrevistada chora]. [**4] Corri, corri, beijei, porque eu pensei: "a alma deve estar ali ainda". Beijei, muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo. [A entrevistada chora]. Não há nada mais trágico na vida do que a perda de um filho, pra mim não há nada mais trágico, nada, nada, nada, nada, nada. Muita coisa eu poderia lembrar, mas no momento não lembro nada. Eu sei que estive sempre acompanhando meu filho, todos os dias estava com ele.** Eu tive praticamente não só eu como a irmã, tinha loucura pelo irmão, a V. Em outubro foi que ele faleceu – dia 16. No dia 15 amanheceu um dia lindo de sol e ele amanheceu sentindo-se muito bem e contente; quis dar um passeio mas estava muito fraquinho e foi com a cadeira de roda. [A entrevistada chora]. Muito forte, muito forte. A ponto de que se eu não tivesse a minha querida filha que eu adoro – também adoro a minha filha, adoro as minhas netas – eu preferia morrer junto. A gente diz, a gente sente, você tem que.... Na época, ele ficou muito revoltado com o pai. O pai naquela época (agora não), o pai, coitado, sofreu demais, tornou-se aquele pai que ele quis sempre, que ele adorava. Ele conseguiu depois fazer faculdade, aqui na Metodista, mas aí quando ele terminou daí uns dois, que ano que é esse aí? [a entrevistada mostra o diploma do filho]. É 2001. É, dois anos depois, ele já foi piorando, piorando, piorando, cada vez mais. E então, já nos últimos dois anos, ele estava de licença, uma hora ele se sentia bem, dali a pouco se sentia mal. **[7] Para mim foi uma experiência terrível, terrível, terrível, terrível, terrível, porque eu nunca... Primeiro porque eu sempre pensei: vai o pai, vai a mãe... Como sempre foi na minha família, geralmente agora, perder um filho e ele querendo viver tanto...** Pelo menos um tempo, se ele fosse viver, se ele conseguisse um fígado, estava nos trezentos e um pouco [na lista de transplante], ele teria a vida toda, ele teria, se fosse tudo 100% do jeito que ele estava. O médico, depois, disse que não tinha salvação. Ele teria, a vida inteira, que fazer muita dieta e estar constantemente fazendo exame de novo, porque... Como é que fala gente, nossa, mas que absurdo, como é que fala, A, B,C... como é que é o nome?... É hepatite C. **[8] Aliás a hepatite B, ouviu, você deve tomar vacina, porque a hepatite B está começando a ficar tão ruim, tão terrível quanto a C; a C tem mais de 37 variações de tão terrível que é. A dele foi uma das piores e a B está começando assim também, tanto que a minha filha, a filha dela, as minhas netas, nós já falamos, não sei se elas tomaram, todo mundo deve tomar vitamina A. A vacina contra a hepatite tipo B, porque ela está ficando... tem um termo certo na ciência, mas eu agora me esqueço... Sabe, ela está ficando cada vez pior, quase do jeito da C. Então é preciso tomar muito cuidado, jovem ainda, tomar para evitar isso o quanto antes. [5] É difícil viver aqui, aí eu procurei... Não queria procurar**

uma psiquiatra. Sabe, toda a família está com psicólogos, psicóloga; eu não queira, mas tanto a minha filha insistiu que eu fui numa psiquiatra. Foi excelente, tanto é que eu falei tudo que eu já nem falo mais, aqui eu escrevi até pra ela. [nessa altura da entrevista e com essa pergunta do sujeito: você aceita um chá, bolo que fiz especialmente para você? Se bem que como ela é nova e eu esqueci, agora que eu estou lembrando. Agradeço e respondo que era importante continuarmos o diálogo] E eu sempre ouvi dizer assim que depois dos 60 anos não adianta mais procurar psicólogo. (risos). Mas minha filha falou que era psicóloga clínica. E disse também: "Não, mãe, não tem nada disso não". Só que eu, tem vezes, em vez de falar com ela eu fico escrevendo, sabe, aqui eu escrevi para minha meditação, para a reunião de oração, foi tudo lindo, feliz, maravilhoso, bom. Eu cheguei em casa, cansada, me recostei na cama, e pouco depois tudo ruiu, e eu vim feliz da igreja, muito feliz, muito, sentindo tanto Jesus ali perto. **[6] Agora aqui eu escrevi pra ela, comecei a sentir saudades do meu querido filho e entrei em desespero, chorando com dor no coração, embora sempre consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos, embora ele fosse todo esperança para obter a saúde perdida; a esperança dele era total. Muita, imensa, intensa saudade de meu filho, lembrando-me dos últimos dois dias de sua vida e de como eu agi com tanto amor e carinho rogando a presença da paz de Deus e a proteção de Jesus. Jesus Cristo, falando-lhe em voz audível para ele, porque ele estava em coma.** E choro incontrolável nesse... Bom, pode ser até português errado aqui, porque a gente vai escrevendo, e choro incontrolável, me relembrando, é o seu velório, sua vida em casa, seus quatro anos de intensos estudos para concluir a faculdade na Metodista, onde saiu-se brilhantemente, e as minhas palavras de incentivo, de alegria, de felicidade, por ele ter se saído tão vitorioso da faculdade. Queria ir à sua formatura, mas ele não quis ir, dizendo que ficaria sem jeito de ser bem mais velho que os colegas; ele não foi, e com isso eu também não fui ver a formatura, depois acabou. Mas é isso, viu? É, cheguei à conclusão, pelo menos da minha parte, perder um filho, por isso que eu estava procurando o que escrevi para a igreja, mas eu não sei onde guardei; sei que está bem guardado na casa – guardado demais também não adianta nada. **[3] Mas é a pior perda que pode existir na vida de uma mãe, não tem... Pelo menos pra mim, é duro, é duro, é duro, é duro demais. Depois da morte, foi muito ruim, terrível pra mim. Porque você entra em conflito, você ama a Deus, sabe que Deus fez o melhor, tenho certeza absoluta que ele fez o melhor, mas você ficou sem o seu filho.** Eu sinto satisfação porque nos últimos meses como ele não podia nem comer sal, ele mesmo fazia uma comida maravilhosa, então estava constantemente almoçando aos domingos lá, e ele sempre mandava falar: "Mãe, agradece a Deus". Aí agradecia a Deus e tudo; ele tinha o sentimento

religioso, desse ele nunca se desfez, e ele falava: "Então estou salvo, eu creio em Jesus Cristo" – coitadinho, tão alegre – "Estou salvo sim". Aquilo me satisfez muito. Ele estava aberto, **[1] mas é muito duro, muito duro, muito duro, fiquei quatro meses na casa da V., mas me sentia como que doente, a V. até não queria que eu viesse para cá. Falei: "Não, minha filha, eu preciso ir começar a mexer na casa, a viver e eu não posso ficar parada aqui". E isso foi muito duro, muito duro, muito duro, mas fiz, tive coragem.** Devem ter ido mais de 400 pessoas lá no velório dele, eu tenho amigos, L. reuniu o prefeito, vereadores, amigos meus e tanta gente. **[5] Parece que não, mas também conforta você ver tantos amigos**, você ver um, como é que fala, zelador... Desde que o M. era rapazinho, ele era zelador na época do prédio que eu morava ali na Avenida Índico. E sempre acompanhou o M.. Eu vim pra cá, os deixei lá e foi muito comovente no dia, a empregada que tinha adoração por ele e eles chegaram, até às seis e meia nós tínhamos falado pra vir umas oito e pouco assim, ele chegou às seis e meia de tanto que tinha a amizade dele, e veio com a mãe dela, já velhinha. Aí eles abriram, foi ali no Baeta e elas ficaram lá até às oito horas quando nós chegamos. Ele era muito querido, não é porque ele tinha falecido, mas era muito querido, inclusive tinha essa menininha aí, filha de alemães, e quando era no jardim da infância o professor dela era o M. Acho que foi por isso que ele quis procurar onde ele se encontrava, e então ele a defendia dos meninos que implicavam, criançada de jardim de infância, seis anos aí chegava, lá defendia as meninas e ela sobretudo. Então ela tinha loucura por ele também. **[3] Mas eu sei que é muito sofrimento, estou misturando tudo, mas isso que ia falando do enterro...** Tinha muita gente, graças a Deus, muitos amigos, aí começaram a perguntar: Mas quando vai ser a missa, não vai ter igual cerimônia depois? Aí eu falei com o pastor: "Oh, pastor, se a gente for marcar para daqui sete dias uma cerimônia na Igreja Católica, é capaz de não vir quase ninguém porque não tem o hábito de frequentar igreja evangélica. Depois foi tudo, foi tudo lá no velório. Então vamos fazer neste domingo" – o enterro foi sexta-feira –, "no domingo à noite o senhor, por favor, prepara, não quero conjunto de louvor lá fazendo, não quero nada disso, quero uma coisa solene". Aí o pastor falou com todos que seria um culto em memória dele, à noite, na Metodista, e o pastor e a dona A. fizeram – como é que fala? – o ritual, e a minha família estava toda lá. Quando eu digo a minha família toda porque tem os sobrinhos, de Petrópolis, e o pessoal foi, o meu sobrinho também, e foram muitos, inclusive o vice-prefeito, o prefeito não foi. Ele tinha muitos amigos, mais o L. e foi um culto muito bonito, aqueles cultos metodistas de antigamente. Uma mocinha, esqueci o nome dela, fez dois solos maravilhosos lindos, lindos, lindos. A L., você conhece muito, a L.A, a jornalista, é minha amiga, muito amiga, sabe? A gente é muito amiga mas ao mesmo tempo

não está sempre junto, leva ano inteiro sem se encontrar mas sabe que é amiga. Ela esteve lá à noite. [a entrevista é interrompida por um diálogo com outra pessoa e continua]. Então foi feito um culto muito bonito, daqueles metodistas de antigamente. A L., muito gentil... Não sei por quê, aí eu perguntei a outra, uma organista que é ex-mulher de um pastor que foi afastado, que eu esqueci, não sei o nome dele nesse momento... Ela não foi para órgão, foi para piano, nós estamos com um harmônio lá bonito, mas não tem ninguém pra tocar infelizmente. E na hora que cantou os hinos, a L. levantou e foi lá pra tocar pra nós, e a D. também foi lá na frente falar naquela mansidão, naquela simpatia... Ela foi professora do M. quando ele era pequeno. **[3] Essa experiência eu nunca pude pensar que fosse tão terrível, tão terrível. Um pedaço da gente vai embora. Eu senti, foi embora, eu sinto, e pelo menos para mim essa perda – como eu diria, gente? - eu não me precipitei em nada demais, perder a razão, a cabeça, fazer alguma tolice porque eu tenho crença em Deus, aquele dia eu estava no estado de pânico...** Agora que eu lembrei o nome, eu fiquei em estado de pânico, mas é o subconsciente, porque ele estava lá bem dentro do quarto, foi no dia 15, ele ainda estava bem, no outro dia, sentia tão mal, mas o meu subconsciente já sabia de tudo. Eu acho que era um perigo... Até se aquela janela não tivesse a rede eu faria uma coisa inconsciente, percebe? Inconsciente, porque conscientemente eu tenho muito temor a Deus, apesar de defeitos que a gente tem como humano... Mas depois disso não, mas é um sofrimento atroz que nunca será esquecido, pode ser assim amenizado pelas atividades que a gente tem, sobretudo na igreja. [6] Então a conclusão que a gente sempre fala, mas é só quando vive... Falar mais verdadeiramente: se não for uma crença em Deus muito grande, é muito perigoso se desesperar de vez, pelo menos da minha parte... Porque cada indivíduo sofre de uma forma, e eu fui, sou uma pessoa assim superssensível, amo o amor, amo a beleza, sempre, mas em excesso. A ponto de um psicólogo, uma vez, o meu professor, disse que isso até me prejudicava, de tanto que eu amava... o próprio amor em si, tudo que é belo, tudo que é bom, **[2] você imagina perder um filho? Então isso foi um golpe que eu nunca esperava, nunca na vida, nunca, nunca, nunca, e eu só posso dizer que se eu estou aguentando, [6] em primeiro lugar, é Deus, e em segundo porque eu tenho a minha filha querida que eu adoro e amo também, e as minhas três netas e que eu gosto demais também delas, como também, coitadinha, gosto da minha ex-nora que está morando junto.** Eu sou agradecida, abraço com todo o amor e carinho, gosto e aprecio muito o L. porque foi um pai nos últimos meses, aliás de um ano pra cá, o M. estava sempre lá. Ele sentia falta do pai junto, ele então vivia muito mais unido ao L., e eu fico grata a Deus por isso sabe? E depois: o L. não abandonou, ele sofreu horrores, muito, muito, muito, e ainda confessou pra V. depois que ele,

quando se casou, quando nós tivemos nossos filhos, não tinha noção de que ele devia também estar junto educando os filhos e que ele deixou toda a educação dos filhos pra mim porque ele não tinha essa noção. Ele falou: “Eu nunca subi no quarto de vocês para contar uma história”. Acho que graças a Deus deve ter contado para o filho que ele teve com essa senhora, mas eu me lembro. Toda noite eu subia para contar história pra eles, graças a Deus. Então é isso, sabe? A vida é essa e, sei lá, vamos caminhando porque não tem outro jeito. Desculpe se eu falhei; eu sei que teria muito mais coisa pra falar mas não lembro, não consigo.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“eu tenho que falar do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe. Nada se compara à dor da perda de um filho para mim.” [1] “A dor é imensa, é indescritível, é algo que por mais que você fale só se tiver uma experiência igual, pelo menos no meu modo de ser, no meu modo de sentir; desculpe, eu fico emocionada.” [1] “Conforta mas dói, porque a gente tinha esperança muito grande de que pudesse reverter esse quadro.” [1] “E dói porque ele tinha toda a ânsia de vida, ele queria viver, queria viver sempre.” [1] “mas é muito duro, muito duro, muito duro, fiquei quatro meses na casa da V., mas me sentia como que doente, a V. até não queria que eu viesse para cá. Falei: “Não, minha filha, eu preciso ir começar a mexer na casa, a viver e eu não posso ficar parada aqui”. E isso foi muito duro, muito duro, muito duro, mas fiz tive coragem.” [1]	Ela fala do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe, cuja dor é incomparável e indescritível. Para ela, nada se compara à perda de um filho por uma mãe. O conforto caminha junto com a dor. Havia esperança de reverter o quadro da doença do filho, principalmente porque ele queria viver. Evidenciou que sua experiência foi muito dura, morou com a filha por quatro meses e se sentia como uma pessoa doente. Ao mesmo tempo explicitou que precisava reagir, pois não poderia ficar parada na casa dela. Isso foi um ato de coragem, segundo T.M.R.
“você imagina perder um filho? Então isso foi um golpe que eu nunca esperava, nunca na vida, nunca, nunca, nunca, e eu só posso dizer que se eu estou aguentando,” [2]	Relatou que está suportando esse “golpe” que nunca esperava que pudesse acontecer: a perda de um filho.
“Então o que eu tenho a dizer para você é que é um sofrimento terrível que às vezes eu tinha a sensação que eu não ia aguentar de tanta dor. Houve várias vezes que eu entrei num desespero total, chorando desesperada porque eu o tinha perdido pra sempre; ao mesmo tempo, pedia a Deus perdão, porque eu sabia que se Deus o tinha levado era para ser melhor. Mas a revolta era tão grande de não tê-lo comigo e ao mesmo tempo revoltada,	Ela explicita que é um sofrimento terrível. Tinha sensação de que não iria aguentar, pois era muito dolorido. Houve momentos de desespero e revolta, ao mesmo tempo pedia perdão a Deus por estar se sentindo dessa maneira. Seu desespero foi tão grande que teve vontade de se atirar da janela do hospital. Disse que não estava consciente do que estava fazendo, pois sabia que não havia mais salvação para o filho. Teve vontade de se atirar na frente de

desesperada, chorando e ao mesmo tempo pedindo a Deus perdão porque eu sabia que Deus só faria o melhor pra ele.” [3] “Naquela hora, naquela tarde que eu cheguei, eu queria ficar com ele e ao mesmo tempo entrei num desespero tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, que se a janela não tivesse aquela grade era capaz de eu ter me atirado, eu estava fora de mim, eu não estava consciente, eu estava fora de mim, quer dizer, o meu subconsciente estava sabendo que ele iria embora, mas eu não sabia, e eu não sabia e ao mesmo tempo revoltada porque o L. nunca que saía de lá, ele sabia de tudo, ainda bem, ele já sabia também que ele não teria mais salvação mais; e eu olhava pra baixo e tinha uma vontade de atirar e tinha rede, e fui pra outra e tinha rede eu estava num estado...” [3] “e eu não estava aguentando mais: eu tenho vontade de me atirar na frente de um carro, de uma coisa, não sei, eu estou fora de mim, tem o nome certo, puxa vida, *cata* não sei o quê, e imagine eu falar isso. Não tem cabimento, eu amo tanto a Deus... [A entrevistada chora] Entrei em parafuso, o subconsciente falava comigo que eu iria perdê-lo, mas eu não sabia.” [3] “Mas é a pior perda que pode existir na vida de uma mãe, não tem... Pelo menos pra mim, é duro, é duro, é duro, é duro demais. Depois da morte, foi muito ruim, terrível pra mim. Porque você entra em conflito, você ama a Deus, sabe que Deus fez o melhor, tenho certeza absoluta que ele fez o melhor, mas você ficou sem o seu filho.” [3] “Mas eu sei que é muito sofrimento, estou misturando tudo, mas isso que ia falando do enterro...” [3] “Essa experiência eu nunca pude pensar que fosse tão terrível,	um carro. Ela sabia que ia perder o filho. Explicitou que é a pior perda que pode existir para uma mãe, demais, ruim, terrível. Entrou em conflito em relação à morte do filho e a vontade de Deus, pois sabe que Deus fez o melhor, mas ficou sem seu filho!

tão terrível. Um pedaço da gente vai embora. Eu senti, foi embora, eu sinto, e pelo menos para mim essa perda – como eu diria, gente? - eu não me precipitei em nada demais, perder a razão, a cabeça, fazer alguma tolice porque eu tenho crença em Deus, aquele dia eu estava no estado de pânico...” [3]	
“Corri, corri, beijei, porque eu pensei: “a alma deve estar ali ainda”. Beijei, muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo. [A entrevistada chora]. Não há nada mais trágico na vida do que a perda de um filho, pra mim não há nada mais trágico, nada, nada, nada, nada, nada. Muita coisa eu poderia lembrar, mas no momento não lembro nada. Eu sei que estive sempre acompanhando meu filho, todos os dias estava com ele.” [4]	Assim que o filho morreu, beijou-o e colocou a mão em seu corpo; beijou os pés, beijou tudo. Relata que não há nada mais trágico do que a perda de um filho. Acompanhou o filho em todos os momentos de sua doença.
“É difícil viver aqui, aí eu procurei... Não queria procurar uma psiquiatra. Sabe, toda a família está com psicólogos, psicóloga; eu não queira, mas tanto a minha filha insistiu que eu fui numa psiquiatra. Foi excelente, tanto é que eu falei tudo que eu já nem falo mais, aqui eu escrevi até pra ela.” [5] “Parece que não, mas também conforta você ver tantos amigos,” [5]	Relatou que é difícil viver aqui e que procurou ajuda psiquiátrica, por insistência da filha. Disse que para ela foi muito bom e que até escreveu para o psiquiatra. Para ela, em primeiro lugar é Deus e depois a filha que tem estado com ela, além das netas e da ex-nora. Também a presença dos amigos. Isso trouxe conforto para ela.
“Agora aqui eu escrevi pra ela, comecei a sentir saudades do meu querido filho e entrei em desespero, chorando com dor no coração, embora sempre consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos, embora ele fosse todo esperança para obter a saúde perdida; a esperança dele era total. Muita , imensa, intensa saudade de meu filho, lembrando-me dos últimos dois dias de sua vida e de como eu agi com tanto amor e carinho rogando a presença da paz de Deus e a proteção de Jesus. Jesus Cristo, falando-lhe em voz audível para ele, porque ele estava em coma.” [6]	T.M.R. escreveu para a psiquiatra dizendo que sente saudades do filho. Relatou também que entrou em desespero, com dor no coração, mas consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos. Lembra a esperança que o filho tinha diante do quadro de sua doença. Explicitou que lembra dos últimos dias e da relação de amor e carinho para com o filho. Lembra também do pedido a Deus por paz e proteção na presença do filho que estava em coma. T.M.R. evidenciou o fato de que, quando vivemos a situação, podemos falar verdadeiramente. A crença em Deus deve ser muito grande para não se desesperar de vez, e cada pessoa vive esse momento de uma determinada forma. Ela se

“Então a conclusão que a gente sempre fala, mas é só quando vive... Fala mais verdadeiramente: se não for uma crença em Deus muito grande, é muito perigoso se desesperar de vez, pelo menos da minha parte... Porque cada indivíduo sofre de uma forma, e eu fui, sou uma pessoa assim superssensível, amo o amor, amo a beleza, sempre, mas em excesso.” [6] “em primeiro lugar, é Deus, e em segundo porque eu tenho a minha filha querida que eu adoro e amo também, e as minhas três netas e que eu gosto demais também delas, como também, coitadinha, gosto da minha ex-nora que está morando junto.” [6]	identifica como uma pessoa supersensível.
“Para mim foi uma experiência terrível, terrível, terrível, terrível, terrível, porque eu nunca... Primeiro porque eu sempre pensei: vai o pai, vai a mãe... Como sempre foi na minha família, geralmente agora, perder um filho e ele querendo viver tanto...” (...) [7]	Para ela, a experiência foi terrível. Para ela a ordem das perdas é o pai, a mãe, mas ela perdeu o filho.
Aliás a hepatite B, ouviu, você deve tomar vacina, porque a hepatite B está começando a ficar tão ruim, tão terrível quanto a C; a C tem mais de 37 variações de tão terrível que é. A dele foi uma das piores e a B está começando assim também, tanto que a minha filha, a filha dela, as minhas netas, nós já falamos, não sei se elas tomaram, todo mundo deve tomar vitamina A. A vacina contra a hepatite tipo B, porque ela está ficando... tem um termo certo na ciência, mas eu agora me esqueço... Sabe, ela está ficando cada vez pior, quase do jeito da C. Então é preciso tomar muito cuidado, jovem ainda, tomar para evitar isso o quanto antes. [8]	Ela recomenda tomar a vacina contra hepatite B, porque está ficando tão ruim como o tipo C. A família tomou as vacinas e explicita que todas as pessoas devem tomá-la, desde jovem. É preciso tomar cuidado para evitar a doença o quanto antes.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“eu tenho que falar do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe. Nada se compara à dor da perda de um filho para mim.” [1] “A dor é imensa, é indescritível, é algo que por mais que você fale só se tiver uma experiência igual, pelo menos no meu modo de ser, no meu modo de sentir; desculpe, eu fico emocionada.” [1] “Conforta mas dói, porque a gente tinha esperança muito grande de que pudesse reverter esse quadro.” [1] “E dói porque ele tinha toda a ânsia de vida, ele queria viver, queria viver sempre.” [1] “mas é muito duro, muito duro, muito duro, fiquei quatro meses na casa da V., mas me sentia como que doente, a V. até não queria que eu viesse para cá. Falei: “Não, minha filha, eu preciso ir começar a mexer na casa, a viver e eu não posso ficar parada aqui”. E isso foi muito duro, muito duro, muito duro, mas fiz tive coragem.” [1]	1. A vivência do luto como dor
“você imagina perder um filho? Então isso foi um golpe que eu nunca esperava, nunca na vida, nunca, nunca, nunca, e eu só posso dizer que se eu estou aguentando,” [2]	2. O luto mediado pelo tipo de perda
“Então o que eu tenho a dizer para você é que é um sofrimento terrível que às vezes eu tinha a sensação que eu não ia aguentar de tanta dor. Houve várias vezes que eu entrei num desespero total, chorando desesperada porque eu o tinha perdido pra sempre; ao mesmo tempo, pedia a Deus perdão, porque eu sabia que se Deus o tinha levado era para ser melhor. Mas a revolta era	3. O luto como desorganizador do ser

tão grande de não tê-lo comigo e ao mesmo tempo revoltada, desesperada, chorando e ao mesmo tempo pedindo a Deus perdão porque eu sabia que Deus só faria o melhor pra ele.” [3] “Naquela hora, naquela tarde que eu cheguei, eu queria ficar com ele e ao mesmo tempo entrei num desespero tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, que se a janela não tivesse aquela grade era capaz de eu ter me atirado, eu estava fora de mim, eu não estava consciente, eu estava fora de mim, quer dizer, o meu subconsciente estava sabendo que ele iria embora, mas eu não sabia, e eu não sabia e ao mesmo tempo revoltada porque o L. nunca que saía de lá, ele sabia de tudo, ainda bem, ele já sabia também que ele não teria mais salvação mais; e eu olhava pra baixo e tinha uma vontade de atirar e tinha rede, e fui pra outra e tinha rede eu estava num estado...” [3] “e eu não estava aguentando mais: eu tenho vontade de me atirar na frente de um carro, de uma coisa, não sei, eu estou fora de mim, tem o nome certo, puxa vida, *cata* não sei o quê, e imagine eu falar isso. Não tem cabimento, eu amo tanto a Deus... [A entrevistada chora] Entrei em parafuso, o subconsciente falava comigo que eu iria perdê-lo, mas eu não sabia.” [3] “Mas é a pior perda que pode existir na vida de uma mãe, não tem... Pelo menos pra mim, é duro, é duro, é duro, é duro demais. Depois da morte, foi muito ruim, terrível pra mim. Porque você entra em conflito, você ama a Deus, sabe que Deus fez o melhor, tenho certeza absoluta que ele fez o melhor, mas você ficou sem o seu filho.” [3] “Mas eu sei que é muito sofrimento, estou misturando tudo, mas isso que ia falando do enterro...” [3]	

“Essa experiência eu nunca pude pensar que fosse tão terrível, tão terrível. Um pedaço da gente vai embora. Eu senti, foi embora, eu sinto, e pelo menos para mim essa perda – como eu diria, gente? - eu não me precipitei em nada demais, perder a razão, a cabeça, fazer alguma tolice porque eu tenho crença em Deus, aquele dia eu estava no estado de pânico...” [3]	
“Corri, corri, beijei, porque eu pensei: “a alma deve estar ali ainda”. Beijei, muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo. [A entrevistada chora]. Não há nada mais trágico na vida do que a perda de um filho, pra mim não há nada mais trágico, nada, nada, nada, nada, nada. Muita coisa eu poderia lembrar, mas no momento não lembro nada. Eu sei que estive sempre acompanhando meu filho, todos os dias estava com ele.” [4]	4. O luto a partir do corpo existencial
“É difícil viver aqui, aí eu procurei... Não queria procurar uma psiquiatra. Sabe, toda a família está com psicólogos, psicóloga; eu não queira, mas tanto a minha filha insistiu que eu fui numa psiquiatra. Foi excelente, tanto é que eu falei tudo que eu já nem falo mais, aqui eu escrevi até pra ela.” [5] “Parece que não, mas também conforta você ver tantos amigos,” [5]	5. Presença Cuidadora na vivência do luto
“Agora aqui eu escrevi pra ela, comecei a sentir saudades do meu querido filho e entrei em desespero, chorando com dor no coração, embora sempre consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos, embora ele fosse todo esperança para obter a saúde perdida; a esperança dele era total. Muita, imensa, intensa saudade de meu filho, lembrando-me dos últimos dois dias de sua vida e de como eu agi com tanto amor e carinho rogando a presença da paz de Deus e a proteção de Jesus. Jesus	6. A fé como suporte para a vivência do luto

Cristo, falando-lhe em voz audível para ele, porque ele estava em coma.” [6] “Então a conclusão que a gente sempre fala, mas é só quando vive... Fala mais verdadeiramente: se não for uma crença em Deus muito grande, é muito perigoso se desesperar de vez, pelo menos da minha parte... Porque cada indivíduo sofre de uma forma, e eu fui, sou uma pessoa assim superssensível, amo o amor, amo a beleza, sempre, mas em excesso.” [6] “em primeiro lugar, é Deus, e em segundo porque eu tenho a minha filha querida que eu adoro e amo também, e as minhas três netas e que eu gosto demais também delas, como também, coitadinha, gosto da minha ex-nora que está morando junto.” [6]	
“Para mim foi uma experiência terrível, terrível, terrível, terrível, terrível, porque eu nunca... Primeiro porque eu sempre pensei: vai o pai, vai a mãe... Como sempre foi na minha família, geralmente agora, perder um filho e ele querendo viver tanto...” [7]	7. O luto por morte na ordem natural
Aliás a hepatite B, ouviu, você deve tomar vacina, porque a hepatite B está começando a ficar tão ruim, tão terrível quanto a C; a C tem mais de 37 variações de tão terrível que é. A dele foi uma das piores e a B está começando assim também, tanto que a minha filha, a filha dela, as minhas netas, nós já falamos, não sei se elas tomaram, todo mundo deve tomar vitamina A. A vacina contra a hepatite tipo B, porque ela está ficando... tem um termo certo na ciência, mas eu agora me esqueço... Sabe, ela está ficando cada vez pior, quase do jeito da C. Então é preciso tomar muito cuidado, jovem ainda, tomar para evitar isso o quanto antes. [8]	8. Luto como cuidado do outro

Relato 1

T. M. R.

Sexo: Feminino

Idade: 79 anos

Análise Ideográfica

Em seu relato, apresenta sentimentos ambíguos, manifesta revolta e desespero, ao mesmo tempo pede perdão. Ela explicitou que essa perda foi o momento mais doloroso em sua vida como mãe. A dor é incomparável e indescritível. O conforto caminha junto com a dor. Havia esperança de reverter o quadro da doença do filho, principalmente porque o filho queria viver. Relatou que sua experiência foi muito dura, morou com a filha por quatro meses e se sentia como uma pessoa doente. Ao mesmo tempo, precisava reagir, pois não poderia ficar parada na casa da filha. Isso foi um ato de coragem, segundo T.M.R. Ela está aguentando esse "golpe" que nunca esperava que pudesse acontecer, é um sofrimento terrível, chegou a ter a sensação de que não iria aguentar, pois era muito dolorido. Houve momentos de desespero e revolta, ao mesmo tempo pedia perdão a Deus por estar se sentindo dessa maneira. O grau de desespero a leva a sentimentos de atentar contra a própria vida, a desejar a própria morte. Seu desespero foi tão grande que teve vontade de se atirar da janela do hospital, por ocasião da visita ao seu filho. Ela relatou que não estava consciente do que estava fazendo, pois sabia que não havia mais salvação para o filho. Teve vontade de ser atirar na frente de um carro... Ela explicitou que estava "fora de si", entrou em parafuso ao mesmo tempo em que dizia que tal reação não tinha cabimento, pois amava a Deus. Ela sabia que ia perder o filho. Assim que o filho morreu, beijou-o e colocou a mão no corpo dele. Relatou que não há nada mais trágico do que a perda de um filho. Ela acompanhou o filho em todos os momentos e compartilhou o sentimento de que não há nada mais duro do que perder um filho. Entrou em conflito em relação à morte do filho e a vontade de Deus. Ela buscou ajuda profissional, aconselhada pela filha. Escreveu para o psiquiatra, dizendo que sente saudades do filho. Relatou também que entrou em desespero, com dor no coração, mas consciente que Deus poupara seu filho de maiores sofrimentos. Recorda a esperança que o filho tinha diante do quadro de sua doença. Ela lembra dos últimos dias e da relação de amor e carinho para com o filho. Também do pedido a Deus por paz e proteção na presença do filho que estava em coma. Para T.M.R, em primeiro lugar está Deus e depois a filha que tem estado com ela; além das netas e da ex-

nora, a presença dos amigos trouxe conforto para ela. Ela diz que a ordem natural das perdas (ou morte) é a do pai, da mãe, mas ela perdeu o filho. Não podia pensar que fosse tão terrível, é como um pedaço dela que foi embora. Ela relatou que só não se precipitou e nem perdeu a razão pela crença que tem em Deus, pois no dia da morte do filho estava em pânico. Para ela a experiência do luto é que lhe permite falar sobre ele, pois quem o vivencia é que possui conhecimento para dizer sobre ela. A crença em Deus deve ser muito grande para não se desesperar de vez, pois cada pessoa vive o luto de uma forma. Ela recomenda tomar a vacina contra hepatite B, porque está ficando tão ruim como o C. A família tomou as vacinas e explicita que todas as pessoas devem tomar, desde jovem. É preciso tomar cuidado para evitar a doença o quanto antes. Ao final da entrevista, faz uma recomendação: tomar a vacina contra hepatite B, porque está ficando tão perigosa quanto o tipo C. A família tomou as vacinas e salienta que todas as pessoas devem tomá-la, desde jovem. É preciso tomar cuidado para evitar a doença o quanto antes.

Relato 2

M. P. P. C.

Sexo: Feminino

Idade: 61 anos

Como a senhora viveu a experiência do luto?

Oh! **[1] É uma experiência muito dura pra viver. Não foi fácil não, a gente perde as pessoas que ama, muito duro. [Chora].** Foi assim: eu recebi a notícia aqui, e como é muito longe, na hora eu não pensei de estar lá, mas o meu filho falou: "Mãe, a senhora deve ir". Na hora eu chorei muito, o meu marido não é de chorar, mas ele ficou também constrangido porque havia vinte dias que ele tinha perdido o sobrinho dele, o F.. Aí meu filho falou: "Não, mãe, agora é sua sobrinha, a senhora também deve ir nesse velório". Aí nos arrumamos, ele nos levou para a rodoviária, **[2] mas aí eu chorei antes porque a gente, como cristão, tem que dar o testemunho de cristão nessa hora. Chegando lá, eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes. A gente não podia ficar chorando, eu tinha que dar assistência para minha irmã mais velha; se você não sabe, nós somos quatorze filhos. Já estou na terceira idade e ela também, [3] e parece que quanto mais idosa a pessoa, mais sensível fica nesse sentido. Foi muito corrido, foi muito longe e tentar chegar de avião... Mas Deus atuou na minha vida** e o meu filho aqui ligou para Belo Horizonte e o meu sobrinho me pegou (eu com o meu marido na rodoviária) de carro e nós fomos direto para o velório que foi no cemitério em Governador Valadares. Nós saímos daqui de São Paulo às 11 horas da noite e chegamos às 11h30 da manhã, assim tudo corrido, como estou dizendo. Só dei uma paradinha por causa do estado de enjôo em que eu estava, por causa das voltinhas lá de Belo Horizonte até Valadares (é muita curva). Chegando lá e vendo aquela situação, a sobrinha que eu amava muito... Mas a gente continua amando, não deixa de amar. Lá tinha um pastor e um padre, porque a minha sobrinha é muito católica e o marido dela foi ex-seminarista de padre, e tinha um pastor porque a filha dela é recém-convertida; então eu também cruzei com essa situação, de pastor e padre. O padre falou a parte dele e passou para o pastor, que também falou. Nessas alturas a gente já tinha controlado as pessoas. Não sei se você sabe, [**2] um cristão na minha maneira de pensar é assim: a gente tem que fazer um contorno para conversar com a pessoa para que ela fique calma e falar uma boa palavra, já que a pessoa está muito sensível. [3] Então Deus me deu força, eu sinto assim: Deus é quem me**

deu força para agir nessa situação. E estava lá a família, o pastor, aconteceu o culto fúnebre; foi bom, mesmo com os dois – o pastor e o padre – a gente contornou aquela situação**. [2] Quando olhava a minha sobrinha assim no caixão, era muito difícil não chorar; a gente chorava mais em silêncio, porque o povo ali, a maioria católico, fica de olho na gente, porque ali é cristão, é crente "para ver o que ela vai fazer". Então, a gente tem que tomar essa posição, ser dura sem ser, coisa que eu não sou, já deu para perceber.** Não tem nada demais ser dura, mas eu sou muito sensível nessa parte. Fomos para o cemitério, e chegando lá o meu sobrinho, que é o filho dela, fez todo mundo chorar porque ele foi, abaixou-se e agradeceu, abaixou-se lá onde estava o caixão, foi agradecer a Deus pelos quarenta anos da mãe, pelos dezessete anos que ele pôde conviver. **[2] Nessa hora eu não aguentei, desabei mesmo. Para mim foi muito difícil, porque eu não tinha assim um apoio e meu marido é muito quieto, ele não sabe chegar e ficar... E lá eu tinha que ser a durona, no caso eu tive que ser a pastora ali; foi mais difícil, por isso, no lugar em que se está não ter a sua pastora junto**, então acho que a pastora tem que ser mais dura ainda. Ela vai no seu lado, só ela pôr a mão, isso é difícil de mais [a entrevistada chora]. **[2]Aí eu aproveitei que ali estavam estranhos e eu chorei pra valer. Eu me senti bem melhor, porque você chora se desabafa um pouco; se alguém chora perto de você, é difícil segurar.** O meu sobrinho é muito durão também, e ele foi a única pessoa que não desabou a chorar e até cantou uma música em castelhano. **[1] É, mas foi duro também, horrível [a entrevistada chora], não foi fácil passar por essa situação, foi muito difícil.** Depois, saindo dali eu cheguei a respirar fundo de novo para ficar com a minha irmã, que é a mãe da falecida. Não quis ir direto pra lá, passei na casa do meu irmão pra tomar banho, almoçar – eu não tinha almoçado ainda. Quando eu estava subindo a escada pra ir pra casa do meu irmão, eu achei a minha sobrinha toda assim; aí falei: "Agora é hora de eu voltar a reanimar o povo. Ei, gente, vamos almoçar, estou morrendo de fome, cadê o almoço?". [**2]Como se não tivesse acontecido nada, fomos almoçar**, e eu estava com fome mesmo de comida, cheiro de frango assado, me deu fome mesmo aquela hora. Já eram quatro horas da tarde, a gente estava sem se alimentar o dia inteiro, a tarde toda, eu estava até com dor de cabeça porque eu não tinha tomado o remédio da pressão (eu tenho pressão alta). Aí nós almoçamos, e eu vi que o povo, na hora que eu cheguei e falei daquele jeito, se animou, até levantou e disse: "É mesmo, vamos almoçar". Eu acho que a minha sobrinha pensava que eu ia chegar aqui, abraçar as pessoas, chorar; fiz o contrário, porque **[2] eu tinha que conseguir forças pra ir pra casa da minha irmã. [1] É mais difícil a mãe perder um filho do que eu como tia, apesar de que a minha sobrinha era assim comigo (faz um gesto com as mãos), ela vinha aqui todo o ano,**

toda hora; até cobrei da G.: "E agora, quem vai na minha casa?". Foi como uma filha mesmo que eu perdi. Aí, depois que retomei as forças, fui pra casa da minha irmã, e chegando lá parecia um velório, todos os filhos dela – quatro homens e três mulheres, eram três e morreu essa. **[4] E aí eu pensei: "E agora, falar o quê?" Então, tem hora que é bom não falar nada.** Também tudo o que eu falasse ali... como ela estava assim dopada de remédio, estava toda mole, ela nem ia me entender, ela não ia ouvir o que eu estava falando... **[4] Numa hora dessa que a gente está passando por isso, eu entendo assim, posso até estar errada, tudo o que você falar é pouco, mas se falar muito até amola.** Eu lembro que eu fiquei assustada uma vez, eu não esqueço disso até hoje, morreu o marido da minha vizinha da próxima rua, e a mulher lá na cama e a vizinha falou: "Levanta daí, vai continuar a sua vida, a vida continua". **[4] Na minha opinião, acho que isso não é hora de falar isso, eu não teria coragem de falar isso; uma coisa que você não quer pra você, você não quer para os outros.** Então aquela senhora falou até por falta de alguma instrução, não foi a vontade dela, mas não coube naquele momento, não encaixou, falar pra pessoa "que nada", é a vontade de Deus. Ah! eu esqueci de contar uma pequena coisa. Depois que eu comecei a fazer teologia, eu entendi, por isso eu tenho vontade de terminar, porque foi muito bom pra mim a maneira de entender as coisas, então tudo o que as pessoas também falam que é a vontade de Deus... Isso aí é um caso que aconteceu num velório vinte dias atrás. Essa minha sobrinha que é da Igreja Batista falou assim: "Ah! Tia, é a vontade de Deus", e eu falei "Será?" Aí ela subiu na curva: "O que você está querendo falar? Espera aí!". Porque tudo a gente culpa ou a Deus ou culpa o Diabo. Os dois devem ter as costas muitos largas porque jogam a culpa no diabo ou em Deus. "Mas é mesmo, tia, porque já pensou então se a pessoa sai atropelando e se Deus quisesse que não morresse, Ele segurava aquele carro para não bater nele". No caso dele (sobrinho) foi acidente de carro, a minha sobrinha já foi de câncer, é diferente. Eu falei assim: "Oh, M.", ela chama M., "nem tudo nós devemos culpar a Deus ou ao Diabo", na minha maneira de pensar. Eu já aprendi com a minha experiência até hoje de metodista – eu tenho trinta e três anos de casada, trinta e cinco anos que eu virei metodista – e ainda mais estudando mais um pouco que nem tudo é a vontade de Deus, nem tudo é o Diabo também que é culpado. Eu entendo que na terra há mais mistérios do que no céu, não sei se entendi errado, mas eu entendo assim segundo a Palavra de Deus que na terra há mais mistérios do que no céu. Aí, a mãe dela foi chegando e falou assim: "Ah! Vocês ficam discutindo como foi que ele morreu". **[2] Não estou discutindo, nós estamos explicando aqui porque ela teima que é a vontade de Deus e eu não teimo nada, eu digo que não sei, é um mistério. E eu continuo na minha condição e não culpo a Deus porque ela morreu,**

e o rapaz morreu tão jovem com vinte e um anos, estava indo pra faculdade numa boa, veio um carro louco de lá, bateu nele e ele morreu na hora. Daí vinte dias a outra estava internada eu disse assim: "Ah, se ela está com câncer, vai sair, vai fazer quimioterapia e não vai morrer agora de repente", e com vinte dias ligam pra mim avisando que ela morreu, agora eu vou ficar culpando a Deus? Eu já penso assim, eu posso estar errada mas eu penso assim. **[2] É claro que a gente chora, que a gente, como diz, é de carne e osso, chora mesmo; mas tem que tomar muitos cuidados. Como cristão, eu tenho que procurar ter mais cuidado para não perguntar a Deus o porquê de nada, porque a nossa mania geralmente é perguntar "Por quê? Por que isso? Por que aquilo?", e geralmente, antes de perguntar, na minha concepção, a gente deveria pedir perdão a Deus porque perguntou por quê. Deus tudo sabe e nós temos que, para finalizar, dizer que a vida continua, mas não é tão fácil, chegar até aí se passa por um processo; [5] parece assim uma dor que tem aqui no coração, parece uma ferida, não sei se você já teve alguma feridinha, então ela vai cicatrizando assim em volta, vai cicatrizando, cicatrizando até chegar no início e você vai colocando remédio, e fica aquele pontinho ali, só que eu entendo que só através de oração diante de Deus pra fechar. [2] Quando eu voltei de Minas, aí comecei a entrar em crise, lá me segurei, fui durona, crente não pode chorar [risos], e aí eu chorei bastante, mas não assim. [6] Completou uma semana e chorei de saudade dela, mesmo porque a gente tem saudade da pessoa que está ligando pra você sempre, a pessoa que sempre teve contato com você, quem não vai ter saudade, na esperança, quem sabe, porque a Bíblia também não relata isso, quem sabe um dia encontrarei em outra "expressão", extensão. [1]Uma diferença de 20 dias; então foi assim choque, [4]até tive muito apoio da igreja e da pastora também.** Eu gostaria de relatar... em termos de... no caso de você que é pastora, com certeza você já sabe disso, que numa hora dessa [choro]... é difícil.... [choro]. **[4] Tem que dar assistência sim, viu, mas não com palavras; palavras não resolvem, como diz a música popular, "palavras são palavras e nada mais". Mas que tem que dar assistência tem, viu. Você pode chegar perto de mim sem precisar falar nada, verdade? [choro]** Desculpa, viu... [choro]... Se estiver precisando da gente, a gente está aí.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
"É uma experiência muito dura pra viver. Não foi fácil não, a gente perde as pessoas que ama, muito duro.[Chora]." [1] "É, mas foi duro também, horrível [a entrevistada chora], não foi fácil passar por essa situação, foi muito difícil." [1] "É mais difícil a mãe perder um filho do que eu como tia, apesar de que a minha sobrinha era assim comigo (faz um gesto com as mãos), ela vinha aqui todo o ano, toda hora; até cobrei da G.: "E agora, quem vai na minha casa?". Foi como uma filha mesmo que eu perdi." [1] "Uma diferença de 20 dias; então foi assim choque," [1]	Num tempo da perda do sobrinho, sofre a perda da pessoa da sobrinha. A experiência foi vivida por ela como um choque. Ela relatou que é mais difícil para a mãe perder uma filha. Embora se tratasse da sobrinha, considera G. como uma filha que perdeu.
"mas aí eu chorei antes porque a gente, como cristão, tem que dar o testemunho de cristão nessa hora. Chegando lá, eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes. A gente não podia ficar chorando, eu tinha que dar assistência para minha irmã mais velha; se você não sabe, nós somos quatorze filhos. Já estou na terceira idade e ela também**,**" [2] "um cristão na minha maneira de pensar é assim: a gente tem que fazer um contorno para conversar com a pessoa para que ela fique calma e falar uma boa palavra, já que a pessoa está muito sensível." [2] "Quando olhava a minha sobrinha assim no caixão, era muito difícil não chorar; a gente chorava mais em silêncio, porque o povo ali, a maioria católico, fica de olho na gente, porque ali é cristão, é crente "para ver o que ela vai fazer". Então, a gente tem que tomar essa posição, ser dura sem ser, coisa que eu não sou, já deu para perceber." [2]	Ela relata que chorou antes, por causa do testemunho cristão. Disse que precisava dar assistência à família. Para ela, um cristão deve saber conversar com as pessoas que sofreram a perda. Afirmou que chorava em silêncio, pois tinha que ser dura na aparência, principalmente diante das pessoas católicas que ali estavam. Houve um momento que não aguentou e desabou. Foi muito difícil, pois sentiu falta de apoio nesse momento. Tinha que ser como uma pastora. Chorou na frente de pessoas estranhas e se sentiu aliviada. Sentiu-se melhor depois de chorar, mas depois afirmou que precisava ser cuidadosa em relação a quando e onde chorar. Disse que como cristã deve evitar perguntar a Deus o porquê da perda; ao contrário, deve pedir perdão, pois Deus sabe de todas as coisas. Quando retornou de Minas, entrou em crise e chorou bastante. Deixa evidente que para ela a morte da sobrinha é um mistério. Não culpa a Deus pela morte da sobrinha.

“Nessa hora eu não aguentei, desabei mesmo. Para mim foi muito difícil, porque eu não tinha assim um apoio e meu marido é muito quieto, ele não sabe chegar e ficar... E lá eu tinha que ser a durona, no caso eu tive que ser a pastora ali; foi mais difícil, por isso, no lugar em que se está não ter a sua pastora junto”. [2] “Aí eu aproveitei que ali estavam estranhos e eu chorei pra valer. Eu me senti bem melhor, porque você chora se desabafa um pouco; se alguém chora perto de você, é difícil segurar”. [2] “Como se não tivesse acontecido nada, fomos almoçar”. [2] “eu tinha que conseguir forças pra ir pra casa da minha irmã” [2] “Não estou discutindo, nós estamos explicando aqui porque ela teima que é a vontade de Deus e eu não teimo nada, eu digo que não sei, é um mistério. E eu continuo na minha condição e não culpo a Deus porque ela morreu, e o rapaz morreu tão jovem com vinte e um anos, estava indo pra faculdade numa boa, veio um carro louco de lá, bateu nele e ele morreu na hora.” [2] “É claro que a gente chora, que a gente, como diz, é de carne e osso, chora mesmo; mas tem que tomar muitos cuidados. Como cristão, eu tenho que procurar ter mais cuidado para não perguntar a Deus o porquê de nada, porque a nossa mania geralmente é perguntar “Por quê? Por que isso? Por que aquilo?”, e geralmente, antes de perguntar, na minha concepção, a gente deveria pedir perdão a Deus porque perguntou por quê. Deus tudo sabe e nós temos que, para finalizar, dizer que a vida continua, mas não é tão fácil, chegar até aí se passa por um processo;” [2]	

“Quando eu voltei de Minas, aí comecei a entrar em crise, lá me segurei, fui durona, crente não pode chorar [risos], e aí eu chorei bastante, mas não assim.” [2]	
“e parece que quanto mais idosa a pessoa, mais sensível fica nesse sentido. Foi muito corrido, foi muito longe e tentar chegar de avião...Mas Deus atuou na minha vida” [3] “Então Deus me deu força, eu sinto assim: Deus é quem me deu força para agir nessa situação” [3]	Parece que a idade influencia a sensibilidade da pessoa com relação à perda. Mas Deus esteve com ela e deu-lhe forças para lidar com a situação.
“E aí eu pensei: “E agora, falar o quê?” Então, tem hora que é bom não falar nada.” [4] “Numa hora dessa que a gente está passando por isso, eu entendo assim, posso até estar errada, tudo o que você falar é pouco, mas se falar muito até amola.” [4] “Na minha opinião, acho que isso não é hora de falar isso, eu não teria coragem de falar isso; uma coisa que você não quer pra você, você não quer para os outros.” [4] “até tive muito apoio da igreja e da pastora também.” [4] “Tem que dar assistência sim, viu, mas não com palavras; palavras não resolvem, como diz a música popular, “palavras são palavras e nada mais”. Mas que tem que dar assistência tem, viu. Pode você chegar perto de mim sem precisar falar nada, verdade? [choro]”. [4]	Ficou em dúvida sobre o que iria falar; não tinha coragem. Disse que nessas horas é melhor falar pouco ou não falar nada. O que você não quer para si não quer para os outros. Ela teve apoio da igreja e da pastora, mas reafirma que é necessário dar assistência nessas horas. Deve estar perto, não é necessário falar nada, porque “palavras são palavras e nada mais”.
“parece assim uma dor que tem aqui no coração, parece uma ferida, não sei se você já teve alguma feridinha, então ela vai cicatrizando assim em volta, vai cicatrizando, cicatrizando até	Ela explicitou que parece uma dor no coração, uma ferida em que se vai colocando remédio e vai cicatrizando, mas fica um pontinho. Esse pontinho só Deus pode fechar por meio da

chegar no início e você vai colocando remédio, e fica aquele pontinho ali, só que eu entendo que só através de oração diante de Deus pra fechar.” [5]	oração.
“Completou uma semana e chorei de saudade dela, mesmo porque a gente tem saudade da pessoa que está ligando pra você sempre, a pessoa que sempre teve contato com você, quem não vai ter saudade, na esperança, quem sabe, porque a Bíblia também não relata isso, quem sabe um dia encontrarei em outra “expressão”, extensão.” [6]	Ela sentiu saudade ao se completar uma semana da morte da sobrinha. Sente que a pessoa está ligada para sempre com ela. Tem esperança de que um dia vá reencontrá-la em outra dimensão, embora a Bíblia não relate isso.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“É uma experiência muito dura pra viver. Não foi fácil não, a gente perde as pessoas que ama, muito duro.[Chora].” [1] “É, mas foi duro também, horrível [a entrevistada chora], não foi fácil passar por essa situação, foi muito difícil.” [1] “É mais difícil a mãe perder um filho do que eu como tia, apesar de que a minha sobrinha era assim comigo (faz um gesto com as mãos), ela vinha aqui todo o ano, toda hora; até cobrei da G.: “E agora, quem vai na minha casa?”. Foi como uma filha mesmo que eu perdi.” [1] “Uma diferença de 20 dias; então foi assim choque,” [1]	1. O luto mediado pelo processo relacional
“mas aí eu chorei antes porque a gente, como cristão, tem que dar o testemunho de cristão nessa hora. Chegando lá, eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes. A gente não podia ficar chorando, eu tinha que dar assistência para minha irmã mais velha ; se você não sabe, nós somos quatorze filhos. Já estou na terceira idade e ela também**,**”. [2] “um cristão na minha maneira de pensar é assim: a gente tem que fazer um contorno para conversar com a pessoa para que ela fique calma e falar uma boa palavra, já que a pessoa está muito sensível.” [2] “Quando olhava a minha sobrinha assim no caixão, era muito difícil não chorar; a gente chorava mais em silêncio, porque o povo ali, a maioria católico, fica de olho na gente, porque ali é cristão, é crente “para ver o que ela vai fazer”. Então, a gente tem que tomar essa posição, ser dura sem ser, coisa que eu não sou, já deu para perceber.” [2] “Nessa hora eu não aguentei, desabei mesmo. Para mim foi muito difícil, porque eu não tinha assim um apoio e meu marido é muito quieto, ele não sabe chegar e ficar... E lá eu tinha que ser a durona, no caso eu tive que ser a pastora ali; foi mais difícil, por isso, no lugar em que se está não ter a sua pastora junto” [2]	2. Racionalização do luto

“Aí eu aproveitei que ali estavam estranhos e eu chorei pra valer. Eu me senti bem melhor, porque você chora se desabafa um pouco; se alguém chora perto de você, é difícil segurar”[2] “Como se não tivesse acontecido nada, fomos almoçar”.[2] “eu tinha que conseguir forças pra ir pra casa da minha irmã”[2] “Não estou discutindo, nós estamos explicando aqui porque ela teima que é a vontade de Deus e eu não teimo nada, eu digo que não sei, é um mistério. E eu continuo na minha condição e não culpo a Deus porque ela morreu, e o rapaz morreu tão jovem com vinte e um anos, estava indo pra faculdade numa boa, veio um carro louco de lá, bateu nele e ele morreu na hora.” [2] “É claro que a gente chora, que a gente, como diz, é de carne e osso, chora mesmo; mas tem que tomar muitos cuidados. Como cristão, eu tenho que procurar ter mais cuidado para não perguntar a Deus o porquê de nada, porque a nossa mania geralmente é perguntar “Por quê? Por que isso? Por que aquilo?”, e geralmente, antes de perguntar, na minha concepção, a gente deveria pedir perdão a Deus porque perguntou por quê. Deus tudo sabe e nós temos que, para finalizar, dizer que a vida continua, mas não é tão fácil, chegar até aí se passa por um processo;” [2] “Quando eu voltei de Minas, aí comecei a entrar em crise, lá me segurei, fui durona, crente não pode chorar [risos], e aí eu chorei bastante, mas não assim.” [2]	
“e parece que quanto mais idosa a pessoa, mais sensível fica nesse sentido. Foi muito corrido, foi muito longe e tentar chegar de avião... Mas Deus atuou na minha vida” [3] “Então Deus me deu força, eu sinto assim: Deus é quem me deu força para agir nessa situação” [3]	3. A fé que dá suporte para a vivência do luto
“E aí eu pensei: “E agora, falar o quê?” Então, tem hora que é bom não falar nada.” [4] “Numa hora dessa que a gente está passando por isso, eu entendo assim, posso até estar errada, tudo o que você falar é pouco, mas se falar muito até amola.” [4] “Na minha opinião, acho que isso não é hora de falar isso, eu não teria coragem de falar isso; uma coisa que você não quer pra você, você não quer para os outros.” [4]	4. Presença Cuidadora na vivência do luto

“até tive muito apoio da igreja e da pastora também.” [4] “Tem que dar assistência sim, viu, mas não com palavras; palavras não resolvem, como diz a música popular, “palavras são palavras e nada mais”. Mas que tem que dar assistência tem, viu. Pode você chegar perto de mim sem precisar falar nada, verdade? [choro]”. [4]	
“parece assim uma dor que tem aqui no coração, parece uma ferida, não sei se você já teve alguma feridinha, então ela vai cicatrizando assim em volta, vai cicatrizando, cicatrizando até chegar no início e você vai colocando remédio, e fica aquele pontinho ali, só que eu entendo que só através de oração diante de Deus pra fechar.” [5]	5. O luto a partir do corpo existencial
“Completou uma semana e chorei de saudade dela, mesmo porque a gente tem saudade da pessoa que está ligando pra você sempre, a pessoa que sempre teve contato com você, quem não vai ter saudade, na esperança, quem sabe, porque a Bíblia também não relata isso, quem sabe um dia encontrarei em outra “expressão”, extensão.” [6]	6. Saudade no processo de luto

Relato 2

M. P. P. C.

Sexo: Feminino

Idade: 61 anos

Análise Ideográfica

M.P.P.C relata que o luto foi uma experiência dura, horrível e difícil de viver. A experiência foi um choque. Como vivencia o luto com racionalização de seus sentimentos, chora antes de viajar para Governador Valadares, onde seria o velório e o sepultamento. Além disso, ela explicita que precisava dar assistência à família, pois para ela, um cristão deve saber conversar com as pessoas que sofreram a perda. Preocupada em dar o testemunho cristão à sua família, a ideia não está clara ela relata que chorava em silêncio, pois também tinha que ser dura na aparência, principalmente diante das pessoas católicas que ali estavam. Teve um momento que não aguentou e desabou. Ela expõe sua solidão, sentiu falta de apoio naquele momento, pois, segundo sua concepção, tinha que ser como uma pastora. Permitiu-se chorar na frente de pessoas estranhas e se sentiu aliviada, relata que precisava ser cuidadosa sobre quando e onde chorar. Evidencia que, em sua experiência de fé, como cristã, deve evitar perguntar a Deus o porquê da perda, mas, ao contrário, deve pedir perdão por esse tipo de pergunta, pois Deus sabe de todas as coisas. Quando retornou de Minas, entrou em crise e chorou bastante. Para ela, parece que a idade influencia na sensibilidade da pessoa com a perda. Mas Deus esteve com ela e deu-lhe forças para lidar com a situação. M.P.P.C salienta que a perda é mais difícil para a mãe. Embora fosse sua sobrinha, ela considera G. como uma filha que perdeu. Ela ficou em dúvida sobre o que iria falar; não tinha coragem. M.P.P.C relata que, nessas horas é melhor não falar nada ou falar pouco. Para ela, segundo a Palavra de Deus, há mais mistérios na terra do que no céu. No caso do sobrinho, um carro o atingiu e ele morreu na hora. Ela não culpa a Deus pela perda dos sobrinhos. Em seu relato, explicita o luto como corpo existencial, pois para ela, parece uma dor no coração, uma ferida que vai cicatrizando, mas fica um pontinho. Esse pontinho só Deus pode fechar por meio da oração. Sentiu saudade ao completar-se uma semana da morte da sobrinha. Ela explicita que a pessoa está ligada para sempre com ela. Tem esperança de que um dia vá reencontrá-la em outra dimensão, embora a Bíblia não relate isso. Na entrevista, ela explicita que houve uma presença cuidadora da igreja e da pastora, mas reafirma que é necessário dar assistência

nessas horas. Segundo M.P.P.C, as pessoas devem estar perto, não é necessário falar nada, porque “palavras são palavras e nada mais”.

Relato 3

W.F.S.J.

Sexo: Masculino

Idade: 25 anos

Como você viveu a sua experiência do luto?

Bom, **[1] eu tentei ser mais forte que as outras pessoas para poder ajudar outras pessoas,** e eu queria estar tratando sempre. **[3] Não tenho certeza se realmente eu vivenciei o luto da forma como normalmente as pessoas vivenciam; eu procurei dar mais apoio àqueles que eu senti que estavam mais abalados que eu. Eu não fiquei abalado.** Eu senti depois da morte da minha mãe foi mais... **[2] É, eu fui aceitando pelos processos, passo a passo, o que aconteceu com ela, então foi fácil de aceitar. Eu acho que estava aceitando antes mesmo de ela vir a falecer. Acho que eu já estava vivenciando o luto antes mesmo... antes de ela morrer. [1]Aí, a princípio, eu quis apoiar mesmo meus queridos, mas depois eu tive meus momentos também de tristeza, mas sempre focado nisso, sempre mais chateado e preocupado pelo que outros estão sentindo e não pelo que eu estava sentindo, bem desse jeito.** Meu irmão, mais pelo meu irmão, entendeu, do que pela minha irmã que também passou uma situação muito difícil. O E. que está mais ou menos assim (faz gesto com as mãos)**. [2] Depois de um tempo, acho que foi depois de um tempão, acho que um ano depois, que – não sei se posso falar assim – começou a cair a ficha, mas eu acho que se tivesse sido de uma maneira assim rápida e minha mãe tivesse ido de uma vez, acontecido alguma coisa que ela tivesse bem, acho que eu sentiria mais ou teria ficado mais abalado; mas é porque ela foi tão doente, ela estava tão fraca, e foi tão importante que eu tivesse conversado com ela e ela ter aceitado, ela já tinha aceitado a condição dela, e na condição que estava ela ajudou a gente, entende? Então, pra mim foi fácil, não por causa de outras pessoas, por isso que não sei se ela conseguiu fazer isso com todos, como fez comigo e com outro e não com todos.** Ela fez. Ela faleceu exatamente no Dia de Finados, então vai fazer dois anos agora. Se eu tive uma perda mais recente?! Bom, aí é que está: **[3] eu não posso dizer que eu não senti, mas é que fiquei tão preocupado com ela, com a T., que preferi dar atenção mais ao que ela estava sentindo**, quando ela até achou que... e ela disse: "Você não sentiu tanto, parece que você não se importou". **[3] "Não que eu não me importei, mas eu estava tão preocupado com você, estava tão preocupado de**

acontecer algo com você que eu achei que fosse melhor dessa maneira". Não sei, mas depois eu fiquei bastante chateado também; e agora, depois que aconteceu isso, acho que eu estou dando um pouquinho mais de importância até na questão de participar mesmo de todo esse processo; acho que eu fiquei um pouco ausente. O que eu queria era, sei lá, que ela entendesse aquilo rápido como eu entendi que foi melhor assim, mas não. Eu não estava pensando do jeito que ela estava pensando; é que nem ela fala, ela que teve as sensações, ela que passou daquela maneira, mas pra mim eu acho que eu não considero que foi assim, eu acho que se tivesse com seis, sete meses, sei lá, nascesse... **[4] Sabe, eu não falo pra ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha.** Ah! Poxa! Acha que tinha vida, ela fica chateada. Pensa, mas estava se formando ainda e teve o aborto. **[4] Eu acho que não considero que...(silêncio). Três semanas. Ia pra quatro semanas. Ia pra quatro semanas. Eu sentiria mais se tivesse tido mais tempo de gestação.** Veja só, eu lembro quando tinha 12 anos, lembro perfeitamente. Mas o pai do L.P. é daquele jeito, sempre foi daquele jeito, **[2] eu sempre tive que suportar, acho que vivi um luto, sempre vivi o luto desde que o E. começou a ser desse jeito que ele é**. Mas era sempre pela minha mãe. Não tomamos determinadas atitudes por conta dela. Então, minha mãe era assim: tudo para o L.P. Eu fico imaginando se fosse eu com doze anos, a maneira que aconteceu, como aconteceu, assim não sei, se todas aquelas informações na sua cabeça, saber daquilo tudo, eu não suportaria. Então eu fiquei pensando assim: Puxa vida! Também era filho dela, mas eu ainda acho que para ele foi pior do que pra mim. A minha mãe estava tão satisfeita com o fato de eu já estar casado, de ser casado com uma pessoa que gostava de mim de verdade, então ela passou isso pra mim, de que ela estava tranquila; eu acho que se eu tivesse numa situação, sei lá, se eu tivesse perdido aí no mundo, se eu não tivesse uma razão pra viver ou uma expectativa pra ser alguém, acho que ela teria passado essa frustração pra mim. **[2] Sei lá, podia ser diferente, mas eu me sinto tão confortado, como ela estava em relação a mim e à minha irmã.** E ela sempre falava pra mim que também sabia que o fato de ela estar ou não estar com o "P.", ela sabia que se um dia ela não estivesse, eu estaria presente. Mas aí eu abrangi, não fiquei só com o P., comecei a tomar conta do E., tomar conta da minha irmã... de todo mundo. **[2] Eu tinha muito medo, tinha muito, muito, muito, muito medo de perder a minha mãe, demais. E de tudo o que aconteceu, eu não sei se isso é verdade, mas acontece de você vivenciar um luto antes? Acontece? Pode ser? Eu acho que eu aprendi, eu aprendi, eu imaginava como ia ser se a minha mãe viesse a falecer. E quando a minha prima me ligou, ela me ligou e falou que tinha que ir para o hospital, eu já não estava sentindo mais aquilo, porque é como se tivesse sido consolidado, como que se para**

mim o luto já tivesse começado antes. Então, desde quando a minha mãe adoeceu, desde quando soube o que ela tinha, eu já acho que sem saber, inconscientemente, eu já comecei a trabalhar essa questão do luto. Sem perder as esperanças. . [1] Sim. Eu achei que dali pra frente eu teria que ser forte.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“eu tentei ser mais forte que as outras pessoas para poder ajudar outras pessoas” [1] “Aí, a princípio, eu quis apoiar mesmo meus queridos, mas depois eu tive meus momentos também de tristeza, mas sempre focado nisso, sempre mais chateado e preocupado pelo que outros estão sentindo e não pelo que eu estava sentindo, bem desse jeito” [1] “Sim. Eu achei que dali pra frente eu teria que ser forte.” [1]	Ele tentou ser mais forte que as outras pessoas. Procurou ajudar as pessoas e apoiar seus entes queridos. Mas também teve seus momentos de tristeza, ficou chateado e preocupado, pelo que os outros estavam sentindo. Disse que teria de ser forte.
“É, eu fui aceitando pelos processos, passo a passo, o que aconteceu com ela, então foi fácil de aceitar. Eu acho que estava aceitando antes mesmo de ela vir a falecer. Acho que eu já estava vivenciando o luto antes mesmo... antes de ela morrer.” [2] “Depois de um tempo, acho que foi depois de um tempão, acho que um ano depois, que – não sei se posso falar assim – começou a cair a ficha, mas eu acho que se tivesse sido de uma maneira assim rápida e minha mãe tivesse ido de uma vez, acontecido alguma coisa que ela tivesse bem, acho que eu sentiria mais ou teria ficado mais abalado; mas é porque ela foi tão doente, ela estava tão fraca, e foi tão importante que eu tivesse conversado com ela e ela ter aceitado, ela já tinha aceitado a condição dela, e na condição que estava ela ajudou a gente, entende? Então, pra mim foi fácil, não por causa de outras pessoas, por isso que não sei se ela conseguiu fazer isso com todos, como fez comigo e com outro e não com todos.” [2] “eu sempre tive que suportar, acho que vivi um luto, sempre vivi o luto desde que o E. começou a ser desse jeito que ele”. [2]	Ele explicitou que foi aceitando passo a passo o que estava acontecendo com sua mãe. Estava vivenciando o luto antes mesmo de ela morrer. Acha que depois de um ano, começou a cair a “ficha”, mas não se sentiu tão abalado porque havia conversado com sua mãe sobre a condição em que ela estava. Considera que para ele foi mais fácil por causa desse momento de conversa que teve com a mãe antes de sua morte. Tinha muito medo de perdê-la. Acha que sempre viveu um luto depois que E. ficou “desse jeito” [alcoólico]. Declarou que desde que ficou sabendo da doença da mãe, começou a trabalhar o luto, sem perder as esperanças, porém. Então não ficou abalado quando recebeu o telefonema anunciando sua morte. Sobre a mãe, disse que poderia ser diferente, mas sente-se confortado com o relacionamento que a mãe tinha com ele e sua irmã.

“Sei lá, podia ser diferente, mas eu me sinto tão confortado, como ela estava em relação a mim e à minha irmã.” [2] “Eu tinha muito medo, tinha muito, muito, muito, muito medo de perder a minha mãe, demais. E de tudo o que aconteceu, eu não sei se isso é verdade, mas acontece de você vivenciar um luto antes? Acontece? Pode ser? Eu acho que eu aprendi, eu aprendi, eu imaginava como ia ser se a minha mãe viesse a falecer. E quando a minha prima me ligou, ela me ligou e falou que tinha que ir para o hospital, eu já não estava sentindo mais aquilo, porque é como se tivesse sido consolidado, como que se para mim o luto já tivesse começado antes. Então, desde quando a minha mãe adoeceu, desde quando soube o que ela tinha, eu já acho que sem saber, inconscientemente, eu já comecei a trabalhar essa questão do luto. Sem perder as esperanças.” [2]	
“Não tenho certeza se realmente eu vivenciei o luto da forma como normalmente as pessoas vivenciam; eu procurei dar mais apoio àqueles que eu senti que estavam mais abalados que eu. Eu não fiquei abalado.” [3] “eu não posso dizer que eu não senti, mas é que fiquei tão preocupado com ela, com a T., que preferi dar atenção mais ao que ela estava sentindo,” [3] “Não que eu não me importei, mas eu estava tão preocupado com você, estava tão preocupado de acontecer algo com você que eu achei que fosse melhor dessa maneira”. Não sei, mas depois eu fiquei bastante chateado também; e agora, depois que aconteceu isso, acho que eu estou dando um pouquinho mais de importância até na questão de participar mesmo de todo esse processo; acho que eu fiquei um pouco ausente. O que eu queria	Ele não sabe se vivenciou um luto como “normalmente” as pessoas vivenciam. Procurou dar apoio às pessoas que sentiu estarem mais abaladas. Sobre outro luto [aborto da esposa], disse que não sentiu, ficou mais preocupado com o que T., sua esposa, estava sentindo. Ficou mais preocupado com a esposa, mas ficou chateado depois que aconteceu. Acha que está dando um pouco mais de importância a esse processo. Sentiu-se um pouco ausente. Queria que a esposa entendesse aquela situação tão rápido como ele.

era, sei lá, que ela entendesse aquilo rápido como eu entendi que foi melhor assim, mas não.” [3]	
“Sabe, eu não falo pra ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha.” [4] “Eu acho que não considero que...(silêncio). Três semanas. Ia pra quatro semanas. Ia pra quatro semanas. Eu sentiria mais se tivesse tido mais tempo de gestação.” [4]	Disse que não considerava um filho para ficar de luto. Sentiria mais, se tivesse mais tempo de gestação.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“eu tentei ser mais forte que as outras pessoas para poder ajudar outras pessoas” [1] “Aí, a princípio, eu quis apoiar mesmo meus queridos, mas depois eu tive meus momentos também de tristeza, mas sempre focado nisso, sempre mais chateado e preocupado pelo que outros estão sentindo e não pelo que eu estava sentindo, bem desse jeito” [1] “Sim. Eu achei que dali pra frente eu teria que ser forte.” [1]	1. O luto mediado pelo processo relacional
“É, eu fui aceitando pelos processos, passo a passo, o que aconteceu com ela, então foi fácil de aceitar. Eu acho que estava aceitando antes mesmo de ela vir a falecer._Acho que eu já estava vivenciando o luto antes mesmo... antes de ela morrer.” [2] “Depois de um tempo, acho que foi depois de um tempão, acho que um ano depois, que – não sei se posso falar assim – começou a cair a ficha, mas eu acho que se tivesse sido de uma maneira assim rápida e minha mãe tivesse ido de uma vez, acontecido alguma coisa que ela tivesse bem, acho que eu sentiria mais ou teria ficado mais abalado; mas é porque ela foi tão doente, ela estava tão fraca, e foi tão importante que eu tivesse conversado com ela e ela ter aceitado, ela já tinha aceitado a condição dela, e na condição que estava ela ajudou a gente, entende? Então, pra mim foi fácil, não por causa de outras pessoas, por isso que não sei se ela conseguiu fazer isso com todos, como fez comigo e com outro e não com todos.” [2] “eu sempre tive que suportar, acho que vivi um luto, sempre vivi o luto desde que o E. começou a ser desse jeito que ele”. [2] “Sei lá, podia ser diferente, mas eu me sinto tão confortado, como ela estava em relação a mim e à minha irmã.” [2]	2. Luto antecipatório

“Eu tinha muito medo, tinha muito, muito, muito, muito medo de perder a minha mãe, demais. E de tudo o que aconteceu, eu não sei se isso é verdade, mas acontece de você vivenciar um luto antes? Acontece? Pode ser? Eu acho que eu aprendi, eu aprendi, eu imaginava como ia ser se a minha mãe viesse a falecer. E quando a minha prima me ligou, ela me ligou e falou que tinha que ir para o hospital, eu já não estava sentindo mais aquilo, porque é como se tivesse sido consolidado, como que se para mim o luto já tivesse começado antes. Então, desde quando a minha mãe adoeceu, desde quando soube o que ela tinha, eu já acho que sem saber, inconscientemente, eu já comecei a trabalhar essa questão do luto. Sem perder as esperanças.” [2]	
“Não tenho certeza se realmente eu vivenciei o luto da forma como normalmente as pessoas vivenciam; eu procurei dar mais apoio àqueles que eu senti que estavam mais abalados que eu. Eu não fiquei abalado.” [3] “eu não posso dizer que eu não senti, mas é que fiquei tão preocupado com ela, com a T., que preferi dar atenção mais ao que ela estava sentindo,” [3] “Não que eu não me importei, mas eu estava tão preocupado com você, estava tão preocupado de acontecer algo com você que eu achei que fosse melhor dessa maneira”. Não sei, mas depois eu fiquei bastante chateado também; e agora, depois que aconteceu isso, acho que eu estou dando um pouquinho mais de importância até na questão de participar mesmo de todo esse processo; acho que eu fiquei um pouco ausente. O que eu queria era, sei lá, que ela entendesse aquilo rápido como eu entendi que foi melhor assim, mas não.” [3]	3. Luto como cuidado do outro
“Sabe, eu não falo pra ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha.” [4] “Eu acho que não considero que... (silêncio). Três semanas. Ia pra quatro semanas. Ia pra quatro semanas. Eu sentiria mais se tivesse tido mais tempo de gestação.” [4]	4. O luto mediado pelo tipo de perda

Relato 3

W.F.S.J.

Sexo: Masculino

Idade: 25 anos

Análise Ideográfica

Em seu relato, W.F.S.J. explicitou que devia ser mais forte que as outras pessoas. Declarou que procurou ajudar as pessoas e apoiar seus entes queridos. Mas também teve seus momentos de tristeza, ficou chateado e preocupado, pelo que os outros estavam sentindo. Em sua fala, evidenciou que teria de ser forte e que foi aceitando passo a passo o que estava acontecendo com sua mãe. Estava vivenciando o luto antes mesmo de sua mãe morrer. Ele acha que depois de um ano, começou a "cair a ficha", mas não se sentiu tão abalado porque havia conversado com sua mãe sobre a condição em que ela estava. Para ele foi mais fácil devido a esse momento de conversa que teve com a mãe antes de sua morte, embora tivesse muito medo de perdê-la. Evidenciou que sempre viveu um luto depois que E. [seu padrasto e alcoolista] ficou desse jeito. Ele evidenciou que viveu o luto antecipatório, pois declarou que, desde o momento em que ficou sabendo da doença da mãe, começou a trabalhar o seu luto, sem perder as esperanças; disse que não ficou abalado quando recebeu o telefonema anunciando a morte dela. O luto de W.F.S.J foi vivenciado com o cuidado do outro, pois ele disse que não sabe se vivenciou um luto como "normalmente" as pessoas vivenciam; ele deu apoio às pessoas que estavam mais abaladas. Para ele, o processo de luto poderia ser diferente, mas sente-se confortado com o relacionamento que a mãe tinha com ele e sua irmã. Sobre outro luto [aborto do filho] explicitou que não sentiu, ficou mais preocupado com T., sua esposa, e chateado depois que aconteceu. Acha que está dando um pouco mais de importância a esse processo, pois se sentiu um pouco ausente. Queria que a esposa entendesse aquela situação tão rápido como ele. Segundo W.F.S.J. não considera o feto abortado um filho, para ficar de luto; sentiria mais se tivesse sido maior o tempo de gestação.

Relato 4

M. P.

Sexo: Feminino

Idade: 55 anos

Você poderia contar como foi a sua experiência de luto?

Vou falar sobre a morte do meu sogro, que foi mais recente. Nós acompanhamos, **[2] não foi muito fácil porque estávamos muito acostumados com ele aqui.** Eu vivia sempre todo dia vendo ele, do lado da minha casa. Então ele já estava com bastante idade, ele já estava com 80... 93 anos. Ele sempre foi um homem muito independente, nunca quis fazer nada que alguém falasse pra ele. Ele queria viver sozinho e assim não tinha preocupação dele não, só a de ficar sozinho e acontecer alguma coisa e a gente não ver. Mas quando ficou doente... Acredito muito na mão do Senhor, porque sempre tive essa de se acontecer de ele estar sozinho, acontecer alguma coisa e a gente nem sabe, à noite... E não foi assim que foi, ele ficou doente e já começou a ter dificuldade, e o que aconteceu foi que ele ficou internado e foi acompanhado muito pelas filhas. Ele tem três filhas, mas como elas moram mais longe e eu que sou nora moro do lado, era mais uma situação para mim e meu marido, quem cuidou muito bem dele. Talvez pelo sofrimento de ver ele assim sozinho, não querendo depender de nada e sempre falando assim: "Ah! Eu já vivi bastante, mas vocês estão cuidando de mim agora, eu não queria depender de outras pessoas, mas eu vou ter que depender". Acabou indo morar com a minha cunhada, e o que aconteceu foi que ele começou a piorar e veio a falecer. Ele ficou internado uns poucos dias na UTI e quando nós ficamos sabendo, a gente até esperava mesmo porque já fazia tempo que ele vinha falando pra deixar até preparado, ele falava sempre que "Ah! Eu vivi bastante já, eu não quero ficar em cima da cama sofrendo". Mas ele tinha uma natureza que só por Deus, ele fazia o que queria, então quando nós soubemos que ele tinha descansado, que ele estava internado lá no hospital, até falei com o meu marido mesmo que eu me admirei, porque achei que ele ia sentir muito porque ele cuidou mais, como filho; como nora, eu sempre respeitei muito ele e gostava muito dele, ao modo dele, entendeu. Ele não era muito assim, com as noras, não era muito ligado. Ele era mais ligado com as filhas, mas toda vez que eu fui cuidar dele, ele sempre falava que agradecia muito os cuidados que estávamos tendo com ele, era uma pessoa muito orgulhosa, mas soube reconhecer isso. Até falei pro meu marido "Nossa, ele descansou, não sofreu tanto"; pelo

tempo que ele estava, com 93 anos, não demorou, não sofreu muito. **[6] É lógico que a gente sentiu muito, inclusive quando foi para preparar o funeral, foi muito difícil, porque a outra vez aconteceu a mesma coisa com a minha mãe e eu tive que arrumar, e desta vez de novo.** A gente tem um lugar lá pro lado do Horto Florestal, que é um cemitério onde a gente tem um lugar, a campa, mas lá pro lado do Horto Florestal que é muito longe. Aí sobrou pra mim, aí, nossa, eu fiquei meio assim. Com minha mãe foi a mesma coisa, eu que tive que arrumar tudo. A minha mãe, que foi há quase três anos, eu tive que arrumá-la, tive que providenciar tudo, foi muito complicado. **[3] Nossa, me deu assim um mal-estar, porque além da dificuldade na hora do enterro, também não é só a perda, mas também a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada que dizer, eu sabia que naquele tempo eu não tinha algum dinheiro mesmo.** Aí falaram pra mim "Ah! Você tem a campa", e eu tenho mesmo do meu pai que é japonês e eu tenho um pouco de receio porque eu tenho uns irmãos que não são evangélicos, eles são católicos, e o que acontece é que o lugar é do meu pai e dos meus irmãos e, é claro, pros meus também, pois faço parte porque eu paguei a parte lá que cabe a mim. Eu pago manutenção, aí na hora de arrumar, eu ofereci o lugar e fui ver com o meu irmão se podia colocar, isso foi o que eu fiz. Aí eu já estava triste com a perda, aí arrumei, porque é claro que tinha que pagar alguma coisa, igual o caixão e não o local, o local não porque já tinha. Então, eu liguei numa hora certa e me deu até dor de estômago. Eu passei mal porque eu liguei pra minha cunhada porque é família, a dificuldade de lidar assim com as famílias pode acontecer com todo mundo. Aí eu falei assim: "Olha, os custos são seus, vai ter que ver o caixão, vai ter que ver alguma coisa, se vocês quiserem eu vejo pelo A., a gente consegue lá porque eu não tenho coragem de ir lá arrumar não, já chega a minha mãe eu não quero ver ele assim e arrumar. Então eu acho melhor eu mesmo arrumar pra ir lá e fazer a documentação. Ah então está bom, então vou lá". Eu arrumei, menina. **[3] Quando arrumei e falei que o custo era tanto, dava pra gente se apertar por mês, aí a minha cunhada falou: "Não, ah! mas não é de graça. Lá em São Paulo é de graça, eu vou ter que gastar o meu cartão!". Eu falei "Minha nossa!", aí eu já estava chateada, e fiquei ainda mais. Meu Jesus, o que é isso! Aí liguei pro meu marido que disse: "Então cancela", "Então cancela com o homem aí". Eu falei: "Puxa a vida, não basta a perda e ainda essa coisa de dinheiro.** Aí meu filho estava, graças a Deus eu tenho filhos maravilhosos que me dão muito apoio; **[3] meu filho estava e disse: "Imagina, o quê mãe?" Eu falei: "Eles tão achando que está muito caro, puxa vida eu estou triste porque já tem uma perda e depois ainda fica falando de dinheiro essas horas, eu fico muito triste".** Aí ele falou: "Mãe, pode fechar, fecha que a gente ajuda a senhora. Se eles não quiserem dar, não dêem". Eu falei: "Vocês têm

certeza?". "Tenho". Então está bom, então está bem. Aí fiquei tranquila, liguei pro meu marido e me abençoou, está tudo certo. E assim foi feito, houve o enterro e eu até passei no velório e fiquei com eles lá. Fiquei com mais duas cunhadas e mais a sobrinha junto. Foi até tranquilo porque elas mesmas depois admitiram que ele já estava com uma certa idade. Aceitaram porque ele estava sofrendo muito por estar dependente. A gente tinha uma saudade mesmo de ver ele falar; ele era uma pessoa bastante autoritária, mas uma pessoa que falava as coisas, a verdade; se ele tinha que falar, ele falava. Então eu sempre falo para meu marido: "Olha, o seu pai era durão, era orgulhoso, mas soube ensinar uma coisa: ser sincero". Até doía de ser sincero porque ele falava mesmo, você gostasse ou não. Então, eu penso que ele deixou uma coisa muito boa, e é claro que a gente sente falta dele às vezes; a gente está andando e pensando: "Meu Deus, será que a gente fez tudo pra ele? Será que a gente ajudou o suficiente a buscar a Deus?". Porque eu falei de Jesus, muitas vezes, a gente conversou, ele falou: "Olha, eu rezo pra todos, eu peço pra mim, eu peço pra todos, não é só pra minha família, é pra todos. Claro que eu creio que é Deus senão eu não estava aqui". **[4] Então eu acredito que ele descansou no tempo certo, é claro que a gente sofreu a perda [5]Agora, sobre minha mãe, eu penso que ainda sinto alguma coisa, porque o tempo não foi suficiente porque é mais de família.** Nós tivemos muito problema na família. Até hoje, a minha irmã que permaneceu na casa ficou muito triste sem minha mãe e sem meu pai porque perdeu meu pai e logo em seguida a minha mãe; um pai de um e um pai do outro. Então, às vezes eu fico questionando assim, eu fico pensando se eu fui justa na última noite que ela passou no hospital e que eu passei com ela. Então fico pensando: **[5] "Meu Deus, eu acho que não fiz o que devia ter feito quando ela estava aí, devia ter ido lá falar com as minhas irmãs pra mudar a vida dela".** Porque quando ela ficou só, ela me falou assim: "Que pena, L., porque em casa ninguém gosta de ficar conversando. Sabe, eu vou pra sala, a minha irmã (a minha irmã, que é a N.) sai da sala, parece que não gosta de mim". Aquilo ficou na minha mente, porque eu pensei: "Meu Deus, eu devia ter falado antes porque eu tenho um irmão que me cobra isso e como é você só, não fala o que deveria falar com a N.". Deixa ela cuidar da N., chama atenção da N. porque a mãe assim... Cansei de conversar com ela, mandar ela vir em casa, ficar em casa. Ela quer ficar na casa dela, é claro, então eu fiquei com remorso ao mesmo tempo. Outra coisa: ela pedia muito pra não ir pro hospital e eu a levei, mas a levei por cobrança dos outros, por causa do meu irmão que bebe de vez em quando, e o que ele diz: "Mas a mãe tem convênio, por que não leva no convênio?". Então, porque eu trabalho na área da saúde, eu a levei aqui no posto, porque, aliás, ela sempre confiava de ir onde eu estava, infelizmente era assim. Então levaram-na lá e ela estava com pneumonia fazia uma semana.

Não melhorou, então ela faleceu. Internei ela numa segunda-feira, na terça-feira que eu fui lá buscar ela à noite, ela já estava no CTI. Ficou uma semana na UTI e depois veio a falecer. Então, eu fico pensando que ela falou pra mim que não queria mais, mas o médico a convenceu a ficar, aí eu disse: "Mãe, se a senhora quer ficar, então fica". **[5] Eu tinha falado pro médico que eu não ia deixar não, mas aí isso me deixa um pouco, eu fico pensando, eu às vezes me deparo assim, eu devia ter deixado ela em casa, mas isso me deixa assim com dor, me faz mal. Aí fico pensando: "Mas, meu Deus, se eu levasse ela pra casa, também ela ia morrer em casa, aí esse meu irmão ia ver eu levar minha mãe para casa e talvez ela tivesse chance no hospital". Então fica esse conflito e eu falo sempre que esse meu irmão aí me cobrava muito; até hoje eu tenho certeza que ele tem no coração que eu deveria fazer outra coisa com a minha mãe, e eu sinto isso.** Agora, no caso do meu sogro, na parte assim que toca de cuidar, de fazer o que eu fiz, eu fiz mesmo de coração e eu sei assim que Deus sabe do meu coração que o meu sogro eu sempre tive um respeito muito grande por ele. **[2] É claro que foi muito difícil, não é fácil perder alguém, a gente sente muita falta, eu sei disso, não é fácil.** Sobre um amigo que faleceu há pouco tempo, nós tivemos um trabalho aqui de "uma vida com propósito" em outubro. Nós estamos em setembro, outubro, novembro, quando foi em janeiro pra fevereiro ele descobriu. Ele participou algum tempo e foi tão interessante que ele participou com a esposa dele porque a esposa dele tinha, mas nunca mais atacou, uma depressão terrível, uma depressão tão grande que ela chegava a não querer cozinhar, nem tomar banho, nem fazer nada. Aí ela começou a me pedir ajuda e nós começamos a cozinhar, faz algum tempo atrás, aí quando teve esse trabalho ("uma vida com propósito") nós fizemos aqui em casa, eu o convidei pra vir e disse para ele: "Se você vier, ela vem". E começaram a vir. Deus preparou, não era ela, era ele. Quando foi mais ou menos em janeiro, fevereiro, ele veio a descobrir que estava com câncer. Ele nunca teve problema, de repente começou a sentir dor no estômago e descobriu que estava avançado. Foi tão assim porque ele não veio no trabalho, mas ele questionava: "Mas quem escreveu a Bíblia foi o homem, como vocês sabem que é verdade isso aí que escreveu?" Por quê?" Eu falava: "Mas, cara, só de você sentir: não sente o amor? você não sente a presença? Assim quando tem um bem, até uma flor, você tem uma filha". E ele era muito assim com a filha, ele tratava bem a filha, mas não tinha aquele aconchego, ele se dava mais com a mulher do que com a filha, tudo o que ele queria ele só pedia pra mulher. E ele só com uma filha, e como ela é muito minha amiga ela me contava. Ele chegou a me falar assim "É eu e a P."; com a filha não tinha um relacionamento. E aí o que aconteceu? Com essa enfermidade a gente veio a trabalhar: "Está vendo, Deus não chamou você, não era agora, olha só, era você

pra você entender o propósito de Deus na sua vida". Aí ele falou: "É mesmo". Na hora ele ficou meio assim, depois com o passar da doença, ele tinha muita dor, sentia dores horríveis, então só Deus mesmo. Realmente melhor do que ficar com essa dor é morrer mesmo, porque é demais. Aí perguntamos: "E então, você crê em Jesus?". "Creio, agora eu estou crendo". Mas é isso mesmo, Deus tem um propósito para tudo, até para se achegar a sua filha. Para você ter um relacionamento, e é verdade o que aconteceu: a filha já se achegou e ela já começou a compreender melhor, porque eles eram muito assim frios, se amavam mas assim no modo dele. Aí até falei pra ele, então esse tempo foi bom, e quando ele foi, viu que no Nardini não tinha mais convênio. Olha que interessante: em dezembro encerrou o convênio dele, e em fevereiro descobriu que estava doente. Um convênio bom ele deixou só a mulher dele porque a mulher dele tem depressão, deixou pago por ela. Aí a mulher dele ainda falou: "Eu não sei por que o M. foi fazer aquilo por causa de dinheiro". O sonho dele era morar em Minas ou ter uma casa lá pra morar, porque ele veio de Minas. Então aí ele falava assim. Uma vez, a última vez que eu visitei ele no hospital, porque eu vi que ele estava bem, e a mulher disse: "L., vai ver que eu acho que é a última, eu não sei não, mas o médico falou que ele está gravíssimo, ele vomitou muito e vomitou uma assim uma coisa muito escura, eu acho que ele está muito mal". Fui lá e conversei com ele e ele estava bem tranquilo, até admirei e falei: "M., você está tranquilo". "Eu estou". "Você crê em Jesus?". "Eu creio", mas ele falou: "Mas eu sou tão pecador". Aí eu falei, eu sempre falei pra ele que Deus trabalha na vida das pessoas, mostrando a verdade. Então ele falou: "Eu sei que sou pecador e acho que eu não mereço ser salvo". Eu expliquei e falei: "Vamos orar juntos?". Aí nós oramos, ele confessou os pecados dele, aceitou Jesus e eu disse: "Agora vai descansar. Deus é que sabe do seu tempo. Eu vim aqui, mas Deus que sabe". "Mas você vem mais vezes". "Eu venho", disse. Só que depois ele teve que ser transferido lá no Mirópolis porque aqui não tem recurso mesmo e teve bastante dificuldade. O que aconteceu foi que passou mais um tempinho, ele ficou bem ruinzinho e aí veio a descansar. Eu falo que veio a descansar porque acredito que ele foi salvo. Que interessante: eu fico pensando assim como Deus trabalhou na vida da esposa porque ela já não está tendo mais depressão. Eu sabia depois que ele faleceu e no dia do enterro, eu pensei: "Nossa, olha, Deus pegou ela no colo assim". Eu pedi oração no dia do enterro porque ela tem bastante gente na família dela. Ela é católica, no fundo não optou ainda até agora, mas na hora lá a filha pediu pra gente orar: "Oh, a gente quer uma palavra e quer uma oração". A gente orou, então isso ajudou tanto. A gente acompanhou e ainda foi lá pra dar apoio. **[1] Mas, olha, quando eu me lembro, eu sinto assim, eu sinto saudade dele porque era uma pessoa tão cheia de vida que acabei fazendo regime porque estava com a**

pressão meio alta. Foi assim, eu acredito que Deus prepara o tempo certo. Vemos a esposa e a filha dele, que mora aqui perto. Ela mesma está bem forte, ela fala: "Eu acredito que realmente foi mesmo Deus que preparou porque ele não aceitava". Ele não acreditava, porque ele tem um irmão que é padre ou ex-padre – não é padre, ele fez seminário e ia ser padre e desistiu e não crê, ele é ateu completo. Então ele colocava muita coisa na cabeça do irmão. **[1] Resultado: nós sempre acompanhamos o sofrimento dele junto, quando ele descansou a gente percebeu o quanto Deus faz diferença na vida das pessoas; se não fosse por Deus, eu não sei o que aconteceria com essa menina também, a esposa dele.** Ela já era problemática bastante e assim dependente total dele, de repente por uma doença ela começou a levá-lo no médico, a levar onde precisava, a acompanhar sem medo, esqueceu até da doença. **[1] Agora eu penso que Deus trabalhou muito na nossa vida, e a gente sentiu a perda dele porque era uma pessoa decente, amigo, porque ele tinha morado inclusive nessa casa aqui do meu lado, conheceu os meus filhos pequenos.** Então é interessante como é que acontece: ele saiu daqui, casou, saiu, conheci a menina dele, depois foi morar em vários lugares, perdemos contato, agora que a menina está moça, fazia muitos anos, acho que uns 18, 19 anos que nos conhecemos; ele veio morar aqui pertinho novamente e Deus preparou, acho também por causa da E., a esposa dele. **[1] Então, eu falo que a gente sente mesmo a morte, porque fica pensando: será que ele aproveitou o suficiente? Viveu feliz? Mas o bom foi o tempo que ele aproveitou quando ele conheceu a verdade, Deus na vida dele.** Porque ele ansiava só por uma vida num outro lugar e não aqui. **[2] Então, eu penso que a gente tem um tempo de saudade de perda mas vai se conformando; às vezes bate aquela saudade e começa às vezes a vir até um remorso de não ter feito alguma coisa. Nesse caso comigo também a gente visitou muito, então se sente confortado de ter podido cooperar com ele. Mas a falta dele a gente sempre vai sentir.** Quando eu vou lá na casa dele visitar, a impressão é de que eu vejo ele conversando, rindo. Mesmo quando ele estava bem doente, ele ainda falava, ele ria de alguma coisa e a gente conversava. A última vez que nós fomos pra São Paulo com ele, ele veio conversando bastante; ele estava bem ruim, estava na última fase mesmo, ele já tinha sido internado mas tinha voltado pra casa porque o médico disse que não podia fazer nada. Depois, em outra vez que ele foi para o hospital, o médico já tinha desenganado e estava preparado; ele mesmo sabia porque o médico falava na frente dele. Até eu achava interessante isso porque eu acho que a maioria dos médicos não gosta de falar pra o doente, e só fala para a família. Mas ele: "Não, fala na minha frente, é bom que eu saiba o que está acontecendo". Eu ficava muito contente: você é forte, você é forte não, você está buscando a Deus porque para ter força, ele falou, não é verdade; aí

fica sofrendo, não dá também. Não é? Foi minha mãe, depois foi esse amigo e depois foi o meu sogro. **[6] Ah! mais? Eu só digo que a minha experiência e que me marcou muito na minha mãe foi o fato de vê-la.** Eu acho que no caso de família, é complicado a gente cuidar da pessoa, às vezes é muito chegado, como a minha mãe. **[6] Vê-la assim após morte e você ter que lidar com isso e você ter que providenciar tudo, sabe, ter o pé no chão. Aí eu fico pensando: é uma coisa muito horrorosa que eu aconselho muito a quem puder, a quem puder fazer é arrumar esse pessoal que cuida dessa parte. Porque está ali mesmo, e é melhor porque é muito complicado, você fica lembrando, é uma coisa muito triste ficar lembrando da pessoa ali. Tudo bem que eu sei que é matéria, é matéria, mas a pessoa é querida demais para você e isso me marcou muito; tanto é que seja o que for, seja quem for, eu não quero mais cuidar dessa parte, eu não quero, porque sobrou para mim. Essa parte que eu cuidei foi a que me marcou muito; eu falo assim que é uma parte assim difícil porque é uma hora que você percebeu que ela já foi, aí fica ali, olhando, tendo que mexer, fazer alguma coisa; é uma parte muito dolorosa, eu acho. Aí depois vem a saudade e você fica pensando, lembrando dela. Acho que é melhor a gente lembrar como ela estava com a gente, entendeu? Nunca é bom ficar ali cuidando. Porque essa experiência eu não quero para ninguém**; a minha sobrinha também que cuidou por último ficou bastante abalada. Quase todas as pessoas que são muito chegadas, que cuidam até o último momento... É melhor que não seja alguém muito chegado porque é a parte pior, eu acho; a gente fica lembrando como era. No caso do meu sogro, eu não acompanhei essa parte, foi a minha sobrinha, e ela ficou muito abalada. Desse meu amigo, foram parentes, não foi nem ela e nem a filha, o que eu acho que é muito justo. **[6] Acho que para nós que somos assim mais chegados, fica muito difícil; o que mais me doeu foi isso, sabe, porque a gente vê. Eu trabalho na área de saúde, a gente lida com a morte, vivi assim. "É, você devia estar acostumado". Você é uma pessoa que conhece a Deus, sabe que no momento que ela deixou, que ela descansou, ela não está mais lá, o Espírito Santo não está mais nela, ali é pó, está pó, vai voltar ao pó; mas aí você vê a pessoa, fica num estado assim, é mãe, e eu acho que é uma coisa muito horrorosa para quem é chegado. [1] Agora, os primeiros dias parecem que a gente está até anestesiada, mas depois começa a vir a saudade, é terrível. A saudade é um momento muito complicado, viu? Hoje ainda sinto saudade dela, muita saudade dela; um mês depois a gente tinha vontade de vê-la, sabe, a gente sente uma falta que só por Deus. É uma fase complicada essa fase, por isso eu falo: quem perde filho... Nossa!** Eu imagino, imagino porque minha mãe que era velhinha, minha mãe viveu 87 anos e meio assim uma bênção, e a última vez que à noite eu passei para vê-la,

ela foi para a UTI, que ela estava consciente, ela perguntou da minha irmã T., mais velha (ela está com 70 anos agora). A minha mãe fez ela primeiro, ela é a mais velha, a minha irmã. Então, ela tinha preocupação com a minha irmã, porque ela estava na época vindo lá de São Paulo e não tinha nenhum lugar pra ficar. Ela melhorou, porque estava com muitos problemas. Na época em que a minha mãe faleceu, ela já estava melhorzinha, ainda falei pra minha mãe: "Nossa, a T. é uma bênção, a T. vai ficar bem. Agora, a gente tem que cuidar da senhora pra ficar boa". Aí ela falou: "L., eu agradeço, eu quero agradecer até o seu marido". Porque ela gostava muito do meu marido, e foi até interessante porque até pouco tempo antes de falecer ela queria ter conversado com ele e não conseguiu. Ela passou aqui em casa uma vez e ela tinha ido visitar o meu filho recém-casado, ela queria levar o presente de casamento e passou aqui, mas aí ia trabalhar e ela não quis entrar. Depois disso, passou um tempinho, ela ficou doente, não pôde vir e não viu o meu marido; viu, sim, no hospital visitando, mas aí ela disse: "Nossa! Eu nem falei pro J. que eu agradeço". "Imagina, não tem o que agradecer, mãe, a T. está lá porque é irmã, ela cuidou de nós quando era pequena, é claro que agora nós vamos cuidar dela, pode ficar sossegada". **[2]Então, o que mais me dói hoje em dia é a saudade. Oh! Nossa! Que perda!** Como gostaria de pensar assim, de me conformar, de saber que ela está num lindo lugar, que ela foi salva porque ela era um coração bondoso e aceitou Jesus há muito tempo, ela não tinha mais aquele costume japonês mais, sabe, tanto é que a gente não faz nada só, nem o cemitério. Sabe que se você olhar lá, está tudo arrumadinho, a campa dela. Mas a gente crê que ela está bem e daí se conforma. **[1]Eu imagino quem não tem Jesus: se a gente que tem Jesus sofre, sente, mais é um tempo de perda e eu sei que Deus nos carregou no colo, nos deu muita força. Eu digo que quando eu fico com remorso, fico pensando e falo: "Mas, Deus, o Senhor sabe de todas as coisas, sabe que eu fiz na época o que eu devia ter feito mas não fiz, agora eu peço perdão". Eu continuo, porque senão a gente entra mesmo em depressão. [1] Mas não é fácil, eu nunca pensei antes, eu nunca tinha perdido ninguém, se eu perder alguém, como vai ser? Mas Deus me fortaleceu e eu digo que nós passamos já por muitas coisas complicadas na nossa vida.** Então, eu acho que a gente tem que aceitar sim; eu preparo o meu marido porque ele fala que tem medo também da morte, ele não gosta muito de falar da morte; mas ele não procura nem comentar sobre os falecidos, porque acho que ele tem um pouco até de receio. Mas eu sempre falo que é necessário, sabe, quando a gente vai, mas não morrer, nós vamos descansar, porque muita gente fala brincando até que a morte é para descansar. Aquele que crê que existe Deus que nos criou para voltar a ele... Nós podemos crer que a gente vai ter a salvação e vai ter mesmo. Agora, aqueles que têm medo de perder... **[1] É complicado, a saudade é muito grande, mas**

a vida é assim e Deus é poderoso para ajudar e não deixar a gente entrar em depressão, ao contrário. Cada um leva de uma maneira. Eu acho que realmente nós perdemos assim rapidinho muita gente que a gente ama muito, sabe que a gente vai partir. Eu falo para T. sempre: “T., por isso nós temos que viver bem, comer do que gosta sem exagero, é claro”. Porque ela experimenta de tudo, graças a Deus, vive muito bem, mas meu marido fala: “É, está dando de tudo pra ela”. Mas eu falo: “Ela come, está ótimo, se quiser mais é diferente, aí a gente não pode dar mesmo”.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
"Mas, olha, quando eu me lembro, eu sinto assim, eu sinto saudade dele porque era uma pessoa tão cheia de vida que acabei fazendo regime porque estava com a pressão meio alta. Foi assim, eu acredito que Deus prepara o tempo certo." [1] "Resultado: nós sempre acompanhamos o sofrimento dele junto, quando ele descansou a gente percebeu o quanto Deus faz diferença na vida das pessoas; se não fosse por Deus, eu não sei o que aconteceria com essa menina também, a esposa dele" [1] "Agora eu penso que Deus trabalhou muito na nossa vida, e a gente sentiu a perda dele porque era uma pessoa decente, amigo, porque ele tinha morado inclusive nessa casa aqui do meu lado, conheceu os meus filhos pequenos." [1] "Então, eu falo que a gente sente mesmo a morte, porque fica pensando: será que ele aproveitou o suficiente? Viveu feliz? Mas o bom foi o tempo que ele aproveitou quando ele conheceu a verdade, Deus na vida dele." [1] "Agora, os primeiros dias parecem que a gente está até anestesiada, mas depois começa a vir a saudade, é terrível. A saudade é um momento muito complicado, viu? Hoje ainda sinto saudade dela, muita saudade dela; um mês depois a gente tinha vontade de vê-la, sabe, a gente sente uma falta que só por Deus. É uma fase complicada essa fase, por isso eu falo: quem perde filho... Nossa!" [1] "Eu imagino quem não tem Jesus: se a gente que tem Jesus sofre, sente, mais é um tempo de perda e eu sei que Deus nos carregou no colo, nos deu muita força. Eu digo que quando eu fico com	Em relação ao amigo, relatou que não é fácil perder alguém: sente saudade do amigo, pois ele era cheio de vida, mas Deus preparou tudo. Em relação à perda [do amigo], acompanhou seu sofrimento e percebeu como Deus faz diferença na vida das pessoas. Não sabe o que aconteceria se Deus não estivesse presente com a família. Disse que nos primeiros dias [perda da mãe] se sentiu anestesiada e que ainda sente muita saudade dela e tinha vontade de vê-la depois de um mês. A saudade é muito complicada. Diante da saudade, Deus ajuda a não entrar em depressão. M.P. evidenciou que sentiu a morte e fica pensando se ele [o amigo] aproveitou o suficiente, se viveu feliz. Conclui que aproveitou quando conheceu a verdade, Deus em sua vida. M.P. imagina quem não tem Jesus, pois já estando com ele há o sofrimento. Deus a carregou no colo e deu muita força. Quando fica com remorso pensa que Deus sabe de todas as coisas e que Ela devia ter feito mais e pede perdão. Deus sabe o que ela fez, pois nunca havia perdido ninguém [diz em relação a sua mãe e se perguntava como seria quando perdesse alguém]. Porém Deus a fortaleceu.

remorso, fico pensando e falo: “Mas, Deus, o Senhor sabe de todas as coisas, sabe que eu fiz na época o que eu devia ter feito mas não fiz, agora eu peço perdão. Eu continuo, porque senão a gente entra mesmo em depressão**.”** [1] “Mas não é fácil, eu nunca pensei antes, eu nunca tinha perdido ninguém, se eu perder alguém, como vai ser? Mas Deus me fortaleceu e eu digo que nós passamos já por muitas coisas complicadas na nossa vida.” [1] “É complicado, a saudade é muito grande, mas a vida é assim e Deus é poderoso para ajudar e não deixar a gente entrar em depressão, ao contrário.” [1]	
“não foi muito fácil porque estávamos muito acostumados com ele aqui’ [2] “É claro que foi muito difícil, não é fácil perder alguém, a gente sente muita falta, eu sei disso, não é fácil.” [2] “Então, eu penso que a gente tem um tempo de saudade de perda mas vai se conformando; às vezes bate aquela saudade e começa às vezes a vir até um remorso de não ter feito alguma coisa. Nesse caso comigo também a gente visitou muito, então se sente confortado de ter podido cooperar com ele. Mas a falta dele a gente sempre vai sentir.” [2] “Então, o que mais me dói hoje em dia é a saudade. Oh! Nossa! Que perda!” [2]	Disse que em relação ao sogro não foi fácil, pois estava acostumada com ele. Não é fácil perder alguém, pois sentimos falta. Temos um tempo em que sentimos saudade, mas vamos nos conformando. Embora haja saudade, vai-se conformando. Às vezes sente remorso e ao mesmo tempo confortada por ter cooperado com ele. Mas a saudade dói.
“Nossa, me deu assim um mal-estar, porque além da dificuldade na hora do enterro, também não é só a perda, mas também a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada que dizer, eu sabia que naquele tempo eu não tinha algum dinheiro	Além da perda sentiu mal-estar pela situação financeira decorrente dos gastos com o enterro. M.P. ficou chateada com a reação da cunhada quando informou os valores relativos ao funeral. Ou seja, além da perda, M.P. ficou triste pela reação da

mesmo". [3] "Quando arrumei e falei que o custo era tanto, dava pra gente se apertar por mês, aí a minha cunhada falou: "Não, ah! mas não é de graça. Lá em São Paulo é de graça, eu vou ter que gastar o meu cartão!". Eu falei "Minha nossa!", aí eu já estava chateada, e fiquei ainda mais. Meu Jesus, o que é isso! Aí liguei pro meu marido que disse: "Então cancela", "Então cancela com o homem aí". Eu falei: "Puxa a vida, não basta a perda e ainda essa coisa de dinheiro". [3] (...) meu filho estava e disse: "Imagina, o quê mãe?" Eu falei: "Eles tão achando que está muito caro, puxa vida eu estou triste porque já tem uma perda e depois ainda fica falando de dinheiro essas horas, eu fico muito triste". [3]	família do marido em relação aos gastos com o funeral. Os filhos dela assumiram esses gastos.
"Então eu acredito que ele descansou no tempo certo, é claro que a gente sofreu a perda". (...) [4]	Em relação ao sogro, M.P. relatou que ele descansou no tempo certo.
"Agora, sobre minha mãe, eu penso que ainda sinto alguma coisa, porque o tempo não foi suficiente porque é mais de família" [5] "Meu Deus, eu acho que não fiz o que devia ter feito quando ela estava aí, devia ter ido lá falar com as minhas irmãs pra mudar a vida dela" [5] "Eu tinha falado pro médico que eu não ia deixar não, mas aí isso me deixa um pouco, eu fico pensando, eu às vezes me deparo assim, eu devia ter deixado ela em casa, mas isso me deixa assim com dor, me faz mal. Aí fico pensando: "Mas, meu Deus, se eu levasse ela pra casa, também ela ia morrer em casa, aí esse meu irmão ia ver eu levar minha mãe para casa e talvez ela tivesse chance no hospital". Então fica esse conflito e eu falo sempre que esse meu irmão aí me cobrava muito; até hoje eu tenho certeza que ele tem no coração que eu deveria fazer outra coisa	Sobre a mãe, ainda sente alguma coisa porque o tempo não foi suficiente e é mais da família. Na sua súplica, acha que não fez o que devia ter feito, ou seja, mudar a vida dela. Devia ter deixado em casa [sua mãe]. Esse pensamento a deixa com dor e faz mal. Fica pensando e dialoga com Deus sobre se deveria ter levado a mãe para sua casa, concluindo que iria morrer, na casa dela também. Pensou que a mãe teria mais chance no hospital. Ficou um conflito, pois seu irmão a cobrava muito em relação à mãe. Até hoje, sente que deveria ter agido de outra forma com a mãe.

com a minha mãe, e eu sinto isso.” [5]	
“É lógico que a gente sentiu muito, inclusive quando foi para preparar o funeral, foi muito difícil, porque a outra vez aconteceu a mesma coisa com a minha mãe e eu tive que arrumar, e desta vez de novo.” [6] “Ah! mais? Eu só digo que a minha experiência e que me marcou muito na minha mãe foi o fato de vê-la”. [6] “Vê-la assim após morte e você ter que lidar com isso e você ter que providenciar tudo, sabe, ter o pé no chão. Aí eu fico pensando: é uma coisa muito horrorosa que eu aconselho muito a quem puder, a quem puder fazer é arrumar esse pessoal que cuida dessa parte. Porque está ali mesmo, e é melhor porque é muito complicado, você fica lembrando, é uma coisa muito triste ficar lembrando da pessoa ali. Tudo bem que eu sei que é matéria, é matéria, mas a pessoa é querida demais para você e isso me marcou muito; tanto é que seja o que for, seja quem for, eu não quero mais cuidar dessa parte, eu não quero, porque sobrou para mim. Essa parte que eu cuidei foi a que me marcou muito; eu falo assim que é uma parte assim difícil porque é uma hora que você percebeu que ela já foi, aí fica ali, olhando, tendo que mexer, fazer alguma coisa; é uma parte muito dolorosa, eu acho. Aí depois vem a saudade e você fica pensando, lembrando dela. Acho que é melhor a gente lembrar como ela estava com a gente, entendeu? Nunca é bom ficar ali cuidando. Porque essa experiência eu não quero para ninguém” [6] “Acho que para nós que somos assim mais chegados, fica muito difícil; o que mais me doeu foi isso, sabe, porque a gente vê. Eu trabalho na área de saúde, a gente lida com a morte, vivi assim. “É, você devia estar acostumado”. Você é uma pessoa que conhece a Deus, sabe que no momento que ela deixou, que ela	Disse que sentiu muito, inclusive no momento do preparo do funeral; aconteceu o mesmo por ocasião da morte de sua mãe, a entrevistada é que arrumou o corpo. O fato de ver a mãe foi uma experiência que a marcou muito. Aconselha a quem puder, contratar pessoas para cuidarem dessa parte. É uma experiência horrorosa, triste, porque se fica lembrando da pessoa do jeito que estava nesse momento. Sabe que é matéria, mas é uma pessoa querida. Disse que não quer cuidar mais dessa parte. Para as pessoas que são chegadas ao morto, nunca é bom ficar ali cuidando. É preferível lembrar da pessoa enquanto estava viva. Explicitou que essa experiência marcou muito, pois ela percebeu que a mãe já foi e ficar ali olhando, manipulando é muito doloroso.

descansou, ela não está mais lá, o Espírito Santo não está mais nela, ali é pó, está pó, vai voltar ao pó; mas aí você vê a pessoa, fica num estado assim, é mãe, e eu acho que é uma coisa muito horrorosa para quem é chegado.” [6]	

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“Mas, olha, quando eu me lembro, eu sinto assim, eu sinto saudade dele porque era uma pessoa tão cheia de vida que acabei fazendo regime porque estava com a pressão meio alta. Foi assim, eu acredito que Deus prepara o tempo certo.” [1] “Resultado: nós sempre acompanhamos o sofrimento dele junto, quando ele descansou a gente percebeu o quanto Deus faz diferença na vida das pessoas; se não fosse por Deus, eu não sei o que aconteceria com essa menina também, a esposa dele” [1] “Agora eu penso que Deus trabalhou muito na nossa vida, e a gente sentiu a perda dele porque era uma pessoa decente, amigo, porque ele tinha morado inclusive nessa casa aqui do meu lado, conheceu os meus filhos pequenos.” [1] “Então, eu falo que a gente sente mesmo a morte, porque fica pensando: será que ele aproveitou o suficiente? Viveu feliz? Mas o bom foi o tempo que ele aproveitou quando ele conheceu a verdade, Deus na vida dele.” [1] “Agora, os primeiros dias parecem que a gente está até anestesiada, mas depois começa a vir a saudade, é terrível. A saudade é um momento muito complicado, viu? Hoje ainda sinto saudade dela, muita saudade dela; um mês depois a gente tinha vontade de vê-la, sabe, a gente sente uma falta que só por Deus. É uma fase complicada essa fase, por isso eu falo: quem perde filho... Nossa!” [1] “Eu imagino quem não tem Jesus: se a gente que tem Jesus sofre, sente, mais é um tempo de perda e eu sei que Deus nos carregou no colo, nos deu muita força. Eu digo que quando eu fico com remorso, fico pensando e falo: “Mas, Deus, o Senhor sabe de todas as coisas, sabe que eu fiz na época o que eu devia ter feito mas não fiz, agora eu peço perdão”. [1] “Mas não é fácil, eu nunca pensei antes, eu nunca tinha perdido ninguém, se eu perder alguém, como vai ser? Mas Deus me fortaleceu e eu digo que nós	1. A fé que dá suporte para a vivência do luto

passamos já por muitas coisas complicadas na nossa vida.” [1] “É complicado, a saudade é muito grande, mas a vida é assim e Deus é poderoso para ajudar e não deixar a gente entrar em depressão, ao contrário.” [1]	
“não foi muito fácil porque estávamos muito acostumados com ele aqui’ [2] “É claro que foi muito difícil, não é fácil perder alguém, a gente sente muita falta, eu sei disso, não é fácil.” [2] “Então, eu penso que a gente tem um tempo de saudade de perda mas vai se conformando; às vezes bate aquela saudade e começa às vezes a vir até um remorso de não ter feito alguma coisa. Nesse caso comigo também a gente visitou muito, então se sente confortado de ter podido cooperar com ele. Mas a falta dele a gente sempre vai sentir.” [2] “Então, o que mais me dói hoje em dia é a saudade. Oh! Nossa! Que perda!” [2]	2. Saudade no processo do luto
“Nossa, me deu assim um mal-estar, porque além da dificuldade na hora do enterro, também não é só a perda, mas também a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada que dizer, eu sabia que naquele tempo eu não tinha algum dinheiro mesmo”. [3] “Quando arrumei e falei que o custo era tanto, dava pra gente se apertar por mês, aí a minha cunhada falou: “Não, ah! mas não é de graça. Lá em São Paulo é de graça, eu vou ter que gastar o meu cartão!”. Eu falei “Minha nossa!”, aí eu já estava chateada, e fiquei ainda mais. Meu Jesus, o que é isso! Aí liguei pro meu marido que disse: “Então cancela”, “Então cancela com o homem aí”. Eu falei: “Puxa a vida, não basta a perda e ainda essa coisa de dinheiro”. [3] (...) meu filho estava e disse: “Imagina, o quê mãe?” Eu falei: “Eles tão achando que está muito caro, puxa vida eu estou triste porque já tem uma perda e depois ainda fica falando de dinheiro essas horas, eu fico muito triste”. [3]	3. O luto mediado pela dimensão material do viver

“Então eu acredito que ele descansou no tempo certo, é claro que a gente sofreu a perda”. [4]	4. Luto por morte na ordem natural
“Agora, sobre minha mãe, eu penso que ainda sinto alguma coisa, porque o tempo não foi suficiente porque é mais de família” [5] “Meu Deus, eu acho que não fiz o que devia ter feito quando ela estava aí, devia ter ido lá falar com as minhas irmãs pra mudar a vida dela” [5] “Eu tinha falado pro médico que eu não ia deixar não, mas aí isso me deixa um pouco, eu fico pensando, eu às vezes me deparo assim, eu devia ter deixado ela em casa, mas isso me deixa assim com dor, me faz mal. Aí fico pensando: “Mas, meu Deus, se eu levasse ela pra casa, também ela ia morrer em casa, aí esse meu irmão ia ver eu levar minha mãe para casa e talvez ela tivesse chance no hospital”. Então fica esse conflito e eu falo sempre que esse meu irmão aí me cobrava muito; até hoje eu tenho certeza que ele tem no coração que eu deveria fazer outra coisa com a minha mãe, e eu sinto isso.” [5]	5. O luto mediado pela culpa
“É lógico que a gente sentiu muito, inclusive quando foi para preparar o funeral, foi muito difícil, porque a outra vez aconteceu a mesma coisa com a minha mãe e eu tive que arrumar, e desta vez de novo.” [6] “Ah! mais? Eu só digo que a minha experiência e que me marcou muito na minha mãe foi o fato de vê-la”.[6] “Vê-la assim após morte e você ter que lidar com isso e você ter que providenciar tudo, sabe, ter o pé no chão. Aí eu fico pensando: é uma coisa muito horrorosa que eu aconselho muito a quem puder, a quem puder fazer é arrumar esse pessoal que cuida dessa parte. Porque está ali mesmo, e é melhor porque é muito complicado, você fica lembrando, é uma coisa muito triste ficar lembrando da pessoa ali. Tudo bem que eu sei que é matéria, é matéria, mas a pessoa é querida demais para você e isso me marcou muito; tanto é que seja o que for, seja quem for, eu não quero mais cuidar dessa parte, eu não quero, porque sobrou para mim. Essa parte que eu cuidei foi a que me marcou muito; eu falo assim que é uma parte assim difícil porque é	6. O luto a partir do corpo existencial

uma hora que você percebeu que ela já foi, aí fica ali, olhando, tendo que mexer, fazer alguma coisa; é uma parte muito dolorosa, eu acho. Aí depois vem a saudade e você fica pensando, lembrando dela. Acho que é melhor a gente lembrar como ela estava com a gente, entendeu? Nunca é bom ficar ali cuidando. Porque essa experiência eu não quero para ninguém" [6] "Acho que para nós que somos assim mais chegados, fica muito difícil; o que mais me doeu foi isso, sabe, porque a gente vê. Eu trabalho na área de saúde, a gente lida com a morte, vivi assim. "É, você devia estar acostumado". Você é uma pessoa que conhece a Deus, sabe que no momento que ela deixou, que ela descansou, ela não está mais lá, o Espírito Santo não está mais nela, ali é pó, está pó, vai voltar ao pó; mas aí você vê a pessoa, fica num estado assim, é mãe, e eu acho que é uma coisa muito horrorosa para quem é chegado." [6]	

Relato 4

M. P.

Sexo: Feminino

Idade: 55 anos

Análise Ideográfica

M. P. revelou que o luto em relação ao sogro não foi fácil, pois estava acostumada com ele. Em relação ao amigo, relatou que não é fácil perder alguém, sente saudade do amigo, pois ele era cheio de vida, mas Deus preparou tudo. Embora haja saudade, vai se conformando. Às vezes, M. P. sente remorso e, ao mesmo tempo, confortada por ter cooperado com ele. Ela explicitou que nos primeiros dias após a perda da mãe sentiu-se anestesiada e que ainda tem muita saudade dela e tinha vontade de vê-la depois de um mês. A saudade é muito complicada. Diante da saudade, Deus ajuda a não entrar em depressão. O processo de luto de M.P. é vivenciado pelas dimensões objetivas do viver, pois disse que sentiu mal-estar pela situação financeira relacionada aos gastos com o enterro. M. P. sofreu com a perda do amigo, mas acredita que ele descansou no tempo certo. Sempre acompanhou o sofrimento dele e da família. Não sabe o que aconteceria se Deus não estivesse presente. M. P. evidenciou que sentiu a morte e fica pensando se ele [o amigo] aproveitou o suficiente, se viveu feliz. Para ela, o amigo aproveitou a vida quando conheceu a verdade, que é Deus. Sobre sua mãe, ela ainda sente alguma coisa porque se trata de alguém da família. O luto de M.P, em relação à mãe, é regado de culpa, pois acredita que não fez o que devia ter feito diante da súplica da mãe: deixado ficar em casa; esse pensamento traz dor e faz mal. Ela pensou e dialogou com Deus sobre a ida da mãe para casa, concluindo que ela teria mais chance de tratamento no hospital. Entrou em um conflito, pois o irmão lhe fazia muita cobrança em relação à mãe. Até hoje, sente que deveria ter tomado outra atitude em relação à mãe. Sobre a morte do sogro, relatou que sentiu muito, inclusive no momento do preparo do funeral, pois, como ocorrera por ocasião da morte da mãe, ela arrumou o corpo; o fato de ter preparado o corpo da mãe morta foi uma experiência que a marcou muito. Aconselhou, a quem puder, a contratar pessoas para cuidar dessa parte, pois é uma experiência horrorosa, triste, porque se fica a lembrar da pessoa nessa cena. Ficou evidente que o luto em relação à mãe foi vivenciado a partir do corpo existencial. M.P. relatou que não quer cuidar mais dessa parte, pois é uma experiência muito dolorosa. Ela prefere lembrar da pessoa quando estava viva, pois a

lembrança da pessoa morta dói muito. Quando vem a saudade, fica-se lembrando da pessoa morta e não viva. Sua fé deu suporte ao luto, imagina o sofrimento de quem não tem Jesus pois, já estando com ele, há sofrimento. Explicitou que Deus a carregou no colo e Lhe deu muita força. Quando fica com remorso, ela pensa que Deus sabe de todas as coisas e sabe o que ela fez, nunca havia perdido ninguém [diz em relação à mãe], porém Deus a fortaleceu.

Relato 5

D.L.A.

Sexo: Feminino

Idade: 69 anos

Como a senhora viveu a sua experiência de luto?

Nos últimos anos da vida do papai, ele perdeu a visão, ele não estava ouvindo muito bem. Até uns três, quatro anos atrás, ele tinha uma boa qualidade de vida, mesmo sem muita visão ele tinha uma qualidade de vida razoável. Quando foi, fim de 2002, ele caiu, quebrou o fêmur, e aí começou o declínio da saúde dele porque ele só queria dormir. Ele começou a não participar de quase nada, começou a perder memória, eu cuidei dele nestes últimos quatro anos de vida. E no princípio ele até estava mais participando da família, e conseguia conversar com ele, mas foi aos poucos chegando no fim da vida. Ele só queria ficar na cama, emagreceu muito, estava sem qualidade nenhuma de vida. Papai era uma pessoa muito alegre. **[1] Vendo meu pai daquele jeito, me sentia até às vezes incapaz de poder fazer alguma coisa; eu achava que eu não estava fazendo tudo que eu poderia fazer por ele, sabe? Um misto assim, apesar de que a gente faz o melhor sempre. Eu sempre tive com o meu pai, mais do que com a minha mãe, uma ligação afetiva.** Mas nestes últimos meses de vida dele, eu fui tendo assim momentos em que estava pedindo misericórdia pra ele. Eu não conseguia dormir, porque ele não sabia se era dia ou se era noite, então foi assim muito cansativo. Ele já estava com escaras no corpo, ele não entendia direito o que a gente falava, começou a não comer, emagrecer muito, então chegou no fim**. [1] Várias vezes implorei a Deus que tivesse misericórdia, ao mesmo tempo também me dá um pouco de sentimento às vezes de culpa por eu estar pedindo isso. Sabe, é meio conflitante, bem conflitante.** Mas o papai viveu bastante, teve uma vida longa. Sempre tenho recordações muito boas do meu pai. Ele me ensinou a música, ele gostava muito de tocar violão, e quando eu era criança cantava e ele acompanhava no violão. Então tenho assim umas lembranças muito boas do meu pai, muito boas mesmo. **[2] Então, meu sentimento é esse, que às vezes a gente, quando vê que a pessoa está sofrendo, pede que Deus se lembre, que tenha misericórdia dele e de mim também, que estava cuidando e ao mesmo tempo achando que a vida, a nossa vida tem o limite; ele viveu bastante, viveu bem.** Dentro da minha possibilidade, fiz tudo o que eu pude pelo meu velhinho, ele era uma pessoa muito querida. Até no finzinho que ele já estava

bem mal mesmo, ele agradecia tudo o que a gente fazia pra ele. Sabe, meu pai foi uma pessoa leve, eu tenho lembranças muito boas dele. Ele faleceu em abril. É, maio, junho, julho, quatro meses. Foi no começo de abril**. [3] Ah! Meu sentimento em relação a isso é que eu senti a morte dele.** Graças a Deus na nossa família, nós nunca tivemos perda de pessoas mais jovens que choca mais. Mamãe faleceu com 79 anos, relativamente cedo, papai já viveu mais. Mas eu encaro assim que nós somos mortais, ele teve o privilégio de viver 94 anos bem, esses últimos foram mais difíceis. É lógico que a gente sente saudades, mas eu me lembro do meu pai só com coisas boas. **[3] Ah! Muito difíceis os sentimentos que a gente teve em relação à perda; é tão difícil perder, não é fácil. Sabe, no meu caso especificamente, em relação à idade que o papai tinha, eu já encaro como uma coisa: a vida é isso. A Bíblia mesmo fala que até os 70 depois 80 é canseira e enfado, e realmente a vida só é boa enquanto a gente tem saúde. Depois que a pessoa não tem mais qualidade de vida, quando Deus lembra de levar pro Reino e está lá na glória, acho que é bem melhor que aqui.**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
"Vendo meu pai daquele jeito, me sentia até às vezes incapaz de poder fazer alguma coisa; eu achava que eu não estava fazendo tudo que eu poderia fazer por ele, sabe? Um misto assim, apesar de que a gente faz o melhor sempre. Eu sempre tive com o meu pai, mais do que com a minha mãe, uma ligação afetiva." [1] "Várias vezes implorei a Deus que tivesse misericórdia, ao mesmo tempo também me dá um pouco de sentimento às vezes de culpa por eu estar pedindo isso. Sabe, é meio conflitante, bem conflitante" [1]	Ela relatou que se sentia incapaz de fazer alguma coisa e também que não tinha feito tudo por ele. Explicitou que é bem conflitante o fato de ter pedido várias vezes misericórdia para Deus, pois ao mesmo tempo, sentia-se culpada por seu pedido.
"Então, meu sentimento é esse, que às vezes a gente, quando vê que a pessoa está sofrendo, pede que Deus se lembre, que tenha misericórdia dele e de mim também, que estava cuidando e ao mesmo tempo achando que a vida, a nossa vida tem o limite; ele viveu bastante, viveu bem" [2]	O sentimento de D.L.A. envolveu o pedido a Deus por misericórdia do seu pai e dela também, que estava cuidado dele. Reconhece que a vida tem um limite e que seu pai viveu bem.
"Ah! Meu sentimento em relação a isso é que eu senti a morte dele". [3] "Ah! Muito difíceis os sentimentos que a gente teve em relação à perda; é tão difícil perder, não é fácil. Sabe, no meu caso especificamente, em relação à idade que o papai tinha, eu já encaro como uma coisa: a vida é isso. A Bíblia mesmo fala que até os 70 depois 80 é canseira e enfado, e realmente a vida só é boa enquanto a gente tem saúde. Depois que a pessoa não tem mais qualidade de vida, quando Deus lembra de levar pro Reino e está lá na glória, acho que é bem melhor que aqui." [3]	D.L.A. sentiu a morte do pai. Sentimentos difíceis em relação à perda. É difícil perder. Devido à idade que seu pai tinha, encara o fato afirmando que a vida é isso.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
"Vendo meu pai daquele jeito, me sentia até às vezes incapaz de poder fazer alguma coisa; eu achava que eu não estava fazendo tudo que eu poderia fazer por ele, sabe? Um misto assim, apesar de que a gente faz o melhor sempre. Eu sempre tive com o meu pai, mais do que com a minha mãe, uma ligação afetiva." [1] "Várias vezes implorei a Deus que tivesse misericórdia, ao mesmo tempo também me dá um pouco de sentimento às vezes de culpa por eu estar pedindo isso. Sabe, é meio conflitante, bem conflitante" [1]	1. O luto mediado pela culpa
"Então, meu sentimento é esse, que às vezes a gente, quando vê que a pessoa está sofrendo, pede que Deus se lembre, que tenha misericórdia dele e de mim também, que estava cuidando e ao mesmo tempo achando que a vida, a nossa vida tem o limite; ele viveu bastante, viveu bem" [2]	2. A fé que dá suporte para a vivência do luto
"Ah! Meu sentimento em relação a isso é que eu senti a morte dele" [3] "Ah! Muito difíceis os sentimentos que a gente teve em relação à perda; é tão difícil perder, não é fácil. Sabe, no meu caso especificamente, em relação à idade que o papai tinha, eu já encaro como uma coisa: a vida é isso. A Bíblia mesmo fala que até os 70 depois 80 é canseira e enfado, e realmente a vida só é boa enquanto a gente tem saúde. Depois que a pessoa não tem mais qualidade de vida, quando Deus lembra de levar pro Reino e está lá na glória, acho que é bem melhor que aqui." [3]	3. O luto por morte na ordem natural

Relato 5

D.L.A.

Sexo: Feminino

Idade: 69 anos

Análise Ideográfica

Uma das vivências do luto de D.L.A. foi a culpa, pois relatou que se sentia incapaz de fazer alguma coisa e também que não tinha feito tudo pelo pai. Ela explicitou que é conflitante o fato de ter pedido várias vezes misericórdia para Deus, pois ao mesmo tempo, sentia-se culpada pela sua súplica. Em relato, evidencia sua fé, quando explicita que o sentimento envolveu o pedido de misericórdia a Deus pelo sofrimento do pai. Reconhece que a vida tem um limite e que seu pai viveu bem. Ela sentiu a morte do pai, com quem tinha uma ligação afetiva estreita. Ela evidenciou que seus sentimentos foram difíceis em relação à perda, pois é difícil perder. Devido à idade do pai. D.L.A explicita seu luto vivenciado por morte como de ordem natural.

Relato 6

G. R. D.

Sexo: Feminino

Idade: 31 anos

Como que você viveu a sua experiência de luto?

Bom, a minha mãe pra mim é a pessoa mais importante. Quando a gente descobriu a doença dela, imagine o susto. Mas sempre tivemos esperança que ela "viveria" muito, mas chegou uma hora que acho que só uma gotinha e no fim essa gotinha a gente não consegue segurar mais. Aí a gente vê que realmente ela está indo, está partindo mesmo. Então não está nas nossas mãos mais, não tem como a gente fazer nada. Nos últimos dias de vida – na verdade ela não ela estava vivendo –, ela teve coma induzido, então acho que foi a pior parte que a gente não pôde vê-la e ela não pôde falar com a gente mais, principalmente nos últimos dias, nas últimas semanas. Então não teve contato de conversa, de diálogo com ela, assim do que ela queria fazer, nada. A minha tristeza maior – e ao mesmo tempo pra mim talvez seja "até o preço da colaboração" – foi que ela não conversou comigo nos últimos dias dela e ao mesmo tempo acho que ela não deve ter visto o sofrimento, não sei. A gente não entende, a medicina não explica se viu ou se não viu, **[1]mas acho que foi um dos piores momentos da minha vida porque a minha mãe era o que eu tinha de mais importante mesmo, depois de Deus era a minha mãe. E teve momento que, infelizmente, até a minha mãe estava à frente de Deus de vez em quando.** Acho que tentar compreender isso mesmo... Deus tem que vir em primeiro lugar na sua vida, [**2] então eu pude voltar um pouco mais pra Deus e estar pedindo força porque a gente não sabe de onde tirar, a gente não pode fazer nada mesmo. [1] A pior coisa do mundo é você perder a sua mãe, é a pior coisa que tem, não tem outra coisa pior nesse mundo, não mesmo.** Porque ela era a pessoa mais amiga que tinha, tudo que eu tinha pra falar era com ela que eu conversava; era ela que vinha, me retrucava, corrigia e era uma pessoa muito aberta; **[1] então você tem um vínculo que acabou, não tem mãe.** Quem consegue acreditar? Tanto é que quando hoje eu sinto, eu sempre estou esperando; eu acho que ela está me esperando pra conversar, pra contar o que aconteceu no dia, tudo que ela me perguntava, um respiro que eu dava ela achava que eu tinha algum problema. Se eu respirava um pouquinho diferente: "O que você tem?". Então isso tudo acabou. **[1] Não tenho mãe que me pergunte isso; não tem quem pergunte: "o que**

aconteceu?", por que eu estou respirando diferente. Então acostumar-me com isso, não sei se eu vou conseguir, mas tem que aprender a viver sem isso, então é dia a dia mesmo [3]. Acho que o legal foi que eu tive apoio de pessoas muito queridas mesmo; pessoas da minha igreja de origem foram tão carinhosas e isso tudo confortou tanto a gente, a gente precisava disso. Quando a gente levou ela pra Minas, a gente não esperava que as pessoas iam estar tão junto, por isso a gente teve uma parte tão gostosa em Minas. **[3] Pessoas que cresceram ali junto com a gente estiveram o tempo todo, passavam a noite com a gente conversando, lembrando do que ela fazia, então isso fortificou, lembrar dela sem dúvida fortificou. [4] Lembrar dela, dos momentos, do que ela fazia aqui, do que ela gostava de conversar, isso é o que tem ficado. Mas sempre eu falo com Deus que eu quero a minha mãe de volta. E isso eu sei que eu não vou ter mais, eu sempre estou questionando "mas e a minha mãe?" Porque eu não sei o que fazer, sabe, sem ela eu fico desnorteada. Acho que está dando pra ir, de vez em quando eu lembro, lembra de que tinha que vê-la, até quando ela já tinha morrido; então, de vez em quando vinha na cabeça; ela ficou muito inchada, por isso vêm esses momentos assim na minha cabeça. [4] É uma coisa assim, sinto muita tristeza porque desde o dia que ela faleceu, eu sempre questiono a minha irmã, eu até hoje não tive um sonho, nenhum até agora, e eu fico com medo de perder a lembrança do rosto dela [a entrevistada chora] [4] Mas aí vou colocando foto na casa pra ver se eu não me esqueço, mas não esquece, não é? Mas eu questiono a minha irmã, eu fico falando: "Por que eu não consigo sonhar com ela? Por quê? Oh! Senhor!" Eu sei que ela não vai voltar, eu sei tudo isso, eu acredito, eu acredito no processo da morte, da vida após a morte, eu acredito, eu tenho fé nisso aí, mas eu queria assim um sonho, poder conversar um pouquinho, nem que seja um sonho só, só uma coisa gostosa, uma lembrança comigo. A gente sente muita falta, a gente quer ver o rostinho de novo, achar que ela pode estar conversando ainda. [3] Eu achei conforto pelo menos no dia do enterro dela, o pastor, a L., e hoje é o P. lá, com o F. deu uma palavra muito gostosa, e assim é possível que a gente não tem que ficar morrendo de saudade, a gente tem que guardar a lembrança e não chorar porque ela foi embora. A gente sente tristeza, sente carinho, mas a herança que ela deixou... E foram só coisas boas mesmo**. Ela ensinou a gente a ser pessoas justas, a buscar aquilo que a gente queria, a lutar sem sair pisando nas outras pessoas, isso ela ensinou a gente com uma perfeição muito tremenda, a ser simples, ser humilde e tentar, mesmo que nós não tentamos, mas que seja pra ter uma vida melhor, tentar ser simples e ser humilde pra construir a sua vida. E não é bobagem, isso é esperança que ela deixou pra gente mesmo; creio que deixou a gente e dormiu. Deus, com certeza, fez muita

coisa também, eu vejo a vida dela e admiro muito mais. Então, são heranças que a gente não vai esquecer nunca, ela deixou. Isto eu guardo da minha mãe: vários sorrisos, várias conversas, gargalhadas dela, muitas delas iguais às minhas (risos). Eu sempre me olho, eu sou a cara da minha mãe gordinha, baixinha. **[4] Então, me olhando no espelho eu estou me lembrando dela, mas ela vai deixar eternamente esperança de uma vida após a morte que eu vou poder vê-la de novo; não sei como, não sei se vai acontecer, mas eu tenho esperança.** Não sei, mas é engraçado como que nestes momentos, quando no começo, ela teve esperança, a gente tinha esperança de que ela iria ser curada. Aí fiquei achando que ela ia. Eu vou lutar, Deus eu quero a cura. E aí uma briga muito intensa com Deus, mas a vontade de Deus somente não é a minha e ela precisava descansar, ela estava no sofrimento. **[4] O que sempre mexe comigo quando eu questiono que quero ela de volta é que eu não posso avaliar do jeito que ela estava sofrendo, então eu acho que ela precisava estar com Deus, que ela precisava estar sendo confortada.**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“mas acho que foi um dos piores momentos da minha vida porque a minha mãe era o que eu tinha de mais importante mesmo, depois de Deus era a minha mãe” [1] A pior coisa do mundo é você perder a sua mãe, é a pior coisa que tem, não tem outra coisa pior nesse mundo, não mesmo” [1] “então você tem um vínculo que acabou, não tem mãe” [1] “Não tenho mãe que me pergunte isso; não tem quem pergunte: “o que aconteceu?”, por que eu estou respirando diferente. Então acostumar-me com isso, não sei se eu vou conseguir, mas tem que aprender a viver sem isso, então é dia a dia mesmo” [1]	Ela evidenciou que foi um dos piores momentos de sua vida, pois sua mãe era o que tinha de mais importante, depois de Deus. Ela tem um vínculo que acabou, pois não tem mãe. Não tem mãe que pergunte para ela sobre o que está acontecendo. Não sabe se vai conseguir acostumar-se. Terá que aprender a viver sem a mãe e isso é no dia a dia.
“então eu pude voltar um pouco mais pra Deus e estar pedindo força porque a gente não sabe de onde tirar, a gente não pode fazer nada mesmo. [2]	G.R.D. voltou-se um pouco mais para Deus pedindo força, pois não sabe de onde a tirar e não pôde fazer nada. A pior coisa que tem no mundo é perder a mãe.
“Acho que o legal foi que eu tive apoio de pessoas muito queridas mesmo; pessoas da minha igreja de origem foram tão carinhosas e isso tudo confortou tanta gente, a gente precisava disso” [3] “Pessoas que cresceram ali junto com a gente estiveram o tempo todo, passavam a noite com a gente conversando, lembrando do que ela fazia, então isso fortificou, lembrar dela sem dúvida fortificou” [3] “Eu achei conforto pelo menos no dia do enterro dela, o pastor, a L., e hoje é o P. lá, com o F. deu uma palavra muito gostosa, e assim é possível que a gente não tem que ficar morrendo de saudade, a gente tem que guardar a lembrança e não chorar porque ela foi embora. A gente sente tristeza, sente carinho, mas a herança que ela deixou... E foram só coisas boas mesmo.” [3]	Sentiu-se apoiada por pessoas queridas, da igreja, que cresceram junto com ela expressaram carinho que trouxe conforto para ela. O diálogo com essas pessoas sobre sua mãe a fortificou no momento do velório. Sentiu conforto pela presença do pastor, que ofereceu uma palavra agradável que ajudou a lidar com a saudade, guardar lembrança da mãe e não chorar porque ela foi embora.
“Lembrar dela, dos momentos, do que ela fazia aqui, do que ela gostava de conversar, isso é o que tem ficado. Mas sempre eu	O que tem ficado é a lembrança da mãe e o diálogo com ela. Mas pede a Deus a mãe de volta, embora saiba que isso não vá

falo com Deus que eu quero a minha mãe de volta. E isso eu sei que eu não vou ter mais, eu sempre estou questionando "mas e a minha mãe?" Porque eu não sei o que fazer, sabe, sem ela eu fico desnorteada. Acho que está dando pra ir, de vez em quando eu lembro, lembra de que tinha que vê-la, até quando ela já tinha morrido; então, de vez em quando vinha na cabeça; ela ficou muito inchada, por isso vêm esses momentos assim na minha cabeça." [4] "É uma coisa assim, sinto muita tristeza porque desde o dia que ela faleceu, eu sempre questiono a minha irmã, eu até hoje não tive um sonho, nenhum até agora, e eu fico com medo de perder a lembrança do rosto dela [a entrevistada chora]" [4] "Mas aí vou colocando foto na casa pra ver se eu não me esqueço, mas não esquece, não é? Mas eu questiono a minha irmã, eu fico falando: "Por que eu não consigo sonhar com ela? Por quê? Oh! Senhor!" Eu sei que ela não vai voltar, eu sei tudo isso, eu acredito, eu acredito no processo da morte, da vida após a morte, eu acredito, eu tenho fé nisso aí, mas eu queria assim um sonho, poder conversar um pouquinho, nem que seja um sonho só, só uma coisa gostosa, uma lembrança comigo. A gente sente muita falta, a gente quer ver o rostinho de novo, achar que ela pode estar conversando ainda" [4] "Então, me olhando no espelho eu estou me lembrando dela, mas ela vai deixar eternamente esperança de uma vida após a morte que eu vou poder vê-la de novo; não sei como, não sei se vai acontecer, mas eu tenho esperança" [4] "O que sempre mexe comigo quando eu questiono que quero ela de volta é que eu não posso avaliar do jeito que ela estava sofrendo, então eu acho que ela precisava estar com Deus, que ela precisava estar sendo confortada". [4]	acontecer. Ela fica desnorteada. Embora queira a mãe de volta – e isso mexe com ela –, acredita que precisava estar com Deus, para ser confortada. Sente muita tristeza, porque desde o dia em que a mãe morreu não teve um sonho com ela. Tem medo de perder a lembrança do rosto dela. Coloca a foto dela na casa para ver se não esquece. Questiona a irmã e a Deus por que não consegue sonhar com a mãe. Sabe que a mãe não vai voltar, embora acredite na vida após a morte. Queria conversar com a mãe um pouquinho, por meio do sonho. Sente muita falta, quer ver seu rosto, conversar com ela. Ao olhar-se no espelho, a entrevistada lembra-se da mãe. Mas tem esperança de ver a mãe de novo, não sabe como, numa vida após a morte.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“mas acho que foi um dos piores momentos da minha vida porque a minha mãe era o que eu tinha de mais importante mesmo, depois de Deus era a minha mãe” [1] A pior coisa do mundo é você perder a sua mãe, é a pior coisa que tem, não tem outra coisa pior nesse mundo, não mesmo” [1] “então você tem um vínculo que acabou, não tem mãe” [1] “Não tenho mãe que me pergunte isso; não tem quem pergunte: “o que aconteceu?”, por que eu estou respirando diferente. Então acostumar-me com isso, não sei se eu vou conseguir, mas tem que aprender a viver sem isso, então é dia a dia mesmo” [1]	1. O luto mediado pelo processo relacional
“então eu pude voltar um pouco mais pra Deus e estar pedindo força porque a gente não sabe de onde tirar, a gente não pode fazer nada mesmo. [2]	2. A fé que dá suporte para a vivência do luto.
“Acho que o legal foi que eu tive apoio de pessoas muito queridas mesmo; pessoas da minha igreja de origem foram tão carinhosas e isso tudo confortou tanta gente, a gente precisava disso” [3] “Pessoas que cresceram ali junto com a gente estiveram o tempo todo, passavam a noite com a gente conversando, lembrando do que ela fazia, então isso fortificou, lembrar dela sem dúvida fortificou” [3] “Eu achei conforto pelo menos no dia do enterro dela, o pastor, a L., e hoje é o P. lá, com o F. deu uma palavra muito gostosa, e assim é possível que a gente não tem que ficar morrendo de saudade, a gente tem que guardar a lembrança e não chorar porque ela foi embora. A gente sente tristeza, sente carinho, mas a herança que ela deixou... E foram só coisas boas mesmo.” [3]	3. Presença cuidadora no processo do luto.
“Lembrar dela, dos momentos, do que ela fazia aqui, do que ela gostava de conversar, isso é o que tem ficado. Mas sempre eu falo com Deus que eu	4. Luto como memória

quero a minha mãe de volta. E isso eu sei que eu não vou ter mais, eu sempre estou questionando “mas e a minha mãe?” Porque eu não sei o que fazer, sabe, sem ela eu fico desnorteada. Acho que está dando pra ir, de vez em quando eu lembro, lembra de que tinha que vê-la, até quando ela já tinha morrido; então, de vez em quando vinha na cabeça; ela ficou muito inchada, por isso vêm esses momentos assim na minha cabeça.” [4] “É uma coisa assim, sinto muita tristeza porque desde o dia que ela faleceu, eu sempre questiono a minha irmã, eu até hoje não tive um sonho, nenhum até agora, e eu fico com medo de perder a lembrança do rosto dela [a entrevistada chora]” [4] “Mas aí vou colocando foto na casa pra ver se eu não me esqueço, mas não esquece, não é? Mas eu questiono a minha irmã, eu fico falando: “Por que eu não consigo sonhar com ela? Por quê? Oh! Senhor!” Eu sei que ela não vai voltar, eu sei tudo isso, eu acredito, eu acredito no processo da morte, da vida após a morte, eu acredito, eu tenho fé nisso aí, mas eu queria assim um sonho, poder conversar um pouquinho, nem que seja um sonho só, só uma coisa gostosa, uma lembrança comigo. A gente sente muita falta, a gente quer ver o rostinho de novo, achar que ela pode estar conversando ainda” [4] “Então, me olhando no espelho eu estou me lembrando dela, mas ela vai deixar eternamente esperança de uma vida após a morte que eu vou poder vê-la de novo; não sei como, não sei se vai acontecer, mas eu tenho esperança” [4] “O que sempre mexe comigo quando eu questiono que quero ela de volta é que eu não posso avaliar do jeito que ela estava sofrendo, então eu acho que ela precisava estar com Deus, que ela precisava estar sendo confortada”. [4]	

Relato 6

G. R. D.

Sexo: Feminino

Idade: 31 anos

Análise Ideográfica

G. R. D. inicia seu relato declarando que foi um dos piores momentos de sua vida, pois a mãe era o que tinha de mais importante, depois de Deus. Sua fé foi um suporte ao seu processo de luto, pois G. R. D. explicitou que se voltou um pouco mais para Deus pedindo força, pois a pior coisa que há no mundo é perder a mãe. Para ela, é como um vínculo que se acabou com a morte da mãe. Em seu relato, disse que não tem ninguém que se preocupe com ela sobre o que está acontecendo e não sabe se vai conseguir acostumar-se, pois terá que aprender a viver sem a mãe. Ela sentiu-se apoiada por pessoas queridas, da igreja, que cresceram junto com ela, expressaram carinho que lhe trouxe conforto. O diálogo com essas pessoas sobre a mãe a fortificou no momento do velório. Sentiu-se confortada com essa presença cuidadora e com a palavra do pastor, o que a ajudou a lidar com a saudade, guardar lembrança da mãe e não chorar porque ela foi embora. Para ela, o que tem ficado é a lembrança e o diálogo que tinha com a mãe. Nos momentos em que fica desnorteada, pede a Deus que traga a mãe de volta, embora saiba que isso não vai acontecer. Ao mesmo tempo acredita que a mãe precisava estar com Deus. Afirmou que sente muita tristeza, porque desde o dia em que a mãe morreu não teve um sonho com ela; tem medo de perder a lembrança do rosto da mãe. Ela coloca suas fotos na casa para ver se não se esquece dela. Em seu relato, questiona a irmã e a Deus porque não consegue sonhar com a mãe. Sabe que a mãe não vai voltar, embora acredite na vida após a morte. Queria conversar com a mãe um pouquinho, por meio do sonho. Ao olhar-se no espelho, lembra-se da mãe. G. R. D. relatou que tem esperança de ver a mãe de novo, não sabe como, numa vida após a morte.

Relato 7

W. S.

Sexo: Masculino

Idade: 70 anos

Como o senhor viveu a sua experiência de luto?

[1] A minha experiência foi gratificante, apesar de ser uma experiência com que a gente não está habituado todo dia, mas porque papai e mamãe viveram uma vida exemplar. Eram profundos cristãos, pudemos estar ao lado deles durante a vida inteira acompanhando os seus passos, acompanhando a sua fragilidade nos seus dias finais. Com isso, tanto eles como nós e em família nos preparamos para a partida deles; essa separação, **[1] este luto, a gente por um lado sente a perda do ente querido, mas tem que dar glórias a Deus porque foram exemplos vivos da fé cristã, nos deixaram um legado de fé, nos deixaram exemplos que marcaram e que marcarão as nossas vidas para sempre. Então, é um luto diferente do luto pregado aí fora, onde as pessoas choram e se desesperam. [2] Nós tivemos um luto, se isto é luto, onde a gente louva a vida que tiveram, o exemplo que nos deixaram, a fé que nos transmitiram e que nós pudemos nos preparar ao longo dos seus dias finais e eles puderam estar se preparando também**; onde quantas vezes eu cantava com papai no seu leito de dor "Com Cristo no barco vai tudo bem". E papai ainda tentava me acompanhar... Ele partiu assim feliz. Não houve nada específico, o médico não tinha nada específico a dizer: "Olha, essa é a causa da morte", falência geral do organismo, coração, pulmão, intestino etc. **[3] Então essa experiência de luto de alguém que tem os pais crentes e que conhece a Palavra de Deus e que acompanha de perto, no dia-a-dia, diariamente, estando junto, é um luto diferente do que normalmente está acontecendo nos dias de hoje em que a pessoa fica lá internada no hospital, sendo tratada de forma artificial.** Nós tivemos a felicidade do geriatra que nos acompanhou nos deixar muito claro de que os dias finais estavam próximos e isso preparou não só ao papai e a mamãe também no passado. A mamãe foi uma situação diferente porque ela sofria de Mal de Alzheimer, mas papai não, ele estava superlúcido, superconsciente, e cada dia mais fragilizado, fragilizado, fragilizado, mas absolutamente lúcido e consciente; ele partiu de uma forma, dormindo por assim dizer. Então quando se fala em luto aí fora, sempre se fala em choro, em dor, em desespero, **[1] e a minha experiência de luto é uma experiência de louvor pela vida do papai, que partiu e deixou**

uma experiência de vida, uma experiência de fé, não só a mim, mas toda a família. Eu sou muito grato a Deus porque Ele efetivamente preparou papai para o seu recolhimento. [1] Então é uma experiência que não te leva a esse choro do desespero, a essa dor profunda da separação, mas sim muito mais a agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara; com muita idade, quer dizer, fez tudo que teve que fazer na sua vida, foi um homem com um testemunho de fé, um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso, e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma. Bom, eu diria que **[3] a experiência que foi muito importante é de estar junto com o ente querido, e não aquela separação física, estar lá no hospital sob cuidados médicos, estar na UTI, tem reservas de momentos, a gente nem sempre pode estar na UTI em função do próprio trabalho da gente, em função das instruções do hospital, dos médicos que querem manter a vida do paciente, muitas vezes por razões até econômicas, é manter artificialmente a vida do paciente.** Então esse geriatra sempre dizia o seguinte: que dentro da linha dele, ele entende que se a gente deve cuidar do paciente pra que ele não sofra dores maiores, se ele tem algum problema físico que acarreta dores profundas que a gente alivie essas dores, que faça; mas que a gente não fique artificialmente tentando prolongar a vida do paciente. E o papai ele teve essa visão de preparar a sua família pra isso, sempre dizendo: "Um dia eu partirei, então estou tomando essas providencias, fazendo isso, fazendo aquilo, o que vocês acham desse e daquele passo?". Então eu acho que é importante que nós também tenhamos esse diálogo com a família para que possamos preparar a família para esse momento que certamente enfrentaremos, mais cedo ou mais tarde, de uma forma mais abrupta ou menos abrupta, mas nós temos a certeza que todos nós um dia partiremos e devemos nos preparar para isso; assim como a mãe se prepara para o parto, também nós devemos nos preparar para a nossa partida. **[2] Então, eu acho que nós temos essa obrigação, como família, como pais, como mães, de estarmos sempre em sintonia com os nossos filhos, com a nossa família, no sentido de que hoje estamos aqui, o dia de amanhã não nos pertence e então vamos estar preparados para que não haja esse tipo de luto de desespero, das pessoas que choram desesperadamente, "aconteceu isso", "não podia acontecer", "Deus foi injusto, levou meu marido, levou minha mãe, levou o meu filho". Deus não é injusto, nós é que não compreendemos muitas vezes os seus intentos. [1] E então eu acho que meu luto pessoal foi um luto onde eu sempre pude dar glórias a Deus pelo exemplo da mamãe, pelo exemplo do pai.** Mamãe partiu de uma forma um pouco diferente porque ela sofria do Mal de Alzheimer, ela não se comunicava mais, a gente não sabia o que se passava com ela, mas morreu junto conosco em casa e papai também. **[3]**

Então eu acho que a pessoa que está no seu habitat, está na sua casa com os seus familiares e passa por este momento, é uma morte diferente da de alguém que está isolado lá no hospital numa cama ou numa UTI, sendo tratado e muitas vezes mantido artificialmente, sem sentido. E nós tivemos essa experiência tanto com mamãe como com papai, de estarmos juntos com eles diariamente, ali juntos, nos revezando entre irmãos e irmãs, irmãos e irmã, nesse cuidado com papai e mamãe também. Então é alguma coisa gratificante você sentir que o que esse ente querido vê em você é a continuidade dele no processo da vida, na fé, nos momentos de alegria e difíceis da vida, preparando a pessoa para este momento e ela sendo preparada em função da sua fé, da sua certeza de que estará nos braços do Senhor. **[1] Então eu acho que é um luto que no meu entender é muito diferente do luto do mundo secular, um luto em que as pessoas se desesperam, choram, esperneiam, e questionam a Deus: "Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?".** Eu diria, nós não questionamos o nascimento. Nós tememos a morte? Nós questionamos a morte? Nós precisamos nos preparar para a morte, assim como a mãe e a família se preparam para o nascimento de uma criança, também devemos estar já nos preparando para a morte. E isso eu já ouvi dentro da própria igreja pessoas dizendo que têm horror e temem a morte. Eu entendo que não cabe, esse temor é mordaz; eu acho que é evidente que todos nós gostaríamos que o Senhor nos desse alguns dias a mais, mas acho que devemos diariamente agradecer a Deus porque ele nos deu mais um dia de vida, um dia pra nos prepararmos, para ficarmos juntos com a nossa família e nunca nos esquecer de que oramos, estamos aqui e amanhã o dia não nos pertence, então vamos estar preparando a nossa família, os nossos filhos para esse dia, para que a morte seja encarada como alguma coisa natural. Eu não me lembro quem é o autor desta linha de pensamento, de que hoje o mundo tem a morte assim como uma coisa horrível, terrível, tenebrosa e tenta manter a vida da forma mais maluca possível. A medicina tenta fazer de tudo para tentar manter a vida, e eu acho que são duas situações totalmente diferentes. A situação de uma vida jovem que se envolveu num acidente e tem toda a chance de sobreviver com o tratamento adequado com a assistência adequada médica, e de uma pessoa idosa que já viveu, que já pôde dar o seu testemunho de vida, pôde transmitir a sua fé aos seus queridos e quando isso não é verdadeiro as pessoas se desesperam. "Puxa!". A pessoa partiu, era um alcoólatra, era uma pessoa que não cria em Deus, não aceitou a Jesus como seu Salvador, e então é a ausência de fé, a ausência de saber que da nossa vida além-túmulo e que essa nossa vida não termina aqui. Então essa falta de conhecimento... Como o pastor estava falando hoje na sua pregação, com relação ao preparo, nos preparando para conhecermos a palavra de Deus com profundidade, assim como o atleta tem que se preparar

para as suas especialidades; seja natação, seja futebol, seja o que for, ele tem que ficar se preparando para isso; **[2] nós temos que estar nos preparando pela vida afora para que a nossa partida seja uma partida onde os nossos entes queridos, aqueles com os quais nós convivemos possam dizer glória a Deus porque foi uma vida valiosa.**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“A minha experiência foi gratificante, apesar de ser uma experiência que a gente não está habituado todo dia”; [1] “este luto é um luto a gente por um lado sente a perda do ente querido, mas tem que dar glórias a Deus porque foram exemplos vivos da fé cristã, nos deixaram um legado de fé, nos deixaram exemplos que marcaram e que marcarão as nossas vidas para sempre. Então é um luto diferente do luto pregado aí fora, onde as pessoas choram e se desesperam.” [1] “e a minha experiência de luto é uma experiência de louvor pela vida do papai que partiu e deixou uma experiência de vida, uma experiência de fé, não só a mim, mas toda a família, eu sou muito grato a Deus porque Ele efetivamente preparou papai para o seu recolhimento”. [1] “E então é uma experiência que não te leva a esse choro do desespero a essa dor profunda da separação, mas sim muito mais a agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara; com muita idade, quer dizer, fez tudo que teve que fazer na sua vida foi um homem com um testemunho de fé, um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma”. [1] “E então eu acho que meu luto pessoal, foi um luto onde eu sempre pude dar glórias a Deus pelo exemplo da mamãe, pelo exemplo do pai” [1] “Então eu acho que é um luto, que no meu entender é muito diferente do luto do mundo secular, um luto que as pessoas se desesperam, choram, esperneiam, e questionam a Deus: “Por	Uma experiência gratificante, mas que não é habitual. Não é uma experiência desesperadora, uma dor profunda de separação, mas leva a agradecer a Deus. Deus levou seu pai que estava lúcido, com muita idade, mas que fez tudo que teria que fazer na vida e foi um homem com um testemunho de fé reconhecido pelos filhos. É um luto diferente em relação ao mundo secular, onde as pessoas se desesperam. É um luto que sente a perda do ente querido, mas agradece a Deus pelo exemplo de vida deixado, o legado da fé, os quais marcaram sua vida. Então é um luto diferente em relação àqueles em que as pessoas choram e se desesperam. A experiência de luto é de louvor pela vida do pai e da mãe, que deixaram uma experiência de vida e de fé. É muito grato a Deus que preparou seu pai para seu recolhimento. Seu luto vincula-se à gratidão a Deus pelo exemplo dos pais.

quê? Por quê? Por quê? Por quê?.” [1]	
“Nós tivemos um luto, se isto é luto, um luto onde a gente louva a vida que tiveram, o exemplo que nos deixaram, a fé que nos transmitiram e que nós pudemos nos preparar ao longo dos seus dias finais e eles puderam estar se preparando também” [2] “Então, eu acho que nós temos essa obrigação, como família, como pais, como mães, de estarmos sempre em sintonia com os nossos filhos, com a nossa família, no sentido de que hoje estamos aqui, o dia de amanhã não nos pertence e então vamos estar preparados para que não haja esse tipo de luto de desespero, das pessoas que choram desesperadamente, “aconteceu isso”, “não podia acontecer”, “Deus foi injusto, levou meu marido, levou minha mãe, levou o meu filho”. Deus não é injusto, nós é que não compreendemos muitas vezes os seus intentos. [2] “nós temos que estar nos preparando pela vida a fora para que para que é a nossa partida, seja uma partida aonde os nossos entes queridos, aqueles com os quais nós convivemos possam dizer glória a Deus porque foi uma vida valiosa”. [2]	W.S. experimentou um luto em que reconheceu o exemplo dos pais, a fé que transmitiram. Pôde – e também os outros familiares -- se preparar e os pais também. É uma obrigação da família preparar seus familiares para que não haja um luto de desespero, que questiona a Deus. Deus não é injusto, nós é que não compreendemos suas intenções. W.S. defende a ideia de que precisamos prepararmo-nos para a morte, assim como nos preparamos para o nascimento de uma criança. É preciso prepararmo-nos vida afora, para que nossa partida seja um momento, as pessoas que conviveram conosco possam dar glórias a Deus porque foi uma vida valiosa.
“Então essa experiência de luto de alguém que tem os pais crentes e que conhece a Palavra de Deus e que acompanha de perto, no dia a dia, diariamente, estando junto é um luto diferente do luto que normalmente está acontecendo nos dias de hoje que a pessoa fica lá internada no hospital sendo tratado de forma artificial (...)” [3] “a experiência que foi muito importante é essa experiência de estar junto com o ente querido e não aquela separação física, está lá no hospital sob cuidados médicos, está na UTI, tem reservas de momentos a gente nem sempre pode estar na UTI em função do próprio trabalho da gente, em função das instruções do	A experiência de luto de quem tem pais crentes e conhece a Palavra de Deus e a acompanha diariamente, está junto, é diferente do que acontece nos dias de hoje. Hoje a pessoa fica no hospital sendo tratada de forma artificial, mantida na UTI por interesses até econômicos. Quando a pessoa está em sua casa, perto dos familiares, a morte é diferente da morte de alguém que está no hospital, isolado e sendo mantido de forma artificial. W.S. teve oportunidade, juntamente com seus irmãos, de acompanhar de perto o processo da morte da mãe e do pai.

hospital, dos médicos que querem manter a vida do paciente, muitas vezes por razões até econômicas, é manter artificialmente a vida do paciente". [3] "Então eu acho que a pessoa que está no seu habitat, está na sua casa com os seus familiares e passa por este momento, é uma morte diferente de alguém que está isolado lá no hospital numa cama ou numa UTI, sendo tratado e muitas vezes mantido artificialmente a sua vida, sem sentido. E nós tivemos essa experiência tanto com mamãe como com papai, de estarmos juntos com eles diariamente, ali juntos, nos revezando entre irmãos e irmãs, irmãos e irmã, nesse cuidado com papai e mamãe também". [3]	

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“A minha experiência foi gratificante, apesar de ser uma experiência que a gente não está habituado todo dia”; [1] “este luto é um luto aonde a gente por um lado sente a perda do ente querido, mas tem que dar glórias a Deus porque foram exemplos vivos da fé cristã, nos deixaram um legado de fé, nos deixaram exemplos que marcaram e que marcarão as nossas vidas para sempre. Então é um luto diferente do luto pregado aí fora, onde as pessoas choram e se desesperam.” [1] “e a minha experiência de luto é uma experiência de louvor pela vida do papai que partiu e deixou uma experiência de vida, uma experiência de fé, não só a mim, mas toda a família, eu sou muito grato a Deus porque Ele efetivamente preparou papai para o seu recolhimento”. [1] “E então é uma experiência que não te leva a esse choro do desespero a essa dor profunda da separação, mas sim muito mais a agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara; com muita idade, quer dizer, fez tudo que teve que fazer na sua vida foi um homem com um testemunho de fé, um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma”. [1] “E então eu acho que meu luto pessoal, foi um luto onde eu sempre pude dar glórias a Deus pelo exemplo da mamãe, pelo exemplo do pai”. [1] “Então eu acho que é um luto, que no meu entender é muito diferente do luto do mundo secular, um luto que as pessoas se desesperam, choram, esperneiam, e questionam a Deus: “Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?.” [1]	1. O Luto por morte na ordem natural
“Nós tivemos um luto, se isto é luto, um luto onde a gente louva a vida que tiveram, o exemplo que nos deixaram, a fé que nos transmitiram e que nós pudemos nos preparar ao longo dos seus dias finais e ele puderam estar se	2. A fé que dá suporte a vivência do luto

preparando também” [2] “Então, eu acho que nós temos essa obrigação, como família, como pais, como mães, de estarmos sempre em sintonia com os nossos filhos, com a nossa família, no sentido de que hoje estamos aqui, o dia de amanhã não nos pertence e então vamos estar preparados para que não haja esse tipo de luto de desespero, das pessoas que choram desesperadamente, “aconteceu isso”, “não podia acontecer”, “Deus foi injusto, levou meu marido, levou minha mãe, levou o meu filho”. Deus não é injusto, nós é que não compreendemos muitas vezes os seus intentos.” [2] “nós temos que estar nos preparando pela vida a fora para que para que é a nossa partida, seja uma partida aonde os nossos entes queridos, aqueles com os quais nós convivemos possam dizer glória a Deus porque foi uma vida valiosa”. [2]	
“Então essa experiência de luto de alguém que tem os pais crentes e que conhece a Palavra de Deus e que acompanha de perto, no dia a dia, diariamente, estando junto é um luto diferente do luto que normalmente está acontecendo nos dias de hoje que a pessoa fica lá internada no hospital sendo tratado de forma artificial (...)” [3] “a experiência que foi muito importante é essa experiência de estar junto com o ente querido e não aquela separação física, está lá no hospital sob cuidados médicos, está na UTI, tem reservas de momentos a gente nem sempre pode estar na UTI em função do próprio trabalho da gente, em função das instruções do hospital, dos médicos que querem manter a vida do paciente, muitas vezes por razões até econômicas, é manter artificialmente a vida do paciente”. [3] “Então eu acho que a pessoa que está no seu habitat, está na sua casa com os seus familiares e passa por este momento, é uma morte diferente de alguém que está isolado lá no hospital numa cama ou numa UTI, sendo tratado e	3. Presença cuidadora no processo do luto

muitas vezes mantido artificialmente a sua vida, sem sentido. E nós tivemos essa experiência tanto com mamãe como com papai, de estarmos juntos com eles diariamente, ali juntos, nos revezando entre irmãos e irmãs, irmãos e irmã, nesse cuidado com papai e mamãe também". [3]	

Relato 7

W. S.

Sexo: Masculino

Idade: 70 anos

Análise Ideográfica

W. S. inicia seu relato explicitando que o luto foi uma experiência gratificante, mas que não é habitual. Para ele, não foi uma experiência desesperadora, uma dor profunda de separação, mas de gratidão a Deus. Encara a morte do pai na ordem natural, pois disse que, embora Deus tenha levado seu pai, com muita idade mas ainda lúcido, ele fez tudo que teria que fazer na vida e foi um homem com um testemunho de fé reconhecido pelos filhos. Para W. S. trata-se de um luto diferente em relação ao mundo secular, onde as pessoas se desesperam. É um luto que sente a perda do ente querido, mas agradece a Deus pelo exemplo de vida deixado e o legado da fé que marcou sua vida. Em sua fala, salienta que sua experiência do luto é de louvor pela vida do pai e da mãe que deixaram uma experiência de vida e de fé. W. S. é muito grato a Deus que preparou seu pai para o recolhimento. W. S. teve um luto que reconheceu o exemplo de seus pais, a fé que transmitiram; tanto ele como o pai puderam se preparar para a morte. W. S. relatou que é uma obrigação da família preparar seus familiares para que não haja um luto de desespero, que questione a Deus. Deus não é injusto, nós é que não compreendemos suas intenções. W. S. evidenciou que precisamos nos preparar para a morte, assim como nos preparamos para o nascimento de uma criança. Temos que nos preparar vida afora para que nossa partida seja um momento em que as pessoas que conviveram conosco possam dar glórias a Deus porque foi uma vida valiosa. O luto de W.S. é vivenciado como uma experiência e testemunho de fé pois, segundo suas palavras, o luto de quem tem pais crentes, conhece a Palavra de Deus e a acompanha diariamente é diferente do luto que ocorre nos dias de hoje. Hoje a pessoa fica no hospital sendo tratada de forma artificial, mantida na UTI por interesses até econômicos. Para ele, quando a pessoa está em sua casa, perto dos familiares, o processo de morrer é diferente da morte de alguém que está no hospital, isolado e sendo mantido vivo de forma artificial. W. S. teve a oportunidade, juntamente com seus irmãos, de acompanhar de perto o processo de morrer dos pais?

Relato 8

S. A. F.

Sexo: Feminino

Idade: 22 anos

Como foi a sua experiência de luto?

Como é que eu vou contar, como é que... (a entrevistada fica em silêncio e pensa) Foi o papai... (a entrevistada fica em silêncio e pensa) Foi assim que a operação (a entrevistada fica em silêncio e pensa)... mas eu lembrei de tudo bom que ele deixou... Mas, claro, vou responder a verdade. Foi assim: ele já estava com câncer havia dois anos, fez a cirurgia, retirou um pedaço do intestino e fez aquele monte de quimioterapia. Só que ele tinha um monte de agravantes: 80 anos, cardíaco, internado com problema neurológico... Mas estava tudo sob controle. Ele tomava muito remédio, a gente tinha um cuidado constante com ele porque estava meio sob alerta de que isso estava mais próximo do que a gente imaginava. Passaram-se seis meses, ele operou, fez a quimioterapia, caiu muito bem; depois nós o levamos para casa, e ele ficou bem um ano e dois meses, até que começaram a voltar os sintomas todos de novo. Fomos ver e agora era no reto, e os outros agravantes também vieram ter participação. Ele ficou com problema de coração, ele enfartou três vezes, aí complicou tudo, ninguém queria mais operar... Já foi vindo a bomba assim, tudo de uma vez. O fato de eu ser da área da saúde, técnica em enfermagem... então eu já tinha uma consciência maior que os meus familiares de como tratavam a situação. O fato de ele vir aqui na igreja já me ajudou muito, porque a minha família é da Igreja Católica e vai esporadicamente. Então, como eu vinha aqui há sete anos, meu namorado é daqui ele me incentivava muito, eu gosto de estar aqui e eu sentia assim, **[1] eu pedia todo dia para Deus não deixar de forma alguma eu me sentir sozinha ou impotente nessa hora; porque querendo ou não, por ser mais nova, eu estava sendo a pessoa mais forte da família.** Minha mãe não aguentava mais nada: estava com antidepressivo, todos os tipos de "anti" ela estava tomando; o meu irmão não aguentava nada. Aí eu pensei: "Agora sou eu, ele e Deus". Aí foi tudo acontecendo e veio como uma bomba. Ele foi internado, já começou também a ficar meio bambo, e não queria entrar no hospital. Então eu comecei a ir, a ir, a ir... Teve um dia, o penúltimo dia dele... A única coisa que me dói é esse último, penúltimo dia. Porque eu não sabia dessa existência que o pessoal fala que é a melhora da morte. Não sei se você já ouviu falar, eu não sabia o que era

e eu me senti culpada por um bom tempo por eu não ter esse conhecimento desse dia. Porque ele esteve ruim, ruim, ruim, aí um sábado que eu fui pra lá ficar com ele... Era um dia que eu não queria ficar lá no hospital porque já tinha ficado a semana inteira, perdido aula, vivia no hospital... Aí eu falei: "Hoje eu não quero ficar lá, eu não quero ir pra lá". Acordei xingando, fui para o hospital e disse para minha mãe: "Calma, até duas horas da tarde". E foi um dia excelente, ele estava bem, ele falou "abobrinha", ele deu risada. Ele falava: "Ah eu quero ir embora pra casa, todo mundo me ama e não quer me deixar ir embora". Aí eu ficava olhando o relógio e falei: "Gente, eu quero ir embora, o meu irmão vem pra cá, pois eu quero passear um pouco, respirar" E então, fui pra casa. No outro dia ele já não andava, aí então foi aquele "bum". Não é possível, deve ser o remédio que ele está tomando! Não é possível! Aí comecei a ficar esperta com a situação, foi na segunda, já não houve melhora, aí começou dar desespero na família inteira; eu pensei: "Nosso Deus, agora somos nós dois". Aí eu vim aqui na igreja, fui assim pedindo: [**1] "Pelo amor de Deus, me ilumina, me orienta porque eu não vou poder depender de ninguém porque tem muita gente dependendo de mim".** Aí foi quando ele morreu, acho que não lembro se foi na quarta, eu sei que eu cheguei lá um dia antes, vi que ele já estava quase com falha múltipla. Aí olhei e falei: "Gente, uma pessoa que fala pelos cotovelos, uma pessoa que falou, que andou, que brincava apesar da idade e que era altamente ativa, estar nesse estado, só ouvindo que não conseguia abrir o olho". "Deus toma... Deus...". Eu fiquei lá do lado da cama dele, li um versículo e ele só abriu o olho assim. Ele gostou muito, era um versículo que eu tinha ouvido do pastor aqui na igreja, aí falei: "Pai, você gostou desse e tal", aí ele abriu o olho e apertou a minha mão assim como gostasse. Aí eu disse: **[1] "Deus, não deixe passar mais um dia nesse sofrimento porque ele não merece". Eu cheguei em casa, fiquei até as duas da manhã, pedindo pelo amor de Deus para levá-lo, que não era justo,** as pessoas que nem minha mãe, a minha mãe dizia: "Pelo amor de Deus, ele não pode ir embora!". O meu irmão surtado do outro lado falando: "O que eu vou fazer sem meu pai" **[1] e eu pedindo pelo amor de Deus para que meu pai descansasse, "porque não é justo a gente querer uma pessoa aqui sofrendo, e ele vai estar muito melhor com você do que conosco". Aí eu orei, até eu olhei no relógio, eram duas horas da manhã, estava cansada já de pedir pelo amor de Deus para ele não passar mais um dia e aí dormi.** Quatro e meia da manhã escutei o telefone tocar. Meu irmão do lado do telefone atendeu, aí não escutei nada, a minha irmã de Londrina estava para chegar, mais velha, filha dele. Ela chegou e foi direto para o hospital, parecia que ele estava esperando ela chegar, sabe? Ela ligou para falar que ele morreu e disse: "Eu entrei, peguei na mão dele, fiquei dez minutos com ele e ele faleceu". Isso aí eu fiquei sabendo depois. Meu irmão

andava pela casa e não falava nada pra ninguém. E a minha mãe acordou e começou a gritar: "Quem que era no telefone, me fala, me fala!" e eu só ouvindo o movimento. Ele falou: "O papai foi". Aí caíram de choro e começou aquele estardalhaço, e eu só escutando. Sentei na minha cama e falei: **[1] "Deus, muito obrigada porque eu não suporto ver uma pessoa sofrendo desse jeito, é desnecessário, só se fosse pra ele melhorar, eu sei que isso não vai acontecer, então que esteja aí contigo. Agora eu só peço uma coisa pro Senhor: fica comigo esses dias que porque eu não sei como eu vou encarar essa situação".** Eu me troquei, coloquei a roupa, desci o degrau, os dois se descabelavam, assim eu nunca vi. [**1] Na minha vida de tantas coisas que eu já passei, eu nunca senti uma calma tão absurda daquela. Parecia que eu estava "em alfa", fiquei o dia inteiro flutuando, eu fiquei o dia inteiro assim. Eu sentia que Deus estava comigo, que ele me pegou no colo nessa hora.** Eu me troquei, desci as escadas, peguei meu irmão assim no rosto, olhei ele, estava que não era ele. Eu falei: "Calma que está tudo bem, eu vou fazer tudo" – o meu irmão tem 33 anos –, "pode ficar sossegado, promete que você cuida da mãe, não deixa ela tomar todos os remédios que tem em casa porque ela toma. Ela saiu dando diazepam para Deus e o mundo, dizendo: não fica nervoso", pensando que era bala. **[2] Eu fiquei assim: parecia que estava numa calma que o pessoal aqui falava que eu tinha tomado diazepam.** Quando a minha mãe deu pra mim, eu joguei fora – **[1] eu não preciso disso, porque Deus já está fazendo a parte dele.** Aí eu virei e falei: "Mãe, calma, que só você ficando em casa e fazendo o que acha que deve e se acalmando; é o melhor, já está ótimo**,[2] pode deixar que eu faço tudo. [2] Eu fui, subi e entrei no quarto do meu pai, abri o guarda-roupa, olhei assim, numa calma que eu não sei se vou ter outra vez. Eu peguei assim... Me deu uma vontade de sorrir, de rir, quando abri o guarda-roupa... Parecia que saiu um tijolo, parecia que eu estava torcendo por ele, pois ele estava doente.** Aí eu separei as roupas deles, as mais bonitas que ele gostava e pensei: eu vou levar para o hospital. Eu peguei os documentos dele, liguei para meu tio e falei: **[2] "Ah, me leva lá que eu quero arrumar, que eu quero fazer tudo, ninguém vai fazer nada, papai é meu e eu sei que eu sou a pessoa mais indicada que pode fazer isso"**. Eu fui lá, eu vi, não sei, ele estava com uma expressão tão serena, ele estava quase que sorrindo, eu passei a mão nele, falei assim: "Nossa, com certeza está do lado de Deus" e vocês estão aqui comigo, porque ela não ia conseguir isso. A minha irmã estava assim. Ela tem 40 anos, eu olhava e ela não sabia o que fazer. Aí eu falei: "Vamos lá no hospital, vamos lá fazer as coisas". **[2] Eu fui atrás de médico para fazer o laudo, fazer tudo, eu escolhi caixão, eu dei baixa em todos os documentos, porque ninguém conseguia fazer nada. Eu fui, só que tudo numa calma absurda que o pessoal falava assim pra**

mim: "Que é que você tem? Você não está chorando, você não sente nada!!!". Aí daqui a pouco ela falou assim: "Que coração de pedra é esse!". aí eu respondi: **[1] "Não, é diferente: Deus está comigo e ele está me acalmando, pode ser que depois eu descabele, que eu queira fazer alguma coisa, mas hoje não, eu preciso fazer as coisas que tem que ser feitas hoje".** Aí de manhã eu liguei para o pastor e falei que precisava muito da capela. Eu amo essa igreja, acho que o meu pai via o quanto que eu ficava mais tempo aqui do que na minha casa, que eu ficava aqui sexta, sábado, domingo, todas as programações, tinha 'noite do pinico' eu estava aqui, qualquer coisa eu estava aqui. Nossa, ele sabe que é o meu lugar preferido de estar e eu quero que ele esteja também. Aí liguei pra minha madrinha e disse: "Me ajuda a arrumar alguma coisa bonita". A pastora arrumou tudo lá, aí eu só sei que eu fiz tudo numa leveza... A É. também me apoiou muito, ela fez um cesto **[3] e eu sei que todo mundo da igreja estava aqui, eu recebi apoio de todo mundo, só que via a minha família** inteira, minhas tias, meus tios, meus primos, chorando, se acabando e eu ficava lá do lado do meu pai. **[2] Eu ficava assim toda idiota, sabe? "Que lindo!". Só via coisa boa e o pessoal se matando e eu assim.** Aí fizeram um cultinho breve, muito bonito, o pastor falou, a pastora também, foi maravilhoso. Só me dei conta de como estava sendo o meu dia quando fecharam o caixão. **[2]Aí eu falei: "Não, não é possível". Aí o pessoal falou: "Ela está precisando ir num médico porque ela está numa calma absurda; o que é que você deu pra ela?". Falava assim: "Não é possível! O que está acontecendo?". [4] Aí na hora em que levaram ele embora começou a me dar aperto, porque eu não ia ver ele nunca mais. "Como ele está aqui?". "Ele está em casa". "Ele vai voltar"... Aí começou aquela confusão. Aí começava a pensar: eu só conseguia pensar coisas boas dos últimos dias, aí quando chegou lá no cemitério, que foi me dar outro clik na hora. Eu fiquei de costas o tempo todo. Eu falei: "Não preciso ver isso, eu quero lembrar de coisas boas, eu não quero coisas ruins". Quando eu olhei na hora que abaixaram, eu comecei a bater na minha mãe com o namorado dela. "Não vamos deixar ele sozinho aqui; A., eu não quero ir embora, eu vou ficar aqui, coitadinho", eu falava. Aí ele olhava assim: "O que é que foi, o que é isso? Teu pai não está mais aqui". E eu falava: "Vamos levar ele embora". Eu falei pra ele (risos), aí eu disse: "Não deixa eu ir embora". Aí eu fui confusa pra casa, só que depois que eu cheguei, entrei em casa para pegar as minhas coisas...** Porque ninguém mais queria ir para minha casa, minha mãe foi dormir na minha tia, o meu irmão na namorada, ninguém queria entrar mais em casa. Porque por meu pai ter essa idade, ele não saía tanto, trabalhava em casa, então tudo era ele. A sala era dele 100% do dia**. [4] Então, entrei e quando eu vi a sala vazia, está faltando alguma coisa que eu não sei o que é, e**

como ele estava no hospital, então eu não consegui ligar a situação, aí começou a me dar um desespero. [2] Assim não é possível, que dia estranho e eu ainda me sentia calma. Aí fui ficar com a minha mãe, com os meus parentes e ainda sentindo que tinha alguma coisa errada. **[2] Só que eu ainda estava controlada, calma. [5] Só fui me dar conta quando todo mundo resolveu ir pra casa dois dias depois, que eu vi que ele não estava mais, aí eu fui ligar ao dia, aí me bateu aquela culpa absurda de não ter ficado o dia todo com ele, o dia que ele estava bem. Aí eu me descabelei, eu chorei, eu fiquei roxa o dia inteiro de chorar que eu nem aguentava. "Mas não é possível, eu devia ter ficado, como fui egoísta, ele estava bem, e eu não quis ficar lá e eu não pude aproveitar". Aí eu fiquei assim me sentindo a pior das piores, o último segundo que eu poderia ter aproveitado e eu não aproveitei.** Ah! Mas aí eu pensava assim, aí me falaram, um irmão lá da igreja falou, que Deus sabe o momento certo porque depois que eu fui, meu outro irmão chegou, mal chegou e eu falei: "Já foi o seu momento, você não sabia, você não tem bola de cristal". **[5] Não sei bem, mas fica aquele sentimento: eu podia ter feito melhor, eu podia ter feito mais, eu podia, eu podia, mas o tal do "eu podia" é quando a gente perde as coisas que a gente perde e pensa. [1] Eu não sei, foi assim um dia, apesar do dia mais dolorido até hoje, foi o dia que eu senti uma calmaria absurda, eu me senti assim, apesar de muita gente ter vindo aqui por mim, as pessoas da faculdade, eu sentia assim que Deus já tinha vínculo comigo, não precisava vir todo mundo está aqui, porque eu estava bem. Foi a melhor coisa que Deus fez na minha vida até hoje: ter estado comigo. E mostrou a mim... Parecia que dizia: "Eu estou aqui, não fica mal, vá fazer as suas coisas em paz que eu estou aqui e vai ser bom".** Porque o meu irmão pensava: "O que vai ser do meu dia, o que vai ser da minha semana, o que vai ser do meu mês?". E eu pensava: "vai ser tudo ótimo. Não seja egoísta, Deus tem um plano para as nossas vidas, e papai orou bastante, quem dera a gente chegar nos 80 anos dessa forma que a gente vive. Agora, a gente tem que viver, bola pra frente, pensar nas coisas ótimas que ele passou". O pessoal lá de casa começou a cair em si, **[2] mas foi uma experiência fantástica que eu nunca pensei. Eu temia que quando eu sentei na cama, quando escutei a notícia e que o meu irmão não teve nem a coragem de me falar, eu comecei a tremer de um jeito que todos os meus ossos batiam de nervoso, o dente batia, tudo tremia, só que depois começou uma calmaria, eu pensei: "Nossa, hoje eu posso tudo. E só senti que tudo estava ao meu alcance porque eu não poderia ter feito melhor. Não tem nem como explicar. [3] Não sei, mas acho que foi isso mesmo. Foi fantástico! Foram essas pessoas que eu nem imaginava que iam se importar estar aqui dando o melhor delas que eu nem imaginava. Eu olhava essa pessoa aqui na igreja,**

muita gente saindo dos empregos pra vir, aí você cai na real: "Nossa, essa é uma comunidade digna de fé que está pra em prol do irmão, não vem aqui só pra olhar quem morreu". Foi a sensação de solidariedade. [1]Aí não sei, eu me senti nova, só eu mesmo pra fazer isso, como Deus fez comigo. E o engraçado é que eu nunca tinha sentido essa força de Deus na minha vida, que é como a dar muito mais valor, porque se antes a gente fica com raiva das coisas que a gente não tem, não consegue no dia-a-dia, escola, faculdade, um monte de coisa, "Ah! Eu estou sozinho sem cinco reais e cadê Deus?". Todo mundo não fala normalmente "Cadê Deus?". E Deus está aqui, a gente é que não vê. Deus faz as coisas e a gente é que não vê. Deus está sempre aqui, sempre fazendo, apesar das coisas ruins, toda a coisa ruim tem um lado bom, que Deus faz enxergar lá na frente uma coisa boa. **[1] Depois disso, eu senti: "Nossa, está sim, e ai de quem fala que Deus não está". Porque eu senti, eu e Ele ali... Nossa, se eu não tivesse sede de igreja, tantos anos, me curado, querer saber, eu acho que não teria conseguido nada disso, simplesmente levantava da minha cama "Oh! Papai morreu, meu mundo acabou". Eu acho que eu estaria um lixo e não teria conseguido fazer um terço daquilo que eu fiz.**

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“eu pedia todo dia para Deus não deixar de forma alguma eu me sentir sozinha ou impotente nessa hora; porque querendo ou não, por ser mais nova, eu estava sendo a pessoa mais forte da família.” [1] “Pelo amor de Deus, me ilumina, me orienta porque eu não vou poder depender de ninguém porque tem muita gente dependendo de mim”. [1] “Deus, não deixe passar mais um dia nesse sofrimento porque ele não merece”. Eu cheguei em casa, fiquei até as duas da manhã, pedindo pelo amor de Deus para levá-lo, que não era justo,” [1] “ e eu pedindo pelo amor de Deus para que meu pai descansasse, “porque não é justo a gente querer uma pessoa aqui sofrendo, e ele vai estar muito melhor com você do que conosco”. Aí eu orei, até eu olhei no relógio, eram duas horas da manhã, estava cansada já de pedir pelo amor de Deus para ele não passar mais um dia e aí dormi.” [1] “Deus, muito obrigada porque eu não suporto ver uma pessoa sofrendo desse jeito, é desnecessário, só se fosse pra ela melhorar, eu sei que isso não vai acontecer, então que esteja aí contigo. Agora eu só peço uma coisa pro Senhor: fica comigo esses dias que porque eu não sei como eu vou encarar essa situação”. [1] “Na minha vida de tantas coisas que eu já passei, eu nunca senti uma calma tão absurda daquela. Parecia que eu estava “em alfa”, fiquei o dia inteiro flutuando, eu fiquei o dia inteiro assim. Eu sentia que Deus estava comigo, que ele me pegou no colo nessa	Pedia a Deus todo dia para não deixar se sentir sozinha ou impotente na hora da morte do pai. Considera-se a pessoa mais forte da família. Sua súplica a Deus era por iluminação, orientação, pois muita gente dependia dela. Sua oração era para que seu pai não sofresse e para que Deus o levasse. Pedia que seu pai descansasse, pois não era justo ele ficar sofrendo. Era melhor seu pai estar com Deus. Já estava cansada de pedir a Deus que não deixasse passar mais um dia! Agradece a Deus pois não suportava ver o sofrimento do pai, só se fosse para melhorar, mas sabia que isso não iria acontecer. Pediu que Deus ficasse com ela, pois não sabia como iria encarar a situação. Disse que nunca sentiu tanta calma. Parecia que estava em “alfa”, sentia que estava flutuando. Sentiu que Deus a carregava no colo. Deus estava com ela naquele momento trazendo calma. Talvez depois pudesse se descabelar, mas disse que teria que fazer as coisas que precisariam ser feitas. Relata sobre a igreja, sua cura, a presença cuidadora da igreja como contribuição para não se sentir um lixo e ter conseguido fazer o que considerava necessário naquele momento.

hora.” [1] “eu não preciso disso, porque Deus já está fazendo a parte dele.” [1] “Não, é diferente: Deus está comigo e ele está me acalmando, pode ser que depois eu descabele, que eu queira fazer alguma coisa, mas hoje não, eu preciso fazer as coisas que tem que ser feitas hoje” [1] “Depois disso, eu senti: “Nossa, está sim, e ai de quem fala que Deus não está”. Porque eu senti, eu e Ele ali... Nossa, se eu não tivesse sede de igreja, tantos anos, me curado, querer saber, eu acho que não teria conseguido nada disso, simplesmente levantava da minha cama “Oh! Papai morreu, meu mundo acabou”. Eu acho que eu estaria um lixo e não teria conseguido fazer um terço daquilo que eu fiz.” [1] “Eu não sei, foi assim um dia, apesar do dia mais dolorido até hoje, foi o dia que eu senti uma calmaria absurda, eu me senti assim, apesar de muita gente ter vindo aqui por mim, as pessoas da faculdade, eu sentia assim que Deus já tinha vínculo comigo, não precisava vir todo mundo está aqui, porque eu estava bem. Foi a melhor coisa que Deus fez na minha vida até hoje: ter estado comigo. E mostrou a mim... Parecia que dizia: “Eu estou aqui, não fica mal, vá fazer as suas coisas em paz que eu estou aqui e vai ser bom”. [1] “Aí não sei, eu me senti nova, só eu mesmo pra fazer isso, como Deus fez comigo. E o engraçado é que eu nunca tinha sentido essa força de Deus na minha vida, que é como a dar muito mais valor” [1]	

“Eu fiquei assim: parecia que estava numa calma que o pessoal aqui falava que eu tinha tomado diazepam.” [2] “pode deixar que eu faço tudo.” [2] “Eu fui, subi e entrei no quarto do meu pai, abri o guarda-roupa, olhei assim, numa calma que eu não sei se vou ter outra vez. Eu peguei assim... Me deu uma vontade de sorrir, de rir, quando abri o guarda-roupa... Parecia que saiu um tijolo, parecia que eu estava torcendo por ele, pois ele estava doente.” [2] “Ah, me leva lá que eu quero arrumar, que eu quero fazer tudo, ninguém vai fazer nada, papai é meu e eu sei que eu sou a pessoa mais indicada que pode fazer isso”. [2] “Eu fui atrás de médico para fazer o laudo, fazer tudo, eu escolhi caixão, eu dei baixa em todos os documentos, porque ninguém conseguia fazer nada. Eu fui, só que tudo numa calma absurda que o pessoal falava assim pra mim:” [2] “Eu ficava assim toda idiota, sabe? “Que lindo!”. Só via coisa boa e o pessoal se matando e eu assim.” [2] “Aí eu falei: “Não, não é possível”. Aí o pessoal falou: “Ela está precisando ir num médico porque ela está numa calma absurda; o que é que você deu pra ela?”. Falava assim: “Não é possível! O que está acontecendo?”. [2] “Assim não é possível, que dia estranho e eu ainda me sentia calma.” [2] “Só que eu ainda estava controlada, calma” [2]	Estava numa calma, deu vontade de sorrir quando abriu o guarda-roupa do pai, é como se tivesse se sentido aliviada, pois estava torcendo por ele. As pessoas falaram que ela estava precisando de um médico, diante da calma “absurda” que apresentava. Embora fosse um dia dolorido e estranho, sentia-se calma. Deus estava vinculado a ela. A melhor coisa que Deus fez na vida dela foi ter estado com ela. Quando recebeu a notícia da morte do pai, começou a tremer todo o corpo, mas depois sentiu-se calma. Sentiu que podia tudo, que tudo estava ao seu alcance. Isso não tem explicação. Foi o dia mais dolorido de sua vida. Foi uma experiência fantástica. Queria arrumar tudo. Foi atrás do médico, da documentação, escolheu o caixão. Disse que era a pessoa mais indicada para lidar com os procedimentos do enterro. Tudo foi feito numa calma “absurda”.

“mas foi uma experiência fantástica que eu nunca pensei. Eu temia que quando eu sentei na cama, quando escutei a notícia e que o meu irmão não teve nem a coragem de me falar, eu comecei a tremer de um jeito que todos os meus ossos batiam de nervoso, o dente batia, tudo tremia, só que depois começou uma calmaria, eu pensei: “Nossa, hoje eu posso tudo. E só senti que tudo estava ao meu alcance porque eu não poderia ter feito melhor. Não tem nem como explicar.” [2]	
“e eu sei que todo mundo da igreja estava aqui, eu recebi apoio de todo mundo, só que via a minha família” [3] “Não sei, mas acho que foi isso mesmo. Foi fantástico! Foram essas pessoas que eu nem imaginava que iam se importar estar aqui dando o melhor delas que eu nem imaginava. Eu olhava essa pessoa aqui na igreja, muita gente saindo dos empregos pra vir, aí você cai na real: “Nossa, essa é uma comunidade digna de fé que está pra em prol do irmão, não vem aqui só pra olhar quem morreu”. Foi a sensação de solidariedade. [3]	Recebeu apoio da igreja e de pessoas que nem imaginava. Valorizou a comunidade, dizendo que ela é digna de fé. Sentiu solidariedade por parte da igreja. Sentiu-se nova, com o que Deus fez com ela. Nunca sentiu antes essa força de Deus.
“Aí na hora em que levaram ele embora começou a me dar aperto, porque eu não ia ver ele nunca mais. “Como ele está aqui?” “Ele está em casa”. “Ele vai voltar”... Aí começou aquela confusão. Aí começava a pensar: eu só conseguia pensar coisas boas dos últimos dias, aí quando chegou lá no cemitério, que foi me dar outro click na hora. Eu fiquei de costas o tempo todo. Eu falei: “Não preciso ver isso, eu quero lembrar de coisas boas, eu não quero coisas ruins”. Quando eu olhei na hora que abaixaram, eu comecei a bater na minha mãe com o namorado dela. “Não vamos deixar ele sozinho aqui; André, eu não quero ir embora, eu vou ficar aqui, coitadinho”, eu falava. Aí ele olhava assim: “O que é que foi, o que é isso? Teu pai não está mais aqui”. E eu falava: “Vamos levar ele embora”. Eu falei pra ele (risos), aí eu disse: “Não deixa eu ir embora”. Aí eu fui confusa pra casa, só	Na hora do sepultamento, começou a sentir aperto, porque não o veria nunca mais. Ficou confusa. Pensou nos últimos dias. Quando chegou no cemitério deu um *click*. Ficou de costas o tempo todo no sepultamento, pedindo para os familiares não deixarem o pai sozinho no cemitério. Queria lembrar de coisas boas e não ruins. Pediu que não deixassem seu pai ir embora. Foi para casa, sentindo-se confusa. Quando chegou em casa sentiu falta de alguma coisa como o pai havia sido enterrado não conseguiu ligar a situação e começou a sentir desespero.

que depois que eu cheguei, entrei em casa para pegar as minhas coisas...” [4] “Então, entrei e quando eu vi a sala vazia, está faltando alguma coisa que eu não sei o que é, e como ele estava no hospital, então eu não consegui ligar a situação, aí começou a me dar um desespero.” [4]	
“Só fui me dar conta quando todo mundo resolveu ir pra casa dois dias depois, que eu vi que ele não estava mais, aí eu fui ligar ao dia, aí me bateu aquela culpa absurda de não ter ficado o dia todo com ele, o dia que ele estava bem. Aí eu me descabelei, eu chorei, eu fiquei roxa o dia inteiro de chorar que eu nem aguentava. “Mas não é possível, eu devia ter ficado, como fui egoísta, ele estava bem, e eu não quis ficar lá e eu não pude aproveitar”. Aí eu fiquei assim me sentindo a pior das piores, o último segundo que eu poderia ter aproveitado e eu não aproveitei.” (...) “Não sei bem, mas fica aquele sentimento: eu podia ter feito melhor, eu podia ter feito mais, eu podia, eu podia, mas o tal do “eu podia” é quando a gente perde as coisas que a gente perde e pensa.” [5]	Começou a se dar conta do que havia acontecido dois dias depois, quando resolveu ir para casa. Sentiu-se culpada de não ter ficado todo o dia com o pai. Chorou o dia inteiro cobrando-se pelo fato de não ter ficado mais com seu pai. Considerou-se egoísta. Poderia ter aproveitado mais. Disse que poderia ter feito melhor.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“eu pedia todo dia para Deus não deixar de forma alguma eu me sentir sozinha ou impotente nessa hora; porque querendo ou não, por ser mais nova, eu estava sendo a pessoa mais forte da família.” [1] “Pelo amor de Deus, me ilumina, me orienta porque eu não vou poder depender de ninguém porque tem muita gente dependendo de mim”. [1] “Deus, não deixe passar mais um dia nesse sofrimento porque ele não merece”. Eu cheguei em casa, fiquei até as duas da manhã, pedindo pelo amor de Deus para levá-lo, que não era justo,” [1] “e eu pedindo pelo amor de Deus para que meu pai descansasse, “porque não é justo a gente querer uma pessoa aqui sofrendo, e ele vai estar muito melhor com você do que conosco”. Aí eu orei, até eu olhei no relógio, eram duas horas da manhã, estava cansada já de pedir pelo amor de Deus para ele não passar mais um dia e aí dormi.” [1] “Deus, muito obrigada porque eu não suporto ver uma pessoa sofrendo desse jeito, é desnecessário, só se fosse pra ela melhorar, eu sei que isso não vai acontecer, então que esteja aí contigo. Agora eu só peço uma coisa pro Senhor: fica comigo esses dias que porque eu não sei como eu vou encarar essa situação”. [1] “Na minha vida de tantas coisas que eu já passei, eu nunca senti uma calma tão absurda daquela. Parecia que eu estava “em alfa”, fiquei o dia inteiro flutuando, eu fiquei o dia inteiro assim. Eu sentia que Deus estava comigo, que ele me pegou no colo nessa hora.” [1] “eu não preciso disso, porque Deus já está fazendo a parte dele.” [1]	1. A fé que dá suporte para a vivência do luto

“Não, é diferente: Deus está comigo e ele está me acalmando, pode ser que depois eu descabele, que eu queira fazer alguma coisa, mas hoje não, eu preciso fazer as coisas que tem que ser feitas hoje”. [1] “Aí não sei, eu me senti nova, só eu mesmo pra fazer isso, como Deus fez comigo. E o engraçado é que eu nunca tinha sentido essa força de Deus na minha vida, que é como a dar muito mais valor”. [1] “Eu não sei, foi assim um dia, apesar do dia mais dolorido até hoje, foi o dia que eu senti uma calmaria absurda, eu me senti assim, apesar de muita gente ter vindo aqui por mim, as pessoas da faculdade, eu sentia assim que Deus já tinha vínculo comigo, não precisava vir todo mundo está aqui, porque eu estava bem. Foi a melhor coisa que Deus fez na minha vida até hoje: ter estado comigo. E mostrou a mim... Parecia que dizia: “Eu estou aqui, não fica mal, vá fazer as suas coisas em paz que eu estou aqui e vai ser bom”. [1] “Depois disso, eu senti: “Nossa, está sim, e ai de quem fala que Deus não está”. Porque eu senti, eu e Ele ali... Nossa, se eu não tivesse sede de igreja, tantos anos, me curado, querer saber, eu acho que não teria conseguido nada disso, simplesmente levantava da minha cama “Oh! Papai morreu, meu mundo acabou”. Eu acho que eu estaria um lixo e não teria conseguido fazer um terço daquilo que eu fiz.” [1]	
“Eu fiquei assim: parecia que estava numa calma que o pessoal aqui falava que eu tinha tomado diazepam.”. [2] “pode deixar que eu faço tudo.” [2] “Eu fui, subi e entrei no quarto do meu pai, abri o guarda-roupa, olhei assim, numa calma que eu não sei se vou ter outra vez. Eu peguei assim... Me deu uma vontade de sorrir, de rir, quando abri o guarda-roupa... Parecia que saiu um tijolo, parecia que eu estava torcendo por ele, pois ele estava	2. O luto mediado pela serenidade

doente.” [2] “Ah, me leva lá que eu quero arrumar, que eu quero fazer tudo, ninguém vai fazer nada, papai é meu e eu sei que eu sou a pessoa mais indicada que pode fazer isso”. [2] “Eu fui atrás de médico para fazer o laudo, fazer tudo, eu escolhi caixão, eu dei baixa em todos os documentos, porque ninguém conseguia fazer nada. Eu fui, só que tudo numa calma absurda que o pessoal falava assim pra mim:” [2] “Eu ficava assim toda idiota, sabe? “Que lindo!”. Só via coisa boa e o pessoal se matando e eu assim.” [2] “Aí eu falei: “Não, não é possível”. Aí o pessoal falou: “Ela está precisando ir num médico porque ela está numa calma absurda; o que é que você deu pra ela?”. Falava assim: “Não é possível! O que está acontecendo?”. [2] “Assim não é possível, que dia estranho e eu ainda me sentia calma.” [2] “Só que eu ainda estava controlada, calma” [2] “mas foi uma experiência fantástica que eu nunca pensei. Eu temia que quando eu sentei na cama, quando escutei a notícia e que o meu irmão não teve nem a coragem de me falar, eu comecei a tremer de um jeito que todos os meus ossos batiam de nervoso, o dente batia, tudo tremia, só que depois começou uma calmaria, eu pensei: “Nossa, hoje eu posso tudo. E só senti que tudo estava ao meu alcance porque eu não poderia ter feito melhor. Não tem nem como explicar.” [2]	
“e eu sei que todo mundo da igreja estava aqui, eu recebi apoio de todo mundo, só que via a minha família”. [3]	3. Presença Cuidadora no processo do luto

“Não sei, mas acho que foi isso mesmo. Foi fantástico! Foram essas pessoas que eu nem imaginava que iam se importar estar aqui dando o melhor delas que eu nem imaginava. Eu olhava essa pessoa aqui na igreja, muita gente saindo dos empregos pra vir, aí você cai na real: “Nossa, essa é uma comunidade digna de fé que está pra em prol do irmão, não vem aqui só pra olhar quem morreu”. Foi a sensação de solidariedade. [3]	
“Aí na hora em que levaram ele embora começou a me dar aperto, porque eu não ia ver ele nunca mais. “Como ele está aqui?” “Ele está em casa”. “Ele vai voltar”... Aí começou aquela confusão. Aí começava a pensar: eu só conseguia pensar coisas boas dos últimos dias, aí quando chegou lá no cemitério, que foi me dar outro click na hora. Eu fiquei de costas o tempo todo. Eu falei: “Não preciso ver isso, eu quero lembrar de coisas boas, eu não quero coisas ruins”. Quando eu olhei na hora que abaixaram, eu comecei a bater na minha mãe com o namorado dela. “Não vamos deixar ele sozinho aqui; André, eu não quero ir embora, eu vou ficar aqui, coitadinho”, eu falava. Aí ele olhava assim: “O que é que foi, o que é isso? Teu pai não está mais aqui”. E eu falava: “Vamos levar ele embora”. Eu falei pra ele (risos), aí eu disse: “Não deixa eu ir embora”. Aí eu fui confusa pra casa, só que depois que eu cheguei, entrei em casa para pegar as minhas coisas...” [4] “Então, entrei e quando eu vi a sala vazia, está faltando alguma coisa que eu não sei o que é, e como ele estava no hospital, então eu não consegui ligar a situação, aí começou a me dar um desespero.” [4]	4. O luto como desorganizador do ser
“Só fui me dar conta quando todo mundo resolveu ir pra casa dois dias depois, que eu vi que ele não estava mais, aí eu fui ligar ao dia, aí me bateu aquela culpa absurda de não ter ficado o dia todo com ele, o dia que ele estava bem. Aí eu me descabelei, eu chorei, eu fiquei roxa o dia inteiro de chorar que eu nem aguentava. “Mas não é possível, eu devia ter ficado, como fui egoísta, ele estava bem, e eu não quis ficar lá e eu não pude aproveitar”. Aí eu fiquei assim me sentindo a pior das piores, o último segundo que eu poderia ter aproveitado e eu não aproveitei.” [5]	5. O luto mediado pela culpa

“Não sei bem, mas fica aquele sentimento: eu podia ter feito melhor, eu podia ter feito mais, eu podia, eu podia, mas o tal do “eu podia” é quando a gente perde as coisas que a gente perde e pensa.” [5]	

Relato 8

S. A. F.

Sexo: Feminino

Idade: 22 anos

Análise Ideográfica

A fé de S.A.F. deu suporte a seu luto, pois pedia a Deus para que não a deixasse sentir-se sozinha ou impotente na hora da morte do pai. S. A. F. explicitou que sua súplica a Deus era por iluminação, orientação, pois muita gente dependia dela e sua oração era um pedido para que o pai não sofresse e para que Deus o levasse. Pedia que seu pai descansasse, pois não era justo ele ficar sofrendo, era melhor estar com Deus. Ela agradece a Deus, pois não suportava ver o sofrimento do pai, só se fosse para melhorar, mas sabia que isso não iria ocorrer. Ela pediu que Deus ficasse com ela, pois não sabia como encarar a situação. Considera-se a pessoa mais forte da família. Relatou que nunca sentira tanta calma, parecia que estava em "alfa", sentia que estava flutuando e sentiu que Deus a carregava no colo. Deus estava com ela naquele momento da morte do pai. Em seu relato, afirmou que sabia que talvez pudesse se descabelar mais tarde, mas naquele momento teria que fazer as coisas que precisavam ser feitas. Ela relatou sobre o apoio da igreja e declarou que sentiu Deus perto dela, senão estaria "um lixo" e não conseguiria fazer um terço do que fez. A calma que sentiu no dia da morte do pai possibilitou-lhe organizar os procedimentos para o funeral. As pessoas falavam que ela estava precisando de um médico, diante da calma que apresentava. Embora tenha sido um dia dolorido e estranho, sentia calma. Segundo ela, Deus estava vinculada a ela. A melhor coisa que Deus fez em sua vida foi ter estado com ela. Quando recebeu a notícia da morte do pai, seu corpo todo começou a tremer, mas depois sentiu-se calma. Ela sentiu que podia tudo, que tudo estava ao seu alcance e isso não tem explicação, pois foi o dia mais dolorido de sua vida e, ao mesmo tempo, uma experiência fantástica. S.A.F. foi atrás do médico, da documentação, escolheu o caixão, pois, segundo ela, era a pessoa mais indicada para lidar com os procedimentos do enterro e tudo foi feito numa calma absurda. Em seu relato, apresenta a presença cuidadora da igreja e de pessoas que nem conhecia. S.A.F. valorizou a comunidade, dizendo que ela é digna de fé, pois sentiu solidariedade por parte da igreja. Sentiu-se nova, com o que Deus fez com ela, pois nunca experimentara essa força de Deus. Na hora do sepultamento, começou a sentir angústia, porque não o veria nunca mais. Ela ficou de costas

para o caixão o tempo todo no cemitério, pedindo que os familiares não deixassem o pai sozinho no cemitério. Pediu que não deixassem o pai ir embora. Ela foi para casa, confusa. Quando chegou em casa sentiu falta de alguma coisa e entrou em desespero. Começou a se dar conta do que havia acontecido dois dias depois. Seu luto foi vivenciado pela culpa por não ter ficado com seu pai por mais tempo. Relatou que se considerou egoísta, e que poderia ter feito melhor.

Relato 9

H. F.

Sexo: Masculino

Idade: 49 anos

Como o senhor viveu a sua experiência do luto?

[1] É uma situação meio difícil de explicar porque dos meus parentes a minha irmã não é cristã. Então me sentia assim impotente no momento de poder saber como agir nessa situação. Eu queria passar as condolências, eu queria passar um pouco de fé a eles, um pouco de carinho, mas acabei ficando impotente nesse momento. Eu não soube lidar com pessoas que se estivessem comigo na caminhada cristã seria mais fácil, mas explicar pra elas um filho de 14 anos que ia fazer 15 anos, ir embora assim tão repentinamente, que teve leucemia, que ficou 15 dias no hospital e veio a falecer, um rapaz forte que jogava basquetebol, era um corpo de atleta e perder assim com 15 anos, não deu pra explicar pra eles a vontade de Deus naquele momento. Tanto que eles ficaram muito revoltados até com Deus e revoltados até conosco que pregávamos uma coisa e no fim deu outra. Pediram orações, fomos visitar no hospital, ungimos com óleo, mas só que daí conversando até com o pastor W. para explicar esta situação pra nós. Eles pediram para todo o tipo de coisa, pediram para umbanda, pediram para a católica, foram atrás de tudo, quando viram que não tinha mais saída pra ele, porque eles são bem financeiramente, viram que o dinheiro não é tudo, o que manda é a gente ter o coração aberto pra Deus. Eles foram atrás de tudo quanto era necessidade, daí até o pastor W. falou "Se porventura Deus deixasse ele viver, pra quem seria a glória?" Pra outros deuses? Então, Deus fez o que foi necessário, levou pra Ele. **[2] Eu até também sinto que o Senhor levou pra Ele porque era um menino muito diferente dos outros irmãos dele, não era interessado em dinheiro, não era assim muito de querer só as coisas materiais. Eu senti muito também de não ter feito isso: ajudado antes, talvez ele podia ter ingressado conosco nessa caminhada, mas foi muito difícil para os meus filhos, que foram criados juntos com ele, pra minha mãe e pra minha irmã que até hoje não superou esta situação ainda e continua áspera.** Você chega e fala de Deus com ela e é muito complicado. Eles acham que Deus não devia ter feito o que fez, mas também eles não fizeram o que Deus acharia que eles deviam ter feito. E depois de três meses, faleceu uma tia que morava junto comigo com 84 anos. Nós estávamos aqui no culto, e quando chegamos em

casa estava caída no quintal. Justamente nesse dia meu filho fazia aniversário, no dia 30 de julho de 2006, e ficou assim meio traumatizado, mas glória a Deus porque ela era uma senhorinha muito bacana e acreditamos que Deus esteja guardando ela onde estiver. **[3] Mas passar por essas experiências é difícil, tive muito apoio do pastor C., do pastor W. e apoio desta nossa amada igreja aqui que nos apoiou em todos os sentidos. Nunca fiquei sozinho, sempre tivemos eles para estar do nosso lado, por isso que eu digo: para aqueles que não têm o amor dos irmãos, não da carne, mas os irmãos espirituais, é diferente da situação que passamos quando nós não estamos nesse meio.** O que eu vejo com a minha irmã e com o meu cunhado é que são bem financeiramente, são bem-sucedidos, mas espiritualmente não vivem bem. A minha tia faleceu em julho, três meses depois, um jovem e a mais velha da família, o mais jovem e o mais velho. **[5] Quer dizer, graças a Deus, eu sinto assim; se eu não tivesse, hoje, com Deus, aceitado a Jesus Cristo há sete anos, eu acho que seria muito difícil assimilar, seria que nem a minha irmã:** "Mas que Deus é esse que me tira uma pessoa tão nova assim com tanta possibilidade de fazer tantas coisas?" Daí vem o questionamento: "Será que eu estava errado? Eu estava certo?" E quem estava errado e quem estava certo ninguém vai ficar sabendo. Mas eu estou sempre orando pra que eles possam abrir o coração e não ficar tão de mal assim com Deus porque Deus sabe de todas as coisas. (Uma interrupção no diálogo, uma outra pessoa chega no recinto e pede alguma coisa). A gente fala: quando não é com a gente diretamente... O que eu digo é que a minha família é os meus filhos e a minha mulher. Então como um sobrinho, como uma tia... Mas a gente vivia diretamente com eles. **[5] Quando a gente não tem Deus no coração, é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação muito sem explicação, não tem explicação.** A minha tia tinha 84 anos, glória Deus, eu quero também viver 84 anos, mas um jovem que tem 15 anos com uma vida pela frente e morrer na situação em que ele morreu? Foi morrendo aos poucos, assim muito sofrimento, quinze dias no hospital morrendo aos poucos... **[2] A leucemia parece que vai comendo aos poucos e o que eu falo para as pessoas é que temos que ter Deus no coração, que um luto de um cristão é diferente de um luto de quem não é cristão. O luto quando é cristão, a gente vê a pessoa falecer, a gente sente saudade com tantos que têm, sente saudade sim, mas sabe que ele está no lugar que todos nos almejamos chegar lá que é a vida eterna [1]; mas quando se sabe que a pessoa morreu e não aceitou e não descobriu que era isso, fica triste no seu coração porque você não sabe se ela foi salva ou não foi salva, fica essa dúvida no seu coração. [3] Então, fiquei muito triste por causa disso porque às vezes deixamos de fazer alguma coisa que poderia ter salvado esse menino pra gente. Achei que falhei nesse**

ponto que tinha como alcance; então nós vamos aprendendo a entender. As pessoas morrem sem saber porque a gente não fala da Palavra do Senhor. E isso depois daquele tempo me afetou muito, eu comecei a falar da Palavra de Deus para aqueles que estão nos visitando porque eu vi que se eu tivesse falado pro meu sobrinho, que é meu parente ali dentro, poderia ter conseguido aquela alma pra Jesus. Mas o momento, embora eles não gostem; não importa a circunstância, tem que investir naquilo. Então, nessa parte eu fiquei muito triste, achei que falhei nesse ponto, poderia ter salvo; salvo não, porque quem salva é Jesus Cristo, mas poderia ter mostrado o caminho para meu sobrinho e através dele seus pais hoje poderiam estar também nessa caminhada. E da minha tia só peço a Deus que – como ela já era velhinha e não entendia muita coisa, ela vinha na igreja, mas, coitada, só vinha por vir, não entendia nada – tenha misericórdia da vida dela. **[2] O luto do cristão é diferente do luto de quem não é cristão, porque o Senhor nos conforta, o Senhor tem essa capacidade – capacidade não, o Senhor tem toda capacidade, mas Ele nos dá a capacidade de superar essas crises, esses momentos difíceis.** Graças a Deus eu não sei o que é perder um filho, mas peço a Deus que se isso porventura acontecer esteja preparado pra saber que a vontade é de Deus e não nossa. Espero que possa ter ajudado nessa situação de luto. Às vezes as pessoas nos falam: você tem um coração meio frio. **[2] Sabe, eu acho que o cristão tem que ter a cabeça no lugar; sobre esse caso, eu achei interessante nossa segurança, mas quem dá segurança é Deus e não a gente. Sempre tem que ter alguém na família que esteja com a cabeça firme porque senão você se perde.** Tanto é que no dia que eu fui atropelado pensaram até que eu tinha morrido ali na rua, mas não morri (risos), graças a Deus eu estou aqui. A gente tem que estar bem, como é bom a gente ter pessoas do nosso lado, não é? A igreja me apoiou, todos me apoiaram, o pastor C. até estava nesse momento do atropelamento: terminou o culto ali, o carro veio e me atropelou. Quer dizer, se eu morresse ali, eu morreria tranquilo porque estou deixando a minha família na mão do Senhor, todos, eu e minha casa temos servido ao Senhor, e eu estava servindo ao Senhor. **[1] Mas quando as pessoas não servem ao Senhor, você fica com um sentimento de impotência.** Levei a Palavra pra minha irmã, não adiantou nada, já passou um ano dessa situação e ainda continua com o coração petrificado, ainda duro por causa da morte do filho. Sabendo que eles têm responsabilidade nisso porque o dinheiro não resolve nada, o que resolve é abrir o seu coração pra Deus entrar e deixar Ele agir nas nossas vidas.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
"É uma situação meio difícil de explicar porque dos meus parentes a minha irmã não é cristã. Então me sentia assim impotente no momento de poder saber como agir nessa situação. Eu queria passar as condolências, eu queria passar um pouco de fé a eles, um pouco de carinho, mas acabei ficando impotente nesse momento. Eu não soube lidar com pessoas que se estivessem comigo na caminhada cristã seria mais fácil" [1] "mas quando se sabe que a pessoa morreu e não aceitou e não descobriu que era isso, fica triste no seu coração porque você não sabe se ela foi salva ou não foi salva, fica essa dúvida no seu coração". [1] "Mas quando as pessoas não servem ao Senhor, você fica com um sentimento de impotência". [1]	É uma situação meio difícil de explicar porque sua irmã não é cristã. Sentiu-se impotente diante da situação. Queria oferecer condolências, um pouco de fé, carinho, mas sentiu-se impotente. Não soube lidar com as pessoas. Ficou triste e com dúvida porque não sabe se o sobrinho foi "salvo". Quando as pessoas não servem ao Senhor, há um sentimento de impotência.
"Eu até também sinto que o Senhor levou pra Ele porque era um menino muito diferente dos outros irmãos dele, não era interessado em dinheiro, não era assim muito de querer só as coisas materiais. Eu senti muito também de não ter feito isso: ajudado antes, talvez ele podia ter ingressado conosco nessa caminhada, mas foi muito difícil para os meus filhos, que foram criados juntos com ele, pra minha mãe e pra minha irmã que até hoje não superou esta situação ainda e continua áspera". [2] "A leucemia parece que vai comendo aos poucos e o que eu falo para as pessoas é que temos que ter Deus no coração, que um luto de um cristão é diferente de um luto de quem não é cristão. O luto quando é cristão, a gente vê a pessoa falecer, a gente sente saudade com tantos que têm, sente saudade sim, mas sabe que ele está no lugar que todos nos almejamos chegar lá que é a	Disse que o Senhor levou seu sobrinho para Ele, pois ele era diferente dos seus irmãos, não pensava em coisas materiais. Sentiu muito por não tê-lo ajudado antes a ingressar na caminhada cristã. Foi difícil para os familiares do entrevistado. Sua irmã [mãe do seu sobrinho] até hoje não superou a perda. O luto do cristão é diferente do luto de um não cristão. Quando é cristão, sente saudade, mas sabe que está num lugar a que almejamos chegar: a vida eterna. É diferente porque Deus conforta o cristão. Deus dá a capacidade de superar essas crises e momentos difíceis. O cristão tem que ter a cabeça no lugar. Sentiu segurança, que veio de Deus.

vida eterna". [2] "O luto do cristão é diferente do luto de quem não é cristão, porque o Senhor nos conforta, o Senhor tem essa capacidade – capacidade não, o Senhor tem toda capacidade, mas Ele nos dá a capacidade de superar essas crises, esses momentos difíceis". [2] "Sabe, eu acho que o cristão tem que ter a cabeça no lugar; sobre esse caso, eu achei interessante nossa segurança, mas quem dá segurança é Deus e não a gente. Sempre tem que ter alguém na família que esteja com a cabeça firme porque se não você se perde". [2]	
"Mas passar por essas experiências é difícil, tive muito apoio do pastor C., do pastor W. e apoio desta nossa amada igreja aqui que nos apoiou em todos os sentidos. Nunca fiquei sozinho, sempre tivemos eles para estar do nosso lado, por isso que eu digo: para aqueles que não têm o amor dos irmãos, não da carne, mas os irmãos espirituais, é diferente da situação que passamos quando nós não estamos nesse meio." (...) [3]	È difícil passar por essas experiências. Teve apoio dos seus pastores e de sua igreja. Não ficou sozinho, teve apoio dos irmãos espirituais, o que faz diferença na situação, fica diferente quando não temos esse tipo de apoio.
"Então, fiquei muito triste por causa disso porque às vezes deixamos de fazer alguma coisa que poderia ter salvado esse menino pra gente. Achei que falhei nesse ponto que tinha como alcance; então nós vamos aprendendo a entender. As pessoas morrem sem saber porque a gente não fala da Palavra do Senhor. E isso depois daquele tempo me afetou muito, eu comecei a falar da Palavra de Deus para aqueles que estão nos visitando porque eu vi que se eu tivesse falado pro meu sobrinho, que é meu parente ali dentro, poderia ter conseguido aquela alma pra Jesus". [4]	Ficou muito triste, por achar que devia ter feito alguma coisa para salvar seu sobrinho. Acha que falhou nesse sentido. O fato de as pessoas morrerem sem saber a Palavra de Deus o afetou muito, tanto que acredita que se tivesse falado para o sobrinho, poderia ter conseguido essa alma para Jesus.
"Quer dizer, graças a Deus, eu sinto assim; se eu não tivesse, hoje, com Deus, aceitado a Jesus Cristo há sete anos, eu acho	Se não tivesse aceitado a Jesus Cristo, seria muito difícil assimilar. Quando não se tem Deus no coração, é difícil superar essa crise

que seria muito difícil assimilar, seria que nem a minha irmã". [5] "Quando a gente não tem Deus no coração, é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação muito sem explicação, não tem explicação" [5]	psicológica porque é uma situação que não tem explicação.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“É uma situação meio difícil de explicar porque dos meus parentes a minha irmã não é cristã. Então me sentia assim impotente no momento de poder saber como agir nessa situação. Eu queria passar as condolências, eu queria passar um pouco de fé a eles, um pouco de carinho, mas acabei ficando impotente nesse momento. Eu não soube lidar com pessoas que se estivessem comigo na caminhada cristã seria mais fácil” [1] “mas quando se sabe que a pessoa morreu e não aceitou e não descobriu que era isso, fica triste no seu coração porque você não sabe se ela foi salva ou não foi salva, fica essa dúvida no seu coração”. [1] “Mas quando as pessoas não servem ao Senhor, você fica com um sentimento de impotência”. [1]	1. O luto como desorganizador do ser
“Eu até também sinto que o Senhor levou pra Ele porque era um menino muito diferente dos outros irmãos dele, não era interessado em dinheiro, não era assim muito de querer só as coisas materiais. Eu senti muito também de não ter feito isso: ajudado antes, talvez ele podia ter ingressado conosco nessa caminhada, mas foi muito difícil para os meus filhos, que foram criados juntos com ele, pra minha mãe e pra minha irmã que até hoje não superou esta situação ainda e continua áspera”. [2] “A leucemia parece que vai comendo aos poucos e o que eu falo para as pessoas é que temos que ter Deus no coração, que um luto de um cristão é diferente de um luto de quem não é cristão. O luto quando é cristão, a gente vê a pessoa falecer, a gente sente saudade com tantos que têm, sente saudade sim, mas sabe que ele está no lugar que todos nos almejamos chegar lá que é a vida eterna”. [2] “O luto do cristão é diferente do luto de quem não é cristão, porque o	2. Racionalização do luto

Senhor nos conforta, o Senhor tem essa capacidade – capacidade não, o Senhor tem toda capacidade, mas Ele nos dá a capacidade de superar essas crises, esses momentos difíceis". [2] "Sabe, eu acho que o cristão tem que ter a cabeça no lugar; sobre esse caso, eu achei interessante nossa segurança, mas quem dá segurança é Deus e não a gente. Sempre tem que ter alguém na família que esteja com a cabeça firme porque se não você se perde". [2]	
"Mas passar por essas experiências é difícil, tive muito apoio do pastor C., do pastor W. e apoio desta nossa amada igreja aqui que nos apoiou em todos os sentidos. Nunca fiquei sozinho, sempre tivemos eles para estar do nosso lado, por isso que eu digo: para aqueles que não têm o amor dos irmãos, não da carne, mas os irmãos espirituais, é diferente da situação que passamos quando nós não estamos nesse meio." (...). [3]	3. Presença Cuidadora no processo do luto
"Então, fiquei muito triste por causa disso porque às vezes deixamos de fazer alguma coisa que poderia ter salvado esse menino pra gente. Achei que falhei nesse ponto que tinha como alcance; então nós vamos aprendendo a entender. As pessoas morrem sem saber porque a gente não fala da Palavra do Senhor. E isso depois daquele tempo me afetou muito, eu comecei a falar da Palavra de Deus para aqueles que estão nos visitando porque eu vi que se eu tivesse falado pro meu sobrinho, que é meu parente ali dentro, poderia ter conseguido aquela alma pra Jesus". [4]	4. O luto mediado pela culpa
"Quer dizer, graças a Deus, eu sinto assim; se eu não tivesse, hoje, com Deus, aceitado a Jesus Cristo há sete anos, eu acho que seria muito difícil assimilar, seria que nem a minha irmã". [5]. "Quando a gente não tem Deus no coração, é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação muito sem explicação, não tem explicação". [5]	5. A fé como suporte para vivência do luto

Relato 9

H. F.

Sexo: Masculino

Idade: 49 anos

Análise Ideográfica

H.F. iniciou seu relato evidenciando que é uma situação meio difícil de explicar porque sua irmã não é cristã. Ele queria oferecer condolências, um pouco de fé, carinho, mas sentiu-se impotente, pois não soube lidar com as pessoas. Ficou triste e com a dúvida de não saber se o sobrinho foi "salvo". Para ele, quando as pessoas não servem ao Senhor, há um sentimento de impotência. Em seu relato, disse que o Senhor levou seu sobrinho para si, pois ele era diferente dos irmãos, não pensava em coisas materiais. Sentiu muito por não ter ajudado seu sobrinho antes a ingressar na caminhada cristã, pois foi difícil para seus familiares. Segundo ele, sua irmã, mãe de seu sobrinho], até hoje não superou a perda. A presença cuidadora da igreja e de seus pastores ajudou a lidar com a experiência do luto; não ficou sozinho, teve apoio dos irmãos espirituais, o que faz uma diferença na situação, pois geralmente não temos esse tipo de apoio. Sente-se culpado e muito triste, por achar que devia ter feito alguma coisa para salvar seu sobrinho. Acha que falhou nesse sentido. Para ele, o fato de as pessoas morrerem sem saber a Palavra de Deus o afetou muito, tanto que acredita que, se tivesse falado sobre a Palavra de Deus para o sobrinho, poderia ter conseguido essa alma para Jesus. Relatou que, se não tivesse aceitado a Jesus Cristo, seria muito difícil assimilar a perda. Para ele, quando não se tem Deus no coração, é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação que não tem explicação. H.F. relatou que o luto do cristão é diferente do luto de um não cristão; quando se é cristão, a saudade existe mas se sabe que aquele que morreu está em um lugar a que almejamos chegar: o lugar da vida eterna. Segundo ele, o luto é diferente porque Deus conforta o cristão. Deus dá a capacidade de superar as crises e os momentos difíceis. Se Ele dá a segurança, o cristão deve manter "a cabeça no lugar".

Relato 10

A. L. R.

Sexo: F

Idade: 76 anos

Como a senhora viveu a sua experiência de luto?

[1] Foi muito difícil. Eu queria me conformar com isso, tinha pedido muito a Deus que me desse conforto, me desse entendimento por causa de tudo que eu passei com a morte dele, e Deus tem me dado bastante conforto. E tem outra coisa também: a gente já esperava pela morte dele, há muitos anos está doente. Fazia dois anos que eu não podia sair de casa porque ele estava ali numa cama, não falava, você tinha que dar tudo na boca, não andava, você tinha que dar banho, trocar, fazia tudo na fralda. Então eu sempre dizia para a pastora que me atendia muito, pastora L. – ela ia muito em casa: "eu peço a Deus que não deixe ele nesse sofrimento, que leve logo". Já estava esperando pela morte dele. **[2] A gente já estava até que conformado, mas agora com o passar do tempo parece que está difícil esquecer: você acorda de noite, pensa naqueles últimos momentos dele e chega assim de manhã quando você pula da cama; em vez de fazer a oração, como eu fazia de costume, a primeira coisa que me vem na mente é ele, sabe?** Vejo aquela imagem dele, esqueci assim da parte que ele estava enfermo, que eu cuidava dele, dava comida na boca, não podia sair nos últimos dois anos de casa, nem à igreja podia mais vir, eu não o deixava sozinho. Eu sei que a gente fica numa situação, quer esquecer e vem toda a hora na mente da gente, aquela imagem dele. **[2] Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que eu estava com ele no quarto, que ele olhou pra mim, olhou pra minha filha e aí vieram duas lágrimas, ele não falava mais; ele estava com a boca meio aberta e as lágrimas foram pra dentro da boca, aí fechou o olho. Essa imagem está difícil de esquecer, está ruim mesmo, mas o que tem pra falar é isso e esperar que Deus me dê conforto pra que eu possa esquecer, tirar um pouco da minha memória essa imagem que ficou, o resto a gente já esperava. Essa é a imagem que eu tenho dele.** É o que eu tenho pra te dizer. Era de dia e de noite, era comida na boca, tinha que passar pelo liquidificador a comida, punha na boca; já não engolia, não falava, não conhecia, tantos anos de casamento, 57 anos que a gente era casado e ele não me conhecia, foi muito ruim. **[3] Tem horas que até dou graças a Deus por Deus ter recolhido ele**. E tem outra coisa: ele não era metodista ou

evangélico, ele não tinha religião e eu já tinha religião. Estou aqui na igreja há quase 40 anos, muitos anos, sempre tentei trazê-lo para a igreja, às vezes vinha e às vezes não e assim foi. **[4] Eu sei que tive bastante assistência da pastora L., todo mês ela ia me levar comunhão e me dava bastante palavra de conforto. O pastor M. foi muito pouco na minha casa, se ele foi duas, três vezes foi muito. Ele assistiu quando a gente estava velando, orou pela família, deu bastante conforto também pra nós.** Infelizmente, agora de tantos filhos, seis filhos, estou sozinha, todos casados, cada um com sua família e eu fiquei só. Fazer o quê? Ah! Tem tanta coisa importante, todos esses anos de convivência, ele sempre falava e estava bom, que a maior alegria da vida dele foi os filhos que eu dei pra ele. E ele sempre dizia que me amava muito. Eu me lembro muito da festa das minhas bodas de 50 anos que a gente fez aqui na igreja, foi um dos momentos muito alegres para a vida da gente, muito bom. Muitas coisas não me lembro; há muita coisa boa dele e muita coisa ruim também (risos), muita discussão. Ultimamente ele tinha muito ciúme, sabe? Coisa que eu nunca admiti, eu nunca dei motivo para ciúmes. Eu sei que teve uma vez – como chorei aquele dia:, vim pra igreja com a dona O. e mais uma senhora do prédio que a gente mora, e ele estava doente, mas naquele tempo ele ainda andava, com a muleta e com andador. Ele foi até o telefone, ligou para um táxi, o táxi veio, pegou ele lá em casa, eu não suspeitei de nada (risos). Ele veio aqui e ficou aqui na esquina me esperando. Você acha que eu ia pensar que ele vinha atrás de mim do jeito que ele estava? Eu sei que terminou o culto e eu a O. e a outra senhora fomos embora pra casa, e quando cheguei encontrei tudo aberto, as portas, a televisão no último volume, mas cadê esse homem? Não está aqui. Aí desci e fui procurar lá em baixo e nada desse homem; aí peguei o telefone e liguei pra minha filha: "O teu pai apareceu por aí?". E ela falou: "Não, o que foi que aconteceu? O pai não veio aqui não". Eu falei a ela o que estava acontecendo. "Não sei para onde ele foi, a casa aqui está toda aberta e eu não sei pra onde ele foi". Alarmou já todos os filhos com essa situação. Eu pensei: "Ai, meu Deus, me dê uma ideia de onde está esse homem". Aí eu vim até o telefone outra vez e vi um papel do ponto de táxi; aí me deu na cabeça, acho que foi um aviso de Deus. Liguei para o número lá do ponto de táxi e me disseram: "o homem estava aqui na esquina, ele falou assim que faz meia hora, a senhora é dona Angelina?" "Eu sou", respondi. E ele disse: "Faz meia hora que eu estou aqui com o seu marido te esperando". Falei: "Meu pai do céu!". Menina, quando esse homem chegou em casa, ele ficou doido, falou que eu não tinha vindo pra igreja, que eu fui por aí, aquela coisa toda, aquele ciúme todo. Eu falei: "Olha, eu vou chamar a O., a gente estava junto, eu não te vi". Pior que ele não me viu também (risos) aí pela rampa abaixo. Eu sei que só faltou ele me bater esse dia, com a bengala na mão ele deu com tudo assim no sofá que até hoje está a

marca do ciúme dele. Aí depois ele começou a falar uns palavrões e eu queria chamar até a O. pra ir lá e explicar pra ele que a gente estava junto. Mas pensei: "Bem, do jeito que ele está falando esses palavrões, vai ofendê-la, uma senhora já de uma certa idade, não quero isso". Então eu não fui chamá-la. Eu sei que custou para esse homem se convencer, depois de muito tempo a O. falava: "Nós estávamos sim juntas, fomos para igreja". "Foram nada, vocês foram nada", ele falava "Vocês foram por aí". Cada uma, parecem duas. Tantas coisas boas e ruins, mas acho que é só isso que tenho pra falar. Eu estava com 76 anos de idade, foi o ano passado, foi no dia 1º de dezembro. **[2] Mas eu estou pedindo muito a Deus – sei que não se esquece de tudo – que tire um pouco da minha cabeça. Esse momento ficou muito gravado, está muito gravado na minha memória a hora que ele fechou os olhos pra sempre. A gente tem saudade (risos), por bondade por ruindade a gente tem bastante saudade.** Obrigado por você me aturar.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	INTEPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA
“Foi muito difícil. Eu queria me conformar com isso, tinha pedido muito a Deus que me desse conforto, me desse entendimento por causa de tudo que eu passei com a morte dele, e Deus tem me dado bastante conforto. E tem outra coisa também: a gente já esperava pela morte dele, há muitos anos está doente.” [1]	Foi muito difícil, queria se conformar; pediu a Deus conforto e entendimento de tudo o que passou com a morte do marido. Deus tem-lhe dado conforto. Já esperava a morte do marido.
“A gente já estava até que conformado, mas agora com o passar do tempo parece que está difícil esquecer: você acorda de noite, pensa naqueles últimos momentos dele e chega assim de manhã quando você pula da cama; em vez de fazer a oração, como eu fazia de costume, a primeira coisa que me vem na mente é ele, sabe?” (...) [2] “Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que eu estava com ele no quarto, que ele olhou pra mim, olhou pra minha filha e aí vieram duas lágrimas, ele não falava mais; ele estava com a boca meio aberta e as lágrimas foram pra dentro da boca, aí fechou o olho. Essa imagem está difícil de esquecer, está ruim mesmo, mas o que tem pra falar é isso e esperar que Deus me dê conforto pra que eu possa esquecer, tirar um pouco da minha memória essa imagem que ficou, o resto a gente já esperava. Essa é a imagem que eu tenho dele.” (...) [2] “Mas eu estou pedindo muito a Deus – sei que não se esquece de tudo – que tire um pouco da minha cabeça. Esse momento ficou muito gravado, está muito gravado na minha memória a hora que ele fechou os olhos pra sempre. A gente tem saudade (risos), por bondade por ruindade a gente tem bastante saudade.” [2]	Embora esteja se conformando, está difícil esquecer dele. Tem na mente a imagem do momento em que morreu, em que fechou os olhos. Olhou para ela e a filha e duas lágrimas rolaram dos olhos do marido, alcançando a boca e fechou os olhos. Essa imagem está difícil de esquecer. Mas “espero, que Deus me dê conforto para que possa esquecer, tirar um pouco da memória a imagem que” tem dele. Essa tem sido sua súplica constante. Sente saudade, por sua bondade ou ruindade.
“Tem horas que até dou graças a Deus por Deus ter recolhido ele.” [3]	Há momentos em que dá graças a Deus por ter recolhido seu marido.

“Eu sei que tive bastante assistência da pastora L., todo mês ela ia me levar comunhão e me dava bastante palavra de conforto. O pastor M. foi muito pouco na minha casa, se ele foi duas, três vezes foi muito. Ele assistiu quando a gente estava velando, orou pela família, deu bastante conforto também pra nós.” [4]	Teve bastante assistência da pastora L. que ia mensalmente em sua casa levar a Ceia e palavra de conforto. Em relação ao pastor M. teve menos assistência, só quando velava o marido, orou e deu bastante conforto para a família.

UNIDADES DE SIGNIFICADO	CATEGORIAS
“Foi muito difícil. Eu queria me conformar com isso, tinha pedido muito a Deus que me desse conforto, me desse entendimento por causa de tudo que eu passei com a morte dele, e Deus tem me dado bastante conforto. E tem outra coisa também: a gente já esperava pela morte dele, há muitos anos está doente.” [1]	1. A fé que dá suporte para a vivência do luto
“A gente já estava até que conformado, mas agora com o passar do tempo parece que está difícil esquecer: você acorda de noite, pensa naqueles últimos momentos dele e chega assim de manhã quando você pula da cama; em vez de fazer a oração, como eu fazia de costume, a primeira coisa que me vem na mente é ele, sabe?” [2] “Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que eu estava com ele no quarto, que ele olhou pra mim, olhou pra minha filha e aí vieram duas lágrimas, ele não falava mais; ele estava com a boca meio aberta e as lágrimas foram pra dentro da boca, aí fechou o olho. Essa imagem está difícil de esquecer, está ruim mesmo, mas o que tem pra falar é isso e esperar que Deus me dê conforto pra que eu possa esquecer, tirar um pouco da minha memória essa imagem que ficou, o resto a gente já esperava. Essa é a imagem que eu tenho dele.” [2] “Mas eu estou pedindo muito a Deus – sei que não se esquece de tudo – que tire um pouco da minha cabeça. Esse momento ficou muito gravado, está muito gravado na minha memória a hora que ele fechou os olhos pra sempre. A gente tem saudade (risos), por bondade por ruindade a gente tem bastante saudade.” [2]	2. O luto a partir do corpo existencial
“Tem horas que até dou graças a Deus por Deus ter recolhido ele.” [3]	3. O luto mediado pelo processo relacional
“Eu sei que tive bastante assistência da pastora L., todo mês ela ia me levar comunhão e me dava bastante palavra de conforto. O pastor M. foi muito pouco na minha casa, se ele foi duas, três vezes foi muito. Ele assistiu quando a gente estava velando, orou pela família, deu bastante conforto também pra nós.” [4]	4. Presença Cuidadora no processo do luto

Relato 10

A. L. R.

Sexo: F

Idade: 76 anos

Análise Ideográfica

Em seu relato disse que o luto foi muito difícil, queria se conformar, pediu a Deus conforto e entendimento de tudo que passou com a morte do marido e Deus tem-lhe dado conforto. Já esperava a morte do marido. Embora esteja se conformando, está difícil esquecer-se dele; tem na mente a imagem do momento em que ele morreu, em que fechou os olhos e essa imagem está difícil de esquecer. A.L.R. busca em Deus o conforto para esquecer, para tirar um pouco da memória a imagem daquele momento derradeiro e essa tem sido sua súplica constante. Sente saudade, mas há momentos em que dá graças a Deus por ter recolhido seu marido. Explicita a presença cuidadora da pastora L. que ia mensalmente a sua casa levar a Ceia e palavra de conforto. Em relação ao pastor M, evidencia que dele teve menos assistência, o que ocorreu apenas quando velava o marido. O pastor foi poucas vezes a sua casa, embora tenha orado e dado bastante conforto para a família.

Nesta parte da tese, pudemos perceber o mundo da vida de pessoas que vivenciaram o luto por morte de pessoas queridas. As pessoas entrevistadas expressaram por meio de seus relatos variadas facetas do fenômeno do luto. Trilhamos o caminho metodológico que possibilitou uma interpretação fenomenológica das unidades de significado. Nesse movimento, alcançamos as categorias que tornaram possível uma aproximação mais estreita com o fenômeno do luto para cada sujeito.

A partir das unidades de significados, fizemos a interpretação fenomenológica que consistiu na compreensão da pesquisadora sobre o fenômeno. Buscamos demonstrar, por meio de nossa percepção, como as pessoas vivenciaram o luto e a diversidade de expressões que emergiram de suas experiências. Deparamos com uma linguagem que transcende a peculiaridade de uma vivência do luto, mas nos expõe uma gramática da vida.

Com os caminhos que percorremos, evidenciamos que a vivência do luto explicitada pelos entrevistados apresentou uma diversidade de experiências que convergiram para algumas categorias como “a fé como suporte para a vivência do luto” e idiossincrasias como a “tranquilidade como um suporte para vivência do luto”.

Destacamos que as entrevistas ora apresentadas desvelaram muitos meandros do fenômeno do luto. Optamos por terminar este capítulo com as análises ideográficas dos relatos de cada um dos entrevistados, por meio das quais será possível adentrar a estrutura do fenômeno do luto e apontar um momento mais geral da análise do fenômeno, que é a análise nomotética. Desse modo, o próximo capítulo desta tese buscará expressar a essência do fenômeno do luto encontrada nos relatos apresentados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE COMPREENSIVA

Introdução

Quais são as palavras, expressões, "gestos" que percebemos ao ouvir os enlutados? A compreensão do processo do enlutamento converge para as expressões mais simples do cotidiano: chorar, desesperar-se, revoltar-se, esconder-se. Essas expressões atingem a existência, a história, a linguagem, o corpo enlutado. Merleau-Ponty evoca a consciência do corpo que interage com o mundo e suas realidades.

> [...] pois se é verdade que tenho consciência de meu corpo através do mundo, que ele é, no centro do mundo, o termo não-percebido para o qual todos os objetos voltam a sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é o pivô do mundo: sei que os objetos têm várias faces porque eu poderia fazer a volta em torno deles, e neste sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo.[207]

Nos capítulos anteriores, percorremos um caminho que permitiu desvelar a vivência do luto por pessoas que frequentam a Igreja Metodista. Nesse sentido, colocamos entre parênteses o modo como o luto é entendido por diferentes saberes no campo teológico e psicológico. Isso compõe a chamada redução como passo primordial do Método Fenomenológico para chegar-se à estrutura mais basilar do fenômeno. Nesse primeiro movimento buscou-se desvelar as primeiras camadas do fenômeno do luto, mas sem ainda trazer a experiência tal qual ela é para o sujeito atribuidor de sentidos e significados.

Como trajetória teórico-metodológica a escolha do Método Fenomenológico é explicitado a partir do modo peculiar como adentramos no campo filosófico da Fenomenologia. Assim, o terceiro capítulo desta tese é desdobrado neste capítulo, que trata da operacionalização do método desde a apresentação da pergunta norteadora aos sujeitos nas entrevistas realizadas até a construção das análises ideográficas.

Com base no método escolhido, a partir dessas entrevistas, buscamos compreender o fenômeno do luto para os entrevistados. Aqui, procuramos alcançar os estratos mais profundos do fenômeno e olhá-lo numa dimensão mais geral do que individual, como foi

---

[207]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 122.

realizado na análise ideográfica. Assim, intencionamos neste capítulo analisar o fenômeno do luto na sua estrutura mais geral.

> "Analisar", do grego *analyen* (de *lyo*, atar) significa desatar, desmembrar. Ou, mais tecnicamente, resolver um todo em suas partes. A noção analítica implica a relação de um todo e de suas partes. Toda análise envolve um complexo e partes mais simples desse complexo. O fenômeno é estrutural e se clarifica quando as relações e as normas que delimitam essas relações são estabelecidas teoricamente.[208]

4.1 Interpretação fenomenológica das vivências do luto: Quadro Nomotético

Apresentamos a seguir as direções que ajudarão na compreensão deste capítulo e desta tese. Em primeiro lugar, construímos um quadro nomotético cuja função é facilitar uma visão geral do fenômeno.

> O termo nomotético deriva-se de nomos, que significa uso de leis, portanto, normatividade ou generalidade, assumindo um caráter de princípio ou de lei. A análise nomotética na pesquisa qualitativa indica um movimento de passagem do nível individual para o geral, ou seja, move-se do aspecto psicológico individual para o psicológico geral da manifestação do fenômeno. A estrutura psicológica geral é resultante da compreensão das convergências e divergências dos aspectos que se mostram nas análises ideográficas. Esta direcionalidade para generalidade é obtida pelo pesquisador ao articular as relações das estruturas individuais entre si.[209]

Na primeira coluna do Quadro encontra-se a interpretação fenomenológica resultante da pesquisa realizada, que aponta um desenho mais geral do fenômeno do luto. O número ao lado de cada interpretação fenomenológica corresponde ao lugar de onde ela foi retirada nos relatos individuais apresentados no capítulo anterior. Ainda na primeira coluna, encontramos um título, que nomeia cada uma das categorias construídas a partir dos relatos dos entrevistados.

Na segunda coluna, com um sinal de asterisco, identificamos a origem do relato e das categorias: com algarismos romanos, o relato do entrevistado e com algarismos arábicos, a categoria originada da interpretação individual. Por exemplo: I 1, indica que o texto foi retirado do relato I e da categoria 1 do mesmo relato.

---

[208]JOSGRILBERG, R.S. As analíticas fenomenológicas e o diálogo com as ciências. In CASTRO, Dagmar Silva Pinto de (Org.). **Existência e saúde** São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 40.

[209]MACHADO, Ozeneide Venâncio de Mello. Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. in BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitoria Helena Cunha (Org) **Pesquisa Qualitativa em Educação**. 2. ed. PIRACICABA: UNIMEP, 1997, 2. ed., p. 42.

A partir da terceira coluna encontramos a identificação de cada entrevistado por meio de iniciais e a sequência temporal das entrevistas realizadas. As letras d e c correspondem às palavras divergência (d) e convergência (c). Os algarismos ao lado de cada letra d ou c correspondem à coluna interpretação fenomenológica, que também tem suas categorias numeradas. A título de exemplo, no quadro abaixo (recortado do Quadro Nomotético que se inicia na página 285) temos que, na categoria 2, houve convergências com os relatos I, II e VI e divergências com os relatos III, VII e X.

O luto mediado pelo tipo de perda	*	I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
2. Relatou que está suportando esse "golpe" que nunca esperava que pudesse acontecer, a perda de um filho.	I - 2	c 1 c 27	c 33	d 3			c 37	d 30			d 36

Antes de adentrarmos na análise compreensiva propriamente dita, apresentamos, resumidamente, cada uma das análises ideográficas expostas no Capítulo 3. O intuito é recordar as características de cada relato.

No relato 1 [T.M.R.] encontramos uma vivência do luto envolvida pelo desespero e profunda dor. Além disso, um acompanhamento constante do filho, recomendação de cuidado com o corpo e com a saúde.

No relato 2 [M.P.P.C.] adentramos no luto vivido com racionalização e regado por um sentimento religioso de testemunho diante das pessoas. Indicação de que os cuidadores religiosos precisam acompanhar os enlutados com sua presença, mais do que com suas palavras.

No relato 3 [W.F.S.J.] há um luto antecipatório regado de cuidado com o outro e vivências diferenciadas de luto em relação à mãe e ao filho que não viu (sua esposa sofreu um aborto).

No relato 4 [M.P.] visualizamos lutos vivenciados de forma diferenciada. O contato com o corpo do morto e a dimensão material do viver.

No relato 5 [D.L.A.] a vivência do luto demonstra um acompanhamento afetuoso ao pai em idade avançada.

No relato 6 [G.R.D.] o luto é vivenciado com uma busca profunda de manter a memória da mãe. Assim, o luto está imbuído de muita dor e de questionamentos teológicos.

No relato 7 [W.S.] encontramos um luto vivenciado com uma relação muito próxima à experiência de fé vivenciada pelos pais.

No relato 8 [S.A.F.] o luto desta adolescente é marcado pela serenidade e experiência de fé em busca do alívio do sofrimento do seu pai.

No relato 9 [H.F.] a vivência do luto é envolvida por profunda racionalização e sentimento de culpa do enlutado.

No relato 10 [A.L.R.] a imagem do corpo do marido no momento de sua morte é a marca da vivência do luto.

Interpretação Fenomenológica	*										
A vivência do luto como dor		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
1. Ela fala do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe, cuja dor é incomparável e indescritível. Para ela, nada se compara à perda de um filho por uma mãe. O conforto caminha junto com a dor. Havia esperança de reverter o quadro da doença do filho, principalmente porque ele queria viver. Evidenciou que sua experiência foi muito dura, morou com a filha por quatro meses e se sentia como uma pessoa doente. Ao mesmo tempo explicitou que precisava reagir, pois não poderia ficar parada na casa dela. Isso foi um ato de coragem, segundo T.M.R.	I-1	c2 c7 c27 c18 c 4	c8 c33	d3			c35 d22	d30			
O luto mediado pelo tipo de perda		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
2. Relatou que está suportando esse "golpe" que nunca esperava que pudesse acontecer, a perda de um filho.	I-2	c 1 c27	c33	d3			c37	d30			d36
3. Disse que não considerava um filho para ficar de luto. Sentiria mais, se tivesse mais tempo de gestação.	III-4	d1 d2									
O luto como desorganizador do ser		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
4. Ela explicita que é um sofrimento terrível. Tinha sensação de que não iria aguentar, pois era muito dolorido. Houve momentos de desespero e revolta, ao mesmo tempo pedia perdão a Deus por estar se sentindo dessa maneira. Seu desespero foi tão grande que teve vontade de se atirar da janela do hospital. Disse que não estava consciente do	I-3	c1 c4 c27	c8				c35	d30 d14	d48		d36

que estava fazendo, pois sabia que não havia mais salvação para o filho. Teve vontade de se atirar na frente de um carro. Ela sabia que ia perder o filho. Explicitou que é a pior perda que pode existir para uma mãe, demais, ruim, terrível. Entrou em conflito em relação à morte do filho e a vontade de Deus, pois sabe que Deus fez o melhor, mas ficou sem seu filho!											
5. Na hora do sepultamento, começou a sentir aperto, porque não o veria nunca mais. Ficou confusa. Pensou nos últimos dias. Quando chegou no cemitério deu um *click*. Ficou de costas o tempo todo no sepultamento, pedindo para os familiares não deixarem o pai sozinho no cemitério. Queria lembrar de coisas boas e não ruins. Pediu que não deixassem seu pai ir embora. Foi para casa, sentindo-se confusa. Quando chegou em casa sentiu falta de alguma coisa como o pai havia sido enterrado não conseguiu ligar a situação e começou a sentir desespero.	VIII-4		d37						c24	d48	
6. È uma situação meio difícil de explicar porque sua irmã não é cristã. Sentiu-se impotente diante da situação. Queria oferecer condolências, um pouco de fé, carinho, mas sentiu-se impotente. Não soube lidar com as pessoas. Ficou triste e com dúvida porque não sabe se o sobrinho foi "salvo". Quando as pessoas não servem ao Senhor, há um sentimento de impotência.	IX-1								d24 c38	d25	
O luto a partir do corpo existencial		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
7. Assim que o filho morreu, beijou-o e	I-4	c1	c8		d9						

colocou a mão em seu corpo; beijou os pés, beijou tudo. Relata que não há nada mais trágico do que a perda de um filho. Acompanhou o filho em todos os momentos de sua doença.		c4									
8. Ela explicitou que parece uma dor no coração, uma ferida em que se vai colocando remédio e vai cicatrizando, mas fica um pontinho. Esse pontinho só Deus pode fechar por meio da oração.	II-5	c1 c4									
9. Disse que sentiu muito, inclusive no momento do preparo do funeral,; aconteceu o mesmo por ocasião da morte de sua mãe, a entrevistada é que arrumou o corpo. O fato de ver a mãe foi uma experiência que a marcou muito. Aconselha a quem puder, contratar pessoas para cuidarem dessa parte. É uma experiência horrorosa, triste, porque se fica lembrando da pessoa do jeito que estava nesse momento. Sabe que é matéria, mas é uma pessoa querida. Disse que não quer cuidar mais dessa parte. Para as pessoas que são chegadas ao morto, nunca é bom ficar ali cuidando. É preferível lembrar da pessoa enquanto estava viva. Explicitou que essa experiência marcou muito, pois ela percebeu que a mãe já foi e ficar ali olhando, manipulando é muito doloroso.	IV-6									d48	
10. Embora esteja se conformando, está difícil esquecer dele. Tem na mente a imagem do momento em que morreu, em que fechou os olhos. Olhou para ela e a filha e duas lágrimas rolaram dos olhos do marido, alcançando a boca e fechou os olhos. Essa imagem está difícil de esquecer.	X-2		c8				d47				

Mas “espero, que Deus me dê conforto para que possa esquecer, tirar um pouco da memória a imagem que” tem dele. Essa tem sido sua súplica constante. Sente saudade, por sua bondade ou ruindade.											
O outro como “Presença cuidadora na vivência do luto”		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
11. Relatou que é difícil viver aqui e que procurou ajuda psiquiátrica, por insistência da filha. Disse que para ela foi muito bom e que até escreveu para o psiquiatra. Para ela, em primeiro lugar é Deus e depois a filha que tem estado com ela, além das netas e da ex-nora. Também a presença dos amigos. Isso trouxe conforto para ela.	I-5							c14			
12. Ficou em dúvida sobre o que iria falar; não tinha coragem. Disse que nessas horas é melhor falar pouco ou não falar nada. O que você não quer para si não quer para os outros. Ela teve apoio da igreja e da pastora, mas reafirma que é necessário dar assistência nessas horas. Deve estar perto, não é necessário falar nada, porque “palavras são palavras e nada mais”.	II-4						c13		c15	c16	c17
13. Sentiu-se apoiada por pessoas queridas, da igreja, que cresceram junto com ela expressaram carinho que trouxe conforto para ela. O diálogo com essas pessoas sobre sua mãe a fortificou no momento do velório. Sentiu conforto pela presença do pastor, que ofereceu uma palavra agradável que ajudou a lidar com a saudade, guardar lembrança da mãe e não chorar porque ela foi embora.	VI-3		c12				c13		c15	c16	c17
14. A experiência de luto de quem tem pais crentes e conhece a Palavra de Deus e a	VII-3	c11									

acompanha diariamente, está junto, é diferente do que acontece nos dias de hoje. Hoje a pessoa fica no hospital sendo tratada de forma artificial, mantida na UTI por interesses até econômicos. Quando a pessoa está em sua casa, perto dos familiares, a morte é diferente da morte de alguém que está no hospital, isolado e sendo mantido de forma artificial. W.S. teve oportunidade, juntamente com seus irmãos, de acompanhar de perto o processo da morte da mãe e do pai.											
15. Recebeu apoio da igreja e de pessoas que nem imaginava. Valorizou a comunidade, dizendo que ela é digna de fé. Sentiu solidariedade por parte da igreja. Sentiu-se nova, com o que Deus fez com ela. Nunca sentiu antes essa força de Deus.	VIII-3		c12				c13			c16	c17
16. È difícil passar por essas experiências. Teve apoio dos seus pastores e de sua igreja. Não ficou sozinho, teve apoio dos irmãos espirituais, o que faz diferença na situação, fica diferente quando não temos esse tipo de apoio.	IX-3		c12				c13		c15		c17
17. Teve bastante assistência da pastora L. que ia mensalmente em sua casa levar a Ceia e palavra de conforto. Em relação ao pastor M. teve menos assistência, só quando velava o marido, orou e deu bastante conforto para a família.	X-4		c12				c13		c15	c16	
A fé como suporte para a vivência do luto		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
18. T.M.R. escreveu para a psiquiatra dizendo que sente saudades do filho. Relatou também que entrou em desespero, com dor	I-6		c19		c20	c21	c22	c23	c24	c25	c26

no coração, mas consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos. Lembra a esperança que o filho tinha diante do quadro de sua doença. Explicitou que lembra dos últimos dias e da relação de amor e carinho para com o filho. Lembra também do pedido a Deus por paz e proteção na presença do filho que estava em coma. T.M.R. evidenciou o fato de que, quando vivemos a situação, podemos falar verdadeiramente. A crença em Deus deve ser muito grande para não se desesperar de vez, e cada pessoa vive esse momento de uma determinada forma. Ela se identifica como uma pessoa supersensível.											
19. Parece que a idade influencia a sensibilidade da pessoa com relação à perda. Mas Deus esteve com ela e deu-lhe forças para lidar com a situação.	II-3	c18			c20	c21	c22	c23	c24	c25	c26
20. Em relação ao amigo, relatou que não é fácil perder alguém: sente saudade do amigo, pois ele era cheio de vida, mas Deus preparou tudo. Em relação à perda [do amigo], acompanhou seu sofrimento e percebeu como Deus faz diferença na vida das pessoas. Não sabe o que aconteceria se Deus não estivesse presente com a família. Disse que nos primeiros dias [perda da mãe] se sentiu anestesiada e que ainda sente muita saudade dela e tinha vontade de vê-la depois de um mês. A saudade é muito complicada. Diante da saudade, Deus ajuda a não entrar em depressão. M.P. evidenciou que sentiu a morte e fica pensando se ele [o amigo] aproveitou o suficiente, se viveu feliz.	IV-1	c18	c19			c21	c22	c23	c24	c25	c26

Conclui que aproveitou quando conheceu a verdade, Deus em sua vida. M.P. imagina quem não tem Jesus, pois já estando com ele há o sofrimento. Deus a carregou no colo e deu muita força. Quando fica com remorso pensa que Deus sabe de todas as coisas e que Ele devia ter feito mais e pede perdão. Deus sabe o que ela fez, pois nunca havia perdido ninguém [diz em relação a sua mãe e se perguntava como seria quando perdesse alguém]. Porém Deus a fortaleceu.											
21. O sentimento de D.L.A. envolveu o pedido a Deus por misericórdia do seu pai e dela também, que estava cuidado dele. Reconhece que a vida tem um limite e que seu pai viveu bem.	V-2	c18	c19		c20	c21	c22	c23	c24	c25	c26
22. G.R.D. voltou-se um pouco mais para Deus pedindo força, pois não sabe de onde a tirar e não pôde fazer nada. A pior coisa que tem no mundo é perder a mãe.	VI-2	c18	c19		c20	c21		c23	c24	c25	c26
23. W.S. experimentou um luto em que reconheceu o exemplo dos pais, a fé que transmitiram. Pôde – e também os outros familiares – se preparar e os pais também. É uma obrigação da família preparar seus familiares para que não haja um luto de desespero, que questiona a Deus. Deus não é injusto, nós é que não compreendemos suas intenções. W.S. defende a ideia de que precisamos prepararmo-nos para a morte, assim como nos preparamos para o nascimento de uma criança. É preciso prepararmo-nos vida afora, para que nossa partida seja um momento, as pessoas que conviveram conosco possam dar glórias a	VII-2	c18	c19		c20	c21	c22		c24	c25	c26

Deus porque foi uma vida valiosa.											
24. Pedia a Deus todo dia para não deixar se sentir sozinha ou impotente na hora da morte do pai. Considera-se a pessoa mais forte da família. Sua súplica a Deus era por iluminação, orientação, pois muita gente dependia dela. Sua oração era para que seu pai não sofresse e para que Deus o levasse. Pedia que seu pai descansasse, pois não era justo ele ficar sofrendo. Era melhor seu pai estar com Deus. Já estava cansada de pedir a Deus que não deixasse passar mais um dia! Agradece a Deus pois não suportava ver o sofrimento do pai, só se fosse para melhorar, mas sabia que isso não iria acontecer. Pediu que Deus ficasse com ela, pois não sabia como iria encarar a situação. Disse que nunca sentiu tanta calma. Parecia que estava em "alfa", sentia que estava flutuando. Sentiu que Deus a carregava no colo. Deus estava com ela naquele momento trazendo calma. Talvez depois pudesse se descabelar, mas disse que teria que fazer as coisas que precisariam ser feitas. Relata sobre a igreja, sua cura, a presença cuidadora da igreja como contribuição para não se sentir um lixo e ter conseguido fazer o que considerava necessário naquele momento.	VIII-1	c18	c19		c20	c21	c22	c23		c25	c26
25. Se não tivesse aceitado a Jesus Cristo, seria muito difícil assimilar. Quando não se tem Deus no coração, é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação que não tem explicação.	IX-5	c18	c19		c20	c21	c22	c23	c24		c26
26. Foi muito difícil, queria se conformar; pediu a Deus conforto e entendimento de	X-1	c18	c19		c20	c21	c22	c23	c24	c25	

tudo o que passou com a morte do marido. Deus tem-lhe dado conforto. Já esperava a morte do marido.											
O luto por morte na ordem natural		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
27.Para ela, a experiência foi terrível. Para ela a ordem das perdas é o pai, a mãe, mas ela perdeu o filho.	I-7				d28	d29		d30			
28.Em relação ao sogro, M.P. relatou que ele descansou no tempo certo.	IV-4	d27				c29		c30			
29. D.L.A. sentiu a morte do pai. Sentimentos difíceis em relação à perda. É difícil perder. Devido à idade que seu pai tinha, encara o fato afirmando que a vida é isso.	V-3	d27			c28			c30			
30. Uma experiência gratificante, mas que não é habitual. Não é uma experiência desesperadora, uma dor profunda de separação, mas leva a agradecer a Deus. Deus levou seu pai que estava lúcido, com muita idade, mas que fez tudo que teria que fazer na vida e foi um homem com um testemunho de fé reconhecido pelos filhos. É um luto diferente em relação ao mundo secular, onde as pessoas se desesperam. É um luto que sente a perda do ente querido, mas agradece a Deus pelo exemplo de vida deixado, o legado da fé, os quais marcaram sua vida. Então é um luto diferente em relação àqueles em que as pessoas choram e se desesperam. A experiência de luto é de louvor pela vida do pai e da mãe, que deixaram uma experiência de vida e de fé. É muito grato a Deus que preparou seu pai para seu recolhimento. Seu luto vincula-se à	VII-1	d27 d1	d2		c28	c29					

gratidão a Deus pelo exemplo dos pais.											
Luto como cuidado do outro		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
31. Ela recomenda tomar a vacina contra hepatite B, porque está ficando tão ruim como o tipo C. A família tomou as vacinas e explicita que todas as pessoas devem tomá-la, desde jovem. É preciso tomar cuidado para evitar a doença o quanto antes.	I-8										
32. Ele não sabe se vivenciou um luto como "normalmente" as pessoas vivenciam. Procurou dar apoio às pessoas que sentiu estarem mais abaladas. Sobre outro luto [aborto da esposa], disse que não sentiu, ficou mais preocupado com o que T., sua esposa, estava sentindo. Ficou mais preocupado com a esposa, mas ficou chateado depois que aconteceu. Acha que está dando um pouco mais de importância a esse processo. Sentiu-se um pouco ausente. Queria que a esposa entendesse aquela situação tão rápido como ele.	III-3		d37								
O luto mediado pelo processo relacional		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
33. Num tempo de da perda do sobrinho, sofre a perda da pessoa da sobrinha. A experiência foi vivida por ela como um choque. Ela relatou que é mais difícil para a mãe perder uma filha. Embora se tratasse da sobrinha, considera G. como uma filha que perdeu.	II-1	c1 c4	c2				c35				d36
34. Ele tentou ser mais forte que as outras pessoas. Procurou ajudar as pessoas e apoiar seus entes queridos. Mas também teve seus momentos de tristeza, ficou chateado e	III-1		d37						c24		

preocupado, pelo que os outros estavam sentindo. Disse que teria de ser forte.											
35. Ela evidenciou que foi um dos piores momentos de sua vida, pois sua mãe era o que tinha de mais importante, depois de Deus. Ela tem um vínculo que acabou, pois não tem mãe. Não tem mãe que pergunte para ela sobre o que está acontecendo. Não sabe se vai conseguir acostumar-se. Terá que aprender a viver sem a mãe e isso é no dia a dia.	VI-1	c1	c33								
36. Há momentos em que dá graças a Deus por ter recolhido seu marido.	X-3										
Racionalização do luto		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
37. Ela relata que chorou antes, por causa do testemunho cristão. Disse que precisava dar assistência à família. Para ela, um cristão deve saber conversar com as pessoas que sofreram a perda. Afirmou que chorava em silêncio, pois tinha que ser dura na aparência, principalmente diante das pessoas católicas que ali estavam. Houve um momento que não aguentou e desabou. Foi muito difícil, pois sentiu falta de apoio nesse momento. Tinha que ser como uma pastora. Chorou na frente de pessoas estranhas e se sentiu aliviada. Sentiu-se melhor depois de chorar, mas depois afirmou que precisava ser cuidadosa em relação a quando e onde chorar. Disse que como cristã deve evitar perguntar a Deus o porquê da perda; ao contrário, deve pedir perdão, pois Deus sabe de todas as coisas. Quando retornou de Minas, entrou em crise e chorou bastante.	II-2	d4		d34						c38	

Deixa evidente que para ela a morte da sobrinha é um mistério. Não culpa a Deus pela morte da sobrinha.											
38. Disse que o Senhor levou seu sobrinho para Ele, pois ele era diferente dos seus irmãos, não pensava em coisas materiais. Sentiu muito por não tê-lo ajudado antes a ingressar na caminhada cristã. Foi difícil para os familiares do entrevistado. Sua irmã [mãe do seu sobrinho] até hoje não superou a perda. O luto do cristão é diferente do luto de um não cristão. Quando é cristão, sente saudade, mas sabe que está num lugar a que almejamos chegar: a vida eterna. É diferente porque Deus conforta o cristão. Deus dá a capacidade de superar essas crises e momentos difíceis. O cristão tem que ter a cabeça no lugar. Sentiu segurança, que veio de Deus.	IX-2		c37								
Saudade no processo de luto		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
39. Ela sentiu saudade ao se completar uma semana da morte da sobrinha. Sente que a pessoa está ligada para sempre com ela. Tem esperança de que um dia vá reencontrá-la em outra dimensão, embora a Bíblia não relate isso.	II-6	c18		c20	c40		c13 c47				c10
40. Disse que em relação ao sogro não foi fácil, pois estava acostumada com ele. Não é fácil perder alguém, pois sentimos falta. Temos um tempo em que sentimos saudade, mas vamos nos conformando. Embora haja saudade, vai-se conformando. Às vezes sente remorso e ao mesmo tempo confortada por ter cooperado com ele. Mas a saudade dói.	IV-2	c18	c39	c20			c47 c13				c10

Luto antecipatório		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
41. Ele explicitou que foi aceitando passo a passo o que estava acontecendo com sua mãe. Estava vivenciando o luto antes mesmo de ela morrer. Acha que depois de um ano, começou a cair a "ficha", mas não se sentiu tão abalado porque havia conversado com sua mãe sobre a condição em que ela estava. Considera que para ele foi mais fácil por causa desse momento de conversa que teve com a mãe antes de sua morte. Tinha muito medo de perdê-la. Acha que sempre viveu um luto depois que E. ficou "desse jeito" [alcoólico]. Declarou que desde que ficou sabendo da doença da mãe, começou a trabalhar o luto, sem perder as esperanças, porém. Então não ficou abalado quando recebeu o telefonema anunciando sua morte. Sobre a mãe, disse que poderia ser diferente, mas sente-se confortado com o relacionamento que a mãe tinha com ele e sua irmã.	III-2							c23			
O luto mediado pela dimensão material do viver		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
42. Além da perda sentiu mal-estar pela situação financeira decorrente dos gastos com o enterro. M.P. ficou chateada com a reação da cunhada quando informou os valores relativos ao funeral. Ou seja, além da perda, M.P. ficou triste pela reação da família do marido em relação aos gastos com o funeral. Os filhos dela assumiram esses gastos.	IV-3										

O luto mediado pela culpa		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
43. Sobre a mãe, ainda sente alguma coisa porque o tempo não foi suficiente e é mais da família. Na sua súplica, acha que não fez o que devia ter feito, ou seja, mudar a vida dela. Devia ter deixado em casa [sua mãe]. Esse pensamento a deixa com dor e faz mal. Fica pensando e dialoga com Deus sobre se deveria ter levado a mãe para sua casa, concluindo que iria morrer, na casa dela também. Pensou que a mãe teria mais chance no hospital. Ficou um conflito, pois seu irmão a cobrava muito em relação à mãe. Até hoje, sente que deveria ter agido de outra forma com a mãe.	IV-5					c44			c45	c46	
44. Ela relatou que se sentia incapaz de fazer alguma coisa e também que não tinha feito tudo por ele. Explicitou que é bem conflitante o fato de ter pedido várias vezes misericórdia para Deus, pois ao mesmo tempo, sentia-se culpada por seu pedido.	V-1				c43				c45	c46	
45. Começou a se dar conta do que havia acontecido dois dias depois, quando resolveu ir para casa. Sentiu-se culpada de não ter ficado todo o dia com o pai. Chorou o dia inteiro cobrando-se pelo fato de não ter ficado mais com seu pai. Considerou-se egoísta. Poderia ter aproveitado mais. Disse que poderia ter feito melhor.	VIII-5				c43	c44				c46	
46. Ficou muito triste, por achar que devia ter feito alguma coisa para salvar seu sobrinho. Acha que falhou nesse sentido. O fato de as pessoas morrerem sem saber a Palavra de Deus o afetou muito, tanto que	IX-4				c43	c44			c45		

acredita que se A tivesse falado para o sobrinho, poderia ter conseguido essa alma para Jesus.											
O luto como memória		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
47. O que tem ficado é a lembrança da mãe e o diálogo com ela. Mas pede a Deus a mãe de volta, embora saiba que isso não vá acontecer. Ela fica desnorteada. Embora queira a mãe de volta – e isso mexe com ela –, acredita que precisava estar com Deus, para ser confortada. Sente muita tristeza, porque desde o dia em que a mãe morreu não teve um sonho com ela. Tem medo de perder a lembrança do rosto dela. Coloca a foto dela na casa para ver se não esquece. Questiona a irmã e a Deus por que não consegue sonhar com a mãe. Sabe que a mãe não vai voltar, embora acredite na vida após a morte. Queria conversar com a mãe um pouquinho, por meio do sonho. Sente muita falta, quer ver seu rosto, conversar com ela. Ao olhar-se no espelho, a entrevistada lembra-se da mãe. Mas tem esperança de ver a mãe de novo, não sabe como, numa vida após a morte.	VI-4										
O luto mediado pela serenidade		I TMR	II MPPC	III WFSJ	IV MP	V DLA	VI GRD	VII WS	VIII SAF	IX HF	X ALR
48. Estava numa calma, deu vontade de sorrir quando abriu o guarda-roupa do pai, é como se tivesse se sentido aliviada, pois estava torcendo por ele. As pessoas falaram que ela estava precisando de um médico, diante da calma "absurda" que apresentava. Embora fosse um dia dolorido e estranho,	VIII-2										

sentia- se calma. Deus estava vinculado a ela. A melhor coisa que Deus fez na vida dela foi ter estado com ela. Quando recebeu a notícia da morte do pai, começou a tremer todo o corpo, mas depois sentiu-se calma. Sentiu que podia tudo, que tudo estava ao seu alcance. Isso não tem explicação. Foi o dia mais dolorido de sua vida. Foi uma experiência fantástica. Queria arrumar tudo. Foi atrás do médico, da documentação, escolheu o caixão. Disse que era a pessoa mais indicada para lidar com os procedimentos do enterro. Tudo foi feito numa calma "absurda".											

A seguir analisaremos as categorias à luz dos relatos de cada entrevistado, porém com um olhar mais geral sobre o fenômeno. Faremos as correlações entre as idiossincrasias, ou seja, categorias que apareceram no relato de uma única pessoa. Procuramos fazer algumas aproximações com alguns autores, com a intenção de ampliar a compreensão do fenômeno do luto em nossa pesquisa. As citações destacadas em itálico que apareceram nas categorias abaixo são dos sujeitos da pesquisa.

4.2 Categorias emergentes dos relatos

4.2.1 A vivência do luto como dor

A dor é um tema que perpassa a realidade dos enlutados. As convergências que aqui encontramos evidenciam o quanto a dor é uma das linguagens do luto. Está presente no processo do luto e caminha junto com o conforto, conforme os relatos. A dor é expressada por atitudes de desespero, pensamentos suicidas, palavras como um "golpe", uma "ferida", um "choque". As divergências elucidam uma dor que caracteriza o tipo de perda.

A dor de uma mãe afirma que a pior perda existente é a perda de um filho: "*eu tenho que falar do momento mais doloroso que pode existir na vida de uma mãe. Nada se compara à dor da perda de um filho para mim*". T.M.R.

Parece que é a maior dor do mundo, não existe dor comparável. A análise dos relatos explicita que a dor, como em um espelho, nos reflete a nós mesmos, reflete nossa própria vida. Encontramos a solidão, somos tomados pela sensação de que vamos desaparecer junto com a pessoa que morreu. Tudo dói e nossa compreensão da existência parece ser ofuscada pelo dor que paradoxalmente parece nos matar e nos levar à própria morte.

Essa sensação, encontramos também no relato que afirma ser a pior perda a perda de uma mãe: "*a pior coisa do mundo é você perder a sua mãe, é a pior coisa que tem, não tem outra coisa pior nesse mundo, não mesmo*". G.R.D.

Há uma divergência em relação a T.M.R., que afirma ser a pior perda a de um filho, enquanto para G.R.D., é a perda da mãe. A retomada das falas num movimento em busca da compreensão do fenômeno em sua estrutura mais fundante revela que a dor está intimamente ligada à relação vincular estabelecida com a pessoa que morreu. Para uns pode ser o filho, para outros, a mãe, mas ambas convergem para o vínculo materno. Esses relatos denotam que a maior dor é aquela de quem a sente e tem um vínculo estreito com a pessoa que morreu.

Ademais, a divergência também inclui a desconsideração do aborto como perda como é o caso do relato de W.F.S.J., cuja mulher teve um aborto; como não viu o bebê, ele não considera ter perdido um filho para ficar de luto: "*Sabe, eu não falo para ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha*"; "*Eu acho que não considero que...* (silêncio*). Três semanas. Ia para quatro semanas. Ia para quatro semanas. Eu sentiria mais se tivesse tido mais tempo de gestação".*

A dor que é vivenciada na perda e no luto confronta a pessoa com os valores da vida e de suas crenças. Ela qualifica sua dor como a pior, e essa dor toca seu ser de uma forma que suas palavras não conseguem alcançar. Kovács discorre de forma muito clara e didática sobre a presença da dor no processo do luto:

> Como já definimos, a dor é uma experiência subjetiva, não há relação direta entre o tamanho da lesão e a intensidade da dor. Fatores emocionais podem aumentar ou diminuir a experiência da dor. O medo causa uma contração, tanto física, quanto psíquica, que aumenta a sensação dolorosa. O sentimento de falta de controle, o desamparo, o sentir-se abandonado, isolado e não compreendido também são fatores que podem fazer "doer" mais. Uma dor intensa e intolerável desorganiza o aparelho psíquico, ameaçando a sua integridade, afetando a capacidade de desejar e a atividade do pensamento.[210]

Percebemos nos relatos que a dor como experiência única é evidenciada de forma clara. Atinge o ser humano como um todo e pode acentuar-se de acordo com o contexto vivencial da pessoa – acompanhar um filho ou uma mãe que estão morrendo, por exemplo.

É importante destacar que nos relatos encontramos também a dor que não aparece, pela compreensão de morte na ordem natural da vida. W.S. se permite lidar com a dor, pois essa compreensão parece preenchê-lo de tal modo que atenua a dor da perda, como podemos ver abaixo:

> *E então é uma experiência que não te leva a esse choro do desespero, a essa dor profunda da separação, mas sim muito mais a agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara; com muita idade, quer dizer, fez tudo que teve que fazer na sua vida, foi um homem com um testemunho de fé, um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma.*

Percebemos aqui uma dor suportável pelo reconhecimento de que o pai viveu sua vida com dignidade e no tempo certo. Não podemos afirmar que a dor não exista, mesmo quando

---

[210]KOVÁCS, Maria Júlia. Pacientes em estágio avançado da doença, a dor da perda e da morte. **Dor:** um estudo multidisciplinar. São Paulo: Summus, 1999, p.319.

não aparece em alguns relatos. Cada pessoa explicita sua vivência do luto de forma diferenciada. O acompanhamento do processo do morrer de um ente querido pode atenuar ou intensificar a dor. Importa destacar que a vivência da fé é um fator que pode oferecer um suporte nos momentos de dor.

4.2.2 Luto mediado pelo tipo de perda

Essa categoria entrelaça-se com a anterior. A dor e o tipo de perda parece influenciar na maneira de expressar o luto. Não intencionamos medir a dor dos enlutados, mas observar que o entrelaçamento das duas categorias está no tipo de vínculo vivido com a pessoa que morreu. Os dois relatos que evidenciam tipos de perda referem-se à perda de filhos; os enlutados, porém, processaram o luto de forma oposta. Para W.F.S.J., o fato de não ver o filho nascido evoca um tipo de perda sem luto para a esposa. De outro lado, quando nos deparamos com o relato de T.M.R., observamos um processo de luto pela perda caracterizada como a pior de todas as perdas: "*você imagina perder um filho? Então isso foi um golpe que eu nunca esperava, nunca na vida, nunca, nunca, nunca, e eu só posso dizer que se eu estou aguentando...*". (T.M.R).

O tipo de perda refere-se ao vínculo existente entre o enlutado e a pessoa que morreu, e demonstra que a vivência do luto se alia à intensidade dos laços que nos uniam a quem perdemos. Isso traz uma discussão em casos de aborto, quando o "pai" não considera que perdeu um filho [*sabe, eu não falo pra ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha*] ao contrário da mãe, pois o bebê fazia parte de seu próprio corpo. Além disso, podemos aludir à importância do corpo para o processo do enlutamento.

> Outras perdas ocultas significativas incluem filhos natimortos e abortos espontâneos e provocados. Estas perdas são muitas vezes desconhecidas dos outros, ou não reconhecidas e consideradas como não-eventos, tornando a perda mais dolorosa (Lewis, 1976). As mulheres em geral sentem mais profundamente a perda e o apego do que seus cônjuges, especialmente quando a criança cresce em seus corpos durante a gravidez.[211]

O corpo entrelaçado ao da mãe parece indicar uma relação estreita entre o tipo de perda e a dor. Corpo-existência casam-se quando falamos do tipo de perda e a exposição à dor. Esse é um dos entrecruzamentos dessa categoria com a anterior (vivência do luto como dor).

---

[211]WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Mônica. **Morte na Família:** Sobrevivendo às perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 61

Adentramos no necessário diálogo sobre o tipo de perda, cujo foco deve ser mais intensamente dirigido para a família e menos para a pessoa que morreu . Froma Walsh e Mônica McGoldrick, em sua pesquisa, classificam o aborto como uma perda oculta. Assim, parece que as mulheres se envolvem mais do que seus maridos com a perda que sofreram. No relato de W.F.S.J., encontramos uma espécie de "cobrança" pela esposa de postura em relação ao aborto espontâneo que ela sofreu. Possivelmente, a dor do entrevistado estava voltada para a dor da esposa e não especificamente para o "filho". É importante destacar que a história de vida da família ajuda a compreender as reações diante das perdas, como é o caso acima relatado.

4.2.3 Luto como desorganizador do ser

A desorganização do ser no processo de luto vincula-se a uma dimensão do cotidiano da existência. Os relatos demonstraram que o processo de luto tende a desestabilizar a vida das pessoas que estão envolvidas mais afetivamente com a pessoa que morreu. Isso não é uma novidade, mas geralmente essas pessoas cujas vidas se desestabilizam pela morte de alguém também são consideradas como pilares da família. Algumas organizam o funeral, as últimas homenagens, os rituais fúnebres, oferecem conselhos, acompanham de perto os processos que envolvem o próprio luto e o luto das outras pessoas da família: "[...] *naquela hora, naquela tarde que eu cheguei, eu queria ficar com ele e ao mesmo tempo entrei num desespero tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, que se a janela não tivesse aquela grade era capaz de eu ter me atirado, eu estava fora de mim, eu não estava consciente* [...]." [T.M.R.].

O desespero está envolvido com o ser-aí heideggeriano. A angústia do não-ser (discussão de Heidegger) encontra-se exposta na perda de si e na perda do outro. O campo perceptivo do enlutado vivencia uma desconexão em tudo. Voltar para casa, por exemplo, pode causar um estado confusional: "*Então, entrei e quando eu vi a sala vazia, está faltando alguma coisa que eu não sei o que é, e como ele havia sido sepultado então eu consegui ligar a situação, aí começou a me dar um desespero"*. (S.A.F)

A desorganização do ser também está ligada à sensação de impotência. Além disso, o desespero conecta-se à dor, desemboca em uma autoavaliação que coloca em xeque as atitudes. Tillich complementa esse pensamento quando discorre sobre a coragem de ser:

> A dor do desespero é de que o ser tem certeza de si como incapaz de afirmar-se por causa do poder do não-ser. Por conseqüência ele quer

> renunciar a esta certeza e sua pressuposição, o ser que tem certeza. Ele quer desembaraçar-se de si próprio – e não pode. O desespero aparece sob a forma de duplicação. Se a ansiedade fosse só ansiedade do destino e da morte, a morte voluntária seria o caminho para sair do desespero. A coragem requerida seria a coragem de *não* ser. A forma final da auto-avaliação ôntica seria o ato da autonegação ôntica.[212]

O desespero torna os discursos ambíguos. A ambiguidade tão própria do ser humano torna-se um tema transversal no processo do desespero. Admitir que se sentiu impotente e, ao mesmo tempo, admitir que as pessoas que não servem a Deus ficam com um sentimento de impotência expressa um desespero atroz conjugado com uma vivência de fé que tolhe sua liberdade de sofrer:

> *É uma situação meio difícil de explicar porque dos meus parentes a minha irmã não é cristã. Então me sentia assim impotente no momento de poder saber como agir nessa situação. Eu queria passar as condolências, eu queria passar um pouco de fé a eles, um pouco de carinho, mas acabei ficando impotente nesse momento. Eu não soube lidar com pessoas que, se estivessem comigo na caminhada cristã, seria mais fácil.[...] Mas quando as pessoas não servem ao Senhor, você fica com um sentimento de impotência. [H.F.]*

Encontramos, nos relatos, experiências de luto em que o desespero vem camuflado pelo processo de racionalização; encontramos ambiguidades no relato de uma mesma pessoa – o desespero e a calma. Destacamos dos relatos as divergências: "*experiência gratificante, sem desespero"* [W.S.], "*calma absurda*" [S.A.F.], "*Então, a gente tem que tomar essa posição, ser dura sem ser, coisa que eu não sou, já deu para perceber*." [M.P.P.C.] Esses relatos estão imbuídos de uma vivência na fé e na crença em que Deus é O que oferece forças e serenidade. Encontramos também gratidão a Deus pela morte do ente querido: "*Tem horas que até dou graças a Deus por Deus ter recolhido ele*." (A.L.R)

4.2.4 Luto a partir do corpo existencial

O corpo explicitado nos relatos aparece como lugar do lamento, da memória, da dor, do luto. O corpo apresenta-se como uma linguagem do luto, aquilo que não é explicitado em palavras, mas na subjetividade. Percebemos que a atitude de uma mãe que, ao ver o filho morto, toca o corpo como uma despedida e expressão de seu afeto e vínculo: "*corri, corri,*

[212]TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. São Paulo: Paz e Terra, 1976, p. 42. [grifo no original.]

beijei, porque eu pensei: 'a alma deve estar ali ainda'. Beijei muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo [...]". (T.M.R.)

Encontramos o corpo como lugar da ferida, que vai cicatrizando e até tornar-se enfim um ponto; Deus é quem ajuda a conviver com essa marca:

> *[...] parece assim uma dor que tem aqui no coração, parece uma ferida, não sei se você já teve alguma feridinha, então ela vai cicatrizando assim em volta, vai cicatrizando, cicatrizando até chegar no início e você vai colocando remédio, e fica aquele pontinho ali; só que eu entendo que só através de oração diante de Deus pra fechar... (M.P.P.C.)*

O corpo existencial apresenta-se também como uma experiência cuja lembrança é indelével embora dela não se queira mais lembrar. Em suas orações ela pede a Deus para não se lembrar desse momento da morte do marido.

> *Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que eu estava com ele no quarto, que ele olhou para mim, olhou para minha filha e aí vieram duas lágrimas, ele não falava mais. Ele estava com a boca meio aberta e as lágrimas foram para dentro da boca, aí fechou o olho. Esta imagem está difícil de esquecer* [...] [A.L.R.]

O preparo do corpo é uma ação muito marcante, cujo relato denota um processo de sofrimento desencadeado pela memória dolorosa do corpo não vivo. O relator sugere que esse é um tipo de cuidado que deve ser desenvolvido por outra pessoa que não seja da família nem tenha um vínculo próximo com a pessoa que morreu.

> [...] *Essa parte que eu cuidei foi a que me marcou muito; eu falo assim que é uma parte difícil porque é uma hora que você percebeu que ela já foi, aí fica ali, olhando, tendo que mexer, fazer alguma coisa; é uma parte dolorosa, eu acho.* [...] *Nunca é bom ficar ali cuidando. Porque essa experiência eu não quero para ninguém*. [M.P].

Acrescentemos também a dificuldade de esquecimento da imagem que fica gravada na memória do enlutado quando presencia o momento da morte do ente querido.

> *Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu* [...] *Essa imagem está difícil de esquecer, está ruim mesmo, mas o que tem pra falar é isso e esperar que Deus me dê conforto pra que eu possa esquecer, tirar um pouco da minha memória essa imagem que ficou, o resto a gente já esperava. Essa é a imagem que eu tenho dele.*[A.L.R.]

Merleau-Ponty, em seus estudos sobre fenomenologia da percepção, adentrou no tema do corpo como linguagem da existência. O corpo existencial deflagra um diálogo íntimo com as religiões e como elas lidam com a morte. Quando fazemos referência ao corpo existencial convidamos à reflexão sobre o corpo relacionado com nossa identidade e com o que nos faz ser quem somos, ou seja, nossa origem e o sentido dado à nossa vida. Assim o corpo referido nos relatos diz respeito ao vínculo com os sentidos atribuídos aos relacionamentos.

> Em todas essas épocas somos "corpo e tempo" porque somos "existência e tempo". Esse contínuo "estar-aqui" irrecusável, irrevogável, intransferível. Três palavras que falam impossibilidade, mas que, paradoxalmente, expressam toda a possibilidade da minha existência corporal.[213]

A relação corpo-luto é um tema evidenciado nos relatos e que possibilita a eclosão do processo do luto no corpo-existência que pronuncia o vínculo com o mundo e com a própria percepção da vida. Além disso, dá visibilidade ao mundo da vida, ao *Lebenswelt* que se vincula ao luto por meio do corpo.

4.2.5 O outro como "Presença cuidadora na vivência do luto"

O cuidado de pessoas – amigos, família, comunidade religiosa, profissionais de ajuda – reafirmou a importância do suporte no momento do luto em vários momentos de sua vivência. A convergência desta categoria explicitou a relevância da presença cuidadora na perda e no luto. O cuidado lembra nossa "missão" no mundo que, segundo Heidegger, é o cuidado.

O conforto, a presença são linguagens essenciais no cuidado. Parece que a valia do cuidado está mais relacionado à linguagem não verbal do que à verbal. Essa dimensão toca um dos princípios protestantes que é o uso da palavra como uma das marcas da presença do cuidado com as pessoas. O clérigo é estimulado a sempre ter uma palavra de consolo e de esperança nos momentos-limites da vida. Essa dimensão nos faz lembrar de que o silêncio somado à presença pode, mais que as palavras, transmitir o cuidado no luto. A afirmação de M.P.P.C. nos ajuda a refletir sobre essa dimensão do cuidado:

> *Tem que dar assistência sim,viu, mas não com palavras; palavras não resolvem, como diz a música popular, "palavras são palavras e nada mais".*

---

[213]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 120.

> *Mas que tem que dar assistência tem, viu. Pode você chegar perto de mim sem precisar falar nada, verdade?* [choro].

Lembremos o relato de G.R.D. em que afirma que as palavras do pastor a ajudou a lidar com a saudade sem ter de chorar porque sua mãe foi embora: [...] "*deu uma palavra muito gostosa, e assim é possível que a gente não tem que ficar morrendo de saudade, a gente tem que guardar a lembrança e não chorar porque ela foi embora*".

Palavras que privam o choro elucidam certa resistência em relação ao luto. Por outro lado, convém destacar que o diálogo com os enlutados sobre a pessoa que morreu colabora com o processo do luto.

É relevante salientar os relatos de W.S. e de T.M.R., que lembram da presença cuidadora dos familiares. Ambos não mencionam explicitamente o cuidado advindo da comunidade religiosa. W.S. abre um questionamento em relação ao local dos últimos momentos de vida. Questiona a estrutura hospitalar e enfatiza a importância do acompanhamento familiar no fim da vida de um ente querido. Ingrid Esslinger reafirma essa dimensão do cuidado destacado por W.S.

> Da mesma forma, em hospitais públicos, o aspecto econômico evidencia-se no sentido de apressar a morte: a obstinação terapêutica, entendida como o uso de recursos que garantam a manutenção dos sinais vitais (e não da vida), segue a lógica econômica. No hospital particular, o paciente gera lucro, havendo uma tendência para prolongar a internação (pelo menos enquanto o convênio cobrir as despesas); já nos hospitais públicos, há uma enorme disputa por leitos; e manter os pacientes por longo tempo em UTIs, gera altíssimos gastos.[214]

A presença cuidadora também está focada na comunidade religiosa que expressou solidariedade no momento da perda; une-se ao relato de H.F. que afirmou que não se sentiu sozinho diante da perda que teve. Um outro aspecto importante sobre a presença cuidadora, está no acompanhamento pastoral durante o processo de adoecimento do ente querido. A presença pastoral aliada ao sacramento da Ceia trouxe consolo e reconhecimento do acompanhamento oferecido pela pastora. Esbarramos novamente na linguagem não verbal, a participação na Ceia, cujo significado é de acolhimento e inclusão daquele que está acompanhando a doença de alguém que lhe é caro e possivelmente próximo da morte.

---

[214]ESSLINGER, Ingrid. **De quem é a vida, afinal?:** descortinando os cenários da morte no hospital. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2004, p. 213.

4.2.6 A fé como suporte para a vivência do luto

Nessa categoria encontramos convergência em todos os relatos, exceto no W.F.S.J. Essa ausência, porém, não indica que W.F.S.J. não a tenha vivenciado em seu processo de luto, na medida em que essa experiência obviamente se reveste das características individuais. A fé é uma das dimensões essenciais do fenômeno do luto que aparece de forma explícita nos relatos apresentados. Ou seja, elucida uma das dimensões do fenômeno do luto. A fé é explicitada de várias maneiras: o pedido por paz, proteção, evitação do desespero: "*se não for uma crença em Deus muito grande, é muito perigoso se desesperar de vez, pelo menos da minha parte*." [T.M.R.].

A fé está ainda relacionada ao adoecimento de quem nos é caro e a preparação para sua perda. É vital destacar que, nos relatos, a fé em Deus aparece como algo que previne a depressão, como no relato de M.P. A presença de Deus proporciona alento no enfrentamento do luto e da saudade. O poder sobre a morte é atribuído a Deus: "*Deus sabe o que faz*" [M.P.]. A fé em Deus, contudo, não isenta do sofrimento: *"imagina quem não tem Jesus, pois já estando com ele há o sofrimento*" [M.P]. O pedido de perdão parece estar relacionado ao poder atribuído a Deus em relação ao tempo de vida de uma pessoa. Esse perdão pode estar relacionado também ao sentimento de culpa que M.P carrega em relação a sua mãe.

A fé implica a imagem de um Deus misericordioso e cuidador, aliada à noção de que a vida tem seu limite [D.L.A]. A vivência do luto proporciona uma aproximação com Deus, buscando forças para lidar com a perda e com o sentimento de impotência. A experiência da fé no processo do luto é ressaltada na educação recebida pelos pais. A família é corresponsável na educação para a morte. Esse processo é facilitado pela vivência da fé dos pais, que desde o nascimento devem educar as crianças nesse sentido. Esse tipo de educação proporciona um luto sem desespero e sem questionamento da justiça divina.[215]

No processo do luto, a fé possibilita pedir a Deus a morte do ente querido para aliviar o seu sofrimento. A presença de Deus torna possível a superação da "*crise psicológica*" desencadeada pela falta de explicação da perda. Essa busca de entendimento do que aconteceu é reafirmada por A.L.R.: "*Eu queria me conformar com isso, tinha pedido muito a Deus que*

[215]Esse é um tema caro para Maria Júlia Kovács, que tem-se dedicado a sensibilizar a sociedade, os espaços acadêmicos e da saúde para uma educação para a morte. Há duas publicações específicas sobre esse tema que Kovacs ofereceu à nossa sociedade: Educação para a Morte: Temas e Reflexões e Educação para a Morte: Desafios na Formação de Profissionais de Saúde e Educação. Kovács, Maria Júlia. **Educação para a morte**: *temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003. Kovács, Maria Júlia. *Educação para a morte*: *desafio na formação de profissionais de saúde e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

me desse conforto, me desse entendimento por causa de tudo que eu passei com a morte dele."

A fé explicitada pelos enlutados denota a sua relevância no processo de luto e conduz a uma reflexão sobre a própria existência. Fé não é parte, ela está na totalidade do ser dos enlutados. Tillich confirma essa compreensão com seu conceito de fé:

> Fé como estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente é um ato da pessoa como um todo. Ele se realiza no centro da vida da pessoa e todos os elementos desta dele participam. Fé é o ato mais íntimo e global do espírito humano. Ela não é um processo que se dá numa seção parcial da pessoa nem uma função especial da vivência humana. Todas as funções do homem estão conjugadas no ato de fé.[216]

A relação entre a fé o luto torna-se próxima quando compreendemos que ambas fazem parte da existência. São estacas indispensáveis para a construção do sentido atribuído à vida.

4.2.7 Luto por morte na ordem natural

A vivência do luto na ordem natural explicita um diálogo sobre o tempo vinculado à pessoa que morreu. A inversão da "ordem" das perdas, por exemplo: a perdas dos filhos pelos pais parece expor uma expectativa de que o luto por morte na ordem natural sejam dos filhos em relação aos pais. O questionamento sobre a ordem das perdas não aparece nos relatos sobre as pessoas que morreram com idade avançada.

> *Ah! Muito difíceis os sentimentos que a gente teve em relação à perda; é tão difícil perder, não é fácil. Sabe, no meu caso especificamente, em relação à idade que o papai tinha, eu já encaro como uma coisa: a vida é isso. A Bíblia mesmo fala que até os 70, depois 80, é canseira e enfado, e realmente a vida só é boa enquanto a gente tem saúde. Depois que a pessoa não tem mais qualidade de vida, quando Deus lembra de levar pro Reino e está lá na glória, acho que é bem melhor que aqui*. [D.L.A.]

Embora a ordem natural apareça na vivência do luto, não deixa de transparecer a experiência difícil de enfrentar. Parece que a perda não é natural! No processo de desenvolvimento humano a perda é um tema transversal Destaque-se que perdemos, às vezes, sem perceber. Ao encontrarmos, na pesquisa, referência ao luto como uma "experiência gratificante" há divergência entre esse relato e aquele que afirma a experiência terrível da perda.

---

[216]TILLICH, Paul. **Dinâmica da Fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1970, p.7.

> *[...] uma experiência gratificante, apesar de ser uma experiência que a gente não está habituado todo dia* [...] *eu sou muito grato a Deus porque Ele efetivamente preparou papai para o seu recolhimento* [...] *agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara; com muita idade, quer dizer, fez tudo que teve que fazer na sua vida, foi um homem com um testemunho de fé, um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma.* (W.S.)

Nesse sentido, a "experiência gratificante" traz uma possível discussão – como seres humanos, seria possível compreender a morte como natural? Mais: até que ponto a ordem das perdas pode ser dirigida por nossos desejos A divergência nessa categoria da ordem natural salienta também que esse desejo depara com a impotência em relação ao tempo da morte: *"primeiro porque eu sempre pensei: vai o pai, vai a mãe... Como sempre foi na minha família"* [T.M.R.].

4.2.8 Luto como cuidado do outro

O cuidado com o outro é aqui entendido como uma atitude desencadeada pelo processo do luto. Nos relatos apontados cuidado é uma dimensão saudável do processo de elaboração do luto.

> *Aliás, a hepatite B, ouviu, você deve tomar vacina, porque a hepatite B está começando a ficar tão ruim, tão terrível quanto a C; a C tem mais de 37 variações de tão terrível que é* [...]. *Então é preciso tomar muito cuidado, jovem ainda, tomar para evitar isso o quanto antes*. [T.M.R.].

Há recomendações de cuidado com a saúde, bem como o cuidado manifestado pelo acompanhamento dos familiares que sofreram a perda, não como uma obrigação, mas como uma forma de solidariedade com quem compartilha da dor da perda.*"Não tenho certeza se realmente eu vivenciei o luto da forma como normalmente as pessoas vivenciam; eu procurei dar mais apoio àqueles que eu senti que estavam mais abalados que eu. Eu não fiquei abalado."* (W.F.S.J).

Ao perder o ente querido, para quem as atenções estiveram voltadas até então, a pessoa descobre nessa ausência os outros em presença. Nesse movimento, tal pessoa se descobre como cuidadora de outras pessoas, há um alargamento da percepção de si, daquele a quem se perdeu e daqueles que ficaram. O luto permite transcender a relação vincular, o sofrimento, a raiva, a dor, para descobrir que há um outro que precisa de mim, carece de mais cuidados, que há o mundo maior do que eu e a minha dor:

> [...] *mas aí eu chorei antes porque a gente, como cristão, tem que dar o testemunho de cristão nessa hora. Chegando lá, eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes. A gente não podia ficar chorando, eu tinha que dar assistência para minha irmã mais velha.* [M.P.P.C.]

É importante destacar que a vivência do luto que desencadeia o cuidado do outro após a perda, toca novamente no que Heidegger considerou como cuidado. Além disso, reafirma, como Husserl, que é o mundo da vida que evoca em nós as camadas mais profundas da convivência humana. De um luto, podemos ressignificar nossas vidas, reafirmar nossa identidade como pessoas e nutrir a interação corpo- existência consigo, com o outro e com o mundo.

4.2.9 Luto mediado pelo processo relacional

Os relacionamentos construídos durante a vida são evocados também no processo do luto. Nesses momentos uma espécie de hierarquia relacional pode ser explicitada na vivência do luto:

> [...]*mas acho que foi um dos piores momentos da minha vida porque a minha mãe era o que eu tinha de mais importante mesmo, depois de Deus era a minha mãe. E teve momento que, infelizmente, até a minha mãe estava à frente de Deus de vez em quando* [...] *então você tem um vínculo que acabou, não tem mãe.*[G.R.D.]

Parece que as perdas são mais ou menos dolorosas de acordo com o vínculo afetivo, idade e tipo de morte. José Carlos Rodrigues soma seu pensamento à essa dimensão relacional, focando a identidade coletiva de um grupo, de uma família, de uma comunidade. Como ele mesmo afirmou, "*a morte do outro evoca a minha morte*."

> Mas nenhum caminho se iguala à experiência da morte do próximo, à um ser ao qual se está afetivamente ligado, com o qual se constitui um "nós", com quem se edificou uma comunidade que parece se romper. Na medida em que esta comunidade é, de algum modo, eu mesmo, experimento um quê de morte dentro de mim. Por essa via a morte do outro evocará sempre minha própria morte; testemunhará minha precariedade, forçar-me-á a pensar-me nos meus limites. Por toda parte, a ruptura dos laços afetivos é a mais verossímil metáfora do nada.[217]

[217]RODRIGUES, José Carlos. A morte numa perspectiva antropológica**. A arte de morrer:** visões plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007, p.131.

O processo relacional nos lembra também que nossa subjetividade é construída na intersubjetividade com o mundo. Merleau-Ponty afirmou que nos percebemos como pessoa por meio da percepção de outrem. Dessa forma, as relações são o que nos proporcionam identidade e nos mantêm vivos e dão sentido à nossa existência.

Realçamos também um entrelaçamento muito próximo com a categoria da vivência do luto como dor. Essa vinculação pode estar envolvida com o tipo de relacionamento construído na história do enlutado com a pessoa que morreu.

4.2.10 Racionalização do luto

A racionalização do luto é evidenciada na construção de um discurso racional em meio à perda. O discurso é regado de tentativas de explicações aceitáveis dentro da formação religiosa aprendida. Nos relatos encontramos um processo de racionalização que procura camuflar a dor em nome do testemunho cristão e do apoio aos familiares.

> [...] mas *aí eu chorei antes porque a gente, como cristão, tem que dar o testemunho de cristão nessa hora. Chegando lá, eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes. A gente não podia ficar chorando, eu tinha que dar assistência para minha irmã mais velha*.[M.P.P.C.]

A vivência do luto mediada pela racionalização pode incluir o discurso religioso como uma espécie de consolo, ao mesmo tempo em que se faz a construção de um discurso aceitável para si mesmo. Deus, nesse sentido, torna-se o responsável pela morte, por "levar" o sobrinho pelo bom comportamento em vida.

> *Eu até também sinto que o Senhor levou pra Ele porque era um menino muito diferente dos outros irmãos dele, não era interessado em dinheiro, não era assim muito de querer só as coisas materiais. Eu senti muito também de não ter feito isso: ajudado antes, talvez ele podia ter ingressado conosco nessa caminhada, mas foi muito difícil para os meus filhos, foram criados juntos com ele, pra minha mãe e pra minha irmã que até hoje não superou esta situação ainda e continua áspera.*[H.F.]

No Dicionário Internacional de Psicanálise, encontramos uma conceituação que diz respeito ao tema do luto quanto à racionalização embutida nos relatos apresentados na pesquisa. Fazemos alusão aqui a uma outra convergência nos discursos de racionalização que consideraram a vivência do luto como uma "*experiência gratificante*" [W.S.].

> Chama-se "racionalização uma justificação racional (nos planos lógico ou moral) apresentada pelo sujeito de uma ação ou de uma atitude cujas motivações (inconscientes) lhe são inacessíveis. [...] É nos sistemas de pensamento, de representações e de crenças que a racionalização encontra um suporte por excelência, visto que esses sistemas são socialmente constituídos e admitidos.[218]

Encontramos, na análise das divergências, uma explicitação da vivência do luto sem a tentativa de demonstrar por meio de palavras um controle sobre a situação. Percebemos que as pessoas podem se entregar ao seu luto, sem buscar uma aceitação sociorreligiosa da sua perda.

> *Aí, a princípio, eu quis apoiar mesmo meus queridos, mas depois eu tive meus momentos também de tristeza, mas sempre focado nisso, sempre mais chateado e preocupado pelo que outros estão sentindo e não pelo que eu estava sentindo, bem desse jeito.* [W.F.S.J.]

Na divergência dos relatos, encontramos duas características no processo do luto: a vivência do luto no exercício da alteridade e a vivência do luto de forma antecipada que ajudaram a lidar com a perda efetiva.

4.2.11 Saudade no processo do luto

A saudade convergiu nos relatos em conexão muito estreita com o consolo dos amigos e de Deus. A saudade é uma vivência a que o luto parece constantemente se vincular.

A palavra saudade, do latim *solitate* , tem nos dicionários o significado de lembrança nostálgica e ao mesmo tempo suave de pessoas ou coisas distantes ou que já não mais existem, lembrança que vem acompanhada de um desejo – tornar a vê-las ou possuí-las.

Ou seja, a saudade está referida a um sentimento de solidão (ausência) e ao mesmo tempo a uma presença. A saudade nos oferece um referencial histórico de nossa existência. A saudade parece um testamento da memória, uma herança da lembrança e uma presença na continuidade da existência dos enlutados.

> *Então, eu penso que a gente tem um tempo de saudade, de perda, mas vai se conformando; às vezes bate aquela saudade e começa às vezes a vir até um remorso de não ter feito alguma coisa. Nesse caso comigo também a gente visitou muito, então se sente confortado de ter podido cooperar com ele. Mas a falta dele a gente sempre vai sentir.* (M.P).

---

[218]MIJOLLA, Alain. **Dicionário Internacional de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p. 1538.

Os relatos convergiram para a experiência de conforto em meio à saudade, mas também de cobrança, já que se poderia ter feito mais pela pessoa. Ademais, encontramos nos relatos a ideia de que a saudade é uma vivência que estará sempre presente na vida dos enlutados, traduzindo um desejo de eternidade. Como disse Eduardo Lourenço: "Sob outros nomes ou sem nomes, a saudade é universal, não apenas como desejo de eternidade, mas como sensação e sentimento vividos de eternidade. Ela brilha sozinha no coração de todas as ausências."[219] Os relatos denotam uma relação estreita entre saudade e tempo. Além disso, a possibilidade de um reencontro indiretamente coloca-nos a todos diante da inevitabilidade da experiência do morrer e do desejo que a vida continue após a morte.

4.2.12 Luto Antecipatório

O luto antecipatório aparece como uma vivência presente nos relatos de dois entrevistados: W.S. referiu-se ao acompanhamento do processo de enfermidade tanto da mãe como do pai. W.F.S.J. explicitou essa vivência de maneira clara, ao narrar o processo de adoecimento e morte da mãe.

> *Eu tinha muito medo, tinha muito, muito, muito, muito medo de perder a minha mãe, demais. E de tudo o que aconteceu, eu não sei se isso é verdade, mas acontece de você vivenciar um luto antes? Acontece? Pode ser? Eu acho que eu aprendi, eu aprendi, eu imaginava como ia ser se a minha mãe viesse a falecer. E quando a minha prima me ligou, ela me ligou, e falou que tinha que ir para o hospital, eu já não estava sentindo mais aquilo, porque é como se tivesse consolidado, como que se para mim o luto já tivesse começado antes. Então, desde quando a minha mãe adoeceu, desde quando soube o que ela tinha, eu já acho que sem saber, inconscientemente, eu já comecei a trabalhar essa questão do luto. Sem perder as esperanças.*

Ambos vivenciaram o luto de forma antecipada, mas W.F.S.J. o fez de maneira mais explícita, como apresentado em seu relato. A respeito do luto antecipatório, José Paulo da Fonseca ensina:

> O termo "Luto Antecipatório" foi utilizado pela primeira vez por Lindemann em 1944 quando publicou um artigo denominado *The Symtomatology and Management of Acute Grief.* Nesta época ele observou que acontecia um fenômeno com as esposas dos soldados que iam para a guerra: elas experienciavam as reações de luto quando da separação física de seus maridos e diante da perspectiva deles morrerem em batalha. Ele analisou o fenômeno e o entendeu como uma reação adaptativa das esposas face à

[219]LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.15.

> iminente possibilidade da perda de seus maridos, período em que elas vivenciavam fases de depressão, raiva, desorganização e reorganização, antecipando o desligamento afetivo deles. Elas, então, assim reagindo, protegiam-se contra a possibilidade de se defrontarem com uma morte repentina, cujos efeitos eram mais devastadores. Face a estas constatações, Lindemann concluiu que este fenômeno, o qual denominou Luto Antecipatório, tinha uma função adaptativa para as pessoas. [220]

Para nossos entrevistados que tiveram a vivência do luto de forma antecipada, a experiência proporcionou uma elaboração do luto de forma saudável e possibilitou-lhes envolver-se com o tempo do enlutamento de forma direrenciada. Há um vínculo estreito com a concepção de tempo em Merleau-Ponty, na interpretação de Capalbo:

> O tempo da subjetividade não é o chronos (o tempo que dura, o tempo do cosmos ou do conjunto ordenado das coisas); ele é Kairos ou o ser presente no tempo. É o tempo favorável à realização do nosso ser. É um tempo perfeito que realiza algo, de onde o passado nos interpela, por nosso presente atual, e que tem algo a nos dizer para o futuro.[221]

O tempo subjetivo do luto está relacionado à maneira como os enlutados encaram não apenas a morte, mas principalmente a vida. Quando nos permitimos dialogar sobre a realidade de alguém que está no processo de morrer, o luto pode ser iniciado antes da morte concreta, real e inexorável. Alcançamos também o tema dos cuidados paliativos, tão discutido em nossos dias, como recurso para a construção de uma morte digna na área da saúde e que inclui a sanidade dos familiares.

4.2.13 O luto mediado pela dimensão material do viver

Encontramos nessa categoria uma idiossincrasia que traz à tona a dimensão material do viver no processo do luto. M.P. expressou insatisfação em relação à atitude da família do marido sobre os gastos do funeral. Percebemos que sua frustração foi expressa no seu corpo, quando fala do mal-estar.

> *Nossa, me deu assim um mal-estar, porque além da dificuldade na hora do enterro, também não é só a perda, mas também a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada que dizer, eu sabia que naquele tempo eu não tinha algum dinheiro mesmo.*

---

[220]FONSECA, José Paulo da. **Luto Antecipatório**. Campinas: Livro Pleno. 2004, p. 93.
[221]CAPALBO, Creusa. **A filosofia de Maurice Merleau-Ponty: historicidade e ontologia**. Londrina: Editora Humanidade, 2004, p. 79.

Embora os filhos de M.P. assumissem os gastos, esse tema evoca a relação estreita entre a perda e os gastos materiais, bem como são expressão da maneira como as pessoas valorizam a dimensão financeira em detrimento dos sentimentos envolvidos em um dos momentos cruciais da vida, que é a morte de alguém que nos é querido.

> [...] *meu filho estava e disse: "Imagina, o quê mãe?". Eu falei: Eles estão achando que está muito caro, puxa-vida, eu estou triste porque já tem uma perda e depois ainda fica falando de dinheiro essas horas, eu fico muito triste.*

Essa categoria também evoca o sentido que as pessoas têm dado à despedida final, como se aquele que se vai, embora parte da família, fosse apenas mais um número a ser excluído do censo da população. Parece que a morte não está incluída na vida, é apenas um episódio que só atinge os outros (familiares próximos) e não a si mesmo. É a era da onipotência em relação à morte e da superficialização da memória do próprio viver. O processo do luto envolve a dimensão material da vida, é impossível dicotomizar vida e morte. A vivência do luto envolve a vida no que lhe é mais básico e indispensável: a produção material da vida. A concretude das condições materiais da existência depara-se a todos, ao perderem um ente querido: é preciso pagar o aluguel da casa, comprar o caixão, providenciar o terreno no cemitério. A materialidade da vida é posta ao humano de forma concreta e direta. É necessário dar-se conta de que a morte possui essa dimensão também e que solicitará aos vivos assumirem os custos para enterrar o morto. Não há *glamour*. Alguém terá que pagar as despesas. Essa dimensão pode ser foco de conflitos familiares, desgastes e até mais uma parcela de sofrimentos para os enlutados. A economia envolve e domina a vida e a morte.

4.2.14 Luto mediado pela culpa

A culpa é envolvida com um discurso religioso muito presente. Pedidos feitos a Deus para que "levasse" o ente querido trazem culpa, além da culpa diante do cuidado oferecido no processo do adoecimento. Existe também a culpa por não ter "evangelizado" o suficiente para que o ente querido se convertesse.

> *Então, fiquei muito triste por causa disso porque às vezes deixamos de fazer alguma coisa que poderia ter salvado esse menino pra gente. Achei que falhei nesse ponto que tinha como alcance; então nós vamos aprendendo a entender. As pessoas morrem sem saber porque a gente não fala da Palavra do Senhor. E isso depois daquele tempo me afetou muito, eu comecei a falar*

> *da Palavra de Deus para aqueles que estão nos visitando porque eu vi que se eu tivesse falado pro meu sobrinho, que é meu parente ali dentro, poderia ter conseguido aquela alma pra Jesus*.(H.F).

A cobrança pessoal também traz à tona o fato de que os enlutados poderiam ter feito alguma coisa mais para aquele que morreu. Há culpa por não tê-lo acompanhado todo o tempo no hospital, além da eclosão de um sentimento de onipotência que se manifesta pela autocobrança de salvação da pessoa que morreu: "*Não sei bem, mas fica aquele sentimento: eu podia ter feito melhor, eu podia ter feito mais, eu podia, eu podia, mas o tal do "eu podia" é quando a gente perde as coisas que a gente perde e pensa.*" (S.A.F.)

Tillich aborda a culpa associada à ansiedade e a existência do ser:

> O juiz que é nós mesmos, e que se coloca contra nós mesmos, o que "sabe com" (consciência) tudo que fazemos e somos, faz um julgamento negativo, sentido por nós como culpa. A ansiedade da culpa mostra as mesmas características complexas que a ansiedade sobre o não-ser ôntico e espiritual. Está presente em cada momento da auto-consciência moral e pode levar-nos à completa autorrejeição, para o sentimento de estar condenado – não a um castigo externo, mas ao desespero de haver perdido nosso destino.[222]

Essa desorientação desencadeada pela culpa pode ter um tempo curto ou permanecer indefinidamente, por anos a fio. *"Meu Deus, eu acho que não fiz o que devia ter feito quando ela estava aí, devia ter ido lá falar com as minhas irmãs pra mudar a vida dela"*. (M.P)

A sensação de poder ter feito algo a mais é própria dos enlutados, porém a culpa que martiriza o pós-perda durante longo tempo pode desestabilizar o ser e fazê-lo perder-se em seu próprio mundo culpabilizado. Além disso, é possível que outras culpas, acumuladas na história da pessoa, venham à tona nesse processo de luto.

4.2.15 Luto como memória

A memória vai além da lembrança. Ela evoca uma busca – trazer de volta à vida a pessoa, devolvê-la a nosso cotidiano. A memória favorece um processo de reflexão sobre a existência. É uma marca indelével na biografia da pessoa, que é expressada pelas constantes tentativas de manter os símbolos que a alimentam. Vemos no relato de G.R.D. uma vivência do luto regada por uma reflexão sobre a memória.

---

[222]TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 40.

> *Mas aí vou colocando foto na casa pra ver se eu não me esqueço, mas não esquece, não é? Mas eu questiono a minha irmã, eu fico falando: Por que eu não consigo sonhar com ela? Por quê? Oh! Senhor!* (G.R.D.)
>
> *Então, me olhando no espelho eu estou me lembrando dela, mas ela vai deixar eternamente esperança de uma vida após a morte que eu vou poder vê-la de novo; não sei como, não sei se vai acontecer, mas eu tenho esperança.* (G.R.D.)
>
> *É uma coisa assim, sinto muita tristeza porque desde o dia que ela faleceu, eu sempre questiono a minha irmã, eu até hoje não tive um sonho, nenhum até agora, e eu fico com medo de perder a lembrança do rosto dela* [a entrevistada chora] (G.R.D.)

É importante atentar para a relação entre luto e memória nos estudos interdisciplinares sobre o luto, especialmente no campo da religião. Para a ciência a memória:

> é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se grava aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido.[223]

A memória que transparece no relato de G.R.D. expressa um processo de evocação da presença materna, que transcende uma aprendizagem cognitiva, mas expressa o vínculo estabelecido no relacionamento durante sua vida. A memória explicitada por G.R.D. é de compromisso e de identidade. Parece que G.R.D. se identificava com a mãe, uma espécie de espelho de vida para ela. O desejo de sonhar, de se comunicar com a mãe vai além de sua fé cristã, que afirma que só há possibilidade de comunicação com a mãe na vida após a morte, ou seja, em um tempo não determinado ainda. Ou seja, a busca por um sonho é tentativa de manter uma lembrança, que é pelo retrato da mãe e o seu próprio olhar no espelho.

> Só se compreende o papel do corpo na memória se a memória é não a consciência constituinte do passado, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente, e se o corpo, sendo nosso meio permanente de "tomar atitudes" e de fabricar-nos assim pseudopresentes, é o meio de nossa comunicação com o tempo, assim como com o espaço.[224]

O pensamento de Merleau Ponty explicita de forma clara o movimento de G.R.D. Suas atitudes para preservar a memória da mãe são tangenciadas no seu corpo que, segundo G.R.D,

---

[223]IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p.9.
[224]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 246

tem semelhanças com o da mãe. Assim, memória e corpo casam-se na elaboração do luto como um processo de intersubjetividade e busca de consolo diante da perda sofrida.

4.2.16 Luto mediado pela serenidade

A serenidade elucidada nas entrevistas evidencia uma idiossincrasia no relato de S.A.F. Embora a calma seja uma possível negação em casos de luto, não consideramos que seja esse o caso explicitado nesse relato. A serenidade aparece como resposta a sua oração diante da possibilidade de perda do pai. Ela mesma relata que nunca sentiu algo parecido antes.

> *Na minha vida, de tantas coisas que eu já passei, eu nunca senti uma calma tão absurda daquela. Parecia que eu estava "em alfa", fiquei o dia inteiro flutuando, eu fiquei o dia inteiro assim. Eu sentia que Deus estava comigo, que ele me pegou no colo nessa hora*. (S.A.F.)

Seu relato possibilita a compreensão de que a vivência do luto é uma experiência única da pessoa que também vivenciou sua fase de desespero. A espiritualidade influenciou sua vivencia do luto, dando-lhe serenidade, principalmente nos primeiros momentos após a perda, e deixando-lhe o legado de que Deus foi a companhia mais presente nesse marco de sua biografia. Percebe-se uma relação aproximada entre finitude e transcendência. Diante de uma perda, a busca pela serenidade dignifica o processo do luto em sua história de vida. É importante destacar que a serenidade lhe faz lembrar também da graça de Deus. A graça divina suaviza o momento do pesar.

> Em tal perda, se considerada sem as circunstâncias fáceis, quem poderá culpar aquele que derrama uma lágrima? A ternura de um coração derretido, dissolvida com afeto, quando ela se reflete em diversos momentos agradáveis, que agora alçaram vôo, para nunca mais retornar, dá permissão para alguns graus de tristeza. Nem a fragilidade humana permite que um familiar comum despeça-se, sem ela.[225]

Percebemos por meio da análise compreensiva os meandros do fenômeno do luto, que desvelaram subsolos de um dos momentos mais presentes na vida do ser humano: a perda. Tantas expressões sobre o fenômeno do luto evidenciam que a vivência do luto não é marcada

[225] RENDERS, Helmut et al. **Sermões de Wesley**: texto inglês com duas traduções em português. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. Sermão 35 - Sob o Pranto pelos Mortos

por uma única palavra. A vivência do luto é criativa, cria possibilidades de sentidos de vida que não existiam antes da perda. Pode ser um paradoxo, mas os enlutados não são os mesmos depois da vivência do luto.

Ademais, o luto toca o corpo a todo momento. Nos relatos encontramos o corpo e a existência dialogando constantemente e expressando sua linguagem do luto de várias maneiras. É o corpo enlutado que dá voz aos que sofreram uma perda por morte.

As categorias delineadas neste capítulo oferecem um quadro de significações da experiência do luto em várias nuances. O fenômeno do luto vai desde a dor até a serenidade. Não existe uma única atitude em relação ao fenômeno do luto. A idade dos enlutados não exclui o fato de que em todos os relatos percebêssemos um delineamento da vivência do luto permeado pela linguagem da fé e de uma profunda reflexão sobre a própria existência.

A análise compreensiva permitiu visualizar o fenômeno do luto como um horizonte. Nesse horizonte diferentes maneiras de vivenciar o luto apareceram para nós. Parece ocorrer um deslocamento da nossa própria existência, que promove uma desorganização do ser. Estamos fora de nosso espaço e buscamos reiterá-lo. Os enlutados que antes da perda eram conhecidos como marido, esposa, filho, tia, perdem o chão de sua identidade, O horizonte a reencontrar é a si mesmo, depois de uma perda, depois de um luto.

Os valores da dimensão material do viver e da fé são revisitados. Parece que a lógica do ter como verbo que rege a vida é balançado pela ilógica do ser. Pessoas enlutadas podem refazer o trajeto da vida, priorizando o ser. Pode haver um desprendimento de valores que cegavam o significado do viver antes da vida e o apego à existência pode ser ressignificado.

O que aparece para nós, o que vem à luz na análise compreensiva é que o fenômeno do luto envolve um profundo questionamento das prioridades e dos valores das pessoas. Ao mesmo tempo, as pessoas revelam-se com novas facetas de si mesmas. Nos relatos encontramos pessoas que puderam reassentar seu mundo e ampliá-lo de significados, enquanto outras permaneceram enclausuradas na sua própria culpa. Mas em geral, percebemos um movimento de reafirmação dos sentidos da fé, da família, da comunidade religiosa.

CAPÍTULO 5 – SÍNTESE DE UM PENSAR – CORPOS ENLUTADOS: POR UM CUIDADO PASTORAL COMUNITÁRIO EM SITUAÇÕES DE LUTO

Sem vida não há morte, sem morte não há vida. Sem vida não há luto, sem luto não há vida. Numa era em que vários ramos da ciência procuram "explicar" o que acontece com nosso mundo, o processo do luto ainda é escamoteado pela mídia com o mito da "vida eterna", ou seja, uma vida que não tem morte. É uma era em que o luto não existe para cada um de nós, existe para quem está distante, a não ser quando bate à nossa porta e entra em nossa casa, ou quando catástrofes acontecem e a solidariedade irrompe para nos lembrar que ainda há esperança.

> Quando o futuro aparece ameaçador e incerto, resta debruçar-se sobre o presente que não paramos de proteger, arrumar e reciclar, permanecendo em uma juventude sem fim. Ao mesmo tempo em que coloca o futuro entre parênteses, o sistema procede à "desvalorização do passado", em razão de sua avidez de soltar-se das tradições e das limitações arcaicas, de instituir uma sociedade sem amarras e sem opacidade; com essa indiferença pelo tempo histórico instala-se o "narcisismo coletivo" [...][226]

Nossa pesquisa não tratou nem de catástrofes, nem de situações que a mídia alcança. Percorremos a trajetória do luto com pessoas que vivenciam a fé em suas comunidades religiosas e procuram um sentido para suas vidas e suas perdas. Pessoas que compartilharam suas experiências do luto e deram voz a suas dores, interrogações, alívios, presença da comunidade religiosa e solidária, surpresas do caminho, mudanças, decepções, cansaço, desespero, esperança, Deus.

A trajetória do luto por morte começa com uma perda, uma ausência, um vazio relacionado a alguém, a um bichinho de estimação ou mesmo a algum objeto inanimado que traz algum significado para a pessoa. Em nossa experiência, o luto transpõe etapas, um dia delimitadas como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

O luto toca em áreas por nós desconhecidas, absorve-nos e nos deixa em um estado de quase paralisia de algumas reações como a alegria e o prazer. Ficamos imersos dentro de uma concha, procurando aconchegarmo-nos e evitar o medo, a sabatina, os olhares inquiridores. Caímos num mundo inexplicável, cujo comportamento presente é a evitação, o

---

[226]LIPOVETSKY, Gilles**. A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**.** São Paulo: Manole, 2005, p. 33.

solilóquio e o estar só. Nossa experiência também inclui a possibilidade de, nos momentos em que o luto bate à nossa porta, podermos de forma também inexplicável, nos deparar com possibilidades de mudanças de horizontes, para um mergulhar na busca de reacender o sentido da vida; fagulha presente em nós e muitas vezes "acendida" por pessoas no compartilhar de experiências e de memórias.

Quando não sabemos lidar com a perda, podemos barganhar qualquer coisa, inclusive nossa própria vida. A perda traz exaustão e instabilidade na percepção dos sinais de esperança; não se conhece, não se reconhece. Paradoxalmente, pode haver uma esperança dentro de nós que ajuda a tomar fôlego quando a vontade de desistir chega. O cansaço torna-se o companheiro constante, e o não saber tomar decisões torna-se parte de nossa agenda. Nossa identidade é ameaçada ou quase perdida. Nosso silêncio e isolamento são vozes que gritam quase o tempo inteiro a ponto de nos deixar surdos: é nossa própria voz! As pessoas tornam-se estranhas e a vontade que temos é de nos afastar delas. Deus torna-se uma companhia às vezes boa, às vezes sem sentido. Toda a educação religiosa que recebemos parece que não passou de memorizações automáticas para tentar diminuir nosso medo e agradar às instituições religiosas. Essas, muitas vezes nos fazem calar, ao invés de nos fazer gritar. O "pecado" do grito torna-se o "diabo" do silêncio, ou vice-versa.

Quando se vive uma vida de perdas e de poucos ganhos afetivos, parece que somos vegetais que andam, não há carne, não há corpo, só há reconhecimento de um ser de utilidade. O luto é uma experiência que acompanha o contexto vital em todos os momentos. A perplexidade que acompanha aquele que caminha sobre o chão do vale do luto abre crateras existenciais que tocam nosso corpo e nossas idéias sobre a vida. Nossos valores são reconduzidos a novos patamares e nos fazem questionar: afinal, o que é a vida? A pergunta pungente que perpassa o período do luto convoca novos autoconhecimentos e relacionamentos.

O mundo da vida dessas pessoas, evidenciado em suas histórias, em seus relatos, abriu atalhos nos caminhos do luto que fizeram achegar-nos ao fenômeno do luto com novos olhares. Nossa percepção de que o luto só nos lembra tristeza, desvario, descontrole, desesperança foi tocada por um tempero de vida muito presente. Quem sabe a temperança seja uma virtude, no processo do luto. O ser-aí que vivencia o cotidiano da sua vida em meio ao silêncio de suas mortes abriu caminho para novas linguagens do fenômeno do luto.

Os relatos evidenciaram que o luto tem sido tratado como algo pontual nas comunidades religiosas. A percepção que temos é de que o tema é evocado apenas quando

uma morte ou outro tipo de perda acontece. A fala sobre o luto ocorre geralmente no funeral e, em alguns casos, no acompanhamento pastoral em situação de doença terminal.

Nas histórias narradas nos relatos, assinalamos que também houve evidência da importância da presença da comunidade pastora no momento da perda. Essa presença foi explicitada como significativo suporte na elaboração do luto de seus paroquianos.

Os labirintos do luto evocaram também uma espiritualidade para a morte. Nossos cultos *in memoriam* podem ser enriquecidos com a valorização da memória no cristianismo. Não podemos negar que os protestantes parecem ter dificuldades de lidar com culto *in memoriam,* que pode trazer a infeliz conotação de oração pelos mortos, prática inaceitável no protestantismo. Assim, uma teologia para o cuidado do luto deve ser revisitada no campo protestante, especialmente na tradição metodista. Uma espiritualidade voltada para o luto poderia ser uma contribuição significativa das comunidades religiosas para a sociedade.

Como resultado da análise compreensiva não temos a pretensão de transformar os cultos e celebrações em momentos mórbidos, mas o contrário: espaço de valorização da vida em meio às perdas. O aprofundamento da espiritualidade para a vida deve se estender para a morte. O acompanhamento no processo do luto pode fazer proliferar iniciativas de tratar o luto como parte de nossa vida e não como um apêndice dela. O clérigo pode tentar lidar com as ambiguidades da vida, explicitadas nas orações de seus paroquianos por ocasião do luto.

Mas a morte pode trazer um descompasso nas orações de pessoas que vivenciam o luto. Muitas pessoas fazem orações para que seu ente querido doente viva, e ele vive; muitas pessoas fazem orações para que seu ente querido doente viva e ele morre; outras pessoas fazem orações para que seus doentes morram (por não aguentarem ver seu sofrimento) e eles vivem; outras pessoas fazem orações para que seus doentes morram (não aguentam ver o sofrimento deles) e eles morrem. Essa dimensão da espiritualidade vai encontrar-se com o caminho pastoral no trato com o luto. É certo que muitas vezes, diante do luto por morte, clérigos podem sentir-se impotentes em relação às perguntas de seus paroquianos quanto ao porquê da morte de alguém: "*Deus, não deixe passar mais um dia nesse sofrimento porque ele não merece. Eu cheguei em casa, fiquei até às duas da manhã, pedindo pelo amor de Deus para levá-lo, que não era justo*" [S.A.F.].

Num mundo onde o mote principal é vencer, ganhar, prolongar a vida com aparelhos, a teologia poderia elevar-se a uma reflexão auspiciosa em relação ao conceito da vida e da morte e a vivência do ganho e da perda no mundo hodierno. Não podemos negar que a teologia já foi atingida por valores neoliberais do ganhar sempre, mas ainda persiste um fazer teológico que olha a perda como parte do próprio ser cristão. Não estamos defendendo uma

teologia da perda sem considerar que precisamos vivenciar o lado do ganho. Nossa vida é muito mais do que ganhar e perder. Nossa vida é partilha: quando partilhamos, todos perdem e todos ganham, aí então se diz que é chegado o Reino de Deus.

Uma das seções desta pesquisa explicitou um campo amplo: a relação corpo-luto. Embora no meio cristão o tema do corpo seja central para sua teologia, percebemos certa resistência de trabalhar o tema no cotidiano das comunidades religiosas. Não podemos negar que sexualidade e morte tocam nosso corpo e atingem nossas teologias. Geralmente quando se fala de sexualidade nas comunidades, há uma alusão ao pecado. Assim, o corpo é confundido como lugar onde habita o pecado. É interessante perceber que a mesma fala que defende esse pensamento lê em suas comunidades que o corpo é o templo do Espírito Santo. O Espírito Santo é quem nos faz conhecer o mundo, os valores do Reino e da vida.

> Assim, a conexão entre os segmentos de nosso corpo e aquela entre nossa experiência visual e nossa experiência tátil não se realizam pouco a pouco e por acumulação. Não traduzo os "dados do tocar" para a "linguagem da visão" ou inversamente; não reúno as partes do meu corpo uma a uma; essa tradução e essa reunião estão feitas de uma vez por todas em mim: elas são meu próprio corpo.[227]

Merleau-Ponty nos lembra muito bem de que o corpo é a mediação do meu vínculo com o mundo. No corpo, podemos perceber e sermos percebidos pelo outro. Ele nos traz identidade. Ele constrói o mundo percebido na sua autoidentificação como corpo e na identidade do corpo de outrem. O encontro entre corpos constrói o mundo em que vivemos: *"Corri, corri, beijei, porque eu pensei: "a alma deve está ali ainda. Beijei muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo"*[T.M.R].

É interessante salientar que as mulheres falaram mais a respeito da relação luto-corpo. No processo do luto, o corpo torna-se uma linguagem que supera as palavras. Não pretendemos entrar numa discussão de gênero, mas as vivências do luto das mulheres parece estabelecer uma entrega de si mesmas no luto. Elas explicitam de formas mais detalhadas a perda e seus sentimentos:

> *Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que eu estava com ele no quarto, que ele olhou para mim, olhou para minha filha e aí vieram duas lágrimas, ele não falava mais; ele estava com a boca meio aberta e as lágrimas foram pra dentro da boca, aí fechou o olho.* [A.L.R]

[227]MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, p. 207.

Lembramos aqui, dentro da percepção de Merleau-Ponty, que o corpo deve ser visto como um todo e não apenas meu retrato físico, ou seja, uma parte de mim. Merleau-Ponty pode nos ajudar a resgatar o corpo dentro do que o próprio cristianismo apreendeu: o corpo é habitação de Deus; a ressurreição é em corpo; o sofrimento é no corpo; o amor é no corpo, o luto é no corpo.

O ritual central da vivência da fé cristã é a Eucaristia, mais conhecida como Santa Ceia pelos protestantes. Nela lembramos o corpo de Cristo que sofreu por amor, morreu e ressuscitou. A fé cristã está sedimentada na encarnação de Deus em Cristo. Ou seja, só há sentido em ser cristão, quando o cristão compreende a importância do corpo no mistério da fé. A Santa Ceia é envolvida por muitas possibilidades de rememoração além da lembrança do nascedouro da fé cristã. Lembra a possibilidade de perdão e reconciliação com a vida. No contexto em que o luto é envolvido pela culpa, o perdão ao outro e o perdão a si mesmo são uma necessidade para a reintegração da pessoa a seus relacionamentos. Esse é um ritual que oferece uma rica oportunidade de trabalharmos o luto na óptica da esperança e do consolo. Defendemos uma solidariedade eucarística.

> Quando fala do perdão dos pecados, a Reforma não considera um simples instante formal de remissão de pena, mas o momento no qual o amor de Deus transforma o pecador e reorienta sua existência. Perdão dos pecados é sinônimo de vida na fé, de vida nova oferecida por Deus e rica em obras de amor. A comunhão do pão e vinho estabelece e exprime a ligação com Cristo pela fé. Nessa ceia Deus mesmo age, dando vida ao Corpo de Cristo que é a Igreja e renovando cada membro desse corpo.[228]

Histórias bíblicas como as de Lázaro (Jo 11), dos caminhantes de Emaús (Lc 24), da viúva de Sarepta (I RS 17) e evidentemente da própria criação expressam uma antropologia bíblica rica: o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus e podem evocar um caminhar muito promissor com uma espiritualidade do luto voltada para o corpo. Aliás não há como dicotomizar espiritualidade e corpo. A visão etérea da vida cristã foi influenciada pela tripla divisão do corpo feita pelos gregos: corpo, alma e espírito. Embora o cristianismo tenha sido influenciado por esse pensamento, a raiz de sua crença está no corpo em toda a sua integralidade. Nossa existência não está desconectada de nosso corpo. Existimos como corpo. Assim chamamos a atenção para os estudos sobre o corpo-luto nas ciências da religião como espaço-tempo de vivência, que envolve uma visão fenomenológica sobre a vida a partir do

[228]BROUARD, Maurice. **Eucharistia:** Enciclopédia da Eucharistia. São Paulo, Paulus, 2006, p. 639.

Lebenswelt [mundo-da-vida], expressão tão cara a Husserl e Merleau-Ponty. Nos dias atuais, encontramos a defesa de uma espiritualidade do corpo, como alude Moltmann.

> Se então experimentamos o Espírito divino por meio de outra pessoa ou por meio de uma árvore em flor na natureza – falo de uma experiência própria na prisão de guerra em 1945 --, ressurge em nós o amor incondicional para a vida e a vontade de viver. Reconhecemos novamente as belezas do mundo colorido, escutamos novamente as melodias da vida, novamente sentimos sabor, e sentimentos nos puxam para dentro do mundo. Abandonamos o casulo de nossa alma. Nossos sentidos revivem e nós vivemos a vida. Isso é a nova vivência dos sentidos, que faz parte da nova *espiritualidade do corpo*. Em ambas, experimentamos a primavera vindoura da criação. Assim a "ressurreição da carne" atua sobre nossa vida corporal.[229]

Para Moltmann, uma espiritualidadde do corpo encontra guarida no cristianismo, pois é expressão viva da presença divina entre nós. É importante destacar também que a dimensão do corpo nos coloca na dimensão objetiva do viver. Para o sustento do corpo, da vida, necessitamos de recursos, um deles o financeiro. Essa dimensão indispensável no contexto neoliberal em que vivemos descortina necessidades de ampliarmos nossas discussões sobre o fenômeno do luto a partir da maneira como lidamos com as necessidades essenciais da vida. O fenômeno do luto não estaciona, portanto, na dimensão psicossocial e religiosa, vai além e penetra na dimensão econômica que rege a vida das pessoas. O relato de M.P. evidencia o retrato dessa realidade:

> *Nossa, me deu assim um mal-estar, porque além da dificuldade na hora do enterro, também não é só a perda, mas também a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada que dizer, eu sabia que naquele tempo eu não tinha algum dinheiro mesmo". Quando arrumei e falei que o custo era tanto, dava pra gente se apertar por mês, aí a minha cunhada falou: "Não, ah! mas não é de graça? Lá em São Paulo é de graça, eu vou ter que gastar o meu cartão!". Eu falei: Minha nossa!, aí eu já estava chateada, e fiquei ainda mais. Meu Jesus, o que é isso! Aí liguei pro meu marido que disse: "Então cancela", "Então cancela com o homem aí". Eu falei: Puxa vida, não basta a perda e ainda essa coisa de dinheiro.* [M.P.]

Além da dimensão objetiva do viver, destacamos que o tema do luto evidencia alguns posicionamentos que têm surgido em nossos tempos, quando a morte, qualquer que seja sua causa, se torna natural. Isso é fruto do *ethos* da violência e da visão do ser humano como objeto de manejo político. Nesse sentido podemos acrescentar a importância da

---

[229]MOLTMANN, Jurgen. **Vida, esperança e justiça**: um testamento teológico para a América Latina. Tradução de Haroldo Reimer, Levy da Costa Bastos. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008, p.69.

comunidade de convivência para elaboração do luto no contexto religioso. O ser humano desenvolve-se dentro de uma *realidade social.* Este aspecto concreto não anula todo o processo existencial que vimos discutindo, mas insere o grupo na vida do ser.

A interação com o grupo produz uma série de influências sobre o indivíduo e sobre a própria sociedade. É destacado, portanto, o aspecto ético da vida humana, que certamente tem grande importância no processo individual e grupal da coragem de ser, de um significado de vida! Não seria esse um dos ingredientes para o cuidado pastoral em situações de luto? Não se pode caminhar sem essa realidade, que é inerente a todo ser humano. Os aspectos sociopolíticos e econômicos da base social, bem como dos momentos de crise social colocam no indivíduo a possibilidade de perder o significado da vida ou fortalecê-lo.

Embora tenhamos estabelecido para esta pesquisa o período de dois anos como um luto presente, na prática a pesquisa evidenciou que o tempo de vivenciar o luto não tem data marcada para terminar. Os lutos vivenciados nos ensinam sobre o valor da vida e o valor do nosso próprio luto. Também nos lembram de que Heidegger, ao afirmar que somos um Ser para a Morte, trouxe no seu pensamento a possibilidade de nos educarmos para a morte e para o luto, como defende Kovács. O tempo no processo do luto é kairológico, e não cronológico. É um tempo oportuno para a vivência da vida de forma intensa, com suas dores, amores. É um tempo que não se pode marcar no relógio (*cronos*).

José Saramago, em seu livro *Intermitências da Morte*, nos descreveu uma maneira de encarar a morte de forma criativa. Escreveu que um dia as pessoas pararam de morrer e isso trouxe consequências inimagináveis. É uma sátira para uma sociedade que quer superar a morte a qualquer preço e incapaz de refletir sobre seus próprios limites: "*As religiões, todas elas, por mais voltas que lhes dermos, não têm outra justificação para existir que não seja a morte, precisam dela como do pão para a boca*."[230] Podemos parafrasear Saramago compreendendo que não podemos viver sem um processo de luto, pois ele é vital para incluir o próprio morrer como parte do viver. O que aconteceria se parássemos de nos enlutar?

Uma possibilidade de somarmos mais um caminho aos vários caminhos do cuidado é reafirmar a dimensão pastoral. O cuidado pastoral transcende o aconselhamento, como já afirmado nessa tese. O cuidado pastoral pode ser um articulador de vivências comunitárias do luto. É indispensável destacar nossa percepção da quantidade de influência saudável que a comunidade religiosa pode ter no processo do luto. Lembremos aqui das fases do luto já

[230]SARAMAGO, José**. As Intermitências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 36.

delineadas por autores citados em nossa tese. A vivência das transições de cada fase da vida poderia ser um espaço de troca de experiências, memórias e horizontes para o futuro.

Nossa linha de pensamento é que o cuidado pastoral por ocasião do luto pode ser comunitário. Além dos clérigos, pessoas da comunidade podem se envolver no acompanhamento aos enlutados. Algumas comunidades cristãs têm realizado esse trabalho, que poderia ser muito mais amplo no Brasil. Em Portugal existe um trabalho interdisciplinar muito promissor que oferece apoio aos pais enlutados. O grupo foi criado pelos próprios pais enlutados. O nome do projeto é *A Nossa Âncora*.[231] Existem grupos semelhantes no Brasil, mas o interessante é que as igrejas estão totalmente envolvidas, pelo menos no que tange à cessão do espaço. Nesse sentido, o benefício social trazido pelo apoio aos enlutados seria termos mais um setor da sociedade a cooperar com uma sociedade que está a aprender a elaborar seus lutos de forma comunitária. Identificamo-nos com o trabalho que tem sido realizado pelo psiquiatra cearense Adalberto Barreto com as comunidades carentes. A Terapia Comunitária já tem o reconhecimento do Ministério da Saúde de nosso país e tem pólos de formação em todo o Brasil. Com essa terapia atendem-se não somente as pessoas de dentro das comunidades religiosas, mas também da sociedade em geral, especialmente os mais pobres.

> É um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedorias de forma horizontal e circular. Cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas. Todos se tornam co-responsáveis na busca de soluções e superação dos desafios do cotidiano, em um ambiente acolhedor e caloroso.[232]

Essa dimensão comunitária já estava presente na inspiração do cuidado pastoral na óptica cristã. O cuidado pastoral inspira-se desde o Antigo Testamento na priorização dos órfãos e viúvas como alvo da misericórdia divina. Também designa que quem vive uma fé autêntica tem incluída em sua práxis a atenção a essas pessoas. É importante destacar que as situações dessas pessoas envolvem perdas e lutos. Ou seja, a fé em Deus procura trazer dignidade para quem perdeu a bússola do viver. Pessoas que geralmente estão à margem da sociedade colocam o holofote da necessidade de cuidado em suas realidades. Assim, o nosso

---

[231]Disponível em <http://www.anossaancora.org/> Acesso em: 20 jan. 2009.

[232]BARRETO, Adalberto de Paula**. Terapia Comunitária passo a passo**. 3ª Ed. revista e ampliada. Fortaleza: Gráfica LCR, 2008, p. 38. Existe uma formação para tornar-se um terapeuta comunitário. Nessa formação, há um trabalho interdisciplinar e de profundo compromisso comunitário com as situações desafiadoras que as pessoas enfrentam no dia a dia , inclusive o luto, obviamente. Há dois *sites* indispensáveis para conhecer um pouco mais da proposta da Terapia Comunitária. São eles: < http://www.abratecom.org.br/> e <http://www.4varas.com.br/>

ser cristão está imbuído de sermos cuidadores dos enlutados. Deixá-los à margem da vida é não sermos cristãos. Aliado a isso destacamos a necessidade do exercício do lamento:

> Segundo, adaptado à liturgia do culto, encontramos o lamento fúnebre, conhecido na liturgia pelo substantivo hebraico qinah [2 Sm 1.17; Jr 9,9.19] e o verbo qin, entoar um canto fúnebre [2 Sm 1,17; 3.33]. A lamentação fúnebre é muito usada pelo povo bíblico, porém, um/a autor/a ou cantor/a de uma elegia funerária tem seus olhos voltados para trás. Esse costume tem suas raízes nos costumes profanos. Todavia, a lamentação expressa pela palavra hebraica yalal, é a que comunica todo o sentimento do crente javista. O/a autor/a ou o/a cantor/a dessa lamentação tem os seus olhos voltados para frente, para o término do sofrimento; enfim, para a ação de Javé.[233]

É um voltar-se para traz sem que se esqueça de voltar-se para frente. É manter o tempo vivido e abraçar o futuro desconhecido – o lamento como uma prática tão presente no Antigo Testamento e que por vezes tem sido esquecido em nossas práticas litúrgicas. É um caminho promissor no sentido de dignificar a vivência do luto. É a presença cuidadora na vivência do luto. O clérigo pode estimular a troca de experiências, obter uma linguagem do consolo que vem por meio desta interação, das histórias de vida, da esperança solidária. A linguagem do luto não usa somente palavras, mas o corpo próprio para desvelar a perda. Na subjetividade do enlutado, o clérigo pode reencontrar sua própria subjetividade como ser que ajuda as pessoas a aprender a vivenciar suas perdas. Num contexto em que existem as pregações do ganho ilimitado, os clérigos são convidados a tecer pregações sobre perdas que se vinculam à esperança da vida. Hoch nos alerta para o fato de que há uma lacuna no oferecimento de apoio e suporte ao luto pelas igrejas.

> Igualmente importante é que a igreja estabeleça um contato com os enlutados após o sepultamento. Muitas vezes, a dor da perda, o vazio que a pessoa falecida deixou, irá manifestar-se de forma mais intensa dias ou semanas após o sepultamento. Nesse ponto, nossas igrejas deixam a desejar. Ou porque os clérigos não encontram tempo para uma tal visita, ou porque não temos pessoas leigas e agentes de pastoral treinados para fazer uma visita de solidariedade e de apoio, quando a dor do luto é mais aguda. Acontece, então, que outras denominações religiosas, cristãs e não-cristãs, ocupam esse espaço, vão às casas das pessoas e tentam levá-las para o seu rebanho. Há sinais evidentes de que as igrejas históricas estão perdendo parte dos seus fiéis justamente por não conseguir oferecer o cuidado e a

[233]SIQUEIRA, Tércio Machado. **Tirando o pó das palavras**: história e teologia de palavras e expressões bíblicas. São Paulo: Editora Cedro, 2005, p. 94.

> atenção de que eles precisam justamente nas horas de crise, seja familiar, de doença ou de morte.[234]

No caso da Igreja Metodista, não podemos negar que a teologia da graça desenvolvida por John Wesley a partir de sua práxis ilumina uma teologia pastoral voltada para o luto. Theodore Runyon faz uma exposição interessante sobre a relação entre a *ortodoxia* (doutrina correta), a *ortopraxia* (prática correta) e a *ortopatia* (experiência correta). Destacamos a última. Ortopatia é um termo usado por Runyon para designar a experiência religiosa. Há uma espécie de orientação sobre a maneira mais adequada de considerar a experiência religiosa com a fonte e seu objetivo[235]. Consideramos muito promissora a inclusão da ortopatia no cuidado pastoral pela relevância de vários matizes da existência humana aí presentes. Partindo-se do pressuposto que o cuidado pastoral possibilita o conhecimento do humano e deste em relação ao que a pessoa vivencia como fé e como a imagem de Deus lhe é visível, a ortopatia pode ser considerada uma chave de leitura significativa para a vivência do luto.

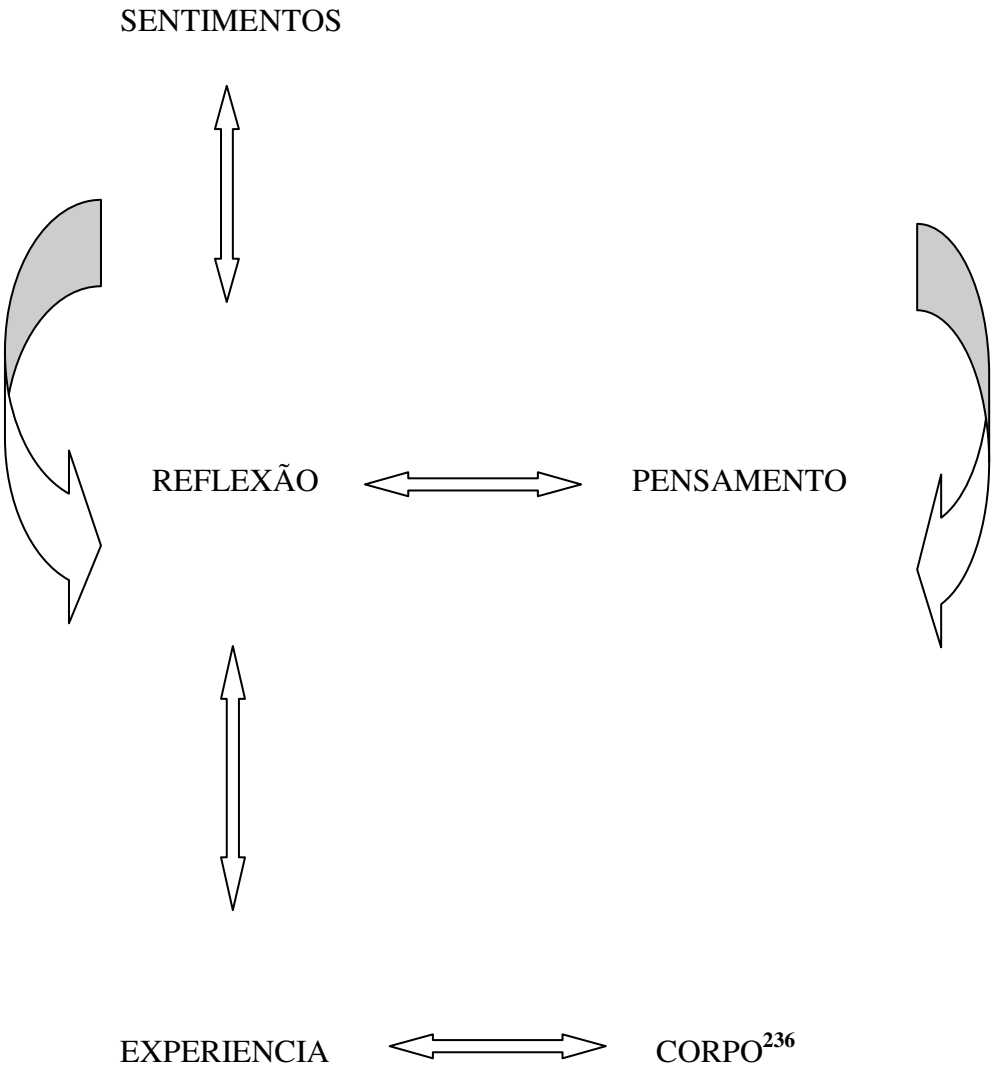
Não é possível falar de ortopatia sem considerar a ortodoxia e a ortopraxia, mas se pode dizer que alude a uma dimensão psicossomática, conforme Runyon. A ortopatia, como trabalhada na vertente wesleyana, inspira a busca de significados da existência a partir de nossas experiências cotidianas. Não existe a vivência sem sentimento, pensamento, reflexão, experiência, corpo. Aliás, a dimensão ortopática do pensamento wesleyano se dá no corpo. É na linguagem da corporeidade que fica evidenciada nossa intencionalidade como ser-no-mundo. O esquema abaixo pode nos ajudar a visualizar mais claramente a importância da discussão da ortopatia para o cuidado pastoral.

---

[234]HOCH, C.L. As minhas lágrimas têm sido o meu alimento: Desafios pastorais no trabalho com enlutados. **Aconselhamento Pastoral e Saúde**: anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal, 2008, p. 59-74.

[235]RUNYON, Theodore. **A nova criação**: teologia de João Wesley hoje. Tradução de Cristina Paixao Lopes. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002, p. 205.

ORTOPATIA



[236]Esse diagrama foi criado pela pesquisadora a partir da leitura do livro de Theodore Runyon, especialmente quando discorre sobre ortodoxia, ortopraxia e ortopatia.

Este movimento pode ser uma das formas de ilustrar a vivência do luto que encontramos nessa pesquisa. O cuidado pastoral começa com a troca de sentidos, disposição para o outro. Saber lidar com o próprio luto é uma dimensão indispensável para lidar com o luto do outro. Ademais, possibilita a vivência do aspecto objetivo do viver, que é a experiência de ter supridas pelo menos as necessidades básicas para viver.

É perceptível que Wesley procurava ver a pessoa de forma integral, o que inclui sentimento, razão e experiência, fé. Não se tratava, porém, de estimular o estilo narcísico de viver, mas um estilo próprio do cuidado com o ser – a linguagem da experiência que, de uso privado é narcisista, mas é testemunho e evidência quando se utiliza a referência do Outro. E o testemunho facilita a experiência daqueles que ouvem e recebem essas evidências[237]. Ele destaca seis características da ortopatia. São elas: capacidade de transcender o subjetivismo, transformadora, social, racional, sacramental, teleológica.

As discussões sobre a ortopatia podem iluminar as ações do cuidado pastoral, que incluem sentimento, reflexão, pensamento, experiência e corpo, em uma proposta de um evangelho que expresse sua acolhida ao humano de cada um de nós. Por isso, há um referencial dinâmico no viver a graça de Deus em todos os momentos. É o luto da serenidade. A serenidade que aparece nos relatos de pessoas que, embora estejam sofrendo, percebem a graça de Deus nos seus momentos mais desafiadores.

Esse movimento existencial pode nos levar a mudanças:

> Na experiência ortopática, a experiência nos produz. Ela não apenas modifica nosso ser e nosso comportamento, mas coloca nossas ações no contexto da renovação do cosmos produzida por Deus. Portanto, a experiência só é correta se ocorrer uma autêntica transformação.[238]

É importante enfatizar que a ortopatia também pressupõe um arcabouço consolador, porque a graça de Deus é experimentada. O acolhimento é vivenciado entre as pessoas que podem expressar sua resposta de aceitação à graça divina.

Para nós, o fenômeno do luto por morte envolve o desejo de viver e de compreender a existência a todo o momento. O luto tem uma linguagem própria, que está envolvida com nosso corpo. O fenômeno do luto por morte expõe nossas ambiguidades entre palavra e vivência. Nem sempre a linguagem falada traduz a experiência do enlutamento. O luto encarna a capacidade humana de expressar sua finitude. Além disso, explicita a capacidade

---

[237]ibidem, p.204

[238]Idem, p.205.

humana de sobreviver e viver depois de uma perda com novos significados de vida, a consciência de que se está em luto, o qual é evidenciado na sua relação com o *Lebenswelt*.

O fenômeno do luto por morte toca os significados que damos à nossa existência, quando tudo parece perder o sentido. Ou seja, no luto somos "convidados" a *re-ver* nossos significados. Quando a morte nos toca e nos abraça, mesmo que indiretamente, pela morte de um outro, dela não escapamos, ainda que vivenciemos uma fé. Ao vivenciar o toque da morte, alcançamos o luto. E o luto é ecumênico! Ele não privilegia só uma expressão religiosa, ele a todas inclui.

Quando há em nós permissão para a elaboração do luto, alcançamos a profundidade do existir, pois dialogamos com nossos medos, angústias, culpas, fugas; mas também dialogamos com esperanças, futuro, recomeços. O luto é um evento que pode trazer sentido ao que antes não tinha significado, por exemplo, a própria vida. É uma vivência que escancara nossa inquietação diante da morte, da perda de si mesmo, da perda do outro. O luto por morte toca o solo de nossa existência e nos refaz.

Nossa percepção do fenômeno do luto é que o *Lebenswelt* não gira em torno da elaboração de perdas, mas não vive sem ela. Nosso mundo da vida não é olhado somente pelas perdas, pelo luto, mas pelas possibilidades de constituição de novos significados do nosso mundo. Assim, o luto não é só lutar para não se perder, mas é perder para conseguir lutar, viver, conviver. O fenômeno do luto está fincado nos significados atribuídos ao sair do próprio luto. Não se fica de luto para sempre. A identidade do ser humano que perdeu alguém passa a ser não apenas rotulada como enlutado, mas como alguém que passa por várias experiências do mundo da vida: dor, saudade, culpa, antecipação do luto, desestabilização da vida, cuidado, racionalização, fé, relacionamentos, diferentes perdas, serenidade, lembranças reunidas por um único evento: o luto.

A construção do novo saber em torno da vivencia do luto por morte, permeou as seguintes dimensões: o processo do luto no contexto religioso é similar a outros contextos; a teologia cristã tem espaço para a ressignificação da morte, por meio da criação de uma espiritualidade para o morrer, para tanto destacou-se uma teologia da perda, que oportuniza uma educação cristã voltada para o enfrentamento do luto no interior das comunidades religiosas, ou seja, é a valorização da vida em meio às perdas; o corpo foi a linguagem mais presente na vivencia do luto, o corpo enlutado é um paradoxo na igreja cristã que tem se debruçado sobre o tema da corpo de forma tímida no que tange à educação da fé; enfim, a necessidade de fomentar um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto de forma

comunitária que ilumine políticas em prol de uma saúde pública. Ou seja, sai de um modelo unicamente individualista de lidar com o luto, para um modelo comunitário. Além dos destaques acima, a estrutura do fenômeno aponta para o alargamento do cuidado pastoral em situações de luto, numa estética do luto que supera a estética hegemônica do mundo no sistema capitalista. O novo saber em torno do cuidado espiritual terapêutico em situações de luto envolve também uma Teologia Pastoral afinada com o pensamento da psicologia social produzida na América Latina.

Inspirando-nos ainda em Saramago, cuja primeira frase em seu livro diz: "No dia seguinte ninguém morreu", convidamos a mudar um pouco a história: "No dia seguinte houve luto". É saudável atentar para o fato de que, na obra de Saramago, as pessoas sobreviveram, embora estivessem de luto. É uma luz alternativa para reflexões que colocam as perdas como o ponto final da história das pessoas. Assim, ao refletirmos sobre o luto nesta tese, percebemos que o solo dessa vivência está no corpo, na espiritualidade e no cuidado pastoral (leia-se multidisciplinar), ou seja, colaborador na textura da elaboração do luto em nossa sociedade. A busca do retorno às significações vividas pelos enlutados, que são os protagonistas desta tese, renovaram os sentidos que damos ao luto: é um fenômeno existencial, dolorido, turbulento que evoca, porém, esperança, cuidado subjetivo e intersubjetivo, escancara o corpo e o amplia à dignidade de Seu Criador.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Edson Fernando de. **Do viver apático ao viver simpático**: sofrimento e morte. São Paulo: Loyola, 2006. 188 p. (Theologica ; 17).

ALVES, Luiz Roberto. **Trabalho, cultura e bem-comum**. São Paulo. Fapesp;Annablume, 2008.

ANJOS, Marcio Fabri dos. O corpo no espelho da dignidade e da vulnerabilidade. **Corporeidade e Teologia**. SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org). São Paulo: Paulinas, 2005, p.291.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, 312p.

BARRETO, Adalberto de Paula. **Terapia Comunitária passo a passo**. -3ª Ed. Revista e ampliada- Fortaleza: Gráfica LCR, 2008

BLANK, Renold. J. **Escatologia da Pessoa**. São Paulo, Paulus, 2000, 343p.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 2003.

BOWKER, J. **Os sentidos da Morte**. São Paulo, Paulus, 1995, 268p.

BOWLBY, John. **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes, 2006.

_____**Perda, Tristeza e Depressão**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia Del Nuevo Testamento**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001, 749p.

BROUARD, Maurice**. Eucharistia:** Enciclopédia da Eucharistia**.** São Paulo, Paulus, 2006.

BROMBERG, et al. **Vida e Morte**: Laços da Existência. São Paulo: Caso do Psicólogo, 1996, 2ª edição.

BOWKER, J. **Os Sentidos da Morte**. São Paulo: Paulus, 1995, p.93.

BULTMANN, Rudolf**. Teologia Del Nuevo Testamento.** Salamanca: Ediciones Sígueme, 2001.

Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Vol, No 1 (1990) – São Paulo, 1990. A Fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa – algumas considerações (Joel Martins, Magali R. Boemer e Clarice A. Ferraz), p. 40.

CALVANI, Carlos Eduardo. In**: Paul Tillich:** aspectos biográficos, referenciais teóricos e desafios teológicos. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 10, p.11-35, jul. 1995.

CAPALBO, Creusa. Fenomenologia e Ciência. In: **EXISTÊNCIA e saúde**. Organização de Dagmar Silva Pinto de Castro et al. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. 253 p. p. 13-34.

CAPALHO, Creusa. A fenomenologia existencial e a experiência do outro. In: **A fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. Danuta Dawidowicz Pokladek (org). São Paulo, Vetor Editora, 2004. p.53-59.

CAPALBO. Creusa. **A filosofia de Maurice Merleau-Ponty**: Historicidade e Ontologia. Londrina, Edições Humanidades, 2004.

CASTRO, Dagmar Silva Pinto de. **O significado do corpo para a menina de rua** 132p**.** Mestrado em POS-PSICOL.DA SAUDE, São Bernardo do Campo, 1996.

_____. **Construção de um saber e responsabilidade social na psicologia**: o conselho tutelar em foro. 357p. Doutorado em PSICOLOGIA, São Paulo, 2002.

_____. A dimensão pública da corporiedade: adolescência e cidadania .In: **Corpo e existência**. Organização de Dagmar Silva Pinto de Catro, Josefina Daniel Piccino, Rui de Souza Josgrilberg, Tommy Akira Goto. São Bernardo do Campo: UMESP: FENPEC, 2003. 288 p. p. 187-223

CHAUÍ. Marilena. **A experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

CLINEBELL, Howard. **Aconselhamento Pastoral**. São Paulo: Paulinas. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1987.

COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Cânones da Igreja Metodista 2002 . São Paulo: Cedro, 2001.

COLEGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA. Cânones da Igreja Metodista 2007. São Paulo: Cedro, 2007. 448 p.

COMBLIN, José. Corporiedade e Bíblia. **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes, vol 87, n.3, p, 57-64, 2005.

COMBLIN, José**. Cristianismo e Corporiedade**. **Corporeidade e Teologia**. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org). São Paulo: Paulinas, 2005.

CONCEIÇÃO, Jefferson José. **Quando o apito da fábrica silencia**: sindicatos, empresas e poder público diante do fechamento de indústrias e da eliminação de empregos na região do ABC. São Bernardo do Campo, MP Editora, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente**. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.

DICIONÁRIO de Gestalt-terapia: "Gestaltês"/ Gladys D'Acri, Patrícia Lima, Sheila Orgler. São Paulo: Summus, 2007.

DICIONÁRIO Internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições. Tradução de Álvaro Cabral; Direção de Alain Mijolla. Rio de Janeiro: Imago, 2005. 1089p.

ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenomenológico-Hermenêutica. Relato de uma pesquisa. Pesquisa Qualitativa em Educação. In: **Pesquisa qualitativa em educacao: um enfoque fenomenologico**. Organização de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Vitoria Helena Cunha Esposito. 2. ed. PIRACICABA, SP: UNIMEP, 1997. 231 p. p. 81-93.

FARIA, Ernesto (org.). **Dicionário Escolar Latino-português**. 5ª ed. Rio de Janeiro:Ministério da Educação e Cultura, 1962.

FARRIS, JAMES. TEOLOGIA pratica, cuidado e aconselhamento pastoral: um resumo da historia recente e suas consequencias atuais. In: **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 11, n. 12, p.11-30, dez. 1996.

FLORISTAN, C. **Teologia Prática**. Salamanca: Sígueme, 2002.

FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: **Pesquisa qualitativa em educacao**: um enfoque fenomenologico. Organização de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Vitoria Helena Cunha Esposito. 2. ed. PIRACICABA, SP: UNIMEP, 1997. 231 p. 23-33.

FONSECA, José Paulo da. **Luto Antecipatório**. Campinas: Livro Pleno. 2004.

FRANCO, Maria Helena Pereira. (ORG). Uma mudança no paradigma sobre o enfoque da morte e do luto na contemporaneidade. **Estudos Avançados sobre o luto**. São Paulo: Livro Pleno, 2002, p.15-38.

FREIRE, Milena Carvalho Bezerra. **O Som do Silêncio**: isolamento e sociabilidade no trabalho de luto. Natal, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.2006, 205p.

FREUD, S. O Futuro de uma ilusão - **O mal-estar da civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974, Vol XXI.

_____**A história do movimento psicanalítico***;* artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1996, Vol XIV.

_____. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1974. Vol XIII.

GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GIANNETTI, Eduardo. **O valor do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 337p.

GILES, T.R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975. v. 1.

GOMES, William B.. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 8, n. 2, 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/ Acesso em 18 de março de 2007.

GOTO, Tommy Akira. A fenomenologia em Paul Tillich. In: **A Forma da Religião :** leituras de Paul Tillich no Brasil. Edição de Etienne Alfred Higuet, Jaci Maraschin. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 223 p. p.45-54.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Petrópolis: Vozes, 1996, vol 2.

HEITZENRATER, Richard P. **Wesley e o Povo Chamado Metodista**. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006, 2ª ed, p.42.

HOCH, Lothar Carlos. A função terapêutica dos ritos crepusculares: aconselhamento pastoral junto aos que andam no vale da sombra da morte**. Estudos Teológicos**: São Leopoldo, 1998. v. 38, n. 1, p.63-73.

HOCH, Lothar Carlos. "As minhas lágrimas têm sido o meu alimento".: Desafios pastorais no trabalho com enlutados. **Aconselhamento Pastoral e Saúde**: anais do VI Simpósio de Aconselhamento e Psicologia Pastoral. São Leopoldo: Sinodal. 2008. p. 59-74.

HOUAISS, Antonio et al. **Dicionario Houaiss da lingua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. 2922 p

HURDING, Roger F. **A Árvore da Cura**: modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia. São Paulo: Vida Nova, 1995.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia** [Introdução e tradução de Urbano Zilles]. Porto Alegre, Edipicurs, 2002, p.90.

_____. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2006, p.27.

_____. [Traduzido do alemão por Nataie Depraz]. L'enfant. La première

Einfühlung (juillet 1935). Fontenay-aux-Roses cedex. L'ENS Fontenay-Saint-Cloud. Alter Revue de Phénoménologie. **Naître et mourir**. no 1/1993. Éditions Alter.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. A Fenomenologia como novo paradigma de uma ciência do existir. **A fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. Danuta Dawidowicz Pokladek (org). São Paulo, Vetor Editora, 2004. p.31-51.

_____. O método fenomenológico e as ciências humanas. In: **Fenomenologia e análise do existir**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2000. 368 p p. 75-93

JOVANOVICI , Aleksandar . **Só ousadia pode forjar novo modelo**. Nosso século XXI: especialistas de diferentes atividades analisam Grande ABC de ontem, de hoje e de amanhã. Santo André. Editora Livre Mercado, 2001, p.25

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e Desenvolvimento Humano**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 4ª ed.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Bioética nas questões de vida e da Morte**. São Paulo. Psicologia/USP. Instituto de Psicologia , Universidade de São Paulo. USP-IP, 2003. v.1, n.1, p.115-167.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: desafio na formação de profissionais de saúde e educação. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: *temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. Pacientes em estágio avançado da doença, a dor da perda e da morte. **Dor: um estudo multidisciplinar**. São Paulo: Summus, 1999.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção:** O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, Vozes, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

_____**O Túnel e a Luz**: reflexões essenciais sobre a vida e a morte. Campinas: Verus, 2003, p.52

_____**. Roda da Vida:** Memória do Viver e do Morrer São Paulo: Sextante, 1998, p.145.

_____. **Death**: the final stage of growth. New York, Touchstone, 1986, p.5.

_____; KESSLER, David. **On Grief and Grieving**: finding the meaning of grief through the five stages of loss. New York: Scribner, 2005. 235p.

JÚNIOR, João Luiz Correia, A Dimensão do Corpo na Bíblia, **Estudos Bíblicos**. Petrópolis: Vozes,v. 87, n 3, 2005. p.10-23.

KESHGEGIAN. Flora. **A. Witnessing Trauma: Dorothee Soelle's Theology of Sufferring in a World of Victmization**. Harrisburg: Trinity Press International, 2003.

LEPARGNEUR, H. **Lugar atual da Morte**. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 30, 227p.

LIBÂNEO, João Batista e BINGEMER, Maria Clara. **Escatologia Cristã**. Petrópolis, Vozes, 1985, 302p.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2005, p. 33

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MACHADO, Ozeneide Venâncio De Mello. Pesquisa Qualitativa: Modalidade Fenômeno Situado. In: **Pesquisa qualitativa em educacao**: um enfoque fenomenologico. Organização de Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Vitoria Helena Cunha Esposito. 2. ed. Piracicaba, SP: Unimep, 1997. 231 p. 35-46.

MARTIN-ACHARD, Robert. **Da morte à ressurreição segundo o Antigo Testamento**. Santo André: Academia Cristã, 2006, 280p

MARTINS, José de Souza. Anotações do meu caderno de campo sobre a cultura funerária no Brasil. **Reflexões sobre a morte no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2005, p.73-91, 195p.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poíesis. São Paulo, Cortez Editora, 1992, . Texto organizado por Vitória Helena Espósito.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. "A persistência do método fenomenológico na sociologia da religião: uma aproximação sob o prisma da essência e da forma". DREHER, Luís H. (org). **A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião**. Juiz de Fora: Editora da UFJF. 2003.p. 77-102,

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. São Paulo. Martins Fontes, 2006.

_____. **Palestras.** Lisboa. Edições 70.

_____. **A Estrutura do Comportamento.** São Paulo, Martins Fontes,

_____. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

METZ, Johann Baptist. **A fé em história e sociedade**: estudos para uma teologia fundamental. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

MICHELAZZO, José Carlos. Fenomenologia existencial e os modos cotidianos de coexistência. **Existência e saúde**. Organização de Dagmar Silva Pinto de Castro et al. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 187-196. 253 p

MILLEN, Maria Inês de Castro; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. Corporeidade e violência: o templo profanado. **Corporeidade e Teologia**. Soter – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (org). São Paulo: Paulinas, 2005.

MOUILLIE, Jean-Marc. Naissance, Mort et Phénoménologie. Fontenay-aux-Roses cedex. L'ENS Fontenay-Saint-Cloud. Alter Revue de Phénoménologie. **Naître et mourir**. p. 158.

no 1,1993. Éditions Alter. A tradução para o português foi feita por Maria Thereza Leme Martin.

_____. **O caminho de Jesus Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1994

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da Vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOLTMANN, Jürgen. **A vinda de Deus**: Escatologia Cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____.**Teologia da Esperança**: Estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã. São Paulo: Editora Teológica. 2003.

_____.**Vida, esperança e justiça**: um testamento teológico para a América Latina. Tradução de Haroldo Reimer, Levy da Costa Bastos. São Bernardo do Campo: EDITEO, 2008.

MUÑOZ, J. Adolfo Arias. **La Antropologia Fenomenologica de M. Merleau-Ponty**. Madrid: Editorial Fragua, 1975.

PALMER, Michael. (ed) Tillich, Paul. **Writings in the Philosophy of culture**. Berlin / New York. De Gruyter: Evangelisches Verlagswerk GmbH. 1990. Vol. 2.

PARKES, Colin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

PAUL Tillich: aspectos biograficos, referenciais teoricos e desafios teologicos. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 10, p.11-35, jul. 1995.

PESSINI Léo; BARCHIFONTAINE Christian de P. (org). **Buscar sentido e plenitude de vida**: Bioética, saúde e Espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2008.

PINNOCK, Sarah K. A **Postmodern Response to Suffering after Auschwitz**. Harrisburg: Trinity Press International, 2003.

POKLADEK, Danuta Dawidowicz (org). **A Fenomenologia do cuidar**: prática dos horizontes vividos nas áreas da saúde, educacional e organizacional. São Paulo, Vetor, 2004.296p.

REALE, Giovanni;Antiseri, Dario. **História da Filosofia**: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo, Paulinas, 1991, p.80, v. 3.

RENDERS, Helmut et al. Sermões de Wesley: texto inglês com duas traduções em português. São Bernardo do Campo: Editeo, 2006. son.

RITUAL da Igreja Metodista **.** 2. ed. São Paulo: Cedro, 2005. 156 p

RIVERA, Jorge Eduardo (trad). Heidegger, Martin. **Ser y Tiempo**.Chile [Universidad Católica de Valparaíso]. Edición digital de http://www.philosophia.cl acesso 29 de julho de 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, 2ª ed.

RODRIGUES, José Carlos. A morte numa perspectiva antropológica**.** Organizado por Dora Incontri e Franklin Santana Santos. **A arte de morrer: visões plurais.** Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007, p.129-136.

RUBIO, Alfonso Garcia. **O humano integrado**: abordagens de antropologia teológica. Petrópolis: Vozes, 2007.

RUNYON, Theodore. **A nova criação**: teologia de João Wesley hoje. Tradução de Cristina Paixao Lopes. São Bernardo do Campo: Editeo, 2002, p.205.

SAPATTINI, Heitor. **A morte não existe mais**. São Paulo: Loyola, 2002, 77p.

SARAMAGO, José. **As Intermitências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SATHLER-ROSA. Ronaldo. **Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança**: uma hermenêutica teológico-pastoral. São Paulo: Aste, 2004.

SCHISLER, Edith Long. Besieged by Death. Immersed. Edited by John D. Morgan and Pittu Laungani. **Grief**: death and bereavement in Brazil. New York, Baywood Publishing Company. Death and Bereavement around The World. Vol 2, 2003.p. 121-136.

SIQUEIRA, Tércio Machado. **Tirando o pó das palavras**: história e teologia de palavras e expressões bíblicas. São Paulo: Editora Cedro, 2005, p. 94.

SOELLE, Dorothee. **Sofrimento**. Tradução de Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____ . **The Mystery of Death**. Minneapolis: Fortress Press, 2007.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Loyola, 2004.

SOMBRA, José de Carvalho. O Tempo: em toda parte e em parte alguma. (A fenomenologia do tempo segundo M.Merleau-Ponty) – Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 1998.

STEIN, Ernildo. **Seis Estudos sobre "Ser e Tempo"**. Petrópolis: Vozes, 2005, 149p.

STRECK, V. S. **Terapia Familiar e Aconselhamento Pastoral**. São Leopoldo, Sinodal, 1999.

TILLICH, P. **A Coragem de Ser**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. **Teologia Sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005, 5ª ed, 868p.

_____. **A Coragem de Ser**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 40

TOMITA, Luiza Etsuko. **Corpo e cotidiano**: a experiencia de mulheres de movimentos populares desafia a teologia feminista da libertacao na america Latina. 296p. Doutorado em POS-CIENCIAS DA RELIGIAO. São Bernardo do Campo, 2004.

ULLOA, Pat Contreras. Por una Psicologia Pastoral que acompañe y desafíe. **Dimesiones Del cuidado y Asesoramiento Pastoral**: aportes desde América Latina y el Caribe. Buenos Aires: Kairós, 2006. p.23-40.

VERDADE, Marisa Moura. **Ecologia Mental da Morte**: a troca simbólica da alma com a morte. São Paulo, Casa do Psicólogo: Fapesp, 2006.397p.

WALSH, Froma; MCGOLDRICK, Mônica. **Morte na Família: Sobrevivendo às perdas**. Porto Alegre: Artmed, 1998, p. 61

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia del Antiguo Testamento**. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1975.

http://www.metodista.br/fateo/conheca-a-fateo/historia: Acesso em 10 de maio de 2007.

http://www.anossaancora.org/ acesso em 20 de janeiro de 2009.

http://www.abratecom.org.br acesso em 20 de dezembro de 2008

http://www.4varas.com.br acesso em 17 de novembro de 2008

O Fundador do Metodismo. http://www.metodista.org.br. Acesso em 10 de maio de 2007

OBRAS CONSULTADAS

ABRUCIO, F.L & SOARES Márcia Miranda. **Redes Federativas no Brasil**: Cooperação Intermunicipal no grande ABC São Paulo: Fundação Konrad Adenauer, Série Pesquisas no 24, 2001.

ALVAREZ, A. **O deus selvagem.** São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

AMATUZZI, Mauro Martins(org). **Psicologia e Espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005, 239p.

_____**. O resgate da fala autêntica:** filosofia da psicoterapia e da educação. Campinas: Papirus, 1989, 200p.

_____. **O que é Ouvir**. Estudos de Psicologia, número 2, Agosto/Dezembro/1990, PUCCAMP

ARIÈS, P. **Homem diante da morte**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

ATKINSON, R.L. Introdução à Psicologia. **Para conhecer a psicologia da religião** Porto Alegre: Artmed, 1995.

BALDESSIN, A. **Pastoral Hospitalar e o Paciente Terminal**. Aparecida, Santuário, 1994.

_____. **Como Fazer Pastoral da Saúde**. São Paulo, Loyola, 2000.

BALTODANO, Sara. **Psicologia Pastoral y Pobreza**. San José, Universidade Bíblica Latino-Americana, 2003, 138p.

BARTH, Gehard. **Ele morreu por nós**: a compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1997.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. Edição revista e atualizada no Brasil.

BASTOS, Angélica. Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória. **Psicol. Reflex. Crit**., Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999 . Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 12 de janeiro de 2009

BAUMANN, Zygmunt . **Amor Líquido***:* sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 2004, 190 p.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 1999, 276 p.

BECKER, Ernest. **A negação da morte**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1976.

BELLO, Angela Ales. **Culturas e religiões**: uma leitura fenomenologica. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 1998. 199 p., il. (Filosofia e politica).

_____. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Bauru: Edusc, 2004, 330p.

_____. **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: Edusc, 2006. 108p.

BENDASSOLLI, Pedro Fernando. Percepção do corpo, medo da morte, religião e doação de órgãos. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br. > Acesso em 11 de fevereiro de 2008

BIOÉTICA: avanços e dilemas numa ótica interdisciplinar: do início ao crepúsculo da vida: esperanças e temores. Organização de Lothar Carlos Hoch, Karin Hellen Kepler Wondracek. São Leopoldo: EST : Sinodal : FAPERGS, 2006. 231 p.

BLANK, R. J. **Viver sem temor da morte**. São Paulo: Paulinas, 1984.

BOEMER, M. **A morte e o morrer**. São Paulo, Cortez, 1989.

_____. BOEMER, Magali Roseira. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, jan. 1994. Disponível em: <http://www.scielo> Acesso em 15 de dezembro de 2007.

BOFF, L. **A nossa ressurreição na morte**. Petrópolis, Vozes, 1997.

BROMBERG. M.H.P.F. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. São Paulo: Livro Pleno, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 10. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 402 p., il. (Biblioteca de letras e ciencias humanas. Serie 1. Estudos brasileiros; v. 1).

BOOTZ, Everton Ricardo. Consultei a Deus, ele me respondeu e me livrou de todos os temores: o uso de recursos espirituais no aconselhamento pastoral. 346p. Doutorado em TEOLOGIA, São Leopoldo, 2003.

BOWLBY, John. **Apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 2 v. (Psicologia e pedagogia).

BUENO, José Lino Oliveira. Corpo, consciência e psicologia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 10 de janeiro de 2008

CARMO, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty**: uma introdução. São Paulo: Educ, 2000.

CARUSO**,** Igor. **A separação dos amantes**. S.P., Diadorim Cortez, 1982

CARVALHO, Lucimeire Santos, OLIVEIRA, Milena Arão da Silva, PORTELA, Sandra Cabral *et al*. A morte e o morrer no cotidiano de estudantes de Enfermagem. **Rev. enferm. UERJ,** dez. 2006, vol.14, no.4, p.551-557.

CORREA, Adriana.Katia. Fenomenologia: uma alternativa para pesquisa em enfermagem. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 83-88, janeiro 1997.

CASSORLA, R.M.S. (Org). **Da morte***: estudos brasileiros.* Campinas, Papirus, 1991.

CASTELLATO, Gabriela. **Dor Silenciosa ou Dor Silenciada**: perdas e lutos não reconhecidos por enlutados e sociedade. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

CESAR, B. **Morrer não se improvisa**. São Paulo, Editora Gaia, 2001.

CHINI, Gislaine Cristina de Oliveira. **A amputação sob uma perspectiva fenomenológica**. 2005, 138p. Dissertação (Mestre em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, 2005.

COELHO, JR, Nelson; CARMOS, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty**: filosofia como corpo e existência. São Paulo: Escuta, 1991.

COMUNIDADE terapêutica: cuidando do ser através de relações de ajuda. Organização de Lothar Carlos Hoch, Sidnei Vilmar Noe. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia: Sinodal, 2003. 125 p.

COLTRO, Alex. A Fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v1, n.11, 1º Trim.2000.

CONTRANDIOPOULOS, A.P, et al. **Saber Preparar uma pesquisa**. São Paulo, Editora Hucitec; Rio de Janeiro, Abrasco, 1999.

CRITELLI, Dulce. Martin Heidegger e a essência da Técnica. **Margem**, São Paulo, nº 16, p. 83-89, dez de 2002.

_____Dossiê: Consciências do Mundo — Martin Heidegger E A Essência Técnica. **Margem,** São Paulo, nº 16, P. 83-89, Dez. 2002.

D´ASSUMPÇÃO. E.A. **Anais do 1º Congresso Brasileiro de Tanatologia e Bioética**. Belo Horizonte. 24 a 26 de abril de 2003.

DASTUR, Françoise. **A morte**: ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002. 126p. (Coleção Enfoques. Filosofia).

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo**: a culpabilização no Ocidente (séculos 13-18). Tradução de Álvaro Lorencini. Bauru, SP: EDUSC, 2003. v. 2. 438 p. (Ciências sociais).

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

INWOOD, Michael**. Dicionário Heidegger**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

DOKA, K.. **Disenfranchised grief - recognizing hidden sorrow**. Nova York, Lexington Books, 1989.

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda S.F.B. **Vida e Morte**: ensaios fenomenológicos. São Paulo: Editora Companhia Ilimitada, 1988.

DUBOSE, James Todd. **Mourning, Evil and Grace**: A Hermeneutical-Phenomenological Approach.2004, 146p.Dissertation (Doctor of Philosophy). Faculty of the Psychology Departament Mc Anulty College and Graduation School of Liberal Arts, 2004.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIAS Nobert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar; 2001.

ESPIRITUALIDADE e saúde: da cura d'alma ao cuidado integral. Organização de Sidnei Vilmar Noc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST, 2004. 170 p.

FADIMAN, Jorge e FRAGER, Roger. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Harbra, 1986, 394p.

FARRIS, J. A relação entre religião e saúde mental. **Estudos de Religião.** São Bernardo do Campo, Ano XVI, nº 22, p.163-178, junho de 2002.

_____. Intervenções na crise: perspectivas teológicas e implicações práticas. **Teologia Pastoral – Estudos de Religião.** São Bernardo do Campo, n. 12, p. 101-118 dezembro de 1996.

FERNANDO, E.; REZENDE, J. **Dores que nos transformam**: quando frágeis, então somos fortes. Rio de Janeiro: Mauad. 2002.

FERRAZ, Marcus Sacrini A.. Notas sobre a passividade em Merleau-Ponty. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 26, n. 2, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 20 de janeiro de 2007.

FILORAMO, G ; PRANDI,C. **As ciências das religiões**. São Paulo, Paulus, 1999.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: Fundamentos, Método e Pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FRANCO, M.H.P (ORG) **Nada sobre mim sem mim***:* estudos sobre Vida e Morte. São Paulo: Livro Pleno, 2005.

FRAAS, Hans-Jürgen. **A religiosidade humana**: compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal: IEPG, 1997, 132p.

FRANKL, Viktor E. **A presença Ignorada de Deus**; coleção logoterapia. São Leopoldo, Petrópolis; Sinodal, Vozes. 1992, 101p.

FURLAN, Reinaldo; ROZESTRATEN, Annie Simões. Arte em Merleau-Ponty. **Natureza Humana.** v. 7 n 1: 59-93, jan.-jun. São Paulo, 2005.

_____. A noção de "comportamento" na Filosofia de Merleau-Ponty. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 5, n. 2, dez. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 14 de março de 2008.

_____. A noção de consciência na A Estrutura do Comportamento (Merleau-Ponty). **Psicol. USP**, São Paulo, v. 12, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/ Acesso em 30 de maio de 2008.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia**. Interface**. Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart. Aborto e eutanásia: dilemas contemporâneos sobre os limites da vida. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br > Acesso em 11 de janeiro de 2009.

GOTO, Tommy Akira. A fenomenologia no pensamento filosofico e teologico de Paul Tillich. 2002. 156p. Mestrado em CIENCIAS DA RELIGIAO. São Bernardo do Campo, 2002.

GREINER, Christine; AMORIM, Claudia. **Leituras da Morte** (orgs). São Paulo: Annablume, 2007.

HARPPRECHT, C. S. **Como acompanhar doentes**. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

HENNEZEL. M; LELOUP. JEAN YVES. **A arte de Morrer**: tradições religiosas e espiritualidade humanista diante da morte na atualidade. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **A morte íntima**; tradução Olga de Sá – Aparecida, SP; Idéias e Letras, 2004.

HONDA, Hélio. Intencionalidade e sobredeterminação: Merleau-Ponty leitor de Freud. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 9, n. 3, dez. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 20 de dezembro de 2007.

INHAUSER, M. R. **Opção pela vida**: o segredo da vitória sobre as perdas. Campinas: United Press, 1999.

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A arte de esquecer. **Estud. av.**, São Paulo, v. 20, n. 58, Dec. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br>, Acesso em 10 de janeiro de 2009.

JAPIASSÚ, Hilton; Marcondes, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

JUNG MO SUNG. **Sementes de esperança**: a fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005. 118 p

KAUT, K.P. Religion, Spirituality, and Existencialism Near the End of Life**. American Behavioral Scientist***,* vol. 46 no 02, 220-234, October 2002.

KIYAN. Ana Maria Mezzarana. **E a gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Editora Altana. 2006. 2ª Ed.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **A morte: um amanhecer**.São Paulo: Editora Pensamento, 1991.

KÜNG, Hans. **Freud e a questão da religião**. Campinas: Verus Editora, 2006,183p.

KUSHNER, H.S. **Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas.** São Paulo, Ed. Fundo Educativo Brasileiro, 1983.

MALDONATO, Mauro. Consciência da temporalidade e temporalidade da consciência. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 11, n. 1, mar. 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 10 de dezembro de 2007

MANTOVANI. Harley Juliano. Arqueologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. Revista Eletrônica Print by UFSJ*:* http://www.funrei.br/publicações*/* **Metanoia***.* São João del-Rei, n. 5, p.43-54, jul. 2003. Acesso em 27 de novembro de 2008.

MARCHADOUR, A. **Morte e Vida na Bíblia**. São Paulo, Paulinas, São Paulo, 1985.

MARTINS, J. et al. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev.Esc.Enf.USP**, v. 24, n. 1, p. 139-47, abr. 1990.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: Fundamentos e Recursos Básicos. São Paulo, Centauro Editora, 2005.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo:Hucitec, 2004.

MOLTMANN, Jurgen. **A fonte da vida**: o Espírito Santo e a teologia da vida. Tradução de Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2002. 149 p

MOLTMANN, Jurgen. **O espírito da vida**: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999. 301 p.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro. **Espiritualidade e Finitude**: aspectos psicológicos São Paulo, Paulus, 2006.

MOREIRA, Ana Regina de Lima. Algumas considerações sobre a consciência na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 2, n. 2, dez. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 22 de novembro de 2008

MORIN Edgar**. O homem e a morte**. Portugal (PT): Biblioteca Universitária, 1978.

MOREIRA, Virginia. O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/ Acesso em 9 de dezembro de 2007.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro. **Racionalidade e Crise**: Estudo da História da Filosofia Moderna e Contemporânea. São Paulo: Discurso Editoria e Editora da UFPR, 2001.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. O invisível como negativo do visível: a grandeza negativa em Merleau-Ponty. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 27, n. 1, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em 24 de março de 2008.

MÜLLER-GRANZZOTO, Rosane; MÜLLER-GRANZZOTO, Marcos José. **Fenomenologia e Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

NOVAES, Adauto. **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NUNES, Benedito. Physis, Natura - Heidegger and Merleau-Ponty. **Nat. hum**. Dec. 2004, vol.6, no.2, p.271-287

OLIVEIRA, Caio Maximino; ZILIO, Diego. A Experiência do Tempo em Husserl e Brentano: contribuições das neurociências. **Ciências & Cognição**. 2006; vol 08: 110-117. ISSN 1806-1521. Publicado on line em 15 de agosto de 2006. Acesso em 20 de julho de 2007.

PALÁCIOS,M; MARTINS, A; PEGORARO, O.A. **Ética, Ciência e Saúde**: Desafios da Bioética. Petrópolils, Vozes, 2002.

PAIVA, Geraldo (org). **Entre necessidade e desejo**: diálogos da psicologia com a religião. São Paulo: Loyola, 2001.

PANGRAZZI, Arnaldo. **Convivendo com a perda de uma pessoa querida**. Tradução de Floriano Tescarolo. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. 164 p.

PAGOTO, Amanda Aparecida. **Do âmbito do Sagrado da igreja ao cemitério público**: transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860). São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004. 160p. (coleção teses e monografias, 7).

PICHON-RIVIÈRE. Enrique. **Teoria do Vínculo**. São Paulo. Martins Fontes, 1995. 143p.

PSICOLOGIA, SAÚDE E RELIGIÃO: em diálogo com o pensamento de Paul Tillich. São Bernardo do Campo Editora Metodista, ano XIII, no 16, junho de 1999. ISSN 0103-801X.

PAULA, B. A Contribuição do Consolo religioso na elaboração do luto. **Caminhando.** São Bernardo do Campo, v,10, n.16, 163-173, 2º semestre de 2005.

PESSINI, L. A Pastoral nos Hospitais**.** Aparecida: Santuário, 1993.

_____PESSINI, L & Barchifontaine, C.P. **Fundamentos da Bioética.** São Paulo, Paulus, 1996.

PINCUS, L**. A Família e a morte.** São Paulo, Paz e Terra,1974.

RAFFAELLI, Rafael. Husserl e a psicologia. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 9, n. 2, ago. 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 14 de agosto de 2007.

REIS, Regina Celia dos. **Alternativa Política No Contexto Federativa**: Integração Regional no Grande ABC Paulista . São Paulo. Edgard Blucher, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, L.M.O. **A questão da coerência metodológica em psicologia social:** análise das estruturas teóricas e dos instrumentos de pesquisa em quatro estudos. 2002, Tese (Doutorado em psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

RUPP, J & HUTCHISON. **Caminhando com Doentes Terminais.** São Leopoldo, Sinodal, 2001.

SANCHES, Luciane Maximiliano; BOEMER, Magali Roseira. O convivio com a dor: um enfoque existencial. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 36, n. 4, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br acesso em 27 de maio de 2008.

SANTOS, Hugo N. **Dimesiones Del cuidado y Asesoramiento Pastoral:** aportes desde América Latina y el Caribe. Buenos Aires: Kairós, 2006, 416p.

SATHLER-ROSA, Ronaldo. **Aconselhamento Pastoral e Educação.** Estudos de Religião**.** São Bernardo do Campo, n. 12, p. 61-62, dezembro de 1996.

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). **Teologia Prática no Contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal / IEPG, 1998.

SILVEIRA, Fernando de Almeida. **Corpos Sonhados-vividos:** a questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. 2005. 218p. Tese (Doutorado em Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, Ribeirão Preto, 2005.

SIMÕES, S.M.F.; SOUZA, I.E. de O. Um caminhar na aproximação da entrevista fenomenológica. Rev.Latinoam.enfermagem. Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 13-17, julho 1997.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 107p.

SOUZA, Ana Izabel Jatobá de; ERDMANN, Alacoque Lorenzini. Contribuições para o Conhecimento em Enfermagem à luz da Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. **Rev Gaúcha Enferm,** Porto Alegre (RS) 2006 jun; v.27 n 2.p.166-175.

SOUZA, Ricardo Timm; OLIVEIRA, Nytamar Fernandes (orgs). **Fenomenologia Hoje III**: Bioética, Biotecnologia, Biopolítica. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. (Coleção Filosofia; 203).

UM olhar fenomenológico: contribuições nas áreas da saúde e educação. Organização de Verilda Speridião Kluth, Danuta Dawidowicz Pokladek. São Paulo: Martinari, 2008. 126 p.

VALLE, Edênio Valle. Psicologia e Experiência Religiosa. São Paulo, Loyola, 1998, 278p.

VARONE. F. **Esse Deus que dizem amar o sofrimento.** Aparecida, Santuário, 2001.

VENDRAME, C**. A cura dos doentes na Bíblia.** São Paulo, Loyola/Centro Universitário São Camilo.

VERISSIMO, Danilo Saretta; FURLAN, Reinaldo. Entre a Filosofia e a Ciência: Merleau-Ponty e a Psicologia. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 38, dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br> acesso em 12 de julho de 2007.

VEZALI, Patrik Aparecido. **Linguagem e Corpo em Merleau-Ponty:** Reflexões Sobre Os Processos De Referenciação. 2005. 126p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências -- Universidade Estadual Paulista, 2005.

WINNICOTT, D.W. **Tudo começa em casa.** São Paulo. Martins Fontes, 1989 (1ª ed), 211p.

WONDRACEK, Karin Hellen Kepler (Org). **O Futuro e a ilusao**: um embate com Freud sobre psicanalise e religiao: Oskar Pfister e autores contemporaneos. Petropolis: Vozes, 2003. 262p

WORDEN, J.W**.** Terapia do luto**.** Porto Alegre: Artes Médicas**,** 1998.

ANEXO A – RELATOS INGÊNUOS

Relato 1

T. M. R.

Sexo: Feminino

Idade: 79 anos

P: Bem dona T.. é como eu já expliquei a pesquisa pra senhora, eu queria que a senhora me falasse como é que a senhora viveu a experiência do luto a sua experiência do luto?

S: Pois não Blanches. É agradeço a gentileza de ter lembrado de mim nessa pesquisa, ao mesmo tempo é sinto que é uma pesquisa na qual eu tenho que falar do momento mais doloroso que pode possa existir na vida de uma mãe. Nada se compara a dor da perda de um filho para mim. Perdi meus pais, tinha loucura pelo meu pai a ponto de mocinha já pedir a Deus que não o tirasse enquanto eu não me casasse e tivesse filhos, porque eu tinha impressão que eu não agüentaria a dor da separação do meu pai. Depois eu perdi a minha adorada mãe também, mas aí já os meus filhos já eram maiores e mas eu não sabia que era tão doloroso. Há anos toda a família luta como ele lutou pedindo saúde a Deus. Eu desde os tempos que eu trabalhava já logo após a V.M. que ele piorou um pouco mais e eu já centenas e centenas de pessoas que eu tinha é confiança na em que fosse fazer uma prece a Deus para que pudesse curá-lo. Porque como cristãos não é a gente joga tudo nas mãos de Deus, tudo em certo sentido porque ele teve toda a assistência nos últimos anos então ele foi para o Albert Einstein um dos diretores especializados somente nessa doença então ele teve toda a assistência médica possível ele teve todo o carinho da família a minha família é pequena porque os familiares mais distantes moram no Espírito Santo e então a minha família se resume nas irmãs que moram em Petrópolis e a minha família aqui. Se resume na minha e no do pai dele, que somos divorciados, e na minha filha e neste meu filho M., M. R. M. Ao mesmo a dor é imensa, é indescritível, é algo que por mais que você fale só se tiver uma experiência igual, pelo menos no meu modo de ser, no meu modo de sentir, e desculpe que eu fico emocionada. Mas uma coisa neste luto é que minha filha sofreu praticamente como eu. E uma psicóloga inclusive explicou que irmãos muito unidos, como eram os dois só, e os pais trabalhando fora o dia inteiro, e os irmãos quando são unidos e perde um a psicóloga inclusive falou assim:

Que você deve estar sofrendo tanto quanto a sua mãe. Para meu espanto porque eu já estava admirada porque o sofrimento da minha filha era tão grande que eu ficava assustada, achava que o meu era normal certo, mas as meninas também as filhas dele, são duas moças uma já é formada em Direito e a outra é formada em Biologia Marítima está fazendo agora o mestrado na USP, é moças filhas maravilhosas, muito carinhosas com o pai, e na separação, ouve uma separação entre meu filho e a minha ex-nora né, E, e então a filha mais nova ficou com a mãe e a filha mais velha ficou com o pai, no que eu dei graças a Deus pra que ele não ficasse sozinho né, e mas ele tinha verdadeira loucura pelas filhas e você também me desculpe porque eu estou fazendo uma verdadeira colcha de retalhos eu vou pra lá e vou pra cá e vou pra lá irmã. E.. É. Mas nessa ele sempre teve loucura pelas filhas, as filhas por ele. Os pais que no início não podiam se encontrar porque acabavam discutindo. E elas chamaram a atenção dos dois que ela elas os amava muito, mas, e que não queria, queria que eles vivessem com amigos e por amor a elas eles fizeram essa maravilha e nesse último, nesse último ano essa minha ex-nora foi digna de todo o nosso, é como que eu diria, qualquer coisa que tivemos contra ela porque ela foi a autora a protagonista que provocou a separação, não foi incompatibilidade de gênios, mas ela foi de uma dignidade maravilhosa e deu toda a assistência pra ele também, a filha uma não dirige, e eu sempre também acompanhando quando não era era a minha filha, era o pai, então ele foi uma pessoa totalmente cercada de carinho de toda a família toda, toda a família, isso é a gente fica contente porque nós demos todo amor que tínhamos pra ele. O pai pelo gênio dele teimoso de ser, de personalidade, ele foi sempre uma pessoa assim mais, é um tipo mais arredio embora, nunca sempre deu dando assistência a família, mas nesses últimos, no último mês então, o pai estava todos os dias também lá no hospital como todos nós sem nenhum a faltar, inclusive as filhas da V. também, todo mundo lá junto com ele, e ele e o pai fazendo massagem a V. passava o creme nos pés dele, nas pernas, e o L., o pai, fazendo massagem tudo aquilo que ele talvez pudesse fazer no início da vida ele fez no fim, então meu filho que gostava muito dele, graças a Deus, porque eu nunca joguei meus filhos contra o pai, e ele uma pessoa muito digna, deu todo o carinho e assistência pra ele, inclusive espiritual e isso conforta, conforta, mas dói porque a gente tinha esperança muito grande de que pudesse reverter esse quadro, porque nós acreditamos hoje que o médico não procurou evitar o sofrimento da família meses antes e não falou nada, a gente sabia que era um estado grave, mas não tanto né, quinze dias depois é que falou e eu vim saber sim.E dói porque ele tinha toda a ânsia de vida, ele queria viver, queria viver sempre. Três dias antes o médico dele, diretor do Einstein, teve lá e ainda falou com ele animando né,(choro) Mas já todo mundo sabendo porque o L. disse que ele nos disse vamos tratá-lo da

mesma forma como sempre pra que ele não sinta a realidade, então o médico esteve lá muito satisfeito dando muita atenção a ele, carinho e ele que nunca quis fazer o transplante de fígado, que também era difícil que não podia fazer metade, tinha que ser o fígado inteiro, que era todo tomado, e acreditamos que tenha sido pela por uma transfusão de sangue quando ele era rapaizinho e fez uma transfusão de sangue quando teve uma pequena hemorragia de operação das amídalas, e essa doença é terrível porque ela aparece 15, 20, 25 anos depois e quando ela aparece ela já aparece destruindo mesmo, então é um problema sério. Então o que eu tenho a dizer para você é que é um sofrimento terrível que às vezes eu tinha a sensação que eu não ia agüentar de tanta dor, houve várias vezes que eu entrei num desespero total chorando desesperada porque ele tinha eu o tinha perdido pra sempre, ao mesmo tempo que pedia a Deus perdão, porque eu sabia que se Deus o tinha levado era para ser melhor, mas a revolta era tão grande de não tê-lo comigo e ao mesmo tempo revoltada, desesperada, chorando e ao mesmo tempo pedindo a Deus perdão porque eu sabia que Deus só fazia só faria o melhor pra ele né. E minha irmã em Petrópolis, eu tenho uma das irmãs, ela é muito religiosa assim até em exagero, um exagero normal que pode se pensar, e ela... desculpe mexi sem querer. E ela veio na antevéspera, ela disse: T. estou saindo de Petrópolis agora, era de noite, e vou pra i porque eu sinto que tenho que estar com o M. novamente. Ela já tinha estado com o M. na casa dele, orado, falado muita coisa. Ele ele dizia pra mim: Mãe eu não acredito em nenhuma religião, eles tiveram aquele problema que você já sabe antigo. E realmente aquilo calou profundo neles, embora eles sejam ele fosse e a minha filha muito religiosa, mas não quer saber de Igreja Metodista, Evangélica, e deixa que isso não tem nada a ver. Mas ele disse: Mãe eu não creio em religião nenhuma religião nenhuma salva. Eu falei: Você tem toda a razão, nenhuma religião salva o único que salva é Jesus Cristo, Jesus Cristo sim este salva filho, mas não é religião realmente. Eu sei que por umas três vezes ele falou isso pra mim e eu repeti a mesma coisa. É só você crer em Jesus Cristo salvador, é este o único que salva não é título nenhum de religião nenhuma, e então aí ele ficou quieto. E quando a minha irmã chegou, foi no dia 15 de novembro, feriado, ele de repente amanheceu muito bem, minha mãe sempre dizia quando a pessoa está em estado muito grave e um dia passa muito bem é sinal que no outro dia ele se vai, e ela chegou à tarde já veio direto com o filho dela, meu sobrinho, C., graças a Deus, pertence a igreja da Lapa com a família, e então eles chegaram né e eu estava totalmente desesperada naquela tarde, e o L. estava com a com a mulher que ele mora que ele é casado com um filho mais velho que não é dele, e estava lá com ele sabendo, não sabendo que seria, a gente já sabia que não tinha salvação, mas não sabia que era já no outro dia não é, é aquela uma esperança uma miragem né, e eu cheguei mais à tarde e ela já tava e

eu fiquei tão, eu fiquei eu tive um, como se diz gente, eu nem sabia que eu tinha tido aquilo, depois a T. falou, eu tive como que um, esqueci o nome agora, como a gente entra em desespero total, tem um nome certo, e o L. não saía de lá e eu já tava ficando revoltada porque ele não saía e eu fiquei andando pela por uma sala imensa, uma sala muito grande, e eu olhava as janelas grandes e uma tarde bonita e ele de manhã tinha passeado as filhas tinham levado ele para tomar um pouco de sol, as filhas foram também maravilhosas e tem um uma rede né pra pousa nela ali e apesar de ser é pras pessoas que ficam ali esperando né. Naquela hora, naquela tarde que eu cheguei eu queria ficar com ele e ao mesmo tempo entrei num desespero tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, tão grande, que se a janela não tivesse aquela grade era capaz de eu ter me atirado, eu estava fora de mim, eu não estava consciente, eu estava fora de mim, quer dizer, o meu subconsciente estava sabendo que ele iria embora, mas eu não sabia, e eu não sabia e ao mesmo tempo revoltada porque o L. nunca que saía de lá, ele sabia de tudo né, ainda bom aí ele já sabia também que ele não teria mais salvação mais, você sabia que tinha, e eu olhava pra baixo e tinha uma vontade de atirar e tinha rede, e fui pra outra e tinha rede eu estava num estado alguém me disse o nome, como é cata.. Cataplético, cata, tem não é catase não, cataplé... é um estado que a gente não, está fora de si, está fora de si. Totalmente. E eu estava num estado tão assim que é o L. começou a passar mal e saiu e depois foi embora, e aí então minha irmã, a minha irmã eu cheguei, cumprimentei, beijei o meu filho, e mas eu estava neste estado e saí um pouco e os meninos voltavam pra lá filhos do meu filho e a eu não tô agüentando mais, eu tenho vontade de me atira na frente de um carro, de uma coisa, não sei, eu to fora de mim, tem o nome certo, puxa vida cata não sei o que, e imagine eu falar isso. Não tem cabimento né, eu amo tanto a Deus (chôro), não tem onde isso, entrei em parafuso, o subconsciente falava comigo que eu iria perdê-lo, mas eu não sabia né. Aí ele falou: Mãe eu já tô num estado que não tem... Ele tava vendo Lutero, a tv, jogo, aí chegou a minha irmã do Rio, direto pra lá, com o meu sobrinho que foi esperá-la, aí nos abraçamos aí me recompus né, fiquei lá e ela também ficou com ele abraçando, gritando e falando palavras muito lindas de salvação e de tudo, e aí depois eu fiquei ao lado dele, e ele até chamou a atenção porque a também estava lá com a filha também, tava toda a família, e fazendo uma palavra cruzada e ninguém descobria lá o que tinha o que o texto queria né, e aí a N. perguntou: O que será isso não sei o que. E eu falei, falei e ele falou: Que vergonha a minha mãe que precisa falar pra vocês, vocês não sabem o que quer dizer isso, eu nem sei mais o que que era. É isso mesmo, ele falou. E minha irmã ficou perto dele e nós conversando, e é tanta coisa que eu não me lembro de tudo viu, eu sei que estive com ele o tempo todo lá com ele dando a mão pra ele, depois a minha irmã também esteve dando a mão,

beijando, beijei ele abracei, e minha irmã, como foi meu Deus, falou assim pra ele, foi ele que perguntou: Oh tia, é esse negócio de faz oração, faz isso, faz aquilo, faz não sei o que, tem todo esse poder tia que tem? Ela disse: Claro filho, que tem esse poder. E ele falou assim: Mas mesmo, (eu fico emocionada que eu acabo esquecendo). Ele perguntou pra ela: Mas a tia e se uma pessoa não é crê em Jesus só no final da obra, pinta e borda, depois só no final da que que ele encontra a salvação? Ela falou: Sim querido, que se crê em Jesus Cristo tá salvo, se crê em Jesus Cristo tá salvo. Ele falou assim: Oh que é muito palavreado é muita coisa que falam por aí, mas eu não creio nessas coisas assim não. Ela falou a mesma coisa que eu falei dias antes: O que interessa M. é você crer em Jesus Cristo, quem crer em Jesus Cristo está salvo. E ele tava meio virado assim e falou assim: Então tá bom tia, eu estou salvo porque eu creio em Jesus Cristo. Ela falou: Então está salvo querido. E isso foi na véspera né que ele estava bem, vendo o jogo depois, parava a gente conversava, e quando foram 10:00 horas aí nós saímos, minha irmã ficou mais uns quinze minutos ainda com ele, eu sei que eu o abracei, beijei, passei a mão na cabeça dele beijei a cabeça dele, beijei, e falei: Filho dá um beijo na mãe, mas um beijo bem bom. Aí ele deu um beijo tão forte aqui em mim sabe, e foi o último. Então quando foi 11:00 horas nós devíamos ir embora, porque nós não podíamos todo mundo ficar lá, ficou a minha neta, a C., e então aí onze e pouco foi tomar uma sopinha foi aí que ele começou a passar mal de novo, de novo, de novo, era as veia rompiam, aí ela telefonou pra mãe, a mãe mal tinha chegado aqui, a mãe voltou depressa pra lá de novo, por isso que eu a tenho como uma grande amiga, foi muito amiga do meu filho, tá morando junto com a C. agora né porque ela perguntou se eu deixava: Claro minha filha vai, fica com a C. fica com a tua outra filha, então se juntaram todos estão na mesma casa. E mais aí ele não voltou mais, e no outro dia ele veio a falecer, lá por umas oito e pouco da noite. Quando eu cheguei a tarde, a V. falou: Mãe você não vai lá não que se vê que é muito impressionada. Mas não falei nada, fui lá e fiquei com ele, orando muito por ele alto, eu pus a mão na cabeça dele beijando, eu sei que ele sentiu, quando eu cheguei sete, sete e meia, mais ou menos, sete e pouco, V. não vem agora, bem agora você está exausta e ele está e ele não está, está fazendo sim com aparelhos, o pai esteve lá, um tempo lá, foi depois começou a passar mal foi embora, quando eu cheguei ele estava com a boca aberta respirando com aquela dificuldade né e eu óbvio beijei a testa, acariciei, falei: Filho querido! sei lá tanta coisa de carinho que eu falei pra ele, porque eu sabia que ele precisaria, falei tudo que eu podia falar de bom para o meu filho, tudo tudo de bom, falar, falei com ele e quando eu vi ele fechou a boca, aí eu fiquei fiquei contente porque é uma coisa terrível o dia inteiro a noite inteira de boca aberta respirando ahhhh assim aquela aflição, aquele secura né, fechou a boca. Dava impressão, isso é eu que falo, que me esperava.

Aí ele fechou a boca eu coloquei a mão aqui assim pra ver se ele tava respirando, e ele estava, mas pelo ao menos não tava naquela agonia ahhh ahhh né.(Choro) Aí depois de ter ficado bastante tempo com ele orando sem parar e falando só coisas muito lindas pra ele, muito lindas, tudo que era lindo que eu podia falar, falei com ele, eu dei uma saidinha pra tomar uma pouquinho de água, e a minha minha a C., filha mais velha dele, correndo e já entrou ali mau ela entrou, voltou correndo chorando, ele tinha acabado de falecer. Acho que estava me esperando chegar (Choro) Corri, corri, beijei, porque eu falei a alma deve estar ali ainda, beijei, muito, muito, botei a mão no corpo dele inteirinho, beijei os pés também, beijei tudo. (choro). Não há nada mais trágico na vida do que a perda de um filho, pra mim, não há nada mais trágico, nada, nada, nada, nada, nada. Muita coisa que eu poderia lembrar, mas que no momento não lembro, nada, eu sei que estive sempre acompanhando meu filho, todos os dias com ele, tentei, eu tive praticamente não só eu como a irmã, tinha loucura pelo irmão, a V.. Foi agora em, pêra aí, outubro foi que ele faleceu no dia 16, no dia 15 amanheceu um dia lindo de sol e ele amanheceu sentindo-se muito bem contente quis dar um passeio mas, tava muito fraquinho foi com a cadeira de roda né. (Chôro). Muito forte, muito forte. A ponto de que se eu não tivesse a minha querida filha que eu adoro também adoro a minha filha, adoro as minhas netas, eu preferia morrer junto. A gente diz, a gente sente,..você tem que....na época ele ficou muito revoltado com o pai. O pai naquela época, agora não, o pai coitado, sofreu demais, tornou-se aquele pai aquele que ele quis sempre que ele adorava, ele conseguiu depois ele resolveu fazer faculdade, aqui na Metodista, mas aí quando ele terminou daí uns dois, que ano que é esse aí? [a entrevistada mostra o diploma do filho]. É 2001. É dois anos depois ele já foi piorando, piorando, piorando, cada vez mais. E então já nos últimos dois anos ele estava de licença né, uma hora ele se sentia bem dali a pouco se sentia mal, e para mim foi uma experiência terrível, terrível, terrível, terrível, terrível, porque eu nunca, primeiro porque eu sempre pensei, vai o pai, vai a mãe né. Como sempre foi na minha família né, geralmente, agora perder um filho e ele querendo viver tanto, pelo menos um tempo se ele fosse viver, se ele conseguisse um fígado, tava nos trezentos e um pouco, ele teria a vida toda, ele teria, se fosse tudo 100% do jeito que ele estava o médico depois disse que não tinha salvação. É ele teria que a vida inteira fazer muita dieta e estar constantemente fazendo exame de novo, porque o ah como é que fala gente, nossa mas que absurdo, como é que fala, A, B,C... como é que é o nome?

É hepatite C. Aliás a hepatite B ouviu você deve tomar, porque a hepatite B tá começando a ficar tão ruim, tão terrível quanto a C, a C tem mais de 37 variações de tão terrível que é. A dele foi uma das piores e a B tá começando assim também, tanto que a minha filha, a filha

dela, as minhas netas, nós já falamos, não sei se elas tomaram, todo mundo tomar vitamina A. A vacina B, porque ela tá ficando, tá como, tem um termo certo na ciência né, mas eu agora me esqueço sabe, ela tá tá ficando cada vez pior quase do jeito da C. Então é preciso tomar muito cuidado, o jovem ainda, toma para evitar isso antes. É difícil viver aqui, aí eu procurei, não queria procurar sabe uma psiquiatra, sabe toda a família está com psicólogos, psicóloga, eu não queira, mas tanto a minha filha insistiu que eu fui numa psiquiatra, excelente, tanto é que eu tranquei tudo que eu já nem falo mais, aqui eu escrevi até pra ela. Posso oferecer um pedacinho pra você? Você aceita um chá, um café, um chá com um bolo que eu fiz pra você especialmente? [nessa altura da entrevista e com essa pergunta do sujeito respondo que era importante continuarmos o diálogo]. Se bem que como ela é nova e eu esqueci, agora que eu tô lembrando tá faltando um o bule, vou pegar o bule. (tem um espaço sem diálogo depois continua) E eu sempre ouvi dizer assim que ah depois dos 60 anos não adianta mais procurar psicólogo nada porque. (risos). Mas minha filha falou é psicóloga né, clínica, e falou não mãe não tem nada disso não. Só que eu, tem vezes, que eu em vez de falar com ela eu fico escrevendo sabe, aqui eu escrevi pra minha meditação, pra da reunião de oração foi tudo lindo, feliz, maravilhoso, bom, eu cheguei em casa, cansada, recostei menina na cama, e pouco depois tudo ruiu, e eu vim feliz da igreja viu, muito feliz, muito, sentindo tanto Jesus ali perto. Agora aqui eu escrevi pra ela, comecei a sentir saudades do meu querido filho e entrei em desespero, chorando com dor no coração, embora sempre consciente de que Deus o poupara de maiores sofrimentos, embora ele fosse todo esperança para obter a saúde perdida, ele a esperança dele era total, muita, imensa, intensa saudade de meu filho lembrando-me dos últimos dois dias de sua vida e de como eu agi com tanto amor e carinho rogando a presença da paz de Deus e a proteção de Jesus. Pera aí: Jesus Cristo falando-lhe em voz audível para ele, porque ele estava em, tipo coma, né. E choro incontrolável nesse, bom pode ser até português errado aqui, porque a gente vai escrevendo, e choro incontrolável, me relembrando, não relembrando, é, o seu velório, sua vida em casa, seus quatro anos de intensos estudos para concluir a Faculdade na Metodista, onde saiu-se brilhantemente, e as minhas palavras de incentivos, de alegria, de felicidade, por ele ter se saído tão vitorioso da faculdade, queria ir a sua formatura, mas ele não quis ir dizendo que ficaria sem jeito sem jeito de ser bem mais velho que os colegas, e ele não foi e com isso eu também não fui ver a formatura, depois acabou. Mas é isso viu. É cheguei a conclusão, pelo menos da minha parte, perder um filho, por isso que eu tava procurando o que eu vi na igreja, mas eu não sei onde eu guardei, eu sei que tá bem guardado na casa, guardado demais também não adianta nada assim né, mas é a pior perda que possa existir na vida de uma mãe, não tem, pelo menos pra mim, é duro, é

duro, é duro, é duro demais. Ah bom...É depois da morte foi muito ruim, terrível pra mim. Porque você entra em conflito, você ama a Deus sabe que Deus fez o melhor, tenho certeza absoluta que ele fez o melhor, mas você ficou sem o seu filho né. Eu sinto satisfação porque nos últimos meses como ele não podia nem comer sal, ele mesmo fazia uma comida maravilhosa né, então estava constantemente almoçando aos domingos lá, e ele sempre mandava falar: Mãe agradece a Deus. Aí agradecia a Deus e tudo, e ele tinha o sentimento religioso, desse ele nunca se desfez, e ele falava então tô salvo, eu creio em Jesus Cristo, tadinho, tão alegre, tô salvo sim. Aquilo me satisfez muito. Ele tava aberto, mas é muito duro, muito duro, muito duro, fiquei quatro meses na casa da V., mas me sentia como que doente, doente, a V até não queria que eu viesse pra cá, falei não minha filha eu preciso ir começar a mexer na casa, a viver e eu não posso ficar parada aqui né. E isso foi muito duro, muito duro, muito duro, mas fiz tive coragem porque a devem ter ido mais de 400 pessoas lá no velório dele, eu tenho amigos, L. reuniu o prefeito, é vereadores, e amigos meus e tanta gente não é, isso também parece que não mas conforta você ver tantos amigos, você ver um, um, como é que fala, zelador, é um zelador, desde que o M. era rapaizinho ele era zelador na época do prédio que eu morava ali na Avenida Índico. E sempre acompanhou o M. não é, eu vim pra cá deixei, os deixei lá e foi muito comovente no dia, a empregada que tinha adoração por ele e ela chegou até as seis e meia nós tínhamos falado pra vir umas oito e pouco assim, ela chegou as seis e meia de tanto que tinha a amizade dela com a mãe dela já velhinha aí eles abriram foi ali na aqui Baeta e elas ficaram lá até as oito horas quando nós chegamos. Então ele era muito querido viu, não é porque ele tinha falecido, mas ele era muito querido, inclusive tinha essa menininha aí filha de alemães né, e quando era no jardim da infância é o professor dela era o M. não é, acho que é por isso que ele quis procurar onde tem, onde se encontrava, e então ele defendia né, dos meninos que implicava, criançada de jardim de infância, seis anos aí chegava lá defendia as meninas e ela sobretudo né, então ela tinha loucura por ele também. Mas eu sei que é muito sofrimento, estou misturando tudo mas isso que ia falando do enterro né, tinha muita gente graças a Deus, muitos amigos, aí começaram a perguntar: Mas quando vai ser a missa, não vai ter igual cerimônia depois? Aí eu falei com o pastor: Oh pastor, se a gente for marcar pra daqui sete dias uma cerimônia na Igreja Católica capaz de não vir quase ninguém porque não tem o hábito de freqüentar Igreja evangélica depois foi tudo, foi tudo lá no velório né, então vamos fazer neste domingo, o enterro foi sexta-feira, no domingo à noite o senhor por favor, o senhor prepara, não quero conjunto de louvor lá fazendo, não quero nada disso, quero uma coisa solene, e aí nós falamos, aí o pastor falou com todos né, que ele iria um culto em memória dele, á noite, na Metodista, e o pastor e a dona A. que fizeram a, como é que

fala, fizeram o ritual, e a minha família estava toda lá, e quando eu digo a minha família toda porque tem os sobrinhos né, de Petrópolis é o pessoal foi, o meu sobrinho também, e foram muitos, inclusive o vice-prefeito, o prefeito não foi, ele tinha muitos amigos, mais o L. né que foram e foi um culto muito bonito, aqueles cultos Metodista de antigamente, uma mocinha, esqueci o nome dela, fez dois solos maravilhosos lindos, lindos, lindos, a L. você conhece muito, a L. A. né a jornalista né, é minha amiga, muito amiga, sabe quando que é quando a gente é muito amiga mas ao mesmo muito tempo não tá sempre junto leva ano inteiro, mas sabe que é amiga ela esteve lá à noite. (a entrevista é interrompida por um diálogo com outra pessoa e continua) Então foi feito um culto muito bonito, daqueles Metodistas de antigamente, a L. muito gentil, e não sei por que, também não perguntei, aí eu perguntei a outra, uma organista que é ex-mulher de um pastor que foi, que foi afastado que eu esqueci não sei o nome dele, o nome dele nesse momento, então eu não sei o que foi, ela não foi pro órgão, não pro piano, nós estamos com um harmônio lá bonito mas não tem ninguém pra tocar infelizmente. E na hora que cantou os hinos a L. levantou e foi lá pra tocar pra nós e a D. também foi lá na frente falar naquela mansidão, naquela simpatia né, e ela foi professora do M. quando ele era pequeno né. (interrupção do diálogo). [Como ela vai preferir o chá, eu acho que vou fazer igual a minha irmã, ouviu Blanches, em vez de botar o chá na no envelopinho na do lado do pires, a minha irmã ela acha mais prático colocar dentro do bule porque já sai do saco]. Sim. Ai imagina...Essa experiência é, eu nunca pude pensar que fosse tão terrível, tão terrível. Um pedaço da gente vai embora, um pedaço vai embora, eu senti, foi embora eu sinto, e pelo menos pra mim essa perda, ela não não fiz, como que eu diria gente, eu não me precipitei em nada demais perder a razão, a cabeça, fazer alguma tolice porque eu a tenho crença em Deus, aquele dia eu estava no estado de pânico, agora que eu lembrei o nome, eu fiquei em estado de pânico,e eu mas é o subconsciente, porque ele tava lá bem dentro do quarto foi no dia 15 ele ainda tava bem, no outro dia, e me sentia tão mal mas o meu subconsciente já sabia de tudo, que eu acho que era um perigo até se aquela janela não tivesse a rede eu faria uma coisa inconsciente, percebe? Inconsciente, porque conscientemente eu tenho muito temor a Deus, apesar de defeitos que a gente tem como humano, mas depois disso não, mas é um sofrimento atroz que nunca será esquecido, pode ser assim amenizado, pelas atividades que a gente tem sobretudo na igreja, é então a conclusão que a gente sempre fala, mas é só quando vive fala mais verdadeiramente é, que se não for uma crença em Deus muito grande é muito perigoso a gente se desesperar de vez, pelo menos da minha parte, porque cada indivíduo sofre de uma forma, e eu fui, sou uma pessoa assim super sensível, amo o amor, amo a beleza, sempre mas em excessiva a ponto de um psicólogo uma vez, o

meu professor, disse que isso até me prejudicava, de tanto que eu amava, o próprio amor em si, tudo que é belo, tudo que é bom, você imagine perder um filho, então isso foi um golpe que eu nunca esperava nunca na vida, nunca, nunca, nunca, e eu só posso dizer que se eu estou agüentando, em primeiro lugar é Deus, em segundo porque eu tenho a minha filha querida que eu adoro e amo também, e as minhas três netas e que eu gosto demais também delas, como também, tadinha, gosto da minha ex-nora que tá morando junto sou agradecida abraço com todo o amor e carinho, gosto e aprecio muito o L. porque foi um pai na último nos últimos meses, aliás de um ano pra cá, o M. tava sempre lá ele se sentia falta do pai junto né, ele então vivia muito mais unido ao L.,e eu fico grata a Deus por isso sabe, e depois o L. não abandonou ele sofreu o horror, muito, muito, muito, e ainda confessou pra V. depois que ele quando se casou quando nós tivemos nossos filhos ele não tinha noção de que ele devia também estar junto educando os filhos e que ele deixou toda a educação dos filhos pra mim porque ele não tinha essa noção, ele falou eu nunca subi no quarto de vocês para contar uma história, acho que graças a Deus deve ter contado pro filho que ele teve com essa senhora, mas eu me lembro. Toda noite que eu subia toda a noite pra contar história pra eles, graças a Deus. Então é então é isso sabe, a vida é essa e sei lá, vamos caminhando porque não tem outro jeito. [Por nada querida desculpe se eu falhei eu sei que eu teria muito mais coisa pra falar mas não lembro, não consigo.] Por nada.

Relato 2

M. P. P. C.

Sexo: Feminino

Idade: 61 anos

P: Dona M. como que a senhora viveu a sua experiência do luto?

S: Oh, uma experiência muito dura pra vive. Não foi fácil não a gente perde as pessoas que a gente ama, muito duro. (Chora) Ah foi assim: eu recebi a notícia né aqui, como é muito longe, aí assim na hora eu não pensei de tá lá, mas o meu filho falou "mãe a senhora deve ir tal". Então na hora eu chorei muito, o meu marido não é de chora, mas ele ficou assim também constrangido porque tinha vinte dias que ele tinha perdido tinha perdido o sobrinho, o sobrinho dele né o F. Aí meu filho falou: "Não mãe, agora é sua sobrinha a senhora também deve ir nesse velório". Aí eu nós arrumamos ele levou lá pra rodoviária foi, mas aí eu chorei antes porque a gente como cristão a gente tem que dá o testemunho né, de cristão nessa hora. Aí chegando lá eu tinha que segurar a barra por causa dos parentes né a gente não pode ficar chorando tinha que dá assistência pra minha irmã mais velha né, se você não sabe nós somos quatorze filhos, já pensa já tô na terceira idade mas só quatorze e ela é parece o quanto mais idosa a pessoa mais sensível fica nesse sentido. E foi muito corrido e foi muito longe e tenta chegar de avião, mas Deus atuou na minha vida e o meu filho aqui ligou para Belo Horizonte e o meu sobrinho me pegou eu com o meu marido na rodoviária de carro e nós fomos direto para o velório que foi no cemitério em Governador Valadares. Então nós saímos daqui de São Paulo 11:00 da noite e chegamos 11:30 da manhã assim tudo corrido como estou dizendo só dei uma paradinha pra o estado de enjôo que eu tava por causa das voltinhas lá de Belo Horizonte até Valadares, é muita curva. E chegando lá vendo aquela situação a sobrinha que eu amava muito, mas a gente continua amando né, não deixa de amar, e no caso lá tinha um pastor e um padre, porque a minha sobrinha é muito católica o marido dela foi ex-seminarista de padre e tinha um pastor porque a filha dela é recém convertida, então eu também cruzei com esta situação, de pastor e padre. Então o padre falou a parte dele e passou para o pastor o pastor também falou e nessas alturas a gente já tinha controlado as pessoas né não sei se você sabe um cristão na minha maneira de pensar é assim a gente tem que fazer um contorno pro se conversa com a pessoa pra que a pessoa fique calma e falar uma boa palavra do jeito que a pessoa ela tá muito sensível, então que Deus me deu força eu sinto assim e Deus que me deu

força pra agir nessa situação. E estava lá a família lá o pastor teve o culto fúnebre né foi bem mesmo porque os dois, o pastor e padre, e a gente contornou aquela situação e quando olhava a minha sobrinha assim no caixão era muito difícil não eu chora, a gente chorava mais em silêncio né porque o povo ali a maioria católico ele fica de olho na gente que ali é cristão que é crente pra vê o que ela vai faze. Então a gente tem que toma essa posição, se dura sem sê, coisa que eu não sou já deu pra percebe. Tem, não tem nada de mais que se dura né e eu sou muito sensível nessa parte e fomos pro cemitério e chegou lá o meu sobrinho que é o filho dela né, fez todo mundo chorar porque ele foi abaixou lá e foi fala agradece abaixou lá onde tava o caixão né, foi agradecer a Deus pelos quarenta anos da mãe pelos dezessete anos que ele pôde que ele pode conviver e nessa hora eu não agüentei desabei mesmo, desabei mesmo, então pra mim foi muito difícil porque pra mim assim porque eu não tinha assim um apoio e meu marido é muito quieto ele não sabe chegar e fica né, e lá eu tinha que ser a durona no caso eu tive que ser a pastora no caso ali, foi mais difícil por isso no lugar que se tá não tê se não ter a sua pastora junto, então acho que a pastora tem que ser mais dura ainda nesse caso. Ela vai no seu lado só ela por a mão isso é tão difícil de mais (choro) aí eu aproveitei que os estranhos ali todos e eu chorei pra valer. Eu senti bem melhor né, porque você chora se desabafa um pouco, chora perto de você é difícil segurar, né. E o meu sobrinho ele é muito durão também ele não foi a única pessoa que não desabou chorar lá foi ele, e ele até cantou uma música em castelhano, é mais já era e foi duro também horrível (chora), então não foi fácil passar por essa situação não foi muito difícil. Depois saindo dali aí eu fui, cheguei a respirar fundo de novo pra ficar com a minha irmã, que é a mãe da falecida, aí cheguei lá e respirei fundo primeiro eu não quis ir direto pra lá passei na casa do meu irmão né pra tomar banho, almoçar, eu não tinha almoçado ainda, e quando eu estava subindo a escada pra ir pra casa do meu irmão eu achei a minha sobrinha toda assim aí falei "agora é hora de eu voltar a reanimar o povo, né" Ei gente vamos almoçar to morrendo de fome cadê o almoço. Como quem se não tivesse acontecido nada e fomos pra almoçar e eu tava com fome mesmo a comida, cheiro de frango assim assado me deu fome mesmo aquela hora já era quantas horas mesmo, quatro horas da tarde, agente tava sem alimenta o dia inteiro né, a tarde toda eu tava até com dor de cabeça porque eu não tinha tomado o remédio da pressão porque eu tenho pressão alta. Aí nós almoçamos, e eu vi que o povo na hora que eu cheguei e falei com o pessoal assim o pessoal animou, até levantaram "é mesmo vamos almoçar né" eu acho que a minha sobrinha pensava assim que eu ia chegar aqui vai nos abraçar vai chorar né, eu fiz o contrário porque eu tinha que conseguir forças pra ir pra casa da minha irmã que é mais difícil, a mãe perder um filho do que eu como tia, apesar de que a minha sobrinha era assim

comigo, ela vinha aqui todo o ano, toda hora, até cobrei da G. “e agora quem vai na minha casa”, foi tal como uma filha mesmo que eu perdi. Aí eu retomando essas forças né aí já vai eu pra casa da minha irmã chegou lá parecia um velório, todos os filhos dela, quatro homens, quatro homens é e três mulheres, era três e morreu essa. E aí né eu falei assim e agora, fala o quê? Fala o quê, então tem hora que é bom não fala nada também tudo que eu falasse ali como ela tava assim dopada de remédio, tava toda mole, ela nem ia me entende, ela não nem ia me ouvir, o que eu tava falando, numa hora dessa que a gente ta passando por isso, eu entendo assim, posso até estar errada, tudo o que você falar é pouco mas se fala muito até amola, eu lembro uma vez que eu fiquei assustada uma vez que eu fiquei até aqui apesar de que hoje morreu o marido da minha vizinha da próxima rua, e a mulher lá na cama e a vizinha falou “E que levanta daí vai continuar a sua vida a vida continua” eu na minha opinião, eu acho que isso não é hora de falar isso, eu não teria coragem de fala isso como uma coisa que você não quer pra você você não quer pros outros então de repente aquela senhora falou até por falta de alguma instrução mas não foi a vontade dela, mas não coube naquele momento né, não encaixou, fala pra pessoa “que nada” é a vontade de Deus. E ah eu esqueci de contar uma pequena coisa, depois que eu comecei a fazer Teologia eu entendi, por isso eu tenho vontade de terminar, porque foi muito bom pra mim a maneira de entender as coisas, então tudo as pessoas também fala que é a vontade de Deus e antes de eu ir isso aí é um caso que aconteceu num velório há vinte dias atrás, essa minha sobrinha que é da Igreja Batista ela falou assim “Ah tia é a vontade de Deus”, e eu falei “Será?” Aí ela subiu na curva “Aí o que você ta querendo fala não, espera aí!” Porque tudo ou a gente culpa a Deus ou culpa o Diabo. Os dois devem ter as costas muitos largas porque joga a culpa no diabo ou em Deus. “Mas é mesmo tia, porque já pensou então se a pessoa sai atropelando e se Deus quisesse que não morresse Deus segurava aquele carro pra não bate nele.” Que no caso dele que isso aí foi acidente de carro, a minha sobrinha já foi de câncer, é diferente. Eu falei assim: “Oh M.”, ela chama M., “nem tudo nós devemos ou culpar a Deus ou ao Diabo”, na minha maneira de pensar porque eu já aprendi com a minha experiência até hoje metodista, tem trinta e, trinta e três anos de casado, tem trinta e cinco anos que eu virei metodista e ainda mais estudando mais um pouco eu entendi assim que nem tudo é a vontade de Deus nem tudo é o diabo também que é culpado, eu entendi, eu entendo assim que na terra há mais mistérios do que no céu, não sei se entendi errado, mas eu entendo assim segundo a Palavra de Deus que na terra há mais mistérios do que no céu, aí a mãe dela foi chegando e falou assim “ah seis ficam discutindo como foi que ele morreu”, não não to discutindo nós tamos explicando aqui porque ela tema que é a vontade de Deus e eu não temo nada, eu digo que não sei é um mistério. E eu

continuo na minha condição e não culpo a Deus por isso que ela morreu, e o rapaz morreu tão jovem com vinte e um anos tava indo pra faculdade numa boa veio um carro louco de lá pá bate nele e ele morre na hora daí vinte dias a outra tava internada eu disse assim "ah se ela tá com câncer ela vai sair vai fazer quimioterapia e não vai morrer agora de repente pá" e com vinte dias ligam pra mim que ela morreu, agora eu vou ficar culpando a Deus, e eu eu já penso assim eu posso tá errada mas eu penso assim e é claro que a gente chora, que a gente né como diz é de carne e osso, chora mesmo mais tem que tomar muitos cuidados como cristão eu tenho que procurar ter mais cuidado pra não perguntar a Deus o porque de nada, porque a nossa mania geralmente é perguntar "por que? Por que? Por que aquilo?" E geralmente a gente pergunta antes de perguntar, na minha concepção, deveria pedir perdão pra Deus do por que perguntou por que, a Deus tudo sabe né e nós temos que pra finalizar como nos finaliza eu dizendo a vida continua, mas não é tão fácil chegar até aí se passa por um processo é parece assim uma dor que tem aqui no coração parece uma ferida, não sei se você já teve alguma feridinha, então ela vai ela vai cicatrizando assim em volta, ela vai cicatrizando, cicatrizando até chegar no início e você vai colocando remédio, remedinho né, e fica aquele pontinho ali, aquele pontinho ali, só que eu entendo só através de oração diante de Deus pra fechar e eu voltando de Minas aí pronto comecei a entrar em crise, lá me segurei durona né, era durona né, crente não pode chorar, (risos) e aí eu chorei bastante, mas não assim, uma semana e deu, chorei, chorei de saudade dela mesmo porque a gente tem saudade da pessoa que tá ligando pra você sempre, a pessoa que sempre teve contato com você, quem não vai ter saudade, na esperança quem sabe, porque a Bíblia também não relata isso, quem sabe um dia encontrarei em outra "expressão", extensão. Quarenta. Quarenta anos. Uma diferença de 20 dias então foi assim choque até tive muito apoio da igreja e da pastora também foi e não tem muita coisa a dizer. Eu gostaria de relatar, em termos de, no caso de você que é pastora, com certeza você já sabe disso, que numa hora dessa (choro).... é difícil..... (choro). Tem que dar assistência sim viu, mas não com palavras, palavras não resolvem, como diz a música popular, "palavras não são palavras e nada mais". Mas que tem que dar assistência tem, viu. Pode você chegar perto de mim sem precisa falar nada verdade. (choro) Desculpa viu... (choro)...Tá, precisando da gente a gente tá aí.

Relato 3

W.F.S.J.

Sexo: Masculino

Idade: 25 anos

P: Bom W. como que você viveu a sua experiência, é do luto?

S: Como que eu vivi? Bom, eu tentei ser mais forte que as outras pessoas para poder ajudar outras pessoas eu queria tratando sempre e falo se eu tenho certeza se realmente eu vivenciei o luto de forma de como normalmente as pessoas vivenciam o luto, eu procurei dar mais apoio aqueles que eu senti que aqueles que eu tava percebendo que tava mais abalado que eu tava não que eu não fiquei abalado, mas é foi da maneira que... foi muito, foi muito, eu senti depois da morte da minha mãe foi mais, é eu fui aceitando pela pelos processos, passo a passo, o que aconteceu com ela, então foi fácil de aceita eu acho que eu tava aceitando antes mesmo dela dela vim a falecer, né. Acho que eu já tava vivenciando o luto antes mesmo... Antes dela morrer é. Aí a princípio eu quis apóia mesmo meus queridos mas depois eu tive meus momentos também de tristeza, mas sempre focado nisso, sempre é mais chateado e enfim e preocupado pelo que outros tão sentindo e não pelo que eu tava sentindo, não pelo que eu tava sentindo, bem desse jeito, até a T. mesmo ela ficou "...." lá na frente, é estranho mais "mais ou menos assim complicado". Meu irmão, mas entendeu pelo meu irmão do que pela minha irmã também teve, teve uma situação muito difícil, o E. "que ele tá", bom mais ou menos assim. Depois de de um tempo, acho que foi depois de um tempão assim acho que um ano depois, que eu, não sei se posso falar assim, começou a cair a ficha né, mas eu acho que se tivesse sido de uma maneira assim rápida e minha mãe tivesse ido de uma vez acontecido alguma coisa que ela tivesse bem, acho que eu sentiria mais ou teria ficado mais abalado, mas é porque ela foi ela ficou tão doente tão doente ela tava tão fraca, e foi tão importante que eu te conversado com ela e ela te aceitado, ela já tinha aceitado da condição dela e ela na condição que ela estava ela ajudou a gente né a entende, então pra mim foi fácil, não por causa de outras pessoas, por isso que não sei se ela conseguiu fazer isso com todos feito comigo e com outro e não com todos.Ela fez. Ela morreu faleceu exatamente no dia de finados, então vai fazer dois anos agora. É exatamente. Uma perda mais recente?! Bom, aí é que está, eu não que eu não senti, mas é que eu fiquei tão preocupado com ela, com a T., que eu preferi eu preferi assim dá atenção a mais ao que ela tava sentindo, quando ela achou até

achou que “você não sentiu tanto você é parece que você não se importou”, não que eu não me importei mas que eu tava tão preocupado com você, tava tão preocupado de acontece algo com você”. Que eu achei que fosse melhor dessa maneira não sei, “.....” pode se, mas depois eu bastante fiquei chateado também e agora depois que aconteceu isso acho que eu to dando um pouquinho mais de importância até na questão de de participar mesmo da de todo esse processo acho que eu fiquei um pouco ausente.O que eu queria era, sei lá, que ela entendesse aquilo rápido como eu entendi que foi melhor assim, mas não. Não tava pensando do jeito que ela tava pensando, é que nem ela fala ela que teve as sensações ela que passou daquela maneira, mas pra mim eu acho que eu não considero que foi assim, eu acho que se tivesse com seis, sete meses, sei lá, nascesse... Sabe... eu não falo pra ela que eu não considero que seja um filho pra ficar de luto mesmo, mas ela acha. Ah poxa, acha que tinha vida, ela fica chateada, pensa mais não tava, tava se formando ainda tal teve o aborto. Eu acho que não considero que... Três semanas. Três semanas. Ia pra quatro semanas. Ia pra quatro semanas. Eu sentiria mais se tivesse... Tivesse tido mais tempo de gestação. Veja só, eu lembro quando eu tinha 12 anos, eu lembro perfeitamente. “Mas do pai L. P.”... é daquele jeito sempre foi daquele jeito, eu sempre tive que suporta, eu acho que eu vivi um luto, sempre vivi o luto desde que o E. começou a ser desse jeito que ele é. Mas era sempre pela minha mãe era sempre é não não tomamos determinadas atitudes por conta dela. Então, minha mãe assim era tudo pro L. P.. Eu fico imaginando, se fosse eu com doze anos a maneira que aconteceu, como aconteceu, assim não sei, se todas aquelas informações na sua cabeça saber daquilo tudo, eu não suportaria. Então eu fiquei pensando assim, poxa a vida, é também era filho dela, mas eu ainda acho que pra ele foi pior do que pra mim. A minha mãe tava tão satisfeita com o fato de eu já tá casado, de ser com uma pessoa que gostava de mim de verdade, então ela passou isso pra mim que ela tava tranqüila, eu acho que se eu tivesse numa situação, sei lá, se eu tivesse perdido aí no mundo, se eu não tivesse um uma razão pra viver ou uma expectativa pra ser alguém, acho que ela ela teria passado essa frustração pra mim, e sei lá, podia ser diferente, mas eu me sinto tão confortado como ela tava em relação a mim e a minha irmã e ela sempre falava pra mim, falava pra mim assim que também ela sabia que o fato de ela estar ou não estar com o “P.”, ela sabia que se um dia ela não estiver eu estaria presente. Mas aí eu abrangi, né, não fiquei só com o P., comecei a toma conta do E., toma conta da minha irmã...De todo o mundo. Destaca, assim no que senti? Eu tinha muito medo, tinha muito, muito, muito, muito, de perder a minha mãe, demais. E de tudo que aconteceu, eu não sei se isso é verdade, mas acontece de você vivenciar um luto antes? Acontece? Pode ser? Eu acho que eu aprendi, eu aprendi, eu imaginava que eu ia, eu imaginava como ia ser se a minha mãe

viesse a falecer. E quando a minha prima me ligou, ela me ligou e falou que tinha que ir pro hospital eu já não tava sentindo mais aquilo, porque é como se tivesse sido como se tivesse consolidado, como que se pra mim o luto já tivesse começado antes mesmo, tá. Então, é desde quando a minha mãe adoeceu, desde de quando eu soube o que ela tinha, eu já acho que sem sabe inconsciente eu já comecei a trabalhar essa questão do luto. Sem perder as esperanças. Sim. Eu achei que dali pra frente eu teria que ser forte.

Relato 4

M. P.

Sexo: Feminino

Idade: 55 anos

P: Bom Sra. M..como é que foi a sua experiência de luto , como é que a senhora viveu essa sua experiência?

S: É eu vou falar sobre a morte do meu sogro que foi mais recente, nós acompanhamos não foi muito fácil por causa que nós estávamos muito acostumados com ele aqui assim vivia sempre todo dia vendo ele, do lado da minha casa né então ele já estava com bastante idade, ele já estava com 80... 93 anos e assim ele sempre foi um homem muito assim independente nunca quis fazer nada que alguém falasse pra ele assim, ele queria viver sozinho e assim não tinha preocupação dele não só a dele fica sozinho e acontecer alguma coisa a gente não vê, mas aí quando ficou doente e acredito que foi assim eu creio muito na mão do Senhor, porque sempre tive essa de se acontecer ele tá sozinho acontecer alguma coisa a gente nem sabe à noite. E não foi assim que foi, ele ficou doente e ele já começou a ter dificuldade, e o que aconteceu ficou internado e foi acompanhado muito pelas filhas, inclusive porque ele tem três filhas, mas como é três filhas que moram mais longe e eu que sou nora moro do lado era mais situação a mim e a meu marido, quem cuidou muito bem dele inclusive meu marido, mas talvez pelo sofrimento de vê ele assim sozinho não querendo depender de nada e sempre falando assim "Ah eu já vivi bastante, mas é vocês estão cuidando de mim agora, eu não queria depender de outras pessoas, mas eu vou ter que depender". Acabou indo morar com a minha cunhada e o que aconteceu ele começou a piorar e veio a falecer. Então ele veio a falecer, ele ficou internado assim uns poucos dias na UTI e quando nós ficamos sabendo a gente até esperava mesmo por causa que ele já fazia tempo que ele vinha falando pra deixar até preparado, ele falava sempre que "ah eu vivi bastante já, então eu vivi bastante, eu eu não quero é ficar em cima da cama sofrendo né", mas tinha uma natureza que só por Deus, ele fazia o que ele queria, então quando nós soubemos que ele tinha descansado né, que ele tava internado lá no hospital, aí até falei com o meu marido mesmo, eu falei até eu me admirei que eu achei que o meu marido ia sentir muito porque ele cuidou mais né, como filho né, eu como nora eu sempre respeitei muito ele e gostava muito dele ao modo dele entendeu, ele não era muito assim com as noras não era muito ligado era mais ligado com as filhas, mas toda vez

que eu fui cuidar dele ele sempre falava assim pra mim que ele agradeci muito os cuidados que tavam tendo né, e uma pessoa muito orgulhosa mas sabe reconhecer isso até falei pro meu marido "nossa ele descansou não sofreu tanto", pelo que pelo tempo que ele tava com 93 anos, ele não demorou, ele não sofreu muito. Lógico que a gente sentiu muito inclusive quando foi pra preparar o funeral, muito difícil, porque a outra vez aconteceu a mesma coisa com a minha mãe eu tive que arrumar e desta vez de novo porque porque nós não temos, a família é assim, a gente tem um lugar lá pro lado do Horto Florestal pra é um cemitério onde a gente tem um lugar né, acampa, mas lá pro lado do Horto Florestal muito longe aí sobrou pra mim, aí nossa eu fiquei nossa, aí eu fiquei meio assim, com a minha mãe foi a mesma coisa eu que tive que arrumar tudo né, a minha mãe que foi a quase três anos, ela tive que vê arrumar ela, tive que providenciar tudo, ela foi muito complicado, nossa me deu assim um mal estar porque além do que ela a dificuldade na hora do enterro também não é só a perda a dificuldade financeira porque a gente não tinha nada, que dizer que eu sabia que eu saiba na na naquele tempo eu não sabia que tinha algum dinheiro mesmo, aí falaram pra mim " ah você tem a campa", e eu tenho mesmo do meu pai, e japonês eu tenho um pouco de receio porque eu tenho uns irmãos que não são evangélicos, eles são católicos, e o que acontece é do meu pai e dos meus irmãos, o lugar, e claro pros meus né, e eu também faço parte porque eu paguei a parte lá né que cabe a mim, eu pago manutenção, aí na hora de arrumar eu ofereci né, ofereci assim né fui ver com o meu irmão se puder você coloca, aí foi o que eu fiz. Aí eu já tava triste com a perca, aí arrumei porque é claro que tinha que pagar alguma coisa, igual o caixão e não o local, o local não né porque já tinha então, aí eu liguei foi mais que eu fiquei uma hora certa me deu até dor de estômago, eu passei mal porque aí eu ligo pra minha cunhada porque é família, a dificuldade de lidar assim com as famílias mesmo né, porque com todo mundo né, aí eu fiquei nossa eu liguei e falei assim: Olha os custos são seus, vai ter que ver o caixão, vai ter que ver alguma coisa, se vocês quiser eu vejo pelo A a gente consegue lá porque eu não tenho coragem de ir lá arrumar não, já chega a minha mãe eu não quero ver ele assim e arrumar, então eu acho melhor eu pelo mesmo arrumaria o Céu pra ir lá e arrumar tudo né só dar o documento. Ah então tá bom, então vê lá. Eu arrumei, menina quando arrumei e falei o custo não era tanto né que dava pra gente se aperta pro mês, aí a minha cunhada falou: Não, ah mais não é de graça, lá em São Paulo é de graça eu vou ter que gastar o meu cartão! Eu falei minha nossa, aí eu já tava chateada bom eu fiquei ainda mais, meu Jesus o que é isso, aí liguei pro meu marido "então cancela", "então cancela com o homem aí", eu falei puxa a vida não basta a perca ainda essa coisa gente dinheiro, aí meu filho estava, graças a Deus eu tenho filhos maravilhosos que me dá muito apoio, meu filho tava aí, magina

o que que é mãe? Eu falei não eles tão achando que tá muito caro, puxa vida eu tô triste porque já tem uma perca e depois ainda fica falando de dinheiro essas horas, eu fico muito triste, eu arrumei. Aí ele falou não "mãe pode fechar, fecha que a gente ajuda a senhora". Se eles não quiser dá não deu. Falei vocês tem certeza? Tenho, então tá bom, então tá bem, aí fiquei tranqüila liguei e aí eu liguei pro meu marido e me abençoou tá tudo certo, que nada, nós vamos ver pode deixar, já foi feito tá ótimo. E assim foi feito, houve o enterro a gente, eu até passei no velório, fiquei com eles lá fiquei assim com mais duas cunhadas, e mais eu, a minha cunhada, duas cunhadas, e mais a sobrinha junto lá na, foi muito assim foi até assim tranqüilo porque elas mesmas depois admitiram que ele já tava com uma certa idade, aceitaram porque ele tava sofrendo muito assim por estar dependente sabe, a gente tinha uma saudade mesmo de ver ele falar que ele era bastante assim uma pessoa bastante autoritária, mas uma pessoa que falava as coisas a verdade, se ele tinha que fala ele falava então eu sempre falo pro meu marido olha o seu pai deixou ele era durão, ele era orgulhoso, mas ele soube ensinar uma coisa ser sincero, até doía de ser sincero porque ele falava mesmo você gostasse ou não, então eu penso assim que ele deixou uma coisa muito boa, e é claro que a gente sente falta dele às vezes a gente tá andando e pensando meu Deus será que a gente fez tudo pra ele? Será que a gente ajudou o suficiente a busca a Deus? Porque eu falei de Jesus, uma muitas vezes a gente conversou ele falou não eu, irmão reza ele falava olha mas eu rezo pra todos eu peço pra mim eu peço pra todos não é só pra minha família é pra todos. Claro que eu creio que é Deus senão eu não tava aqui, até aqui, então eu acredito que ele descansou no tempo certo, é claro que a gente sofreu a perca agora eu tenho comigo é a minha mãe que eu penso assim que ainda sinto alguma coisa porque o tempo não foi suficiente porque é mais de família, e nós tivemos muito problema na família né até hoje, a minha irmã que ficou na casa lá ela acaba assim a casa ficou muito triste que sem minha mãe e sem meu pai porque perdeu meu pai e logo em seguida a minha mãe, um pai dum e um pai do outro, então às vezes eu fico questionando assim de uma forma que eu fico pensando e eu fui justo na última noite que ela passou no hospital que eu passei com ela, então isso me deixa assim um pouco assim fico pensando meu Deus eu acho que eu não fiz o que eu devia ter feito quando ela tava aí eu devia ter ido lá fala com as minhas irmãs pra muda a vida dela, porque quando ela foi só ela me falou assim: "Que pena né L. porque em casa ninguém gosta de ficar conversando sabe eu vou pra sala a minha irmã (a minha irmã que é a N.) sai da sala parece que não gosta de mim". Aquilo ficou na minha mente sabe porque eu pensei meu Deus eu devia ter falado antes porque eu tenho um irmão que ele me cobro isso e como ela é você só é não fala o que deveria fala com a N. deixa ela cuida da N., chama atenção da N. porque a mãe assim a mãe assim

cansei de conversa com ela manda ela vim em casa fica em casa ela não que, ela quer ficar na casa dela é claro, então eu fiquei com remorso ao mesmo tempo, e outra coisa ela pedia muito pra não ir pro hospital e eu à levei, mas a levei por cobrança dos outros, por causa de porque o meu irmão ele bebe de vez em quando, e o que acontece "mas a mãe tem convênio porque não leva no convênio?" então aquilo porque eu trabalho a área da saúde e eu levei ela aqui no posto né porque aliás ela sempre confiava de ir onde eu estava, infelizmente era assim, então levaram ela lá ela tava com pneumonia uma semana, não melhorou, então ela faleceu. Internei ela numa segunda-feira na terça-feira que eu fui lá buscar ela à noite ela já tava no CTI , ficou uma semana na UTI e depois veio a falecer, então eu fico pensando né que ela falou pra mim que não queria mais, ah o médico a convenceu a ficar aí eu disse a mãe se a senhora quer ficar então fica né, eu tinha falado pro médico que eu não ia deixar não, mas aí isso me deixa um pouco eu fico pensando né eu às vezes eu me deparo assim, eu devia ter deixado ela em casa, mas isso me deixa assim com dor me faz mal , aí fico pensando mas meu Deus se eu levasse ela pra casa também ela ia morrer em casa aí esse meu irmão ia ver eu levar em casa e talvez ela tivesse chance no hospital. Então fica esse conflito e eu falo sempre que esse meu irmão aí me cobrava muito até hoje eu tenho certeza que ele tem no coração que eu deveria fazer outra coisa com a minha mãe, e eu sinto isso. Agora meu sogro na parte assim que toca de cuida de fazer o que, eu fiz, eu fiz mesmo de coração e eu sei assim que Deus sabe do meu coração que o meu sogro eu sempre tive um respeito muito grande por ele. Então é claro que foi muito difícil, não é fácil perder alguém né a gente sente muita falta, eu sei disso, não é fácil mas. Que faleceu também. [Sobre um amigo que faleceu há pouco tempo] Então ele faz pouco tempo, fez ele foi olha nós tivemos um trabalho aqui de "uma vida com propósito" em outubro né, nós tamos em setembro, outubro, novembro, olha quando foi em janeiro pra fevereiro ele descobriu. Ele participou algum tempo e foi tão interessante que ele participou com a esposa dele porque a esposa dele tinha, mas nunca mais atacou, mas ela tinha uma depressão terrível, uma depressão tão grande que ela chegava a não querer cozinhar, nem toma banho, nem fazer nada. Aí ela começou a me pedir ajuda então nós começamos a cozinhar, faz algum tempo atrás, aí quando teve esse trabalho aí "uma vida com propósito" nós fizemos aqui em casa, eu convidei pra sim vem trás ela se você vier ela vem e começaram a vir, Deus preparou, não era ela era ele. Aí quando foi mais ou menos em janeiro, fevereiro ele veio a descobrir que estava com câncer gente nunca teve problema de repente começou a sentir dor no estômago e descobriu que estava avançado e foi tão assim porque ele não veio por vir no trabalho, mas ele questionava: "Mas quem escreveu a Bíblia foi o homem, como vocês sabem que é verdade isso aí que escreveu?" Por que?" Eu falava mas cara mas só de

você não sente o amor, você não sente a presença, assim quando tem um bem, até uma flor, você tem uma filha. E ele era muito assim com a filha, ele não era ele tratava bem a filha mas não tinha aquele achego ele se dava mais com a mulher do que com a filha, tudo que ele queria ele só pedia pra mulher, e ele só uma filha, e pedia pra ainda como ela é muito minha amiga ela me contava e aí ele chegou a me falar assim "é eu e a P." e com filha não tinha um relacionamento, e aí o que aconteceu, com essa enfermidade a gente veio a trabalhar "Tá vendo Deus não chamou você não era agora, olha só era você pra você entender o propósito de Deus na sua vida". Aí ele falou assim: "É mesmo". Ele na hora ficou meio assim depois com o passar da doença ele tinha muita dor, sentia dores horríveis, então só Deus mesmo, realmente hoje melhor do que ficar com essa dor é morrer mesmo, porque é demais. Aí então mas você crê em Jesus?, "Creio, agora eu estou crendo", fazendo isso fica doente, mas é isso mesmo Deus tem um propósito pra tudo até pra se achega a sua filha. Pra você ter um relacionamento, e é verdade o que aconteceu a filha já se achegou e ela já começou a compreender melhor né, porque eles eram muito assim frios, se amavam até mas assim no modo dele aí até falei pra ele, então esse tempo foi bom e quando ele foi ele viu que no Nardini não tinha mais convênio, olha que interessante, dezembro ele encerrou o convênio dele fevereiro descobriu que ele tava doente, um convênio bom ele deixou só a mulher dele porque a mulher dele tem depressão,deixa paga por ela, aí a mulher dele ainda falou eu não sei porque o M. foi fazer aquilo por causa de dinheiro. O sonho dele era morar em Minas ou ter uma casa lá pra morar porque ele veio de Minas, então aí ele falava assim, uma vez, a última vez que eu visitei ele no hospital, porque eu vi que ele tava bem e a mulher disse "L. vai ver que eu acho que é a última, eu não sei não, mas o médico falou que ele tá gravíssimo ele vomitou muito e vomitou uma assim uma coisa muito escura, eu acho que ele tá muito mal". Fui lá e conversei com ele e ele tava bem tranqüilo, até admirei falei: "M. se tá tranqüilo". "Eu tô". "Você crê em Jesus né?". "Eu creio", mas ele falou "mas eu sou tão pecador". Aí eu falo né, eu sempre falo pra ele assim que Deus trabalha na vida das pessoas né mostrando a verdade, então aí ele falou: "Eu sei que sou pecador e acho que eu não mereço, eu não mereço ser salvo", ele falou né, aí a gente conversou aí eu expliquei que a gente vamos orar juntos? Aí nos oramos, aí ele foi vendo ele falou confessa os pecados dele aceitou Jesus, aceitou Jesus, agora vai descansar. Deus é que sabe do seu tempo. Eu vim aqui, mas Deus que sabe. Aí mas você vem mais vezes, eu venho, só que depois daí ele teve que ser transferido lá no Mirópolis porque aqui não tem recurso mesmo e a história é bem teve bastante dificuldade, o que aconteceu foi pra lá passou mais um tempinho ficou bem ruinzinho e aí veio a descansar. Eu falo que veio a descansar porque eu acredito que ele foi

salvo, e que interessante eu fico pensando assim como Deus trabalhou na vida assim porque ela já não tá tendo mais depressão que eu saiba depois ele faleceu e no dia do enterro eu pensei que ela nossa, olha Deus pegou ela no colo assim, eu pedi oração no dia do enterro porque ela tem bastante gente na família dela mesmo que é católica, ela no fundo ela não optou ainda, até agora, mas ela na hora lá a filha pediu pra gente orar: "Oh a gente quer uma palavra e quer uma oração". A gente orou, então isso ajudou tanto e a gente acompanhou ainda foi lá pra dá apoio. Mas olha quando eu me lembro eu sinto assim, eu sinto saudade dele porque ele era uma pessoa tão cheia de vida, cheia de vida tanto é que acabei que faze regime porque tava com a pressão meia alta, olha vê com a pressão alta, e aconteceu o que graças a ele tá vendo. Foi assim, eu acredito assim que Deus prepara o tempo certo e a gente sempre depois disso então nós vemos a esposa dele e a filha dele, que mora aqui perto não mora longe não, aí ela mesma tá bem forte ela fala: "Não realmente eu acredito que realmente foi mesmo que Deus preparou porque ele não aceitava". Ele não acreditava, porque ele tem um irmão que é padre ou ex-padre, não é padre, ele fez seminário e ia parece que ser padre e ainda desistiu e não crê, ele é ateu completo, então ele punha muita coisa na cabeça do irmão o padre, então resultado nós sempre acompanhamos o sofrimento dele junto, quando ele descansou a gente percebeu o quanto que Deus faz diferença na vida das pessoas porque se não fosse por Deus eu não sei o que aconteceria com essa menina também, a esposa dele, porque a esposa dele já era problemática bastante e assim dependente total dele, de repente por uma doença ela começou a ir levar ele no médico, a levar onde precisava, a acompanhar sem medo esqueceu até da doença, então agora eu penso assim Deus trabalhou muito na nossa vida e a gente sentiu a perca dele porque uma pessoa decente, amigo, porque ele tinha morado inclusive nessa casa aqui do meu lado conheceu os meus filhos pequenos, então é interessante como que é que acontece ele saiu daqui, casou saiu, conheci a menina dele, depois foi morar em vários lugares perdemos contato agora que a menina tá já moça né, fazia muito anos acho que uns 18, 19 anos, conhecemos ele veio morar aqui pertinho novamente e Deus preparou acho também por causa da E, a esposa dele, então eu falo assim que a gente sente mesmo a morte porque fica pensando será que nós, será que ele aproveitou o suficiente né? Viveu feliz? Mas o bom foi o tempo que ele aproveitou quando ele conheceu a verdade, Deus na vida dele. Porque ele assim ansiava só por uma vida assim num outro lugar daqui e não aqui, então eles iriam para outro lugar eu tenho certeza, então eu penso assim que é a gente tem um tempo de saudade de perca mas a gente vai se conformando né, é às vezes bate aquele aquela saudade e a gente começa às vezes a vim até um remorso né de não ter feito alguma coisa, e nesse caso comigo também a gente visitou muito então a gente sente confortado assim de ter podido

coopera com ele mas a falta que a gente sente falta e sempre vai sentir né. Quando eu vou lá na casa dele visitar mesmo a impressão é de que eu vejo ele conversando, rindo, mesmo quando ele estava bem doente sabe mesmo, ele ainda falava, ele ria de alguma coisa e a gente conversava. A última vez que nós fomos pra São Paulo com ele lá inclusive ele veio conversando bastante sabe, ele tava bem ruim, ele tava na última fase mesmo já tava bem ruim, era ele já tinha sido internado mas tinha voltado pra casa porque o médico disse que não podia fazer nada, aí depois da outra vez que ele foi pra lá no hospital, mas o médico já tinha desenganado e tá prepara, ele mesmo sabia porque o médico falava na frente dele, até eu achava interessante isso porque eu acho assim que a maioria dos médicos não gosta de falar pra ele, fala pra família, mas ele: "Não fala na minha frente eu não quero nada é bom que eu saiba o que está acontecendo", e isso eu ficava muito contente, você é forte, você é forte não, você está buscando a Deus porque pra ter força, ele falou não é verdade, aí fica sofrendo não dá também. Não é? É. É foi um pouco antes, e a sua mãe... O meu sogro, não e esse amigo. Esse amigo foi antes, foi minha mãe, depois foi esse amigo e depois foi o meu sogro. Ah mais? Eu só digo assim que a minha experiência eu acho que assim que me marcou muito na minha mãe foi assim o fato de vê-la, eu acho que a família é complicado a gente cuidar da pessoa, às vezes é muito chegado tipo a minha mãe de vê-la assim após morte e você ter que lidar com isso e você ter que providenciar tudo sabe ter o pé no chão, aí eu fico pensando é uma coisa muito horrorosa que eu aconselho muito a quem puder, a quem puder fazer é arrumar esse pessoal que cuida dessa parte. Porque está ali mesmo, e é melhor porque você é muito complicado, você fica lembrando assim é uma coisa muito triste ficar lembrando da pessoa ali, tudo bem que eu sei que é matéria, é matéria, mas a pessoa é querida pra você demais e isso me marcou muito, tanto é que foi seja o que for seja quem for eu não quero mais cuidar dessa parte, eu não quero, porque sobrou pra mim então eu que cuidei então essa parte foi a que me marcou muito, e eu falo assim que é uma parte assim difícil porque é uma hora que você percebeu que ela já foi, aí fica ali sabe olhando tendo que mexe fazer alguma coisa, aí eu falo que é uma parte muito dolorosa eu acho, aí depois vem a saudade e você fica pensando lembrando nela e eu acho que é melhor a gente lembra como ela estava com a gente entendeu sempre nunca é bom ficar ali cuidando. Porque essa experiência eu não quero pra ninguém, a minha sobrinha também que cuidou por último ela ficou bastante muito abalada. Então eu digo que quase todas as pessoas que, são muito chegadas, que cuida até o último momento é melhor que não seja alguém muito chegado porque é a parte pior eu acho porque a gente fica lembrando como era, e o meu sogro eu não acompanhei essa parte foi a minha sobrinha e a minha sobrinha ficou muito abalada, e desse meu amigo aí foi parentes não foi

nem ela e nem a filha o que eu acho que é muito justo. Eu acho que nós assim que somos assim mais chegados é fica muito difícil, eu acho que o que mais me doeu foi isso sabe, porque a gente vê, eu trabalho na área de saúde a gente lida com a morte vivi assim, "é você devia estar acostumado", você é uma pessoa que conhece a Deus sabe que no momento que ela deixou que ela descansou ela não está mais lá, o Espírito Santo não está mais nela ali é pó tá pó, vai voltar ao pó mas aí você vê a pessoa fica num estado assim, é a mãe, né tá ainda mais quem é a mãe aí eu acho assim que é uma coisa muito horrorosa pra quem é chegado. Agora os primeiros dias parecem que a gente tá até anestesiada, mas depois começa a vir a saudade, é terrível, a saudade é um momento muito complicado viu, hoje ainda sinto saudade dela, muita saudade dela, mas assim um mês depois nossa aí gente tinha vontade de vê-la sabe, a gente sente uma falta que não dá pra só por Deus, é uma fase complicada, essa fase, por isso que eu falo quem perde filho nossa eu imagino, imagino porque minha mãe que era velhinha, minha mãe viveu 87 anos e meio né assim uma benção, e fez e até perguntou a última vez que ela à noite que eu passei que ela foi pra UTI, que ela tava consciente ela perguntou da minha irmã, que essa é a minha irmã mais velha, então ela tem ela tá com 70 anos agora, então a minha mãe fez ela primeiro, ela é a mais velha, a minha irmã então ela tem preocupação com a minha irmã, porque ela estava na época vindo lá de São Paulo porque ela não tinha nenhum lugar pra fica, e ela melhorou bem a T., porque ela tava com muitos problema na época em que a minha mãe faleceu ela já tava melhorzinha, ainda falei pra minha mãe: "Nossa a T. é uma benção, a Tereza vai ficar bem, tá bem. Agora a gente tem que cuidar da senhora pra ficar boa". Aí ela falou assim: "Lúcia eu agradeço, eu quero agradecer até o seu marido". O meu marido né, porque ela gostava muito do meu marido, e foi até interessante porque até pouco tempo antes de falecer ela queria ter conversado com o meu marido e não conseguiu. Que ela passou aqui em casa uma vez e ela tinha ido visitar o meu filho recém casado, ela queria levar o presente de casamento, e passou aqui mas aí ia trabalhar e ela não quis entrar, falou ah ia trabalhar né, depois disso passou um tempinho ela ficou doente não pode vir e não viu o meu marido, aí ele, viu sim no hospital visitando mas aí ela: "Nossa eu nem falei pro Jair que eu agradeço". Imagina não tem o que agradecer mãe, a T. tá lá porque é irmã, ela cuidou de nós quando era pequena né é claro que agora nós vamos cuidar dela, pode ficar sossegada. Então o que mais me dói hoje em dia é a saudade, oh nossa que perca, gente como gostaria da gente pensa assim né se conformar de saber que ela está num lindo lugar, que ela foi salva porque ela era um coração bondoso e aceitou Jesus há muito tempo, ela não tinha mais aquele costume japonês mais sabe, tanto é que a gente não faz nada só nem o cemitério sabe que se você olhar lá tá tudo arrumadinho o a campa dela né, mais a

gente crê que ela está bem e daí se conforma e eu imagino quem não tem Jesus se a gente que tem Jesus sofre sente, mais é um tempo de perca né e eu sei que Deus nos carregou no colo, nos deu muita força, deu, deu, e eu digo assim que quando eu fico com remorso eu fico pensando e falo: "Mas Deus o Senhor sabe de todas as coisas sabe que eu fiz na época o que eu devia ter feito mas não fiz agora eu peço perdão", e eu continuo porque senão a gente entra mesmo em depressão, a gente não pode mesmo dá né. Mas que não é fácil, eu nunca pensei antes, eu nunca tinha perdido ninguém, se eu perder alguém como vai ser? Como vai ser? Aí né, mas Deus me fortaleceu e eu digo que nós passamos já por muitas coisas complicadas na nossa vida então eu acho que a gente tem que aceitar sim, e eu preparo o meu marido porque ele fala que tem medo também da morte, ele não gosta muito de falar da morte, mas ele não procura nem comentar sobre os falecidos, porque acho que ele tem um pouco até de receio, mas eu sempre falo que é necessário sabe quando a gente vai, mas não morrer nós vamos descansar, porque muita gente fala né brincando até que a morte é pra descansar é pra viver cansado. Não, aquele que crê que existe, que Deus nos criou pra voltar a ele, nós podemos crer que a gente vai ter a salvação e vai ter mesmo, agora aqueles que ficam tem medo de perder aqueles que vão porque é complicado a saudade é muito grande né, mas a vida assim e Deus é poderoso pra ajudar e não deixar a gente entrar em depressão, ao contrário. Cada um leva de uma maneira né. Eu acho que realmente nós perdemos assim rapidinho muita gente assim que a gente ama muito, sabe que a gente vai partir, eu falo pra T. sempre, T. isso nós temos que viver bem, comer do que gosta sem exagero é claro assim né, porque ela experimenta de tudo graças a Deus, vivi muito bem, mas é meu marido fala: É tá dando de tudo pra ela", mas eu falo ela come tá ótimo se quiser mais não é diferente né aí a gente não pode dar mesmo né.

Relato 5

D.L.A.

Sexo: Feminino

Idade: 69 anos

P: Bom Senhora D. a minha pergunta para a senhora é como que a senhora viveu a sua experiência de luto?

S: Na situação do papai, ele nos últimos anos da vida dele, ele perdeu a visão, ele não estava ouvindo muito bem, ele estava, até uns três, quatro anos atrás, ele tinha uma, uma boa, até quali... mesmo sem muita visão ele tinha uma qualidade de vida razoável, aí quando foi 2000, fim de 2002 ele caiu quebrou o fêmur, aí começou a dar o declínio da saúde dele porque ele só queria dormir, ele começou a não participar de quase nada, é começou a perder memória, ele levou alguns eu cuidei dele nesses últimos quatro anos de vida, né. E no princípio ele até tava mais participando da família, e conseguia conversar com ele, mas ele foi aos poucos chegando no fim da vida, ele ele já tava, só queria ficar na cama, emagraceu muito, ele tava sem qualidade nenhuma de vida. Papai, ele era uma pessoa muito alegre, uma pessoa, eu eu vendo meu pai daquele jeito me sentia até às vezes inca... incapaz de pode fazer, eu achava que eu não tava fazendo tudo que eu poderia fazer por ele sabe "um misto assim", apesar de que agente faz o melhor sempre, eu sempre tive com o meu pai, mais do que com a minha mãe uma ligação afetiva, mais com papai. Mas nesses últimos meses de vida dele eu fui tendo assim momentos em que eu tava pedindo misericórdia pra ele porque eu estava, eu não conseguia dormir, porque ele não sabia se era dia ou se era noite, então era é foi assim muito cansativo né, ele já ta com escaras no corpo, ele não entendia direito o que a gente, começou a não comer, muito emagrecer muito, então chegou no fim, eu várias vezes implorei pedindo para que Deus tivesse misericórdia né, porque, e ao mesmo tempo isso, também me dá um pouco de sentimento às vezes de culpa por eu estar pedindo isso sabe é meio conflitante, bem conflitante. Mas o papai viveu bastante né, teve uma vida longa, a falta dele, "sempre tenho" recordações muito boas do meu pai, meu pai me ensinou a música, ele gostava muito de, ele tocava violão, e quando eu era criança cantava e ele acompanhava no violão, então tenho assim umas lembranças muito boas do meu pai, muito boas mesmo. Então, meu sentimento é esse, que às vezes a gente quando vê que a pessoa tá sofrendo a gente pede que Deus se lembre, né, que tenha misericórdia dele e de mim também, que tava cuidando né, e ao mesmo

tempo achando que a vida, a nossa vida é, tem o limite né, e ele viveu bastante, viveu bem, eu dentro da minha possibilidade fiz tudo que eu pude pelo meu velhinho, ele era uma pessoa muito querida, ele até quando é no finzinho que ele já tava bem mau mesmo ele agradecia tudo que a gente fazia pra ele. Sabe, uma pessoa leve, meu pai foi, eu tenho lembranças muito boas do meu pai. Ele faleceu em abril. É, maio, junho, julho, quatro meses, né. Foi no comecinho de abril. Ah... meu sentimento em relação a isso, é que eu senti a morte, no caso, graças a Deus na nossa família, nós nunca tivemos perda de pessoas mais jovens que choca mais, mamãe faleceu com 79 anos né, relativamente cedo né, papai já viveu mais. Mas eu eu encaro assim de uma maneira que nós somos mortais, ele teve o privilégio de viver 94 anos bem né, esses últimos foram mais difíceis, mais não tenho assim, não encaro como uma, é lógico a gente sente saudades né, mas eu me lembro do meu pai só com coisas boas. Ah... muito difícil né... os sentimentos que a gente teve em relação a perda né, é tão difícil perde não é fácil. Sabe, no meu caso especificamente, em relação a idade que o papai tinha eu já encaro como uma coisa, a vida é isso né, a Bíblia mesmo fala que até os 70 depois 80 é canseira e enfado,e realmente a vida só é boa enquanto a gente tem saúde. Depois que a pessoa não tem mais qualidade de vida, eu acho que quando Deus lembra de levar pro Reino e ta lá na glória, acho que é bem melhor que aqui.

Relato 6

G. R. D.

Sexo: Feminino

Idade: 31 anos

P: Bom a minha pergunta pra você G. é como que você viveu a sua experiência de luto?

S: Bom, a minha mãe pra mim é a pessoa mais importante né. Então assim, quando a gente descobriu a doença dela, imagina o susto né, o susto e a, mas sempre tivemos esperança que ela "viveria" muito mais chegou uma hora que acho que só uma gotinha né e no fim essa gotinha a gente não consegue segurar mais aí a gente vê que realmente ela tá indo, tá partindo mesmo né, então num não tá nas nossas mãos mais não tem como a gente fazer nada, e quando foi os últimos dias então que que da vida que na verdade ela não, ela tava, eu entendi como coma induzido né que eles "dão quando a pessoa"então assim acho que foi a pior parte que a gente não pode vê-la, ela não pode, a gente pode vê-la, mas ela não pode falar com a gente mais, principalmente nos últimos dias nas últimas semanas né, então assim não teve contato de conversa, de diálogo com ela, assim do que ela queria fazer, nada né. Então assim, a minha tristeza maior e ao mesmo tempo pra mim talvez seja "até o preço da colaboração", a tristeza maior é que ela não conversou comigo nos últimos dias dela e ao mesmo tempo, que ela não, talvez eu acho, que ela não deve ter visto o sofrimento, não sei, a gente não entendo, a medicina não explica se viu ou se não viu, mas é acho que foi um dos piores momentos da minha vida porque a minha mãe era era o que eu tinha de mais importante mesmo viu, depois de Deus era a minha mãe. E teve momento que infelizmente, até a minha mãe tava à frente de Deus de vez em quando, acho que tentar compreender isso mesmo né, Deus tem que vir em primeiro lugar na sua vida, então eu pude voltar um pouco mais pra Deus e tá pedindo sabe força porque a gente não sabe de onde tirar a gente não pode fazer nada mesmo é a pior coisa do mundo é você perder a sua mãe, é a pior coisa que tem não tem outra coisa pior nesse mundo não mesmo. Porque ela era a pessoa mais amiga que tinha, tudo que eu tinha pra falar era com ela que eu conversava é ela que vinha me retrucava, corrigia e era uma pessoa que era muito aberta então você você tem um vínculo que você acabou não tem mãe quem consegue acreditar, tanto é que quando hoje eu sinto eu sempre tô esperando eu acho que ela tá me esperando pra conversar né, pra contar o que aconteceu no dia, tudo que ela me perguntava um respiro que eu dava ela achava que eu tinha algum problema. Se eu respirava um

pouquinho diferente: “O que que você tem?” não é. Então isso tudo acabou. Não tenho mãe que me pergunte isso. Não tem quem “o que aconteceu?” né, porque que eu tô respirando diferente. Então acostumar com isso não sei se eu vou conseguir acostumar, mas tem que aprender a viver sem isso né, então é dia a dia mesmo, acho que o legal foi que eu tive apoio de pessoas muito muito queridas muito queridas mesmo é que pessoas da minha igreja de origem foram tão carinhosas e isso tudo confortou tanta gente, a gente precisava né. Por isso. Quando a gente levou ela pra Minas a gente não esperava que as pessoas iam tá tão junto com a gente, então a gente teve uma parte tão gostoso em Minas. Pessoas que cresceram muito ali junto com a gente tiveram o tempo todo, passavam a noite com a gente conversando lembrando né do que ela fazia, então isso fortificou lembrar dela , sem dúvida, isso fortificou. Lembrar dela, dos momentos, do que ela fazia aqui, ela gostava de conversar né, isso é o que tem ficado, mas sempre eu falo com Deus que eu quero a minha mãe de volta. E isso eu sei que eu não vou ter mais, eu sempre tô questionando “mas minha mãe?” Porque ah eu não sei o que fazer sabe sem ela não eu fico desnorteada por mais. Acho que tá dando pra ir, tá, de vez em quando eu lembro, lembra de que tinha que vê-la, até quando ela já tinha morrido, então assim de vez em quando vinha na cabeça né, ela ficou muito inchada então vem esses momentos assim na minha cabeça, é uma coisa assim sinto muita tristeza porque desde o dia que ela faleceu, eu sempre questiono a minha irmã, eu até hoje não tive um sonho até uma agora menina e eu fico com medo de perder a lembrança do rosto dela (choro). Mas aí vou colocando foto na casa pra ver se eu não me esqueço, mas não esquece, né? Mas eu questiono a minha irmã que sinceramente até hoje, eu fico falando por que que eu não consigo sonhar com ela? Por que? O Senhor não dá um sonho gostoso, eu sei que ela não vai voltar, eu sei tudo isso, eu acredito, eu acredito no processo né, da morte da vida após a morte, eu acredito eu tenho fé nisso aí, mas eu queria assim um sonho, poder conversar um pouquinho, nem que seja um sonho só, só uma coisa gostosa, uma lembrança comigo, né. A gente sente muita falta a gente que né ver o rostinho de novo, achar que ela pode tá conversando ainda né, mas é de tudo isso eu achei que conforto pelo menos no dia do enterro dela o Pastor, L. e hoje é o P. lá, com o F. deu uma palavra muito gostosa e assim é possível que a gente não tem que ficar né morrendo de saudade a gente tem que guardar a lembrança e não chorar porque ela foi embora. A gente sentir tristeza, sentir carinho né mas o que ela deixou, a herança que ela deixou, e foram só coisas boas mesmo né, ela ensinou a gente a ser pessoas justas, a buscar aquilo que a gente queria, a lutar sem sair pisando nas outras pessoas, isso ela ensinou a gente com uma perfeição muito tremenda, e se simples, se humilde e tentar tentar, mesmo que nós não tentamos né mas que seja pra ter uma vida melhor, tentar ser simples e ser humilde pra

construir a sua vida. E não é bobagem, isso é esperança que ela deixou pra gente mesmo e creio que nós deixou a gente e dormiu, Deus com certeza fez muita coisa também, eu vejo a vida dela admiro muito mais, então são heranças que a gente não vai esquecer nunca, ela deixou. Então isso eu guardo da minha mãe, vários sorrisos, vários conversas, gargalhadas dela, então muitas delas iguais as minhas (risos). Eu sempre me olho eu sou a cara da minha mãe gordinha, baixinha. Então assim, eu sempre tento tento sabe me olhando no espelho eu to me lembrando dela, mas ela vai deixar eternamente esperança de uma vida após a morte que eu vou poder vê-la de novo não sei como, não sei se vai acontecer, mas eu tenho esperança. Não sei assim, mas é engraçado como que nestes momentos quando eu no começo ela teve esperança de que de novo sabe a gente tinha esperança de que ela vai curar, ela vai ser curada. Aí tá bom né fiquei aqui, achando que ela ia. Eu vou luta, não Deus eu tenho que curar eu quero a cura. E aí uma briga muito intensa com Deus, mas a vontade de Deus somente não é a minha e ela precisava descansar ela tava no sofrimento. O que fica mais assim, o que sempre mexe comigo quando eu questiono que quero ela de volta é que eu não posso avaliar do jeito que ela tava sofrendo, então eu acho que ela precisava estar com Deus que ela precisava sendo confortada eu acho que isso fica mais [?] De nada.

Relato 7

W. S.

Sexo: Masculino

Idade: 70 anos

P: Como é que o senhor viveu a sua experiência é de luto?

S: A minha experiência foi uma experiência gratificante, apesar de ser uma experiência que a gente não está habituada a todo dia, mas porque papai e mamãe viveram uma vida exemplar eram cristãos profundos cristãos, e a partida deles foi uma partida aonde nós pudemos estar ao lado deles durante a vida inteira acompanhando o seus passos, acompanhando a sua fragilidade nos seus dias finais, e com isso tanto eles como nós e em família nos preparamos pra isso, então esta separação este luto é um luto aonde a gente por um lado sente a perda do ente querido, mas tem que dar glórias a Deus porque foram exemplos vivos da fé cristã, nos deixaram um legado de fé, nos deixaram exemplos que marcaram e que marcarão as nossas vidas para sempre e então, é um luto diferente do luto pregado aí fora onde as pessoas choram e se desesperam né e nós tivemos um luto, se isto é luto, um luto onde a gente louva a vida que tiveram, o exemplo que nos deixaram, a fé que nos transmitiram e que nós pudemos nos preparar ao longo dos seus dias finais e ele puderam estar se preparando também aonde quantas vezes eu cantava com papai no no seu leito de dor "Com Cristo no barco vai tudo bem", né, e papai ele ainda tentava me acompanhar né, e ele partiu assim feliz, né. Não houve é nada específico o médico não tinha nada específico a dizer: "olha essa é a causa mortes" falência geral do organismo, coração, pulmão, intestino e etc... e então essa experiência de luto de alguém que tem os pais crentes e que conhece a Palavra de Deus e que acompanha de perto, no dia a dia, diariamente, estando junto né, é um luto diferente do luto que normalmente está acontecendo nos dias de hoje que a pessoa fica lá internada no hospital sendo tratado é de forma, a sua vida mantida de forma artificial, e nós tivemos a felicidade de o geriatra que nos acompanhou nos deixar muito claro de que os dias finais estão próximos né e isto preparou não só ao papai, a mamãe também no passado. A mamãe é foi uma situação diferente porque ela sofria de mal de Alzheimer, mas papai não papai estava super lúcido, super consciente, e cada dia mais fragilizado, fragilizado, fragilizado, mas absolutamente lúcido e consciente, e partiu de uma forma, dormindo por assim dizer. Então quando se fala em luto aí fora sempre se fala em choro, em dor, em desespero, e a minha experiência de luto

é uma experiência de louvor pela vida do papai que partiu e deixou uma experiência de vida, uma experiência de fé, não só a mim, mas toda a família, eu sou muito grato a Deus porque Ele efetivamente preparou papai para o seu recolhimento. E então é uma experiência, neste aspecto, é uma experiência que é não te leva a esse choro do desespero a essa dor profunda da separação, mas sim muito mais a agradecer a Deus porque o levou desta maneira lúcida, clara né, com muita idade, quer dizer fez tudo que teve que fazer na sua vida né, foi um homem com um testemunho de fé um testemunho de vida que ninguém dos seus filhos ignora isso né, e então nós louvamos a Deus porque ele foi dessa forma. Bom eu diria que é a experiência que foi muito importante é essa experiência de estar junto com o ente querido né e não aquela separação física, tá lá no hospital sob cuidados médicos, tá na UTI, tem reservas de momentos a gente nem sempre pode estar na UTI em função do próprio trabalho da gente, em função da das instruções, do hospital, dos médicos que querem manter a vida do paciente, muitas vezes por razões até econômicas, é manter artificialmente a vida do paciente né, e então esse geriatra ele sempre dizia o seguinte, que dentro da linha dele, ele entende que se a gente deve cuidar do paciente pra que ele não sofra dores maiores, se ele tenha algum problema físico que acarreta dores profundas que a gente alivie essas dores, mas que a gente não fique artificialmente tentando prolongar a vida do paciente. E o papai ele teve essa visão de preparar a sua família pra isso, sempre dizendo que se um dia eu partirei bem né, então estou tomando essas providencias, aquelas providencias, fazendo isso, fazendo aquilo, o que que vocês acham desse e daquele passo, então eu acho que é importante que nós também tenhamos esse diálogo com a família pra que a gente possa preparar a família para esse momento que certamente enfrentaremos, mais cedo ou mais tarde, de uma forma mais abrupta ou menos abrupta, mas nós temos a certeza que todos nós um dia partiremos né, e devemos nos preparar para isso, assim como a mãe se prepara para o parto né também nós devemos nos preparar para a nossa partida e então eu acho que nós temos essa obrigação como família, como pais, como mães, de estarmos sempre em sintonia com os nossos filhos, com a nossa família, no sentido de que hoje estamos aqui o dia de amanhã não nos pertence, né e então vamos estar preparados para que não se não haja esse tipo de luto de desespero, das pessoas que choram desesperadamente, “aconteceu isso”, “não podia acontecer”, “Deus foi injusto levou meu marido, levou minha mãe, levou o meu filho”, então Deus não é injusto, nós é que não compreendemos muitas vezes os seus intentos né. E então eu acho que é o luto meu pessoal, foi um luto onde eu sempre pude dar glórias a Deus pelo exemplo da mamãe, pelo exemplo do pai. Mamãe partiu de uma forma um pouco diferente porque ela sofria do Mal de Alzheimer, ela não se comunicava mais, a gente não sabia o que se passava com ela,

mas morreu junto conosco em casa e papai também. Então eu acho que a pessoa que está no seu habitat, está na sua casa com os seus familiares e passa por este momento, é uma morte diferente de alguém que está isolado lá no hospital numa cama, ou numa UTI, sendo tratado e muitas vezes mantido artificialmente a sua vida né, sem sentido. Sem sentido. E nós tivemos essa experiência tanto com mamãe como com papai, de estarmos juntos com eles diariamente, ali juntos, nos revezando entre irmãos e irmãs né, irmãos e irmã, nesse cuidado com papai e mamãe também. Então é alguma coisa gratificante você sentir que o que esse ente querido vê em você a continuidade dele no processo da vida, na fé, nos momentos de alegria, nos momentos de alegria e difíceis da vida né, e preparando a pessoa para este momento e ela sendo preparada em função da sua fé, da sua certeza de que estará nos braços do Senhor. Então eu acho que é um luto, que no meu entender é muito diferente do luto do mundo secular, um luto que as pessoas se desesperam, choram, esperneiam, e questionam a Deus por que? Por que? Por que? Por que? Eu diria, nós não questionamos o nascimento né. Nós tememos a morte? Nós questionamos a morte? nós precisamos nos preparar para a morte assim como a mãe e a família se preparam para o nascimento de uma criança, também devemos estar já nos preparando para a morte. E esse e eu já ouvi dentro da própria igreja pessoas dizendo que tem horror e temem a morte, eu entendo que não cabe esse esse temor é mordaz, eu acho que é evidentemente que todos nós gostaríamos que o Senhor nos desse alguns dias à mais, é mas acho que devemos diariamente agradecer a Deus porque ele nos deu mais um dia de vida, um dia pra nos prepararmos, para ficarmos juntos com a nossa família e nunca nos esquecer de que oramos, estamos aqui e amanhã o dia não nos pertence, então vamos estar preparando a nossa família, os nossos filhos para esse dia pra que a morte seja encarada como alguma coisa natural. Eu não me lembro, não me lembro quem é o autor, desta desta linha de pensamento, de que é hoje o mundo é tem a morte assim como uma coisa horrível, terrível, tenebrosa e tenta manter a vida da forma mais maluca possível né a medicina tenta fazer de tudo pra tentar é manter a vida, e eu acho que são duas situações totalmente diferentes. A situação de uma vida jovem que num acidente, se envolveu num acidente e tem toda a chance de sobreviver com o tratamento adequado com a assistência adequada médica, e de uma pessoa idosa que já viveu, que já pôde dar o seu testemunho de vida, pode transmitir a sua fé aos seus queridos e quando isso não é verdadeiro aí é quando as pessoas se desesperam, puxa a pessoa partiu era um alcoólatra, era uma pessoa é que não cria em Deus, não aceitou a Jesus como seu Salvador, e então é a ausência de fé, a ausência de saber que da nossa vida além túmulo né, e que essa nossa vida não termina aqui né, e então essa falta de conhecimento como o pastor estava falando hoje da na sua pregação, com

relação ao preparo, estávamos escutando nos preparando para conhecermos a palavra de Deus com profundidade, assim como o atleta tem que se preparar para a suas para as suas especialidades seja natação, seja futebol, seja o que for, ele tem que ficar se preparando para isso, nós temos que estar nos preparando pela vida a fora para que para que é a nossa partida, seja uma partida aonde os nossos entes queridos, aqueles com os quais nós convivemos possam dizer glória a Deus porque foi uma vida valiosa. Eu que agradeço.

Relato 8

S. A. F.

Sexo: Feminino

Idade: 22 anos

P: S. Como é que você viveu a sua experiência de luto?

S: Como é, é eu vou contar como é que foi o papai, que foi assim que a operação, mas eu lembrei tudo bom que ele deixou mais claro pra te responder a verdade. É que foi assim, ele já tava com câncer dois anos, ele fez a cirurgia, retirou um pedaço do intestino aí fez aquela monte de quimioterapia, só que ele tinha um monte de agravantes: 80 anos, cardíaco, internado com problema neurológico né, tudo sob controle, então ele tomava muito remédio, então a gente tinha um cuidado constante com ele por causa porque a gente tava meio sob alerta de que isso estava mais próximo do que a gente imaginava. A mais foi tudo bem, passou seis meses ele operou, fez a quimioterapia, caiu muito bem, aí depois nós o levamos pra casa, e ele ficou bem um ano e dois meses, até que começou a voltar os sintomas todos de novo, aí fomos vê era agora no reto, aí a gente aí já foi os outros agravantes também vieram ter participação, aí ele ficou com problema de coração, aí ele começou enfartou três vezes aí complicou tudo ninguém queria mais operar, aí já foi vindo a bomba assim tudo de uma vez e o fato de eu estar de eu ser da área da saúde, técnica em enfermagem então eu já tinha uma consciência maior do que os meus familiares né de como tratassem a situação e o fato dele vir aqui na igreja já me ajudou muito porque a minha família não é da Igreja Católica que vai esporadicamente. Então, eu já como eu vinha aqui há sete anos ele, meu namorado é daqui ele me incentivava muito, eu gosto de estar aqui e eu sentia assim eu pedia assim todo o dia pra Deus né não deixar de forma alguma eu me sentir sozinha ou impotente nessa hora porque querendo ou não sendo mais nova eu tava sendo a pessoa mais forte da família porque a minha mãe não agüentava mais nada, nada, tava de anti-depressivo de todos os anti ela tava tomando e o meu irmão mais ativo e que não agüentava nada também aí eu pensei agora é eu e ele e Deus né. Aí foi tudo acontecendo e veio como uma bomba, ele foi internado aí já aí ele já começou também a ficar meia bamba que não queria entrar no hospital então ir aí eu comecei a ir, a ir, a ir, aí teve um o penúltimo dia dele assim a única coisa que me dói e esse último penúltimo dia porque eu não sabia dessa existência que o pessoal fala que é a melhora da morte, não sei se você já ouviu falar, eu não sabia que era era eu me senti culpada por um

bom tempo por eu não ter esse conhecimento desse dia porque ele teve ruim, ruim , ruim, aí um sábado que eu fui pra lá ficar com ele era um dia que eu não queria ficar lá no hospital porque já tinha ficado a semana inteira, perdido a aula, vivia no hospital aí eu falei ai hoje eu não quero ficar lá, eu não quero ir pra lá, acordei xingando, fui pro hospital minha mãe "calma até duas horas da tarde", e foi um dia excelente ele tava bem, ele falou abobrinha, ele deu risada, ele falava "Ah eu quero ir embora pra casa todo mundo me ama e não quer me deixar ir embora", aí eu ficava olhando o relógio e falei gente eu tenho eu quero ir embora que o meu irmão vem pra cá que eu quero passear um pouco respirar, fui pra casa tal. No outro dia ele já não andava, aí então aquele bum assim, não é possível, deve ser o remédio que ele tá tomando! Não é possível! Aí já comecei a ficar esperta né com a situação aí eu aí eu aí já foi na segunda, já não houve melhora, mudança nada, aí começou dar desespero na família inteira aí eu pensei nosso Deus agora é nós dois, agora vai, aí eu vim aqui na igreja fui assim, pelo amor de Deus, pedindo me ilumina, me orienta porque eu não vou poder depender de ninguém porque tem muita gente dependendo de mim. Aí foi quando ele morreu, acho que não lembro se foi na quarta, eu sei que eu cheguei lá um dia antes eu eu vi ele assim ele já estava assim quase com deficiência é múltipla, falha múltipla ,né. Aí olhei falei gente uma pessoa que fala pelos cotovelo, uma pessoa que falou, que andou, que brincava apesar da idade e que era altamente ativa, estar nesse estado, só ouvindo que não conseguia abrir o olho falei, Deus toma, Deus, eu fiquei lá do lado da cama dele li um versículo pra ele que ele só abriu o olho assim que ele gostou muito que eu tinha ouvido do pastor aqui na igreja aí falei pai se gostou desse e tal, aí ele abriu o olho assim e apertou a minha mão assim como gostasse, aí assim Deus pelo amor de Deus não deixe passar mais um dia nesse sofrimento porque ele não merece, mas eu cheguei em casa fiquei até as duas da manhã fiquei pedindo pelo amor de Deus pra levar que não era justo, as pessoas que nem minha mãe, a minha mãe ficava pelo amor de Deus ele não pode ir embora! Ele não pode ir embora! Ele não... O meu irmão surtado do outro lado falando o que que eu vou fazer sem o meu pai, o que eu vou fazer e eu pedindo pelo amor de Deus né pra que o meu pai descansasse porque não é justo a gente querer uma pessoa aqui sofrendo e ele vai estar muito melhor com você do que conosco, aí eu fiquei eu sei que eu orei até eu olhei no relógio duas horas da manhã, tava cansada já de pedir pelo amor de Deus pra ele não passar mais um dia aí dormi. Quatro e meia da manhã escutei o telefone toca aí o meu irmão do lado do telefone atendeu, aí não escutei nada, a minha irmã de Londrina tava pra chegar, mais velha, filha dele, aí ela chegou e foi direto pro hospital parecia que ele tava esperando ela chega sabe, aí ela ligou pra falar que ele morreu aí eu entrei peguei na mão dele assim dez minutos com ele e ele faleceu só que isso aí eu fiquei sabendo depois,

porque o meu irmão andava pela casa e não falava nada pra ninguém. E a minha mãe acordou e começou a gritar "Quem que era no telefone, me fala, me fala!" e eu só ouvindo o movimento, ele falou "O papai foi", aí caíram de choro e começou aquele estardalhaço, aí eu só escutando isso aí peguei sentei na minha cama assim aí eu fiquei e falei Deus muito obrigada porque eu não suporto ver um pessoa sofrendo desse jeito é desnecessário, ou se fosse pra ela melhorar, eu sei que isso não vai acontecer, ou então que esteja aí contigo, agora eu só peço uma coisa pro Se... fica comigo esses dias que eu não sei como que eu vou encarar essa situação, fiquei, me troquei, coloquei a roupa, desci o degrau, os dois se descabelavam, assim eu nunca vi na minha vida de tantas coisas que eu já passei eu senti uma calma tão absurda desse jeito eu parecia que eu estava em alfa fiquei o dia inteiro flutuando, eu fiquei o dia inteiro assim eu sentia que Deus estava que ele me pegou no colo nessa hora, peguei me troquei, desci as escadas, peguei meu irmão assim no rosto olhei ele tava que não era ele, eu falei calma que tá tudo bem eu vou fazer tudo, o meu irmão tem 33 anos, falei eu vou fazer tudo pode ficar sossegado promete que você cuida da mãe não deixa ela tomar todos os remédios que tem em casa que ela toma. Ela saiu dando diazepam para Deus e o mundo, a não fica nervoso, não fica nervoso, sabe pensando que era bala. Aí eu peguei e eu fiquei assim sabe parecia que eu tava numa calma que o pessoal aqui fala que eu tinha tomado diazepam, quando a minha mãe deu pra mim eu também joguei fora eu não preciso disso porque Deus já está fazendo a parte dele. Aí eu virei e falei mãe calma que só você ficando em casa e fazendo o que acha que deve e se acalmando que é o melhor já tá ótimo pode deixar que eu faço tudo. Fui, subi, entrei no quarto lá do meu pai, abri o guarda-roupa, a olhei assim, mas numa calma que eu não sei se eu vou ter acho que eu não sei que calma foi essa, peguei assim me deu uma vontade de sorrir, de rir, assim quando abri o guarda-roupa parece que tinha que saí um tijolo que eu tava parecia que eu tava torcendo por ele, e ele doente, aí eu peguei separei as roupas deles assim as mais bonitas que eu falei que gostava eu vou levar pro hospital, peguei os documentos dele, peguei liguei pro meu tio "Ah me leva lá que eu quero arrumar ele que eu quero fazer tudo, ninguém vai fazer nada, papai é meu e eu sei que ele que eu sou a melhor pessoa mais indicada que poderia fazer isso". Eu fui lá eu vi assim né, não sei ele tava numa expressão tão serena, ele tava quase que sorrindo, que tava meio, não sei, tava aí eu passei a mão nele falei assim nossa com certeza tá do lado de Deus porque e vocês estão aqui comigo porque ela não ia conseguir isso, a minha irmã tava assim, ela tem 40 anos, eu olhava e ela não sabia o que fazer, aí eu falei vamos lá no hospital, vai vamos lá fazer as coisas eu fui atrás de médico, fazer o laudo, fazer tudo, eu escolhi caixão, eu que dei baixa em todos os documentos que ninguém conseguia fazer nada aí eu fui, só que tudo numa calma absurda que

o pessoal falava assim pra mim “Que que você tem? Você não tá chorando, você não tá nada!!!” aí daqui a pouco ela falou assim “Que coração de pedra é esse!”, aí eu falei: “Não diferente Deus tá comigo e ele tá me acalmando pode ser que depois eu descabele que eu queira fazer alguma coisa mas hoje não eu preciso fazer as coisas que tem que ser feita hoje”. Aí de manhã eu liguei pro pastor e falei pro pastor que eu preciso tanto da capela, eu amo essa igreja acho que o meu pai via o quanto que eu ficava mais tempo aqui do que na minha casa, que eu ficava aqui de sexta, sábado, domingo, todas as programações, tinha noite do pinico eu tava aqui qualquer coisa eu tava aqui, eu falei nossa ele sabe que é o meu lugar preferido de tá eu quero que ele teja também aí liguei pra minha madrinha assim “Me ajuda a arrumar alguma coisa bonita”, a pastora arrumou tudo lá, aí eu só sei que eu fiz tudo numa leveza, aí a É. também aqui me apoiou muito ela fez um cesto de dobro e eu sei que todo o mundo da igreja estava aqui, eu recebi apoio de todo mundo, só que você via a minha família inteira chegava as minhas tias, os meus tios, os meus primos, era gente chorando, se acabando e eu assim e eu ficava lá do lado do meu pai, assim eu ficava assim toda idiota sabe, que lindo, que lindo, só via coisa boa e o pessoal se matando e eu assim. Aí fizeram um cultinho breve muito bonito, o pastor falou a pastora também foi maravilhoso, aí só me dei conta de como estava sendo o meu dia quando fecharam o caixão. Que eu vi assim aí eu falei não, não, não é possível. Aí o pessoal falou assim ela tava precisando de ir num médico porque ela tá numa calma absurda, que que se deu pra ela, falava assim, ela falava não não é possível o que que está acontecendo? Aí na hora em que levaram ele embora aí que eu comecei a, a me dar aperto, porque eu não ia ver ele nunca mais assim. Como ele tá aqui? Ele tá em casa. Ele vai voltar, aí começa aquela confusão né. Aí começava a pensar, aí eu só conseguia pensar coisas boas dos últimos dias, aí eu quando chegou lá no cemitério aí que foi me dar outro clik na hora que, eu fiquei de costas o tempo todo, falei eu não preciso ver isso eu quero lembrar de coisas boas eu não quero coisas ruins, aí quando eu olhei só na hora que abaixaram, aí eu comecei a bater na minha mãe com o namorado dela “Não não vamos deixar ele sozinho aqui, ah eu não quero ir embora eu vou ficar aqui tadinho”, eu falava. Aí ele olhava assim: “Que que foi, que que é isso? Teu pai não tá mais aqui, não é....” e eu falava é vamos levar ele embora, eu falei pra ele (risos), aí eu “Não deixa eu ir embora” Não sei aí eu fui confusona pra casa, só que aí quando depois que eu cheguei, entrei em casa, pra pegar as minhas coisas porque ninguém mais queria ir pra minha casa, minha mãe foi dormir na minha tia, o meu irmão na namorada, ninguém queria entrar mais em casa. Porque por o meu pai ter essa idade, ele não saía tanto, trabalhava em casa, então tudo era, era ele e a sala, a sala era dele assim 100% do dia. Então, entrei e quando eu vi a sala vazia, assim tá faltando alguma coisa que eu

não sei o que que é, e como ele tava no hospital então eu não consegui ligar a situação, aí começou a me dar um desespero assim não é possível que dia estranho e eu ainda me sentia calma, uma calma. Aí fui assim ficar com a minha mãe com os meus parentes e ainda sentindo que tinha alguma coisa errada, só que eu ainda tava assim controlada, calma. Só fui me dar conta quando todo mundo resolveu ir pra casa dois dias depois, que eu vi que ele não tava mais, aí eu fui liga ao dia, aí me bateu aquela culpa absurda de não ter ficado o dia todo com ele o dia que ele tava, aí nossa meu me descabelei, mas eu chorei, eu fiquei roxa o dia inteiro de chorar que eu nem agüentava. Mas não é possível eu devia ter ficado como fui egoísta, ele tava bem, e eu não quis ficar lá e eu não pude aproveitar, aí eu fiquei assim me sentindo a pior das piores, o último segundo que eu poderia ter aproveitado à mais eu não aproveitei. Ah mas aí eu pensava assim, aí me falaram, um irmão lá da igreja falou, que Deus sabe o momento certo porque depois que eu fui meu irmão, meu outro irmão chegou, mal chegou ficou lá, eu falei já foi o seu momento era esse, você é um, eu falei pra ele você não sabia, não tem bola de cristal né. Não eu sei bem, mas assim fica com aquele sentimento eu podia ter feito melhor, eu podia ter feito mais, eu podia, eu podia, mas o tal do eu podia é quando a gente perde as coisas que a gente perde e pensa né. Aí eu não sei, foi assim um dia, apesar de um dia mais dolorido até hoje, foi o dia que eu senti uma calmaria absurda de que eu me senti assim apesar de muita gente ter vindo aqui por mim, falou que as pessoas da faculdade, eu sentia assim que Deus já tinha vínculo comigo não precisava vim todo mundo tá aqui porque eu tava bem e aí eu fiz não é a melhor coisa que Deus fez na minha vida até hoje de ter tado comigo e me mostrou pra mim parecia que olha. Eu tô aqui, não fica mal, não vá fazer as suas coisas em paz que eu tô aqui e vai ser bom. Por que o meu irmão pensava o que vai ser do meu dia, o que vai ser da minha semana, que que vai ser do meu mês, e eu pensava não vai ser tudo ótimo. Não seja egoísta Deus tem um plano para as nossas vidas, e papai ele orou bastante quem dera agente chegar nos 80 anos dessa forma que a gente vive. Meu agora a gente tem que viver bola pra frente pensar nas coisas ótimas que ele passou, mas aí eu não sei. O pessoal lá de casa começou a cair em si, mas assim foi uma experiência fantástica que eu nunca pensei, eu temia quando eu sentei na cama que eu escutei a notícia que o meu irmão não teve nem a coragem de me falar eu comecei a treme de um jeito que todos os meus ossos aqui batia de nervoso, o dente batia, tudo tremia que nem uma coisa, só que aí aí depois começou uma calmaria, eu pensei nossa hoje eu posso tudo. E só só senti que tudo que eu achei que tava ao meu alcance, já porque eu não poderia ter feito melhor porque, tava feito. Não tem nem como explicar. Como? Foi, foi foi muito, foi, foi nossa. Não sei mais acho que foi isso mesmo foi fantástico foram teve essas pessoas que eu nem imaginava que iam se

importar tá aqui fazendo o melhor delas que eu nem imaginava, que eu nem, se olhava essa pessoa aqui na igreja, ah eu vi, mas ela tá lá você muita gente saindo dos empregos pra vir, aí você cai na real nossa essa é uma comunidade digna de fé que tá pra em prol do irmão não vem aqui só pra olhar quem que morreu, foi a sensação, se solidarizar né. Aí não sei eu senti nova, só eu mesmo pra fazer isso, como Deus fez comigo e o engraçando assim é que por eu nunca ter sentido essa força de Deus na minha vida, que é como a dar muito mais valor porque se antes a gente fica com raiva, das coisas que a gente não tem, não consegue no dia a dia, escola, faculdade, um monte de coisa, "ah eu tô sozinho sem cinco real e cadê Deus?" Todo mundo não fala normalmente cadê Deus? E Deus tá aqui e a gente é que não vê, Deus faz as coisas e a gente é que não vê, Deus tá sempre aqui, sempre fazendo, apesar das coisas ruins, toda a coisa ruim tem um lado bom, que Deus que faz enxergar lá na frente uma coisa boa. Depois disso eu eu senti nossa tá sim e aí de quem fala que Deus não tá. E aí de quem fala porque eu senti eu e Ele ali olha, assim nossa se eu não fosse tão tivesse sêde de igreja tantos anos, se curado, querer saber, eu acho que não teria conseguido nada disso, simplesmente levantava da minha cama " oh papai morreu" ahhhahahh não não calma meu mundo acabou, eu acho que eu estaria um lixo e não teria conseguido fazer um terço daquilo que eu fiz.

Relato 9

H. F.

Sexo: Masculino

Idade: 49 anos

P: Sr. H. a minha pergunta pro senhor é como o senhor viveu a sua experiência do luto?

S: É uma situação meio difícil de explicar porque dos meus parentes a minha irmã não é cristã então me sentia assim impotente no momento de poder sabe, de saber como agir nessa situação queria passar a as condolências não, vamos dizer, eu queria passar um pouco de fé neles um pouco de carinho mas acabei ficando impotente nesse momento porque eu não soube lidar com pessoas que, se fosse pessoas que estivessem comigo na caminhada cristã seria mais fácil, mas explicar pra eles um filho de 14 anos, ia fazer 15 anos, ir embora assim tão repentinamente que teve leucemia, que ficou 15 dias no hospital e veio a falecer, um rapaz forte jogava basquetebol, era um corpo de atleta e perder assim com 15 anos ficou, não deu pra explicar pra eles a vontade de Deus naquele momento, tanto que eles ficaram muito assim revoltados até com Deus e revoltados até com nós que nós pregávamos uma coisa e no fim deu outra. Pediram orações, pediram para a "E.", lá nos visitar, fomos visitar no hospital, ungimos com óleo, mas só que daí conversando até com o pastor W. veio uma situação assim explicar pra nós. Eles pediram para todo o tipo de coisa, pediram para umbanda, pediram para a católica, pediram foram atrás de quando viram que não tinha mais saída pra ele, porque eles são bem financeiramente, viram que o dinheiro não é tudo o que manda é a gente ter a o coração aberto pra Deus eles foram atrás de tudo quanto era necessidade, daí até o pastor W. falou: "Se porventura Deus deixasse ele ele viver pra quem seria a glória?" Pra outros deuses? Então, Deus fez o que foi necessário, levou pra Ele. Eu até também sinto que o Senhor levou pra Ele porque era era um menino muito assim diferente dos outros meus irmãos dele, não era interessado em dinheiro, não era assim muito de querer só as coisas materiais. Eu me senti, eu me senti, senti muito também de não ter feito isso antes poder ajudá-lo antes talvez ele podia ter ingressado com nós nessa caminhada, mas foi muito difícil para os meus filhos, que foram criados juntos com ele, pra minha mãe e pra minha irmã que até hoje não superou esta situação ainda e continua ainda áspera você chega e fala de Deus com ela muito complicado, eles acham que Deus não devia ter feito o que fez, mas também eles não fizeram o que Deus acharia que eles deviam ter feito. E depois de 3 meses faleceu uma tia que morava

junto comigo com 84 anos, nós estávamos aqui no culto, quando chegamos em casa tava caída no quintal, então a morte justamente porque o meu filho fazia aniversário no mesmo dia, no dia 30 de julho de 2006, e ficou assim meio traumatizado, mas glória a Deus é uma senhorinha muito bacana né e acreditamos que Deus teja guardando ela onde estiver, mas passar por essas experiências é difícil, tive muito apoio do pastor C., do pastor W. e apoio desta nossa amada igreja aqui que nos apoiaram em todos os sentidos, nunca fiquei sozinho sempre tivemos eles pra tá do nosso lado, por isso que eu digo aqueles que não tem o amor dos irmãos, não da carne, mas os irmãos espirituais é diferente da situação que passamos quando nós não estamos nesse meio. O que eu vejo com a minha irmã e com o meu cunhado são tem bens financeiramente, são bem sucedidos, mas espiritualmente não vivem bem, e ainda estão assimilando pra chegar nessa situação. É o dia das mães é... Um sábado antes do dia das mães, agora não sei mais ou menos que dia. É minha tia faleceu em julho, maio, junho e julho, três meses depois, um jovem e um mais, a mais velha da família, o mais jovem e o mais velho. Quer dizer, graças a Deus, eu sinto assim se eu não tivesse, hoje né, na com Deus né, aceitado a Jesus Cristo a sete anos que eu aceitei, eu acho que seria muito difícil assimilar, seria que nem a minha irmã "Mas que Deus é esse que me tira uma pessoa com tão novo assim com tanta possibilidade de fazer tantas coisas." Daí vem o questionamento: será que eu tava errado? Eu tava certo? E quem tava errado e quem tava certo ninguém vai ficar sabendo. Mas eu tô sempre orando pra que eles possam abrir o coração e não ficar tão de mal assim com Deus porque Deus sabe de todas as coisas.(Uma interrupção no diálogo, uma outra pessoa chega no recinto e pede alguma coisa) Sobre? A gente fala né que quando não é com a gente diretamente, o que eu digo assim que a minha família é os meus filhos e a minha mulher né. Então como um sobrinho, como uma tia, mas a gente vivia diretamente com eles. Quando a gente não tem Deus no coração é difícil superar essa crise psicológica porque é uma situação muito assim sem explicação, não tem explicação. A minha tia tinha 84 anos, glória Deus, eu queria eu quero também viver 84 anos né, mas um jovem que tem 15 anos com uma frente bastante aproveitada e morrer na situação que ele morreu? Foi morrendo sabe aos poucos, assim muito sofrimento quinze dias no hospital morrendo aos poucos a leucemia parece que vai comendo aos poucos né e o que eu falo pras pessoas é que temos que ter Deus no coração. Que um luto de um cristão é diferente de um luto de quem não é cristão. O luto quando é cristã a gente vê a pessoa falecer, a gente sente saudade com tantos que tem, sente saudade sim, mas sabemos que ele está no lugar que todos nos al al almejamos né, almejamos chegar lá que é a vida eterna, mas quando se sabe que a pessoa morreu e não e não aceitou e não descobriu que era isso se fica triste no seu coração porque você não sabe se ela foi salva

ou não foi salva, fica essa dúvida no seu coração. Então, fiquei muito triste por causa disso porque às vezes deixamos de fazer alguma coisa que poderia ter salvo esse menino pra gente. Achei que falhei nesse ponto que tinha como alcance, então nós vamos aprendendo, a entender as pessoas aí morrem sem sabe porque a gente não fala da Palavra do Senhor. E isso depois daquele tempo isso me afetou muito eu comecei a falar da Palavra de Deus para aqueles que estão nos visitando porque eu vi que se eu tivesse falado pro meu sobrinho, que é meu parente ali dentro, poderia ter conseguido aquela alma pra Jesus. Mas o momento, a circunstância, ah eles não gosta então, por isso não importa a circunstância tem que investir naquilo. Então, nessa parte eu fiquei muito triste nesse ponto que achei que falhei nesse ponto poderia ter salvo, salvo não, porque quem salva é Jesus Cristo, mas poderia ter mostrado o caminho pro meu sobrinho e através dele seus pais hoje poderiam tá também nessa caminhada. E da minha tia só peço a Deus que, como ela já era velhinha e não entendia muita coisa ela vinha na igreja, mas coitada, ela só vinha por vir não entendia nada, pra que Deus tenha misericórdia da vida dela. E que o luto do cristão é diferente do luto de quem não é cristão, porque o Senhor nos conforta, o Senhor tem essa capacidade de, capacidade não, o Senhor tem toda capacidade, mas Ele nos dá a capacidade de a gente poder superar essas crises, esses momentos difíceis. Não perdi meu, graças a Deus eu não sei o que é perder um filho, mas eu peço a Deus que se isso porventura acontecer tem que tá preparado pra saber que a vontade é de Deus e não é nossa. Nada. Espero que possa ter ajudado nessa situação de luto. Às vezes as pessoas nos falam: você tem um coração meio meio frio sabe, não tem, falei não eu acho que o cristão ele não tem que ser, ele tem que ter a cabeça no lugar, sobre esse caso eu achei interessante nossa mas numa situação dessa e tá nessa, o seu coração não, nessa segurança né, mas quem dá segurança é Deus e não a gente sempre tem que ter alguém na família que possa estar com a cabeça firme que se não você se perde. Tanto é que o dia que eu fui atropelado pensaram que até eu tinha morrido ali na rua, mas não morri (risos) graças a Deus eu tô aqui. Eu me senti a gente tem que estar bem assim, como é bom agente ter pessoas do nosso lado, não é? A igreja assim me apoio, todos me apoiaram, o pastor C. até estava nesse momento do atropelamento, terminou o culto ali o carro veio e me atropelou, quer dizer se eu morresse ali eu morreria tranqüilo porque tô deixando a minha família na mão do Senhor, todos, eu e minha casa temo servindo ao Senhor, e eu tava servindo ao Senhor. Mas quando você não, as pessoas não servem ao Senhor, você fica com uma com um sentimento de impotência, impotente de poder pra minha filha não é assim. Levei a Palavra pra minha irmã, não adiantou nada, eles não, já passou um ano já dessa situação e ainda continua no coração petrificado, ainda duro por causa da morte dele, do filho, sabendo que eles tem

responsabilidade nisso porque o dinheiro não resolve nada o que resolve é abrir o seu coração pra Deus entrar e deixar Ele agir nas nossas vidas.

Relato 10

A. L. R.

Sexo: F

Idade: 76 anos

P: A minha pergunta pra senhora, dona A. como que a senhora viveu a sua experiência de luto?

S: É foi muito difícil né. Eu eu queria me conformar com isso, mas eu tinha pedido muito a Deus que Deus me dê conforto, me dê entendimento o porque de tudo que eu passei com a morte dele né, mas Deus tem me dado bastante conforto e tem outra também a gente já esperava pela morte dele, há muitos anos né tá doente ultimamente fazia dois anos que eu não podia sair de casa né porque ele tava ali numa cama, sem não falava, cê tinha que dar tudo na boca, não andava, cê tinha que dar banho, trocar fazia tudo na fralda né, então eu sempre dizia pra pastora que me atendia muito, pastora L., ela ia muito em casa né, eu sempre falava pra ela ah eu peço a Deus viu que não deixe ele nesse sofrimento que leve logo, já tava né esperando pela morte dele né. A gente já tava até que conformado, mas agora com o passar do tempo parece que tá difícil sabe, você você esquecer, você acorda de noite pensa naqueles últimos momentos dele e chega assim de manhã quando você pula da cama em veze de você fazer a sua oração como eu fazia de costume né, a primeira coisa que me vem na mente é ele sabe, vejo aquela imagem dele, esqueci assim da parte que ele tava enfermo né que eu cuidava dele, dava comida na boca tudo, não podia sair nos últimos dois anos de casa, nem a igreja não podia mais vim né, eu não deixava sozinho e eu sei que a gente fica numa situação viu, quer esquecer e vem toda a hora na mente da gente aquela imagem dele. Eu tenho assim na minha mente a imagem do momento que ele morreu, que ele fechou o olho, que ele tava com ele no quarto que ele olhou pra mim olhou pra minha filha né aí veio duas lágrimas assim que ele não falava mais e correu assim, ele tava com a boca meio aberta né e as lágrimas foram pra dentro da boca né, aí fechou o olho, essa imagem tá difícil viu de esquecer, tá ruim mesmo, mas o que tem pra se falar é isso aí né e esperar que Deus me dê conforto pra que eu possa esquecer tirar um pouco da minha memória né esse essa imagem que ficou né o resto a gente já esperava por isso. A imagem que eu tenho dele. É o que eu tenho pra te dizer. Era de dia e de noite era comida na boca se tinha que passar pelo liquidificador a comida, punha na boca já não engolia, não falava, não conhecia, tantos anos né de casamento, 57 anos que a gente era casado e ele não me conhecia, ah foi muito ruim né, tem horas que até dou graças a

Deus por Deus te recolhido ele né. E tem outra coisa cê falou né, se ele era metodista ou era evangélico, ele não tinha religião e eu já tinha religião estou aqui na igreja à quase 40 anos né, muitos anos, sempre tentei trazer para a igreja às vezes vinha e às vezes não né e assim foi. Eu sei que tive bastante assistência né da pastora L., todo o mês ela ia me levar comunhão né, e me dava bastante assim palavra de conforto e o pastor, o M. pastor M., ele foi muito pouco na minha casa né ele foi duas, três vezes foi muito. Assisti ele assistiu quando foi quando a gente tava velando ele sabe, orou pela família, deu bastante conforto também pra nós e infelizmente, agora de tantos filhos, seis filhos né, tou sozinha, todos casados né cada um com sua família e eu fiquei só fazer o que né. Ah tem tanta coisa né importante, todos esses anos de convivência né, ele sempre falava e tava bom né, que a maior alegria da vida dele foi os filhos que eu dei pra ele né. E ele sempre dizia que me amava muito né, me lembro muito das minhas bodas agora de 50 anos que a gente fez aqui na igreja né, foi um dos momentos assim muito alegre né pra vida da gente, muito bom. Muitas coisas assim, mas muita não lembro, mas muita coisa boa dele e muita coisa ruim também (risos) teve né, muita discussão, ultimamente ele tinha muito ciúme sabe, coisa que eu nunca admiti foi que eu nunca dei motivo né pra ciúmes né, eu sei que teve uma vez nossa, como eu chorei aquele dia viu, vim pra igreja vim com a dona O. e mais uma senhora do prédio que a gente mora né, e ele tava doente e male male podia naquele tempo ainda ele andava com a muleta lá andava de andador, ele foi até o telefone eu vim pra igreja, ele foi até o telefone ligou para um táxi, o táxi veio pegou ele lá em casa né, eu não suspeitei de nada aí eu sei (risos) veio aqui e ficou aqui na na esquininha né me esperando é cê acha que eu ia pensar que ele vinha atrás de mim do jeito que ele tava! Eu sei que terminou o culto tudo eu a O. e a outra senhora fomos embora pra casa e cheguei em casa tudo aberto, as portas, televisão no último sabe, na altura, mas cadê esse homem hein? Não tá aqui né. Aí desci foi procurar lá em baixo e nada desse homem aí peguei o telefone né e liguei pra minha filha "O teu pai apareceu por aí?" e ela falou "Não, o que foi que aconteceu? O pai não veio aqui não. Eu falei pra ela tá acontecendo assim assim e não sei pra onde que ele foi a casa aqui tá toda aberta e eu não sei pra onde ele foi, alarmou já todos os filhos com essa daí né. Ah pensei ai meu Deus me dê uma idéia de onde tá esse homem. Aí eu vim até o telefone outra vez e vi um papel do ponto de táxi né aí me deu na cabeça, acho que foi um aviso de Deus, que olhei assim e liguei para o número lá do ponto de táxi o homem tava aqui me atendeu aqui na esquina né, ele falou assim que faz meia hora, a senhora é dona Angelina eu sou, faz meia hora que eu to aqui com o seu marido te esperando. Falei meu pai do céu! Menina quando esse homem chegou em casa ele ficou doido, falou que eu não tinha vindo pra igreja, que eu fui por aí, aquela coisa tudo daquela ciumera toda né. Eu falei olha eu vou

chamar a O., a gente tava junto, eu não te vi você e ele também, pior que ele não me viu também (risos) aí pela rampa a baixo né eu sei que olha ele só faltou me bater esse dia viu, com a bengala na mão ele deu com tudo assim na no sofá no pau assim do sofá que até hoje tá a marca lá sabe tem até a marca lá do ciúme dele né, aí depois ele começou a falar lá uns palavrão né e eu queria chamar até a O. pra ir lá e explicar pra ele que a gente tava junto né, aí pensei bem falei não, ele do jeito que ele tá falando esses palavrão vai ofender ela, uma senhora já de uma certa idade não quero isso né, peguei e não fui chamar. Eu sei que olha custou viu para esse homem se convencer, depois de muito tempo a O. falava "nós estávamos sim juntas né fomos pra igreja" "Foram nada", vocês foram nada, ele falava "vocês foram por aí", ai cada uma parece duas í tantas coisas viu de bom coisas ruins assim, foi né, é mas acho que é só isso que tenho pra falar. Tava com 76, a minha idade, foi o ano passado né foi no dia 01 de dezembro do ano que passou. Mas eu tô pedindo muito a Deus não é que, não esquece de tudo, mas que tire um pouco da minha cabeça sabe, esse momento que ficou muito gravado, tá muito gravado na minha memória, a hora que ele fechou os olhos pra sempre e a gente tem saudade né (risos) por bondade por ruindade a gente tem bastante saudade. Obrigado você por me aturar.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ consinto, de minha livre e espontânea vontade, em participar da pesquisa Aconselhamento Pastoral Comunitário: uma práxis do aconselhamento pastoral em situações de luto.

O estudo se justifica como atendimento a projeto de pesquisa do Doutorado em Ciências da Religião pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP (Universidade Metodista de São Paulo) O objetivo geral da pesquisa é - Criar novo saber em torno da práxis do Aconselhamento Pastoral em situação de luto a partir da experiência vivida por atores sociais em comunidades religiosas da Igreja Metodista no Grande ABC e os específicos são (a) Construir um novo saber no campo Aconselhamento Pastoral em situações de luto na comunidade religiosa fazendo uma correlação entre o conceito teórico e a prática; (b) Compreender a relevância do aconselhamento pastoral oferecido por clérigos/as a seus paroquianos no contexto metodista em situações de luto; (c) Compreender a relevância do aconselhamento pastoral oferecido por leigos/as no contexto metodista em situações de luto; (d)Inventar Aconselhamento Pastoral comunitário para a práxis religiosa numa sociedade enormemente marcada por perdas e luto.

A sua participação na pesquisa, respondendo a entrevista, não acarretará nenhum desconforto ou riscos para sua saúde, nem represálias da instituição onde trabalha. Portanto, não estão previstos retornos para você em forma de benefícios. Como o estudo não inclui em seus procedimentos nenhum tipo de tratamento, não estão previstos acompanhamentos e assistência.

O pesquisador se coloca à sua disposição para maiores esclarecimentos sobre sua participação. Você tem total liberdade para se recusar a participar da pesquisa, bastando que não participe da entrevista. Asseguro a preservação dos aspectos pessoais do seu relato visto que os dados da pesquisa serão analisados coletivamente de forma a reunir todos os participantes. Como a sua participação na pesquisa não implica em custos, despesas, danos ou represálias para você, não estão previstas formas de ressarcimento nem de indenização

Eu, Blanches de Paula, RG M-4 629.898, CPF 789.043.406-59, pesquisadora responsável pelo estudo, me comprometo a zelar pelo cumprimento de todos os esclarecimentos prestados neste documento. Fone: (11)9629-3019.

Local _____ Data _____ / _____ / 2006

_____

Assinatura do participante da pesquisa ou responsável

Documento de Identificação: _____

ANEXO C – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA (CEP-UMESP)

Declaração de Responsabilidade do(a) Pesquisador(a)

Eu, Blanches de Paula pesquisador(a) responsável pela pesquisa denominada Aconselhamento Pastoral Comunitário: uma práxis do aconselhamento pastoral em situações de luto

declaro que:

- assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;

- os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) na pesquisa;

- os materiais e os dados obtidos ao final da pesquisa serão arquivados sob a responsabilidade do(a) Pós-Graduação em Ciências da Religião - Umesp (Instituição);

- os resultados da pesquisa serão tornados públicos em periódicos científicos e/ou em encontros, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa, não havendo qualquer acordo restritivo à divulgação;

- o CEP-UMESP será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa, por meio de relatório apresentado anualmente ou na ocasião da interrupção da pesquisa; assumo o compromisso de suspender a pesquisa imediatamente ao perceber algum risco ou dano, conseqüente à mesma, a qualquer um dos sujeitos participantes, que não tenha sido previsto no termo de consentimento.

São Bernardo do Campo, 13 de abril de 2006.

Blanches de Paula
CPF 789043406-59

ANEXO D – PARECER CONSUBISTANCIADO DO CEP-UMESP

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo